

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



B

4

c





# SERMÕES

DO

P. ANTONIO VIEIRA,  
DA COMPANHIA DE JESU,  
Prégador de Sua Alteza.

## SEGUNDA PARTE.

DEDICADA

No Panegyrico da Rainha Santa

AO SERENISSIMO NOME

DAPRINCEZAN. S.

# D. ISABEL.



*Christus regnat*

EM LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES;

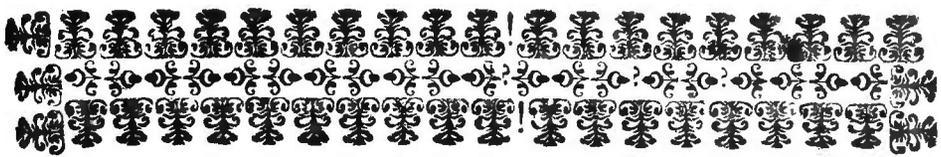
E à sua custa, & de Antonio Leyte Pereyra Mercador de Livros.

---

M. DC. LXXXII.

*Com todas as licenças, & Privilegio Real.*





*APPROVAC, AM DO M. R. P. M. Fr. JOAM de Deos, da Serafica Ordem de S. Francisco, Calificador do Santo Officio &c.*

**V**I este Livro, que contèm os Sermões do P. Antonio Vieira da Companhia de Jesu , de varios assumptos, prègados em varias partes, & geralmente applaudidos em todas. E entre as agudezas deste grãde Prégador não ha cousa contra nossa Santa Fè , ou bõs costumes. S. Frãcisco da Cidade 17. de Janeiro de 682.  
*Fr. João de Deos.*

*APPROVAC, AM DO M. R. P. M. Fr. THOME da Conceyçãõ , da Ordem do Carmo, Calificador do Santo Officio, &c.*

**V**I esta Segunda Parte dos Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, Prégador de S. Alteza. Em nenhum delles achey couisa algũa contra nossa Santa Fè, ou bons costumes ; & me parecem dignissimos da licença, que se pede, para que por meyo da estampa, se communique a todos a fecundidade de taõ fundo , & claro Engenho. Carmo de Lisboa em 3. de Fevereyro de 1682.

*Fr. Thomè da Conceiçãõ.*

*APPROVAC, AM DO M. R. P. M. Fr. JOAM da Madre de Deos. Provincial que foy da Provincia de Portugal da Serafica Ordem de S. Francisco. Prègador de S. Alteza. Examinador das Tres Ordens Militares. E hoje dignissimo Arcebispo da Bahia, &c.*

S E N H O R.

**M** Andame V. A. que veja a Segunda Parte dos Sermões do P. Antonio Vieira, da sagrada Religião da Companhia de Jesu, dignissimo Prègador de V. A. havendome já concedido a honra de o informar cõ o meu parecer, sobre a impressão do primeito Tomo. E he esta a primeira ventura, que segunda vez se repetio. As suas obras saõ em tudo tão iguaes que o mesmo juizo, que se fez de hũas, se deve fazer de todas. E se se lhe pòde notar differença, he a que se acha nas veas das Minas, q̃ quanto mais abertas, dão a prata mais acendrada, & o ouro mais puro. Eu os li cõ gosto igual á admiração, com que este maximo Prègador he venerado em todas as partes do mundo, por Oraculo de todos os Prègadores. Ordinariamente os Sermões lidos, saõ menos agradaveis; do que ouvidos; porq̃ lhe falta no papel, aquella alma, que o espirito dá ás palavras, & com que as vozes acompanhaõ as acçoens. Porèm neste papel estão tão animadas as palavras, & tão viva a eloquencia, que lhe dá tanta vida a penna, como lhe tinha dado a boca. A lingoagem terfa sem affectaçãõ, os conceitos sentéciosos sem artificio, a eloquencia fecunda sem demasia, tudo tão ajustado

ás leys de hum grande Orador, que em reduzilo a termos praticaveis, he este Orador tão singular, que Deos o fez o primeiro. E não sey, quando fará o segundo! Unir o eloquente com o sentencioso, he felicidade, de que só pòde presumir sem vaidade o P. Antonio Vieira; pois admirando a Fama repartidas, em Tullio a eloquencia, & em Seneca as sentenças, vemos nelle juntos o sentencioso de hum Seneca, & o eloquente de hum Tullio. Disse Philo Hebrèò que Abraham entre os Ethèos foy respeitado por seu Principe, porque não usava de palavras, que fossem vulgares, mas de razoens, que pareciaõ Divinas: *Honorabantur eum, quasi suum Principem, neque enim sermonibus utebatur vulgaribus, sed Divinitatem quandam prae se ferentibus.* Philo lib. de nobilit.

Nascendo bem a divida deste respeito ao Author destes Sermões; pois estylo, razoens, & conceytos, tudo he tão sobre ao que tem chegado o humano, que se deyxa conhecer nelles com singularidade huma influencia Divina. Salamão repetidas vezes avaliou as Letras em mayor preço que o Ouro: *Omne aurum in comparatione illius arena est exigua.* E assim se fora consultado sobre a impressãõ destes Sermoens, creyo, que havia de ser de parecer, que ao menos se deviaõ imprimir com Letras de Ouro. Eu digo o que elle havia de dizer. V. A. como Principe tão sabio, mandará o que for mais servido mandar. S. Francisco da Cidade 26. de Fevreyro de 682.

Fr. Joaõ da Madre de Deos.

# L I C E N C A S.

Da Religiaõ.

**E**U Antonio de Oliveyra da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brazil, por cõmissãõ especial que tenho de nosso Muyto Reverendo Padre Joã Paulo Oliva, Preposito Gèral, dou licença, para que se possa imprimir este Livro da Segunda Parte dos Sermoens do P. Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prègador de S. A. O qual foy revisto, examinado, & approvado por Religiosos doutos della, por Nòs deputados para isso. E em testemunho da verdade, dey esta subscrita com meu final, & sellada com o sello de meu Officio. Dada na Bahia aos 30. de Junho de 681.

*Antonio de Oliveyra.*

---

## Do Santo Officio.

**V**istas as informações, pode-se imprimir a Segunda Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieira, contheudos nesta petiçaõ. E depois de impresos, tornaraõ para se conferirem, & dar licença, que corraõ. E sem ella naõ correrãõ. Lisboa 4. de Fevereo-ro de 1682.

*Manoel Pimentel de Sousa. Fr. Valerio de S. Raymundo.*

## Do Ordinario.

**P**odem-le imprimir estes Sermões do Padre Antonio Vieira. E depois tornarão para se dar licença para correrem. E sem ella não correrão. Lisboa 7. de Fevereyro de 1682.

*Serraõ.*

---

## Do Paço.

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. E depois de impresso tornará á Mesa, para le tayxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 22. de Fevreiro de 682.

*Roxas. Lamprea. Rego. Noronha.*

**V**isto constar da folha atraz estar este Livro conforme com seu Original, pôde correr. Lisboa 24. Novembro 682.

*Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel.  
Feronymo Soares. Fr. Valerio de S. Raymundo.  
João da Costa Pimenta. Bento de Beja de Noronha.*

---

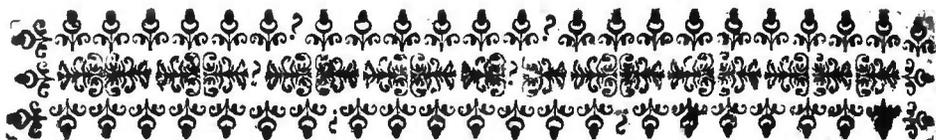
**P**ode correr. Lisboa 25. de Novembro 1682.

*Serraõ.*

---

**T**Ayxão este Livro em doze tostoens. Lisboa 24. de Novembro de 682.

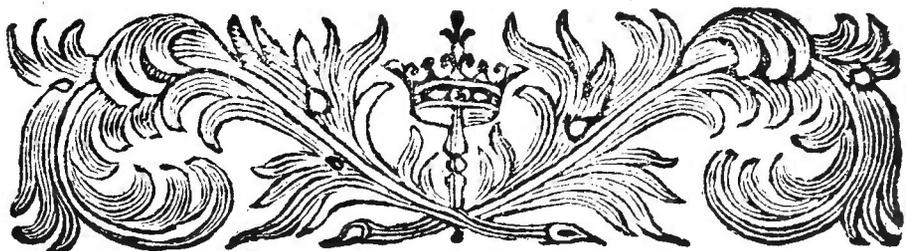
*Roxas. Basto. Rego. Lamprea. Noronha.*



# SERMOENS,

Que contêm esta Segunda Parte.

I.	<b>S</b> ermaõ da Rainha S. Isabel.	Pag. 1.
II.	<b>S</b> ermaõ de N. Senhora da Gloria.	27.
III.	Sermaõ da primeyra Dominga de Quaresma.	53.
IV.	Sermaõ da terceira Quarta feyra da Quaresma.	86.
V.	Sermaõ de Santo Antonio em Roma.	126.
VI.	Sermaõ de S. Roque.	147.
VII.	Sermaõ de S. Pedro Nolasco.	184.
VIII.	Sermaõ da sexta festa feyra de Quaresma.	215.
IX.	Sermaõ da quinta Dominga de Quaresma.	242.
X.	Sermaõ de N. Senhora da Graça.	273.
XI.	Sermaõ de Santo Antonio no Maranhão.	309.
XII.	Sermaõ de S. Bartholomeu.	346.
XIII.	Sermaõ do Mandato.	371.
XIV.	Sermaõ do enterro dos ossos dos enforcados.	402.
XV.	Sermaõ da primeyra Dominga do Advento.	428.



S E R M A M  
DA RAINHA SANTA  
I S A B E L,  
P R E G A D O

Em Roma na Igreja dos Portuguezes no anno  
de 1674.

*Simile est Regnum Caelorum homini negotiatori quærenti bonas margaritas : inventa autem una pretiosa , abijt , & vendidit omnia, quæ habuit , & emit eam. Matth. 13.*

§. I.

I



Huma Rainha duas vezes coroadada: coroadada na terra, & coroadada no

Ceo: coroadada com huma das coroas, que dá a fortuna, &

coroadada com aquella coroa, que he sobre todas as fortunas, se dedica a solemnidade deste dia. O Mundo a conhece com o nome de Isabel: a nossa Patria, que lhe não sabe outro nome, a venera com a antonomasia de Rainha Santa. Com este titulo, que excede todos os titulos, a cano-

A nizou

nizou em vida o pregação de suas obras: a este pregação se fe-guirão as vozes de seus vaf-fallos: a estas vozes a adora-ção, os altares, os applausos do Mundo, Rainha, & Santa. Este será o argumento, & estes os dous pòlos do meu discurso.

2 No texto do Evange-lho, que propuz, temos a pa-rabola de hum negociante, em quem concorrêrão todas aquellas tres qualidades, ou boas partes, que poucas vezes se concordão: cabedal, dili-gencia, & ventura. Cabedal: *Omnia quæ habuit*: diligencia: *Querenti bonas margaritas*: ventura: *Inventa una pretio-sa*. Rico, diligente, venturo-so. E que negociante he este? He todo aquelle, que com os bens da terra sabe negociar o Reyno do Ceo: *Simile est Regnum Cælorum homini ne-gotatori*.

3 Este Mundo, Senhores, composto de tanta variedade de Estados, officios, & exer-cicios publicos, & particula-res, politicos, & economi-cos, sagrados, & profanos: nem uma outra cousa he senam hũa praça, ou feyra universal, instituida, & franqueada por

Deos a todos os homens para negociarmos nella o Reyno do Ceo. Assi o ensinou Chris-to na parabola daquelle Rey, que repartio diferentes talen-tos, ou cabedaes a seus eria-dos, para que negociassem cõ elles até sua vinda: *Negotia- Luc. 19.13*  
*mini dum venio*. Para as ne-gociaçoens da terra a muytos falta o cabedal: outros tem cabedal, & faltalhe a diligen-cia: outros tẽ cabedal, & dili-gencia; mas faltalhe a ventura. Na negociação do Ceo não he assi. A todos dá Deos o ca-bedal, a todos offerece a vêtura, & a todos pede a diligência. O cabedal são os talentos da natureza, a ventura são os au-xilios da graça, a diligencia he a cooperação das obras. Quando o Rey disse: *Nego-tiamini dum venio*: os criados, a quem entregou a sua fazen-da, para que negociassem com ella, eraõ tres: todos tres ti-verão cabedal, dous tiverão diligencia; hum não teve vêtura. E porque não teve ven-tura este ultimo? Porque não teve diligencia: enterrou o talento. Bem o conhecia o Rey, pois fiou delle o menos. E que succedeo aos outros dous?

dous? O que tinha cinco talentos, negociou, & grangeou outros cinco. O que tinha dous talentos, negociou, & grangeou outros dous. Ambos tiverão igual ventura, porque fizeraõ igual diligencia: mas o que entrou com mayor cabedal, sahio tambem com mayor ganancia.

4. Ninguem entrou na praça deste mundo com mayor cabedal, que a nossa Rainha Santa: huma coroa, & outra coroa: a de Aragaõ, & a de Portugal. O mercante do Euãgelho tratava em perolas: Santa Isabel em coroas. Grande cabedal! De hũa grande Rainha de Lacedemonia disse Plinio no livro de Summa felicitate este Elogio: *Una fami-*  
*lib. de narum in omni ævo Lacedæ-*  
*summ. monia reperitur, quæ Regis fi-*  
*fel. lia, Regis uxor, Regis mater*  
 fuit. Isabel não só foy filha de Rey, mulher de Rey, & mãy de Rey: mas que filha? que mulher? que mãy? Filha de hum Rey, em quem estavaõ unidos os Braçoens de todos os Reys da Europa; Pedro Segundo de Aragaõ: mulher de hum Rey, que foy arbitro dos Reys em todos os plei-

tos, que tiverão em seu tempo as Coroas de Hespanha, Dionysio de Portugal. Mãy de hum Rey, Afonso Quarto, de quem descendem todos os Monarchas, & Príncipe da Christandade, não vivendo hoje nenhum, que o melhor sangue, que tem nas veas, não seja de Isabel. Grande fortuna de mulher, grande cabedal. Mas parece que não havia de ser mulher, porque o negociar he officio de homẽ: *Homini negotiatori.* O reparo he do Euãgelho, a soluçaõ ferá da Epistola.

5. *Mulierem fortem quis inveniet?* Quem achará no mundo hũa mulher forte, huma mulher varonil, huma mulher como homem? Tudo he fo quer dizer o texto: *Fortem, virilem, viraginem.* Quando eu li as bravezas desta proposta, & pergunta de Salamaõ, estava esperando, ou por huma Judith com a espada na mão direita, & a cabeça de Olofernes na esquerda: ou por huma Jacl com o cravo, & com o martello atravessando as fontes a Sifara: por huma Debora prantada na testa de hum exercito, capitaneando

Prov.

31.10

11.15

18.

66.

esquadroens, & vencendo batalhas. Mas não he isto o que responde Salamaõ : diz que a mulher forte, a mulher varonil, a mulher mais que mulher, era huma mulher negociante: *Agrum emit: syndonem vendidit: & vidit, quia bona est negotiatio ejus.* E como negociava esta mulher? Como o homem do Evangelho: com cabedal, com diligencia, com ventura: com cabedal: *Dedit pradam domesticis suis:* com diligencia: *Non extinguetur in nocte lucerna ejus:* com ventura; & ventura sobre todas: *Multe filiae congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.* Já temos hũa mulher negociante, como homem. Sò nos faltava para S. Isabel, que nos dissesse Salamaõ o nascimento, a patria, & o estado desta notavel mulher. Tambem isso disse. Disse, que era Rainha, & Hespanhola, & Aragoneza. Rainha: *Purpura, & byssus indumentum ejus:* porque naquelle tempo só às pessoas Reaes era licito vestir purpura. Hespanhola: *Procul, & de ultimis finibus pretium ejus:* porque na antiga cosmografia, & na frazi da

Escritura o fim da terra he Hespanha. Finalmente Aragoneza, & tal Aragoneza, que he mais: *Et spolijs non indigebit:* porque os Aragonezes entre todas as naçoens de Hespanha foraõ os primeyros que ennobrecerão, & enriquecerão com despojos a sua Coroa, conquistando novas terras, novos mares, & novas gentes. E Santa Isabel em particular foi nascida, & criada nos braços delRey Dom Jayme de Aragão, por sobrenome o Conquistador: o qual & seu filho ElRey Dom Pedro pay de Isabel, forão os que conquistárão, em Hespanha o Reyno da Valença, em Italia o Reyno de Sicilia, no Mediterraneo as Ilhas de Eviza, & Malhorca. E não parárão aqui os despojos. A estes se seguirão successivamente primeyro, os Reynos de Corsica, & Sardenha, depois o florentissimo, & bellicosissimo Reyno de Napoles, & ultimamente que? A mesma Jerusalem, onde Salamaõ escrevia, & onde estava vendo a mulher forte, de que fallava, entre despojos nascida, entre despojos criada, & de

de tam gloriosos despojos herdeyra: *Et spolijs non indigebit.*

6. Isto supposto, & supposto que eu não sey dizer senão o que me diz o Evangelho; o thema será o Sermão, & o assumpto delle, a melhor negociante do Reyno do Ceo: *Simile est Regnum Cælorum homini negotiatori.* Negociou Isabel de hum Reyno para outro Reyno, & de hũa Coroa para outra Coroa: não do Reyno, & Coroa de Aragaão para o Reyno, & Coroa de Portugal, se não do Reyno, & Coroa da terra para o Reyno, & Coroa do Ceo: que vem a fer em menos palavras: Rainha, & Santa. Estes dous nomes sómente havemos de complicar hũ com o outro; & veremos a nossa Rainha tam industria negociante no manejo destas duas coroas, que com a coroa de Rainha negociou fer mayor Santa, & com a coroa de Sãta negociou fer mayor Rainha. Mayor Rainha; porque Santa; & mayor Santa porque Rainha. A Rainha de todos os Santos nos alcançará a graça. *Ave Maria.*

## §. II.

*Simile est Regnum Cælorum homini negotiatori.* Rainha, & Santa: & porque Santa, mayor Rainha. Esta he a primeira parte do nosso discurso, & este foy o primeyro lanço da melhor negociante do Reyno do Ceo.

7. O mayor cabedal, que pôde dar o Mundo, he huma coroa. Mas ainda que as coroas são as que dão as Leys, não são mercadoria de ley. Ao menos eu não havia de assegurar esta mercadoria, de fogo, mar, & coffario; porque as mesmas Coroas muitas vezes, ellas são o roubo, ellas o incendio, ellas o naufragio. Para conquistar Reynos da terra, o melhor cabedal he huma Coroa: mas para negociar o Reyno do Ceo, he genero que quasi não tem valor. Ponde huma coroa na cabeça de Cyro, conquistará os Reynos de Balthasar: ponde hũa coroa na cabeça de Alexandre, conquistará os Reynos de Dario: ponde huma coroa, não na cabeça, senão no pensamento de Cesar, & opprimirá a liberdade da patria,

tria, & da mais florente República, fará o mais soberbo, & violento Imperio. Mas para negociar o Reyno do Ceo, nem a Balthasar, nem a Dario, nem a Alexandre, nem a Cesar, nem ao mesmo Cyro, a quem Deos chamava o seu Rey, & o seu unguido, *Christo* meo Cyro, valeraõ nada as coroas.

*Isai.*  
45.1.

8. Ora eu andey buscando no nosso Evangelho algũa coroa, & ainda que Christo nunca multiplicou tantas semelhanças, & tantos modos de adquirir o Reyno do Ceo em diversos Estados, & officios; o de Rey não se acha, alli. Achareis hum lavrador, hum mercante, hum pescador, hum Letrado; mas Rey não. E porque? Não são personagens os Reys, que pudessem entrar tambem em huma parabola, & authorisar muyto a scena com a pompa, & Magestade da purpura? Claro está que si. E assim o fez Christo muytas vezes. Mas vede o que dizem as parabolhas des Reys: *Regn, qui fecit nuptias filio suo: Intravit Rex, ut videret discumbentes: quis Rex stirus committere bellum*

*Matt.*  
22.2.  
*Matt.*  
22.11

*adversus alium Regem: abiit in regionem longinquam accipere sibi Regnum.* Reys que fazem bodas, que fazem banquetes, que fazem guerras, q mandão exercitos, que conquistão Reynos da terra, isso achareis no Evangelho; mas Reys, que se empreguem em adquirir o Reyno do Ceo, parece que não he occupaçam de personagens tão grandes. Ao menos Christo disse, que o Reyno do Ceo era dos pequenos: *Sinite parvulos ad me venire, talium est enim Regnum Cælorum.* Taes são o lavrador no campo, o mercador na praça, o pescador no mar, o Letrado na banca, & sobre o livro. Mas nas Cortes, nos palacios, nos thronos, & debaixo dos doccis, q achareis? Bodas, banquetes, festas, comedias: & por cobiça, ou ambição; exercitos, guerras, conquistas. Exaqui porque as coroas não são boa mercaderia, ao menos muyto arriscada para negociar o Reyno do Ceo. Reys, & bellicosos, Reys, & politicos, Reys, & deliciosos, quantos quizerdes: mas Reys, & Santos, muyto poucos. Vede-o nas Letras di-

*Luc.*  
14.31  
*Luc.*  
19.12

*Marc.*  
10.14

divinas, onde só se pôde ver com certeza. De tantos Reys quantos houve no Povo de Deos, só tres achareis Santos: David, Ezechias, Jozias. Ouve naquelle tempo grande quantidade de Santos, grande successão de Reys; mas Reys, & Santos, fãntidade, & coroa? tres.

9 E se he cousa tão difficulosa fer Rey, & São, muito mais difficuloso he fer Rainha, & Santa. No mesmo exemplo o temos. De todos os Reys de Israel, & Judá, tres Santos: de todas as Rainhas, nenhuma. Ainda nam está ponderado. O numero das Rainhas naquelle tempo era muito mayor sem comparação que o dos Reys, porque era permittida, & usada a poligamia: & assim como hoje he grandeza, & Magestade terê os Reys muitos criados, & muitos ministros, assim então era parte da mesma Magestade, & da mesma grandeza terem muitas Rainhas. Das Rainhas que teve David, além de outras muitas, sabemos o nome a sete: Jeroboam teve dezoito, & só Salamaõ setecentas: *Fueruntque ei uxores*

*quasi Regina septingentæ.* E 3. Reg. 11. 3. sendo tão innumeravel o numero de Rainhas; Santa nenhuma. Finalmente desde o principio do mundo até Christo, em que passaraõ quando menos quatro mil annos, em todos os Reynos, & todas as naçoens não achreis Rainha Santa mais que unicamente Esther.

10 E qual he a razão d'isto? Porque he mais difficuloso fer Rainha Santa, q̄ Rey Santo? Porque ainda que no Rey, & na Rainha he igual a fortuna, na mulher he mayor a vaidade. Os fumos da Coroa não sobem para o Ceo, decem para a cabeça. Ponde a mesma coroa na cabeça de David, & na cabeça de Michol: na de Michol tantas fumaradas, na de David nenhum fumo. E se me differdes que David era humilde, & Santo, tomemos outras parellhas. O mais vaõ Rey que houve no Mundo foy El Rey Assuero; mas a Rainha Vasthi muito mais fumosa q̄ Assuero. O mais soberbo Rey que houve em Israel, foy El Rey Acab; mas a Rainha Gesabel muito mais fumosa que Acab.

Lem.

Lembrayvos de Athalia, que foy a segunda Medea, ou a segunda Symiramis do Povo Hebreo. Era mãy, & avò (q̄ he mais) & por muyto vaã, & muyto fumosa não duvidou tirar a vida a todos os filhos de feu filho ElRey Ochostas. De nenhum homem se lê semelhante resolução. E buscando a causa os Padres, & Expositores, não achão outra, nem dão outra, senão o ser mulher: *Quia fœmina erat*: diz com todos Abulense. Mulher Athalia, mulher Gelabel, mulher Vasthi, mulher Michol, mulher Bersabê, mulher finalmente Eva. E em todas estas sempre pode mais a vaidade, que a virtude.

2000

## §. III.

II Perdoayme Rainha Santa este discurso; mas não mo perdoeis; porque todo elle foy ordenado a avaliar o preço, a encarecer a singularidade, & a sublimar a grandeza de vossas glorias. Menos Santa fora Isabel, se a sua santidade não assentara sobre mulher, & coroa. Destes dous metaes, hum tão fragil, outro

tam precioso, deste vidro, & deste ouro se formou, se fabricou a peanha que levantou a Estatua de Isabel até as Estrellas. Mas antes que mais nos empenhemos na ponderação desta verdade, acudamos às vozes do Evangelho, que parece estão brandando contra ella. O modo de negociar o Reyno do Ceo, & a fórma, ou contrato desta negociação, diz Christo, que ha de ser dando, deyxando, & renunciando o negociante tudo quanto tiver: *Dedit omnia sua, & emit eam*. Se Isabel renunciara a Coroa, & deyxara de ser Rainha, então differamos justamente, q̄ com a coroa da terra comprou, & negociou a coroa do Ceo; mas ella viveo Rainha, & morreo Rainha, & não renunciou a Coroa. Eu bem sey, q̄ renunciar hũa Coroa, assi como he a mayor cousa do Mundo, assim he tambem a mais difficultosa; mas não por isso impossivel. Exemplo temos no nosso seculo, posto que o não vissem os passados. Roma o vio, & Roma o vê. Humas mayores Coroas da Europa, renunciada com tanto valor,

valor, & deyxada com tanta gloria só por seguir a fé do Evangelho, & segurar debayxo das chaves de Pedro: aquelle Reyno, que só ellas pôdem abrir. Pois porque não deyxou Isabel este tudo, que verdadeiramente he o tudo do Mundo: *Omnia quæ habuit?* Porque não renunciou, & dimittio de si a coroa, para se côformar com o Evangelho?

12 Primeiramente digo, que si deyxou Isabel a coroa; mas deyxou-a sem a deyxar, dimittio-a sem a dimittir, & renunciou-a sem a renunciar. Era Isabel Rainha, mas que Rainha? Huma Rainha, que debayxo da purpura trazia perpetuamente o cilicio: hũa Rainha, que assentada à meza Real, jejuava quasi todo o anno a pão, & agua: huma Rainha, que quando se representavão as comedias, os farsaos, os festins, ella estava arrebatada no Ceo, orádo, & cõtêmplando: hũa Rainha, que por dentro da sua coroa lhe estavam atravessando a cabeça, & o coração os espinhos da Coroa de Christo: huma Rainha que adorada, & servida dos Grandes de seu Reyno, ella

servia de joelhos aos pobres, & lhes lavava os pês com suas mãos, & lhes curava, & beijava as chagas. Desta maneyra ufava Isabel da Coroa, ajuntando, & unindo na Pessoa da Rainha dous extremos tão distantes, & dous exercicios tão contrarios; & isto digo q̃ foy deyxar a coroa sem a deyxar. Tenho para prova hum texto de S. Paulo muyto vulgar, & sabido, mas de tão difficulosa intelligencia, que tẽdo-se empregado variamente nelle todos os Expositores sagrados, ainda se lhe deseja mais propria, & adequada exposição.

13 *Qui cum in forma Dei esset, exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.* Quer dizer: Sendo o Verbo Eterno por essencia, & igualdade ao Padre, Deos, quando tomou, & unio a si a natureza humana, despio-se, & despojouse de tudo quanto era, & quanto tinha. Ainda o diz com mayor energia o Apostolo: *Exinanivit semetipsum:* assim como hum vaso quando se emborca, & se esgota, lança de si quanto tem, & fica vazio, assim o fez, & ficou Deos

Philip.  
2. 7.

fazendo-se homem. Já estais vendo a difficuldade , não só os Theologos , mas todos. Deos, fazendo-se homem não perdeu nada do que tinha , não deyxou nada do que era. Era Deos , & ficou Deos : era infinito , & ficou infinito : era eterno , & immenso , & ficou eterno , & immenso : era impassivel , & immortal , & ficou impassivel , & immortal , & ficou immortal , & impassivel. Pois se Deos não deyxou , nem renunciou , nem dimittio de si nada do que era , nem do que tinha , como diz S. Paulo que se despojou , & se esgotou a si mesmo , & de si mesmo : *Exinanivit semetipsum ?* Assim o disse profundamente o Apostolo , & tambem diz o como isto podia ser , & como foy : *Formam servi accipiens , cum in forma Dei esset.* He verdade que Deos fazendo-se homem , não perdeu nada do que era , nem deyxou nada do que tinha ; porém tomou , & unio ao que era tudo o contrario do que era : tomou , & unio ao que tinha tudo o contrario do que tinha ; & tomar , & unir na mesma Pessoa extremos tão contrarios , & tão distantes , foy despojar-se de tu-

do o que era sem se despojar. Era Deos , & fez-se homem : era Eterno , & nasceu em tempo : era immenso , & determinou-se a lugar : era impassivel , & padecia : era immortal , & morreo : era supremo Senhor , & fez-se servo : & servir o Senhor , morrer o immortal , padecer o impassivel , limitar-se o immenso , & humanar-se o Divino , não só foy tomar o q̄ não era , senão deixar o q̄ era. Não deyxar , deixando , q̄ isso não podia ser ; mas deixar re-tendo , deyxar conservando , deyxar sem deyxar : *Exinanivit semetipsum formam servi accipiens , cum in forma Dei esset.* Isto he o que fez o Verbo : & isto he o que fez Isabel , conformando-se altissimamente com o Evangelho ao modo do mesmo Autor do Evangelho. Rainha com Magestade , & coroa : mas que coroa , que Magestade , que Rainha ? Coroa si , mas coroa sem a deyxar deixada ; porque deyxou toda a pompa , & esplendor do Múdo , com que se engrandecem as coroas. Magestade si , mas Magestade sem a renunciar renunciada : porque renunciou toda a ostenta-

tação, toda a altiveza, & toda a idolatria, com que se adorão as Magestades. Rainha si; mas Rainha não Rainha: porque tirada a soberania do titulo, nenhũa outra cousa se via em Isabel das que se admirão nas Rainhas, sendo por isso mesmo a mais admiravel de todas.

14 Desta maneyra deyxou a nossa Rainha a coroa, & o tudo que pedia o Evangelho: *Omnia quæ habuit*. Mas assim como a deyxou sem a deixar, porque a não deyxou deixando? Porque não abdicou a Magestade, porque não deyxou de ser Rainha, ou não accettando a coroa, quando se lhe offerreceo, ou renunciando depois de accettada? Respondendo, que esta foy a mayor industria de sua negociação: conservar o cabedal de Rainha para grangear ser mayor Santa. O mayor bem, ou o unico bem, que tem as supremas dignidades do Múdo, he serem hum degrao, sobre o qual se levãta mais a virtude: he serem hum cunho Real, cõ que sobe a mayor valor a santidade. Santo foy David, & Santo Abraham, & primeyro

Abraham que David. Comtudo S. Matheus referindo a genealogia de Christo, antepoem David a Abraham: *Filij David, filij Abraham*. Pois se Abraham tambem era Santo, & Santo da primeyra classe como David, & precedia na antiguidade, porque se lhe antepoem David? Dá a razão Santo Thomás angelicamente. Porque ainda q̃ Abraham era Santo, & tão Santo como David, David era Santo, & Rey juntamente, o que não concorria em Abraham. A santidade de Abraham, posto que grande, era santidade sem coroa: a santidade de David era santidade coroada; & santidade assentada sobre coroa, ainda em grao igual, he mayor santidade.

15 E porque? Porque na Magestade, na grandeza, no poder, na adoração, & em todas as outras circunstances, q̃ acompanhão as coroas, concorrem todos os contrarios, q̃ pôde ter a virtude, & a santidade: & a virtude conservada entre os seus contrarios, he dobrada virtude. Ouvi huma das mais notaveis sentenças de Santo Agostinho: *Audiat Aug.*

*omnia aetas, quod nunquã audivit.* Oução todas as idades, o q̃ nũca ouvirão, diz Agostinho. E que haõ de ouvir? Falla do parto virginal, & diz assi: *Virgo partu suo crevit, virginitatem, dum pareret, duplicavit.* Nestas ultimas palavras reparo. Diz Santo Agostinho, que Maria Santissima concebêdo, parindo, & ficando Virgem, não só cõservou, mas dobrou a virgindade: *Virginitatem, dum pareret, duplicavit.* Se fallára de qualquer outra virtude, não tinha difficuldade esta doutrina. Mas da virgindade, parece que não pôde ser, porque a virgindade consiste em indivisivel. He hũa inteireza perfeita, incorrupta, intemerata, que não pôde crescer, nem minguar, nem admitte mais, ou menos. Pois se esta virtude soberana, & angelica não admitte diminuição, nem augmento, se quando he, sempre he igual, & sempre a mesma, como diz S. Agostinho, que creceo, que se augmentou, & que se dobrou, & foy dobrada no parto da Virgem? Porque foy virtude, que se conservou inteira entre os seus contrarios.

A conceição, o parto, o ter filho, o ser Mãy, saõ os contrarios da virgindade: & conservar-se Maria Virgem sendo juntamente Mãy, foy ser dobradamente Virgẽ: *Virginitatem, dum pareret, duplicavit.* Taes forão as virtudes de Isabel. O mayor contrario, & o mayor inimigo da virtude he huma grande fortuna, & quanto mayor fortuna, tâto mayor inimigo. A humildade, o desprezo do Mundo, a moderação, a abstinencia, a pobreza voluntaria na outra gente, saõ simples virtudes; mas estas mesmas com hũa coroa na cabeça, com hum cetro na mão, debaixo de hum docel, & assentadas em hum trono, saõ dobradas virtudes, porque saõ virtudes jũtas com os seus contrarios. A humildade junta com a Magestade, he dobrada humildade: a moderação junta com o supremo poder, he dobrada moderação: o desprezo do Mundo junto com o mesmo Mũdo aos pès, he dobrado desprezo do Mũdo: a pobreza com a riqueza, a abstinencia com a abundancia, a mortificação com o regalo, a modestia com a lizon-

ja, he dobrada pobreza, he dobrada abstinencia, he dobrada mortificação, he dobrada modestia; porque he cada hũa dellas não hũa rosa entre os espinhos, mas hũa çarça verde entre as chamas. E porque a nossa negociante do Ceo sabia que debaixo do risco está a ganancia, por isso teve por mayor conveniencia não deixar, senão ajuntar a coroa cõ a virtude; não deixar, senão ajuntar a Magestade com a Santidade, para que sendo Rainha, & juntamente Santa, fosse tambem mayor Santa, porque Rainha.

16 E se quereis ver tudo isto com os olhos em hũa admiravel figura, ponde-os comigo, ou com S. Joaõ no Ceo. No capitulo doze do Apocalypse, diz S. Joaõ, que appareceo no Ceo hũ grande prodigio: *Signum magnum apparuit in Cælo*: & declarando logo qual fosse este prodigio, & sua grandeza, diz que era hũa mulher, que tinha os pès no primeyro Ceo, que he o Ceo da Lua: *Luna sub pedibus ejus*: o corpo no quarto Ceo, que he o Ceo do Sol: *Amicta Sole*: & a cabeça no

oitavo Ceo, que he o Ceo das Estrellas: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim*. Grande mulher, grande prodigio, & grande retrato de Isabel! Mulher, que vivêdo na terra, já seus merecimētos a tinhaõ canonizado, & collocado no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cælo*: mulher tão desprezadora das grandezas do Mũdo, que todas as cousas sublunares as pizou, & meteo debaixo dos pès: *Luna sub pedibus ejus*: mulher tão allumiada, & illustrada das luzes da graça, que aos olhos de Deos, & dos homens resplandecia como hum Sol: *Amicta Sole*: mulher tão adornada de todas as perfeçoens, & dotes sobrenaturaes, que todo o coro das virtudes, como outras tantas Estrellas, lhe teciaõ, & esmaltavão a coroa: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim*. Atèqui Isabel Santa. E sendo esta prodigiosa mulher tão grande, poderá fer mayor? Estando tão alta, poderá subir mais? Estando no Ceo, poderá fer mais celeste? Si: & como? Se ao celeste se ajuntar o Real, & ás supposiçoens de Santa as circunstan-

cias de Rainha. Assim foy, & assim o vio o mesmo Profeta.

17 *Et datae sunt mulieri alae duae Aquilae magnae, ut volaret:* & a cita muner, diz S. João, foraõ-lhe dadas duas azas da Aguia grande, para q̄ voasse com ellas. A Aguia he a Rainha das Aves: & mulher com azas de Aguia, he mulher cõ prerogativas Reaes, he mulher com circunstâncias de Rainha. Mas notay q̄ não só diz, que se deraõ á mulher duas azas de Aguia, senão duas azas de Aguia grande:

Apoc.  
12.14

*Datae sunt mulieri duae alae Aquilae magnae.* Agora pergunto: qual he neste Mundo a Aguia grande, & quaes são as duas azas desta Agui? A Aguia grande não ha duvida que he Hespanha, a mais dilatada Monarquia de todo o Universo: Aguia Real coroadada de tantas coroas. As duas azas desta Aguia também ha duvida que são o Reyno de Aragão de hũa parte, o Reyno de Portugal da outra. Não he divisaõ, ou distincção minha, senão de todos os Cosmografos, os quaes dividem a Hespanha em tres partes, ou tres Hespanhas: *His-*

*pania Betica, Hispania Tarracensis, Hispania Lusitania.* O corpo, & a cabeça desta grande Aguia he a Hespanha Betica, que comprehende as duas Castellias. Huma das azas he a Hespanha Tarracense, isto he, Aragão, que de Tarragona se disse Aragona: a outra aza he a Hespanha Lusitânica, isto he Portugal, que de Luso se disse Lusitânia. Ao ponto agora. Tendo o Ceo engrandecido tanto a Isabel, tendoa sublimado a hũ lugar tão alto de perfeição, tendo depositado nella tudo o precioso, & lustroso de seus thesouros, & graças; que fez Deus? *Datae sunt mulieri duae alae Aquilae magnae:* ajuntou, & acrescêtu a esta prodigiosa mulher as duas azas Reaes da grande Aguia de Hespanha, por nascimêto a de Aragão, & por casamento a de Portugal. E para que? *Ut volaret:* para que levantada sobre estas duas azas a santidade de Isabel, o grande della crescesse á mayor grandeza, o alto subisse à mayor altura, o luminoso á mayor luz, o celeste á mais celeste, & á mesma santidade a mais Santa. Santa  
Isa-

Isabel, porque Sãta, & mayor Santa, porque Rainha. Santa, porque Santa: por isso collocada no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cælo: & mayor Santa, porque Rainha: por isso depois de collocada no Ceo acrescentada com azas de Aguia, & com circumstancias Reaes: Data sunt mulieri due ala Aquila magne.*

18 E senão, voemos nõs tambem com as mesmas azas, & subamos do Ceo estrellado, onde a vio S. Joãõ, ao Ceo Empyrio, onde a vio David: *Psal. 44.10 Astitit Regina à dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate.* Vi, diz David, huma Rainha collocada á dextra de Deos, a qual estava vestida cõ duas galas diferentes: por dentro com huma roupa bordada de ouro: *In vestitu deaurato:* por fóra com outra roupa de cor varia: *circumamicta varietate.* Eis-aqui como está a nossa Rainha Santa no Ceo, vestida, & adornada com duas galas, hũa por baxo, & por dentro, que he o vestido de Rainha, que vestio primeiro, & por isso bordado de ouro: *In vestitu deaurato:* outra por cima, & por fóra, que

he o habito de S. Clara, que vestio depois, & por isso de cor varia ( pardo, & branco) *circumamicta varietate.* E qual destas duas galas a faz mais magestosa, & mais gloriosa no Ceo: a de dentro, ou a de fóra, a de brocado, ou a de burel, a de Rainha, ou a de Religiosa? Digo que ambas, mas porque hũa assentou sobre a outra. Porque o habito de Religiosa assentou sobre o de Rainha, porque o burel assentou sobre o brocado, porque o vestido de fóra assentou sobre o de dentro: dahí he que lhe vem toda a graça, & toda a fermosura. O mesmo David o disse: *Omnis gloria ejus ab intus in fimbrijs aureis circumamicta varietate:* a graça, & a fermosura do vestido de fóra, toda lhe vem do vestido de dentro. O habito de São Francisco, & de S. Clara he hũa das mais vistosas, & mais bizarras galas, que se trajaõ no Ceo. Mas esta mesma gala em Isabel assentada sobre vestiduras Reaes, he muito mais vistosa, muyto mais bizarra, & muito mais fermosa; porque toda a graça, & fermosura lhe vem das

*Psal.*  
44.14

guar-

guarniçoens , & bordaduras de ouro , que por bayxo da orla estão reluzindo : *Omnia gloria ejus ab intus , in fimbrijs aureis.*

19 E se perguntarmos mais curiosamente a David qual era o lavor dessas guarniçoens , & dessa bordadura da orla ; tambem o disse milagrosamente : *In fimbrijs aureis* : le o Hebreo : *In scutulatis.* A guarnição , & bordadura , que aparecia na orla do vestido Real por baixo do burel , de que a Rainha estava revestida , era hum lavor , & recamo de ouro , formado , & enlaçado de escudos : *In scutulatis.* E que escudos sam estes ? Saõ aquelles dous escudos , que vedes pintados ao lado de Isabel : o escudo das armas de Aragão , & o escudo das armas de Portugal. De maneira , que a bordadura da orla , que faz sair , & sobrefair a gala , com que Isabel se ostêta gloriosã á dextra de Deos , he composta admiravelmente , & tecida destes dous escudos , travados , & alternados hum com o outro , as barras entre as quinas , & as quinas entre as barras : *In scutulatis.* E nes-

tes escudos Reaes , cubertos , & sobrevestidos de burel afepero , & grossfreyro , diz David , que consilte todo o realce da gala , & toda a fermozura , & gloria da filha do Rey : *Omnia gloria ejus filiae Regis ab intus* : porque se Isabel he gloriosa , & exaltada no Ceo por Santa ; muyto mais exaltada he por Santa sobre Rainha : *Astitit Regina à dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate.*

#### §. IV.

20 Temos visto a Isabel mayor Santa , porque Rainha ; segue-se , que a vejamos agora mayor Rainha , porque Santa. Este foy o segundo lanço da melhor negociante do Reyno do Ceo : & nisso mesmo parecida ao negociante do Evangelho. A fortuna nunca iguala os desejos dos homens ; mas se houvesse hũa fortuna tão grande , que não só igualasse , mas venceffe , & excedesse os desejos ; - esta seria a mayor fortuna , que se pôde imaginar. Tal foy a fortuna do negociante do Evangelho. Elle desejava , & procurava perolas boas

boas: *Quarenti banas margaritas*: E quando só desejava perolas boas, & de preço, & estimação ordinaria, foy tal a sua fortuna, que achou huma perola tão preciosa, que excedia o valor de quãto buscava, & de quanto tinha. *Inventa una pretiosa margarita, dedit omnia sua, & comparavit eam.* Ainda foy mayor fortuna a de Ifabel. Ifabel não buscava coroas, antes as coroas a buscavaõ a ella: & porque buscada das coroas, ella buscou a fantidade, por isso essa mesma fantidade lhe acrefcetou a coroa, & a fez muito mayor Rainha. A dignidade de Rainha he tão alta, & tão soberana, que parece não admite mayoria. Mas Ifabel pelos privilegios de Sãta, foy Rainha mayor que Rainha, porque foy Rainha cõ mayor poder, Rainha com mayor jurisdicção, Rainha cõ mayor imperio.

21 Hũa das accuzaçoens, que se deraõ contra Christo, & a que venceu a causa, foy dizerem, que se fazia Rey, & que tomava a jurisdicção de

*Joan.* *19.12 Si hunc dimittis, non es*  
*amicus Cesaris; omnis enim*

*qui se Regem facit, contradicit Cesari.* Todos os Padres, & Expositores sagrados impugnaõ esta calumnia, & a provaõ com cinco mil testemunhas contestes. Estes foraõ aquelles cinco mil homens, que depois de Christo lhes matar a fome no milagroso banquete do Deserto, o reconhecerã pelo verdadeiro Messias, & o quizerã acclamar por Rey, quando o Senhor, para mostrar que não era Rey dos que fazem, ou pòdem fazer os homens, os deixou, & se retirou para o monte. Grande prova de Christo se não fazer Rey, como era accuzado. Mas São

*D. Leã*

Leã Papa, com mais alto pefamento, presentase entre os mesmos accuzadores diante de Pilatos, & argumenta assim por parte delles: *Ne in totum videatur inanis Judaeorum obiectio, discute diligenter Praeses.* Examine Pilatos diligentemente a causa, & achará, q̃ não he totalmente falsa a accuzação. Em dizerem os Judeos que Christo se fez Rey, fallaõ verdade: em dizerem que se fez Rey como Cesar, aqui he que mentiraõ. Ha-

viaõ de dizer, que se fez Rey mayor que Cesar, & mayor que todos os Reys. E porque? Ouvi a razão do eloquentissimo Pontifice, que he divina: *Cæcis visum, surdis auditum, claudis gressum, mutis donavit eloquium: Febres abegit, dolores resoluit, mortuus suscitavit: magnum prorsus Regē ista demonstrant.* Este homem accusado de se fazer Rey, deu olhos a cegos, ouvidos a surdos, pès a mancos, falla a mudos: farou febres, resolveo dores, resuscitou mortos; & em todas estas cousas, ainda que não provou que era Rey como Cesar, & como os outros Reys, q̄ não tem tal poder, mostrou poderem, & demonstrou, que era mayor Rey que todos elles.

22 O mesmo digo de Isabel. Entrava Isabel nos hospitaes, que ella, & seus antecessores tinham edificado, cõcorriaõ a Isabel os enfermos de todas as enfermidades: E que succedia? Hia Isabel fazendo o sinal da Cruz sobre elles, os cegos viaõ, os mudos fallavão, os surdos ouviaõ, os mancos, & aleijados saltavão, os mortos, os que estavão pa-

ra morrer, resuscitavão: *Magnum prorsus Reginam ista demonstrant.* Dizey ás outras Rainhas, & aos outros Reys, que fação isto com todo seu poder. Fazer mancos, fazer aleijados, fazer cegos, fazer estropeados, isso fazem os Reys, & isso põdem. E senão ide a essas campanhas, a estes exercitos, & a essas Cortes: huns em moletas, outros arrastando, huns sem pernas, outros sem braços, huns sem olhos, outros, sem orelhas, outros pedindo esmola com os dedos, porque não tem lingua, outros sem casco na cabeça meyo attontados, outros sem queyxadas no rosto, horriveis, & disformes. Homens miseraveis, homens que não fois homens, senão parte de homens, quem vos poz nesse estado? Padre, o serviço del Rey. Fomos á guerra, & della escapámos desta maneira. Isto he o que põdem fazer os Reys, & tanto mais, quanto mais poderosos. Não assim Isabel: Era Rainha, que restituia braços, & pès, & olhos, & ouvidos. Ver a Magestade, & pompa, com que se diz dos Reys, que são senhores

Mat.  
10.28

nhores da vida? Senhores da vida? Leão á margem destes titulos a glossa de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus.* São senhores da vida, para a tirar, para a dar não. Se sois delinquente, podem-vos matar por justiça: se sois innocente, podem vos matar por tyrannia: se tendes pouco juizo, & pouco coração, podem-vos matar com huma carranca, ou com hum voltar de olhos; mas dar vida, ou faude, não he da jurisdicção dos Reys. Assim o confessou hũ Rey mais verdadeyro que

Psal.

145.3

*Nolite confidere in Principibus, in quibus non est salus.* Isabel si, que era senhora da faude, & da vida: & por isso mayor Rainha que todas as Rainhas: *Magnam prorsus Reginam ista demonstrant.*

S. V.

23 Outra demonstração em mayores corpos. Chega S. Isabel a Santarem, para atravessar o Tejo: Estava prevenida huma galè Real para a pessoa, gondolas, & bargantins toldados para a Corte: mas em aparecendo Isabel na

praya, abre-se o Rio de repente, levanta-se dous muros de christal de hũa, & outra parte: os peyxes como ás janelas, em cardumes, & atonitos pasmando da maravilha: & Isabel caminhado sobre o feu bordão por aquella rua nova, juncada de limos verdes, mas sobre areas de ouro. Não he affectação miha, que já o disse o Espirito Santo em caso semelhante: *Campus germinans de profundo nivio.* Psal. 19.7 femos agora de Portugal a Palestina, & do Tejo ao Jordão. Pára o Rio Jordão á vista da Arca do Testamento (cabeça tambem coroada: *Faciesque supra coronam aureum per circuitum*) pinta o caso David, & exclama: *Quid est tibi mare quod fugisti, & in Jordanis quia conversus es retrorsum?* Rio, que pãras, mar, que foges, que he o que viste? Bizarra, & elegante profopopeya de David, mas em pequeno theatro, mayor he o nosso. Que Rio, & que mar eraõ aquelles, com quem fallava David: O mar era o Mar morto, chamado por outro nome, Vallis Salivarum, porq̃ era huma saliva do Oceano-

Psal.  
113.5

Cuspio o Oceano, & fez aquella mar. O Rio era o Jordão; composto de dous regatos, hum o *Jor*, outro o *Dan*, que para terem cabedal com que ir morrer no mar morto, se ajuntarão, & fizeraõ cõpanhia hum com outro. Esta era a grandeza do Rio, a quẽ aquelle pequeno lago engolia de hum bocado, como diz o Profeta: *Et fiduciam habet quod influat Jordanus in os ejus.*

24 Comparayme agora rio com rio, & mar com mar. Assim como a Arca do Testamento passou por aquella parte, onde as aguas do Jordão se misturão com as do mar morto, assi passou Isabel por aquella parte, onde as aguas do Tejo se confundem com as do Oceano. O Oceano he aquelle Pêgo vastissimo, & immenso, que elle só he todo o Elemento da agua: & estendendo infinitos braços, está recebendo como nas pontas dos dedos o tributo de todos os rios do Universo. Este foy o mar, que se retirou, & fez pê atrás á vista de Isabel: & o rio qual era? Aquelle soberbissimo Tejo, primeyro domador do mesmo Oceano, a

quem pagarão parias em pedrolas o Indo, & o Ganges, não coroados de juncos, & espadanas, como o Padre Tibre, mas com grinaldas de rubis, & capellas de diamantes. Este soberbo mar, este soberbo rio, são os que fizeraõ praça a Isabel, & lhe descubrião nova terra, para que a pizasse. David, respondendo á sua pergunta, disse: *A facie Domini mota est terra à facie Dei Jacob.* E aqui está o mayor excesso da maravilha. Lá o Jordão parado, cá o Tejo parado, lá a Arca coroadada, cá Isabel coroadada: lá a Arca caminhãdo a pê enxuto: cá Isabel a pê enxuto: mas lá porque o rio vio a face de Deos, cá porque vio a face de Isabel: lá porque vio a face do Senhor de Israel, cá porque vio a face da Rainha de Portugal: *A facie Domini, à facie Dei Jacob.* Que Deos visto refree a corrente dos rios, isso he ser Deos: mas que á presença de Isabel lhe fação os rios a mesma reverencia: vede se he ser Rainha mais q̃ Rainha? E senão perguntay ao mesmo Tejo, quantas vezes passaraõ por elle as outras Rainhas, quaes eraõ as suas

*Psal.*  
113 7.

cortezias. Passavaõ as Thezas, passavaõ as Dulces, passavaõ as Mafaldas, passavaõ as Urracas, as Leonoras, as Luizas, as Catharinas, & o Tejo que fazia? Corria como dantes. Porẽm a Isabel ( fallemos em frasi de Roma ) a Isabel firmavase o Tejo, às outras não se firmava: porque as outras eraõ Rainhas, Isabel era Rainha, & Santa, & por isso mayor Rainha.

## §. VI.

25 Eu já quizera acabar, mas estãme chamando a nova Primavera, que vemos, a que repare naquellas rofas. Levava Isabel na aba do vestido grande copia de moedas de ouro, & prata, para repartir aos Pobres, & era Inverno. Perguntoulhe ElRey, que levava: & respondeo, que rofas. Rofas neste tempo, como pôde fer? diz ElRey. Abrio a Santa; & eraõ rofas. Ha Rainha, ha Rey no Mundo, que tenha taes poderes? Gastar muito dinheiro, & grandes thesouros em flores, em jardins, & ainda em sombras, que he menos, isto pòdem fazer,

& fazem os Reys: mas fazer de hum dobraõ huma rofa, converter huma sustancia em outra, ainda que seja hum graõ de ouro em hum graõ de area; nem todos os Reys do mundo juntos o podem fazer, he outra jurisdicção mais alta. Manda Deos a Moyfés sobre o Egypto, & o titulo, que lhe deu, foy de Deos de Faraó: *Constitui te Deum Pharaonis*. Parece demasiado titulo, & não necessario. Faraó era Rey de Egypto, seja Moyfés Rey de Faraó, & basta. Pois porque lhe não dà Deos titulo de Rey, senão de Deos? Porque era razaõ, que o titulo se conformasse com os poderes. Moyfés havia de converter a vara em serpẽte, o Nilo em sangue, a agua em rans, o pó em mosquitos: & converter humas sustancias em outras, he poder, & jurisdicção mais alta q̃ a dos Reys. Chamase logo Moyfés, não Rey de Faraó, senão Deos. Esta foy a discrição do Demonio no formulario das suas tentaçõens. Quando disse a Christo, que convertesse as pedras em paõ, accrescentou: *Si Filius Dei es*: quando lhe Matt. offe- 4. 3.

offereceo todos os Reynos do Mundo, não fallou em ser Filho de Deos. Pois se lhe chama Filho de Deos, quando lhe diz, que converta as pedras em pão; porque lhe não chama também Filho de Deos, quando lhe offerece os Reynos de todo o Mundo? Porque o dominio de hũ Reyno, & de muytos Reynos, & de todos os Reynos cabe na jurisdicção de hũ homem Rey; mas converter hũa sustancia em outra, he poder mais que humano, he poder mais que Real, he poder divino. Taes foraõ neste caso os poderes daquella Rainha sobre todos os Reys, & Rainhas do Mundo. Mas ainda não está ponderado o fino da maravilha.

26 Não esteve a maravilha em converter as moedas em rofas, senão em que? Em dizer, faõ rofas, & ferem rofas. Serem rofas, só porque Isabel lhe chamou rofas, he maravilha só da boca de Deos.

Ro- Ponderação admiravel de São  
man. 4 Paulo: *Qui vocat ea, quæ non  
17. sunt, tanquam ea quæ sunt.*  
Deos chama com tanta verdade as coufas, que não faõ, como aquellas, que faõ. E esta

he a mayor gloria do seu poder, & o mayor poder da sua palavra; porque basta q̄ elle mude os nomes ás coufas, para que ellas mudem a natureza, & o que era, deyxede ser, & o que não era, seja. Mas quantas vezes fez Deos esta maravilha? Hũa só vez, & no mayor milagre dos seus milagres, & na mayor obra de sua Omnipotencia. Na instituição do Divinissimo Sacramento quiz Christo, que o pão se convertesse, & transustanciasse em seu Corpo, & q̄ fez para isso? Disse, que o pão, q̄ tinha nas mãos, era seu Corpo: *Hoc est Corpus meum: &* Luc. bastou, que chamasse seu Cor- 22. 19 po ao pão, para que o que era pão, deixasse de ser pão, & o que não era seu Corpo, fosse seu Corpo. Na criação do Mundo não fez Deos semelhante maravilha: mandou, q̄ se fizessem as coufas, & fize- Psal. raõ-se: *Ipsè dixit, & facta sunt:* 32. 9. porèm no Divinissimo Sacramento, para o qual tinha reservado os mayores poderes do seu poder, fez que fosse seu Corpo o que era pão, só com lhe chamar seu Corpo: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquæ*

*ea quæ sunt.* O mesmo fez Isabel. Não levantou as mãos, não orou, não pediu, não mandou: só disse, que eraõ rofas as moedas, & foraõ rofas. O chamar foy produzir, & o dizer que eraõ, foy fazer q̄ fossem, o que não eraõ: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquam ea quæ sunt.* Em Christo foy poder ordinario, em Isabel poder delegado; mas infinitamente maior que todos os poderes Reaes.

27 Os Reys tambem arremedaõ, ou querem arremedar a Deos na soberania deste poder. Cubrivos Marquez, assentaivos Duque. Sò com o Rey vos chamar Marquez, fois Marquez só cõ vos chamar Duque, fois Duque: mas tudo isso que vem a fer? Hum nome: no demais fois o mesmo que dantes ereis. Põdem os Reys dar nomes, si, mas dar fer, ou tirar fer, ou mudar fer, não chega lá a sua jurisdicção, por mais poderosos que sejaõ. Depois que Deos criou o Mundo, & o povoou, & fez a Adam Rey, & Senhor de todo elle, mandou que todos os animaes viessem á presença do mesmo Adão, para que

elle lhe puzesse os nomes: *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea.* E por. <sup>Genes.</sup> 2. 19. que não poz Deos os nomes aos animaes, & quiz que lhos puzesse Adão? Judiciosamente S. Basilio de Seleucia: *Par-* <sup>Basil. Sel.</sup> *tiamur hujus fœtrici solertiæ gratiam: me cognoscant artificem naturæ lege; te Dominum intelligunt appellatione nominis.* Quiz Deos que Adam puzesse os nomes aos animaes, para partir com elle o imperio, & mostrar a differença que havia de hum a outro. Eu Deos, & tu Rey do Universo: Eu Deos; porque dey o fer aos animaes: tu Rey, porque lhe puzeste os nomes. De maneyra, que o mais a que pôde chegar hum Rey, ainda que seja Rey de todo o Mundo, he pòr nomes, & dar nomes: he fazer, que vos chameis dali por diante o que elle vos chamou: *Omne quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* Põrèm fazer com esse nome, que o que não era, seja, & que esse mesmo chamar seja dar fer; he jurisdicção incõparavelmente mais soberana: por natureza só de Deos, por delegaçãõ só de Isabel.

Ifabel. Em quanto Rainha, podia dar nomes, mas nomes que não eraõ mais q̃ nomes: em quanto Santa, deo nomes que davaõ fer, & mudavaõ fer, & por isso mayor Rainha que todas as Rainhas.

28 Por fim dos poderes de Ifabel, quero acabar com aquelle poder, que tudo acaba, & que põde mais que os q̃ tudo põdem, a morte. A morte põde mais que todas as Rainhas, & todos os Reys; mas tambem este poder todo poderoso foy fogeito à nossa Rainha. A morte matou a Ifabel, mas Ifabel pode mais, porque matou a morte. E como a matou? Não podendo a morte desfazer o corpo, em que vivia aquella Alma, o qual ha trezentos annos se cõserva incorrupto. Ameaçava Christo pelo Profeta Oseas a morte, & dizialhe assim: *Ero mors tua, ò mors*: Deixate estar morte, que eu te matarey, eu ferey a tua morte. Esta era a profecia: mas o successo parece que foy o contrario, porq̃ a morte matou a Christo. Pois se Christo morreo, & a morte o matou, como diz o mesmo Christo, que havia

Osee  
13.14

de fer morte da morte? Assim foy em dous sentidos. Foy morte da morte em nós, porq̃ matou a morte da Alma, que he o peccado: & foy morte da morte em sy, porque matou a morte do corpo, não podendo a morte corromper, nem des fazer o corpo morto de Christo. *Quoniam non dabis sanctum tuum videre corruptionem.* Quando a morte mata, & fica viva depois de matar o homem, desfazlhe o corpo: porèm quando a morte morre matando, quando a morte mata, & fica morta, não põde desfazer o corpo do mesmo, a quem matou; & assi não pode desfazer o de Christo, mais poderoso que ella. *Tam potentem adversarium nostrum, dum occideres, occidisti*: disse S. Hieronymo com elegancia de palavras, q̃ não cabe nas nossas. E isto que se vio no Corpo de Christo em tres dias, he o mesmo que está vendo o mundo no corpo de Ifabel ha trezentos annos. Mas donde lhe veyo a Ifabel a soberania deste privilegio? Não da coroa, senaõ da santidade: não por Rainha, mas por Santa: *Non da-*

Psal.  
15.14

Hiero.  
nym.

bis

*bis sanctum tuum videre corruptionem.*

## §. VII.

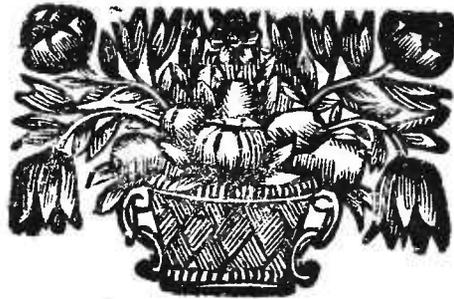
29 Esta Imagem, Senhores, de Isabel morta, mas com dotes de immortalidade, he a que eu hoje desejo levemos todos retratados na alma. E para que fique nella mais altamente impressa; ponhamos á vista deste retrato o retrato de outra Isabel tambem de Portugal, tambem coroada, & tambem morta. Quando S. Fráncisco de Borja abriu a arca, em que hia a depositar o corpo da nossa Imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos Quinto, vendo a corrupção daquelle cadaver, & daquelle rosto, que pouco antes era hum milagre da natureza, ficou tão penetrado, & tão atonito daquelle vista, q̄ ella bastou para o fazer Santo. Se hum só destes retratos obrou taes effeytos em hum juizo racional, & Christão, que farão ambos os retratos juntos, & hum defronte do outro? Acolà Isabel, aqui Isabel: acolà hũa coroa, aqui outra coroa: acalà hum corpo morto,

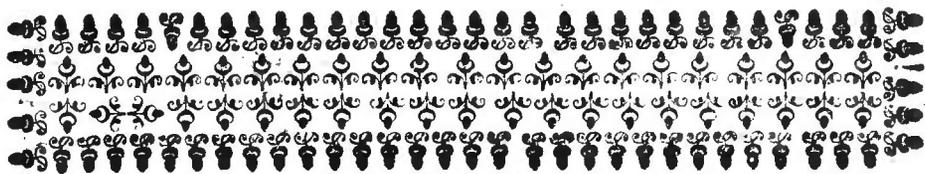
& todo corrupção, aqui outro corpo morto, mas incorruptivel, & como immortal. Oh que mudança! Oh que differença! Oh que defengano! Assim se morre, Senhores, & assim se pòde morrer.

30 Com razaõ escreveo Roma sobre aquella imagem, & retrato de Isabel: *Et nunc Reges intelligite, erudimini qui judicatu terram.* Ategora parece que tinhaõ algũa desculpa os Monarcas da terra, em não entêder a differença, que ha do aparente ao verdadeyro, do Real, ou Imperial ao Santo, de hũa coroa a outra coroa, & de reynar a reynar. Porêem agora, & *nunc: P(sal). 2. 19.* à vista de hum prodigio, & testemunho do Ceo tão manifesto, & tão constante, à vista do reípeyto que guardou a morte, ou do poder que não teve sobre os despojos mortaes, & já mortos, de Isabel: & muyto mais se a esta vista ajuntamos o paralelo tão notavel de huma, & outra Magestade, ambas do mesmo nome, ambas do mesmo sangue, & ambas da mesma dignidade soberana, & suprema; que Rey haverà, que não

acabe de entender , o que tão mal se entende , que Principe que não queira aprender , o q̄ tão pouco se estuda ? *Intelligite , & erudimini.* Não digo ( pois nem Deos o manda ) q̄ as cabeças , ou testas coroadas fação o que fez Carlos convencido de hũa só parte deste exemplo , nem que renunciê , & se despojem , como elle se despojou , das coroas : o que só digo , & diz Deos a todos os Reys , he que aprendaõ a não as perder , & se perder , mas a negociar com ellas : & que com o exemplo canonizado de Isabel Rainha , & Santa , entendão , que tambem pòdem ser Santos , sem deixar de ser Reys , & que entaõ ferão mayores Reys , quando

forem Santos. Não consiste a negociação do reynar em acrecêtar o circulo ás coroas da terra , que mayores , ou menores , todas acabão ; mas em grangear , & assegurar , & amplificar com ellas a que ha de durar para sempre. Assim negociou com as suas duas coroas a nossa negociante do Reyno do Ceo , agora mayor , mais poderosa , & mais verdadeira Rainha : Assim está reynando , & reynará para sempre : assim goza , & gozará sem fim os lucros incomparaveis da sua prudente , & venturosa negociação : na terra , em quanto durar o Mundo , fobre os Altares , & no Ceo , por toda a Eternidade em sublime trono de Gloria.





# S E R M A M

DA GLORIA DE

# M A R I A

# M ã Y D E D E O S,

Em dia da sua gloriosa Assumpção,

*P R E G A D O*

Na Igreja de Nossa Senhora da Gloria, em Lisboa  
no anno de 1644.

*Maria optimam partem elegit. Luc. 10.*

§. I.

31



EM se con-  
cordaõ ne-  
ste dia, &  
neste lugar  
o titulo da  
Casa com o  
da Festa, & o da Festa com o  
da Casa; a Casa da Senhora

da Gloria, & a Festa da Glo-  
ria da Senhora. O Evangelho,  
que deve ser o fundamento  
de tudo o que se ha de dizer,  
tambem eu o quizera con-  
cordar com esta Gloria; mas  
o que d'elle, & della se tem  
dito atègora, não concorda  
com o meu desejo, nem com  
o meu pensamento. O Evan-

D ij gelho

gelho diz, que escolheu Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*: E os Santos, & Theologos, q̃ mais se alargáão, applicando esta escolha, & esta parte à Gloria da Senhora, só dizem, q̃ verdadeiramente foy a melhor, porque a Gloria, a que a Senhora hoje subio, & está gozando no Ceo, he melhor, & mayor Gloria que a de todos os Bemaventurados. Os Bemaventurados da Gloria, ou são homens, ou Anjos, & não só em cada hũa destas comparaçoens, senão em ambas, dizem que he mayor a Gloria de Maria que a de todos os homens, & a de todos os Anjos, & não divididos, mas juntos. Grande Gloria! grande, incomparavel, immensa! O Sol não só excede na luz a cada huma das Estrellas, & a cada hum dos Planetas, senão a todas, & a todos incomparavelmente. Por isso a Senhora neste dia se chama escolhida como o Sol: *Quae est ista quae ascendit, electa ut Sol*. O mar não só excede na grandeza a cada huma das fontes, & a cada hum dos rios, senão a todas, & a todos immensa-

mente: por isso a Senhora se chama Maria, que quer dizer mar, & só por este nome (que não tem outra couza no Evangelho) se lhe applicão as palavras delle: *Maria optimam partem elegit*. Isto he, como dizia, tudo o que dizem os Santos, & Theologos; mas nem o Evangelho assi entendido, nem a Gloria da Senhora assi declarada, nem a comparação della assi deduzida, concordão com o meu pensamento. O Evangelho dizendo: *Optimam partem*: parece, que quer dizer muyto mais: a Gloria de Maria, sendo de Maria Mãe de Deos, parece, que he muyto mayor: & a comparação com os outros Bemaventurados sómête, parece muito estreita, & quasi indigna. O meu pensamêto he (Deos me ajude nelle) que a comparação de Gloria a Gloria, não se deve fazer só entre a Gloria de Maria com a Gloria de todas as outras criaturas humanas, & Angelicas, senão cõ a Gloria do mesmo Criador dellas, a quem Maria criou. O texto, & a palavra *optimam*, a tudo se estende, porque sendo

super-

superlativa, poem as cousas no summo lugar, do qual se não exclue Deos, antes se inclue essencialmente. Neste tão remontado sentido pretendo provar, & mostrar hoje, que comparada a Gloria de Maria cõ a Gloria do mesmo Deos, & fazendo da Gloria de Deos, & da Gloria de Maria duas partes, a melhor parte he a de Maria: *Maria optimam partem elegit*. Atè não me ouirdes, não me condeneis. E espero, que me não haveis de condenar, se a mesma Senhora da Gloria me assistir com sua graça: *Ave Maria*.

## §. II.

32 *Maria optimam partem elegit*: Suspenso considero todos, os que me ouvem, na expectação do assumpto, que propuz: os curiosos com indifferença os devotos com alvoroço, os criticos com a cẽsura já prevenida, & todos cõ razão. He certo, & de Fè, que por grande, & grandissima q̃ seja a Gloria de Maria Senhora nossa, a Gloria de Deos he infinitamente mayor, assi co-

mo elle ( que só se comprehende ) he por natureza infinito. Pois se a Gloria de Maria, como Gloria de pura creatura, posto q̃ creatura a mais excellente de todas, he Gloria finita, & infinitamente menor que a Gloria de Deos, como me atrevo eu a afirmar, & como se pôde entender, q̃ ainda em comparação da Gloria do mesmo Deos, se verifiquem as palavras do Evangelho na Gloria de Maria, & que gose Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*?

33 Para intelligencia desta verdade, nas mesmas palavras do Evangelho temos outra duvida não menos difficultosa, que se deve averiguar primeiro. Esta, que o texto chama a melhor parte, diz o mesmo texto, que Maria a escolheu: *Maria optimam partem elegit*: E tambem esta escolha não tem lugar, nem se pôde verificar na Gloria da Senhora. A eleição para a Gloria, he só de Deos: Deos he o que elegeo, & escolheu para a Gloria a todos os Bãaventurados, que por isso se chamaõ escolhidos. E ainda

que entre todos os escolhidos a Senhora tenha o primeyro, & mais sublimè lugar, ella também foy escolhida, & nam a que escolheo. Assim o canta a Igreja, quando canta a mesma entrada da Senhora no Ceo: *Elegit eam Deus, & praelegit eam, in tabernaculo suo habitare facit eam.* Pois se Maria foy escolhida para a Gloria, que tem no Ceo, & a escolha foy de Deos, & não sua; como diz a mesma Igreja nas palavras, que lhe applica, que a Senhora foy a que escolheo, & elego esta melhor parte: *Maria optimam partem elegit?* Na intelligencia desta segūda duvida consiste a soluçāo da primeyra. Ora vede, & com attençaō. He certo, que a Senhora foy escolhida por Deos para a Gloria, & tambem he certo, que a Gloria de Deos he infinitamente mayor que a Gloria da Senhora: & com tudo diz o Evangelho, que Maria foy a que escolheo, & que escolheo a melhor parte, hūa, & outra cousa com grande mysterio, & energia. Diz que Maria foy a q̄ escolheo; porque ainda que a eleyçāo não foy da Senhora, a gran-

deza de sua Gloria he tão imensa, que não parece q̄ foy a Gloria escolha para ella, senāo que ella foy a que a escolheo para si. E diz que Maria escolheo a melhor parte, porque ainda que a Gloria de Deos he infinitamente mayor que a sua, a melhor parte, que pode escolher hūa māy, he q̄ a gloria de seu filho seja a mayor. Como Maria he Māy de Deos, & Deos Filho de Maria, mais se gloria a Senhora de que seu Filho goze esta infinidade de Gloria, & de ella a gozar em seu Filho, do que se a gosára em si mesma. E daqui se segue, que considerada a Gloria de Deos, & a Gloria de Maria em duas partes; porque a parte de Deos, he a maxima, por isso a parte de Maria he a optima: *Maria optimam partem elegit.*

34 Para todos os que fois pays, & mãys, não hey mister mayor, nem melhor prova do que digo, que os vossos proprios affectos, & o dictame natural dos vossos coraçoes. Dizeyme, se houvera neste Mundo hūa dignidade, huma honra, hūa gloria mayor que todas: & se pozera na vossa

elci;

eleyção , & na vossa escolha querela para vòs , ou para vosso filho ; para quem a havieis de querer ? Não ha duvida , que para vosso filho. Pois isto mesmo he o que devemos considerar na Gloria da Senhora. He verdade , que a Gloria de Deos he infinitamente mayor que a de sua Mãy ; mas como todo esse excesso de Gloria he de feu Filho , & esta em feu Filho , ella a possue , & goza em melhor parte , que se a gozára em si mesma. Assi entendo , & supponho que o entendem todos , os que são pays , & mãys. Mas porque muitos dos que me ouvem , não tem esta experiencia : E porque em algum coração humano , ainda que paterno , ou materno , pode estar este mesmo affecto menos bem ordenado ; para gloria da Senhora da Gloria , & para mayor evidencia de q̃ mais gloriosa he pela Gloria de feu Filho , que pela sua , & que gozâdo nelle toda essa Gloria , a goza na melhor parte ; ouçamos , & provemos esta mesma verdade , pelo testemunho universal , & concorde de todas as letras Sagra-

das , Ecclesiasticas , & profanas. No primeiro lugar ouviremos os Filozofos , no segundo os Santos Padres da Igreja , no terçeyro as Escrituras Divinas , & no ultimo ao mesmo Deos na Pessoa do Pay. E veremos quam conforme foy o seu affecto com o desta soberana Mãy , pois ambos são Pay , & Mãy do mesmo Filho.

## §. III.

35 Começemos pelos Filozofos : Poem em questaõ Seneca ; & disputa futilissimamente no livro terçeyro dos cinco que intitoulou de *Beneficijs* , se pôde hum filho vender em algum beneficio a seu pay ? A razão de duvidar he ; porque o primeiro , & mayor beneficio he o ser , & havendo o pay dado o ser ao filho , o filho não pôde dar o ser a seu pay. Mas esta differença não tem lugar no nosso caso , porque fallamos de hum Pay , & de huma Filha , em que o Pay he juntamente Pay , & Filho da mesma Mãy , & a Mãy he juntamente Mãy , & Filha do mesmo Pay. Abstraindo porém deste impossivel da natureza,

*Seneca de offic lib. 2.*

reza, que os Filósofos Gentios não conheceraõ, resolve o mesmo Seneca, que bem pôde hum filho vencer no mayor beneficio a seu pay: & o prova com o exemplo de Eneas, o qual por meyo das lanças dos Gregos, & do incendio, & labaredas de Troya, levando sobre seus hombros ao velho Anchises, deu mais heroicamente a vida a seu pay, do que delle a recebera. A vista deste famoso espectáculo de valor, & de piedade, não ha duvida, que venceo o filho ao pay: mas qual foy entãõ mais glorioso, o filho vencedor, ou o pay vencido? A este exemplo ajunta o mesmo Filósofo o de Antigono, & de outros, que deraõ a seus pays mais ainda que o fer, & a vida, que lhes deviaõ, & conclue assim: *Felices qui vicerint, felices qui vincentur: quid autem est felicius quam sic cedere?* Quando os filhos vencem aos pays, & se ostentaõ mayores que elles; felices são os que vencem, & felices os vencidos: mas muito mais felices os pays vencidos, que os filhos vencedores; porque não pôde haver mayor gofsto,

nem mayor gloria para hum pay, que verse vencido de seu filho. Grande gloria he do filho, que vença ao pay, que lhe deu o fer; mas muito mayor gloria he do mesmo pay ver, que deu o fer a hum tal filho, que o vença a elle.

36 Isto, que disse Seneca, fallando dos beneficios, corre igualmente, & muito mais em todas as outras acções, ou grandezas, em que os pays se vem vencidos dos filhos. Ouçamos a outro Filósofo, que melhor ainda que Seneca conheceo os affectos naturaes, & não só em mais armonioso estylo, mas com mais profunda especulação que todos, penetrou a anatomia do coração humano. Faz paralelo Ovidio entre os dous primeiros Cesares, Julio, & Augusto, aquelle Pay, & este Filho: & depois de assentar, q̃ a mayor obra de Julio Cesar, foy ter hum tal Filho como Augusto: *Nec enim de Caesaris actus ullum maius opus, quã* Ovid. *quod Pater extitit hujus.* Metamorph. Suppoem com a cõmum opiniaõ de Roma, que hum Cometa, que na morte de Julio Cesar appareceo, era a Alma do mes-

mesmo Julio collocada entre os Deoses como hum delles. E no meyo daquella imaginada bemaventurança, qual vos parece que seria a mayor gloria de hum homem, que nesta vida tinha logrado todas as que pôde dar o mundo? Diz o mesmo Ouidio (taõ falso na supposiçãõ como Poeta, mas taõ certo no discurso como Filosofo) que o q̄ fazia lá de cima Julio Cesar, era olhar para seu Filho Augusto, & que considerando as grandezas do mesmo Filho, & reconhecendo, & confessando, que eraõ mayores que as suas, o seu mayor gosto, & a sua mayor gloria era verse vencido delle: *Natique videns benefacta, fatetur esse suis maiora, & vinci gaudet ab illo.* Ah Virgem Gloriosissima, no Ceo estais verdadeiramente, como cré, & adora a nossa Fé, mas nas sombras escuras, & falsas deste fabuloso pensamento, q̄ consideraçãõ haverá, que naõ reconheça, quaes saõ lá os mais intensos affectos, & as mayores glorias do vosso? Estais vendo, & contemplando, como em hũ espelho clarissimo,

o infinito ser, os infinitos attributos, a infinita, & immensa Magestade de vosso unigenito Filho, conheceis, & confessais, que as suas grandezas exceedem, & saõ tambem infinitamente mayores, que as vossas: *Fatetur esse suis maiora*; mas a mesma evidencia de que vosso Filho vos vence, & excede na Gloria, he a melhor parte da mesma Gloria vossa, & a de que mais vos gozais, & gozareis eternamente com elle: *Et vinci gaudet ab illo.* Quem podera imaginar, que Julio Cesar, vencedor de Scipião, & de Põpeo, & de tantos outros Capitaens famosos, que junto a estes perdem o nome: triunfador da Africa, do Egypto, das Gallias, & das Hespanhas, & da mesma Roma: aquelle em fim de taõ altivo coração, que ninguem soffreo lhe fosse superior, ou igual no mundo: quem podera imaginar, digo, que havia de gostar, & gloriarse de ser vécido de outro? Mas como Augusto, q̄ o vencia, era filho seu, o ser vencido delle, era a sua mayor victoria, este o mayor triunfo de seus triunfos, esta a mayor

gloria de suas glorias: *Et vincit gaudet ab illo.*

37 Mas porque neste exemplo nos não fique o escrúpulo de ser adulação poetica, posto que tão conforme ao affecto natural: confirmemo-lo com testemunho historico, & verdadeiro, em nada menor que o passado, & por ventura mais notavel. Celebra Plutarco, tão insigne Historiador, como Filosofo, o grande extremo, com que Philippe Rey de Macedonia amava a seu filho Alexandre, já digno do nome de Grande em seus primeiros annos, pela indole, & generosidade Real, que em todos seus pensamentos, ditos, & acçoens resplandecia. E para prova deste estremo affecto, refere huma experiencia, que nos vassallos podera ser tão arriscada, como do Rey mal recebida, se o amor de pay a filho a não interpretara doutra sorte. Foy o caso, que os Macedonios, sem embargo da fé q̄ deviaõ a Philippe, publicamente chamavaõ a Alexandre o Rey, & a Philippe o Capitaõ. Mas como castigaria Philippe este aggravado? Não ha ciumes mais

Plu-  
zarch.  
in Ale-  
xandro.

impacientes, mais precipitados, & mais vingativos, que os que tocaõ no sceptro, & na coroa. Apenas tem havido purpura antiga, nem moderna, que por leves sospeitas neste genero, se não tingisse em sangue. E que soffra Philippe, aquelle que tanto tinha dilatado o Imperio de Macedonia, que seus proprios vassallos em sua vida, & em sua presença lhe tirem o nome de Rey, & o dem a Alexandre? Muito fora que o soffresse, mas muito mais foy, que não só o soffria, senão que o estimava, & se gloriava muito disso. Ouvi a Plutarco: *Hinc filium non immerito Philippus dilexit, ut etiam gauderet, cum Alexandrum Macedones Regem, Philippum appellarent Ducem.* Era Philippe pay, & Alexandre filho, & tão fóra estava o pay de sentir que lhe antepuzessem o filho, que antes o tinha por lizonja, & gloria, & esse era o seu mayor gosto: *Ut etiam gauderet.* Quando lhe tiravaõ a Coroa para a darẽ a seu filho, & entãõ se tinha Philippe por mais coroadado: quando já faziaõ a Alexandre herdeiro do Reyno, antes de lhe

esperarem pela morte, então se tinha por immortal: quando o appellidavaõ cõ n enor nome, então se tinha por mayor: E quando lhe diziaõ, que elle só era Capitaõ, então accitava esta gloriosa injuria, como os vivas, & applausos da mais illustre vitoria; porque a mayor gloria de hum pay, he ser vencido de seu filho: *Et vinci gaudet ab illo.*

38 A razaõ, & filosofia natural deste affecto he; porque ao mayor desejo, quando se confegue, segue-se naturalmente o mayor gosto: & o mayor desejo, que tem, & devem ter os pays, he serem tais seus filhos, q̃ não só os igua-lem, mas os vençaõ, & excedaõ a elles. Assim o disse, ou cantou ao Emperador Theodosio, Claudiano, taõ insigne na Filosofia, como na Poetica. Descreve copiosamente as virtudes imperiaes, militares, & politicas, com que seu filho Honorio se adiantava admiravelmente aos annos, & não só igualava, mas excedia a seu pay; & fazendo huma apostrofe a Theodosio, lhe diz confiadamente assim: *Aspice nunc quacumque micas, seu*

*vincens Austri, Mogne Pa-*  
*rens, gelidi seu te meruisse*  
*Triones, aspice, complectur vo-*  
*tum, jam natus ad aquat te*  
*meritis, & quod magis est opta-*  
*bile, vincit.* De lá, onde como Estrella de Marte illustraes o mundo com vossas vitorias, ou sej: no circulo do Austro, ou no frio Setentriaõ, olhay felicissimo Cesar para Honorio vosso filho, & se como Emperador tendes conseguido o nome de Grande, chamandovos a voz publica Theodosio o Magno; a minha (diz Claudiano) não vos invoca com o nome de Grande Emperador, senão com o de Grande Pay: *Magne Parens*: & o que celebromais entre todas as glorias de vossa felicidade, & o que tenho por mais digno do emprego de vossa vista, he, que vejaes, & torneis a ver: *Aspice, aspice*: que chegaites a ter hum filho, o qual não só vos iguala, que he o que desejaõ os pays, mas que já vos excede, & vence, que he o que mais devem desejar: *Et quod magis est optabile, vincit.* Notay muito as palavras: *Quod magis est optabile*; & applicay-as

ao nosso caso. O que mais se deve desejar, he o melhor que se póde escolher: E como o que mais devem desejar os Pays, he que os filhos os vençam, & os excedaõ; bem se conclue, que se entre a Gloria de Deos, & a de sua Mãy fora a escolha da mesma Mãy, o que a Senhora havia de escolher para si, he, que seu Filho a excedesse, & venceesse na mesma Gloria, como verdadeiramente a excede, & vence: *Et quod magis est optabile, vincit.* Vence Deos incomparavelmente a sua Mãy na Gloria infinita, que goza, mas como este mesmo excesso he o mais que Maria podia desejar, & o melhor que devia escolher como Mãy, por isso se diz com razão, que Maria escolheu hoje a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

## §. IV.

39 Temos ouvido os Filosofos, que fallaõ pela boca da natureza; ouçamos agora os Santos Padres, que fallaõ pela da Igreja. São Sidonio Apollinar Bispo Arvernense, & Padre do quinto seculo,

elcrevendo a Audaz Prefeito dos Reys Godos, no tempo em que dominaraõ Italia, promettelhe suas oraçoens, & conclue com estas palavras: *Deum posco, ut te filii consequantur, & quod magis decet velle, transcendant.* Rogo a Deos por vós, & por vossos filhos, diz o eloquentissimo Padre, & o que peço para elles, he, que vos imitem; o que peço para vós, he que vos excedaõ. Que vos imitem, porque isso he o q̄ elles devem fazer: que vos excedaõ, porque isso he o q̄ vós deveis desejar: *Et Horatius quod magis decet velle, transcendat.* Oh quizeesse Deos, que fossem hoje taes os Pays, & tal a criação dos filhos, que por huns, & outros lhe poderemos fazer esta oraçaõ! Mas he tanto pelo contrario, que podemos chorar da nossa idade, o que o outro Gento lamentava da sua: *Atas parentum peior avis tulit nos nequiores, mox daturos progeniem vitiosorem.* Os avõs foraõ máos, os filhos saõ peyores, os netos serãõ pessimos. Haviaõse deprezar os Pays, naõ só de ser bõs, mas de dar tal criação aos filhos, q̄ se podessem gloriar de

ferem elles melhores. Mas deixadas estas lamentaçoes, que não são para dia tão alegre, continuemos a ouvir os Santos Padres, & sejaõ os dous mayores da Igreja Grega, & Latina, Nazianzeno, & Agostinho.

40 Faz duas elegantes

*Nazi-* Epistolas S. Gregorio Nazianzeno, huma a Nicobulo famoso Letrado, em nome de hum seu filho, & outra ao filho em nome do mesmo Nicobulo: *Ena* primeira pedindo o filho ao pay, que lhe dê licença para frequentar as escolas, & seguir as letras, diz assim: *Gratia, quam posco. genitor charissime, patris est mage, quam nati:* a graça, que vos peço, pay meu, he mais para vós, que para mim, & mais he vossa, que minha. Se isto differa o moço, que ainda não tinha mais q̃ o desejo de saber, não me admirára o dito; mas falando por boca d'elle o grande Nazianzeno, do qual com singular elogio affirma a Igreja, que em nenhuma couza das que escreveo errou; como pôde ser verdade, que a gloria do filho seja mais do pay, que do mesmo filho: *Patris est ma-*

*ge quam nati?* E se esta proposição he verdadeira, segue-se della, applicada ao nosso intento, que a gloria de Deos he mais de Maria, que do mesmo Deos, porque Deos he Filho, & ella Mãy. E porque não faça duvida o fallarmos da Gloria de hum, & outro, com a mesma palavra se explica o S. Padre nas que logo accrescenta: *Gloria namque patris natorum est fama, decusque, ut rursus natis est gloria fama parentum.* Como pôde ser logo neste caso, ou em algum outro, que a gloria do filho seja mais do pay, que do filho: *Patris est mage, quam nati?* Não ha duvida, que fallou nesta sentença Nazianzeno, como quẽ tão altamente penetrava, & distinguia a sutileza dos affectos humanos, entre os quaes o amor paterno, como he o mais efficaç, & mais forte, he tambem o mais fino. Diz, que a gloria do filho he gloria do pay, & mais sua do pay, que do mesmo filho; porque mais se gloriaõ os pays de a gosarem seus filhos, ou de a gosarem nelles, que se a gosaraõ em si mesmos. E neste sentido se

póde dizer com verdade, & propriedade natural, que a Gloria de Deos em certo modo he mais de Maria, que do mesmo Deos; porque não sendo sua, como não he, he do Filho unicamente seu, em quem ella mais a estima, & da qual mais se gloria, que se podera ser, ou fora sua.

Nazianzen

41. Isto he o que disse Nazianzeno ao pay por boca do filho; vejamos agora o que diz, & responde ao filho por boca do pay: *Sis sane præstantior ipse parente.* Queres filho seguir-me na profissão, & ser grande, como o mundo, & a fama diz que sou, na sciencia, & nas letras? Sou contente: mas não me contento só com isso: o que peço a Deos, he que fayas tão eminente nellas, que me faças grandes ventagens, & sejas muito mayor que teu pay: *Sis sane præstantior ipse parente.* Assim diz Nicobulo, ou Nazianzeno por elle, & dá a razão tão propria do nosso caso, como se eu a dera: *Gaudet enim genitor, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies: maiorque voluptas hinc oritur, quam si reliquos præverteret omnes.* Desejo, fi-

lho, que sejas mayor que eu; porque não ha gosto para nũ pay, como ver que seu filho lhe leva a palma, & de se ver assim vencido d'elle, se gloria muito mais, que se vencera, & se aventajara a todos quantos houve no mundo. Muday agora o nome de *Genitor* em *Genitrix*, & entendeu, que fallou Nazianzeno da Gloria de Maria no Ceo, onde tão gloriosamente se vê vencida da Gloria de seu Filho: *Gaudet enim Genitrix, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies.* Vêse Maria, quando vê a Deos, infinitamente vencida da immensidade de sua Gloria; mas como he Gloria, não de outrem, senão de seu Filho: *Sua progenies*; o ver se vencida d'elle, he a sua victoria, & a sua palma: *Cum palmam præripit ipsi.* Nas outras contendidas a palma he do vencedor, mas quando contende o filho com o pay, ou com a mãy, a palma he do pay, ou da mãy vencida; porque a sua mayor gloria, he ter hum filho, que a vença nella. Este dia da Senhora da Gloria, chamase tambem da Senhora da Palma; porque como he

tradição dos que assistirão a feu glorioso transito, o Anjo Embaixador de feu Filho, que lhe trouxe a alegre nova, lhe meteo juntamête na mão huma palma, com a qual, como vencedora da morte, & do mundo, entre as aclamações, & vivas de toda a Corte beata entrasse triunfante no Ceo. Subi, Senhora, subi, subi ao trono da Gloria, que vos está aparelhado sobre todas as Jerarchias, que là vos espera outra palma infinitamente mais gloriosa. E que palma? Não aquella, com que venceis em Gloria a todos os Espiritos Bemaventurados, senão aquella, com que na mesma Gloria sois vencida de voffo Filho: *Cum palmam præripit ipsi sua progenies.* Grande gloria da Senhora he, como lhe canta a Igreja, verse exaltada no Ceo sobre todos os Coros, & Jerarchias dos Espiritos Angelicos: grande Gloria, que os Principados, & Potestades, que os Cherubins, & Serafins lhe ficaõ muito abaixo, & que no lugar, na dignidade, na honra, na Gloria excede incomparavelmête a todos; porém o ver, que

nessê mefmo excessõ de Gloria he excedida infinitamente de feu Filho; isso he o de que naquelle mar immenso de Gloria mais se glória, isso he o de que naquelle verdadeiro Paraíso dos deleites eternos mais a deleita: *Maiorque voluptas hinc oritur, quam si reliquos præverteret omnes.*

42 Mas ouçamos já a Agostinho, que mais futilmente ainda penetrou os effectos, & causas desta tão verdadeira, como racional complacencia. Escreve S. Agostinho em feu nome, & no de Elvidio a Juliana, mãy da virgem Demetriade, bem celebrada nas Epistolas de Sam Jeronymo: & porque esta Senhora Romana de nobreza Consular, desprezadas as grãdezas, riquezas, & pompas do mundo, se tinha dedicado toda a Deos no estado mais sublime da perfeição Euangelica; dá o parabem Agostinho à mãy com estas ponderosas palavras: *Te volentem, gaudentemque vivit: genere ex te, honore supra te: in qua etiam tuum esse cepit, quod in te esse non potuit.* Vossa filha Demetriade, ò Juliana, vencedos,

cevos, fim, na alteza do estado, a que vedes sublimada; mas muito por vossa vontade, & muito por vosso gosto vos vence; *Volentem, gaudentem quem vincit*; porque he filha vossa aquella de quem vos vedes vencida: *Genere ex te, honore supra te*: a honra, que goza, he muito sobre vós, mas como a geração, que tem, he de vós, tambem esta mesma honra he vossa; porque o que não podieis ter, nem alcançar em vós, & por vós, já o tendes, & gofaes nella por ser vossa filha: *In qua etiam tuum esse cepit, quod in te esse non potuit*. Vay por diante Agostinho, ainda com mais profundo pensamento: *Illa carnaliter non nupsit, ut non tantum sibi, sed etiam tibi, ultra te, spiritualiter augetur, quoniam tu ea compensatione minor illa es, quod ita nupsisti, ut nasceretur*. Demetriade vossa filha he mayor que vós, & vós menor que ella; mas se ella vos excedeo a vós no que tem de mayor, não vos excedeo só para si, senão tambem para vós; porque esse excesso se cõpenfa com nascer de vós: *Non tantum sibi, sed etiam tibi, ul-*

*ira te, ea compensatione ut nasceretur*. Em huma só cousa não vem propria a semelhança, porque Maria pôde ser Mãe como Juliana, & Virgem juntamente como Demetriade; mas em tudo o mais especulou, & ponderou a agudeza de Agostinho, quanto se pôde dizer no nosso caso.

43 *Te volentem, gaudentemque vincit*. Vencevos vosso Filho na Gloria, Virgem Mãe, mas muito por vossa vontade, & por vosso gosto; porque esse mesmo excesso de Gloria, por ser sua, he o que mais quereis, & de que mais vos gofaes: *Genere ex te, honore supra te*: a sua honra, a sua grandeza, a sua Magestade, a sua Gloria immensa, & infinita, he muito sobre vós, porque elle he Deos, & vós criatura: *Honore supra te*: mas a geração desse mesmo Deos, que he tanto sobre vós, he de vós: *Genere ex te*. E que se fegue daqui? Segue-se, que tendes o que não podieis ter, & que toda a Gloria, que he sua, começa tambem a ser vossa: *Etiam tuum esse cepit, quod in te esse non potuit*. Vós não podieis ser Deos, mas como

mo Deos poder fazer q̄ fosseis sua Mãe. Tudo o que não podíeis ter em vós, tendes nelle. Elle he mayor que vós, & vós menor: *Minor es*; mas tudo o que tem de mayor (que he tudo) não só o tem para si, senão tambem para vós: *Non tantum sibi, sed tibi, ultra te.* Oh quem podera declarar dignamente a uniaõ destes termos, *ultra te, & tibi!* Em quanto a Gloria de Deos he infinita, & immensa, estendese muito além de vós: *Ultra te*; mas em quanto he Gloria de vosso Filho, toda se contrahe, & reflecte a vós: *Tibi.* Para os rayos do Sol fazerem reflexaõ, he necessario, que tenham limite, onde parem; mas a Gloria da Divindade de vosso Filho, que não tem, nem pôde ter limite, por isso se limitou a Humanidade, que recebeo de vós, para reflectir sobre vós, nascendo de vós: *Ea compensatione, ut nasceretur.* E chamase este nascer de vós compensaõ, ou recompensa, com que Deos vos compenhou toda a grandeza, & Gloria, que tem mais que vós; porque nascendo de vós, he vosso verdadeiro Fi-

lho, & tendo toda essa Gloria de vosso Filho, tambem he vossa; & vossa naquella parte onde a tendes por melhor: *Optimam partem elegit.*

§. V.

44 Parte que não podia fallar mais concordemente ao nosso intento, nem a Filosofia nos Gentios, nem a Theologia nos Santos Padres: vejamos agora o que dizem as Escrituras Sagradas. O primeiro exemplo, que ellas nos offerecem, he o famoso de Barcelay. No tempo em que <sup>2. Reg. 19. 38.</sup> Absalam se rebellou contra David (que tão mal pagaõ os filhos a seus pays o amor, que lhes devem) hum dos Senhores, que seguirão as partes do Rey, foy este Barcelay, o qual o assistio sempre tão liberal, & poderosamente, que elle só, como refere o texto, lhe sustentava os arrayaes. Restituido pois David à Coroa, & lembrado deste serviço, ou gentileza, de que outros Principes se esquecem com a mudança da fortuna: quillo ter junto a si na Corte, & fazer-lhe a merce, & honra, que sua fidelidade merecia: & para o

vencer na liberalidade, ou não ser vencido delle, disse-lhe, que elle mesmo se despa-chasse, porque tudo quanto quizesse, lhe cõcederia: *Quid quid tibi placuerit, quod petieris à me, impetrabis.* Generoso Rey! Venturoso vassallo! Mas para quem vos parece q̃ quereria toda esta ventura? Era Barcelay pay, tinha hum filho, q̃ se chamava Caimam, escusou-se de aceitar o lugar, & merce, que o Rey lhe offercia, & o que só lhe pedio, foy, que a fizesse a seu filho: *Est servus tuus Caimam, ipse vadat tecum, & fac ei quid quid tibi bonum videtur.* Dirão os que tem lido esta historia, que se escusou Barcelay, porque se via carregado de annos, como elle mesmo disse: mas isso só foy hũ desvio, & modo de não aceitar cortezmente, & não he razão que fatisfaça, pois vemos tantas velhices decrepitas, tam enfeitçadas das paredes de Palacio, que tropeçando nas escadas, sem vista, & sem respiração as sobe todos os dias, bem esquecidos d's que lhe restaõ de vida. E quando Barcelay não fosse tocado deste

contagio, ao menos podia dividir a merce entre si, & o filho, & apparecerem ambos na Corte, como vemos muytos Titulos com duas caras (a modo do Deos Jano) huma com muitas cãs, & outra sem barba. Mas a verdadeira razão porque este honrado pay não aceitou a merce do Rey para si, & a pedio para seu filho, nem a dividio entre ambos, podendo, pois estava na sua eleição; foy (como dizem literalmente Lira, & Abulense) porque era pay, & entendeu, que tanto lograva aquella honra em seu filho, como em si mesmo. Eu acrescento, que mais a lograva nelle, do que em si, porque nelle era mais sua, como acima disse S. Gregorio Nazianzeno. E porque o Santo não deu a razão desta sua sentença, nós a daremos, & provaremos agora com outro mais notavel exêplo da Escritura.

45 Quando Abraham sacrificou seu filho Isaac, he cousa muy notavel, & muy notada, que sendo Isaac a vítima do sacrificio, os louvores desta acção, & desta obediencia todos se dem a Abraham,

hãam, & não a Isaac. Isaac não se offereceo com grande prôptidão ao sacrificio? Não se deixou atar? Não se inclinou sobre o altar, & se lançou sobre a lenha? Não vio sem horror desembainhar a espada? Não aguardou sem resistencia o golpe? Que mais fez logo Abraham, para que a obediencia de Isaac se passe em silencio, & a de Abraham se effime, se louve, se encareça com tanto excessso? Nenhuma differença houve no caso, senão ser Abraham pay, & Isaac filho. Amava Abraham mais a vida de Isaac, que a sua, & vivia mais nella, que em si mesmo: E posto que ambos sacrificarão a vida, & a mesma vida; o sacrificio de Abraham foy mayor, & mais heróico que o de Isaac; porque se Isaac sacrificou a sua vida, Abraham sacrificou a vida, q̄ era mais que sua, porque era de seu filho. Atéqui está dito, & bem dito: mas eu passo avante, & noto o que a meu reparo. Premiou Deos esta famosa acção de Abraham, & como a premiou, & em quem? Não a premiou no mesmo

Abraham, senão em Isaac: *Quia fecisti rem hanc, benedicentur in semine tuo omnes gentes: in Isaac vocabitur tibi semen.* Pois se a acção do sacrificio foy celebrada em Abraham, & não em Isaac, porque foy premiada em Isaac, & não em Abraham? Por isso mesmo. A acção foy celebrada em Abraham, & não em Isaac, porque Isaac sacrificou a sua vida, & Abraham sacrificou a vida, que estimava mais que a sua, porque era de seu filho: & da mesma maneira foy premiada em Isaac, & não em Abraham, para que o premio, sendo de seu filho, fosse tambem mais estimado delle, do que se fora seu. A vida, que sacrificastes, era mais que vossa, porque era de vosso filho! Pois seja o premio tãbem de vosso filho, para que seja mais que vosso. E como os pays estimão mais os bens dos filhos, que os seus proprios, & os logrão, & gozão mais nelles, que em si mesmos; vede se escolheria, ou quereria a Senhora a immensa Gloria de seu Filho antes para elle, que para si: se a terá por sua, & mais que sua: & se as mes-

44

mas ventagens de Gloria, em que infinitamente se vê excedida, serão as que mais gloriosa a fazem, & de que mais se gloria?

46 O mesmo Filho de Maria, por ser Filho seu, se chama também Filho de David; & na historia do mesmo David nos dá a Escriitura Sagrada o mayor, & mais universal testemunho, que para prova desta verdade se pôde desejar, nem ainda inventar. Chegado David aos fins da vida, quiz nomear successor do Reyno, & mandou ungir a seu filho Salamam por Rey. Deu esta ordem a Banaias, Capitaõ das Guardas da Pessoa Real, o qual lhe beijou a mão pela eleição, que não era pouco controversa, & o cumprimento, com que fallou ao

3. Reg. Rey, foy este: *Quomodo fuit*

2. 37. *Dominus cum Domino meo Rege, sic sit cum Salomone, & sublimius faciat solium ejus à solio Domini mei Regis David;* assim como Deos assiste sempre, & favoreceo a Vossa Magestade, assim assista, & favoreça o Reynado de Salamam, & sublime, & exalte o seu throno muito mais que o

throno de Vossa Magestade. Executouse promptamente a ordem; ungiraõ a Salamam no monte Gion com todas as ceremonias, que entaõ se usavaõ em semelhante celebridade: entrou o novo Rey por Jerusalem a cavallo, com trombetas, & atabales diante, entre vivas, & acclamaçoens de todo o Povo, & exercito: vieraõ todos os Principes, & Ministros mayores das doze Tribus congratularse cõ David, & as palavras, com q̃ lhe deraõ o parabem, foraõ outra vez as mesmas: *Amplificet Deus nomen Salomonis super nomen tuum. & magnificet thronum ejus super thronum tuum;* seja mayor o nome de Salamaõ, Senhor, que o vosso nome, & mais alto, & glorioso o seu throno, do que foy o vosso. O que me admira sobre tudo neste caso, he, q̃ todos dissessem a mesma cousa. Estas são as occasioens, em q̃ a discriçaõ, o engenho, & a cortezania dos que daõ o parabem aos Reys, se esmera em buscar cada hum novos modos de congratulaçaõ, novos motivos de alegria, & ainda novos conceitos de lisonja,

3. Reg.  
I. 47.

&

& mais, os que fazem a falla em nome dos seus Tribunaes, ou Republicas. Como logo em tantos Tribus, tantos Ministros, tantos Principes, & Senhores (que como diz o texto vieraõ todos) não houve quem fallasse por outro estylo, nem dissesse outra couza a David, senão que Deos fizesse a seu filho mayor que elle, & sublimasse, & exaltasse o throno de Salamaõ mais que o seu throno. Isto disseraõ todos: porque a hum Rey tão famoso, & glorioso como David, nenhuma outra felicidade, nem gloria lhe restava para desejar, senão que tivesse hum filho, que em tudo se lhe aventejasse, & o excedesse, & que o throno do mesmo filho fosse muito mais levantado, & sublimado que o seu. A David, em quanto David, bastava por gloria ter sido David; mas em quanto pay, não lhe bastava. Ainda lhe restava outra mayor gloria, que desejar, & esta era ter hũ tal filho, que na Magestade, na grandeza, na gloria, & no mesmo throno o vencesse, & excedesse muito: *Et magnificet thronum ejus super thronum tuũ.*

47 Dous thronos ha no Ceo mais sublimes, que todos, o de Deos, & o de sua Mãy: o de Deos infinitamente mais alto que o de sua Mãy, & o de sua Mãy quasi infinitamente mais alto que o de todas as criaturas. Mas a mayor Gloria de Maria não consiste, em que o seu throno exceda o de todas as Jerarchias creadas, senão em ter hum Filho, cujo trono excede infinitamente o seu. E este he o parabem, que no Ceo lhe estaõ dando hoje, & lhe daraõ por toda a eternidade todos os Espiritos bemaventurados, sem haver em todos os coros de homens, & Anjos, quem diga, nem possa dizer outra couza, senão: *Thronum ejus super thronum tuũ.* Vence Maria no Ceo a todas as Virgens na Gloria, que se deve à pureza, a todos os Confessores, na que se deve à humildade, a todos os Martyres, na que se deve à paciencia, a todos os Apostolos, Patriarchas, & Profetas, na que se deve à Fé, à Religiaõ, ao zelo, & culto da hõra de Deos. Mas affim os Confessores, como as Virgens, affim os Martyres, como os Apostolos,

stolos, assim os Patriarchas, como os Profetas, deixadas todas essas prerogativas, em que gloriosamente se vem vencidos, os louvores, & euges eternos, com que exaltaõ a Gloriosissima Mãe, he ser inferior o seu throno ao de seu Filho: *Thronus ejus super thronum tuum.* Vence Maria a todos os Anjos, & Arcanjos, a todos os Principados, & Potestades, a todos os Cherubins, & Serafins, na virtude, no poder, na sciência, no amor, na graça, na Gloria: Mas todos esses Espiritos Angelicos; passando em silêncio os outros dons sobrenaturaes, que tocaõ a cada hũa das Jerarchias, em que veneraõ, & reconhecem a soberana superioridade, com que a Senhora, como Rainha de todas, incomparavelmente as excede; todos, como taõ discretos, & entendidos, o que só dizem, & sabem dizer, o que sobre tudo admiraõ, & apregoaõ, he: *Thronus ejus super thronum tuum.* Assim que homens, & Anjos, unidos no mesmo conceito, & enlevados no mesmo pensamento, o que cantaõ, o que louvaõ, o que celebraõ

prostrados diante do throno da següda Magestade da Gloria, & os vivas, que lhe daõ concordemente, he ser Mãe de hum Filho, que excedendo ella a todos em taõ sublime grao na mesma Gloria, elle a vence, & excede infinitamente: E isto he o que divididos em dous coros de innumereveis vozes, & unidos em huma só voz, applaudem, aclamaõ, festejaõ, & tudo o mais calaõ; conformandose nesta eleiçaõ com a parte da mesma Gloria, que a Senhora elegeo por melhor: *Optimam partem elegit.*

## §. VI.

48 E porque a preferencia desta eleiçaõ não fique só no juizo dos entendimentos criados, subamos aos arcanos do Entendimento Divino, & vejamos como o Eterno Pay em tudo o que teve liberdade para eleger, & escolher, tambem escolheo esta parte, & a teve por melhor.

Para intelligencia deste pōto havemos de suppor, q̃ tudo quanto tem, & goza o Filho de Deos, o recebeo de seu

Padre, mas por diferente modo. O que pertence à natureza, & attributos Divinos recebeu o Verbo Eterno do Eterno Padre, não por eleição, & vontade livre do mesmo Padre, senão natural, & necessariamente. E a razão he, porque a geração Divina do Verbo procede por acto do entendimento, antecedente a todo acto da vontade, sem o qual não ha eleição. He verdade, que ainda que a geração do Verbo não procede por vontade, nem he voluntaria, nem por isso he involuntaria, ou contra vontade. E daqui se ficará entendendo a energia, & propriedade daquellas difficultosas palavras de S. Paulo, onde diz, que a

2. 6. *Philip.* igualdade, que o Filho tem com o Padre na natureza, & attributos Divinos, não foy furto; nem o mesmo Verbo o reputou por tal: *Non rapinam arbitratus est esse se equalem Deo.* E porque declarou S. Paulo o modo da geração do Verbo pela semelhança, ou metaphora do furto, dizendo, que não foy furto, nem como furtado, ou roubado o que recebeu do Padre? Divinamen-

te por certo, & não se podia declarar melhor. O furto he aquillo, que se toma, ou se retém, & possue, *invito domino*, contra vontade de seu dono. E a Divindade, que o Verbo recebeu do Padre, ainda que da parte do mesmo Padre não fosse voluntaria; com tudo não foy invita: não foy voluntaria, sim; mas não foy contra vontade: & como o Padre não foy *invito* na geração do Verbo, & na communicação da sua Divindade (posto que fosse necessaria; & não livre) por isso a igualdade, que o Verbo tem com elle, he verdadeiramente sua, & não roubada: *Non rapinam arbitratus est esse se equalem Deo.*

49 Atéqui o que o Filho recebeu do Padre necessariamente, & sem eleição sua. E que he o que recebeu por vontade livre, & por verdadeira, & propria eleição? O que logo se segue, & acrescentou o mesmo S. Paulo: *Sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo: propter quod & Deus exaltavit illum: & donavit illi nomen, quod est super omne nomen.*

men. Recebeo o Filho do Padre, por verdadeira, & propria eleição o officio, & dignidade de Redemptor do genero humano, fazendo se juntamente Homem, & com esta nova, & infavel dignidade recebeo hum nome sobre todo nome, que he o nome de Jesu, mais sublime, & mais veneravel pelo que he, & pelo que significa, que o mesmo nome de Deos: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur*. Recebeo a potestade judiciaria, que o Padre demittio de si, competindo ao Filho privativamente o juizo universal, & particular de vivos, & mortos: *Pater non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio*. Recebeo o primeiro throno entre as tres Pessoas da Santissima Trindade, assentandose à mão direita do mesmo Padre: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis*. Tudo isto, & o que disto se segue, com immensa exaltação, & Gloria recebeo o Filho de Deos de seu Eterno Padre, por vontade livre, & propria eleição.

50 Mas se toda esta nova exaltação, & toda esta nova

Gloria não era devida à Pessoa do Filho por força, ou direito da geração eterna, em que sómente era igual ao Padre na natureza, & attributos Divinos, & a eleição livre de dar, ou tomar a mesma exaltação, & Gloria estava, & dependia da vontade do mesmo Padre; porque a não tomou para si? Assim como encarnou a Pessoa do Filho, assim podera encarnar a Pessoa do Padre: E no tal caso a nova dignidade de Redemptor, o nome sobre todo o nome, a mayor veneração, & adoração de homens, & Anjos, & todas as outras prerogativas, & glorias, que pelo mysterio da Encarnação, & Redempção sobrevierão, & crescerão ao Filho, não havião de ser do Filho, senão do mesmo Padre. Pois se a eleição voluntaria, & livre de tudo isso estava na mão do Padre, & podia tomar para si toda essa exaltação, & Gloria; porque a quiz antes para a Pessoa do Filho? Por nenhuma outra razão, senão porque era Filho, & elle Pay: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion 2. 6. montem sanctum ejus: Dominus*

Joan.  
5. 22.

Psal.  
109.

*Joan.*  
3. 16. nus dixit ad me, *Filius meus es tu.* Assi como o Eterno Padre para encarecer o amor, que tinha aos homês, não se nos deu a si, senão a seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum: ut Filium suum unigenitum daret:* assi para manifestar o amor, que tinha ao mesmo Filho, não tomou para si essas novas glorias, senão que todas as quiz para elle, & lhas deu a elle: entendendo que quando fossem de seu Filho, então eraõ mais suas, & que mais, & melhor as gofava nelle, q̄ em si mesmo.

51 E que Filho he este, Virgem gloriosissima, senão o mesmo Filho vosso, Filho Unigenito do Eterno Padre, & Filho Unigenito de Maria. E se o Eterno Padre em tudo, o q̄ pode ter eleição propria, escolheo os excessos de sua Gloria para seu Filho; essa mesma Gloria, q̄ elle goza em si, & vós nelle, em q̄ infinitamente vos vedes excedida, quẽ póde duvidar, se tem inteiro juizo, q̄ seria tambẽ vossa a mesma eleição? Toda a Igreja triunfante no Ceo, & toda a militate na terra reconhece, & confessa, q̄ entre todas as puras creaturas, ou so-

bre todas ellas, nenhuma ha mais parecida a Deos Padre, que aquella singularissima Senhora, q̄ elle criou, & predestinou ab eterno para Mãy de seu Unigenito Filho; porque era justo, que o Pay, & a Mãy, de quem elle recebeo as duas naturezas, de que infavelmente he composto, fossem, quanto era possivel, em tudo semelhantes. E se o amor do Pay, por ser amor de Pay, & Pay sem Mãy, escolheo para seu Filho, & não para si, as Glorias, que cabião na sua eleição; não ha duvida, que o amor da Mãy, & Mãy sem Pay, escolheria para o mesmo Filho tambem, & não para si, toda a Gloria infinita, que elle goza. E esta he a eleição, que teria por melhor: *Maria optimam partem elegit.*

52 Assim o entendeo da mesma Mãy o mesmo Pay: & o provou maravilhosamente o juizo, & amor da mesma Senhora para com seu Filho, onde a eleição foy propriamente sua. Quando o Eterno Padre quiz dar Mãy a seu Unigenito, foy cõ tal miramento, & attenção à grandeza, & Magestade da que sublimava

a tão estreito, & soberano parentesco, que não só quiz que fosse sua, isto he, do mesmo Pay a eleição da Mãy, senão que também fosse da Mãy a eleição do Filho. Bem poderia o Eterno Padre formar a Humanidade de seu Filho nas entranhas purísimas da Virgem Maria, sem consentimento, nem ainda conhecimento da mesma Virgem, assi como formou a Eva da costa de Adam não acordado, & estando em si, senão dormindo. Mas para que o Filho, que havia de ser seu, posto que era Deus, não só fosse seu, senão da sua eleição, por isso (como diz S. Thomás) lhe destinou

**D.** *Thom.* antes por Embaixador hum dos mayores Principes da sua Corte, o qual de sua parte lhe pedisse o fim, & negociasse, & alcançasse o consentimento, & o aceitasse em seu nome. Este foy, como lhe chamou S. Paulo, o mayor negocio, que nunca houve, nem haverá entre o Ceo, & a terra, dificultado primeiro pela Senhora, & depois persuadido, & concluido por S. Gabriel. Mas quaes forão as razões, & os motivos, de que

usou o Anjo, para o persuadir, & concluir? He caso digno de admiração, & que singularmente prova da parte de Deos, do Anjo, & da mesma Virgem, qual he na sua eleição a melhor parte.

53 Repara Maria na embaixada, insta o celeste Embaixador, & as promessas, que allegou para conseguir o consentimento, forão estas: *Ecce Luc. 1 concipies, & paries Filium, & 31. vocabis nomen ejus Jesum: hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur: dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob, & Regni ejus non erit finis.* O Filho, de que se reis Mãy, terá por nome Jesu, quer dizer, o Redemptor do mundo: Este será grande: chamar-se-ha Filho de Deos: dar-lhe-ha o mesmo Deos o throno de David seu Pay: reynará em toda a Casa de Jacob, & seu Reyno, & Imperio não terá fim. Não sey se advertis no que diz o Anjo, & no que não diz: no que promete, & no que não promete. Tudo o que promete, são grandezas, altezas, & glorias do Filho, & da Mãy, com quem fal-

la,

la, nenhuma coufa diz, & à mefma, a quem pertende perfuadir, nada lhe promette. Não podera Gabriel dizer à Senhora com a mefma verdade, que ella feria a florecente Vara de Jefé, que nella refuscitaria o fceptro de David, que a fua Casa fe levantaria, & eftenderia mais que a de Jacob, que feria Rainha fua, & de todas as Jerarchias dos Anjos, Senhora dos homens, Emperatriz de todo o creado, & que eíta Mageftade, & grandeza, tambem a lograria fem fim? Tudo ifto, & muito mais podia, & fabia dizer o Anjo. Pois porque diz, & promette fô o que ha de fer o Filho, & não diz, nem promette, o que ha de fer a Mãy? Porque fallou como Anjo, conforme a fua fciencia; & como Embaixador, conforme as fuas intrucçoens: por iffo, nem elle diz, nem Deos lhe manda dizer, fenaõ o que ha de fer feu Filho; porque nas materias, onde Maria tem a eleiçãõ livre, o que mais peza no feu juizo, & o que mais move, & enche o feu affecto, fãõ as grãdezas, & glorias de feu Filho, & não as fuas. As de feu Filho,

& não as fuas, porque as tem mais por fuas, fendo de feu Filho: as de feu Filho, & não as fuas, porque as eftima mais nelle, & as goza mais nelle, que em fi mefma. Ifto he o que, fegundo o conhecimento de Deos, & o do Anjo, & o feu, elegeo Maria na terra: E ifto he o que na prefença de Deos, dos Anjos, & de todos os Bemaventurados tem por melhor no Ceo: *Maria optimam partem elegit.*

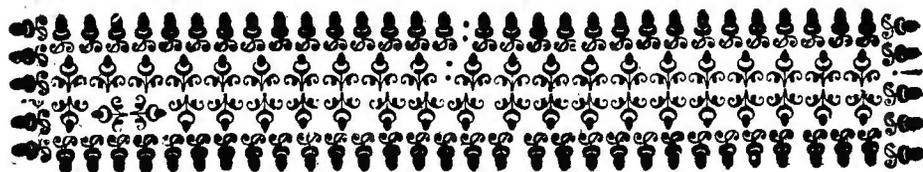
## §. VII.

54 E nós, Senhora, que como filhos de Eva, ainda gememos neste defterro, & como filhos, pofto que indignos, voffos, eíperamos fobir com voffo, & por vós a eísa bema-venturada Patria, o que fô nos resta depois deíta confideraçãõ de voffa Gloria, he dar-vos o parabem della. Parabem vos feja a eleiçãõ, parabem vos feja a parte, & parabem a melhorã. Parabem a eleiçãõ, que ainda que não foy, nem podia fer voffa na predeftinaçãõ, com que foftes escolhida para a Gloria de Mãy de Deos, foy voffa no confenti-

mento voluntario, & livre, que se vos pedio, & déstes para o ser. Parabem vos seja á parte, que comprehende aquelle todo incomprehensivel de Gloria, que só póde abarcar, & abraçar o ser immenso, & conter dentro em si o infinito, que vós tambem com mayor capacidade que a do Ceo tivestes dentro em vós. Parabem vos seja finalmente a melhoría, pois melhor vos está como Mãe, que toda essa immensidade, & infinidade de Gloria seja de vosso Filho, & melhor a gozaes por este modo, segundo as leys do perfeito amor, que se a gozareis em vós mesma. E assim como vos damos o para-

bem, & nos alegramos com todo o affecto de nossos coraçoes, de que a estejaes gozando, & hajaes de gozar por toda a eternidade; assim vos pedimos humildemente prostrados ao throno de vossa Gloriosissima Magestade, que como Senhora da Gloria, & liberalissima dispensadora de todas as graças de vosso beneditissimo Filho, alcançadas, & merecidas pelo Sangue precioso, que de vós recebo, nos communiqueis, augmenteis, & conserveis até o ultimo dia, em que passarmos, como vós hoje, desta vida, aquella graça, que nos he necessaria, para vos louvarmos eternamente na Gloria.





# S E R M A M

DA PRIMEIRA

# DOMINGA

DA QUARESMA,

PREGADO

Na Capella Real, no anno de 1655.

*Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum, & dixit ei: hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. Matth. 4.*

§. I.

55



E o Demônio he tão astuto, que até dos nossos remedios

faz tentações; porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentações façam os remedios? Esta he a conclusão, que tiro hoje de

toda a historia do Evangelho. Quarenta dias havia, & quarenta noites, que jejuava Christo em hum deserto: Succedeo ao jejum naturalmente a fome, & sobre a fome veyo logo a tentação: *Si Filius Dei*

*es, die ut lapides isti panes fiant:* Se es Filho de Deos, (diz o Demonio) manda a estas pedras, que se convertão em pães. Vede, se infri

*Matth. 4. 3.*

G iij bem,

bem, que dos nossos remedios faz o demonio tentação? Com as pedras se defendia das suas tentações S. Jeronymo: os desertos, & soledades, são as fortalezas dos Anacoretas: o jejum de quarenta dias foy huma penitencia prodigiosa: procurar de comer aos q̄ hão fome; he obra de misericordia: converter pedras em pão com huma palavra, he omnipotencia: ser Filho de Deos, he Divindade. Quem cuidára, que de taes ingredientes como estes, se havia de compor huma tentação? De pedras, de deserto, de jejum, de obra de misericordia, de omnipotencia, de Divindade? De pedras: *lapides isti*: de deserto, *ductus est Jesus in desertum*: de jejum, *cum jejunasset*: de obra de misericordia, *panes fiant*: de omnipotencia, *dic*: de Divindade, *si Filius Dei es*. Se o Demonio tenta com as pedras, que fará com condiçoens menos duras? Se tenta com o deserto, que será com o povoado, & com a Corte? Se tenta com o jejum, que será com o regalo? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça?

Se tenta com a omnipotência, que será com a fraqueza? E se até com a Divindade tenta, com a humanidade, & com a deshumanidade, que será?

56 Vencido o Demonio nesta primeira tentação; diz o texto, que levou a Christo à Cidade Santa de Jerusalem, & pondo-o sobre o mais alto do Templo, lhe disse desta maneira: *Mitte te deorsum, scriptum est enim, quia Angelus suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis*: Deitate daqui abaixo, porque prometido está na Sagrada Escritura, que mandará Deos aos seus Anjos, te guardem em todos teus caminhos. Vede outra vez como tornão os remedios a ser tentações: E nesta segunda tentação, ainda com circunstancias mais notaveis. E quaes forão? A Cidade Santa, o Templo de Jerusalem, as Sagradas Escrituras, os Mandamentos de Deos, os Anjos da Guarda, & tambem o descer para baixo. Podia haver coufas menos occasionadas para tentações? Pois disto fez o Demonio huma tentação. Da Cidade Santa: *Assumpsit eum*

Matt.

4. 1.

*in Sanctam Civitatem* : do Templo de Jerusaleem : *Et statuit eum super pinaculum Templi* : da Sagrada Escritura, *scriptum est enim*: dos Mandamentos de Deos, *Deus mandavit de te*: dos Anjos da Guarda, *Angelis suis, ut custodiant*: do descer para baixo, *mitte te deorsum*. Se o demonio tenta com a Cidade Santa, que será com a Cidade escandalosa? Se tenta com o Têplo de Deos, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as Sagradas Escrituras, que será com os livros profanos? Se tenta com os Mandamentos de Deos, que será com as leys do mundo? Se tenta com os Anjos da Guarda, que será com os Anjos da perdição? Se tenta finalmente com o descer, que será com o subir?

57 Eis-aqui como o Demonio, dos remedios faz tentações. Mas como será possível, que nós, das tentações façamos remedios? O Demonio na primeira tentação pediu a Christo, que fizesse das pedras pão; & na segunda, que fizesse dos precipicios caminhos. Que cousa são as tentações, senão pedras, & pre-

cipicios? Pedras, em que tropeçamos, & precipicios, donde cahimos. Pois como he possível, que das pedras, em que tropeçamos, se faça pão, com que nos sustentemos: & dos precipicios, donde cahimos, se fação caminhos, por onde subamos? Isto havemos de ver hoje, & hey de ser tão liberal com o Demonio, que lhe hey de conceder tudo o que Christo lhe negou. Que queres Demonio? Que te faça das pedras pão? Sou contente. Que queres mais? Que dos precipicios faça caminhos? Tambem farey isso hoje. O Demonio, do pão fez pedras, & dos caminhos, fez precipicios, porque dos remedios fez tentações. Eu às avef-  
 sas: das pedras hey de fazer pão, & dos precipicios, caminhos; porque das tentações hey de fazer remedios.

58 Para reduzir todo este ponto tão grande, & tão importãte a hũa só maxima universal, tomey por fundamento a terceira tentação, q̄ propuz, que he a mayor, que o Demonio fez hoje a Christo, & a mayor, que nunca se fez, nem ha de fazer, nem pôde fazer

fazer no mundo. Vencido primeira, & segunda vez o Demonio, não desesperou da vitoria, porq̃ lhe faltava ainda por correr a terceira lança, em que mais confiava. Levou a Christo ao cume de hũ monte altissimo, & mostrandolhe dalli todos os Reynos, & Monarchias do mũdo, com todas suas glorias, & grandezas, com todas suas riquezas, & delicias, com todas suas pompas, & Magestades, apontando em roda para todo este mappa universal, tão grande, tão fermoso, tão vario, disse assi: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*; tudo isto, que vês, te darey, se com o joelho em terra me adorares. Esta foy a ultima tentação do Diabo, & esta foy a terceira vitoria de Christo. As armas, com que o Senhor se defende, & o remedio, que tomou nesta tentação, como nas outras, foraõ as palavras da Es-

*Matt. 4. 10. Deum tuum adorabis, & illi soli servies.* He a Escritura Sagrada hum armazem divino, onde se achão todas as armas: he hũa officina medicinal, onde se achão todos os reme-

dios: esta he aquella Torre de David, da qual disse Salamaõ: *Mille clypei pendent ex ea, Cant. 4. 4. omnis armatura fortium*: por que como cõmenta S. Grego-Div. rio: *Universa nostra munitio Greg. in sacro eloquio continetur.* Esta he aquella botica universal, da qual diz S. Basilio: *Ab Scriptura unusquisque tanquam ab officina medicine appositũ suæ infirmitati medicamentum invenire poterit.* E muito antes o tinha dito a Sabedoria: *Neque herba, neque malagma sanavit, sed tuus Domine sermo, qui sanat omnia.* Poderosissimas armas, & efficacissimos remedios contra as tentações do Demonio, são as divinas Escrituras. Mas como eu prégo para todos, & nem todos podem menear estas armas, nem usar destes remedios; he o meu intento hoje inculcarvos outras armas mais promptas, & outros remedios mais faceis, com que todos possais resistir a todas as tentações. Na boca da bivoira poz a natureza a peçonha, & juntamente a triaga. Se quando a serpente tentou aos primeiros homens, fouberaõ elles usar bem das suas mesmas

mas palavras, não haviaõ mister outras armas para resistir, nem outro remedio, para se conservar no Paraíso. O mais prompto, & mais facil remedio contra qualquer tentação do Demonio, he a mesma tentação. A mesma cousa offerecida pelo Demonio, he tentação: bem considerada por nós, he remedio. Isto hey de prégar hoje.

§. II.

59 Na primeira, & na segunda tentação tentou o Demonio a Christo como a Filho de Deos: na terceira, como a puro homem. Por isso na terceira tetação não disse: *Si Filius Dei es*: como tinha dito na primeira, & na segunda. Tentou a Christo, como se tentára a qualquer homem. Esta he a razão, & a differença, porque só esta ultima tentação nos pertence propriamente a nós. Mas como poderá hum homem, como poderá hum filho de Adam resistir a huma tentação tão poderosa, & tão immensa, como esta q̃ o Demonio fez a Christo? A Adam fezlhe tiro o Demonio com hũa maçaã, &

derubou-o: a Christo fezlhe tiro com o n urdo todo: *Offendit ei omnia regna mundi*. Mas sendo esta bala tirada a Christo como a homem, & dando em hum peito de carne, foy taõ fortemente rebatida, que voltou com mayor força contra o mesmo tentador: *Vade* Lödir *retro*. Hum dos casos mais in Hy- notaveis, que succederaõ em stor. Eladr nossos dias no famoso cerco de Hostende, foy este. Estava carregada huma peça no exercito Catholico: entra pela boca da mesma peça hũa bala do inimigo, concebe fogo a polvora, sahe outra vez a bala cõ dobrada furia; & como veyo, & voltou pelos mesmos pontos, foyse empregar no mesmo, que a tinha tirado. Oh q̃ bizarro, & venturoso: *Vade retro!* Assim havemos de fazer aos tiros do Demonio. Volte outra vez a bala contra o inimigo, & vençamos ao tentador com a sua propria tentação. Não cortou David a cabeça ao Gigante cõ a sua propria espada? Judith, sendo mulher, não degolou a Holofernes com a sua? Pois assim o havemos nós de fazer; nem necessitamos de outras armas

mais que as mesmas, com que o Demonio nos tenta.

60 Mostrou o Demonio a Christo todos os Reynos do mundo, & suas glorias: disse-lhe, que tudo aquillo lhe daria de huma vez, se lhe dobrasse o joelho. Parece que faz estremecer a grandeza desta tentação! Mas o Demonio he, o que havia de tremer della. Desfarmouse a si, & armounos a nós. Tu, Demonio, offerecesme de hum lanço todo o mundo, para que caya, para que peque, para que te dê a minha Alma; logo a minha Alma, por confissão tua, val mais que todo o mundo. A minha Alma val mais que todo o mundo? Pois não te quero dar o que val mais, pelo que val menos: *Vade retro*. Pódenos o Demonio dar, ou prometter alguma cousa, que não seja menos que o mundo? Claro está que não. Pois aqui se defarmou para sempre: nesta tentação perdeu todos, se nós não temos perdido o juizo: Ouvi a Salviano: *Quis ergo furor est viles à nobis animas nostras haberi, quas etiam Diabolus putat esse pretiosas.* Homens loucos, homens fu-

riosos, homens sem entendimento, nem juizo, he possível, que sendo as nossas almas na estimação do mesmo Demonio tão preciosas, no vosso conceito, & no vosso desprezo haõ de ser tão vis. O Demonio quando me quer roubar, quando me quer perder, quando me quer enganar, não póde deixar de confessar, que a minha alma val mais que todo o mundo; & eu sendo essa alma minha, não ha de haver no mundo cousa tão baixa, tão vã, & tão vil, pela qual a não dê sem nenhum reparo? *Quis furor est?* Que locura, que demencia, que furor he este nosso? Muito mais obrigada está a nossa alma ao Demonio, muito mais lhe deve, que a nós. Elle a honra, nós a afrontamos. Envergonhouse o Demonio no primeiro lanço de offerecer menos por hũa alma que o mundo todo.

61 Cayo Cesar, como refere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos de prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil cruzados. Não creyo, que haveria na nossa

Salvi-  
an.

Corte quẽ não beijasse a mão Real, & aceitasse com ambas as mãos a merce. Era porém *Senec.* Demetrio Filosofo Estoico, como se disseffemos, Christão daquelle tempo. E que respondeo? *Si tentare me constituerat, toto illi fui experiendus imperio.* Anday, levay os seus talentos ao Emperador, & dizeilhe, que se me queria tentar, que havia de ser com todo o seu Imperio: He, & chama-se Senhor de todo o mundo? Com todo o mundo me havia de tentar. Não no fez assim o Cesar, porque não conhecia a Demetrio, mas fello assim o Demonio: *Princeps hujus mundi,* porque sabe o que val huma alma. Se vos tentar o Demonio cõ menos que todo o mundo, day-vos por afrontado: & se vos tentar com todo o mundo, fique vencido: *Quid prodest homini, si univesum mundum lucratur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, adquirir todo o mundo, senhorear, & dominar todo o mundo, se ha de perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro*

*anima sua?* Ou que cousa pôde haver de tanto pezo, & de tanto preço, pela qual se haja de vender a alma, ou se haja de trocar? Este he o caso, & a supposiçãõ, em que estamos, nem mais, nem menos. Offerecenos o Demonio o mûdo, & pedenos a alma. Considere, & peze bem cada hum, se lhe está bem este contrato, se lhe está bem esta venda, se lhe está bem esta troca. Mas nós trocamos, & vendemos, porque não pezamos.

62 Chegou Esaú do campo, cançado, & com fome de todo o dia, & chegou a desestrada hora, porque estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cosinhando, diz o texto, humas lentilhas. Estes eraõ os grandes homens, & estes os grandes regalos daquelle tẽpo. Pedio Esaú a seu irmão hum pouco daquella vianda; mas elle aproveitandose da occasiãõ, & da necessidade, respondeo, que dar não, mas vender si: que se Esaú lhe vèdesse o seu morgado, começaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deos nos livre de se ajuntar no mesmo tẽpo, a fome, & a tentaçãõ. O successo

cesso foy, que Esaú aceitou o contrato, deu o morgado. Pois valhame Deos, o morgado de Isaac, a herança de Abraham, a benção dos Patriarchas, que foy a mayor coufa, que desde Adam houve no mundo, por huma escudella de lentilhas? Este homẽ era cego? Era louco? Era vil? Nada diſto era; mas era hum

homem (diz a Escritura) que vendeo, & não pezou o que

*Genef. 25.34* *Auit parvi pendens, quod primogenita vendidisset.* E homem, que vende sem pezar o que vende, não he muito que por huma escudella de grosserias dêſſe o mayor morgado do mundo. Se Esaú antes de vender, tomara a balança na mão, & puzera de huma parte o morgado, & da outra a escudella, parecevos que venderia? Pois exahi porque ha tantas almas venaes. Esta historia de Esaú, & Jacob acontecco huma só vez antigamente; mas cada dia se representa no mundo: o papel de Jacob falo o Demonio, o de Esaú fazemolo nós. O Demonio offerrecenos hum goſto, ou hum intereſſe vil, & pedenos o morgado, que nos ga-

nhou Christo; & nós porque contratamos sem a balança na mão, & não pezamos a vileza do q̄ recebemos, com a grandeza do que damos, consentimos no contrato, & ficamos sem benção. Quando Esaú vendeo o morgado, não o ſentio, nem fez caſo diſſo; mas depois quando vio que Jacob levava a benção, & elle ficava sem ella, diz o texto que *ir. Genef. rugiit clamore magno, & con-* 27.34 *ſternatus eſt*; que tudo era encher o Ceo de clamores, & gemidos, & despedaçarſe a ſi meſmo, & desfazerſe cõ dor. Ah mal aconselhados Esaús! Agora vendemos a alma, & o morgado do Ceo pela vileza de hum goſto, pelo engano de hum appetite, pela grosseiria de hum manjar de brutos, & diſto não fazemos caſo. Mas quando vier aquelle dia, em que Christo dê a benção aos que eſtiverem à ſua mão direita, & nós virmos que ficamos sem ella por hũas coufas taõ vis: Oh que dor! oh que deſeſperaçaõ! oh que circumſtancia de inferno ſerá eſta taõ grande para nós!

63 Pois que havemos de fazer para não cometer hum erro

erro tão grande, & tão sem remedio? Fazer remedio da mesma tentação. Tomar na mão a balança, que faltou a Esaú, & pezar o que o Demonio nos promete, & o que nos pede. O que nos promete não he todo o mundo: o q̃ nos pede, & o que lhe havemos de dar, he a alma. Ponhamos de hũa parte da balança o mundo todo, & da outra parte huma alma, & vejamos qual peza mais. Oh se Deos me ajudasse a vos mostrar cõ evidencia a differença destes dous pezos! Vamos ponderando huma por hũa as mesmas palavras da tentação.

§. III.

64. *Ostendit ei omnia Regna mundi, & gloriam eorum.* Desde aquelle monte alto, onde o Demonio sobio a Christo, lhe mostrou todos os Reynos do mundo, & a sua gloria. Isto que tão facilmente se diz, não he tão facil de entender. De hum monte, por alto que seja, não se podẽ descobrir todos os Reynos do mundo. O Sol está levantado na quarta esfera; & com

tudo descobre hum só Emisferio, & nem vê, nem pôde ver os antipodas. Pois como foy possível, que o Demonio desde aquelle monte mostrasse todo o mundo a Christo? A sentença mais certa, & mais seguida he, que o mundo, que o Demonio mostrou a Christo, não foy este mundo verdadeiro, senão hum mundo fantastico, & aparente, hũa apparencia, & representação do mundo. Assim como os Anjos, quando apparecem aos homens, se vestem de corpos fantasticos, que parecem corpos fermosissimos, & não são corpos; assim o Demonio, que no poder natural he igual aos Anjos, em todo o ar, que se estendia daquelle monte até os Orizontes, com cores, com sombras, com apparencias, pintou, & levantou em hum momento, montes, valles, campos, serras, Cidades, Castellos, Reynos, em fim hũ mundo. De maneira, que todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de Reynos, & de grandezas, bem apertado, vinha a ser hum pouco de vento. E com ser assim esta representação (notay agora) com ser o

que o Demonio mostrava, huma só representação fantastica, huma apparencia; com tudo, diz o Euangelista, que o Demonio mostrou a Christo todos os Reynos do mundo, & suas glorias; porque todas as glorias, & todas as grandezas do mundo, bem consideradas, são o que estas crão: ar, vento, sombras, cores apparentes. Antes digo, que mais verdadeiro, & mais proprio mundo era este mundo apparente, que o mundo verdadeiro; porque o mundo apparente, crão apparencias verdadeiras; & o mundo verdadeiro, são as apparencias falsas. E senão dizeyme, de todos aquelles Reynos, de todas aquellas Magestades, & grandezas, que havia no tempo de Christo, quando succedeo esta tentação, ha hoje alguma cousa no mundo? Nenhuma. Pois que he feito de tantos Reynos, que he feito de tantas Monarchias, que he feito de tantas grandezas? Erão vento, passarão: erão sombra, sumirãose: erão apparencias, desaparecerão. Ainda agora são o que de antes erão: erão nada, são nada.

Até dos marmores daquelle tempo não ha mais que pó, & cinza, & os homens, como bẽ notou Filo Hebreo, vendo isto cõ os nossos olhos, fomos <sup>Phil.</sup> <sup>Heb.</sup> tão cegos que fazemos mais caso deste pó, & desta cinza, que da propria alma: *Qui cinerem, & pulverem pluris facit, quam animam.*

65 Isto são hoje os Reynos daquelle tempo; & os Reynos de hoje que são? São por ventura outra cousa? Digao o Rey do Reyno mais florente, & o mais sabio de todos os Reys: *Verba Eccl. siastæ filii David Regis Hierusalem: vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* <sup>Ecol. i</sup> Eu fuy Rey, & filho de Rey (diz Salamão) experimentey tudo o que era, & tudo o que podia dar de si o poder, a grandeza, o senhorio do mundo, & achey, que tudo o que parece que ha nelle, he vão, & nada solido. E que bem pezado, & apertado, não vem a fer mais que huma vaidade composta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* Vaidade os scetros, vaidade as coroas, vaidade os Reynos, & Monarchias, & o mesmo mundo, que

que dellas se compoem, vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum*. Esta he a verdade, que não sabemos ver, por estar escondida, & andar enfeitada debaixo das apparencias, que vemos. E este he o conhecimento, & defengano, com que devemos rebater, & desprezar o tudo, ou o nada, com que nos tenta o mundo. Oh como ficarião desvancidas as mayores tentações, se foubessemos respôder ao omnia do demonio com o omnia de Salamão: *Omnia Regna mundi? omnia vanitas: omnia tibi dabo? omnia vanitas.*

66 Mas se todo este mundo, & tudo o que nelle mais avulta, he vão, antes a mesma vaidade; como he possível, q̄ tenha tanto valor, & tanto pezo com os homens, que peze para com elles mais que o Ceo, mais que a alma, & mais que o mesmo Deos? Tão falsas são as balanças do juizo humano! Não são ellas as falsas, fomos nós: *Mendaces filii*

*psalm. 1.18. hominum in stateris, ut decipiant de vanitate in idipsum.*

São taes os homens (diz David) que com a balança na mão trocáo o pezo às cousas,

Não diz, que as balanças são falsas, senão que os homens são falsos nellas: *Mendaces filii hominum in staterio*. E a razão desta falsidade, ou desta falsificação he, porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade: *Ut decipiant de vanitate in idipsum*. Não he o nosso juizo, o que nos engana, he o nosso affecto; o qual pendendo, & inclinando para a parte da vaidade, leva a poz si o fiel do juizo. Nestas balanças (q̄ são como as de S. Miguel, em que se pezão as almas) de hũa parte está a alma, da outra o mundo: de huma parte está o temporal, da outra o eterno: de huma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pomos o nosso affecto, & o nosso coração da parte do múdo, & da vaidade, esse affecto, & esse coração he o q̄ dá à vaidade do mundo o pezo, q̄ ella não tem, nem póde ter. A vaidade não amada, não tem pezo, porque he vaidade; mas essa mesma vaidade amada, peza mais que tudo, porque o nosso amor, & o nosso affecto, he o que falsamente lhe dá o pezo. De maneira, que o pezo

pezo não está nas coufas, está  
no coração, com que as ama-  
mos.

67 O mesmo David o dis-  
*Psalm.* se admiravelmente: *Fili ho-*  
4. 3. *minum usquequò gravi corde?*  
*ut quid diligitis vanitatem?*  
Filhos dos homens, até quan-  
do haveis de ter os coraçãoes  
pezados? Até quando haveis  
de amar a vaidade? Notay a  
consequencia. Queixase de  
amarem os homens a vaidade:  
*Ut quid diligitis vanita-*  
*tem?* & accuza-os de terem os  
córçãoes pezados: *Usquequò*  
*gravi corde?* porque o pezo,  
que achamos na vaidade, não  
está na mesma vaidade, senão  
no coração, cõ que a amamos.  
Amamos, & estimemos a vai-  
dade, & por isso a balança in-  
clina a ella, & com ella, & nos  
mostra falsamente o pezo,  
onde o não ha. Oh se pezassemos  
bem, & fielmente com o  
córção livre de todo o affe-  
cto; como veriamos logo, que  
a inclinação, & movimento  
da balança pendia todo para  
a parte da alma, & que todo  
o mundo contrapezado a ella,  
não peza hum attomo.

68 Agora entenderéis a  
astucia da tentação do demo-

nio, no modo com que hoje  
mostrou a Christo todos os  
Reynos do mundo. Diz S.  
Lucas, que lhos mostrou em  
hum instante: *Ostendit ei om-*  
*nia Regna orbis terræ in mo-*  
5. *mento.* E porque razão em  
hum instante? Porque não  
deu mais espaço de tempo a  
quem tentava com huma tão  
grande ostentação? Seria por  
ventura, porque ainda o De-  
monio quando engana, não  
póde encobrir a brevidade  
momentanea, com que passa,  
& se muda esta scena das cou-  
fas do mundo, apparecendo,  
& desapparecendo todas em  
hum instante? Assim o diz S.  
Ambrosio: *Non tam conspe-*  
*ctus celeritas indicatur, quam*  
*caduca fragilitas potestatis ex-*  
*primitur: in momento enim cun-*  
*ctæ illa prætereunt.* Mostrou  
o Demonio todos os Reynos,  
& grandezas do mundo em  
hum instante; porque as mos-  
trou assim com ellas faõ: &  
tudo o que ha neste mundo,  
não tem mais ser que hum in-  
stante. O que foy, já não he:  
o que ha de ser, ainda não he:  
& o que he, não he mais que  
no instante, em que passa: *In*  
*momento cuncta illa prætereunt.*

Boa razão, & verdadeira, como de tal Author. Mas ainda debaixo della se encobria outra astucia do tentador. O qual não quiz dar tempo ao tentado, para pezar o que lhe offerecia. O pezo das cousas vêse pela inclinação, & movimento da balança. E como em instante não pôde haver movimento; por isso lhe mostrou tudo em hum instante. Veja o tentado o mundo, que lhe offerêço; mas veja-o em instante sómente, & não em tempo, para que não possa averiguar o pouco que peza: *In momento omnia Regna mundi.*

69 Juntamente com os Reynos do mundo mostrou tambem o Demonio a Christo todas suas glorias: *Et gloriam eorum.* Mas ainda que authorizadas com tão espezioso nome, nenhum peador fazem à balança; porque são tão vans como o mesmo mundo, & ainda mais, se pôde ser. E se não discorrey por ellas com qualquer atomo de consideração. O que mais peza, & o que mais luz no mundo, são as riquezas. E que

cousa são as riquezas, senão

hum trabalho para antes, hum cuidado para logo, & hum sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado, & perdem-se com dor. Que cousa he o ouro, & a prata, senão huma terra de melhor cor? E que cousa são as perolas, & os diamantes, senão huns vidros mais duros? Que cousa são as galas, senão hum engano de muitas cores? Cabellos de Abfalaão, que pareciaõ madeixas, & eraõ laços. Que cousa he a fermosura, senão huma caveira com hum volante por cima? Tirou a morte aquelle véo, & fugis hoje do que ontem adoraveis. Que cousa são os gostos, senão as velporas dos pezares? Quem mais as canta, esse as vem a chorar mais. Que cousa são as delicias, senão o mel da lança de Jonathas? Juntamente vay à boca o favo, & o ferro. Que cousa são todos os passatempos da mocidade senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que podem ter, he chegarem a ser arrependimentos. Que cousa são as honras, & as

dignidades, senão fumo? Fumo q̄ sempre cega, & muitas vezes faz chorar. Que cousa he a privança, senão hum vapor de pouca dura? Hum rayo do Sol o levâta, & outro rayo o desfaz. Que cousa são as provisões, & os despachos grandes, senão hũas cartas de Urias? Todas parecem carta de favor, & quantas foraõ sentença de morte. Que cousa he a fama, senão hũa enveja comprada? Huma funda de David, que derruba o Gigante com a pedra, & ao mesmo David com o estralo. Que cousa he toda a prosperidade humana, senão hũ vento que corre todos os rumos? Se diminue, não he bonança; se cresce, he tempestad: Finalmente, que cousa he a mesma vida, senão huma alampada acceza, vidro, & fogo? Vidro, q̄ com hũ assopro se faz, fogo, que com hum assopro se apaga. Estas são as glorias do voffo Mundo, & dos vossos Reynos: *Omnia Regna mundi, & gloriam eorum.* E por estas glorias falsas, vans, & momentaneas damos aquella alma immortal, que Deos criou para a Gloria verdadeira, & eter, na.

70 Certo que andou o Demonio muito nescio em mostrar o mundo, & suas glorias, a quem queria tentar cõ ellas. Havia de encobrir a mercadoria, se queria que lha comprassem. O mundo prometido, forte tentação parece; mas visto, não he tentação. Quereis que vos não tente o mundo, ou que vos não vença, se vos tentar? Olhay bem para elle. Mordião as serpentes no deserto venenosamente aos filhos de Israel. E que fez Moysés? Mandou levantar em lugar alto huma daquellas serpentes feita de bronze: olhavaõ para ella os mordidos, & saravão. Todos nesta vida andais mordidos: huns mordidos do valimento, outros mordidos da ambição, outros mordidos da honra, outros mordidos da inveja, outros mordidos do interesse, outros mordidos da afeição; em fim todos mordidos. Pois que remedio para sãrar destas mordeduras do mundo? Põr o mesmo mundo diante dos olhos, & olhar bem para elle. Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos, que veja como todo

he nada, como todo he mentira, como todo he inconstancia, como hoje não são os que hontem forão, como à manhã não haõ de fer os que hoje são, como tudo acabou, & tudo acaba, como todos havemos de acabar, & todos imos acabando; em fim que veja ao mundo bem como he em si, que se não defengane cõ elle, & se não defengane delle? A serpente de Moysés era de bronze; o mundo tambem he serpente, mas de barro, mas de vidro, mas de fumo, que ainda são melhores metaes para o defengano.

§. IV.

71 Mas demos já huma volta à balança. Vimos quanto peza o mundo: vejamos agora quanto peza hũa alma. Neste pezo entramos todos. O pezo do mundo não pertence a todos, porque muitos tem pouco mundo: o pezo da alma, ninguem ha, a quem não pertença: o Rey, o vassallo, o grande, o pequeno, o rico, o pobre, todos tem alma. Ora vejamos quanto peza, & quanto val isto, que todos tra-

zemos, & temos dentro em nós.

Onde porém acharemos nós huma balança tal, que se possa pezar nella huma alma? Quatro mil annos durou o mundo, sem haver em todo elle esta balança. E por ventura essa foy a occasião de se perderem naquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da Redempção, pozse o Filho de Deos em hũa Cruz: & ella foy a verdadeira, & fiel balança, que a Divina Justiça levantou no Monte Calvario, para que o homem conhecesse quam immenso era o pezo, & preço da alma, que tinha, perdido. Assim o canta, & no lo ensina a Igreja:

*Beata cujus brachiis  
Pretium pependit seculi;  
Statera facta corporis.  
Tulitque prædam Tartari.*

Vês, homem, aquella Cruz, em que está pendente, & morto o Filho de Deos? Pois sabe, que ella he a balança justa, em que Deos pezou o preço da tua alma, para que tu a não desprezes. O braço direito desceo tanto com o pezo, que

não só trouxe a Deos do Ceo à terra; mas do Ceo até o inferno: & o braço esquerdo fubio tanto, que estando a alma no inferno pelo peccado, não só a levantou do inferno, mas a poz no Ceo. De maneira, q̄ quem fielmente quizer pezar huma alma, não ha de pôr de hũa parte da balança a alma, & da outra o mundo, senão de hũa parte a alma, & da outra a Deos. O mundo custou a Deos huma palavra; a alma custou a Deos o sangue, custou a Deos a vida, custou a Deos o mesmo Deos: *Qui dedit semetipsum redemptionem pro omnibus.* Ouvi agora a Eusebio Emiffeno: *Tam copioso munere ipsa Redemptio agitur, ut homo Deum valere videatur.* He tal o preço, que Deos deu pelas almas, que posta de hũa parte a alma, & da outra o preço, parece que val tanto a alma como Deos. Parece, diz; porque Deos verdadeiramente, val, & peza mais que toda a alma. Mas a Divina Justiça não poz em balança com a alma outro pezo, nem aceitou por ella outro preço, que o do mesmo Deos; porque de pezo a pezo, só Deos se pôde

contrapezar com a alma; & de preço a preço, só Deos se pôde avaliar com ella: *Ut Deus valere videatur.* Sendo pois esta a verdadeira balança, & sendo este o pezo, & o preço da alma, q̄ tão cara comprou Deos, & nós tão barata vendemos ao Demonio; não vos quero persuadir que a não vendais: só vos peço, & vos aconselho, que o não façais sem a pôr primeiro em leilão. O Demonio no primeiro lanço offereceo por ella o mundo: Deos no segundo lanço deu por ella a si mesmo: se achares quem vos dê mais pela vossa alma, day-a embora.

72 Toda a desgraça da pobre alma, tão falsamente avaliada, & tão vilmente trocada, & vendida, he porque a não vemos, como vemos o mundo. O Demonio mostrou todos os Reynos do mundo: *Ostendit ei omnia Regna mundi:* se eu tambem vos pudera mostrar huma alma, estavaõ acabadas todas as tentaçoes, & não erãõ necessarios mais discursos. O Demonio dá todo o mundo por huma alma, porque a vê, & a conhece: he

espírito, vê as almas. Nós, co-

mo fomos corpo, vemos o mundo, & não vemos a alma; & porque a não conhecemos, por isso a desestimamos. Oh se Deos nos mostrasse huma alma; que pasmo, que estimação feria a nossa, & que desprezo de quanto ha no mundo, & na vida! Mostrou Deos hũa alma a Santa Magdalena de Pazzi, & oito dias ficou fóra de si, arrebatada, de asombro, de pasmo, de estranheza, só na memoria, na admiração, na novidade do que vira. Isto he huma alma? Isto he. A Santa Catharina de Sena mostroulhe Deos tambem huma alma, & dizia ( como refere S. Antonino ) que nehum homem haveria, se tivesse visto hũa alma, que não desse por ella a vida cem vezes cada dia; & não pela propria, senão pela alhea. De forte, que toda a differença, & toda a desgraça está, em que o mundo, com que o Demonio nos engana, he visível, & a alma invisível. Mas por isso mesmo haviamos nós de estimar muito mais a alma, se tiveramos juizo. O mundo he visível, a alma he invisível: o mundo vê-se, a alma não se vê;

Logo muito mais preciosa he a alma, muito mais val que todo o mudo. Ouvi a S. Paulo: *Non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur: quæ enim videntur, temporalia sunt, quæ non videntur, æterna.* Não havemos de admirar, nem estimar o que se vê, senão o que se não vê, diz S. Paulo; porque o visível, o que se vê, he temporal: o invisível, o que se não vê, he eterno. O mundo, que o Demonio me mostra, he visível, porque he temporal como o corpo: a alma, que o Demonio me não pôde mostrar (nem me havia de mostrar, se poderia) he invisível, porque he eterna como Deos; & assim como os olhos não podem ver a Deos por sua soberania; assim não podem ver a nossa alma. Não he a nossa alma tão baixa, que a houvessem de ver os olhos. Vem o mundo, vê o Ceo, vem as Estrellas, vê o Sol; a alma não a podem ver, porque não chega lá a sua esfera.

73 Mas já que fomos tão corporaes, & damos tão credito aos olhos; os mesmos olhos quero que nos digaõ, & que cõfessem o que he a alma.

Aug.

Quereis ver o que he huma alma? Olhay (diz Santo Agostinho) para hum corpo sem alma. Se aquelle corpo era de hum Sabio, onde estaõ as sciencias? Foraõse com a alma, porque eraõ suas. A Rethorica, a Poesia, a Filosofia, as Mathematicas, a Theologia, a Jurisprudencia, aquellas razoes taõ fortes, aquelles discursos taõ deduzidos, aquellas sentenças taõ vivas, aquelles pensamētos taõ sublimes, aquelles escritos humanos, & divinos, que admiramos, & excedem a admiração: tudo isto era a alma. Se o corpo he de hum artifice, quem fazia viver as taboas, & os marmores? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, que dava nova fórma, & novo ser à mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade à terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, & a unir as distancias do Universo, & meter todo o mundo venal em huma praça? A alma. Se o corpo morto he de hum soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arrayaes, a fabrica dos muros, os engenhos, &

machinas bellicas, o valor, a bizzarria, a audacia, a constancia, a honra, a vitoria, o levar na lamina de hũa espada a vida propria, & a morte alheia. Quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo he de hũ Principe, a Magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa. De quem eraõ governadas, & de quem eraõ? Da alma. Se o corpo he de hum Santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extasis, os raptos, sobido o mesmo pezo do corpo, & suspendido no ar: que maravilha! Mas isto he alma. Finalmente os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella he. Huma cobiça, que nunca se farta, hũa soberba, que sempre sobe, hũa ambição, que sempre aspira, hum desejo, que nunca aquieta, huma capacidade, que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, huma altiveza como a de Adam, que não se

con-

contenta menos, que com fer Deos. Tudo isto, que vemos com nossos olhos, he aquelle espirito sublime, ardente, grãde, immenso, a alma. Até a mesma fermosura, que parece dote proprio do corpo; & tão arrebatada, & cativa os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de cor, aquella ar, aquella brio, aquella vida; que he tudo, senão alma? E senão, vede o corpo sem ella, insta Agostinho: *Non facit corpus unde ametur, nisi animus?* Aquillo que amaveis, & admiraveis, não era o corpo, era a alma: *Recessit, quod non videtur, remansit, quod cum dolore videatur*, apartouse o que se não via, ficou o que se não pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de Magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. Vio S. Francisco de Borja o corpo defunto, & disforme da nossa Imperatriz Dona Isabel, & que lhe succedeo? Pela differença do corpo morto; vio naquelle espelho o que era a alma; & como vio o que era

a alma, deixou o mundo. Não nos enganara o Demonio eõ o mundo, se nós viramos, & conhecemos bem o que he a alma. Mas já que a não podemos ver em si, vejamos em nós: no que o corpo ha de fer, vejamos o que ella he.

§. V.

75 Então que nos diga o Demonio com a boca muito chea, & muito inchada: *Hæc omnia tibi dabo*. Mente o Diabo, & troque as balanças: o omnia, não ha de estar na balança do mundo, senão na balança da alma. O tudo deste mundo, & do outro, he a alma, não he o mundo. No Capitulo doze de São João diz Christo: *Et Ego cum exaltatus fuerò à terra, omnia trabã* <sup>Joan.</sup> <sub>12.32</sub> *ad me ipsum*. E eu quando for levantado na Cruz, hey de trazer a mim tudo: *omnia*. Digão-me agora os doutos, que tudo he este, que Christo havia de trazer a si? Christo desde o instante da Encarnação, foy Senhor universal de tudo pela união hipostatica, pelo direito hereditario da filiação, como Filho natural de Deos,

Ad Deos, & por outros muitos  
*Hebr.* titulos. S. Paulo: *Quem con-*  
*1. 2.* *stituit heredem unversorum.*  
*Joan.* S. João: *Sciens quia omnia de-*  
*13. 3.* *dit ei Pater in manus.* E o  
*Matt.* mesmo Christo: *Omnia mihi*  
*11. 21.* *tradita sunt à Patre meo.* Pois  
 se Christo era, & sempre foy  
 Senhor de tudo; que tudo  
 era este, que diz que ha de ad-  
 quirir, & trazer a si na Cruz?  
 Era o tudo, que só he tudo, as  
 almas. Assim o resolve S. Chri-  
 stostomo, S. Cyrillo, Theofi-  
 lato, Beda, Leoncio, & todos.  
 Desde o instante da Encarna-  
 ção foy Christo absoluto Sen-  
 hor de todas as creaturas,  
 quanto ao dominio, & quanto  
 à fogueição: só das almas, ain-  
 da que era Senhor, quanto ao  
 dominio; quanto à fogueição  
 não o era, para que estavaõ  
 cativas, & escravas do Demo-  
 nio, & do peccado. E como  
 Christo na Cruz havia de re-  
 mir, adquirir, fogueitar, & tra-  
 zer a si as almas; este he o tu-  
 do, a que absolutamente cha-  
 ma tudo: *Omnia traham ad*  
*me ipsum.*

76 E se me perguntardes,  
 porque na Cruz não trouxe a  
 si actualmente mais que huma  
 só alma, a do Bom Ladraõ?

Foy, porque entendeffemos  
 que o tudo de que fallava, não  
 eraõ só todas as almas colle-  
 ctivamente, senão qualquer,  
 & cada huma dellas. Assim o  
 declarou admiravelmente a  
 verfaõ Siriaca: *Unumquemque*  
*traham ad me ipsum.* Todas  
 tudo, cada hũa tudo. A vossa  
 alma he tudo, a minha tudo, a  
 de Dimas, & a de qualquer  
 homem, tudo: *omnia: unum-*  
*quemque.* Mas para que são  
 verfoens, nem exposiçoens, se  
 temos o mesmo Author do  
 texto? *Simile est Regnum Cœ-*  
*lorum homini negotiatori que-*  
*renti bonas margaritas, inven-*  
*ta una pretiosa margarita, de-*  
*dit omnia sua, & comparavit*  
*eam.* Hum Mercador ( diz  
 Christo ) que negociava, &  
 tratava em perolas, achando  
 huma, deu tudo quanto tinha, *Matt.*  
 & comprou-a. Quem he o *13. 45*  
 Mercador, qual he a perola,  
 & que he o tudo, que deu por  
 ella? O Mercador ( diz Hay-  
 mo ) he Christo, a pedra pre-  
 ciosa he a alma, o tudo q̄ deu  
 por ella, he tudo o que Deos  
 tinha, & tudo o que era. De  
 maneira, que não por todas,  
 nem por muitas, senão por  
 huma só alma: *Una pretiosa*  
*mar-*

*margarita* : deo Deos tudo o que tinha, & tudo o que era & não húa só vez, nem por húa só modo, fenaõ por tantos: *Se nascens dedit socium, convescens in edulium, se moriens in pretium, se regnas dat in premium.* Deuse na Encarnação, deuse no Sacramento, deuse na Cruz, da-se na Gloria. E aquillo porque Deos tantas vezes, & por tantos modos deu tudo, vede se he tudo: *Omnia traham ad me ipsum.* A alma, a alma, tentador, he o verdadeyro tudo, & não o Mundo, a que tu falsamente dás esse nome: *Hæc omnia tibi dabo.*

77 Que bem o entendeo assi o mesmo Demonio, que para tudo nos dá armas. Terceira vez vencido o tentador, diz São Lucas, que se retirou por entãõ, não para desistir totalmente de tentar a Christo; mas reservando a tentação para outro tempo. *Et consummata omni tentatione diabolus recessit ab illo usque ad tempus.* Com tudo, nem S. Lucas, nem algum dos outros Evangelistas dizem expressamente quando o Diabo tornasse a tentar a Christo.

Luc.  
4. 13.

Que tempo foy logo este, & que tentação? Santo Athanasio, & comunmente os Padres, & Expositores resolvê, que o tempo foy no ultimo dia, & hora da morte de Christo, ( que he a occasião em q o Demonio faz o ultimo esforço para tentar aos homê.) & que a tentação foy por boca dos Judeos, quando disserão: *Si Filius Dei est, descen-* *Matt.*  
*dat de Cruce, & credimus ei: 27. 42*  
Se he Filho de Deos, deça da Cruz, & creremos nelle. E verdadeyramente a frasi, & modo da tentação, bem mostra ser do mesmo artifice que tinha tentado a Christo no deserto, & no Templo, onde sempre começou, dizendo: *Si Filius Dei es.* Vede agora a astucia, & consequencia do Demonio, em que fundou toda a sua esperança. Como na ultima tentação, em que se retirou vencido, tinha offerecido a Christo todos os Reynos do Mundo, fez este discurso: Este homem offerecilhe todo o Mundo, & não o pude render: necessario he logo acrescentar, & reforçar a tentação, & offerecerlhe coufa que peze, & valha mais que

todo o Mundo : cousa de maior preço , & de maior valor que todo o Mundo , não a ha, senão a alma : heyo de tentar com almas; & assi o fez : *Descendat de Cruce , & credimus ei.* Desorte , que só com o offerecimento daquellas almas, que o Demonio tanto possu-hia , lhe pareceo , que podia render a quem não tinha rendido com o offerecimento de todo o Mundo.

78 Esta foy a tentação q̄ o Demonio reservou para a ultima batalha. Mas ainda q̄ nesta occasião fez o tiro a Christo com muitas almas , já antes della o tinha feyto com hũa só , não offerecendo-lha, mas querendo-lha roubar. Para o Demonio roubar a Christo a alma de Judas , persuadiolhe a trayção. E que fez o bom Pastor, para tirar dos dentes do lobo aquella ovelha? Lançou-se aos pés do mesmo Judas para lhos lavar. *Cum*

*Joan. 13.2. jam diabolus misisset in cor , ut traderet eum Judas . cepit lavare pedes Discipulorum.* Senhor meu , vós aos pés de Judas, persuadido pelo Demonio a vos entregar? Vós aos pés de Judas, a quem chamastes De-

monio : *Ex vobis unus diabolus est?* Ainda he maior , & mais fundada a minha admiração. Diz expressamente S. Lucas , que antes deste acto, & deste dia já o Demonio tinha entrado em Judas? *Intra- vit Satanas in Judam, & qua- rebat oportunitatem , ut traderet illum : venit autem dies azimorum ; in quo oportebat occidi Pascha.* Pois se Judas não só he Demonio por maldade , mas em Judas está por realidade o mesmo Demonio , como se ajuelha Christo diante de Judas ? A figura em q̄ o Demonio tentou a Christo quando disse : *Si cadens adoraveris me* : era de homẽ , & não de Demonio : Judas, em quem agora está o Demonio , tambem he homem : como pois se ajuelha Christo a hum homem , que he Demonio , & dentro do qual está o Demonio ? Aqui vereis quanto val huma alma ; & quanto val mais que o Mundo todo. Por todo o Mundo não dobrou Christo o juelho , nem o podia dobrar a hum Demonio transfigurado em homem : & por huma alma lançou-se de juelhos aos pés de hum ho-

mem, que era Demonio; & tinha dentro de si o Demonio. Por todo o Mundo não conseguiu o Demonio, que Christo se ajuehasse a elle: por huma alma, senão conseguiu, que se ajuehasse a elle, conseguiu, que se ajuehasse diante d'elle.

79 Ah idolatras do Mundo! que tantas vezes dais a alma, & dobrais o juelho ao Demonio, não pelo Mundo todo, senão por hūas partes tão pequenas d'elle, que nem migalhas do Mundo se pôde chamar? Quantos Princepes dão a alma, & tantas almas ao Demonio por huma Cidade, por hūa fortaleza? Quantos titulos por hūa Villa? Quantos nobres por hūa quinta, por hūa vinha, por hūa casa? Que palmo de terra ha no Mundo, que não tenha levado muitas almas ao inferno, pela demanda, pelo testemunho falso, pela escriptura suposta, pela sentença injusta, pelos odios, pelos homicidios, & por infinitas maldades? Se o Mundo todo não peza hūa alma, como pezaõ tanto estes pedacinhos do Mundo? Barro alfin, Deitay ao mar hum vaso

de barro inteiro, nada por cima da agua: quebray esse mesmo vaso, fazeyo em pedaços, & todos atè o mais pequeno se vão ao fundo. Se o Mundo todo inteiro peza tão pouco, como pezaõ tanto estes pedacinhos do Mundo, que todos se vão ao fundo, & nos leuão a alma a poz si? Quizera acabar aqui, & já ha muyto que devera; mas como estamos em hum ponto de tanta importancia, que he a mayor, & a unica, & toca igualmente a todos, & a cada hum, dayme licença, com q̃ acabe de defarmar ao Demonio, dando-lhe muitas mais armas das q̃ elle tem, & concedendo-lhe tudo o que hoje prometteo, & tudo o q̃ se não atreveo a prometter. Se algum hora me déstes attençaõ, seja neste ultimo argumento, que defejo apertar de maneyra, que não haja coraçãõ tão duro, nem entendimento tão rebelde, q̃ não dê as mãos, & fique vencido.

§. VI.

80 Quando o Demonio offerecco o Mundo a Christo,  
K ij disse-

Luc.  
4.6.

disselhe juntamente ( como refere S. Lucas ) que elle tinha poderes de Deos, para dar o que offerecia: *Tibi dabo potestatem hanc universam, & gloriam eorum, quia mihi tradita sunt, & cui volo, do illa.* Estes poderes que o Demonio allegava, erão tão falsos, como as mesmas promessas. Mas para apertarmos este ponto, suponhamos, que os poderes eraõ verdadeyros, & q̃ erão ainda mayores. Suponhamos, que tinha o Demonio poderes de Deos, para verdadeiramente dar este Mundo a hum homem, & demais destes poderes, que tinha tambem delegação da Omnipotencia, para prometter, cumprir, & executar tudo o que quizesse. Neste caso, se o Demonio nos propuzesse o mesmo contrato que hoje propoz a Christo: se nos offercesse todos os Reynos, & grandezas do Mundo, & nos mostrasse procuraçõens de Deos para tudo; acythallohamos? Eu entendo que neste caso, qualquer homem bem entendido podia pôr tres replicas, ou tres instancias a este offercimento. A primeira, na brevi-

dade da vida, a segunda, na inconstancia dos Reynos, a terceira, na limitação da natureza humana. Ora discorrey comigo, & fallemos com o Demonio. Tu, Demonio, me offerces todos os Reynos do Mundo. Grande offercimento he; mas bem sabes tu, que Alexandre Magno não durou mais que seis annos no Imperio, & outros Emperadores durarão muito menos, & algum houve, que durou só tres dias. Pois por seis annos, ou por vinte annos, ou por quarenta annos, que posso viver, & esses incertos, hey eu de entregar a minha alma? Não he bom partido. Não seja essa a duvida ( diz o Demonio ) eu te seguro, com os poderes que tenho, cem mil annos de vida, & esses sem dôr, sem velhice, sem enfermidade: ha mais outra duvida? Si ha. Ainda que eu haja de ter cem mil annos de vida, quẽ me segurou a mim a duração, & permanencia desses Reynos, & dessa Monarchia? Não ha cousa mais inconstante no Mundo, que os Reynos, nem menos duravel, que sua gloria, & felicidade. Sem re-

correr

*Neste  
repouso  
deglora  
do El  
Rey de  
Ingla-  
terra.*

correr aos exemplos passados, digaõ-no as mudanças que vimos nestes nossos dias, em q̃ tão pouco segura tiveraõ os Reys a obediencia dos vassallos, & a Coroa, & ainda a mesma cabeça, sobre que assentão as coroas. Pois se os vassallos mesmos se me houvessem de rebelar, ou os estranhos me houvessem de conquistar os Reynos, que me importaria a mim ter o nome, & o dominio delles? Não seja essa tambem a difficuldade (diz o Demonio) eu te asseguro a duração, & perpetuidade da Monarchia, & todos os Reynos que te mostrey, por espaço de cem mil annos; & te prometto, que os possuirás sempre quietos, & pacificos. Ha mais ainda alguma cousa em q̃ reparar? Ainda ha hũa. Sendo eu Rey de todo o Mundo, não me posso gozar de todo elle no mesmo tẽpo. Quando tiver a Corte em Lisboa, não a posso ter em Pariz: quando a tiver em Roma, não a posso ter em Constantinopla: se lograr as terras da Europa, não posso lograr as da America: se lograr as delicias de Italia, não posso gozar as da In-

dia. Pois se eu não hey de ter mais capacidade para os gostos da vida, do que tem qualquer outro homem; que me importa ter tanto poder, & tanta materia para elles? Também isso tem remedio, (diz o Demonio.) Assim como Christo no Sacramẽto estã em todos os lugares do Mundo, sendo hum só, & o mesmo: assim farey eu pela omnipotencia delegada, que tu, sendo hum só, estejas juntamente em todos os lugares do Mũdo, para que em todos possas gozar tudo o que quizeres.

82 Eis aqui as condições com que suponho, que nos offerece o Demonio o seu cõtrato. Parecevos que são boas condiçoens estas, & dignas de se asscaytarem? Hum homem com cem mil annos de vida seguros, sem dor, nem enfermidade: hum homem Monarca universal de todos os Reynos do Mundo, com certeza de não se mudarem: hum homem multiplicado em todas as partes do Mundo, para poder gozar no mesmo tẽpo as delicias de todo elle. Parece, que a imaginaçãõ não pôde inventar mais, nem querer

mais o desejo. Dizeyme agora : se este contrato volo offereceffe o Demonio, afinado por Deos, aceytarieis esta vida, esta Magestade, estas delicias de cem mil annos, cõ condição de no cabo delles perder a alma, & ir ao inferno? He certo que nenhum de nõs accitaria tal contrato, Ao menos, eu não. Pois se não aceytariamos ao Demonio hum tal contrato; como aceitamos tentaçõens tão diferentes? Dizeyme quando o Demonio vos tenta, promettevos larga vida? Antes são muitas vezes taes as tentaçõens, que sabeis de certo, q̃ caundo nellas, quando menos, haveis de encurtar a vida, & perder a saude. Mais. Quando o Demonio vos tenta, promettevos Reynos, & Monarchias univcrsaes do Mundo? Não: hum governo, hũa privança, hum titulo, hum morgado, hũa herança, & outros interesses menores. Mais. Quando o Demonio vos tenta multiplicavos a capacidade dos sentidos, para que possais gozar com mayor largueza, & sem limite os gostos, & delicias do Mundo? Nada

disto. Pois se fora locura, & rematada locura entregar hũ homem a sua alma por aquelle contrato; que será entregarmola cada dia, & cada hora por tentaçõens de tanto menos porte? Por hũa vaidade, por hum desejo; por hũa representação, por hum pensamento, por hũ appetite, que no instante de antes o desejais, & no instante de depois o aborreceis? Tomára que me respondesseis a esta evidência, para ver que razão me dais.

83 Sõ huma vos pòde occorrer que tenha algũa apparencia, & he o que nos engana a todos. Padre entre aquelle contrato, & as tentaçõens ordinarias do Demonio, há hũa differença grande. Consentindo naquelle contrato, ficava eu perdendo a minha alma de certo: consentindo nas outras tentaçõens, sómente ponho a minha alma em duvida, porque depois de aceitar a tentação, & lograr o que o Diabo, ou o appetite me promette, posso arrependermẽ, & salvarme. Primeira-mente essa mesma conta fizeram todos os Christãos que estão no inferno. Mas sem che-

chegar a esta supposição; tão leve negocio he pôr a alma, & a salvação em duvida? Aprendamolo do mesmo Demonio, & torne a tentação a ser remedio. Quando o Diabo tentou a Christo, bem via que aquelle homem quem quer que fosse, depois de acceytar o partido, & se ficar cõ os Reynos do Mundo, assi como se houvesse posto de juelhos diante do Demonio, para o adorar, assi se podia pôr de juelhos diante de Deos, para pedir perdão, & se restituir à sua graça, & salvarse. Pois se isto era assim, porque lhe offercia o Demonio todo o Mundo, só por aquella adoração, só por aquelle peccado? Porque aquelle peccado em hum homem, ainda que lhe não tirava a salvação com certeza, punhalhe a salvação em duvida; & só por pôr em duvida a salvação de huma alma, dará, & dá o Demonio todo o Mundo. Pois, se o Demonio, que não he interessado, como eu, dá hũ Mundo, só por pôr a minha salvação em duvida; eu porque porey em duvida a minha alma, & a minha salvação, ainda que seja por to-

do o Mundo?

84 Christãos, Deos nos livre de pôr a salvação de nossa alma em duvida, ainda que seja pelo preço de todo o Mundo, & de mil Mundos. O que se poem em duvida, pôde ser, & pôde não ser: & se for? se a duvida inclinar para a peor parte, se eu me não salvar, & me condenar, como se condenarão tantos que lhe fizerão esta mesma conta, será bem que fique a alma nestas contingencias? Oh tristes almas as nossas, que não sey q̃ nos tem feito, que tanto mal lhe queremos! Por certo, que não nos havemos nõs assi nas temporalidades. O negocio em que vos vay a vida, ou a fazenda, ou a honra, ou o gozto, contentaivros com o deixar nestas duvidas? Não buscais sempre o mais seguro? Pois só o a Deos, & á ventura, hão de ser para a triste alma? Vede como se queixava Christo desta semrazão: *Diviserunt sibi vestimenta mea, & super vestem meam miserunt sortem.* <sup>Matt. 27. 35</sup> As minhas vestiduras exteriores, dividiraõ-nas para si, & a minha tunica interior, lançaõ-na a fortes. Os vestidos

dos exteriores de Christo dividiraõ-nos entre si os soldados em partes iguaes : a tunica interior jugaraõ-na , a ver quem a levava inteyra. Que he esta tunica interior , & que vestiduras exteriores são estas que os homens receberaõ de Deos? As vestiduras exteriores são os bens temporaes , a tunica interior , he a alma. Vede agora com quantã razaõ se queyxa Christo: *Diviserunt sibi vestimēta mea:* as vestiduras exteriores , os bens temporaes , estimaõ-nos os homens tanto , que os não querem pôr na duvida de hũa forte, dividemnos com grande tento , reparando em hum fio , & cada hum segura a sua parte : *Et super vestem meam miserunt sortem:* porẽm a tunica interior , a alma , fazem taõ pouco caso della os homens, que a lançaõ a sortes, & á ventura , ao tombo de hum dado. Atrevemonos a estar eternamente no inferno? Para quando guardamos os nossos juizos? Para quando guardamos os nossos entendimētos? Porque cuidais q̃ foraõ prudentes as cinco Virgens do Euangelho? Porque eraõ mui-

to entendidas? Porque fallavaõ com grande discricaõ? Naõ. Porque quando as companheiras lhe pediraõ do oleo para acompanhar o Esposo ás vodas, ellas responderaõ: *Ne forte non suffi rat nobis , & vobis:* não amigas , porque não sabemos se nos bastará o que temos. Põr em duvida a entrada do Ceo , pôr em duvida a salvaçaõ da alma; nem por amor das amigas, nem por amor das vodas , nem por amor do Esposo.

Mat.  
249.

## §. VII.

85 Não digo eu pôr a salvaçaõ da alma em duvida. Ainda que algum de nòs soubera de certo , & tivera revelaçaõ , que a sua alma se nam havia de salvar , só por ser alma , a não havia de dar por nenhum preço do Mundo. Ouvi hũa ponderaçãõ , q̃ me faz tremer. He de fé , que o Filho de Deos morreo por todos os homens. Assi o defini Innocencio Decimo em nossos dias, contra o erro dos Janenistas , & assi o diz expressamente S. Paulo em dous lugares de suas Epistolas: na se-

segunda ad Corinth. cap. 5.

*Christus pro omnibus mortuus*

1. *7* bi-  
mot. 2. *est.* E na primeira ad Timoth.  
6. cap. 2. *Qui dedit redemptionem*  
*semetipsum pro omnibus.* To-

dos ds homens quantos ha, & houve, & ha de haver no mûdo, ou são predestinados, que se haõ de salvar, ou são precitos, que se haõ de perder. Que Christo morresse pelas almas dos predestinados, bem está, são almas que se haõ de salvar, & que haõ de ver, & gozar, & amar a Deos por toda a eternidade; mas morrer Christo, & dar o preço infinito de seu sangue tambem pelas almas dos precitos? Si. Morreo pelas almas dos predestinados, porque são almas que se haõ de salvar: & morreo tambem pelas almas dos precitos, porq̃ ainda q̃ senão haõ de salvar, são almas. Nos predestinados, morreo Christo pela salvação das almas: nos precitos, morreo pelas almas sem salvação; porque he taõ grande o valor das almas por si mesmas, ainda sem o respeyto de se haverem de salvar, que deu Deos por bem empregado, ou por bem perdido nellas o preço infinito

de seu sangue. Grande exemplo em hũa alma particular.

86 Fez Christo por Judas os extremos que todos sabem; mas nem todos os ponderaõ, como merecem. Se Christo tivera certeza de que Judas se havia de salvar, bem empregadas estavaõ todas aquellas despezas de trabalho, & de amor. E se, quando menos, a salvação de Judas estivera duvidosa, tambem era bemavêturar todas aquellas diligencias na contingencia dessa duvida. Mas Christo sabia de certo, que Judas era precito, & se havia de condenar. Pois, Senhor, como empregais, & despendeis tantas vezes o preço infinito de vossas palavras, de vossas accões, & de vossas lagrimas com esse infeliz homem? Não sabeis, que se ha de perder a sua alma? Si sey; mas ainda que se ha de perder, he alma. A certeza da sua perdição não lhe tirou o ser, antes acrescenta a dôr de tamanha perda. E que haja ainda almas, que se queirão perder certamente? Que haja ainda tantos Judas, que dêem entrada ao Demonio em suas almas, não por todo o

Mundo, nem por trinta dinheiros, mas por outros preços mais viz, & mais vergonhosos?

87 Ora, Christãos, se hũa alma ainda sem o respeyto da salvação, val tanto, as nossas almas, que pela misericordia de Deos, ainda estão em estado de salvação, porq̃ as estimamos tão pouco? Que nos fizeraõ as nossas almas, para lhes querermos tão mal, para as desprezarmos tanto? Christo estima infinitamente a minha alma mais que todo o Mundo: o mesmo Demonio estima tambem mais a minha alma que todo o Mundo, & só eu hey de estimar todas as cousas do Mundo mais que a minha alma? Que cousa ha neste Mundo tão vil, ou seja da vida, ou seja da honra, ou seja do interesse; ou seja do gosto, que a não estimemos mais que a alma, & que não vendamos a alma por ella? Ponhamos os olhos em hum Christo crucificado, & aprendamos naquella balança a pesar, & estimar nossa alma. Como está Christo na Cruz? Despido, afrontado, atormentado, morto: despido pela

minha alma, para que eu estime mais a minha alma, que o interesse: afrontado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma, que a hõra: atormentado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma, que os gostos: morto pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma, que a vida. Oh peze-mos, & peze-mos bem o que he, & o que ha de fer o mundo; o que he, & o que ha de fer a nossa alma. Seja esta a principal devação desta Quaresma, & seja tambem a principal penitencia. Não vos peço, que nesta Quaresma acrescenteis as devaçoes, nem as penitencias; só hũa comutação dellas vos peço, & he, q̃ tomeis na mão aquella balança. Tomemos se quer meya hora cada dia, para nos fecharmos com nosco, & com a nossa alma, & para tratarmos della, & com ella. Diz S. João no Apocalypse: *Factum est Apoc. silentium in Caelo quasi media* 8.1. *hora*: que se fez silencio no Ceo por espaço de meya hora, em quanto se tratava das petições da terra. Se no Ceo, onde tudo he segurança; & fe-

felicidade, se toma meya hora para tratar da terra, na terra, onde nada he seguro, & tudo he miseria; porque se não tomará meya hora para tratar do Ceo? De vinte & quatro horas do dia, não lhe bastaram ao corpo vinte & tres & meya, & a pobre alma não terá se quer meya hora? E que seja necessario, que isto se vos esteja rogando, & pedindo, & que não baste? Ora, fideis Christãos, façamolo assi todos nesta Quaresma, para q̄ també a Quaresma seja Christãã. Consideremos, que a nossa alma he hũa só; que esta alma he immortal, & eterna; que a uniaõ, que té esta alma com o corpo ( a que chamamos vida ) pôde desfatar-se hoje; que todas as cousas deste Mundo cá hão de ficar, & só a nossa alma ha de ir com nosco; que a esta alma a esperaõ hũa de duas eternidades: se formos bons, eternidade de gloria; se formos máos, eternidade de pena. He isto verdade, ou mentira? Cremos que temos alma, ou não: o cremos? São estas almas nossas, ou são alheas? Pois que fazemos.

88 Também das alheas nos devemos lastimar muito. Todo o Mundo, que o Demônio hoje offereceo a Christo, foy por huma alma alhea. Se dá todo o Mundo o Demônio por perder hũa alma; porque não daremos nós, & porque não faremos algũa cousa por tantas almas, que se perdem? Neste mesmo instante se estão perdendo infinitas almas na Africa, infinitas almas na Asia, infinitas almas na America ( cujo remedio venho buscar ) tudo por culpa, & por negligencia nossa. Verdadeiramente não ha Reyno mais pio que Portugal; mas não sey entender a nossa piedade, nem a nossa fé, nem a nossa devação. Para as almas, que estão no Purgatorio, ha tantas Irmandades, tantas Confrarias, tantas despezas, tantos procuradores, tantos que as encontram de noyte, & de dia: só aquellas pobres almas, que estão indo ao inferno, não tem nada disto. As almas do Purgatorio, ainda que padecção, tem o Ceo seguro; as que vivem, & morrẽ na gentildade, não só tem o Ceo duvidoso, mas o inferno

& a condenação certa, sem haver quem lhes acuda. Não he mayor obra de misericórdia esta? Pois porque não haverá também hũa Irmandade; porque não haverá também huma Congregação; porque não haverá também hũa junta; porque não haverá também hũ procurador daquellas pobres almas? Senhor, estas almas não são todas remidas com o vosso Sangue? Senhor, estas almas não são todas remidas com o Sangue de Christo? Senhor, a conversão destas almas não a entregastes aos Reys, & Reyno de Portugal? Senhor, estas almas não estão encarregadas por Dess a Vossa Magestade com o Reyno? Senhor, será bem, que estas almas se percaõ, & se vão ao Inferno contra o vosso desejo? Senhor, será bem, que aquellas almas se percaõ, se vão ao Inferno por nossa culpa? Não o espero eu assi da Vossa Magestade Divina, nem da humana. Já que ha tantos expedientes para os negocios do Mundo, haja também hum expediente para os negocios das almas, pois valem mais que o Mun-

do. Desenganemonos: quanto mais se adiantar o negocio da salvação das almas, tanto os do Mundo irão mais por diante. O Demonio offereceo todos os Reynos do Mundo a Christo, pela perdição de hũa alma, & Christo, porque tratou da salvação das almas, está hoje Senhor de todos os Reynos do Mundo. Assi nos succederá a nós também, & assi o prometto em nome do mesmo Deos. Deyxai-me sãtificar as palavras do Demonio, & polas na boca de Christo: *Ostendit ei omnia Regna mundi*: estão nos Deos mostrando todos os Reynos desse novo Mundo, que por sua liberalidade nos deo, & por nossa culpa nos tem tirado em tanta parte. E apontando para a Africa, para a Asia, para America, nos está dizendo: *Hec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: Reyno de Portugal, eu te prometto a restituição de todos os Reynos, que te pagavão tributo, & a conquista de outros muitos, & muy opulêtos desse novo Mundo, se tu, pois te escolhi para isso, fizeres q̄ crea em mim, & me adore:

Falla alter-nadamente com Deos & com o Rey.

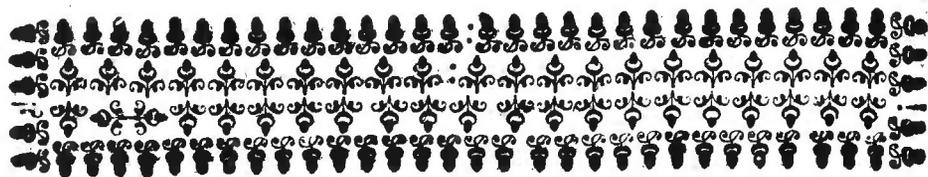
*primeira Domingo da Quaresma.*

85

*Si cadens adoraverit me.* Assi o prometto da Bondade de Deos, assi o espero do grande zelo, & piedade de Sua Magestade; assi o confio da muyta Christandade de todos os Ministros; & se tratarmos das

almas alheas; este meyo, de que tanto se serve Deos, será o mais efficaç de cõseguirmos a salvação das proprias, nesta vida com grandes augmentos de Graça, & na outra com o premio da Gloria,





# S E R M A M

DA TERCEYRA QUARTA FEYRA

## DA QUARESMA,

P R E G A D O

Na Capella Real, no anno de 1670.

*Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.*  
Matth. 20.

### §. I.

89



Stamos em Sermaõ de pretêdentes: & segũdo a experiencia, & queixa comum, ou seja cõ razãõ, ou sem ella, acho eu, q̃ os pretendentes das Cortes em seus requerimentos faõ como os nossos Argonautas, & primeiros descobridores da India: não que navegaõ ao re-

vez, & fazem a viagem ás aveças. Os nossos descobridores primeyro passaraõ o cabo de Naõ, & depois o cabo de Boa Esperança: os pretendentes pelo contrario: Começão pelo Cabo de Boa Esperança, & acabão pelo cabo de Naõ. Assim succedeo hoje aos filhos do Zebedeo, que tambem eraõ navegantes. Começaraõ pelo Cabo de Boa Esperança, & com taõ boa monçaõ, que o passaraõ em hũa sangradura; porque o vento era Galerno,

&

& o mar bonança. Fundavão a esperança na graça de Christo; na eleyção que delles tinha feito, & na promptidão, com que tinham deixado, não só a barca, & as redes, como Pedro, & André, senão também o proprio pay fundavão a esperança no valimento de João conhecidamente o mais accito a Christo, & descubertamente o amado entre todos os Discipulos: fundavão a esperança na propinquidade do sangue, por serem primos do mesmo Senhor, não reparando, que os Principes não tem parentes, & muito menos ao perto: fundavão finalmente a esperança na intercessão de sua mãy, que por mulher era digna de todo o respeyto, & por viuva, de toda a piedade. Mas ainda que passáráo tam felizmente o Cabo de Boa Esperança, & se promettiaõ prompto, & inteiro despacho, assim acabaráo como os demais pelo Cabo de Naõ: *Non est meum dare vobis.*

90 Terrivel palavra he hum *Non*. Não tem direyto, nem aveço: por qualquer lado que o tomeis, sempre soa, & diz o mesmo. Lede-o do

principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre he *Non*. Quando a vara de Moysés se converteo naquella serpente tão feroz, que fugia della, porque o não mordeffe; disselhe Deos, que a tomasse ao revez, & logo perdeu a figura, a ferocidade, & a peçonha. O *Non* não he afsi: por qualquer parte que o tomeis, sempre he serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno consigo. Mata a esperança, que he o ultimo remedio, que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo, que o modêre, nem arte, que o abrande, nem lisonja, que o adoce. Por mais que cõfiteis hum Naõ, sempre amarga, por mais que o enfeiteis, sempre he feyo; por mais que o doureis, sempre he de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante, aspero, & duro. Quereis saber qual he a dureza de hum Naõ? A mais dura cousa, que tem a vida, he chegar a pedir, & depois de chegar a pedir, ouvir hũ Naõ: Vede o que ferá? A lingua Hebraica, que he a que fallou Adam, & a que mais naturalmente

mente significa, & declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. Assi disse Beriabê a Salamão : *Petitionem unam precor à te, ne confundas faciem meam* : trago-vos, Senhor, huma petição, não me envergonheis a face. E porq̃ se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer não, a quem pede, he darlhe huma bofetada com a lingua. Taõ dura, taõ aspera, taõ injuriosa palavra he hum Naõ. Para a necessidade dura, para a honra afrontosa, & para o merecimento infosfrível.

91 E se hum Não he taõ duro para quẽ o ouve, creyo eu que não he menor a sua dureza para quem o diz; & tanto mais, quanto mais generoso for o coração, & mais soberano o animo, que o houver de pronunciar. Dos tres Anjos, q̃ apparecêrão a Abraham no Valle de Mambrê os dous que representavão Ministros, partiraõ a executar o castigo nas Cidades infames, & o terceiro, ou primeiro, que representava a Deos, ficou cõ Abraham. E porque o estar

lõ por lõ com Deos, he o melhor tempo, & modo de negociar com elle; animouse entãõ o Santo Patriarcha a pedir a revogação da sentença. Eraõ as Cidades cinco, & disse assi: Senhor, se naquellas cinco Cidades houver cincoenta justos, não lhe perdoará Vossa Magestade? Si perdoarey, respondeo Deos, ou o Anjo em feu nome. E se não chegarem a cincoenta, & forem sómente quarenta & cinco? Tambem perdoarey. Alentado com esta partida, continuou Abraham a outras menores. E se forem só quarenta? Perdoarey por quarenta. E se trinta Senhor? Tambem por trinta. E se vinte? Por vinte. E se dez sómente? Tambem perdoarey por dez. E dizendo isto, desapparecco o Anjo: *Abiitque Dominus*. Genf. 18.31 Notavel despedida! Não aguardou o Anjo a que Abraham instasse mais, & offerecesse, ou rogasse com menor partido. A sumissaõ, o comedimento, & a santa cortezania, com que Abraham instava, & passava de hũa petição a outra, he admiravel, & dignissima de que todos a leão,

& de que o Anjo só pelo ouvir se detiveffe. Pois se tinha aguardado não só com paciencia, mas com tão particular agrado, desde a primeira infancia até a sexta; porque não esperou a septima: porque se retirou, & escondeo tão subita, & improvizamente? Por não chegar a dizer hum Não. A comissão, que trazia o Anjo; eraõ dous decretos, hum condicional, outro absoluto. O condicional, que se nas cinco Cidades ouvesse até dez justos, suspendesse o castigo: o absoluto, que se fossem menos de dez, executasse, & ardessem. E como o Anjo, que a seis petições de Abraham tão benevolamente tinha sempre dito si: se elle continuasse, & instasse com a septima, era forçado a dizer Não; por se não atrever a pronunciar esta durissima palavra, desapareceo, & escondeose. Naquellas cinco Cidades não ha mais que quatro justos, de que consta a familia de Loth sobrinho de Abraham, se Abraham, como he certo, decer a este numero, eu, diz o Anjo, não lhe posso conceder o partido,

& he força responderlhe de Não: pois para que nem eu tenha o defabor de dizer tal palavra, nem elle o desgosto, & pena de a ouvir; fugir, & desaparecer he o melhor meyo: *Abitque Dominus.*

92 Os Reys, & Principes soberanos representam, & tem as vezes de Deos na terra, como tinha esse Anjo. Tambem, como o mesmo Anjo neste caso, não podem deixar de ouvir petições, & ser importunados de requerimentos, a que não devem deferir. E porque dizer Não aos pretendentes he cousa tão dura para elles, como para o mesmo Principe; será materia muy propria deste lugar, & deste Evangelho pôr hoje em questão, & averiguar duas couzas. Primeyra: se he conveniente, & decente a hum Rey dizer Não? Segunda: qual he o modo, com que o deve dizer, no cazo que convenha? Húa, & outra resolução nos daraõ as palavras do thema: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.*

## §. II.

93 Dos Emperadores, que precederão ao Imperio de Trajano, diz o seu Panegrista Plinio, que desejavão muito ser rogados, & que todos lhe pedissem, só pelo gosto que tinhão de dizer Não: *Priores Principes à singulis rogari gestiebant, non tam præstandi animo, quam negandi.* Mas como estes, que elle chama Principes, verdadeiramente erão tyrannos, & mais môstros da natureza humana, que homens; excluido sem controversia este escandalo da rezaõ, & da humanidade, & começando a nossa questãõ pelas razões provaveis de duvidar; parece que não he conveniente, nem decente á Magestade, & authoridade de hum Rey, que pronuncie de palavra, ou firme com a pena hum Não. Ou o Rey diz Não, porq̃ não quer, ou porque nam pôde: se porque não quer; offende o amor; se porque não pode; desacredita a grandeza. E se as petições, & requerimẽtos são taes, que se não devem conceder: en-

tendaõ os pretendentes o Não, mas não o oução: seja discurso seu, & não reposta, ou resolução Real. Mais decente negativa he para o governo, & menos descuberta desconsolação, para os que requerem, que elles tomem por si o desengano. Desenganeos a dilação, desenganeos o tempo: & se de dia não cuidaõ, nem de noite sonhão mais que no seu despacho, os mesmos dias, & noites lhe digão, o que se lhe não diz; & por ellas saybão, o que não querem entender. Sustentem-se na sua esperança, posto que falsa, & fique sempre inteiro ao Principe o pundonor, de que não negou. Se por este modo se estendem os requerimentos, & se entretem, & multiplicão, os que vem requerer, isso mesmo he hum certo genero de grandeza, & authoridade haver muytos pretendentes. O que elles gastão, & despendem, sustenta a Magestade da Corte, & tambem as cortes, dos que não são Magestade. Já que pretendem sem merecimento, paguem as custas da sua ambição, & sirvalhes a elles de

de castigo, & aos mais de exemplo.

94 Contra o fofistico destas rezões ( que verdadeiramente tem muyto da vaidade ) parece que são mais solidas as do ditame contrario. Tão vil he na mentira o Si, como honrado na verdade o Não. A verdade ( que por isso se pinta despida ) não sabe encobrir, nem fingir, nem enfeitar, nem cõrar, & muyto menos enganar: & a primeira virtude do trõno, ou seja da justiça, ou da graça, he a verdade. Todo o artificio he cousa mecanica, & não nobre, quanto mais real. O Sol abraanda a cera, & endurece o barro, porque obra conforme a disposição dos fogeitos, mas em todos, & com todos descubertamente: por isso o calor he inseparavel da luz. Importa distinguir o bastão do centro. Os estratagemas não são para o despacho: sejam embora para a campanha, mas não para a Corte; para os inimigos, & não para os vassallos. Saybão os pretendentes, se podem esperar ou não, para q̃ no fim não defesperem. Quem diz que he arte de não

desgottar, não diz, nem cuyda bem. Melhor he dar hum desgostio que muytos. Queixem-se de que os não satisfizeraõ, mas não possaõ dizer justamente, que os enganáraõ. Se he dura palavra hũ Não, mais duras são as boas palavras, que suspendem, & encobrem o mesmo Não, até que o descubre o effeito. Quê fez o Não tam breve, nam quiz que se dilatasse.

95 Pedio Felippe Rey de Macedoniã á Republica de Athenas o deyxasse passar cõ exercito pelas suas terras, o que o Senado lhe não quiz conceder: & porq̃ o estylo dos Athenientes ( que ainda hoje se chama estylo Laconico ) era resumir tudo, o que se havia de dizer ás palavras mais breves; tomáraõ hum grande pergaminho ( que era o papel daquelle tempo ) & escreverão nelle hũ Não com tamanhas letras, que o enchia todo, & cerrado, & sellado, esta foy a reposta, que derão aos Embaxadores de Felippe. He muy celebre nas historias Gregas este breve, & grandissimo Não, mas na nossa Athenas ainda os ha mayores.

Tantas petições, tantas remissoens, tantas provizoens, tantas patentes, tantas certidoens, tantas justificaçoens, tantas folhas corridas, tantas vistas, tantas informaçõens, pedidas muytas vezes á Asia, & à America, tantas consultas, tantas interlocutorias, tantas replicas, & tantas outras ceremonias, & mysterios por escrito, a que não se sabe o numero, nem o nome; & ao cabo de quatro, de seis, & de dez annos, ou o despacho, ou o que significa o despacho em meya refma de papel, he hum Não. Não fora melhor este defengano ao principio? E as despezas deste injusto intertenimẽto, que se devem restituir nesta vida, ou se hão de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que não haveis de fazer ao pretẽdente a merce, que pede, porque não lha fareis ao menos, do que ha de gastar inutilmente na pretençaõ? Ao outro, q̃ presentava o seu memorial disse El Rey D. João Segundo na primeyra audiẽcia, que não tinha lugar no que pedia, & elle beijoulhe a mão. Entẽdestesme? Repliou El-

Rey. Senhor, si. Porque me bejacs logo a mão? Porque me fez Vossa Alteza merce do dinheiro, que trazia para gastar na Corte, & agora o torna a levar para minha caza. Estas são as merces do defengano, & os despachos do Não; dião a seu tempo, Não o dizer será mayor politico, mayor authoridade, & decencia; mas dizello em muitos cazos he obrigação, & consciencia.

### §. III.

96 Disputada assi problematicamente a nossa questãõ, de hũas, & outras razoens de duvidar se conclue com certeza, que o Não sem fer cousa alguma, he como as outras cousas deste Mundo, que todas tem seus bens, & seus males, suas utilidades, & seus inconvenientes. Para não cair, ou tropeçar nestes, que a cada passo se offerecem, ou atraveffaõ em tanta multidãõ de requerimentos, o primeyro cuidado, ou cautella do prudente Principe deva ser evitar, quanto for possivel, as occasiões de dizer Não. Mas como se podem evitar, ou atalhar

lhar estas occasiões, tendo os pretendentes, & as pertenções, os requerêtes, & os requerimentos tantos? Digo que fazendo com destreza, & cõf-tancia que sejão menos; & muito menos: & uzando para isso dos meyo, que agora apontarey, & nos ensina o nosso Evangelho.

97 O primeiro meyo he, que os validos, ou privados por mais juntos que estejão à Pessoa Real, & por mais dentro que estejão na graça, se-jão os primeiros, a que se não conceda, o que pretendem. A rezão, ou consequencia he manifesta. Porque se os que estãõ de fóra virem, que os que estãõ de dentro, & tão de dentro, não alcanção, o que pretendem, como se atreverão, elles a pretender, nem pedir? Tinha Deos determinado castigar o Povo de Israel, com quatro pragas, ou açoutes, de fome, de guerra, de peste, & de bestas feras: & para que entendessem, que por nenhuns røgos, ou intercessões se suspenderia a execução destes castigos; acrescenta, que ainda que lho pedisse Noè, Job, & Daniel, não

lho havia de conceder. O modo desta cominação pelo Profeta Ezechiel he muyto singular, porque diz assi. Se mandar fome, ainda que interceda Noe, Job, & Daniel, haõ-se de fegar os campos, & as searas: se mandar guerra, ainda que interceda Noè, Job, & Daniel: tudo ha de levar á espada: se mandar peste, ainda que interceda Noè, Job, & Daniel, tudo ha de consumir a morte: se mandar bestas feras, ainda que interceda Noè, Job, & Daniel, tudo haõ de destruir, & devastar as feras. Com razão chamey a este modo de cominação singular, porque se não lé outro semelhante em toda a Escritura. Pois porque o faz Ezequiel, & o manda fazer Deos com tão expressa, & tão multiplicada repetição, de que não hão de valer ao Povo as oraçoens de Noè, de Job, & de Daniel? Porque estes tres em differêntes seculos forão os mayores validos de Deos: & para perfundir, & desenganar a todos, de que se lho não ha de conceder o que pedirem o meyo, & exemplo mais efficaç he

negar, & não conceder aos validos as suas petições. Se a Noè, se a Job, se a Daniel se nega o que pedirem, como se me ha de conceder a mi? Não quero pedir. No nosso texto o temos.

98 Os Apóstolos antes de decer sobre elles o Espirito Santo, erão muito tocados da ambição, & appetite de ser, como homens alfim levantados do pò da terra, ou das areas da praya. Daqui nasceo aquella contenda tão indigna do Sagrado Collegio:

*Luc.*

22.24

*Facta est contentio inter eos quis eorum videretur esse maior.* Descubertamente disputa-

tárao, & altercárao entre si sobre a preferencia, cuydando, & defendendo cada hum, q̃ elle era o mayor. E tão afferrados estavão todos à propria opiniaõ, que ainda consultando a seu Divino Mestre sobre a materia, não se fogueitárao, a que elle absolutamente a definiu: circumstancia digna de grande ponderação: *Quis putas maior est*

*Matt.*

18. 1.

*in Regno Cælorum?* Não differáo quem de nós he o mayor? Senão: *Quis putas*: quem vos parece que o he? Para que

ainda depois da resposta ficasse a maioría em opiniaõ, & cada hum seguisse a sua, & se não decesse della. Pois se esta ambição era de todos, & não só de Joaõ, & Diogo, como forão só estes dous, os que pretenderão, & pedirão as primeiras cadeiras, & nenhũ dos outros, que tanto como elles o dezejavão, intentou tal cousa? Por isso mesmo. Joaõ, & Diogo erão conhecidos os mayores validos de Christo, & os mais entrados na sua graça, & os que a tinham mais bem fundada, ainda naquella rezaõ natural, que corre pelas veiyas: & como os outros Apóstolos virão, que os lugares, que todos appeteciaõ, se negaraõ aos validos, todos amainaráo as vellas, & recolheraõ os remos da sua ambição, & nenhum teve confiança, nem atrevimento para pretender, nem pedir, quando a elles se tinha negado. Vede a virtude de hum Não para evitar muitos. Com o Senhor dizer hũa vez Não: *Non est meum dare vobis*: se livrou de o dizer oytenta & duas vezes. Se Christo concedera,

cedera, ou condecendera cõ esta petição dos dous Apóstolos, logo os outros dez haviaõ de vir com as suas, & a poz os dez Apóstolos os setenta & dous Discipulos, que todos se haviaõ de querer aproveitar de tão boa marê; mas com hum Não, que disse aos validos, se livrou o Senhor de dizer dez Nãos, & setenta Nãos.

99 Porque os Reys não imitaõ este exemplo do Rey dos Reys, & por isso se vem tão perseguidos de petições, & tão atribulados de requerimentos, de que senão podem desembaraçar, mais cõstrangidos da consequencia, que obrigados da rezaõ: devendo, & querendo negar a muitos, & não o podendo fazer, pelo que tem concedido a poucos. Digase hum Não a João, & a Diogo, ainda que se jáo validos, & logo não só se poderá dizer com liberdade aos mais, mas cessarão as occasiões de ser necessario dizerle. Diraõ porèm os mesmos validos, ou alguem por elles; que não parece, nem he justiça, nem ainda bom exemplo, & credito do mes-

mo Rey, que aos que fervem, & trabalham junto a sua Pessoa, & sustentão o pezo da Monarquia, devendo ser os primeiros, & mais remunerados, fiquem sem merce, & sem premio. E he pouca merce, & pouco premio o ser validos? He pouca merce, & pouco premio estar sempre junto à Pessoa Real? O premio, que Christo prometteo a seus Ministros, foy que estarião onde elle está: *Ubi ego sum, illic & minister meus erit.* Nem o Rey pôde dar mayor premio, nem o Ministro dezejar mais aventajada merce. He verdade, que isto mesmo se concedeo a hum Ladrão venturoso: *Hodie mecum eris*: o que tambem pôde ter sua propriedade, & sua applicação. Mas ouçamos o que succedeo a S. Paulo, & como Christo o tratou em huma só petição, que lhe fez, sendo o Ministro, que mais trabalhou que todos em seu serviço.

100 Pedio São Paulo a Christo, que o izentasse de certa pensão, que pagava por conta de huma pouca de terra, que herdara de seus Pays,

Joan.  
12.26Luc.  
23.43

2. Co-  
rinth.  
12.8.

& noſſos, cujo exactor o a-  
pertava, & moleſtava muito:  
& fazendo tres vezes eſta pe-  
tição: *Propter quod ter Do-  
minum rogavi*: nem á primei-  
ra, nem á ſegunda, nem á  
terceyra ſe fervio o Senhor  
de lhe deferir: ſempre ſahio  
eſcuſado. Pois a Paulo, que  
ſe não era o primeyro vali-  
do, não era o ſegundo, por-  
que dos dous primeyros Mi-  
niſtros da Caſa, & Reyno de  
Chriſto elle era hum? A Pau-  
lo, que ſó para o meter em ſeu  
ſerviço, deſceo o meſmo  
Chriſto ſegunda vez do Ceo  
á terra, & o levou em vida  
ao Ceo, para lhe comunicar  
ſeus ſegredos? A eſte Mini-  
ſtro, a eſte valido, a eſte, que  
tanto privava com o ſeu  
Principe, nega o Senhor hu-  
ma pretenção tão juſta, & tão  
facil, & não huma ſó vez na  
petição, ſe não outra vez na  
nova instancia, & terceira na  
replia? Si: para que nem os  
validos eſtranhem as negati-  
vas, nem os Principes ſe en-  
colhão, & deſanimem, ou cui-  
dê, que os aggravaão, & faltão  
à ſua obrigação em lhe negar  
o que pedirem. Não era Pau-  
lo Miniſtro, que ſerviſſe em

Palacio á ſombra de teſtos  
dourados ſem molhar o pé  
no mar, nem o meter na  
campanha; mas era hum Mi-  
niſtro, que em ſerviço, &  
honra de ſeu Principe, pe-  
regrinava, & corria o Mun-  
do em roda viva deſde Le-  
vante até Poente, ſempre  
com o montante na mão em  
perpetuas batalhas, & con-  
quiſtas, por mar, & por ter-  
ra, & ſoportando no mar  
taes tempeſtades, & nauſra-  
gios, que tal vez paſſou hum  
dia, & huma noyte debaxo  
das ondas: *Die ac nocte in*  
*profundo maris ſ. i.* E com  
que roſto (para que o diga-  
mos ou) ou com que pala-  
vras ſe atreveo Chriſto a ne-  
gar a hum tai Miniſtro, o que  
lhe pedia? O meſmo S. Pau-  
lo as referio, & ſão dignifi-  
mas de quem as diſſe: *Et di-*  
*xit mihi: ſufficit tibi gratia*  
*mea*: negote, Paulo, o que  
me pedes; porque te baſta a  
minha graça. Aos validos, &  
que lograão a graça do Prin-  
cipe, baſta-lhe a merce da  
meſma graça: & todas as ou-  
tras ſe lhe podem negar con-  
fiadamente. Confiadamente,  
digo, & podera dizer, que  
com

2. Co-  
rinth.  
11.25

2. Co-  
rinth.  
12.9.

com relabios de de confiança; porque o ministro, que se não contenta com a graça, & alé da graça quer outra merce, não só he indigno da merce, senão tambem da graça. Mas ha muitos, que não conhecem o preço della, & por isso com injuria da mesma graça, & do Principe, fazem da graça degraço para outros interesses, que he o mesmo que pizalla.

101 Mas ouçamos o que diz S. Paulo da sua graça, que pôde ser tenha alguma escusa: *Gratia Dei sum id quod sum:* todo o ser, que tenho, o devo á graça de meu Senhor. Assim o devem dizer, & confessar, ainda os que por merecimentos seus, & não por nossos peccados estiverem na graça; porque o contrario seria muita soberba, & mayor ingratição. Por diante. *Et gratia ejus* (continua Paulo) *in me vacua non fuit:* & a sua graça não foy em mim vazia. Aqui parece que entra a escusa. Logo se a graça não ha de ser vazia, ha de encher? Por isso vemos os cheyos da graça tão cheios: para se encher se aproveitaõ da graça. Mas Paulo

não diz, que se encheo a si com a graça, senão que a graça se encheo nelle: *Gratia ejus in me vacua non fuit.* E como se encheo nelle a graça: Muyto havia mister para se encher, porq̃ o vaso era muyto grande: *Vas electionis est mihi iste:* & assim o fez o famoso Paulo. *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed abundantius omnibus laboravi.* O modo, com que a graça se encheo em mim, foi trabalhando & servindo não só muito, senão mais que todos. Porque essa he a differença, que hão de fazer aos de mais os que estão na graça. Não se hão de encher com a graça, nem hão de encher a graça com merces, senão com novos, & mayores serviços. E segundo esta obrigação bem lhe pôde o Principe negar o que pedirem, & elles prezaremse muito dessas negações.

102 Os Filozofos distinguem dous generos de negações, hũas que se chamão puras negações, & outras, a que derão nome de privaçoens. A pura negação nega o acto, & mais a aptidão: a privação suppoem a aptidão, & nega

o acto. O silencio he negação de fallar, mas com grande differença no homem, & na Estatua: na estatua he pura negação, porque a estatua não falla, nem he apta para fallar, senão inepta; porém no homem he privação; porque ainda que o homem não falle, he apto, & capaz de fallar. Daqui se segue, que assi como o silencio na estatua he incapacidade, & no homé virtude; assi o que se nega ao indigno, he pura negação, a qual o afronta, & o que se nega ao digno, he privação, que o honra, & acredita; & tanto mais, quanto for mais digno. Taes são as negações, q̄ os Principes fizerem, & devē fazer aos seus validos. São privações, com que não só se acredita a si, senão tambem a elles: porque o mayor credito do valido he, que a sua privança seja privação. Por isso os validos com mais nobre, & heroica etimologia se chamão privados. E quando elles folgarem de o ser, ou o Principe fizer que o sejam, ainda que não folguem: as privações dos privados farão mais toleraveis as nega-

ções dos que o não são. E defenganados os de mais com este exemplo, nem elles se atreveraõ a pedir o que se lhe deve negar, nem o Principe será forçado a negar o que lhe pedirem ficando livre por este meyo de muytas, & molestas occasiões, em que cõtra o decòro, & agrado da Magestade seja obrigado a dizer Não.

## §. IV.

103 O segundo meyo, ou industria de prevenir, & atalhar o Não, & as occasiões de o dizer, he que o Principe em todos seus despachos, & resoluções seja inteeyro, justo, & recto; & conhecido por tal. Desta justiça, & inteireza (que por outra parte he a sua primeira obrigação) se seguirão dous effeytos notaveis. O primeiro, que ninguém se atreverà a pedir senão o que for justo: o segundo, que pedindo todos sómente o justo, a todos concederá o Principe o que pedirem, & nunca dirá Não.

104 O mais justo recto, inteeyro; & constante homem, que

que ouve entre os Romanos, foy Marco Porcio Catao. E que conseguiu com esta inteireza, & constancia de sua justiça inflexivel? Conseguiu, como refere Plinio, que ninguem no seu Consulado se atreueo a lhe pedir cousa, que não fosse justa. Assi lho disse com admiração a eloquencia de Tullio. *O te felicem, Marce Porci, à quo rem improbam petere nemo aude!* Tal será a reverencia do governo; & tal a felicidade do Rey, que em todas suas resoluções; & despachos observar constantemente a justiça. A Justiça, como a definem os Theologos, & Juristas, não he outra cousa, que hũa perpetua, & constante vontade de dar a cada hum o que merece. Se esta vontade ( que ordinariamente he tão mudavel nos affectos humanos ) for constante, & perpetua no Principe, todos se desenganarão, que não hão de alcançar d'elle, senão o que for devido a seus serviços, & proporcionado a seus merecimentos. E por meyo deste desenganano conseguirá a felicidade de que ninguem se atreua a

lhe pedir, senão o que for justo. *O te felicem, à quo rem improbam petere nemo aude!* Felice; porque não se atrevido ninguem a pedir senão o justo, serão muyto menos as petições, & requerimentos: felice; porque não pedindo ninguem senão o q' lhe he devido, haverá com que satisfazer a todos: felice; porque sendo as petições, & requerimentos justificados, sempre o Principe concederá o que se lhe pedir, & nunca dirá Não. Não he melhor, & mais decente, & mais breve, & mais util, que o Não o digão a si mesmos aquelles, que haviaõ de pedir, do que dizerlho a elles o Principe depois de pedirem? Pois isso he o que succederá, se ninguem se atrever a pedir, senão o que merecer.

105 Disse Isaias a El Rey Acab, que em prova do que lhe tinha anunciado, desde o Ceo até o Inferno pedisse livremente o final, que quizesse: *Pete tibi signum à Domino in profundum inferni, sine in excelsum supra.* E que responderia Acab? *Non patam:* não pedirey tal cousa. Assi o

disse resolutamente, & assi  
o cumprimento. Mas porque? Se  
o Profeta o assegurava, & ex-  
hortava a que pedisse aquelle  
final, & com tanta largueza  
de cleyção; quanta vay do  
Ceo ao centro da terra; por-  
que não quer pedir Acab? El-  
le mesmo deu a razão: *Non  
petam, & non tentabo Domi-  
num.* Não pedirey tal cousa,  
porque não quero tentar a  
Deos. Tentar a Deos, he que-  
rer que Deos faça o que não  
deve, assi como o Demonio  
nos tenta para que façamos  
o que não devemos. E fez este  
discurso Acab. Deos he justo,  
& justissimo, antes a mesma  
justiça: eu não lhe tenho feito  
nenhuns serviços ( porque  
sirvo a outros Deoses ) para  
que me faça tamanhas mer-  
ces pois como terey eu atre-  
vimento para lhe pedir, o que  
me promette Ifaias? Isto se-  
rà tentar a Deos, & querer  
que o justo, & justissimo faça  
o que não deve: E assi me  
resolvo a não pedir: *Non pe-  
tam.* Seja o Principe justo,  
& tão constantemente justo,  
que por nenhum outro mo-  
tivo, nem respeyto dê a nin-  
guem senão o que merecer,

& lhe for devido: E logo os  
vassallos senão atreveraõ a  
pretender as femrezoens, &  
exorbitancias, que vemos, &  
se benzerãõ de pedir como  
de tentação: *Non petam, & Ifai. 7.  
non tentabo Dominum.* 11.

106 Oh se os Reys tantas  
vezes, & tão injuriosamente  
tentados, ao menos, não con-  
sentissem na tentação! Não  
digo, que castiguem severa-  
mente algũas petiçoens, po-  
sto que imitariaõ nisso a Sa-  
lamaõ, o qual por huma peti-  
çãozinha ( que assi lhe cha-  
mou a intercessora: *Petitio-  
nem parvulam* ) mandou cor-  
tar a cabeça a Adonias. E <sup>3. Reg. 2.20,</sup>  
verdadeiramente ha petiço-  
ens, que bem interpretadas,  
são libellos infamatorios dos  
mesmos Principes, em cujas  
mãos se metem. Porque se  
são dolosas, como era esta de  
Adonias, suppoem que são  
nescios se são exorbitantes,  
suppoem que são prodigos: se  
são contra os Canones Apo-  
stolicos ( como são muytas )  
suppoem que não são Catho-  
licos: E de qualquer modo  
que peçaõ, o que não he ju-  
sto, suppoem que são inju-  
stos. Mas se antes de fazerem

as petiçoens suppozerem ; & se defenganarem que nenhũa cousa haõ de conseguir senão o que ditar a inteira , & recta justiça , elles se comporão cõ a sua ambição , & tomarão por partido o não pedir : *Non petam*. Notay onde está o *Non* : & vede quanto mais conveniente he para o vassallo , & mais expediente para o governo , & mais decente para o Rey o Não antes do *petam* , que depois da petição. He mais conveniente para o vassallo , porque melhor lhe está , que delengañado tome por si mesmo o Não , & o ponha antes das suas petiçoens , que ouvillo depois dellas. He mais expediente para o governo , porque cessando o tumulto , & inundação dos requerimentos , que verdadeiramente o afogaõ , terão , mais facil expedição os negocios. E finalmente he mais decente , & decoroso para o Rey , porque nenhum que vier buscar o premio , ou lo remedio aos pès da Magestade , se apartará delles descõtente. Virão a ser por essa via todas as petições da nossa Corte , como as que

se despachão na do Ceo. David dizia a Deos : *Intret postulatio mea in conspectu tuo* ; Entre , Senhor , a minha petição ao vosso conspecto. Nas Cortes da terra dezeja o pretendente que say a sua petição , na do Ceo dezeja que entre ; porque huma vez que a petição foy tal que podesse entrar , infallivelmente fae despachada. Assi ferá cá tambem , se ninguem pedir senão o que for justo ; porque o Rey justo á petição justa nunca pòde dizer Não.

107 Mas que fará o Rey para aquirir este credito , & reputação universal de justo , & por meyo della evitar as petiçoens . & requerimentos injustos , sem os quaes fique livre dos inconvenientes , & dissabores do Não ? Digo que só o poderá conseguir applicando o Não tambem a si , & primeiro a si que aos subditos. He hum grande documento do nosso texto , & digno de se reparar muyto nelle : *Non est meum dare vobis* : diz o Senhor , que o dar não he seu : & o Não primeiro cae sobre elle , que sobre os dous , a quem negou

o que pretendiaõ: primeyro sobre o *meum*, & depois sobre o *vobis*. Assim ha de fazer o Rey, que quer ser justo, & ter opiniaõ de tal. Cuydaõ os Reys que o dar he seu: & o Rey dos Reys diz que não he seu o dar: *Non est meum dare*. Pois Christo em quanto Deos, & em quanto homẽ não he Senhor de tudo? Si he. Logo podeo dar a quem quizer, & como quizer? Distingo. Com justiça si, sem justiça não. S. Ambrosio: *Non est meum, qui justitiam ser vo, non gratiam*: Eu dou por justiça, & não por graça: por justiça he meu o dar, por graça, como vòs quereis, não he meu: *Non est meum dare vobis*. A razão disto he, porque Christo fundou, & ordenou o seu Reyno em tal fôrma, que nenhũa cousa se dêsse nelle de graça, & por graça, senão por merecimento, & por justiça. Por isso São Paulo chamou á coroa, que o esperava, coroa de justiça, & que lha havia de dar o Senhor, não como Senhor, mas como justo Juiz:

2. Ti. *Reposita est mihi corona justitiae, quam reddet mihi Dominus meus justus Iudex*. O luga-

res da mão direita, & esquerda da, que pretendiaõ os dous Irmãos, eraõ do Reyno de Christo: *Ad dexteram, & sinistram in Regno tuo*: O modo porque o pediaõ, não era por merecimento, & por justiça, senão por graça, & por parentesco: *Dic, ut sedeant hi duo filij mei*: E por isso respondeo o Senhor, que não era seu o dar, porque o dar por justiça he seu, o dar por graça não he seu: *Non est meum dare: qui justitiam ser vo, non gratiam*.

108 Nenhuma cousa anda mais mal entendida, & peor praticada nas Cortes, q a distincão entre a justiça, & a graça. Donde se segue, que apenas ha merce das que se chamaõ graça, que não seja injustiça, & contenha muytas injustiças. Não nego, que os Reys podem fazer graças, & que o fazellas he muito proprio da beneficencia, & magnificencia Real; mas isso ha de ser depois de satisfeytas as obrigaçoens da justiça. Zaqueo disse, que daria ameta-de da sua fazenda aos pobres, & que da outra ameta-de pagaria as suas dividas, &

os danos dellas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus, & siquid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* Disse bem, mas preverteo, & trocou a ordem: porque em primeyro lugar estava o pagar as dividas, que he obrigação de justiça, & depois o dar as esmolas, que he acto de liberalidade. E que defordem seria se se tomasse aos pobres, & não se pagasse aos acredores? Que defordem seria (por lhe não dar outro nome) se a huns se tomasse violentamente o necessario, para se dar a outros prodigamente o superfluo? Como o pagar he especie de foyeyção, & o dar he soberania, & grandeza, gostão mais os Principes de dar, que de pagar. Dê; mas dem do feu, se o tiverem; que dar, & não pagar, he dar do alheyo. E se os Zebedeos (que são os que levão as graças) os importunarem, que dem, respondeão com Christo: *Non est meum dare.* O que perde não só o governo, mas as consciencias, & Almas dos Principes, he cuidarem, que podem tudo, porque podem tudo. Se assi lho dizem, he

lizonja; & se o crem, he enganoso. O Rey pôde tudo o q̄ he justo: para o que for injusto, nenhum poder tem. Esta he a verdadeyra, & mayor lizonja, que se pôde dizer aos Reys; porque he fazellos poderosos como Deos. Deos he omnipotente: E poderá Deos fazer huma injustiça? De nenhum modo. Pois assi devem entender os Reys, que são poderosos. E se os súbditos se persuadirem, que o Rey assi o entende, & assi o observa; nem elles defenganados pedirão, senão o que for justo, nem o Rey importunado terá occasiões de dizer. Não.

## §. V.

109 O terceyro meyo de se cortarem as occasiões de dizer Não, he a observancia inviolavel das Leys. Se as Leys se conservarem em todo seu vigor sem dispensação, sem privilegio, sem exceção de pessoa, o Não diloha a Ley, & não o Rey. As Leys de Deos prohibitivas todas começaõ por Não: *Non occides: non macaberu: non furaberu, non falsum testimi-*

*num dices.* Houve algum homem até hoje, por atrevido, & insolente que seja, que fizesse petição a Deos para matar, para adulterar, para furtar, para levantar falso testemunho? Nenhũ: porque estas Leys são inviolaveis, & indispensaveis. Pois o mesmo succederá ao Principe, se cõservar, & mantiver as suas inviolavel, & indispensavelmente. E por este modo tão decoroso: & tão facil se livrará de muytas occasioens de dizer Não, porque já o tem dito a Ley.

110 Pronunciou Deos depois do primeiro peccado a Ley universal da morte, á qual quiz que ficasse fogeyto Adam; & todo o genero humano: E no mesmo ponto, em que fez a Ley, fez tambem que fosse inviolavel. A Ley da morte parece inviolavel de sua mesma natureza, mas naquelle tempo podia-se violar facilmente; porque comendo Adam, & qualquer outro homem do fruto da arvore da vida, ficava izento de morrer. E que fez Deos? *Ne forte*

*Genes. te sumat etiam de ligno vite, 3-21. & comedat, & vivat in aeter-*

*num:* Porque não aconteça, que Adam assi como quebrou a primeyra Ley, comendo da arvore da sciencia, quebre tambem a segunda, comendo da arvore da vida, & fique immortal: *Collocavit ante Par-*  
*adisum Cherubim, & flamme-*  
*um gladium ad custodiendam*  
*viam ligni vite:* Poz á porta do Paraizo hum Querubim com hũa espada de fogo, para que sem exceção defendesse a entrada a todos, & se algum intentasse eximirse da ley de morrer, morresse primeiro. Esta foy a ordem cerrada do Querubim, & este o rigor indispensavel da ley, da qual não quiz Deos, que fosse privilegiado nem seu proprio Filho. O privilegio chama-se em Direyto *vulnus le-*  
*gis,* ferida da ley. E o poder, & espada do Legislador não hade ser para ferir as leys, senão para ferir, matar, & queimar a quem intentar quebrallas; que por isso a espada do Querubim era espada, & de fogo. Bem podera Deos cortar, ou secar a arvore da vida, com que se escuzavão todos aquelles aparatos de horror: quiz porem que a ar-

vore ficasse em pé, & a Ley se guardasse com tudo inviolavelmente; para que entendessem os Legisladores, que ainda que elles possaõ dispẽsar nas Leys, & o modo da dispensação seja facil; nem por isso o haõ de permittir. Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de frutos, huns nascem, outros caem, & todos se perdem, podendo-se aproveitar com tanta utilidade. Oh malditas utilidades! Este he o engano, que perde aos Principes. Dispensãõ-se as Leys por utilidades ( que ordinariamente são dos particulares, & não suas) & abre-se a porta á ruina universal, que só se pôde evitar com a observancia inviolavel das Leys. Percaõ-se os frutos da arvore da vida; que são a mais preciosa cousa que Deos criou: percaõ-se as mesmas vidas, & não se recupere a immortalidade: morra, & sepultese o mundo todo; mas a Ley não se quebre, nem se dispense.

III E que se seguiu deste rigor indispensavel da Ley? Seguiu-se aquelle defenganamento universal, que prẽgou

Davia: *Quis est homo qui vivet; & non videbit mortem?* <sup>Psal: 88.4.</sup> Que homem ha, que viva, & não haja de morrer? E defengados hũa vez os homẽs, de que a Ley era inviolavel, sendo a morte a coufa mais aborrecida, & a vida a mais amada, ninguẽ ouve já mais, que se atrevesse, nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado, para não morrer. Guardem-se as Leys tão severa, & inviolavelmente, que se defenganem todos que senão hão de dispensar, & com o Não, que ellas dizem, se livrarão os Principes de o dizer. Mas porque alguns Principes são de tão bom coração, ou de tão pouco, que nem à mãy dos Zebedeos, nem a seus filhos se atrevem a dizer: *Nescitis quid petatis*: elles tomão confiança para pedir, as petiçoens saem despachadas, & o Não das Leys cae sobre ellas, & não sobre o que prohibem. Tanto que o prohibido se dispensa, logo a Ley nam he Ley, não só porque o que se concede a hum, não se pode negar aos outros; senão tambem, & muito mais, porque o que

que se concede a hum, que o pede, tambem se ha de conceder aos outros, ainda que o não peçaõ.

Luc. 15.12 Pedio o filho Prodigio a feu pay, que lhe dèsse em vida a parte da herança, que lhe pertencia: *Pater da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit.* Bem mostrou na petição o que havia de ser, ou o que já era. Vem cá, moço louco, & atrevido, não sabes, que os filhos não herdão a seus pays senão depois da morte: pois como te atreves a pedir a teu pay, que te dê a tua herança estando vivo, & como se te mete em cabeça, que elle te ha de conceder hũa coufa tão alhea de toda a razão, & de toda a Ley? Fiu-se no grande amor, que o pay lhe tinha, & o amor assi como he cego para conceder, assi he fraço para negar. Em fim o bom velho dispensou na Ley cõum, & deo-lhe a parte da herança, que lhe pertencia, mas com hũa circumstancia notavel, porque os filhos eraõ dous, & quando deo a sua parte a este, deo tambem a sua ao outro: *Di-*

Luc. 15.12 *visit illis substantiam.* Repara

muito no caso S. Pedro Chryzologo, & admirase com rezaõ, de que sendo hum só filho o que pedio esta dispensação, o pay a concedeo logo a ambos: *Uno petente ambobus totam substantiam mox divisit.* Que o pay em sua vida dê a parte da herança a hum filho, porque lha pede, muito tinha que duvidar; mas pas-se: porèm a outro filho, que não teve tal desejo, nem pedio tal coufa; porque lhe dá tambem logo a sua parte, & não o deyxá esperar pelo fim de seus dias? He certo, que o pay não obrou prudentemente no que concedeo áquelle filho, & mais quando o devia conhecer; mas huma vez que lhe deu a elle a sua parte, procedeo coherentemente em dar tambem ao outro a sua, porque a dispensação, que se concede a hum, porque a pede, não se pôde negar a outro, ainda que a não peça: *Uno petente ambobus mox divisit.* He o caso do nosso Evangelho, mas decidido mais altamente por Christo. Os Apostolos eraõ doze, dous pedirão, dez não pedirão: & se o Senhor concedesse aos dous, o que

que pediaõ, porque pediraõ, tambem o havia de conceder aos dez, posto que não pedissem. Pois assi como o Pay do Prodigio obrou coherentemente em conceder ao filho, que não pediu o que tinha concedido ao que pedira; assim o Senhor com mais alta coherencia negou aos dous, que pediraõ o que senão devia conceder, nem a elles, né aos dez, que não tinhaõ pedido. O Pay pela petição de hum despachou a ambos, & Christo pelo despacho dos dous respondeo a todos: mas o Pay imprudentemête, porque relaxou a Ley concedendo, & o Senhor divinamente, porque a estabeleceo negando.

113 Eu não nego, que em materia de conceder, & negar pôde haver mayor razão em huns, que em outros; mas a consequencia de concederes a outro, logo não me haveis de negar a mim, he argumento, que se não solta com mayor razão. Vendose Rachel esteril, & que sua irmã

*Genes.* 30.4.5 Lia tinha muitos filhos, pediu a Jacob, que admittisse ao talamo huma escrava sua, por

nome Bala, para que os filhos, que della houvesse, por serem da sua escrava, fossem de algum modo seus. Já o casamento de Rachel lhe tinha custado a Jacob o casamento aborrecido de Lia, & agora lhe havia de custar o indecente de Bala; mas a tudo se logeita quem ama. Nascerão filhos a Bala, & não contente Lia com quatro legitimos, que já tinha, pediu tambem a Jacob, que admittisse outra escrava sua chamada Zelfa. Ha tal perseguição de mulheres? Que vos parece, que faria Jacob neste caso? Para conceder aquella consolação a Rachel, além das obrigações do amor, algũa razão tinha; mas a Lia não amada, & cercada de filhos? Com tudo concedendo Jacob com esta segunda petição, & admittio a Zelfa. Pois se Lia nenhuma razão tinha para o que pedia, & pedia só por emulação, & appetite; hum homem tão racional, & tão justo como Jacob, porque lhe concede o que pede? Porque já o tinha concedido a Rachel. Se Jacob negara a Lia esta petição, havia-o de recóvir com a de sua

irmã, & não havia de sofrer, que se lhe negasse a ella, o que a Raquel se tinha concedido. E polto que a disparidade era tão manifesta como ser Raquel esteril, & Lia fecunda, Lia ter tantos filhos, & Raquel nenhum, nenhũa destas consideraçõens havia de bastar, para que Lia se socegasse, porque contra o argumento de negar a hum, o que se concede a outro, & contra a força (ou forçosa, ou forçada) desta consequencia não valem soluçoens de mayor razão.

114. Persuadese o Principe, que o que se concede a hum, porque o pede, tambem se ha de conceder aos outros, ainda que o não peção. Entenda, que as dispensaçõens, & privilegios não só são feridas da Ley, mas feridas mortaes, & que a Ley morta não pôde dar vida à Republica: considere que as Leys são os muros della, & que se hoje se abriu huma brecha, por onde possa entrar hum só homem, à manhã será tão larga, que entre hum exercito inteiro. Olhe para as Leys politicas, para as ordenanças militares,

& para tantas prematicas economicas q̄ sendo instituidas para remedio, vierão por esta causa a ser discredito. E seja a ultima, & unica resolução do Principe justo, tratar as suas Leys como suas, sustentando-as, & mantendo-as em seu vigor inviolavel, & indispensavelmente: porque o que a Ley nega a todos sem injuria, depois que se concede a hum (ainda que seja com razão) não se pôde negar a outro sem agravo. E he melhor, mais facil, & mais decente, que as mesmas Leys digão o Não conservandose, do que quebrallas o Principe pelo não dizer.

## §. VI.

115. O quarto, & ultimo meyo, ou industria de evitar o Não, he anticipar os provimentos, & não ter lugares vagos, porque tanto que o lugar está provido, cessão as pretençoens. Admiravel he a diligencia, & cuidado, que a natureza poem em impedir o vacuo, & que em todo o universo não haja lugar vazio. A este fim vemos sobir a agua,

del.

descer o ar, moverie a terra, romperie os marmores, estalarem os brôzes, & correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinaçoens. Daqui nascem os frequentes terremotos, & os extraordinarios, & horrendos, que não poucas vezes derrubarão, & destruirão Cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza por impedir o vacuo, faz a ambição pelo occupar. Em havendo lugares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pertendentes, não por impedir ( que só se impedem huns a outros ) mas por occupar o vacuo, & tanto com mayor, & mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do universo, & a ambição ao particular de cada hum. E quaes sejam os terremotos, & perturbaçoens da Republica, que daqui se levantão, basta que o digão as batalhas interiores de Roma no concurso dos Consulados. No governo Monarchico he muito facil atalhar todos estes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo, que se

póde pertender, ou pedir, cõ prevenir vigilantemente, que não haja lugares vagos. E assi o deve fazer todo o prudente Principe.

116 Partindose Christo para o Ceo, mandou a seus Apostolos, & Discipulos, que se recolhessem a Jerusalem, & que alli esperassem a vinda do Espirito Santo, que não tardaria muitos dias. Fizerão-no assi recolhidos ao Cenáculo. E S. Pedro, que já tinha recebido a investidura de Principe da Igreja, sem esperar que o Espirito Santo viesse, a primeira, & unica cousa, q̃ logo fez, foy prover, como proveo em S. Mathias, o lugar, que estava vago pela morte de Judas. Ninguem haverá, que se não admire desta notavel resolução, & acção de S. Pedro em tal lugar, & tal tempo. O tempo, em que os Apostolos se havião de repartir pelo mundo, não era chegado, nem havia de ser, como não foy, senão dahi a alguns annos depois de compostos, & bem assentados os fundamentos de hum tão grande edificio, como era o da nova, & universal Igreja. Pois porq̃

não dilata S. Pedro esse provimento, ao menos por alguns dias, & porque não espera, que desça o Espirito Santo sobre elle, para fazer com mais infallivel acerto a eleição daquelle lugar? Porque tanto importa, & tano entendo S. Pedro que importava, que os lugares não estejam vagos, nem por hum momêto. *Oportet*, foy a primeira palavra cõ que começou a sua proposta o grande Principe do Apostolado, & as ultimas com que concluiu a sua oração: *Accipere locum ministerij hujus, &*

At. 1.  
25.

*Apostolatus, de quo prævaricatus est Judas ut abiret in locum suum.* Os que alli se achavão, como nota o Evangelista, eraõ cento & vinte homens: ( que bastava ferẽ homens para se temer algum inconveniente. ) *Erat autem*

At. 1.  
15.

*turba hominum simul fere centum viginti.* Os que se converterão, & se lhe agregãõ no mesmo dia, em que desceo o Espirito Santo, foraõ tres

At. 2.  
41.

mil: *Et appositæ sunt in die illa animæ circiter tria millia:* o numero que depois acrece, foy muyto mayor: & em tanta multidão de gente, toda

capaz de aspirar, & pretender aquelle lugar, se estivesse vago; bem se vê quam perigosa occasiã podia ser perturbar a paz, & esfriar a uniãõ dos q̃ convinha, que fossem, como verdadeyramente diz o Evangelista que eraõ: *Cor unum, & anima una*: pois para prevenir este perigo, & os inconvenientes, que delle humanamente se podião temer, provejase logo o lugar ( diz S. Pedro ) & não esteja hum momento vago: donde se seguirá, que vendo o os presentes, & achando-o os que vicrem, provido, a todos se tire a occasiã de o pretender, ou pedir. Nem se podia duvidar, que provimento, que parecia anticipado, & a eleyção delle feria acertado; porque como S. Pedro por rezãõ do feu officio tinha segura assistencia do Espirito Santo ( posto que o mesmo Espirito desceo sobre todos visivelmente ao decimo dia ) naquelle mesmo dia desceo invisivelmente sobre S. Pedro, como já tinha descido, quando efficazmente lhe inspirou, que não dilatasse o provimento.

117 Se assi o fizerem os Principes seculares, a quem tambem por seu modo nam falta a assistencia do Espirito Santo, esta serà hũa discreta politica, com que livrem aos pretendentes do trabalho, ou tentação de pedir, & a si mesmos das occasioens de negar. A mayor, & mais difficultosa occasiã, que tem havido neste genero, foy o provimento da successão de David. Querria David, & sabia que era cõveniente ao bem do Reyno, que o seu successor fosse Salamão, & que assi o tinha Dcos decretado. Contra isto estava ser Salamão illegitimo, & menor, & Adonias seu competidor não fó legitimo, mas de todos os filhos de David, que então viviaõ, o primogenito, & como tal assistido do sequito cõmum do Ecclesiastico, & popular, & de grãde parte da milicia. Era chegado o negocio a termos, que em hum banquete, que naquelle dia tinha dado Adonias a todos os Principes, & Senhores da sua parcialidade, já se lhe fazião os brindes à faude d'ElRey. Teve noticia disto naquella mesma ho-

ra David, & que resolução tomaria? Selese, diz, a minha mula ( que eraõ os cavallos, de que então ufavão os Reys) monte nella Salamão, & ungido pelo Profeta Natan, faya por Jerusalem cõ trombetas, & atabales diante, & digão todos: Viva ElRey. Assi se executou no mesmo ponto: ouviu-se no banquete cõ assombro o som das trombetas, foubefo o que passava, retiraraõ-se cheyos de medo os convidados, & todos no mesmo dia bejarão a mão a Salamão. Mas que rezão deu de si David, & do que tinha mandado? Como respondeo ao direito, & pretensão de Adonias? E como enseytou, ou adoçou o Não de o não ter nomeado a elle? Nenhuma coufa lhe disse, nem teve necessidade de lha Elizer: porque vendo Adonias o lugar provido, compozse com a sua fortuna, foy bejar a mão o Salamão, & nem a elle, nem a seu pay replicou hũa só palavra. Tanto importa o prompto provimento dos lugares, para pòr silencio á ambição dos pretendentes, & tambem ao Não dos Principes.

A pra-

118 A praxi desta politica exercitou gloriosamente no nosso Reyno ElRey Dom João o Segundo, digno de ser chamado Dom João o do bom memorial, assi como D. João o Primeyro se chamou o de boa memoria. Tinha este prudentissimo Rey hum memorial secreto no qual trazia apontados todos os que se aventejavão em seu serviço, ou fossem Ministros do Estado, ou da Justiça, ou da Fazêda, ou da Guerra: & segundo o merecimento de cada hum lhe tinha destinado os lugares, & os premios, assi como fossem vagando. Era proverbio dos Hebreos, de que tambem uzou Christo: *Ubi cum*

*Luc. que fuerit corpus, illic congregabuntur & Aquilæ.* Onde ouver corpo morto, logo alli correrão as Aguias. Falla das Aguias Vulturinas, que são aves de rapina, as quaes tem agudissima vista, & futilissimo olfato, & em vendo, ou cheirando corpo morto, logo correm a empolgar, & cevar-se nelle. Assi succede cõ a ambição dos pretendentes a todos aquelles por cuja morte vaga officio, comenda, vara,

cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util, & pingue, em q̄ empregar (naõ digo as unhas) as mãos. Mas que fazia nestes casos quotidianos o Rey do bom memorial? Como nelle tinha já destinadas as pessoas, a quem havia de fazer o provimento, respondia, que já o lugar, officio, ou beneficio estava provido, & as Aguias; que corriaõ famintas aos despojos do morto, encolhiaõ as azas, embainhavaõ as unhas, & ainda que queriaõ grafnar, tapavaõ o bico.

119 He o que aconteceu hoje aos nossos dous pretendentes. A rezaõ, com que Christo lhes tapou a boca; foy com dizer, que aquelles lugares já estavaõ destinados, & dados a outrem: *Non vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.* Se vòs foubereis, que para se proverem os lugares do meu Reyno, naõ se espera, que concorraõ os pretendentes a pedilos, senão que muito antes disso estão já destinados, he certo, que os naõ pretendereis, nem pedireis; mas porque não sabeis este estylo do meu governo, por

por isso pedis, & não tabeis o que pedis: *Nesciu quid petatu.* No mesmo caminho, em que se fez esta petição, acabava Christo de dizer, que h'a a Jerusalẽ a morrer. Joã era a Aguia, & Diego seu irmão, & como lhe cheyru a corpo morto, tambem quizerão empolgar, & aproveitarse da occasião: mas ainda que os lugares, que pediaõ tivessem sido do morto, & elle fora como os outros mortos, que morrem; & não resuscitão, nem por isso sabião o que pediaõ; porque o segredo altissimo de destinar os lugares antes que vaguem, faz que ainda que morraõ as pessoas, os officios sempre ficão, & estão vivos. Imitem pois os Principes aquella regra universal da natureza: *Corruptio unius est generatio alterius*: E assi como ella não permite, que a materia esteja sem forma, nem por hum instante, assi elles tirem do mundo a vacancia dos lugares, & não consintão, que vaguem, ou estejaõ vagos hum só momento, senão sempre providos, & vivos.

120. Põdem replicar a isto

os nestos pretendentes, que os lugares, q̃ pediaõ, não erã vacantes, serã criados, ou que se haviaõ de criar de novo. Mas tan bem esta instancia se desfaz com o *quibus paratum est*; & com a prevẽção, ou predestinação dos providos. Deos quando cria officios de novo, primeiro cria os officiaes que os officios: E assi já nascem providos sem terem instante de vagos. No principio do mundo criou tres presidencias, duas no Ceo, & h'ua na terra: mas primeiro criou os presidentes que as presidencias. A primeira presidencia do Ceo foy a do Sol, para que presidisse ao dia, & a segunda a da Lua, para que presidisse á noite; mas antes que criasse estas presidencias, já tinha criado hũ, & outro presidente: *Fecit duo luminaria magna, luminare maius, ut præ-* Genes. 1. 16. *esset dies, luminare minus, ut præ-* *esset nocti.* A presidencia da terra foy a do homem sobre todos os animaes do mar, do ar, & da mesma terra, mas tambem estava já criado o Presidente, antes que se criasse a presidencia: *Faciamus*

*hominem ad imaginem, & se-*  
*Genes. multitudinem nostram, & præ-*  
 1. 26. *si piscibus maris, & volatili-*  
*bus Cæli, & bestis, universæ-*  
*que terræ.* O mesmo estylo  
 observou Deos em todos os  
 officios, que criou de novo.  
 Ouve de criar de novo o  
 Reyno de Israel, & primeiro  
 criou o Rey, & mandou un-  
 gir a Saul por Samuel, do que  
 criasse, & lhe dèsse o Reyno.  
 Ouve de criar de novo o offi-  
 cio de restaurador do mundo,  
 & primeiro, & cem annos pri-  
 meiro nomeou a Noé, & lhe  
 mandou fabricar a Arca, do  
 que lhe dèsse, & exercitasse o  
 officio. Não posso deixar de  
 me lembrar neste passo de  
 quantas vezes se tem visto as  
 naos da India de vergas de  
 alto, sem se saber, nem estar  
 nomeado quem as ha de go-  
 verner. Nós começamos as  
 nossas naos pela quilha, Deos  
 começou a sua pelo Piloto.  
 Assim o fez tambem Christo.  
 Muito antes de morrer no-  
 meou a S. Pedro, & depois de  
 resuscitar lhe entregou a bar-  
 ca. Imitem esta politica do  
 Ceo os Principes da terra:  
 dos officios, que se criarem, fa-  
 ção primeiro os officiaes que

os officios: & nos ordinarios  
 & de successão tenhaõ-lhe  
 prevenidos os successores, pa-  
 ra que vagando, não estejão  
 vagos: E desta forte activa, &  
 passivamente cessará em grã-  
 de parte o desagrado do Não.

## §. VII.

121 Temos apontado os  
 meyoys, com que anticipada-  
 mente se podem atalhar, ou  
 diminuir as occasiões de se  
 dizer, nem ouvir este tão du-  
 ro adverbio. Mas porque se  
 podem offerrecer com tudo  
 algumas, em que se ja forçoso  
 negar, vejamos agora o mo-  
 do, ou modos, com que nos  
 taes casos com menos senti-  
 mento dos vassallos, & me-  
 nor mortificação do Princi-  
 pe se ha de dizer o Não. El-  
 Rey, que está no Ceo, disse a  
 hum seu confidente, que ti-  
 nha vinte & quatro modos  
 de negar: teve esta noticia  
 hum Embaixador, que havia  
 tempos requeria certo despa-  
 cho, & com a confiança de  
 criado antigo, que tinha sido  
 de Sua Magestade, começou  
 hũa nova instancia com estas  
 palavras. Cá ouço, que Vossa

Ma-

Magestade tem vinte & quatro modos de negar: Senhor, se Vossa Magestade tem vinte & quatro modos de negar, eu tenho vinte & cinco de pedir. Quaes fossẽm estes vinte & quatro modos de negar, eu o não sey, nem me occorem, mas como são, & podem ser mais os modos de pedir, necessario será contra a importunidade dos pretendentes repulsallos tal vez com hũ Naõ mais, ou menos desenganado, segundo o que pedir a materia.

122 Primeiramente me parece, que são merecedores de hũ Naõ muito claro, & muito seco, certo genero de alvitreiros, que inventando, & offerecendo novos arbitrios, & industrias de acrescentar o erario, ou fazenda Real, juntamente dizem (& aqui bate o ponto) que elles haõ de ser tambem os executores, & para isso pedem meyos, & jurdiçoens. Nasceo zizania, diz Christo, entre a seara de hum pay de familias, o que vendo os criados, vieraõ logo muy zelosos encarecendo aquella perda da fazẽda de seu amo, & offercendose a ir mondar

a seara, & arrancar a zizania: *Matt. Vu, imus, & colligimus ea?* 13.28

Quereis, Senhor, que a vamos colher? Colher, differão, & não arrancar, porque estes zelos, & offercimentos sempre se encaminhão à colheita. Respondeo o Pay de familias sem lhes agradecer o cuidado: E que respondeo?

*Au illu: Non.* Disse-lhe: *Matt. Naõ.* Assim se ha de responder 13.29

com hum Naõ muito seco, & muito resolutõ a semelhantes propostas. O Pay de familias entendia melhor da lavoura, que os criados: os criados representavaõ a utilidade, & o amo reconhecia os inconvenientes: elles diziaõ, que queriaõ mondar a seara, & elle reconheceo, que haviaõ de arrancar o trigo: *Ne colli-* *Matt.*

*gentes zizania, eradicetis si-* 13.29

*mul & tritcum.* Nem se ha de fazer o que quereis, nem o haveis de fazer vós: farlcha a seu tempo, & fallohaõ os segadores, que he seu officio, & o entendem: *In tempore mes-* *Matt.*

*sis dicam messoribus.* Quando 13.30

os que não entendem as coufas, nem tem experiencia dellas, offerecem alvitres, & se offerecem para os executar,

fendo as utilidades só apparentes, as occasioens intempestivas, & os danos certos (como ordinariamête acôtece) despidaos o Pay de familias a elles, & ás suas propostas, & digalhes hum Naõ muyto rezumido, & muyto claro: *Ait illis: Non.*

123 Em outras occasiões de negar se costuma escuzar hum Naõ com outro, & por que he modo muyto ordinário, & uzado, não he bem que passe sem exame, & sem censura. Negou Labão a Jacob o premio de sete annos de serviço, em que se concertaraõ, & em lugar de Raquel ( que foy peor que negar ) como quem paga com moeda falsa, lhe introduzio a Lia. Descobrio a luz do dia o engano: queixou-se Jacob a Labão de

*Genes.* lhe não ter dado a Raquel:

29.25 *Nonne pro Raquel servivi tibi?* E que satisfação lhe daria Labão, que quer dizer o candido? Desculpou hum Naõ com outro Naõ, dizendo q̄ não era costume da sua terra cazarem em primeiro lugar as filhas segundas: *Non*

*Genes.* 29.26 *est in loco nostro consuetudinis, ut minores ante tradamus ad*

*nuptias.* E he costume da vossa terra não cúprir o prometido? He costume da vossa terra enganar? He costume da vossa terra mentir? He costume da vossa terra faltar á justiça, & á rezão, & dar por escuza, que não he costume? Passemos da terra de Labão á nossa. Em toda a terra, como demostra Aristoteles, he Ley natural, q̄ os Sabios governẽ, & mandem, & os q̄ menos sabem, obedeção, & sirvaõ. Em toda a terra he Ley natural, confirmada com as Civís, que os que forem mais eminentes em cada género, subaõ aos mayores lugares, & tenhaõ os primeyros premios. Mas tirase por exceyção a nossa terra, na qual para alcançar estes premios, & para subir a estes lugares, não basta a emnencia dos talentos, nem dos merecimentos, se falta certo grao de qualidade; bastando só essa qualidade sem outro merecimento, nem talento, para pretender, & alcançar, ou alcançar sem pretender os mesmos lugares. E se os Estrangeiros se admiram, & pasmão de ver, que os homẽs, que elles, & o mundo venera,

não

124

naõ occupem aquelles postos; responde-se a este Não com outro Não: *Non est in loco nostro consuetudinis*. Se hum dos nossos pretendentes do Evangelho (& seja S. Tiago, que veyo a Portugal) vier hoje, & em lugar da cadeyra, que pedio, pretendera a de qualquer Bispo do Reyno, haviaõ-lhe de responder, que no Reyno não; porq̃ era filho de hum peccador: que o mayor favor, que se lhe podia fazer, era darlhe hum Bispo Ultramarino: & logo lhe nomearião satiricamente o de Meliapor, por ser na costa da Pescaria. Se Josué conquistador de trinta & tres Reynos, & de quem se prezou o Sol ser soldado, quizesse ser Capitaõ General, tambem lhe haviaõ de oppor, q̃ tinha sido criado de Moysês: & Joseph, o qual teve mayor industria que todos os homens, para adquirir fazenda a seu Rey, & mayor fidelidade para a conservar; se quizesse ser Veedor da Fazenda, vde se lho consentiriaõ as ovelhas, que tinha guardado seu pay? Não fallo em Bartolo, se lhe viesse ao pen-

famento a regencia da justiça, ou a Navarro a da consciencia; porque o segundo tendo ensinado em Portugal com assombro de todas as Universidades, o que aprendeo na de Coimbra, foy a tomar por si o Não, & ir morrer em terras estranhas, porque se lhe não dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis*. A censura deste, que se chama costume, he que não he costume, senão abuzo contra a natureza, á rezão; á virtude, & prejudicial á Republica: & que os Principes, que se escuzão com este modo de Não, elle não só os não escuzo, mas acuzo, & condena mais, fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo, & ao mesmo Deos, o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo Pay, & da mesma Mãe.

125 Excluido pois este abuso particular da nossa terra, o modo que em todas, & todos approvaõ, & os melhores politicos ensinão como mais decente, he, que nas occasioens de negar, para abrandar a dureza do Não, depois de mandar consultar as mate-

rias, se escuse o sabio Príncipe com os seus Conselhos. He necessario porém advertir neste meyo, que deve ser applicado com tal moderação, & cautela, que por enfeitar o Naõ, não se affee a authoridade do Rey, nem o credito dos Conselhos, nem as mesmas razões da escusa. Negou ElRey Achiz a David a licença, que lhe pedia para o servir em certa guerra como aventureiro entre suas mesmas tropas, & escusou o Naõ cõ os seus Conselheiros: *Non plâces satrapis*. Porém antes de chegar a pronunciar este Naõ, & depois d'elle, fez com juramento hum protesto mais honrado, para quem o ouvia, que para quem o jurava: *Vivit Dominus, quia rectus es tu, & bonus in conspectu meo, sed non plâces satrapis: scio quia bonus es tu in oculis meis sicut*

1. Reg. *Angelus Domini*. Juro-vos, 29. 6. David, que no meu conceito sois recto, & bom, & me pareceis tão bom, & tão recto como hum Anjo de Deos; mas não contentais aos do meu Conselho. Quantas cousas se negão aos grandes fogeitos cõmo David, não porque não

sejão dignos, & digníssimos dellas, mas porque não contentão aos do Conselho dos Reys. Se differa, que lhe não contentavão os offercimentos de David, motivos podião ter para isso, mas que lhe não contentava a pessoa: *Non plâces?* E se o conceito do Rey era tão diverso, que o tem por homem justo, & bom, & que mais lhe parece Anjo que homem; porque se não conforma o Rey antes com o seu parecer, & com o seu juizo, que com o descontentamento dos Conselheiros? E já que se conforma com elles na resolução; porque a intima a David floreada de tantos louvores, que os mesmos louvores confutão, & condemnão a negativa? Tudo isto disse Achiz para enfeitar o Naõ, com que negava a David o que lhe pedia; mas com estes mesmos enfeites affeou primeiramente a authoridade, & soberania de Rey; porque seguindo o voto dos Conselheiros contra o juizo, & experiencia propria, mostrou que era subdito dos seus Conselhos, & não superior, & Senhor: affeou tambem o credito

dito

dito dos mesmos Conselhos; porque dizendo que David lhe não contentava, mostrou que se governavão mais pelo affecto das pessoas, que pelo merecimento das causas: & affeou finalmente a mesma razão, com que se escufava; porque fendo os procedimētos de David tão rectos, como elle reconhecia, jurava, & tinha experimentados, elles mesmos desfaziaõ toda a chamada razão da escusa, & convenienciaõ fer pretexto. Haven-do pois o Principe de se escufar, ou escudar com os seus Conselhos; diga que mandou considerar a materia, & que se conformou com elles, & não diga mais.

### §. VIII.

126. Isto he, Senhor, o que prudentemente ensina a politica humana, confirmada mais altamente com os documentos da sagrada, que tenho referido: o meyo porém, que sobre todos represento, & offereço a Vossa Alteza, para a felice administração do Sceptro, que com tão particular providencia poz nas Reaes

mãos de V. A. a divina, he o exemplo do Filho de Deos nas palavras, que tomey por Thema, tão próprias do tempo, circumstancias, & occasião presente, que parecem ditas, & escritas só para ella. Negou Christo aos dous irmãos os lugares, que pedião, & o meyo, com que lhes adouçou a elles o Naõ, & com que o fez decoroso, & decentissimo para si, foy com allegar os decretos, & disposiçoens de seu Pay: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.* Naõ he meu, diz o Senhor, concedervos o que pedis, porque effes lugares já meu Pay os decretou para outros: & assi como d'elle herdey o poder, assim d'elle hey de seguir, & confirmar os decretos. Isto he o que devem imitar os Principes herdeiros, & tanto mais gloriosamente, quanto filhos de pays mais gloriosos. He consequēcia natural, que com o Sol, que se poem, se escureçaõ hūs lugares, & com o que nasce, se alumiem outros: & esta he a Alva, ou o alvo das pertençaens no Oriente dos Reys, que começaõ, & Occaso dos que

que acabaõ. Mas o Principe, que teve a fortuna de succeder a hum Pay taõ digno das faudades dos vassallos, como da imitação dos filhos, com se referir às eleyçoens de feu pay, se livra de innovar outras. Se João, & Diogo, ou por si, ou por outrem, fizerem infancias, responda com o formulario do Rey dos Reys: *Non vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.* E serlhe ha tão facil o Não, como decoroso, & reverente.

127 Haverá, não duvido (como sempre ha nos novos Reynados) ambiçoens dezejosas de se introduzir, que aconselhem, & persuadaõ o contrario. Mas quaes sejam os efeitos destas novidades, que taõ docemẽte se ouvem, & taõ facilmente se abraçaõ, bem o pôdem ver os Conselheiros, & os aconselhados, & escramentar (se quizerem) no novo, & infausto Reynado de Roboam, filho d'El-Rey Salamaõ, por cuja morte o juráraõ todos os doze Tribus de Israel nas Cortes de Sichem. Assentaraõ tambem nas mesmas Cortes pedir ao novo Rey os aliviasse dos tri-

butos, que pagavaõ no tempo de feu Pay, os quaes por occasião das fabricas, assi do Templo, como dos Palacios Reaes, & muito mais pela excessiva despeza, com que Salamaõ sustentava tanto numero de Rainhas, chegáraõ a ser infoportaveis. Feita esta petição, diz o Texto Sagrado, que chamou Roboão a conselho os velhos do tempo de feu Pay, & que todos lhe aconselhãrão concedesse benignamente aos Povos, o que taõ justamente pediaõ, porque assi lhe ganharia as vontades, & se conservaria no Reyno. Não se aquietando porẽm Roboão com este conselho, diz o mesmo Texto, que consultou o negocio com os moços, com quem se tinha criado, & o assistiaõ, & que aconselhado por elles, respõdeo ao Povo, que o feu dedo meminho era mais grosso que feu Pay pèla cintura, & que confórme esta differença da sua grandeza, não só lhes não havia de moderar o açoute dos tributos, mas que se as correas no tempo de feu Pay eraõ de couro, no feu haviaõ de ser de ferro: *Pater meus*

*cæcidit vas flagellus, ego au-*  
 3. Reg. *tem cadam vos scorpionibus.*

12. 24 Este foy o conselho, & esta a rep: sta, & o successo em summa, qual se podia esperar de tal reposta, & de tal conselho. Porque das doze Tribus, que juráraõ a Roboaõ por Rey, as dez lhe negáraõ logo a obediencia, & a derãõ a Jeroboaõ, criado que tinha sido de seu Pay: querendo antes ser vassallos de hum criado de Salamão, que de hum tal filho de Salamão.

128 E se buscarmos a origem de tão infelice, & defestrado successo, em que hum Rey sem batalha perdeu as dez partes do seu Reyno, para si, & para todos seus defendêtes, em hũa hora; acharemos que foy por não querer conservar os Ministros antigos, que assistiaõ ao lado de seu Pay, & tomar outros. Assi o diz, & pondera a Escritura: *Reliquit consilium senum, qui assistebant coram Salomone Patre ejus, cum adhuc*

3. Reg. *viveret; & adhibuit adulescentes, qui nutriti fuerat cum eo, & assistebant illi.* Notay este, & aquelle. *assistebant.* A causa proxima da ruina de

Roboaõ foy deyxar o maduro conselho dos velhos experimentados, & tomar o dos moços orgulhuzos, & sem experiencia. Mas a origem della meisma causa esteve hum passo mais atraz, que foy mudar os Ministros, que assistiaõ ao lado de seu Pay: *Qui assistebant coram Salomone Patre ejus: &* criar de novo aquelles, com que se tinha criado, para que o assistissem a elle: *Qui nutriti fuerant cum eo, & assistebant illi.* A ultima decocção dos negocios faz se entre os Ministros, que estão ao lado dos Reys, como se vio neste mesmo cazo: & se os mesmos, que assistiaõ a Salamão, assistissem a seu filho; o voto destes havia de ser o que prevalecesse, & os Povos ficariaõ contentes, o Reyno inteiro, o Rey obedecido, & amado, & Roboaõ, que dizia que era mayor que seu Pay, tão grande como elle.

129 Nem deve passar sem advertencia a repetição enfastica, com que o Texto Sagrado depois de dizer: *Assistebant coram Salomone: acrescenta, Patre ejus.* Parece desnecessaria esta nova expref-

Q

saõ,

saõ, pois de toda a narração da historia contava ser Salamaõ Pay de Roboaõ. Mas foy nota, & ponderação dignissima de senaõ dissimular, como de hũa mayor circumstancia, que notavelmente agrava o caso. Porque ainda que os Ministros, de quem Salamaõ em sua vida se tinha servido junto a sua Pessoa, por serem Ministros do Rey mais sabio, que teve o mundo, merecião ser estimados, honrados, & conservados no lugar, que cõ elle tinhaõ; só por serem Ministros de seu Pay (ainda que esse Pay nam fora Salamaõ) se devia Roboaõ servir delles, & telos sempre junto a si, & fazer mayor confiança da sua fidelidade, da sua verdade, do seu zelo, & do seu amor que do de todos os outros: *Amicum tuum, & amicum patris tui ne dimiseris*: diz o Espirito Santo por boca do mesmo Salamaõ: O amigo, que foy amigo de teu pay, não o apartes de ti. E que mais tem os amigos, que foraõ amigos dos pays, do que os amigos novos, & particulares dos filhos? Tem de mais aquella

diferença, que ha entre o certo, & o duvidoso. Os amigos novos, que os filhos elegem, poderá ser, que sejaõ bons, & fieis amigos; mas os que foraõ amigos dos pays, já he certo que o saõ, porque estes já estaõ experimentados, & provados, aquelles ainda não. Atè em Deos tem sua força esta consequencia. Quando Deos appareceo a Moysés na Charça, não sabendo elle quem era, disse-lhe: *Ego sum Deus Patris tui*: Eu sou o Deus de teu Pay: irás libertar o Povo, & dir-lhehas, para que te dem credito, que o Deus de seus Pays te manda: *Deus Patrum vestrorum misit me ad vos*. Queraios libertar do cativo de Faraõ, & para os assegurar deste grande beneficio, não só disse, que era Deos, que o podia fazer, mas que era Deus de seus Pays, para que estivessem certos, que o faria. Por isso disse sabiamente Isocrates, que os mais seguros amigos saõ, os que se herdarão. A amizade dos que se fazem de novo, he duvidosa; a dos que se herdarão, & vem de pays a filhos, certa. E daqui conclue este

Prov.  
27.10

Exo.  
3.6.

Exo.  
3.13

este famosissimo Filofofo : *Liberos heredes esse non modo facultatum , sed amicitiarum paternarum* : Que os filhos não só são, & devem ser herdeyros da fazenda dos pays, senão tambem dos amigos. Se Roboaõ assi como herdou a Coroa, herdára tambem os amigos de feu Pay, elle nam perdéra o Reyno ; mas por que herdando o Reyno, quiz fazer novos amigos, elles o perderão.

130 Quando estes se quizerão introduzir á assistencia da Pessoa, & lugares do lado de Roboaõ, facilmête, & sem os escandalizar lhe podêra elle dizer, que estavam diante, os que tinha servido a feu Pay, & de quem elle tinha feyto eleyção: *Non vobis, sed quibus paratum est à Patre meo*: mas o erro de Roboam esteve, em que os que se tinham criado com elle, a primeira cousa, que lhe persuadirão, foy, que as suas eleyções havião de ser melhores. Porque se poderaõ tanto com as suas lizonjas, & se cegou tanto com ellas o pobre moço, que se persuadio, & se atreveo a dizer, que o seu anel tinha

mayor roda que o cinto de feu Pay ; como lhe não meteriaõ tambem em cabeça, que sendo feu Pay Salamaõ, sabia mais que elle ? Esta he a cegueira, em que ordinariamente caem os filhos dos Reys, & por isso em succedendo no governo, mudaõ criados, & officios, & quanto seus Pays tinham ordenado; não advertindo, que em materia de prover lugares, sabem mais os Pays com os olhos fechados, que os filhos, por mais sabios que sejaõ, com elles abertos. Estava Jacob já cego com a velhice, quando seu filho Joseph lhe presentou os dous netos Manassés, & Efraim, para que lhes lançasse a benção. Era Manassés o mayor, & por isso lho poz Joseph à mão direyta, como a Efraim, porque era o menor, á esquerda: porém Jacob cruzou, & trocou as mãos, & poz a direyta sobre a cabeça de Efraim, & a esquerda sobre a de Manassés. Não Senhor, replicou Joseph ; que este sobre que pondes a mão direyta, he o menor, & o mayor fica á esquerda. E que responderia Jacob ? Que respôderia o Pay,

cego? *Scio fili mi, scio*: bem  
*Genes.* sey filho meu, qual he o ma-  
 48.19 yor, & o menor, & bem sey  
 tambem o que faço. Sey qual  
 he o mayor, & o menor, por-  
 que sey o que vòs vedes: & sey  
 tambem o que faço, porque  
 sey o que não vedes. Vòs ve-  
 des só as idades desses dous  
 mininos, eu vejolhe as idades,  
 & mais as fortunas. E porque  
 a fortuna de Efraim ha de ser  
 muyto mayor que a de Ma-  
 nassês; por isso ponho a mão  
 direyta sobre o que vòs têdes  
 por menor, & a esquerda so-  
 bre o outro. Joseph era tão  
 sabio, como todos sabem, &  
 como experimentou, & ad-  
 mirou o Egypto, onde succe-  
 deo este cazo. E com tudo  
 Jacob estando cego, via duas  
 vezes mais que Joseph, & sa-  
 bia duas vezes mais que elle  
*Scio, fili mi, scio*: porque mais  
 sabe, como dizia, hum pay cõ  
 os olhos fechados, que o mais  
 sabio filho com elles abertos.  
 Cuidem os filhos, & não des-  
 confiem de que se cuyde, que  
 seus pays sabem mais que el-  
 les.

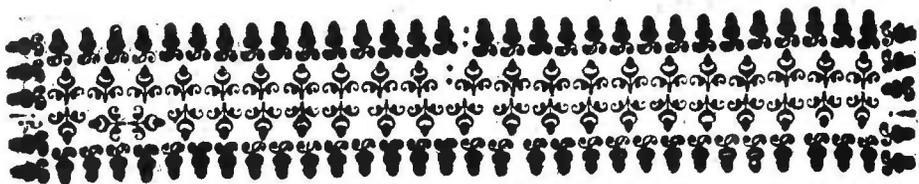
131 Hũa vez pergunta-  
 rão os Discipulos a Christo,  
 quando havia de restituir o

Reyno de Israel, & outra vez,  
 quando havia de ser o dia do  
 juizo, & de ambas as vezes  
 se escuzou o Senhor com res-  
 ponder, que estes segredos só  
 os sabia seu Pay. Pois, Mestre  
 Divino, em quem o mesmo  
 Pay tem depositado os the-  
 souros de sua sabedoria, nam  
 sabeis vòs tambem estes dous  
 segredos? Si sey; mas feyos  
 para os guardar, não os sey  
 para os dizer. Excelente so-  
 lução: & esta he a verdadeira  
 destes dous textos. Será bem,  
 com tudo, Senhor, que cuidem  
 os vossos Discipulos, que não  
 sabeis tudo? Como a compa-  
 ração não he mais que entre  
 meu Pay, & mim, cuydem em-  
 bora. Nenhum filho deve  
 desconfiar, de que se cuyde,  
 que seu pay sabe mais que el-  
 le. E assi o ha de entender, &  
 suppor, como tambem Chri-  
 sto o suppunha, em quanto  
 homem. E se alguem me re-  
 plicar, que este, ou seja co-  
 nhecimento, ou modestia, 131  
 não he tão decente, nem tão  
 decorosa nos outros filhos,  
 como em Christo, porque seu  
 Pay he Deos; digo, que os  
 outros pays, em respeyto de  
 seus filhos, també são Deoses:

ou quando menos, que os filhos os devem estimar, & venerar como taes, para seguir seus dictames: *Filij probi parentes suos tanquam Deos quosdam visibiles colunt, & observant*: diz Philo, os bons filhos revenerão a seus pays como Deoses visiveis, & como de taes observão seus exemplos. Esta sentença tomou o Plató dos Hebreos do Plató dos Gregos, o qual chamou aos pays: *Domestica Numina*, Deoses domesticos: & acrescenta, que os dictames dos pays, como de Deoses, haõ de ser recebidos, & observados dos filhos, não como confelhos, ou preceitos, senão como oraculos: *Parentum do-*

*gmata à filijs velut oracula excipientia sunt*. Finalmente porque não faça duvida esta doutrina, que Plató ditou sem fé de Deos, & Philo sem fé de Christo, & para que della possamos colher, & gozar os abundantes, & felicissimos frutos, que nossas esperanças nos prometem; fechemos este tão importante discurso, com o oraculo irrefragavel do Espirito Santo, o qual mandou pregar pelo filho de Syrach a todos os filhos: *Judicium patris audite Eccle. filii, & sic facite, ut salvi sitis. 3.2.* Filhos, ouvi o juizo de vosso pay, & fazeyo assi, para que vos conserveis nesta vida, & vos salveis na outra.





# S E R M A M D E S. A N T O N I O, P R E G A D O

Em Roma, na Igreja dos Portuguezes, & na occasião, em que o Marquez das Minas, Embaxador Extraordinario do Principe nosso Senhor fez a Embaxada de Obediencia á Santidade de Clemente X.

---

*Vox estis Lux Mundi. Matth. cap. 5.*

S. I.

133



Hum Portuguez Italiano, & a hum Italiano Portuguez, celebra hoje Italia, & Portugal. Portugal a Santo Antonio de Lisboa: Italia a Santo Antonio de Padua. De Lisboa; porque lhe deu o nascimento: de Padua, porque lhe deu a sepultura. Assi foy; mas eu cuyda-

va; que não havia de ser assi Joseph o prodigioso, Joseph o que tanto cresceo fóra de sua patria, mandou, que seu corpo fosse levado a ella, & não ficasse no Egypto. Em Egypto obrou as maravilhas, em Egypto recebeu as adorações; mas não quiz que descançassem seus ossos na terra, onde reynára, senão na terra onde nascêra. Quiz que conhecesse a sua patria, que estimava mais a natureza que as

fe-

fortunas. Antes quiz hũa sepultura raza, em sete pès da terra propria, que os mausoléos, & as piramides EGYPCIAS na estranha. Assi cuidava eu, que a ley de bom Portuguez, devia fazer tambem S. Antonio. Mas quando por parte da patria me quèria queyxr do seu amor, atalhoume o Evangelho com a sua obrigação: *Vos estis lux mundi*. Reparay, diz o Evangelista, que Antonio foy luz do mundo. Foy luz do mundo? Não tem logo, que se queyxr Portugal. Se Antonio não nascera para Sol, tivera a sepultura, onde teve o nascimento: mas como Deos o criou, para luz do mundo, nascer em huma parte, & sepultarse na outra, he obrigação do Sol. Profetizando Malaquias o nascimẽto de Christo, diz, que nasceria como Sol de justiça: *Orietur vobis Sol justitiae*: E que fez Christo como Sol, & como justo? Como Sol, mudou os Orizontes: como justo, deu a cada hum o seu. Como Sol mudou os Orizõtes, porque nasceo nũ lugar, & morreo noutro: como justo deu a cada hum o seu; porque a Bè-

lem honrou com o berço, a Jerusalem com o sepulchro. Assim tambem Antonio. Se Lisboa foy a Aurora do seu Oriente, seja Padua a sepultura do seu Occaso.

134 Levante Padua glorioso mausoléo ás sagradas reliquias de Antonio, & veja-se elculpida nas quatro fachadas delle a obediencia dos quatro elementos, sogeytos a seu imperio. A terra com os animaes postrados, o mar cõ os pexes ou vintes, o ar com as tempestades suspensas, o fogo com os incendios parados. Pendurem-se nas piramydes por trofeos, os despojos innumeraveis de sua beneficencia: as bandeyras dos vencedores, as anchoras dos naufragantes, as cadeas dos cativos, as mortalhas dos resuscitados, & dos enfermos de todas as enfermidades, os votos. Dispase a Fama, para fazer cortinas a este Sacratio, bordadas ( como fazia a antiguidade ) de olhos, de linguas, & de orelhas. Das orelhas, com que deu ouvidos a tantos surdos; dos olhos, com que restituiu a vista a tantos cegos: das linguas, com que desimpedio

pedio a falla a tantos mudos. E por Alma de todo este corpo milagroso, veja-se (como hoje se vê) & adore-se em custodia de cristal a mesma lingua de Antonio, depois da morte, viva, antes da resurreição, resuscitada, a pezar da terra, incorrupta, a pezar das cinzas, inteira, a pezar da sepultura, immortal, & a pezar dos tempos, eterna.

135 Isto he o que vê Italia em Padua. E em Lisboa, que vê Portugal, & o mundo? Não se vem alli muitos milagres, ve-se hum só milagre; não se vem os milagres do Santo, ve-se o milagre dos Santos. Ve-se Antonio sobre os Altares, cõ as mãos carregadas de memoriaes, como primeyro valido de Deos, & como bom valido, despachados logo. Ve-se a casa, onde nasceo, convertida, & consagrada com magnificencia Real, em sumptuoso Templo; & ve-se com religiosa rezão de estado fundado sobre as abobadas do mesmo Templo o Capitolio, ou Senado daquella triunfante Cidade: daquella Cidade digo, que depois de pôr freyo ao nunca domado

Oceano, descobrio, conquistou, & fogueitou, & unio à Igreja Romana aquelles valtiffimos membros do corpo do mundo, de que Roma já se chamava cabeça; mas ainda o não era.

136 Neste Templo, & naquella sepulchro se vê dividido Antonio entre Portugal, & Italia: nestes dous Orizontes taõ distantes se vê dividida a luz do mundo entre Padua, & Lisboa. Gloriosa Padua, porque pôde dizer, Aqui jaz: gloriosa Lisboa, porque pôde dizer, Aqui nasceo. Mas qual das duas mais gloriosa? Não quero decidir a questão: dividila si. Fiquem as glorias de S. Antonio de Padua, para a eloquencia elegantissima dos Oradores de Italia: E eu, que me devo accomodar ao lugar, & ao auditorio, só fallarey hoje de S. Antonio de Lisboa.

137 Para louvor pois do Santo Portuguez, & para honra, & doutrina dos Portuguezes, que o celebramos, reduzindo estes dous intentos a hum só assumpto, & fundando tudo nas palavras do Evangelho: *Vos estis lux mundi*

Será

Será o argumento do meu discurso esse: Que Santo Antonio foy luz do mundo, porque foy verdadeyro Portuguez: & que foy verdadeyro Portuguez, porque foy luz do mundo. Declarome. Bem podêra Santo Antonio fer luz do mundo, sendo de outra nação: mas hũa vez que nasceo Portuguez, não fora verdadeyro Portuguez; senão fora luz do mûdo; porque o fer luz do mundo nos outros homens, he só privilegio da graça: nos Portuguezes he tambem obrigação da natureza. Isto he o que hoje haõ de ouvir os Portuguezes de si, & do seu Portuguez. *Ave Maria.*

## §. II.

*Vos estis lux mundi.*

138 **F**Alla Christo nestas palavras com os Apostolos, & nelles cõ todos seus successores, os Varrões Apostolicos. E porque a obrigação do officio Apostolico he alumiar o mundo cõ a luz do Evangelho; por isto lhes dá Christo por titulo o

mesmo character da sua obrigação, chamandolhes luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Esta prerogativa tão gloriosa, que nas outras nações he graça particular das pessoas, nos Portuguezes não só he particular das pessoas, senão universal de toda a nação. A Pedro, & a Joaõ disse Christo, que erão luz do mundo; mas ainda que Pedro, & Joaõ erão Galileos, não o disse a toda Galilea. A Basilio, & Athanasio disse Christo, que eraõ luz do mundo: mas ainda que Basilio, & Athanasio eraõ Gregos, não o disse a toda Grecia. A Cypriano, & Agostinho disse Christo, que eraõ luz do mundo; mas ainda que Cypriano, & Agostinho erão Africanos, não o disse a toda a Africa. A Antonio porém disselhe Christo, que era luz do mundo, & não só o disse a Antonio, que era Portuguez, senão tambem a todos os Portuguezes. E qual he, ou qual pòde fer a rezaõ desta differença tam notavel? A razão he: porque os outros homens por instituição divina tem só obrigação de fer Catholicos: o Por-

tuguez tem obrigação de ser Catholico, & de ser Apostolico: os outros Christãos tem obrigação de crer a Fé: o Portuguez tem obrigação de a crer, & mais de a propagar. E quem diz isto? São Hieronymo, ou S. Ambrosio? Não: o mesmo Christo, que disse: *Vos estis lux mundi.*

139 He gloria singular do Reyno de Portugal, que só elle entre todos os do mundo foy fundado, & instituido por Deos. Bem sey, que o Reyno de Israel tambem foy feyto por Deos: mas foy feyto por Deos so permissivamente, & muyto contra sua vontade, porque teimarão os Israelitas a ter Rey, como as outras nações: porèm o Reyno de Portugal, quando Christo o fundou, & instituiu, apparecendo a El Rey ( que ainda o não era Dom Affonso Henriques; a primeira palavra, que lhe disse, foy: *Volo: quero.* Como o Reyno de Portugal havia de ser tão filho da Igreja Catholica, & lhe havia de fazer no mundo tão relevantes serviços, quiz Christo, que a sua instituição fosse muyto semelhante á da

mesma Igreja. A São Pedro disse Christo: *Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo Ecclesiam meam:* a D. Affonso disse Christo: *Volo in te, & in femine tuo Imperium mihi stabilire.* A Pedro disse: quero fundar em ti hũa Igreja não tua, senão minha: *Ecclesiam meam.* A Affonso disse: quero fundar em ti hum Imperio não para ti, senão para mim: *Imperium mihi:* A Pedro na instituição da Igreja não disse: *In te, & in femine tuo;* porque como o Imperio da Igreja era universal sobre todas as naçoens do mundo, quiz que todas as naçoens tivessem direyto á eleição da theara: o Hebreo, como Pedro: o Grego, como Anacleto: o Romano, como Gregorio: o Alemam, como Victor: o Frances, como Martinho: o Espanhol, como Calixto: o Portuguez, como Damazo. Mas na instituição do Reyno de Portugal disse Christo: *In te, & in femine tuo:* porque como era Reyno particular de hũa só nação, quiz que fosse hereditario, & não electivo, para que se continuasse na succe-

140 são, & descendencia do me-  
 mo sangue. E porque tudo  
 isto, & para que? Não para  
 o fim politico, que he com-  
 mum a todos os Reynos, & a  
 todas as naçoens, se não para  
 o fim Apostolico, que he par-  
 ticular deste Reyno, & desta  
 nação. O mesmo Christo o  
 disse nas palavras, com que o  
 instituiu: *Ut deferatur no-*  
*men meum in exterar gentes:*  
 para que por meyo dos Por-  
 tuguezes seja levado meu  
 nome ás gentes estranhas.  
 Ainda então não sabia o mû-  
 do que gentes estranhas fos-  
 sem estas, mas dahi a 400. an-  
 nos, quando tambem o mun-  
 do se conheceo a si mesmo;  
 então o soube. Vede, se foy  
 instituição Apostolica. De S.  
 Paulo disse Christo: *Ut por-*  
*tet nomen meum coram genti-*  
*bus:* dos Portuguezes disse o  
 mesmo Christo: *Ut defera-*  
*tur nomen meum in exterar*  
*gentes:* Aos Apostolos disse  
 Christo: *Videte regiones, quia*  
 24.35 *alba sunt ad messem:* E aos  
 Portuguezes disse o mesmo  
 Christo: *Vt sint messores mei*  
*in terris longinquis:* E notay  
 que disse nomeadamente *mes-*  
*sores:* segadores; porque

se havia de servir tambem do  
 seu braço, & do seu ferro.  
 Quando Christo appareceo a  
 ElRey D. Affonso, estava el-  
 le na sua tenda tendo a hi-  
 storia de Gedeam, não só  
 com hum, mas com dous my-  
 sterios: Primeiro; para que o  
 Rey não desconfiasse da pro-  
 messa, vendo que os seus  
 Portuguezes erão poucos:  
 Segundo; para que os mes-  
 mos Portuguezes entendes-  
 sem, que como soldados de  
 Gedeam, em hũa mão aviam  
 de levar a trombeta, & na ou-  
 tra mão a luz. A Pedro cha-  
 moulhe Christo: *Cephas*  
 pedra; em significação do  
 que avia de ser: os Portugue-  
 zes primeyro se chamarão  
 Tubales (de Tubal) que quer  
 dizer mundanos, & depois  
 chamarão-se Lusitanos: Lusi-  
 tanos, para que trouxessem  
 no nome a luz: Mundanos,  
 para que trouxessem no no-  
 me o mundo; porque Deos  
 os havia de escolher, para luz  
 do mundo: *Vos estis lux mun-*  
*di.*

## §. II.

141 Supposta esta verda-  
 de tão autentica, para que ve-

jamos distintamente, quam bem se desempenhou S. Antonio da obrigação de verdadeiro Portuguez, & do titulo de Luz do mundo, confidero eu na sua luz cinco movimentos muito particulares: 1. mudar de Religião: 2. deyxar a patria: 3. embarcar-se, & metter-se no mar: 4. dedicar-se a vida à conversão dos Infieis: 5. vir a Roma, onde estamos, & dar obediencia ao Vigario de Christo, como Portugal lha deu agora solememente, & com tanta solemnidade. Parecê muytos os movimentos, mas como são de luz, serão breves.

142 Não ha cousa, q̄ mais pareça contraria à fantidade, que a mudança da vocação. S. Antonio era Religioso da sagrada Ordem de S. Agostinho: alli se graduou de luz, & alli avia de ser. Pois porque muda de Habito, & de profissão? Se o fez pela clausura de Conego Regrante, para sair, como luz, ao mundo, passara-se aos Eremiras, debaixo da mesma Regra de S. Agostinho. Porque deyxar logo o seu Patriarca, & entre todos os Patriarcas escolhe a

S. Francisco? Porque era Portuguez; & resoluta a alumiar o mundo, avia de ser debaixo das Quinas de Portugal, debaixo da bandeyra das cinco Chagas. O mesmo S. Agostinho seu Padre chamou ás Chagas de Christo, bandeyras de luz: *Fulgentia redemptionis vexilla*. E como entre todos os Patriarcas, entre todos os Generacs da Igreja militante, só Francisco levava diante a bandeyra das cinco Chagas, só debaixo desta bandeyra se devia alistar Antonio, como Portuguez, & como luz do mundo: como Portuguez, para seguir as sagradas Quinas: como luz do mundo, para alumiar com ellas aos Infieis.

143 Infel estava Thomê, & tão incredulamête In-<sup>Joan.</sup>fiel, que dizia, & protestava: 20.25  
*Nisi videro fixuram clavorum, & mittam manum meam in latus ejus, non credam.* Senão vir as chagas dos cravos, & não meter a mão na chaga do lado, não hey de crer. A-qui reparo. Para crer, & para fazer fé, bastão duas testemunhas: as chagas dos cravos: eraõ quatro: pois porque se-

não contenta Thomè com as chagas dos cravos , porque pede tambem a do lado , para crer ? Porque as chagas dos cravos ainda que erão chagas , não erão quinas : erão quatro , não erão cinco. E para converter Infeis , para os render , & reduzir a crer , haõ de concorrer todas as cinco chagas. Tertulliano: *Omnibus divinitatis Christi probationibus instrutus , dixit : Dominus meus , & Deus meus.* Reduzio-se a infidelidade de Thomè , & rendeuse á virtude , & efficacia das Chagas de Christo ? Si ; Mas notay , diz Tertulliano , que não se rendeo a parte dellas , senão a todas : *Omnibus.* Crerás Thomé , se vires as chagas das mãos de Christo ? *Non credam.* Crerás Thomé , se vires as chagas das mãos , & as dos pés ? *Non credam.* E se vires as duas dos pés , & as duas das mãos , & tambem a quinta do lado ; crerás ? Então si : *Dominus meus , & Deus meus.* Assi se rendeo a infidelidade de Thomé , & assi se rendeo , & se avia de render a do mûdo.

144 Por isso disse judiciosamente S. Pedro Chryfologo ,

que a instancia de Thomè em pedir as cinco chagas , não só foy incredulidade , senão profecia : *Prophetia sane magis , quam cunctatio fuit.* Muitas cousas profetizou S. Thomè na India , dos Portuguezes ; mas esta profecia foy o comprimento de todas. Que avia de ser cõquistada a infidelidade das gètes , em virtude das cinco Chagas de Christo ; que avia de ser cõquistada a infidelidade das gentes , não pellas armas dos Portuguezes , senão pellas Armas de Portugal. Deu-nos Christo por Armas , & por Brazaõ as sagradas Quinas , & essas Quinas forão as nossas Armas. Quando os filhos de Israel sahirão de Egypto , para a conquista da terra de Promissaõ , sahirão sem armas , porque lhas vedavão , & prohibião os Egypcios : & com tudo diz o Texto , que sahirão armados : *Armati ascenderunt filij Israel de terra Egypti :* pois se sahirão sem armas , como diz a Escritura , que sahirão armados ? Milagrosamente

Exod. 13. 8.

*Ascenderunt filij Israel armati : ascenderunt filij Israel quini , &*

*quini*. Diz que sahiraõ armados, porque sahirão, mysteriosamente, cinco, & cinco: E como sahiraõ cinco & cinco: *quini*, & *quini*: estas quinas lhe serviraõ de armas: *Ascenderunt quini, & quini: ascenderunt armati*. Estas foraõ as armas, com que os Hebreos conquistaraõ a terra de Promissaõ: estas foraõ as armas, com que os Portuguezes conquistaraõ o mundo novo; & estas foraõ as armas, com que S. Antonio, conquistou, alumiou, & renovou o velho. Oh soberano David, Menor, vestido de sayal, & vencedor do Gigante, em virtude das sagradas Quinas!

145 Quando David, entre os irmãos o menor, ouve de sair contra o Gigante, que fez? Despe as armas de Saul, vestefe do seu sayal, vayfe ao rio, escolhe cinco pedras, & fae: *Elegit sibi quinque lapidissimos lapides de torrente*. Para o tiro bastava hũa só pedra, como bastou. Pois se bastava hũa só, porque leva cinco David? Porque ainda que hũa só bastava para o golpe, crão necessarias todas cinco, para o mysterio. Aquellas

cinco pedras crão as cinco Chagas de Christo: a torrente, de que as tirou lavadas, era a torrente do seu sangue: E para hum homem, ou hum moço tão pequeno derrubar hum Gigante tão grande, só na virtude das cinco Chagas podia fer. Dispa logo Antonio as armas de Agustinho, vistafe do sayal de Francisco, & com as sagradas Quinas diante faya seguro, & confiado o Menor, que elle vencerá o Gigante. Estava hũa vez prêgando S. Antonio: eis que aparece junto a elle S. Francisco, com os braços em cruz, mostrando as Chagas. Francisco era o Moysês: Antonio era o Josuè. Francisco sustentava a bandeyra, Antonio meneava as armas: Francisco arvorava as Quinas; Antonio alcançava as vitorias. No corpo de Francisco estava scintillando a constellação das cinco Estrellas fixas; & pela boca de Antonio sahião os raios, & as influencias da luz, que confundia, & alumiaava o mundo: *Vos estis lux mundi*.

## §. IV.

146 E se Antonio era luz do

do mundo, como não havia de fair da patria? Este foy o segundo movimento. Sahio como luz do mundo, & sahio como Portuguez. Sem fair ninguem pôde fer grande:

*Genes. Egredere de terra tua: & faciam te in gentem magnam:* disse Deos ao Pay da fé. Sahio para fer grande; & porque era grande, sahio. Ao quinto dia do mundo criou Deos no elemento da agua as aves, & os pexes: E que fizeram huns, & outros? Os pexes como frios, & sem azas, deixaraõ-se ficar onde nascerão: as aves como alentadas, & generosas mudáraõ elemento. Assi o fez o grande espirito de Antonio, & assi era obrigado ao fazer; porque nasceo Portuguez. Humã cousa, em que ha muyto tempo tenho reparado, são os dous empregos, que Christo fez dos trinta dinheiros, porque foy vendido. O primeiro emprego foy comprar hũ campo para enterro de peregrinos: *Emerunt ex eu agrum figuli in sepulturam peregrinorum.* O segundo emprego foy esmaltar com os mesmos trinta dinheiros, o escudo das

Armas de Portugal: *Ex pretio, quo ego gibus humanum emi, & quo à ludæis emptus sum, insigne, tuum compones.* Notaveis empregos! E que proporção tem o escudo de Portugal com o enterro dos peregrinos, para que o preço de hum seja esmalte do outro? Grande proporçam. Quiz Christo, que o preço da sepultura dos peregrinos, fosse o esmalte das Armas dos Portuguezes: para que entendeffemos, que o brazão de nascer Portuguez era obrigação de morrer peregrino: Com as armas nos obrigou Christo a peregrinar, & com a sepultura nos empenhou a morrer. Mas se nos deu o brazão, que nos havia de levar da patria, tambem nos deu a terra, que nos havia de cobrir fóra della. Nascer pequeno, & morrer grande, he chegar a ser homem. Por isso nos deu Deos tão pouca terra para o nascimento, & tantas terras para a sepultura. Para nascer, pouca terra: para morrer, toda a terra: para nascer, Portugal: para morrer, o mundo. Perguntay a vossos avòs, quãtos

sa-

fahirão, & quam poucos tornáraõ? Mas estes são os ossos, de que mais se deve prezar vosso sangue.

147 Fundase esta pensão de sair da patria na obrigação de ser luz do mundo. Como podéra S. Antonio ser luz de França, & de Italia, senão sahira de Portugal? Para Abraham levar a fé a Palestina, ouve de sair de Caldea: para Christo derrubar os idolos do Egypto, ouve de sair de Nazareth: ambos desterrados da patria; mas ambos, como luz, desterrando trevas. Não se pôde plantar a Fé, sem se transplantarem os que a semeão. Não debalde disse Christo:

Joan.  
15.1.

*Pater meus Agricola est.* Ouve-se Deos com os Portuguezes, como Agricultor de luzes. Semea o Agricultor em pouca terra, o que depois ha de dispor em muita. Pouca terra era Portugal; mas ali fez Deos hum Seminario de luz, para a transplantar pelo mundo. Criou Deos a luz no primeyro dia: passou o segundo, passou o terceiro, & ao quarto dia dividindo aquella mesma luz, que tinha

criado, formou della o Sol, a Lua, & as Estrellas, & repartiões por todo o firmamento. Pergunto. E effes Planetas, effes Astros, effes Signos, & effas Constellaçoens, porque as não formou Deos logo no primeyro dia, senão depois? O mysterio foy, diz S. Basilio, porque quiz o supremo Artifice do Univerſo debuxar no rascunho da natureza a traça, que avia de seguir nas obras da graça. He o que vimos na conversão do mundo novo. Assim como a luz material primeyro a criou Deos junta em hum lugar, & depois a repartio dali por todas as Regioens do Ceo, & sobre todas as da terra: hûas Estrellas ao Polo Artico, outras ao Antartico humas ao Norte, outras ao Sul: humas ao Setentrião, outras ao Meyodia; assim para alumiar o novo mundo, que tantos seculos avia de estar jã escuras sem ser conhecido dos homens, nem ter conhecimento do verdadeiro Deos: Que fez o Autor da graça? Criou primeiro, & conservou separado em Portugal aquelle Seminario escolhido de fé, & de

de luz, para que dali dividida, & repartida a seu tempo: hūas luzes toffem alumiar a Africa, outras a Asia, outros a America: hūas ao Brasil, outras a Ethiopia, outras á India, outras ao Mogor, outras ao Japão, outras á China, & desta maneira transplantada de Portugal a Fé, se plantasse nas tres partes do mundo.

148 He verdade, que Portugal era hum cantinho, ou hum canteirinho da Europa: mas nesse cantinho de terra pura, & mimosa de Deos: *Fide purum, & pietate dilectum*: Nesse cantinho quiz o Ceo depositar a Fé, que dali se avia de derivar a todas estas vastissimas terras, introduzida com tanto valor, cultivada com tanto trabalho, regada com tanto sangue, recolhida com tantos fuores, & metida finalmente nos feyros da Igreja, debaxo das chaves de Pedro, com tanta gloria. Medindo-se Portugal comfigo mesmo, & reconhecendo-se tão pequeno á vista de huma empresa tão immensa, podera dizer o que disse Jeremias, quando Deos o escolheu para Profeta das gen-

tes: *Et Prophetam in gentibus didi te*: E que disse Jeremias: *Et dixi: A, A, A, Domine Deus, quia puer ego sum.* A, A, A, Deus meu, onde me mandais, q̄ sou muyto pequeno, para tomar ha empresa. O mesmo podera dizer Portugal. Mas tirando-lhe Deos da boca estes tres AAA, ao primeiro A, escreveu Africa, ao segundo A, escreveu Asia, ao terceiro A, escreveu America, fogueitando todas tres a seu Imperio como Senhor, & a sua doutrina como luz: *Vos estis lux mundi.*

## §. V.

149 Mas como S. Antonio (já himos no terceyro movimento) como S. Antonio era a primeyra luz destas luzes, ella foy tambem a que lhes abriu, & mostrou o caminho, faindo do Poente para o Levante. Não he este o curso do Sol: porèm assi avia de ser, porque era Antonio Sol, que levava a faude nas azas: *Et sanitas in pennis ejus.* Pedio El Rey Ezequias a Deos, que lhe segurasse a faude em hum sinal do Sol: &

qual foy o final? Que o Sol troeasse a carreyra, & não caminhasse do Oriente para o Occaso, senão do Occaso para o Oriente. Assi Antonio, & assi os Portuguezes. Elle do Poente para Levante, elles do Occaso para o Oriente, porque levavaõ na luz a faude do mundo. E porque o Sol quando desce a alumiar os Antfpodas, mete o carro no mar, & banha os cavallos nas ondas, para que assi o fizessem tambem os Portuguezes, deixa Antonio a terra, engolfase no Oceano, & começa a navegar, levando o pensamento, & a proa na Africa, que tambem foy a primeira derrota, & a primeyra ousadia dos nossos Argonautas.

150 Mas porque a fraze dos cavallos, & carro do Sol metidos no mar, não pareça poetica, & fabulosa, ouçamo-la ao Profeta Habacuc, q̄ com novo, & levantado estylo o cantou assi no Cap. 3. *Viam fecisti in mari equis tuis, & quadrigæ tuæ salvatio.* Vòs, Senhor, diz o Profeta, fizestes o caminho pelo mar aos vossos cavallos, & ás vossas

carroças da salvação. Carroças da salvação, & cavallos que caminhão pelo mar? Que carroças, & que cavallos são estes? *Portugallenses in suis navigationibus, & conversionibus:* disse Genebrard.

Genebrard.

Mas ouçamos antes o mesmo Texto. Primeyramente diz o Profeta, que Deos he o que lhe fez este caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis.* Porque o caminho, que fizerão os Portuguezes, era caminho que ainda não estava feyto. Por mares nunca dantes navegados. Deos abriu o caminho aos Portuguezes, & os Portuguezes o abrião ás outras naçoens. Mareavão sem carta, porque elles avião de fazer a carta de marear. As suas vitorias arrumãrão as terras: os seus perigos descobrião os bayxos: a sua experiencia compassou as alturas: a sua resistencia examinou as correntes. Navegavão sem carta, nem roteyro, por novos mares; por novos climas, com ventos novos, com Ceos novos, & com Estrellas novas; mas nunca perderão o tino, nem a derrota; porque Deos era o que

o que mandava a via: *Viam fecisti in mari equis tuis.* Estes eraõ os cavallos intrepidos, & generofos. E as carroças da falvação, quaes eraõ? Eraõ aquellas Cidades nadantes, aquelles poderofissimos vazos da primeyra navegação do Oriente, a quẽ os estrangeyros com pouca differença de carroças, chamarão carrácas. E chama-lhe o Profeta carroças de falvação: *Quadrigæ tuæ salvatio;* porque da quilha ao tope, ifo he o que levavão. Levavão por lastro os padroens da Igreja, & tal vez as mefmas Igrejas em peças, para lá se fabricarem: Levavão nas bân-deiras as Chagas de Christo, nas antenas a Cruz, na agulha a Fê, nas ancoras a Esperança, no leme a Charidade; no farol a luz do Evangelho, & em tudo a falvação: *Et quadrigæ tuæ salvatio.* Desta maneira entraraõ pelo mar dentro, aquelles novos carros do Sol, para levar á luz aos Antipodas. Assi o disse, fallando à letra dos Portuguezes, o Profeta Ifaias. Não he a exposição minha, nem de nenhum Portuguez: he de

Vatablo, de Cornelio, de Maluenda, de Thomás Bos-<sup>Vatab.</sup> fio, & outros: *Ite Angelive-*<sup>Corn.</sup>  
*loces ad gentem expectantem,*<sup>Malu.</sup>  
*expectantem, ad gentem con-*<sup>Bos.</sup>  
*culcatam.* Ide depressa Por-<sup>Ifai.</sup>  
tuguezes, ide depressa em-<sup>18.2.</sup>  
baxadores do Ceo, levay a luz do Euangelho a essa gente, que ha mil & quinhentos annos, que está esperando: <sup>Leção</sup>  
*Ad gentem expectantem ex-*<sup>Hebr.</sup>  
*pectantem.* Ide, & levay a luz do Euangelho a essa gente pizada: *Ad gentem conculcatam.* Gente pizada? *Gentem conculcatam?* E qual he a gente pizada? Não a busqueis; que está muito longe, Saõ os Antipodas, que vivem lá debayxo dos nossos pês: elles vivem lá embaixo, & os nossos pês andão cá pizando por cima. Taõ elegantemente o disse Ifaias, como Profeta de Corte.

152 Santo Agostinho teve para si, que não avia Antipodas. E diz assi no livro 26. de *Civitate Dei.* *Absurdum est, ut dicatur, homines aliquos ex hac in illam partem* <sup>Aug.</sup>  
*trajecta Oceani immensitate navigare, & pervenire potuisse, ut etiam illis ex uno illo*

*primo homine genus instituetur humanum.* Se ha taes homens ( argumentava Agustinho ) são filhos de Adam: se são filhos de Adão , passá-rao destas partes á aquellas , navegando, & atravessando a immensidade do Oceano : tal passagem, & tal navegação he impossivel : logo não ha taes homens. Grande gloria, Antonio, da vossa nação? Que chegassem os Portuguezes a dar fundo com as ancoras, onde S. Agustinho não achou fundo com o entendimento : que chegassem os Portuguezes a fazer possivel com o valor, o que no mayor entendimento era impossivel. Por isto Isaias lhes chamou mais que homens: *Ite Angeli velocis.* Hum só homem passou o Cabo de Boa Esperança, antes dos Portuguezes : E qual foy, & como ? Jonas no ventre da Balea. Desembocou a Balea o Mediterraneo, porque não tinha outro caminho: tomou a costa da Africa á mão esquerda: dobrou o Cabo de Boa Esperança : escoreo a Ethiopia : passou a Arabia : entrou o mar Persico : apor-

tou as prayas de Ninive no Eufrates, & fazendo da lingua prancha, poz o Profeta em terra: *In profundum projectus est, exceptusque à cetor marino monstro, ac devoratus post triduum fere Ninivitarum littoribus ejectus, jussa prædicat:* diz Sulpicio Severo no livro 1. da Historia Sagrada.

153 Mas porque fez o Profeta esta viagem por debaxo do mar, dentro em hũa Balea: porque a não fez por cima da agua no mesmo navio, em que navegava? Porque este milagre do valor, & esta vitoria da natureza, não era para os mareantes de Tyro: tinha-o Deos guardado para os Argonautas do Tejo. O Tejo era o que havia de dominar o mar: o Tejo era o que avia de triunfar das ondas, & dos ventos: o Tejo era o que havia de tirar o tridente das mãos ao Oceano, para o pôr reverente aos pés do Tibre. Faltavaõ-lhe ao anel do Pescador, quasi as tres partes do circulo, & ellas lhe perfez o Tejo com o ouro das suas areas. Muyto me engano eu, se o não cantou affi

*Psal. 71.8.* *assí David : Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum.* Dominára a Igreja de mar a mar, & do rio : à *flumine*: atè os ultimos fins da terra. E qual he o Rio, que de fim a fim está contraposto aos fins da terra? He o Rio de Lisboa: o Tejo. Do Rio de Lisboa sahio Antonio, & derrotado da tempestadé, foy aportar a Italia, para ser luz da Europa. Do Rio de Lisboa sahirão os Portuguezes, & medindo a Africa, descobrindo a America, chegarão com a luz do Euangelho atè os fins da Asia; para que alumando Antonio a melhor parte do mundo, & alumando os outros Portuguezes as tres mayores partes, na uniaõ de todas quatro se devesse inteiramente ao nome Portuguez o titulo de luz do mundo: *Vos estis lux mundi.*

## §. VI.

154 Não se dedicou Antonio (este era o quarto movimento, mas por abreviar, o ajuntarey com o ultimo.)

Não se dedicou Antonio à Christandade, porque são homens com luz: aos Infieis o levava o seu espirito, porque era espirito Portuguez. Gloria singular he de Portugal, que nem no Reyno, nem em toda a Monarquia domine hum só palmo de terra, que não fosse conquistada a Infieis. Tudo quanto domnou a luz neste mundo, foy conquistado ás trevas; porque ellas o possuhiaõ primeiro: *Tenebræ erant super faciem abyssi, & dixit Deus: 1.2.3. fiat lux, & facta est lux.* E así como o officio do Sol he ir sempre seguindo, & perseguindo as trevas, & lançando-as fóra do mundo; así tambem os Portuguezes aos Infieis. Estava Portugal pela desgraça universal de Espanha occupada de Mahometanos, & que fizeram os Portuguezes? Do Minho os lançárão além do Douro, do Douro á Estremadura, da Estremadura a Alem do Tejo, de Alem do Tejo ao Algarve, do Algarve ás Costas de Africa; & alli os forão sempre seguindo, & conquistando, atè que o pezo das armas

se passou às Conquistas da Gentilidade, onde fizeraõ o mesmo. Sempre como soldados de Christo pela Fé, & contra Infieis.

155 He verdade, que algũas vezes tiverão guerra os Portuguezes contra Catholicos; mas guerra defensiva sómente, nunca offensiva. Tem Portugal para os Catholicos o escudo; para os Infieis a espada. A São Pedro, que era cabeça dos Fieis, disse Christo, que metesse a espada na bainha: a S. Paulo, que era conquistador da Gẽtilidade, meteo-lhe na mão a espada. Para os Infieis a espada sempre nua para os Fieis, na bainha. Com os Catholicos paz: com os Infieis perpetua guerra. S. Antonio meneou as armas da sua milicia na Italia, & na França; mas estes rayos da sua luz forão reflexos. Os direytos hiaõ a Africa: os reflexos forão a Europa. Mas ainda ahi (notay) não se chamou Antonio, Martello dos vicios, senão Martello das Heregias: *Perpetuus Hæreticorum mal-leus*. Porque os vicios achaõ-se, tambem nos Catholicos:

as heregias só nos Infieis. Por isso Deos para formar este Martello, foy bulcar o ferro às minas de Portugal: porque a dureza natural do ferro Portuguez, he para quebrantar, & converter Infieis.

156 He o ferro Poruguez como o ferro da lança, que abriu o lado de Christo: tirou primeyro sangue, & depois agua: *Exiuit sanguis, & aqua*. O sangue para vencer: Joan. 19:34 a agua para bautizar os vencidos. Mas qual foy a razão, ou o mysterio, porque o soldado não deu a lançada no corpo de Christo vivo, senão no corpo morto? Pela mesma que vou dizendo. O corpo mystico de Christo, materialmente considerado, he todo o genero humano os Fieis são o corpo vivo, porq̃ he corpo informado cõ a Fé: os Infieis são o corpo morto, porque he corpo informe. Quando recebem a Fé, entãõ recebem tambem a forma, & se fazem membros vivos do corpo mystico de Christo, que he a Igreja. Para isto se servio Christo daquelle soldado, & da sua lança: *Ut sibi Ecclesiam fabricaret:*

diz S. Cypriano. Foraõ fempre os soldados Portuguezes como os fabricantes do segundo Templo de Jerusalem, que com hũa mão pelejavão, & com a outra hiam edificando. Nenhum golpe deu a sua espada, que não acrescentasse mais hũa pedra á Igreja. Se pelejavaõ, se vençião, se triunfavaõ, era para tirar Reynos á Idolatria, & fogueitallos a Christo, para converter as Mesquitas, & Pagodes em Templos, os Idolos em Imagês sagradas, os Gentios em Christãos, os barbaros em homens, as feras em ovelhas: & para trazer essas ovelhas de terras tão remotas, & em numero infinito ao rebanho de Christo, & á obediencia do summo Pastor.

157 Affi o fez S. Antonio em Roma, lançando-se a si, & a tantos Heresiarcas rendidos aos pès da Santidade de Gregorio IX. Affi o fez El-Rey D. Manoel, pondo todo o Oriente aos pès da Santidade de Leão X. E affi o fez ultimamente o Principe Reynante de Portugal, o muyto Alto, & muyto Poderoso Senhor nosso D. Pe-

dro, que Deos guarde, offerendo solememente aos beatissimos pès da Santidade de Clemente X. nosso Senhor, o seu Reyno, a sua Monarquia toda, & na pessoa Excellentissima de seu Embaxador a sua Real Pessoa, como herdeyro, & verdadeiro imitador de seus gloriosos Progenitores. A El-Rey D. Sebastião, pouco antes de dar a vida pela dilatação da Fè, offerceo a Santidade de Pio V. que escolhesse titulo: & que responderia o Religiosissimo Rey? Respondeo, que não queria outro titulo, senão o de filho obedientissimo da Sedè Apostolica. Em comprimento deste titulo tres successores continuados do mesmo Rey, em espaço de 28. annos estiverão sempre offercendo á Santa Sede a mesma obediencia de filhos. E se a publica aceitação deste acto se dilatou; foy com attenção, & Providencia paternal do Vigayro de Christo, para que no entre tanto podesse lograr a Igreja os repetidos exemplos de tão constante fogueição, & obediencia; perseverando,

rando, & instando sempre o primeiro Rey, o segundo, & o terceyro não só como filhos obedientes, mas como obedientísimos filhos.

158 No filho Prodigio notou agudamente São Pedro Chryfologo, que chamou Pay ao Pay, reconhecendo que se não devia chamar filho: *Pater, non sum dignus vocari filius tuus*. Parece implicação. A denominação de filho, funda-se na relação de filho: a denominação de Pay, funda-se na relação de Pay: & confôrme a verdadeyra Filosofia nas relações mutuas, & reciprocas, quando falta hũa, feita tambem a outra. Se falta a relação de filho, cessa a de Pay: se falta a relação de Pay, cessa a de filho. Pois se da parte do Prodigio faltava a relação, & de-

*Lnc.* 15.19 *sum dignus vocari filius tuus.*

Como da parte do Pay não faltou a relação, & denominação de Pay: *Pater*? Porque essa foy a maravilha mais que natural ( diz Chryfologo ) que faltando no filho a relação de filho, não faltasse no Pay a relação de Pay: *Ego*

*perdidit, quod filij est: tu quod patris est, non amisisti.* Voltemos a semelhança. Da parte do Pay universal nunca faltaram os fundamentos proximos da relação, que eraõ a vontade, o affecto, & paternal amor, como sempre reconheceo, & experimentou Portugal. Mas que em quanto não resultava a relação do Pay, existisse sempre inteira a relação do filho? Essa foy a maravilhosa prova da verdadeyra filiação. Tinha tanto de divina, que não só foy relação, mas subsistencia. Assim avia de ser para calificar Portugal, que não só era filho, mas filho obedientíssimo,

159 Bem sabe toda Europa com quantos discursos, & ainda direytos mal interpretados, procurou a Politica menos Christãa tentar a obediencia Portugueza, em tantos annos. Mas a sua obediencia obedientíssima tam longe esteve de dar ouvidos a semelhantes tentações, que nunca chegou, nem ainda a ser tentada, quanto mais vencida. Quando Deos mandou á Abraham, q̃ lhe sacrificasse seu filho, diz a Escriitura, que

*nes. Tentavit Deus Abraham.*

1. Eu cuidava, que neste cazo o tentado avia de ser Isaac. Sacrificar o pay ao filho amado, tentação era; mas que o filho se ouvesse de deyxar atar, & lançar-se sobre a lenha, & aguardar o golpe, & perder a vida, essa era a terrivel tentação. Pois porque diz a Escritura, que tentou Deos a Abraham, & não a Isaac? Porque Isaac era filho obedientissimo. O amor no pay podia ser tentado, mas não vencido: a obediencia no filho, nem vencida, nem tentada.

160 Tal foy a de Portugal. Tão longe de ser vencida, nem ainda tentada no meyo de todas essas tentações, que como filho obedientissimo sempre esteve multiplicando obediencias sobre obediencias, & mandando embaxadas sobre embaxadas, tantas, & por tantos modos. Nas duas primeyras, mostrou-se obediente: na terceyra, & na quarta mais que obediente? na quinta, & na ultima obedientissimo. Hũa 16. vez vierão os Reys do

Oriente a Belcm protestar a sua obediencia, & offerecer as Coroas aos pés de Christo: Mas como vierão? Chamados primeyro por huma Estrella: *Vidimus stellam ejus & venimus.* A obediencia de Portugal não esperou por Estrella, para vir: antes vindo cinco vezes sem estrella, veyo tambem a sexta. Mas porque veyo sem Estrella seis vezes, por isso o recebeo o Ceo com seis Estrellas. Assim recuperou S. Antonio á sua patria em hum dia, o que tinha perdido, & pedido em tantos annos.

*Matt. 2. 2.*

*As armas de Clemente X.*

*são seis Estrelas.*

## §. VII.

161 Vivão as Clementissimas Estrellas cternamente:

*Quasi stelle in perpetuas aeternitates.* Vivão as Clementissimas Estrellas, & permanen-

*Daniel 12. 3.*

ção, se he concedido, sobre os annos de Pedro: *Stella*

*manentes in ordine: & cursu suo.* Para que debaxo destas Estrellas, como a valente De-

*Judic. 5. 20.*

bora, triunfe a Igreja do Barbaro Sifara, que tanto se vem chegando, mas para sua ruina. E se os Reys do Oriente,

T

quan-

quando lhes appareceo a Estrella escondida : *Gauiſi ſunt gaudio, magno valde* : Faça extremos de prazer Portugal, adorando os Clementiſſimos Aspectos, & a Divina Mageſtade deſtas Eſtrellas : que ſe na outra Eſtrella he opinião, que eſtava hum Anjo, neſtas Eſtrellas he fé, que eſtã Deos. Alegreſe Lisboa, & alegreſe Portugal, & agora ſe tenha por verdadeyramente reſtituido, pois ſe vê reſtituido, & canonizado. S. Antonio entrou triunfante no Ceo no

dia de ſua morte ; mas os ſi- nos de Lisboa não ſe repicã- rão milagroſamente, ſenão no dia de ſua Canonização ; porque não tem Portugal as ſuas glorias por glorias, ſenão quando as vê confirmadas, & eſtabelicidas por Roma. Muitas graças a Roma, muytas graças às Beatiffimas Eſtrellas, que a dominão. E pois eu lhe não poſſo offere- cer outro tributo, quero fi- xar ao pé dellas o meu The- ma: *Vos eſtis lux mundi.*





# S E R M A M

DE

## S. R O Q U E,

P R E G A D O

Na Capella Real , anno de 1659. avendo Peste no Rey:  
no do Algarve.

*Beati sunt servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes: quod si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit, & ita invenerit, beati sunt servi illi. Luc. II.*

§. I.



E ha bemaventurança nesta vida , os servos de Deos a gozão, & se ha duas bemaventuranças, tambem as gozão os servos de Deos , porque as gozão os que são mais seus servos. Duas differenças de servos vigilantes introduz

Christo na parabola deste Evangelho. Ha huns servos, que vigiaõ nas horas menos difficultosas, & arriscadas, ou sefão da noite, ou do dia, & a estes chama o Senhor servos bemaventurados : *Beati sunt servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Ha outros servos, que vigiaõ na segunda, & terceyra vigia da noyte, que são as horas, ou os quartos de mayor escuro,

T ij & de

& de mayor fono; de mayor trabalho, & de mayor difficuldade; de mayor perigo, & de mayor confiança; & a estes fervos sobre a primeira bemaventurança os chama o Senhor outra vez bemaventurados: *Quod si veneris in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi.* Aquelle grande fervo de Christo, cujas gloriosas vigilancias hoje celebramos, S. Roque não ha duvida, que foy fervo da segunda, & terceyra vigia. Nenhum vigiou, nenhum aturou, nenhum resistio, nenhum perseverou, nenhum esteve nunca mais á lerta, & cõ os olhos mais abertos, nem nõ mais alto, & profundo da noyte, nem em noytes mais escuras, & mais cerradas. Mas quando eu, segundo a regra, & promessa do Evangelho, esperava ver a Saõ Roque duas vezes bemaventurado por estas vigilancias, em lugar de o ver duas vezes bemaventurado, acho-o não só duas vezes, senão quatro vezes desgraciado. Desgraciado com os parentes, & desgraciado com os naturaes: desgraciado

com as enfermidades, & desgraciado com os remedios. Se as bemaventuranças, & felicidades promettidas no Evangelho, forão só felicidades, & bemaventuranças da outra vida, facil estava a soltura desta admiração: mas Christo não promette só áquelles fervos, que serão bemaventurados, & felices na outra vida, senão que o serão, antes que o saõ nesta. Assi o dizem, & repetem conformemente ambos os Textos: *Beati sunt servi illi; quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes. Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit; beati sunt servi illi.* De maneira que não diz, bemaventurados serão, senão bemaventurados são: *Beati sunt* a primeira vez, & *beati sunt* a segunda. Pois se os fervos vigilantes, & vigilantes da segunda, & terceira vigia, são duas vezes felices, & duas vezes bemaventurados ainda nesta vida, como se trocou tanto esta regra, ou esta fortuna em S. Roque, que por cada felicidade, que lhe promette o Evangelho, achamos nelle duas

infelicidades; & por cada bemaventurança duas desventuras? Duas vezes bemaventurado nas vozes do Evangelho, & quatro vezes desgraciado nos successos, nos encontros, & nas tragedias da vida? Si. Mas para entender, & concordar aquellas promessas com estas experiencias, & aquellas bemaventuranças com estas desgranças, não basta só a luz da terra, he necessaria a do Ceo. Peça-mola ao Espírito Santo, por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

## §. II.

*Beati sunt, beati sunt servi illi.*

163 **A**S vezes está a ventura, em se dobrarem as desgranças. Quando buscava o remedio a hũa duvida, fuy topar cõ outra mayor. Nas primeiras clausulas do Evangelho manda Christo aos que o quizerem servir, sejam semelhantes aos servos, que esperão por seu Senhor: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* E S. Roque, que

tanto fervio, & tanto quiz servir a Christo, que he o q̄ fez? Em vez de se fazer semelhante aos servos, que esperão pelo Senhor, fez se semelhante ao Senhor, por quem esperão os servos. Estes servos são os Santos, este Senhor he Christo: & se bem repararmos na vida de S. Roque, achalohemos semelhante, não aos outros Santos, senão ao mesmo Christo, & não só hũa vez semelhante a Christo, senão quatro vezes semelhante. Semelhante a Christo nascido: semelhante a Christo prezo: semelhante a Christo crucificado: semelhante a Christo morto. Pois Santo singular, Santo portentofo, Santo que em tudo, parece, quereis ir por fóra do Evangelho, se vos mandão ser semelhante aos servos, quem vos fez, ou como vos fizestes semelhante ao Senhor? Esta he, como dizia, a segunda duvida, mas nella temos respondida, & desatada a primeira. Pòde aver mayor bemaventurança, que chegar o servo a ser semelhante a seu Senhor? Não pòde: pois ex-aqui quam gloriosamente se

dispintarão ás desgraças de S. Roque, & se transfiguraram todas em bemaventuranças. As desgraças de São Roque, diziamos, que são quatro: desgraçado com os parentes, desgraçado com os naturaes, desgraçado com as enfermidades, desgraçado com os remedios. Mas como em todas estas, que a natureza chama desgraças, se fez S. Roque semelhante a Christo, pelo mesmo que o chamavamos quatro vezes desgraçado, veyo elle verdadeiramente a ser quatro vezes bemaventurado: bemaventurado na desgraça com os parentes, porque ficou semelhante a Christo nascido: bemaventurado na desgraça com os naturaes; porque ficou semelhante a Christo prezo: bemaventurado na desgraça com as enfermidades; porque ficou semelhante a Christo erucificado: bemaventurado na desgraça com os remedios; porque ficou semelhante a Christo morto. De forte, que pelos mesmos extremos por onde cuydávamos, que se nos fahia S. Roque do Euangelho, o temos

mais alta, & mais gloriosamente dentro nelle, & nam só duas vezes bemaventurado, senão duplicadamente duas: *Beati sunt servi illi, beati sunt.* Vamos vendo estas quatro bemaventuranças, realçadas sobre as quatro desgraças de S. Roque. E não será, ao que creio, vista desaprazivel, ver beatificar desgraças.

## §, III.

164. A primeira desgraça de S. Roque, foy com os parentes. Foy desgraçado São Roque com os parentes, porque o desconhecirão como estranho aquelles, que são seu sangue, & a quem tinha dado o seu. Herdon S. Roque de seus pays o Estado de Mompilher, de que são Senhores, junto com muytas riquezas: mas o Santo com mayor resolução do que prometiaõ seus annos, porque era muito moço, entregou o Estado, & os vassallos a hum seu tio, para que o governasse, repartio as joyas, & toda a mais fazenda aos pobres, & pobre como hum delles se partio

partio peregrino a Italia, para visitar os Santos lugares de Roma. Passados alguns annos, que não forão muytos, tornou S. Roque para Mompilher no mesmo trajo, em que se partira: mas nem feo tio, nem algum de seus parentes o conhecerão; & assi pobre, & vivendo de esmolas, passou o resto da vida, peregrino dentro em sua propria Patria, necessitado no meyo de suas riquezas, & desconhecido dos mesmos, que crão seu sangue.

165 Ora eu não posso deixar de espátarme muyto, que os parentes, & vassallos de S. Roque desconhecessem em tão pouco tempo a hum mancebo ali nascido, ali criado, ali servido, ali Senhor! Esta mudança, & este desconhecimento, ou estava no rosto de S. Roque, ou nos olhos dos que o viaõ: se nos olhos, tão depressa se esquecem? Se no rosto, tão facilmente se muda? Eu digo, que a mudança não estava nos olhos de quem via, senão na fortuna de quem vinha. Vinha S. Roque a Mompilher em muyto differente fortuna do que ali o

virão antigamente; & nam ha cousa, que tanto mude as feyçoens, como a fortuna. Vierão os filhos de Jacob nos sete annos de fome, buscar trigo a Egypto, & apparecendo diante de seu irmão Joseph, que era o Vizorey daquelles Reynos, diz o Texto Sagrado: *Cognovit eos, & non est cognitus ab eis.* Que Joseph os conheceo a elles, & que elles não conheceram a Joseph. Notavel caso? Parece, que não havia de ser assi, porque os Irmãos, como crão mais velhos, conheçiam de mais tempo a Joseph, porque o conheciaõ desde minino, idade em que elle os não podia conhecer: os Irmãos de hũa vez forão dez, & doutra onze; & mais facil he conhecerem muitos a hum, que hũa a muitos: o tempo da auzençia era igual, porque tanto avia que os Irmãos não vião a Joseph, como Joseph a elles. Pois se todas as rezcens de conhecimento, ou eram iguaes, ou maiores da parte dos Irmãos, como os conheceo Joseph a elles, & elles não conhecerão a Joseph? A rezção natural he; porq̃ Joseph

Genes.  
42.8.

tinha

tinha mudado a fortuna ; seus Irmãos não a tinham mudado. Os Irmãos antigamente tinham sido pastores , & agora também são pastores: Joseph antigamente tinha sido pastor , agora era Vizorey ; & como os Irmãos não tinham mudado de fortuna , não tinham mudado de parecer : porém Joseph tinha mudado de parecer , porque tinha mudado de fortuna : elle conhecia os Irmãos , porque os Irmãos eram os mesmos: os Irmãos não o conheciam a elle ; porque Joseph já era outro.

166 Difficultosa cousa parece , que a fortuna faça mudar as feyçoens : mais ainda mal , porque tão provada está esta verdade na experiencia de cada dia ! Melhorou de fortuna o vosso mayor amigo , & ao outro dia já vos olha com outros olhos , já vos ouve com outros ouvidos , já vos falla com outra linguagem : o q̄ hontem era amor , hoje he authoridade , o que hontem era rosto , hoje he semelhante. Pois meu amigo , que mudança he esta ? Quem vos trocou as feyçoens ? Que

he daquelles olhos benevolos , com que me vieis ? Que he daquelles ouvidos attentos , com que me escutaveis ? Que he daquelle bom rosto , com que nos viamos sempre ? Oh que mudou de fortuna , claro está , que avia de mudar de feyçoens.

167 E se estas mudanças faz a fortuna prospera , nam são menores o poderes da adversa. Restituído Job á sua antiga fortuna , depois de tantos trabalhos , & calamidades , diz o Texto sagrado: *Venerunt ad eum omnes amici, & cognati ejus, qui cognoverant eum prius.* <sup>Job</sup> <sub>24.11</sub> que vierão visitar a Job todos os seus amigos , & parentes , que o conhecerão no primeyro estado : *Qui cognoverant eum prius.* Job teve tres estados nesta vida : o primeyro de felicidade , o segundo de trabalhos , o terceiro outra vez de felicidade. Pois se os amigos , & parentes o conhecerão no primeyro estado , porque não o conhecerão , nem o buscarão no segundo ? E se o não conhecerão , nem buscarão no segundo , porque o conhecem , & o buscão no terceiro?

ceiro ? A rezão disto não a ha, a femrezão si, & he esta : porque os homens costumão conhecer nos outros, não a pessoa, senão a fortuna; & como os chamados amigos, & parentes de Job, conheciaõ nelle a fortuna, & não a pessoa, por isso não buscarão a pessoa, em quanto a virão necessitada, & buscarão a fortuna, tanto que a virão restituída. De forte que os amigos de Job; bem considerados seus procedimentos, não foraõ ingratos, porque a sua amizade era com a fortuna, & não com a pessoa: E como elles não faltarão á fortuna, ainda que faltarão á pessoa, não foy ingratidão. Se faltarão á pessoa, faltarão a quem não conheciaõ, mas á fortuna, a quem conheciaõ, não lhe faltarão; tanto que ella voltou, tornarão elles. E como os homens se costumão conhecer pelas fortunas, & não pelas pessoas, que muyto que seus proprios parentes, & em sua ptopria patria desconhecessẽ a S. Roque, pois elle, ainda que trazia a mesma pessoa, vinha em tão differente fortuna.

168 Oh miseravel condição das cousas humanas! Miseravel na fortuna adversa, & miseravel na prospera. Não ha fortuna, que não traga con sigo o desconhecimento: Se he prospera, desconheceifvos; se he adversa, desconhecemos. E se a fortuna he tão engarofa, que os homens se desconheçaõ a si, que muyto que seja tão injusta, que os outros os desconheçaõ a elles? Só São Roque não merecia esta ingratidão, porque sendo que se não desconheceo a si na fortuna prospera, o desconheceãõ os seus na adversa. E que S. Roque entre os seus, & entre aquelles, a quem dera o seu; se visse desconhecido, grande desgraça! Se os seus o conheceãõ, & o maltrataãõ, ingratidão era, mas soffivel: porém se he mal tratado, ver-se ainda desconhecido, não pôde haver mayor desgraça.

169 Quando o Esposo Divino fechou as portas do Ceo ás Virgens, que tardarãõ, o que respondeo ás vozes, & instancias, com que batiaõ, & chamavãõ, foy? *Nescio vos*: não vos conheço.

Breve palavra, mas digna de grande reparo. Se lhes differa, que as não admittia, que as não queria em seu serviço, que não entrariaõ mais em sua casa, & muyto menos em sua graça, pois lhe tinhão faltado em occasião de tanto gosto, & empenho; merecedor castigo era de tamanho descuido: mas Deos, que tudo conhece, nem pôde deyxar de conhecer, que lhe diga: *Nescio vos*: não vos conheço? Levado desta admiração S. João Chrysoftomo, & não lhe occorrendo, com que dar faida a tão profundo encarecimento, exclamou dizendo: *O Verbum ipsa gehenna durius!* O palavra, *Nescio vos*, mais dura que o mesmo Inferno! Fechar Deos as portas do Ceo a estas desgraçadas criaturas, foy condenalas ao Inferno, mas com fer o Inferno o mais duro, & mais terrivel castigo, que Deos dá, nem pôde dar, pois he privação de sua vista; a palavra *Nescio vos*, ainda foy mais dura, & mais terrivel. Porque? Porque os condenados do Inferno, posto que Deos os tem lançado de si

para sempre, conheceos: porêm estado em que huma miseravel criatura sobre condenada sem remedio, se veja ainda, & se considere não conhecida; se ha extremo de miseria, de dor, & de desesperação, que se possa imaginar mayor, que o do mesmo Inferno, este he sem duvida, & não outro: *O Verbum, nescio vos, ipsa gehenna durius!*

170 Tal era o estado (quãto pôde ser nesta vida) a que S. Roque chegou por amor de Christo. Não só de condenado a carcere perpetuo, & sem remedio (como logo veremos) mas sobre condenado, não conhecido: *Nescio vos*. E sendo este estado peor que o do Inferno, que diga o Evangelista, que S. Roque era com tudo bemaventurado? *Beati sunt servi illi?* Si: Porque nesta mesma desgraça foy S. Roque semelhante a Christo nascido. E que mayor bemaventurança, que parecerse o servo cõ seu Senhor, em qualquer estado que seja?

171 Nasceo Christo neste mundo com o desemparo que sabemos, & querendo-o

S. Chry  
soft.

entarecer São João Evangelista, ponderou-o com estas palavras: *In mundo erat, & mundus per ipsum factus est, & mundus eum non cognovit: in propria venit, & sui eum non receperunt.* Estava no mundo, & sendo que o mundo foy feyto por elle, não o conheceo o mundo: veyo a sua propria casa, & não o receberam os seus. Pois valhame Deos, Evangelista entendido, Evangelista amante, se quereis ponderar as rezoens de dor, que ouve no nascimento de Christo, não estavam ahi as circunstancias do tempo, & as do lugar? O rigor do inverno, o defabrigo do portal, a aspereza das palhas, o pobre, o humilde, o desprezado da mangedoura? E se não quereis mais, que accuzar o deshumano dos homens, porque não ponderais a ingratidão, com que não amarão a Christo, senão a cegueyra, com que o não conhecerão: *Et mundus eum non cognovit?* He porq̃ Christo, como quem tão bem sabia pezar as razoens de dor, sentio mais o verse desconhecido naquella hora, que o

verse deslamado. A ingrati-  
daõ que deslama, grande ingrati-  
daõ he, mas a ingrati-  
daõ, que chega a desconhe-  
cer, he a mayor, & a mais in-  
grata de todas: *In mundo erat,*  
*& mundus per ipsum factus*  
*est, & mundus eum non cognovit.* Parece que não acaba o Evangelista de lhe chamar mundo: estava no mundo, & sendo que fora feyto por elle o mundo, não o conheceo o mundo. Isto he ser mundo: *In propria venit, & sui eum non receperunt:* Veyo ao feu, & não o receberam os seus. Por dous titulos erão seus estes, que não receberam a Christo: erão seus pelo titulo da criação, & seus pelo titulo da Encarnação: pelo titulo da criação, porque erão feytura sua; pelo titulo da Encarnação, porque erão sangue feu. E que sendo seus por tantos titulos, & vivendo do feu, & no feu o não conhecessem! Grande ponderação do que Christo quiz sofrer aos homens, & grande tambem do que S. Roque soube imitar a Christo. A semelhança he tão semelhante, que não ha mister applicação: *In*

*propria venit, & sui eum non receperunt.* Veyo S. Roque ao feu, & não o receberão os feus; veyo ao feus porq̃ veyo ao feu Patrimonio, ao feu Estado, a sua Casa, á sua Corte: & não o receberão os feus; porque os feus vassallos, os feus criados, os feus amigos, os feus parentes o tratarão como estranho: *Mundus per ipsum factus est, & mundus eum non cognovit.* Atè aquelles, a quem elle tinha feito, a quem tinha levantado, a quem tinha dado o fer (porque lhe tinha dado o que erão, quando renunciou nelles o que tinha sido) atè esses o não conhecerão.

172 E para que neste desconhecimento lhe não faltasse a S. Roque nenhuma semelhança de Christo nascido, teve tambem a companhia, & piedade de hum animal, que sustentando-o no mesmo tempo, & regalando-lhe as feridas, aggravava mais a chaga da ingratição, & fazia mais deshumana a correspondencia dos homens. O que mais pezo fazia ao sentimento de Christo no Presepio, era a consideração de

que o desconheciam os homens, quando o conheciam os animaes. Assi o significou o mesmo Senhor por boca de outrem, como quem ainda não podia fallar: *Cognovit bos possessorem suum, & asinus praesepi Domini sui, Israel autem me non cognovit.* Conheceo o boy, & o jumen- *Isai.* to o presepio de seu Senhor, 3. & Israel não me conheceo a mim. Que se visse Christo desamparado dos homens, & bafejado dos animaes: Que se visse S. Roque desconhecido do feu sangue, & sustentado da piedade de hum bruto, grande circumstancia de dor! Porque não ha cousa, que mais lastime o coração humano, que as roins correspondencias dos homens à vista de melhores procedimentos nos animaes. Grande semrezaõ foy, que os Ministros de Babilonia lançassem no lago dos Leões a Daniel, mas á vista do respeyto, que lhe guardarão os mesmos Leões, ainda tem mais quillates a semrezaõ. Que reconheção as feras esfaimadas a innocencia do servo de Deos, & que homens com nome, &

obri,

obrigação de sabios a persiguaõ, & a condenem? Rara desigualdade! Grande foy a crueldade da Rainha Jezabel, em perseguir, & querer matar ao Profeta Elias, mas à vista da piedade, com que o sustentavão os corvos, ainda tem mais horrores aquella crueldade. Que sustente a vida a Elias a voracidade dos corvos, & que queira tirar a vida a Elias a deshumanidade de hũa mulher? Rara dissonancia! Grande foy o atrevimento, com que o Profeta Balaam se arrojou a querer amaldiçoar o Povo de Deos, mas á vista do animal, em que caminhava, tem ainda mais deformidades o atrevimento. Que folte a lingua hum animal, para pedir rezão a hum Profeta, & que uze hum Profeta de tão pouca rezão, que ouze soltar a lingua cõtra jo mesmo Deos? Rara desproporção! Exaqui o que aggravava o sentimento a S. Roque, como a Christo nascido: Verem-se desconhecidos dos homens, quando se viaõ conhecidos dos brutos. Em Christo podera-se chamar desgraça, porque

se parecia comnosco: em São Roque era verdadeyramente bemaventurança, porque se parecia com Christo: *Beati sunt servi illi.*

## §. IV.

173 A segunda desgraça de S. Roque foy, ser desgraçado com os naturaes. Quando S. Roque fez a sua peregrinação de França para Italia, avia guerras entre Italia & França, & desta guerra lhe succederaõ ao Santo duas cousas notaveis: a primeyra, que chegando a Itala, os Italianos o tratarão como a inimigo, & o ferirão: a segunda, que tornando para França, os Franceses o tratarão como a traidor, & o prenderão por espia. Ha mayor desgraça que esta? Que em Italia me tratem como inimigo, porque sou de França, & que em França me tratem como traidor, porque venho de Italia? S. Roque peregrinou de França para Italia, por amor de Deos, & tornou de Italia para França, por amor da patria: & que quando vou em serviço de Deos me te-

nhão por inimigo, & quando venho em serviço da patria, me tenham por traidor? Desgraça grande.

174 A mayor circumstancia de desgraça, que eu aqui considero, he que não sendo merecida da parte de quem a padecia, parecia justificada da parte de quem a causava, porque em tempo que França, & Italia andão em guerras, ter entrada em Italia, & ter entrada em França, não são bons indicios. No quarto dia da criação do mundo, criou Deos o Sol, a Lua, & as Estrellas; & diz o Texto sagrado, que hum dos officios, que Deos deu a estas tochas do Ceo, foy que dividissem a noyte, & o dia: *Ut dividant diem, ac noctem.* Que o Sol, & as Estrellas dividão o dia, & a noyte, parece me muy bem applicado officio, porque em avendo Sol, não ha noyte, em avendo Estrellas não ha dia: porém a Lua! como pôde ser, que a Lua a fizesse Deos para dividir a noyte do dia? A Lua se bem advertirdes, huns dias anda de dia, outros dias anda de noyte: Pois se a Lua tem entrada com a noyte,

te, & tem entrada com o dia, como a fez Deos para dividir o dia, & a noyte? He porque ninguem divide melhor, que quem tem entrada com ambos. O Sol, & as Estrellas dividem muyto bem, porque o Sol divide o dia da noyte, & as Estrellas dividem a noyte do dia: mas a Lua divide muyto melhor: porque tem entrada com ambos, & divide duas vezes: como tem entrada de dia com o Sol, divide o dia da noyte, & como tem entrada de noyte com as Estrellas, divide a noyte do dia. De modo que a Lua faz guerra a ambos, porque tem entrada com ambos. Oh livre Deos o mundo destas Luas! Ou bem da parte do dia, ou bem da parte da noyte: ou bem com o Sol, ou bem com as Estrellas. Homem de dous Emisferios he duas vezes inimigo. O mesmo presumirão de S. Roque os Italianos, & os Francezes: os Francezes como o viaõ ter entrada em Italia, cuidavão que era inimigo de França, & os Italianos como o viaõ ter entrada em França, cuidavão que era inimigo de Ita-

Italia. O Santo nada dito era , mas parecia tudo. Era o Cidadão mais fiel, era o filho mais amigo, era o zelador mais verdadeiro, q̄ nunca teve a sua Patria, & com tudo a prizão, ainda que não merecida, era justificada. Não avia prova para o crime, mais avia indícios para a duvida. E em materia de fé, & amor da Patria, hum peito tão nobre, & tão generoso como o de S. Roque, padecer a affronta, ou o desar desta duvida, era a mayor, & mais penosa desgraça, que lhe podia succeder.

175 Perguntou Christo tres vezes a São Pedro, se o amava: *Diligis me? Diligis me? Diligis me?* E he certo, que estas tres perguntas, & estas tres repetições não foram sem grande mysterio. S. Agostinho, & S. Thomás dizem conformemente, que foram tres as perguntas, para que respondendo Pedro tres vezes a ellas, satisfizesse as tres vezes, que avia negado: *Trinae negationi redditur trina confessio.* Divinamente advertido, mas demme licença agora estes grandes lumes da

Igreja, para que aos rayos de sua meisma luz veja eu mais alguma cousa nesta satisfação das negaçoes de São Pedro. Nas tres negaçoes de Pedro ouve tres culpas, & ouve tres injurias: Ouve tres culpas; porque tres vezes faltou Pedro á sua obrigação: & ouve tres injurias; porque tres vezes fez injuria a seu Mestre, & seu Senhor, negando-o. As injurias pediaõ satisfação, as culpas pediaõ castigo: & tudo se fez neste caso. As tres injurias satisfelas Pedro, com as tres repostas, as tres culpas castigou-as Christo cõ as tres perguntas: as tres injurias satisfelas Pedro com as tres repostas, & isto he o que diz S. Agostinho, & Santo Thomás, porque confessou Pedro tres vezes, como tres vezes tinha negado: *Trinae negationi redditur trina confessio.* As tres culpas castigou-as Christo cõ as tres perguntas, & isso he que eu acrescento, & provo. Porque perguntar Christo tres vezes a São Pedro se o amava, era mostrar, que duvidava de sua fé, & de seu amor: E duvidar o Principe do coração do vassallo, he a

Joann.  
21.16

Div.  
Aug.  
D.Th.

mayor pena, & o mayor castigo, que lhe pôde dar; & mais em tal pessoa como S. Pedro, que já nesta materia tinha telhado de vidro. E se não, vede se lhe docraõ as

Joan. 17.21 perguntar : *Et contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio, amas me* : Entristecese, & affligiose Pedro de lhe fazer Christo tantas perguntas sobre o seu amor. As perguntas que o entristeciaõ, final he, que lhe tocavão no vivo, & lhe chegavão ao coração. E porque não faça reparo dizer eu, que forão castigo as perguntas, o mesmo Agustinho fallando desta tristeza, que nasceo dellas a S. Pedro, diz que foy em pena do seu antigo peccado, porque ainda que estava perdoado, quanto à culpa, não estava perdoado de todo, quanto á pena. De maneira que he tal pena, & tal castigo hũa duvida em materia de fé, & de lealdade, que quando Christo quiz que pagasse inteiramente S. Pedro a culpa de o aver negado, não lhe bulcou outra pena, nem outro castigo. Castigou as tres negaçõens com tres duvidas, & porque

lhe tinha negado tres vezes a fé, duvidou-lhe tres vezes o amor : *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio, amas me.*

176 Mas poderá dizer alguem, que castigar negaçõens com duvidas, não foy proporcionado castigo, porque a duvida peza muyto menos que a negaçãõ. Ora estimo que se ponha em balança este ponto, ainda que nos detenhamos mais hum pouco nelle, pois he materia taõ propria do tempo presente, & que tanto importa ás honras dos que padecem as duvidas, como ás consciencias dos que as fazem padecer. Respondo pois; & digo, que foy a pena muyto proporcionada á culpa, em castigar Christo tres negaçõens com tres duvidas; porque em pontos de fé, & de lealdade tanto pezo tem huma duvida, como hũa negaçãõ.

177. No *Capitulo 1. de Hereticis* se define, que o duvidoso na Fè he Herege: *Dubius in fide est hereticus.* Esta definiçãõ he fundada na doutrina commua dos Padres, confirmada por muytos

Pontifices, & geralmente recebida de todos os Canonistas, & Theologos. Com tudo não deyxá de ser difficiltofa a rezaõ della. Heresia he erro contra a Fé, para haver erro he necessario juizo: quẽ duvida, não julga, porque não nega, nem affirma: logo não pôde ser Herege. E se he Herege o que duvida, em que consiste a sua Heregia? Eu o direy. Quem nega a hũa Proposição de Fé, diz, que he falsa: quem a duvida, ainda que não diga, que he falsa, suppoem que o pôde ser: E tanto offende a Fé, quẽ suppoem que pôde ser falsa, como quem diz, que o he. Antes digo, que mayor injuria faz à Fé quem a duvida, que quem a nega; porque quem a nega podea offender em hum só artigo, & quem a duvida, offendea em todos. O mesmo passa na fé humana: a qual em animos generosos, nem deve ser menos delicada, nem he menos sensitiva. Quem nega a minha lealdade, diz, que sou desleal; quem a duvida, ainda que não diga, que sou desleal, suppoẽ, que o posso ser: & tanto me

offende, não só na honra, & primor da fidelidade, senão na inteireza, na constancia, & no ser della, quem suppoem que posso ser desleal, como quem diz, que o sou.

178 Vejamos discurrer neste ponto hum dos homens mais leaes, que teve o mundo: Tentou a Egepcia descubertamente a Joseph; & respondeo elle, que não podia ser desleal a seu Senhor, a quem tanta confiança, & tantas obrigaçoens devia: *Ecce* <sup>Genes.</sup> *Dominus meus omnibus mihi* 39.9. *traditus ignorat, quid habeat in domo sua, quomodo ergo possum hoc malum facere? Nescite, quomodo possum;* reparo muyto. Porque não disse Joseph, não quero, senão, não posso? Porque não disse: Não quero; por não ser infiel, & desleal a meu Senhor? Porque não disse, não quero, porque se pôde vir a saber? Porque não disse, não quero por temor da infamia: não quero por temor da vida: emfim, porque não disse por qualquer outro motivo, não quero, senão não posso? Porque se deo Joseph por mais afrontado na supposiçãõ da

Egyptia, que na mesma tentação. Esta mulher com a sua tentação (diz Joseph) provocame a ser desleal: quem me provoca a ser desleal, já no seu pensamento suppoẽ, que o posso fer. E quem suppoem no seu pensamento, que posso fer desleal, nesta supposição, & neste pensamento já me tem gravemente offendido: Antes mais me offende, & mais me tem offendido nesta supposição, & conceito infame, que tem de mim, que na mesma tentação, porque a tentação argue deslealdade no que ella deve fer, & não he, & a supposição admite infidelidade no que eu devo fer, & sou: Pois para que saiba, & se defengane a Egyptia, que suppoem hum impossivel, & que não posso eu fer desleal, como ella cuida; por isso responde Joseph á supposição do pensamento, & não ao requerimento da tentação, por isso não disse, não quero, senão, não posso: *Quomodo ergo possum?*

179 Oh servo verdadeiramente leal! Oh animo verdadeiramente honrado, & generoso! Quantos parecem

muyto leaes, & fieis: porque não ha quem lhes puxe pela capa? Por isso a largou Joseph, como afrontada, & não sua. Mas não deyxemos tem ponderação o que mais disse. As palavras, *Quomodo possum hoc malum facere*, acrelcentou Joseph: *& peccare in Deum meum?* Como posso eu cometer esta deslealdade, a que me provocas, & peccar contra meu Deus! Seguefe logo, Joseph (vede o que dizeis) seguefe logo, q̃ em materia de deslealdade não podeis peccar. Sim se segue, & assi he, & assi o creio de mim, diz Joseph. Nas outras materias basta não fer peccador, na materia de lealdade he necessario fer impeccavel. Em pontos de lealdade, quem não he impeccavel, he desleal. Vede se a hũa honra tão delicada, & tão escrupulosa, & tão honorada como esta, a offenderia muy sensivelmente só a imaginação de hum possivel. A lealdade, que não he tão sutil como isto, he muy grosseyra lealdade. Ha-se de offender a verdadeyra lealdade da supposição de hum possivel em pensamento, & tão Herege  
ha

ha de fer da minha fè , quem ma duvide , como quem ma negue.

180 Estas duvidas , estas fufpeitas , estas fuppoziçoes , estas afrontas padecia S. Roque na fua prizão : & todas as ponderaçoes do noffo difcurfo , eraõ fuzis , de que elle formava outra cadea muyto mais dura , & mais pezada à nobreza de feu animo , do que erão as de ferro , que lhe prendiaõ , & atavão o corpo. Quando os Irmãos do mefmo Jofeph fe virão prender no Egypto por efpias , de que eftavão tão innocentes , grande foy a fua afflição : mas lá acharão a culpa defte castigo , & o motivo defta defgraça na deslealdade tão cruel , que tinham uzado com feu Irmaõ:

*Genef. 2.21 Merito hæc patimur , quia peccavimus in fratrem nostrum.*

Porèm a innocencia fempore leal , & a lealdade fempore innocente de São Roque , que por hũa occafião tão pia , como ir da fua patria peregrino a Roma , fe veja dentro na mefma patria com a honra em opinioens , com a vida em rifcos , & com as mãos , & pès em cadeas , brava defgraça!

Com todo o Evangelho ainda infifte em que foy bemaventurado : *Beati funt, servi illi.* E porque ? Porque neflas mefmas prizoens foy S. Roque femelhante a Chrifto. prezo.

181 Quando S. Roque eftava na fua prizão , concorriaõ ao carcere os enfermos de todo genero , os cegos , os mancos , os alejados : & era coufa maravilhofa de ver , que eftando o Santo às efcuras , dava olhos , tẽdo as mãos atadas , dava mãos , & não tendo uzo dos pès , dava pès , & todos levavão faude. Pois homens crueis , homens impios , homens barbaros , vedes eftes milagres , vedes eftes prodigios , vedes eftes testemunhos do Ceo , vedes eftes finaes manifestos da Omnipotencia , & não rompeis efte carcere , não quebraes effas cadeas ? He poffivel , que á vifta de tantas maravilhas aveis de deyxar eftar prezo ao Autor dellas ? Sim ; porque affi era necessario que foffe ; para fer femelhante São Roque a Chrifto prezo. Vierão os inimigos de Chrifto a prendelo por zelo da patria ( que

tambem se pareceo a prizão de S. Roque com a de Christo na causa, como na innocencia ) disse o Senhor: *Ego sum*. Eu sou, & cahirão subitamente a seus pês todos os

Joann.  
38.5.

que o hiaõ prender. Quiz-se aproveitar da occasião S. Pedro, & seguir a vitoria, tira pela espada, faz golpe á cabeça do primeiro, levalhe a orelha, mas o Senhor mandando meter a espada no lugar da espada, poz tambem a orelha no lugar da orelha, & ficou em presença, & nos olhos de todos, como se não fora cortada. Que vos parece agora, que fariaõ aquelles homens à vista de dous milagres tão grandes, tão patentes, tão subitos? Pareciame a mim, que se haviaõ de levantar todos, & irem se lançar aos pês de Christo; mas o que

Math  
26.50  
fizerão foy o contrário: *Injecerunt manus in Jesum, & tenuerunt eum*. Em vez de se lhe lançarem aos pês; pozeirãolhe as mãos, & prenderão-no. Vede se se parece a prizão de S. Roque com a de Christo: a ambos não valeirão os milagres contra as prizoens. Christo milagroso, &

S. Roque milagroso, mas Christo prezo, & S. Roque prezo.

182. Ainda não está descuberto o mais fino da fême-lhança. Se Christo com huma palavra, *Ego sum*, Eu sou, faz cair de repente a seus pês todos os que o queriaõ prender; porque se deixa ir prezo? E se queria ( como he certo que queria ) que o prêdessem, porq̄ faz que cayaõ primeiro a seus pês com dizer, Eu sou? A rezaõ foy; porque nos quiz Christo mostrar quanto tinha de fineza o deixar se prender por-nòs. Deixar se prender hum homem, ainda que seja innocente, não he coufa nova; mas hum homem, que com dizer, Eu sou, pòde fazer cair a seus pês os meismos, que o prendem, que se deyxer prender com tudo por amor de outrem, grande fineza! Tal foy a de Christo, tal foy a de S. Roque. Prenderão a S. Roque seus proprios vassallos na sua propria Cidade, porque, como deyxamos dito, vinha tão mudado de trajos, & ainda de pessoa, que o não conheceraõ. Se S. Roque só

descobrirá, se S. Roque disse-  
ra, *Ego sum*, Eu sou, os mes-  
mos, que o prenderão, avião  
de cair a seus pés, & beijarlhe  
a mão, como a seu verdadey-  
ro Senhor. E que podendo  
S. Roque fazer cair a seus pés  
os mesmos que o prendião,  
com dizer, Eu sou, se deixas-  
se prender cõ tudo por amor  
de Christo? Fineza foy só co-  
mo de Christo, & como sua.  
Muytos Santos ouve, que  
estiverão presos muytos an-  
nos por amor de Christo,  
mas a prizão, & a liberdade  
estava na mão dos Tyranos:  
porém S. Roque esteve pre-  
zo quasi todos os annos da  
vida, tendo a prizão, & a li-  
berdade na sua mão.

183 Na vida dos Padres  
se conta, que hum Santo pe-  
nitente se predeio em hum  
deserto, a hũa cadeia, & para  
se não poder soltar em toda a  
vida, lançou a chave ao mar:  
ao outro dia sahio á praya hũ  
peixe com a chave na boca;  
& foy revelado ao Santo, que  
mais se agradaria Deos de  
que se deyxasse estar prezo,  
tendo a chave na mão. Esse  
he o verdadeiro sacrificio da  
liberdade. Prenderse, & lan-

çar a chave ao mar, he pren-  
derse hũa vez: prenderse, &  
deixar as chaves consigo, he  
estarse prendendo sempre.  
Exaqui a differença, que fazẽ  
as cadeas de São Roque ás ca-  
deas de S. Pedro, & dos outros  
Santos: S. Pedro esteve pre-  
zo alguns dias, mas a chave  
estava na mão de Herodes.  
Joseph esteve prezo dous an-  
nos, mas a chave estava na  
mão de Faraõ. Porém S. Ro-  
que esteve prezo toda a vi-  
da; & tinha a chave na sua  
mão. Bastára dizer S. Roque,  
eu sou, para trocar o carcere  
com o palacio, os ferros com  
as joyas, a infamia cõ a hon-  
ra, as injurias com os applau-  
sos, as afrontas com as accla-  
maçoens: & com tudo não  
quiz dizer, eu sou. Com ou-  
tro, eu sou, no Egypto: *Ego  
sum Joseph frater vester*: se  
trocarão aos Irmãos de Jo-  
seph as tristezas em festas, as  
fomes em banquetes, os te-  
mores em parabens, & as  
prizoens em abraços. Mas São  
Roque no escuro theatro da  
sua prizão, quiz antes repre-  
sentar a Tragedia de Chri-  
sto, que a Comedia de Jo-  
seph, & não disse, eu sou, por-  
que

que não queria fer elle , que-  
ria fer Christo por viva imi-  
tação , & assi o foy. E quem  
foy taõ venturolo, que sendo  
feruo, se pareceo com feu Se-  
nhor, não se diga, que he des-  
graciado, senão bemaventu-  
rado : *Beati sunt servi illi.*

### §. V.

184 A terceira desgraça  
de S. Roque, foy ser desgrá-  
ciado com as enfermidades;  
mas aveis-me de dar licença,  
para que troque o lugar a  
esta desgraça, & a deixe para  
o fim, porque quero acabar  
com ella, como taõ propria  
de tempo presente, & por if-  
so abreviarey este ponto. Pri-  
meiro trataremos da desgra-  
ça dos remedios; depois fal-  
laremos na desgraça das en-  
fermidades. E prouêra a  
Deos, que fizera o vosso cuy-  
dado, o que agora faz o meu  
discurso. Porque primeyro se  
padecem as enfermidades, &  
depois se trata dos remedios;  
por isso são os remedios des-  
graciados.

185 Foy S. Roque des-  
graciado com os remedios,  
porque curando milagrosa-

mente a todos os apestados,  
elle morreo de peste. Pòde  
aver mayor desgraça que  
esta? Que dando hum homem  
remedio aos outros, lhe falte  
o mesmo remedio para si?  
Não pòde haver mayor des-  
graça! A mayor, & mais geral  
desgraça, que se padeceo no  
mundo, foy o diluvio uni-  
versal: mas se nesta desgraça  
commua ouve homens mais  
mosinos, & mais desgracia-  
dos que os outros, quem pò-  
de duvidar, que forão os fa-  
bricadores da Arca de Noe?  
Tantos annos estiveraõ estes  
homens fabricando aquella  
nova maquina nũca vista no  
mundo, em que se haviaõ de  
salvar as reliquias delle, já  
cortando, já ferrando, já la-  
vrando, já medindo, já aju-  
stando, já pregando, já cala-  
fetando, já breando; & que  
no cabo entrassem na Arca,  
Noe, & seus filhos, & os aní-  
maes de todas as especies, &  
se salvassem nella do Dilu-  
vio, & que os mesmos, que a  
tinhão fabricado, ficassem de  
tóra, & perecessem afoga-  
dos? Brava desgraça! Que  
fabricassem nòs o instru-  
mento da salvação para os  
ou-

outros, & que elles se salvem, & nós pereçamos? Que a Arca fosse trabalho nosso, & não seja salvação nossa; tenão sua? Que à custa de nosso suor, & de nossos braços se salvem elles, & que á vista da sua salvação nos perçamos nós? Oh desgraça! Oh mo-fina! Oh desvétura sem igual! Agora se entenderá a energia de humas palavras de São Paulo muyto repetidas, mas

*Corint. não sey se bem pezadas: Ca-9. 27. stigo corpus meum, & in ser- vutem redigo, ne cum alijs prædicaverim, ipse reprobus efficiar.* Faço penitencia, diz São Paulo, para que prégado aos outros, não me condene a mim. Reparay muyto naquelle; para q̃ prégando aos outros. A rezão de não se querer condenar hum homem, he tão cabal, que não ha mister ajudada de outra. Pois se S. Paulo dá por rezão da sua penitencia o não se querer condenar; porque acrescenta a circumstancia de ser Prêgador: *Ne cum alijs prædicaverim?* Irem ao Inferno os que não são Prêgadores, he pequena miseria? Grande miseria he, mas em

genero de desgraça he muyto menor. A mayor desgraça de todas he não se salvar hum homem: mas não se salvar hum homem, que tem por exercicio salvar aos outros, ainda he mayor desgraça, que a mayor de todas as desgraças. E tal feria a de Paulo, se sendo Prêgador, & Ministro da salvação dos outros, elle se não salvasse. Oh quantos desgraçados ha destes no mundo, em todos os estados! Quantos Prelados ha, que curão as almas das ovelhas, & tem enfermas as suas? Quantos Governadores, que guiaõ, & encaminhão os Povos, & elles se desgovernão, & defencaminhaõ? Quantos Conselheyros, que daõ muyto bons conselhos aos outros, & elles perdidos, & desaconselhados? Cayfás era Summo Pontifice, ensinou o remedio, com que se avia de salvar o mundo, & elle ficou sem remedio. Moyses era Governador do Povo de Deos, introduzio as Tribus na Terra de Promissaõ, & elle ficou de fóra. Achitofel era o melhor Conselheyro daquella idade, & vivendo

tantos Principes do seu conselho, elle foy tão mal aconselhado, que se matou com o seu. Oh que grande desgraça está! Todos a dar remedios a tudo, & ninguem a tomar remedio. Não só nos homens, em que as desgraças são consequencia dos vicios, mas até nas mesmas virtudes acho esta desgraça, que mayor virtude que a Fé? Sem Fé ninguem se pôde salvar, mas em todos os que se salvão, se perde a Fé; porque se não pôde conservar com a vista. Que não possa haver Ceo sem Fé, & que não possa aver Fé no Ceo? Virtude que mete aos outros no Ceo, & fica de fóra? Virtude que salva aos outros, & se perde a si? ( Se nas virtudes pôde aver desgraça ) desgraçada virtude. Tal era a virtude milagrosa de S. Roque: dava remedio aos outros, & elle morreo sem remedio. Mas sendo esta desgraça tão grande, diz com tudo o Evangelista, que foy bemaventurado S. Roque: *Beati sunt servi illi*; porque em remediar aos outros, & morrer sem remedio, se pareceo S. Roque

com Christo morto.

187 A morte de Christo foy remedio nosso, mas não foy remedio seu. Remediou-nos Christo a nós, porq̃ nos deo a vida: mas não se remediou a si, porq̃ morreo. Esta foy a mayor fineza do Salvador do mundo, bẽ ponderada dos homens, porém muyto mal entendida, & peor applicada. Quando Christo estava para espirar na Cruz, blasfemavaõ os Principes dos Sacerdotes, & diziaõ: *Alios* Mat. 27.42 *salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere.* Salvou aos outros, & a si não se pôde salvar. Grande blasfemia cõtra Christo; mas grande louvor da paciencia, da misericordia, & da charidade de Christo. Em dizerem que não podia, blasfemavão; mas em dizerem, que salvando aos outros (como salvou a tantos da morte) não se salvava a si, diziaõ o mayor louvor, & a mayor gloria do mesmo Salvador, & do soberano modo, com que salvava. A mais gloriosa fineza, & a mais fidalga soberania, de quem dá a faude, & vida a outros, he não a tomar para si, antes dar-

dar-lha á custa da sua. Isto he o que fez Christo, & esta foy a mayor acção de hum Homem, que juntamente era Deos. Oh Divino Roque! Quam bem vos poderaõ blasfemar os Judeos. E quam justamente vos devemos louvar nõs! Curava S. Roque milagrosamente a todos os feridos da peste: E quando o Mundo o vio ferido do mesmo mal, cuydavaõ todos, que elle se salvaria tambem a si, discorrendo com o mao Ladraõ: *Salvatemet ipsum, & nos*; porẽm o Santo, como verdadeyro imitador de Christo na morte, salvou aos outros, & a si não se salvou: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere.*

188 Tornemos àquelle, *Non potest*, que bem examinado, ainda contém outro mayor primor da semelhança de S. Roque com Christo. Christo absolutamente podera dar a vida ao Genero Humano sem morrer; mas condicionalmente não podia: E neste sentido era verdadeyra a Proposição dos Principes dos Sacerdotes, posto que elles a não enten-

diaõ. Porque supposto o Decreto Divino tantas vezes declarado pelos Profetas, de que o Filho de Deos morresse para salvar aos homens, não podia deixar de morrer. Pois assi como supposto o Decrero de que Christo salvasse o mundo, por meyo da morte de Cruz, não podia deyxar de morrer Christo, assi supposto o favor ( que tambem foy Decreto ) de que S. Roque imitasse a Christo na semelhança da sua morte, não podia deyxar de morrer São Roque. Christo dando a vida aos demais por meyo da Cruz, mas morrendo elle: E S. Roque tambem dando a vida aos outros, & tambem por meyo da Cruz, & morrendo elle tambem.

189 O modo, com que S. Roque sarava aos apestados, era, fazẽdo sobre elles o final da Cruz. E esta Cruz assi para com os outros, como para consigo, foy em tudo a mais parecida cõ a Cruz de Christo. A Cruz de Christo, como instrumento da nossa vida, & da sua morte, se bem advertirmos, tinha direyto, & avesso. Para fóra dava vida,

da, para dentro deyxava morrer: para fóra dava vida; porque a Cruz foy a Arvore da Vida de todo o Genero Humano: para dentro deyxava morrer; porque em feus proprios braços espirou, & morreo Christo. Tal a Cruz, ou o final da Cruz milagroso, que formava sobre os apestados a mão de Roque. Nenhum final da Cruz se vio nunca no Ceo, ou na terra, nem mais semelhante, nem mais final, que este. Para fóra dava vida; porque a todos farava do mortalissimo mal da peste, & para dentro deyxava morrer, porque morreo São Roque do mesmo mal. Christo morto com o remedio, em que dava a vida a todos, pregado nos braços, Roque morto com o remedio, em que dava a vida a todos, formado nas mãos. E servo, que morrendo, se pareceo tão vivamente a seu Senhor, vede se merece o nome, que lhe dá o Evangelho de bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

## §. VI.

190 Somos chegados á ul-

tima desgraça de São Roque, que reservey para este lugar, para que nos fique mais na memoria: porque nos nossos peccados, não só a devemos considerar de longe, como desgraça sua, senão de perto, & de dentro, como desgraça tambem nossa. Ardendo está em peste o Reyno do Algarve: & se der hum passo adiante o incendio, que será de Portugal? Assi como foy S. Roque desgraçado com os remedios, foy tambem (& já o tinha sido) desgraçado com as enfermidades. Padecer alguma enfermidade, parece, que he consequencia de ser mortal, & assi mais se deve chamar natureza, que desgraça. Com tudo não deyxava de ser desgraça, & notavel desgraça, que avendo hum homem de padecer a miseria de enfermo, vá logo topar com a peor enfermidade, & a mais terrivel de todas. Assi lhe aconteceu a S. Roque, enfermou, & enfermou de peste. E entre as miserias, que fazem tão terrivel, tão temido, & tão aborrecido o mal da peste, duas são as que a mim me cauzaõ mayor horror. A primeira

meira, fer a peste hum mal, que do elemento da vida nos faz o instrumento da morte. O elemento da vida he o ar, com que respiramos, a peste he esse mesmo ar corrupto, & inficionado: E que haja hum homem de beber o veneno na respiração? Que a respiração, que he o elemento, & alimento da vida, se lhe haja de converter em instrumento da morte? Grande rigor! Espirar he morrer, respirar he viver: E que morra hum homem espirando, isso he morte; mas morrer respirando? Que me mate o que me avia de dar vida? Bravo tormento!

191 Lança hũa maldição David contra Judas, & seus sequazes, & diz assi fallando com Deos: *Fiat mensa eorum in laqueum*: Já que esse infame Discipulo he tão ingrato, tão desleal, tão traidor, permita vossa infinita justiça, Senhor, que a elle, & aos que forem como elle, da mesa se lhe faça o laço: *Fiat mensa eorum in laqueum*. Não reparo em o laço se poder fazer da mesa, porque tudo o que afoga, he laço. Noutra mal-

dição semelhante tinha dito o mesmo David: *Pluet super Psal. peccatores laqueos*: que cho- 10. 6. veria Deos laços sobre os peccadores. Quantas cousas ha, que parecem vindas do Ceo, & são laços? Huns tece o Demonio, outros apertão os homens, outros chove Deos. Que foy o diluvio universal, tenão laços chovidos? Com aquella agoa chovida do Ceo, se afogou o mundo. E se ha laços que se bebem, porque não haverá laços, que se comaõ? Estes são os de que falla David: *Fiat mensa eorum in laqueum*. Mas já que ha tantos generos de laços, porque dezeja o zeloso, & justiceiro Rey, que o laço, com que se afogue Judas, seja laço feyto da mesa? Porque a mesa he o instrumento natural da vida: E perder a vida pelos instrumentos da vida, he o mais terrivel genero de morte, que se pôde imaginar. Formar hum laço de cordas, apertar com elle a garganta, fechar a respiração, & matar entre portas a vida, rigor he de morrer trabalhoso, violento, angustiado, terrivel; mas assim he padecer a morte pe-

los instrumentos da morte: mas assentar-se á mesa para alentar, para sustentar, para recrear a vida, & que o mesmo bocado que meto na boca, se me converta em laço na garganta, muyto mayor rigor, muyto mayor violencia, muyto mayor tormento, muyto mayor horror he este de morte, porque he perder a vida pelos instrumentos da vida. Perder a vida pelos instrumentos da vida, & converter-se a mesa em laço; he morrer morte traydora. O bocado, q̄ me mata, he traydor, porque com pretexto de me sustentar a vida, ma tira. E hum traydor como Judas, era bem, que o matasse hũa morte tambem traydora: *Os- culum tradis Filium hominis?*

*Luc.*  
21.48 Entregaste com hum beijo, morrerás com hum bocado. Finalmente como a maldade de Judas merecia ser castigada com a mais cruel de todas as mortes; por isso dezejava, & pedia David, que o laço se lhe fizesse da mesa, & não das cordas, porque muyto mais cruel genero de morte he padecer a morte pelos instrumentos da vida, que perder a

vida pelos instrumentos da morte. Assi o dezejava David, mas muyto melhor o executou Judas: David dezejava, que a mesa se lhe convertesse em laço, & Judas executou em si huma morte com o laço, & outra morte com a mesa: hũa morte com o laço, porque se enforcou; outra morte com a mesa, porque cõmungou em peccado. Matou Judas o seu corpo, & matou a sua Alma, mas muyto mais cruel verdugo foy cõ a sua Alma, que com o seu corpo, porque ao corpo deu-lhe a morte com o instrumento da morte: *Laqueo se suspendit*: & à Alma deu-lhe a morte com o instrumento da vida: *Qui manducat hunc panem, vivet*. E morrer ás mãos da vida, ò que desgraça? Não applico, por não gastar dous tempos em hũa couza.

192 Vamos á segunda. A segunda rezaõ, ou miseria porque tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, he, porque nas outras enfermidades o mayor beneficio, que vos pode fazer, quem vos ama, he estar com vosco: na peste a mayor consolação,

folação, que vos pôde dar, quem amais, he fugir de vòs. Mal em que o dizer, estay comigo, he querer mal, & o dizer, fugi de mim, he querer bem: Grande mal! Se a peste não fora enfermidade mortal, só por isto matàra. Acaba o ultimo Capitulo dos Cantares, fallando a Esposa com o Esposo, & diz assi. *Fuge dilecte mi*: fugi, amado meu. Estas forão as ultimas palavras, que disse a Esposa, com estas se lhe acabou a vida, & se acaba a historia. O que reparo aqui, he, que não nos diga o Texto, de que morreo a Esposa, tendo que em todo o discurso de sua vida, teve bastantes causas, que lha pudessem tirar. Primeiramente a Esposa esteve enferma duas vezes, & de enfermidade perigosa: *Quia amore langueo*. Andou nos perigos da guerra com seu Esposo: *Equitavi meo in curribus Pharaonis assimilavi te amica mea*. Roubaraõ-na, & feriraõ-na os soldados dos muros: *Percusserunt me, & tulerunt pallium meum custodes murorum*. Vio-se por vezes maltratada de seu Es-

poso, & por ventura desprezada: *Surrexit, ut aperirem dilecto, at ipse declinaverat; atque transferat*. Pois se a Esposa era tão forte contra os trabalhos do corpo, & contra as molestias da Alma, se esteve duas vezes enferma, & viveo; se a feriraõ, & larou; se foy á guerra, & tornou com vida; se se vio desquerida, & desprezada, & teve constancia; que mal foy este agora tão grande, a que não pôde resistir, & a matou com as palavras na boca? As mesmas palavras o dizem: *Fuge dilecte mi*: fugi amado meu. Vio-se a Esposa em estado (qualquer que elle fosse) que foy forçoso dizer a seu amado, que fugisse della: *Fuge dilecte mi*: E quem se vê em tão miseravel estado, que lhe he forçoso, dizer a quem mais ama, fugi de mim, não lhe perguntem de q̄ morre, esse mal a matou. Grandes males são as enfermidades, as feridas, as guerras, os desgostos, os despresos, os temores, & outros, que a Esposa padecco, & se padecem no mundo: mas mal, em que he forçoso dizer aos q̄ mais amais, que

Cant.  
8. 14.

Cant.  
1. 9.

Cant.  
5. 7.

Cant.  
5. 5.

que fujão de vòs, effe he o mayor mal de todos os males, effe he o que acaba o valor na mayor paciencia, effe he o que tira a vida na mayor constancia. Tal he o mal da peste. Hum mal, em que aveis de dizer aos que mais amais, & vos amão, fugi de mim.

193 Não fey mayor encarcerimento da peste, em quanto mal particular, & enfermidade de hum homem, como era em São Roque; mas em quanto mal cômum, & enfermidade das Cidades, das Provincias, dos Reynos, que poderá bastantemente considerar, nem comprehender as infelicidades, as miserias, as lastimas, os horrores, que em si contêm a desgraça geral de hũa peste? Os portos & as barras fechadas, & os navegantes alongando-se ao mar; & não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos della; os caminhos por terra tomados cõ severissimas guardas: o comercio, & a cômunição humana totalmente impedida: As ruas desertas, & cubertas de herva, & mato, como nos contavão, & viraõ

noſſos mayores nesta mesma Cidade de Lisboa: As portas trancadas com travessas, & almagradas: As sepulturas sempre abertas, não já nas Igrejas, nem nos Adros, senão nos campos, & talvez cahindo nessas sepulturas mortos, os mesmos vivos, que levaõ a enterrar os outros defuntos: A fazenda adquirida com tanto trabalho, guardada com tanta avareza, estimada com tanta cobiça, já desprezada, & já lançada, ou alijada, como na extrema tēpestade, não á agoa, senão ao fogo, & vendose arder sem dor: O amor natural do sangue (como todo o outro amor) ou attonito, ou esquecido: os Irmãos fugindo dos Irmãos, os pays fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres, & todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a faida he indispensavelmente vedada, & impossivel. A rezaõ, & a piedade tem allí cruelmente prezos, & sitia-dos os miseraveis, para que se matem antes a pé quedo entre si, & não fayaõ a matar os outros; mas, ò que dor! ó que

angustia! ó que afflicção! ó que ancia! ó que violencia! ó que desesperação tão mortal! E nem ainda para cuidarem os homens, ou pasma-rem deste seu estado, lhe dá tempo, nem lugar a morte. Em seis horas matou a peste de David setenta mil de hũ Povo. Vede em tal horror, & tão subito, se haveria homem, que estivesse dentro em si, & se estariaõ tão mortos em pê os mesmos vivos, como os que cahiaõ mortos? Isto que digo, Christãos, ou isto que não sey dizer, praza a Deos, que o ouçamos sómente, & que o não vejamos, nem experimentemos. Mas do Algarve a Portugal he menos, que de Tangere ao Algarve, & não ha tanto mar, nem tantos ventos em meyo.

194 As diligencias, as vigias, as cautellas, que se fazem contra este mal tão visinho, são muyto prudentes, muyto devidas, muyto necessarias: mas contra os golpes da espada do Ceo, valem pouco os reparos da terra. No meyo do destroço, ou carniceria, que hia fazendo a

peste de David no mal contado Povo de Israel, poz os olhos no Ceo o lastimado, & lastimoso Rey, & vio hum Anjo com a espada desembainhada, & escorrendo sangue, que já ameaçava o golpe sobre a Corte de Hierusalem. Ah se Deos nos abrisse agora os olhos, como he certo, que haviamos de ver a mesma espada, goteando já sangue nosso, & ameaçando mais sangue, & mayor golpe sobre Lisboa, & sobre Portugal! O peccado, porque Deos castigou com aquella horrenda peste a David comparado com os nossos peccados, pôde se chamar innocencia: mas então não tinha Hierusalem, nem tinha Israel hum S. Roque, como hoje tem Lisboa, & Portugal, que tivesse mão a Deos no braço da espada. Os grandes males pedem grandes remedios, & hũ mal ramanho como o da peste, só o podia remediar hum tamanho Santo, como São Roque. Canonizado está São Roque no mundo cõ o nome de Advogado da peste; mas a mim me parece muyto vulgar esse nome, & muyto desigual à gran-

grandeza de seus poderes, & aos effeytos prodigiosos de sua virtude. Sò hum nome acho igual á virtude de São Roque, & he, chamarlhe peste da peste. Parece-vos injuriosa a novidade do appellido? Ora para que conheçaes a grande gloria desta injuria, sabey com mayor admiracão, que foy São Roque peste da peste, para ser semelhante a Christo crucificado. He a quarta semelhança, que nos faltava para beatificar a quarta, & ultima desgraça de São Roque: *Beati sunt servi illi.*

195 Muytos seculos antes de Christo ser pregado na Cruz, mandou publicar para aquelle tempo, ou hũa sentença, ou hũa ameaça contra a peste, dizendo assi pelo Profeta Oseas: *Ero pestis tua, ó pestis*: Eu ferey tua peste, ó peste. Assi se lê no Texto *Hebr.* Original Hebreo, onde a Vulgata com termos mais uniuersaes tresladou: *Ero mors tua, ó mors.* A propriedade das palavras não pôde ser mayor, mas a verdade, & applicação dellas, parece, que padece igual difficuldade. A

peste, como diziamos, he o ar corrupto, & contagioso, como se pôde logo verificar em Christo crucificado, que fosse peste da peste? Responderey, se me satisfizerem primeyro a outra pergunta. Pergunto: porque quiz Christo morrer no ar, & ao ar? No ar sendo levantado em huma Cruz, ao ar sendo crucificado em hum monte descuberto, & patente? Bem podéra Christo morrer dentro no Templo, & com grande conveniencia; pois era a victima, & o sacrificio de nossa Redempção. Bem podéra morrer sobre a terra, & tambem com grande conveniencia, pois a terra, & os homens, de terra craõ, os que vinha salvar. Que rezão teve logo Christo para não querer morrer, senão no ar, & ao ar? A pergunta, & a resposta tudo he de S. João Chrysofomo: *Quare in edito loco, & non sub S. Chrysof. tecto? in excelsò loco, ut aeris soff. naturam purgaret, oblatus est.* Escolheo Christo padecer no ar, & ao ar em hum monte, & em huma Cruz levantado, & suspenso; porque assi como com a vida tinha santificado

*Of. 13.*  
14.  
*Leet.*  
*Hebr.*

ficado a terra, assi na morte queria purificar o ar: na vida peregrinando de hum lugar em outro lugar, santificou a terra com os pès: na morte sendo levantado, & estendido na Cruz, purificou o ar com os braços. Mas que corrupção, ou que impureza avia no ar, pela qual ouvesse mister purificado? S. Athanasio o explicou seguindo o mesmo pensamento, que tambem he de S. Cypriano: *Solus ille in aere moritur, qui in Cruce vitam finit; quare non sine ratione eam Dominus sustinuit, ita enim sublimatus aerem purgavit ab omni Diaboli, omniumque Demonum infestatione.* Quando os Demonios cahiraõ do Ceo, não descêraõ todos ao Inferno, mas muytos ficaraõ nesta Regiaõ inferior do ar, para tentarem os homens, & lhe fazerem guerra. Por isso S. Paulo chama aos Demonios Potestades do ar: *Potestates aeris hujus.* E como o elemento do ar estava corrupto, inficionado, & apestado com o contagio de tão immundos Espiritos, para Christo alimpar, & purificar

aquelle elemento, quiz obrar nelle o mysterio da Redempçaõ, & escolheo entre todos os instrumentos da morte, huma Cruz, que o tivesse levantado, & suspenso da terra, para farar o ar no mesmo ar: *In excelsa loco, ut aeris naturam purgaret.* E este foy o segredo da Cruz, occulto a todos os seculos, com que ameaçava Christo pelo Profeta aver de ser peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

196 Bem está, mas ainda não se aquieta o pensamento, porque ser peste da peste, he mais que farar de peste. Para farar de peste, basta faralla de qualquer modo; mas para ser peste da peste, he necessario farar a peste pelo mesmo modo, com que a peste costuma inficionar, & matar. Assi he, & assi foy em Christo com admiravel propriedade: não só foy Christo peste da peste, porque matou a peste, mas foy peste da peste, porque matou a peste, assi como a peste mata. E como mata, ou como costuma matar a peste? O modo de matar da peste, he por contagio, crescendo, & continuando

S. Athan.

S. Cyprian.

Ephes. 2. 2.

dose a corrupção pela comunicação das partes. Corrompe o veneno da peste a primeira parte do ar, & estando hũa parte do ar corrupta, pegase a corrupção à outra parte, & assi de parte em parte se vay corrompendo tudo. Dá na casa, & leva a rua, dà na rua, & leva a Cidade, dà na Cidade, & leva o Reyno. Tal foy na Cruz a peste, & contagio da vida contra a peste, & contagio da morte. As primeiras partes do ar, que se purificarão com a virtude do crucificado, foraõ as do mōte Calvario, do Calvario passou o contagio a Hierusalem, de Hierusalem a toda a Palestina, & de Palestiná a todas as partes do mundo. Por hũa parte pegou no Egypto, & levou a Africa: por outra parte pegou na Arabia, & levou a Asia: por outra parte pegou na Grecia, & levou a Europa; & assi de terra em terra, ou de ar em ar, lavrou a peste da faude, & purificou o mundo, desempenhando-se com admiravel secreto, & prodigiosa propriedade a promessa, ou a ameaça de Christo, & sendo verdadey-

ramente na Cruz peste da peste: *Era pestis tua, ò pestis.*

197 Assi como foy peste da peste Christo crucificado, assi he peste da peste São Roque. Não temos menos author, nem menor prova desta verdade, que o testemunho universal de toda a Igreja Catholica no Concilio Constanciense. Deu o mal da peste na Cidade de Constancia, quando nella se celebrava o Concilio. Ardia, abrazavase, & despovoavase tudo: recorre aquella sagrada Congregação aos remedios Divinos: tira em procissão hũa Imagem de S. Roque: cousa maravilhosa! ou cousa sem maravilha! como se fahira huma peste contra outra peste, ou hum contagio de vida contra outro contagio de morte, ao mesmo passo que hia andando a Procissão, hia tambem andando, ou se hia ateando a faude. E assi como no furor da peste quando lavra, se vem cair com horror, aqui huns, acolá outros mortos, assi naquelle triunfo da vida se vião com admiração, & assombro de alegria, agora levantar estes, depois

depois aquelles, & finalmente todos saltando das camas ás janellas, às portas, às ruas, acclamando com vozes, que chegavaõ ao Ceo ao poderoso triũfador da morte, ao milagroso restaurador da faude, ao glorioso obrador de tão grande maravilha; em fim a nova, & vencedora peste da sua peste: *Ero pestis tua, ò pestis.*

198 A mayor maravilha em genero de faude milagrosa, que assombrou este mundo, foy a que dava Saõ Pedro aos enfermos só com a passagem da sua sombra. E o mais maravilhoso desta maravilha, em que consistia? Consistia, em que estando grande multidão de enfermos estendidos pelas ruas, esperando que passasse S. Pedro, bastava, que a sombra do Apostolo tocasse a hũ, para q̃ sarassem todos: *Ut saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, & sanarentur.* Assi o diz o rigor das palavras: mas como podia ser assi? O instrumento da omnipotencia, & da faude era a sombra de Pedro: pois se a sombra de Pedro tocava só a algum dos

enfermos: *quemquam illorum:* como podia ser, que sarassem todos, & sanarentur? Somos forçados a confessar, que a faude, que dava S. Pedro, era faude com propriedades de peste. Assi como na peste natural basta que dê a enfermidade em hum, para que delle vã lavrando, & se pegue aos demais, assi neste contagio D. vino, bastava, que hum recebesse a faude, para que delle se fosse ateando, & se communicasse a todos. Esta foy a mayor maravilha do mayor dos Apostolos. Mas S. Roque que teve, ou por premio das suas desgraças, ou por primor de suas grandezas, não ter nellas outra semelhança senão a de Christo: só a Christo se pareceo na virtude deste Divino contagio, excedendo nella a Saõ Pedro, quando menos em duas grandes ventagões. O mesmo texto as aponta: *Concurrebat multitudo vicinarum Civitatum Hierusalem afferentes agros.* Estava Saõ Pedro em Hierusalem, & de todas as Cidades vizinhas traziaõ grande multidão de enfermos, para que o Santo os curasse;

rasse: E depois de estarem os enfermos em Hierusalem, que faziaõ? *Ita ut in plateas ejicerent infirmos, & ponerent in lectulis, ac grabatis, ut veniente Petro, &c.* Punhaõ os enfermos pelas ruas nos seus leitos, para que passando São Pedro os tocasse a sua sombra, & recebessem faude. De maneyra, que para São Pedro dar faude aos enfermos, eraõ necessarias duas diligencias: a primeyra, que viessem das outras Cidades a Hierusalem, onde estava S. Pedro: a segunda, que depois de estarem naquella Cidade, os pozessem na rua, por onde São Pedro havia de passar.

Comparay agora, quanto mayor foy a maravilha, que vio a Cidade de Constancia em S. Roque, do que a que vio a de Hierusalem, em São Pedro. Sahio a Imagem, que he a sombra de S. Roque, pelas ruas de Constancia, & sem se tirarem os enfermos ás ruas, saravaõ nas casas, saravão nas enfermarias, saravão nos Hospitaes, emfim em qualquer parte da Cidade por remota, por distante, por occulta que fosse, saravão to-

dos. E parou aqui a faude? Não parou aqui. Não só ardia em peste a Cidade de Constancia, mas todos os Povos grandes, pequenos, & mayores daquella Provincia se estavão abrazando, & pereendo no mesmo incendio: mas tanto que S. Roque sahio fóra, & o ar reconheceo o imperio de sua presença, & tocou, ou foy tocado de sua virtude, no mesmo ponto toda aquella multidão immensa de feridos, & apesados, sem elles virem a S. Roque, nem S. Roque ir a elles, ficárão saos, & livres em toda a parte. Isto si, que he purificar o ar por verdadeyro contagio: Isto si, que he ser verdadeyramente peste da peste. Contagio era o da virtude de S. Pedro, mas contagio que não passava de Cidade a Cidade, nem de rua a rua, nem ainda da rua a casa, senão de hum enfermo a outro: Emfim contagio, que não merecia nome de peste. Mas o contagio da virtude de S. Roque verdadeyramente era peste da peste, porque faltava de hum enfermo em outro enfermo, de huma casa

em outra casa; de hũa rua em outra rua, de hũa Cidade em outra Cidade, lavrando, & ateando-se à faude em hum momento em hũa Provincia inteira, & não passando adiante, porque não havia mais que farar. Finalmente Christo nos braços da Cruz, S. Roque sobre os hombros de homens; hum, & outro levantado no ar, *in edito loco*: para que? Hum, & outro para purificar o ar, *ut aeris naturam purgaret*: hum, & outro para fer peste da peste: *Est ò pestis tua, ò pestis.*

## §. VII.

201 Este he o mal, que nos está ameaçando, Christãos, esta he a espada da Divina Justiça, que já temos metida no peito, & só lhe falta penetrar mais, & chegar ao eoração. O que importa he ( se os mesmos peccados, que provocão o castigo, nos não ceigão ) que pois temos o remedio tão prompto, tão poderoso, & tão propicio, nos foccorramos delle a tempo: Invoquemos a S. Roque com grande fé, & com grande cõ-

fiança; peçamos-lhe nos valha neste trabalho tão proprio dos seus poderes, & da sua virtude. Ou para não fer-mos ingratos, não lhe peçamos, que nos valha, senão que continue a nos valer: porque elle he o que nos tem valido, & elle he o que nos está valendo. Quem cuidais, que está tendo mão na peste, nas rayas do Algarve? Quem cuidais, que a está rebatendo, para que não entre em Portugal, senão a virtude daquelle glorioso triunfador della, sempre tão propicio a este Reyno? Mandou Deos fogo do Ceo, que abrazasse o Povo de Israel (tambem por muyto menos peccados, do que são os mayores nossos) hia lavrando o incendio de sapoderadamente, & já tinha abrazado, & feito em cinza a mais de quatorze mil, quando acodio a toda a preffa Aram com hum turibulo nas mãos, & diz o Texto, que metendose entre os mortos, & os vivos, & fazendo oração pelo Povo, parou o incendio: *Stant inter mortuos, & viventes deprecatus est pro populo, & plaga cessavit.* Christãos,

Portuguezes, já a ira do Ceo sahio da mão de Deos, como disse Moyfés neste cazo, já o fogo está ateadado, já nos está abrazando: *Jam egressa est ira à Domino, & plaga deservit.* E se o incendio tão poderoso, & tão apoderado cõtra sua natureza, tem parado naquellas rayas, & não passa adiante, he, porque S. Roque, como outro Aram, se meteo *inter mortuos, & viventes*; entre os mortos do Algarve, & os vivos de Portugal, & alli com o incenso de suas oraçoens está conservando, & preservando o ar puro, & saõ desta parte, para que o não corrompa o inficionado da outra.

202 Oh quem me dera palavras, poderoso Santo, para dignamente vos louvar neste cazo, & explicar a grandeza desta maravilha! Que poder se vio nũca no mũdo, q̃ fizesse hũa risca no ar, & puzesse limites ao de hũa parte, para que não passasse á outra? Isto he o que estais obrando, & o que estamos ṽdo. A mayor maravilha, q̃ Job considerava no poder de Deos, era p̃r balizas ao mar, & dizer-

lhe: aqui chegarás, & não passarás daqui: *Circumdedit illud terminis suis, & dixit, huc venies: & non procedes amplius.* Mas quanto mayor, & mais prodigiosa maravilha he ter posto estas mesmas balizas ao elemento do ar, tanto mais livre, tanto mais mudavel, tanto mais futil, tanto mais indomito, tanto mais furioso, tanto mais inconstante? Assi o tem S. Roque hoje enfreado, & obediente nas rayas de Portugal, permitindo-lhe sómente, que chegue até alli *huc venies*: & mandandolhe com imperio omnipotente, que páre, & não dê hũ passo mais adiante: *& non procedes amplius.*

203 Mas o que atẽgora tem sido tão poderosa resistencia, glorioso Santo, muyto mayor gloria será de vosso poder, se for perfeyta vitoria. Assi o pede a inteýra imitação de Christo crucificado, & o milagroso, & singular titulo, que delle participastes de peste da peste. Bem vemos, & conhecemos, que a virtude deste soberano titulo devemos á suspenção maravilhosa daquelle contagio, que

que não pôde fer obra da natureza. Bem vemos, & conhecemos, que nas rayas de Portugal se estão combatendo fortemente a morte, & a faude: & que se não tem entrado, nem prevalecido contra nós a peste dos homens, he porque temos da nossa parte a peste da peste. Ide por diate pois, glorioso Vencedor, ide por diante, & posfaõ mais diante de Deos para com vossa piedade, as miserias, que padecem aquelles tão affligidos Povos, que a continuação das culpas nossas, com que ainda ajudamos o castigo das suas. Supra o

vosso poder a nossa fraqueza, supra o vosso merecimento a nossa indignidade, supra a vossa graça com Deos a nossa ingratitude tão repetida. Assi o cremos, assi o esperamos da virtude de vossa intercessão, & que assi como as nossas culpas nos fizerão compañeros desta vossa desgraça, assi o vosso favor nos faça participantes do remedio della, que he a ultima bemaventurança vossa, com que aquellas venturosas quatro desgraças vos fizerão quatro vezes bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*





# S E R M A M DE S. PEDRO, N O L A S C O, P R E G A D O

No dia do mesmo Santo , no qual se dedicou a Igreja de Nossa Senhora das Merges , na Cidade de São Luis do Maranhão.

*Com o Santissimo Sacramento exposto.*

---

*Ecce nos reliquimus omnia , & secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? Matth. 19.*

## §. I.



Stas duas clausulas de São Pedro: deyxar , & seguir: são os dous pòlos da virtude , são o corpo , & alma da santidade , são as duas partes , de que se compoem toda aperfeyção Evangelica. A primeyra , deyxar

tudo : *Ecce nos reliquimus omnia*: a segunda, seguir a Christo : *& sicutus sumus te.*

Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo Christão , acharemos nelle quatro differenças de homens , em que este deyxar , & seguir do Evangelho está variamente complicado. Ha huns, que nem deyxão , nem se-

seguem: ha outros, que deyxão, mas não seguem: outros que seguem, mas não deyxão: outros que deyxão, & juntamente seguem. Não deixar, nem seguir; he miseria: deyxar, & não seguir, he fraqueza: seguir, & não deyxar, he defengano: deyxar, & seguir he perfeição. Em nenhum destes quatro predicamentos entraõ os homens do mundo, ainda que sejam Christãos; porque nenhum delles professa deyxar, & seguir. A sua profissão he obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo. Os que sómente professão deyxar, & seguir, somos todos os que temos nome de Religiosos. E para que cada hum conheça em que predicamento destes está, & a qual pertence, se ao da miseria, se ao da fraqueza, se ao do defengano, se ao da perfeição; será bem que declaremos estes nomes, & que definamos estas differenças; & que saybamos, quem são estes miseraveis, quem são estes fracos, quem são estes defengados, & quem são estes perfectos, & santos,

205 Os miseraveis, que não deyxão, nem seguem, são os que se metem a Religiosos, como a qualquer outro officio, para viver. Fica no mundo hum moço sem pay, mal herdado da Fortuna, & menos da Natureza, sem valor para seguir as Armas, sem engenho para cursar as Letras, sem talento, nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto: que faz? Entrase em huma Religião das menos austéras, veste, come, canta, conversa, não o penhorão pela Decima, nê o prendê para a Fronteyra, não tem cousa que lhe dê cuydado, nem elle o toma: em fim he hum Religioso de muyto boa vida, nam porque a faz, mas porque a leva. Este tal, nem deyxar, nem segue. Não deyxar, porque não tinha que deyxar: não segue, porque não veyo seguir a Christo, veyo viver. Os fracos, que deyxão, & não seguem, são os que traz á Religião o nojo, o defar, a desgraça, & não a vocação. Succede-lhe hum homem nobre, & brioso fahir mal de hũ desafio, fazerem-lhe hũa afrô-

ta, que não pode vingar, negar-lhe ElRey o despacho, & o agrado, não levar a beeca, ou a cadeyra, ou o posto militar, a que se oppoz, ou levar-lhe o competidor o casamento, em que tinha empenhado o tempo, o credito, & amor: enfadado da vida, & indignado da fortuna; entrega a sua Casa a hum Irmão segundo, mete-se em hũa Religião de repente; mas leva consigo o mundo á Religião, porque olha para elle com dor, & não com arrependimento. Este deyxá, mas não segue. Deyxa, porque deyxou o patrimonio, & a fazenda: não segue, porque mais o trouxe, & tem na Religião a afronta, que recebeo no mundo, que o zelo, ou desejo de seguir, & servir a Christo. Os defenganados, que seguem, mas não deyxão, são os mal pagos dos homês, que o verdadeyro defengano traz a Deos. Vistes o soldado Veterano, que feytas muytas proezas na guerra, se acha ao cabo da vida carregado de annos, de serviços, & de feridas sem premios, & defengano de quaõ ingrato, &

mão senhor he o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague, & meter algum tempo entre a vida, & a morte, troca o colete pelo fayal, o tali pelo cordão, & a gola pelo capello, em huma Religião penitente, & não tẽdo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle pelega, a elle vence, & delle triunfa. Este he o que não deyxá, mas segue. Não deyxá, porque não tinha que deyxar, mais que os papeis, que queymou, que sempre foraõ cinza: & segue, porque já não conhece outra cayxa, nem outra bádaira, senão a voz de Christo, & sua Cruz. Finalmente os perfeytos, & santos, que deyxão, & juntamente seguem, são os que chamados, & subidos pela Graça Divina ao cume mais alto da perfeição Evangelica, imitão gloriosamente a S. Pedro, & aos outros Apostolos, os quaes tudo o que tinhão, & tudo o que podião ter, deyxáráo, & renunciáráo por Christo, & em tudo o que obráráo, & ensináráo, fizerão, & padecéráo, seguirão, & imitáráo a Christo. E por isso S. Pedro

em nome de todos, & todos por boca de S. Pedro dizem hoje com tanta confiança, como verdade: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.*

206 Elles são os quatro generos de homens, que ha no mundo, ou fóra do mundo, em que se vê variamente complicado, o deyxar, & seguir do Evangelho. Mas eu entre-elles, ainda que vejo a S. Pedro Apostolo, não acho, nem posso descobrir a S. Pedro Nolasco. Que o não ache entre os miseraveis, claro se estava. Como havia de estar entre as infelicidades da miseria hum Santo tão dotado da Natureza, tão favorecido da Fortuna, & tão mimoso da Graça? Que o não ache entre os fracos, tambem, & muyto mais ainda. Como havia de estar entre os desfayos da fraqueza, hum Santo tão soldado, tão valente, tão animoso, tão resolutivo, tão forte, tão constante, tão invencivel? Entre os defengados cuidey, que o poderia achar por seu entendimẽto, por seu juizo, por sua discriçaõ, & pelo conhecimen-

to, & expericneia grande, que tinha do mundo. Mas aquelle defengano, que descrevemos, era fill. o da necessidade, & não da virtude: & hum achaque como este, não cabia na nobreza de seu coração. Porém que entre os perfeitos, & os Santos nam ache eu a hum tão grande Santo? Que não esteja ao menos junto a S. Pedro hum Pedro tão parecido com elle? Isto he o que me admira, & me admirou grandemente, em quanto não conheci a causa. Mas porque ella ha de ser a materia do Sermaõ, quero-a resumir em poucas palavras. Ainda que em tudo o mais, como já aqui vimos, foy tão parecido S. Pedro Nolasco a S. Pedro Apostolo, nos dous pontos de deyxar, & seguir ha grande differença de Pedro a Pedro. Porque? Porque São Pedro Apostolo deyxou, S. Pedro Nolasco fez mais, que deyxar: S. Pedro Apostolo seguiu, S. Pedro Nolasco fez mais, que seguir. E como fez mais, que deyxar, & mais que seguir? Fez mais que deyxar, porque professou pedir; & pedir he mais que deyxar:

fez mais que seguir, porque professou emparelhar; & emparelhar he mais que seguir. Sobre estes dous pontos, faremos dous discursos, que eu desejo, que sejão breves. Dai-me attençaõ, & ajudayme a pedir Graça.

*Ave Maria.*

§. II.

*Ecce nos reliquimus omnia.*

207 **P**Rimeyramente digo, que São Pedro Nolasco fez mais que deyxar, porque professou pedir. E he assi. A profissaõ de S. Pedro Nolasco, & da sagrada Religiaõ das Mercês, he pedir esmolas pelos fieis, para com ellas remir os cattivos, que estão em terra de Mouros. E este pedir ( ainda que não fora para resgatar ) he mais que deyxar. O mesmo S. Pedro, & os outros Apostolos quero, que nos dem a prova. Chama Christo a São Pedro, & S. André, deyxão barcos, & redes, & seguem a Christo: Chama Christo a S. João, & Santiago, deyxão barcos, & redes, & a seu pro-

prio pay, & seguem a Christo. Chama Christo a S. Matheus Publicano, deyxã o Telonio, o dinheyro, os contratos, & segue a Christo: o mesmo fizeram os demais Apostolos, não havendo algum delles, que dilatasse, nem por hum só momento o deyxar tudo. Recebidos na escola, & na familiaridade de Christo, passou hum anno, passãrão dous, passãrão tres annos, & nenhum delles ouve, que em todo este tempo pedisse alguma cousa a Christo: atè que o mesmo Senhor lho estranhou: *Usque modò non petistis quidquam*: exhortando-os Joan. 16.24 a que pedissem confiadamente, porque tudo lhes feria cõcedido. Tres vezes leyo no Evangelho, que exhortou Christo os Apostolos a pedir; mas ainda depois destas taõ repetidas exhortaçoes, não se lé no mesmo Evangelho, que pedissem cousa alguma. Pois se Christo estranha aos Apostolos o não pedirem, & os exhorta tantas vezes a pedir, porque não pedem? E se para deyxarem tudo quanto tinhaõ, bastou só huma palavra de Christo, ou não foy

necessária huma palavra sua ( porque Christo não lhes disse, que deyxassem o que tinham, quando o deyxáram) porque não bastão tantas exhortações, porque não bastão tantos avizos, porque não basta tanta familiaridade para pedirem? Porque tanta differença vay de deyxar a pedir. Para deyxarem tudo, bastou o primeyro momento da vista de Christo: para pedirem alguma cousa, não bastáram tres annos de familiaridade de Christo: para deyxarem, não foy necessario, que Christo os mandasse deyxar: para pedirem não bastou, que Christo os mandasse pedir,

208 Viose isto ainda melhor, entre os doze, nos dous que se mostrarão mais ambiciosos. Affectáram S. João, & Santiago as duas cadeyras da mão direita, & esquerda; mas não se atrevêram elles a pedillas: metêram por terceyra a mão, para que fizesse este requerimento. Pergunto, porque não pedirão por si mesmos estes dous Discipulos, pois tinham tantas razões, que os animassem ao fazer?

A primeyra seja, que elles tinham deyxado por Christo mais que todos, porque os outros Apóstolos deyxáram as redes, que era o officio: & S. João, & Santiago deyxáram as redes, que era o officio, & deyxáram o Pay, que era o amor: *Relictus retibus, & patre*, nota o Evangelista. De 4. 22. mais disso erão parêtes muyto chegados de Christo, & tinham as razões do sangue, & tal sangue. Sobre tudo, dos tres mais validos Apóstolos erão elles os dous, & S. João não só valido, senão conhecidamente o amado. Pois se tinham tantas razões de confiança estes dous Discipulos, porque se retiraõ, porque se encolhem, porque se não atrevem a pedir a Christo? Porque não ha cousa, que tanto repugnem os homens, como o pedir. He tal esta repugnancia, que nem o sangue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que he mais, a vence. Para não deyxar o que deyxáram, tinham estes dous Irmãos as mayores repugnancias da natureza, que era o deyxar pays, & fazenda: para

pedir o que dezejavaõ, tinham as mayores confianças da Natureza, & da Graça, que era o sangue, & o favor: & que fizeram? Tendo as mayores repugnancias para não deyxar, deyxáráo: & tendo as mayores confianças para pedir, não pedirão. Tanto maior difficuldade he a do pedir, que a do deyxar: tanto menor fineza he a do deyxar, que a do pedir. Deyxar he grandeza, pedir he fogeção: deyxar he desprezar, pedir he fazerse desprezado: deyxar he abrir as mãos proprias, pedir he bejar as alheias: deyxar he comprarse, porque quem deyxar, livra-se; pedir he venderse, porque quem pede, cativa-se: deyxar finalmente he acção de quem tem, pedir he acção de quem não tem: & tanto vay de pedir a deyxar, quanto vay de não ter a ter. Mais fez logo neste cazo, & mais fino, & generoso andou com Christo S. Pedro Nolasco, que S. Pedro Apostolo, porque São Pedro Apostolo deyxou, & professou deyxar: São Pedro Nolasco deyxou, & professou pedir.

209 E se pedir, só por pedir, he mayor acção, que deyxar; pedir para dar, & para dar em redempção de cattivos (que são os fins deste glorioso pedir) quão mayor acção, & perfeição ferá? A regra de perfeição, que Christo poz aos que quizessem ser seus Discipulos, foy que vendessem o que tinham, & o dessem a pobres: *Si vis perfectus esse, vende que habes,* <sup>Mat. 19<sup>21</sup></sup> *& da pauperibus.* Esta foy a primeira coufa, que fez S. Pedro Nolasco. Vendeo todas as riquezas, que possuia, como grande Senhor, que era no mundo, & deu o preço para redempção de cattivos. Mas depois de se pôr neste grao de perfeição, ainda subio a professa outro mais alto, que foy não só dar o que tinha, senão pedir o que não tinha, para tambem o dar. Que dê hum homem tudo o que tem, não o manda Christo, mas aconselho: porêm sobre dar o que tem, que peça ainda o que não tem, para o dar; isso nem o mandou Christo nunca, nem o aconselhou. Aconselhou, que dessemos a quem nos pedisse:

Qui

*Qui petit à te, da ei:* mas que  
*Matt.* pedissemos para dar a outrê,  
 1. 42. parece, que não fion tanto  
 do valor humano. E isto he  
 o que fez, & o que professou  
 S. Pedro Nolasco, exceden-  
 do-se a si mesmo, & a todos  
 os que deraõ a Deos, & por  
 Deos quanto tinhaõ. Quem  
 dá o que tem, dá a fazenda:  
 quẽ pede para dar, dá o fan-  
 gue; & o sangue mais honra-  
 do, & mais sensitivo, que he  
 o que fac ás faces. Quem dá  
 o que tem; põde dar o que  
 val pouco; mas quem dá o  
 que pede, não põde dar fe-  
 nam o que custa muyto; por-  
 que nenhũa cousa custa tan-  
 to, como o pedir. A palavra  
 mais dura de pronunciar, &  
 que para sair da boca hũa vez  
 se engole, & afoga muytas,  
 he, *Pego. Molestum verbum*  
*est, onerosuni, & dimisso vultu*  
*dicendum, Rogo;* diz Seneca:  
 & acrescenta, que atê aos  
 Deoses não pediriaõ os ho-  
 miens, se o não fizessem em  
 secreto. O certo he, que ou-  
 ve homem, a quem Deos con-  
 vidou, & offerecco, que pe-  
 disse, & respondeo! *Non pe-*  
*isaie* *tam.* Consideray a que che-  
 7. 11. gaõ muytas vezes os homens,

por nam chegar a pedir, &  
 vereis os que o não experi-  
 mentastes, quanto deve cus-  
 tar. Finalmente he sentença  
 antiquíssima de todos os Sa-  
 bios, que ninguem comprou  
 mais caro, que quem pedio:  
*Nulla res carius constat, quam*  
*que precibus emptæ est.* Quem  
 para dar espera, que lhe pe-  
 çaõ, vende: & quem pede,  
 para que lhe dem, compra, &  
 pelo preço mais caro, & mais  
 custoso. Donde se infere cla-  
 ramente, que aos Religiosos  
 da Redempçaõ dos cativos,  
 mais lhes custão os resgates,  
 que os resgatados: porque os  
 resgatados compraõ-os dan-  
 do; os resgates compraõ-os  
 pedindo. Para comprar os  
 resgatados, daõ hũa vez: pa-  
 ra comprar os resgates, pe-  
 dem muytas vezes. E se os  
 Turcos cortaõ muyto caros  
 os resgates dos cativos; Saõ  
 Pedro Nolasco ainda os cor-  
 tou mais caros; porque os  
 cortou a resgates pedidos, &  
 mendigados.

210 Sendo despojados de  
 todos seus bens os fleis da  
 Primitiva Igreja, na perfe-  
 guição, que se levantou con-  
 tra elles em Jerusalem, depois  
 da

da morte de S. Estevão, mandou S. Paulo a Corinto, seu Discipulo Tito, para que dos Christãos daquela opulenta Cidade recolhesse algũas esmolas ( que depois se chamãraõ *Collectas* ) com as quaes fossem soccorridos os de Jerusaleem. Exhortando pois o Apostolo aos Corinthios, para que ajudassem nesta obra de tanta piedade a Tito; propoem-lhes o exemplo de Christo, admiravel ao seu intento, & muyto mais admiravel ao nosso, & diz assi: *Scientia enim gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illis inopia vos divites esset.* O Original Grego, em que foy escrita aquella Epistola, com mayor expressão, & energia, em lugar de *egenus factus est*, tem, *mendicavit*. E quer dizer o Apostolo: para que entendais, ò Corinthios, quam gratas ferão a Deos as esmolas, que vay pedir Tito, lembraivos da graça, que nos fez o mesmo Senhor, quando por amor de nós mendigou, para que nós fossemos ricos.

2. Cor.  
8. 9.

Ita  
Suaves  
ex vir-  
sione S.  
Basilij,  
& Cor-  
nel. ex  
vers.  
Eras-  
mi.

211 Isto posto, he questãõ entre os Theologos, se Christo foy taõ pobre, que chegasse a mendigar. E parece, que não, porque o Senhor até a idade de trinta annos, vivia do officio de S. Joseph, & do trabalho de suas proprias mãos. Depois que sahio em publico a prégar, era assistido, sem o pedir, das esmolas de pessoas devotas, das quaes se sustentava todo o Collegio Apostolico, & não erãõ tão escassas estas esmolas, que não abrangessem tambem a outros pobres, & ainda á cobiça de Judas, como tudo consta do Evangelho. Esta he a opiniaõ de muytos, & graves Authores. Outros porém tem por mais provavel, que Christo verdadeyramente mendigasse, não sempre, mas algumas vezes: & o provaõ com o lugar do Psalm. *Ego autem mendicus sum, & pauper*: & com este de São Paulo. Mas, ou o Senhor mendigasse por este modo, ou não; como o Apostolo diga, que mendigou, para com a sua mendiguez, & pobreza enriquecer aos Corinthios, & a todos os homens: *Mendicavit*

D. 76.  
in 3. 9.  
40.

Psalm.  
39. 18

*dicavit, ut ejus inopia divites esset.* Bem se vê, que não he este o sentido daquellas grãdes palavras, senão outro muyto mais universal, & mais sublime. Qual foy logo a mendiguez, & o cabedal mendigado, com que o Filho de Deos, fazendo-se pobre, nos fez ricos? S. Gregorio Nazianzeno, & S. João Chrysofotomo, os dous mayores lumes da Theologia, & eloquencia Grega, & que por isso podiaõ melhor penetrar a força, & intelligência do Texto escrito na sua propria lingua; dizem, que fallou S. Paulo do mysterio altissimo da Redempção, & que o cabedal mendigado, com que o Filho de Deos nos enriqueceo, foy a carne, & fangue, que mendigou da natureza humana, & deu, & pagou na Cruz pelo resgate do genero humano: *Nostræ salutis causa eò paupertatis devenit, ut corpus etiam acciperet*: diz Nazianzeno. E Chrysofotomo ainda com mayor expressão: *Ut ejus paupertate duresceremus. Qua paupertate? Quia assumpsit carnem, & factus est homo, & passus ea, que*

*passus.* Ora vede.

212 Pelo peccado de Adam estava o genero humano cativo, & pobre: como cativo gemia, & padecia o cativo: como pobre não tinha cabedal para o resgate: & como a Justiça Divina tinha cortado o mesmo resgate, não em menor preço, que o fangue de seu Unigenito Filho: Que fez a immensa charidade deste Senhor? Aqui entra o *Mendigavit*. Não tendo, nem podendo ter, em quanto Deos, o preço decretado para a Redempção, mendigou da natureza humana a carne, & fangue, que unio a sua Pessoa Divina: & por este modo, como altamente diz o Apóstolo, nós, que eramos cativos, & pobres, com a pobreza, & mendiguez de Christo ficámos ricos: *Ut ejus inopia divites essetis*: porque elle mendigando como pobre, teve com que ser Redemptor, & nós com este cabedal mendigado tivemos com que ser remedidos. De maneira, que na obra da Redempção, que foy a mayor da Charidade Divina, não se contentou Deos com dar o que tinha, senam

com mendigar o que não tinham, para também o dar. Deu a Divindade, deu os Atributos, deu a Pessoa, que he o que tinha: & mendigou a carne, & sangue, que não tinha, para o dar em preço da Redempção. E isto he o que diz São Paulo: *Propter vos mendicavit, ut ejus inopia divites essetis.* Mas o que sobretudo se deve notar, he que a esta circumstancia de mendigar o preço do nosso resgate, chamou o Apostolo a graça, & a excellencia do benefício da Redempção: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam mendicavit.* Como se fizesse mais o Filho de Deos na circumstancia, que na obra, & mais no mendigar, que no remir. Para nos remir tinha a Divina S. bedoria, & Omnipotencia muytos modos; mas quiz que fosse pelo preço de seu sangue: & sendo este preço por si mesmo de valor infinito, para que fosse dobradamente precioso, quiz, que sobre ser infinito, fosse mendigado: *Mendicavit.* Tão gloriosa acção he, & tão heroica mendigar para remir. E talfoy a empresa,

& instituto de S. Pedro Nolasco: Ordenou, que seus filhos professassem pobreza, & juntamente Redempção de cativos. Para que? Para que pelo voto de pobreza deyxassem tudo o que tinham, que he o que fez S. Pedro: & pelo voto da Redempção mendigassem para ella, o que não tinham, que he o que fez o Filho de Deos.

213 E porque nos não falte com o exemplo, como nos assiste com a presença o mesmo Redemptor Sacramentado; & seja o Divino Sacramento a ultima confirmação, & clausula desta gloriosa fineza. Falla deste Divino Sacramento, & tambem dos outros Tertulliano, & diz affi profundamente: *In Sacramentis suis egens mendicitibus Creatoris, nec aquam reprobarvit, qua suos abluit: nec oleum, quo suos ungit, nec panem, quo ipsum Corpus suum representat.* Em nenhuma parte he Christo mais liberal, que nos seus Sacramentos, & muyto mais no mayor de todos: alli está continuamente dispendendo os thesouros de sua graça, & applicando-  
nos

nos os effeytos da Redempção. Mas porque modo faz estas liberalidades Christo? Agora entra a profundidade de Tertulliano. Traz Christo estas liberalidades como Redemptor, pedindo primeiro esmola para ellas, & mendigandoas de si mesmo, como Criador: *In Sacramentis suis egens mendicantibus Creatoris*. Deos Redemptor nos Sacramentos, faz se mendigo de Deos Criador: & paramos applicar a Redempção no Baptismo; pede primeyro esmola de agua: *Aquam, qua suos abluit*: Para nos applicar a Redempção na Unção pede primeyro esmola de oleo: *Oleum, quo suos ungit*: para nos applicar a Redempção na Eucharistia, pede primeyro esmola de pão: *Panem, quo Corpus suum representat*. De forte, que he tão alta, tão soberana, tão grata, & tão preciosa obra diante de Deos o mendigar para remir, que não tendo Deos a quem pedir, nem de quem receber, fez distincção de si a si mesmo: de si em quanto Redemptor a si mesmo em quanto Criador, & mendi-

gando primeyro esmolas da natureza, como pobre: reparte dellas liberalidades, & liberdades de graça, como Redemptor: *In Sacramentis suis egens mendicantibus Creatoris*. E se pedir, só por pedir, val tanto, & pedir para remir val tanto mais; sem fazer aggravado a hum Pedro, nem lisonja ao outro; podemos repetir, & assentar o que diffemos: que fez mais S. Pedro Nolasco em pedir, que S. Pedro Apóstolo em deyxar: *Ecce nos reliquimus omnia*.

## §. III.

214. Desta primeira ventagem de S. Pedro Nolasco, comparada com S. Pedro Apóstolo, se segue outra grande ventagem á Sagrada Religião das Merces, não comparada com as outras Religioens ( como depois faremos ) senão comparada consigo mesma. E que ventagem he esta? Que por este liberalissimo modo de pedir, & por este nobilissimo modo de mendigar, ficaraõ os Religiosos das Merces mayores

Redemptores, do que pretendéraõ fer, & mayores do que se cuida que são. Porque não só são Redemptores dos cativos, que estão nas terras dos Infeis; mas são também Redemptores dos livres, que estão nas terras dos Christãos: não só Redemptores na Africa, mas também Redemptores na Europa, na Asia, & na America. E isto como? Eu o direy. Os Religiosos deste sagrado instituto não pedem esmolas em todas as terras de Christãos, para irem resgatar cativos nas terras dos Infeis? Si. Pois nas terras dos Infeis são Redemptores pelos resgates, que dão: & nas terras dos Christãos são Redemptores pelas esmolas, que pedem. A esmola tem tanta valia diante de Deos, que he huma como segunda Redempção do cativeyro do peccado. Assim o prérgou o Profeta Daniel a ElRey Nabucodonosor, aconselhãdo o, que pois tinha a Deos tão offendido, remisse seus peccados com esmolas: *Peccata tua elemosynas redime.* No cativeyro do peccado estão os cativos atados

Dan.  
4.24.

a duas cadeas, huma da culpa, outra da pena: & he tal o valor da esmola, que não só os rimè, & livra da cadeia da pena, como obra penal, & satisfactoria, que he; senam também da cadeia da culpa: ou formalmente, se vay informada, como deve ir, com acto de verdadeyra charidade; ou quando menos dispositivamente, porque entre todas as obras humanas he a que mais dispoem a Misericordia Divina, para a remissão do peccado. Assim o ensina a Theologia, & o prérgaraõ depois de Daniel todos os Padres. E como a esmola resgata do cativeyro do peccado, a quem a dà por amor de Deos: & destas esmolas dadas, & pedidas por amor de Deos, fazem os Religiosos das Mercês os seus resgates: por meyo das mesmas esmolas, vem a fer duas vezes Redemptores: Redemptores daquelles, por quem as dão; & Redemptores daquelles, a quem as pedem. Redemptores daquelles, por quem as dão, que são os Christãos de Berberia, a quem livraõ do cativeyro dos Infeis: & Redem-

demptores daquelles, a quem as pedem, que são os Fieis de todas as partes do mundo, a quem por meyo das suas esmolas livrão do cativeyro do peccado: *Peccata tua elemosynis redime.*

215 E he muyto para advertir, & ponderar, que estas segundas Redempçoens das esmolas, que se pedem, são muytas mais em numero, que as primeiras dos resgates, que se dão. Porque como a esmola respeyta a misericordia de Deos, & o resgate a avareza do Barbaro; bastando para hũa Redempção hũa só esmola, he necessario, que se ajuntem muytas esmolas, para hum só resgate. E assi ainda que sejam poucos os resgatados; são muytos mil os remidos; porque são resgatados só aquelles, por quem se dá o resgate: & são remidos todos aquelles, a quem se pede, & dão a esmola. Nem obsta, que o preço, & merecimento da esmola seja daquelles, que a dão, para que os que a procurão, & sollicitão, não sejam tambem, como digo, seus Redemptores, Hum Redemptor, que pri-

meiro foy cativo, me dará a prova. Quando Joseph livrou da fome ao Egypto, & aos que do Egypto se foccorrião, o nome, que alcançou por esta famosa acção, foy de Redemptor do Egypto, & do mundo: *Vocavit eum lingua Ægyptiaca Salvatorem mundi.* Mas se considerarmos o modo desta redempção, acharemos no Texto sagrado, que assi os estrangeyros, que concorrião de fóra, como os mesmos Egypcios cõpravão o trigo com o seu dinheyro. Pois se huns, & outros remião as vidas do poder da fome, não de graça, se não pelo seu dinheiro, como se chama Joseph o Redemptor, & não elles? Porque ainda que elles concorrião com o preço, Joseph foy o inventor daquella industria, & o que a sollicitava, & promovia. Elles remião-se a si, cada hum com o que dava, & Joseph remio-os a todos, com o que recebia, não para si, se não tambem para o dar. Por isso dobradamente Redemptor; não só do Egypto, se não do mundo: *Redemptorem mundi,* Oh familia sagrada,

da, sempre, & de tantos modos Redemptora! Oh Redemptores sempre grandes, & sempre gloriosos! Grandes, & gloriosos Redemptores, quando dáis, o que pedistes: & maiores, & mais gloriosos Redemptores, quando pedis, o que haveis de dar. Para que em vós também, como em vosso Fundador, se veja, que fazeis mais, segund'os Apóstolos, em pedir todos, do que fizeram os primeiros, em deyxar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia.*

## §. IV.

216 *Et secuti sumus te.* São Pedro Apóstolo seguiu a Christo: & digo, que S. Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emparelhar. E assi foy. A profissão, que fez S. Pedro Nolasco, & a que fazem todos os Religiosos do seu Instituto, he resgatar os Christãos cativos em terra de Mouros, não só para os pôr em liberdade, mas para os livrar do perigo, em que estão, de perder a Fé. De maneira, que huma cousa he, a que fazem, outra, a que

principalmente pretendem: o que fazem, he libertar os corpos, o que principalmente pretendem, he pôr em salvo as almas. Isto he o que professou S. Pedro Nolasco; & nisto (como dizia) não só seguiu os passos de Christo: *Et secuti sumus te*: mas, do modo que pôde ser, os emparelhou. E digo do modo que pôde ser, porque estas parêthas sempre se hão de entender com aquella differença soberana, & infinita, que ha de Filho de Deos, a fervero de Deos. Mas vamos a ellas.

217 Fallando Christo dos prodigiosos sinais, que hão de proceder ao dia do Juizo, diz, que quando virmos estes prodigios, que nos alentemos: & animemos, porque então he chegada a nossa Redempção: *Respicite, & levate capita vestra: quoniam appropinquat redemptio vestra.* Bem aviados estamos! Eu cuydava, & ainda cuydo, & não só cuidoo, mas creyo de Fé, q̃ a Redempção ha mil, & dois centos & sincoenta annos, que veyo ao mundo, & que na sua primoyra vinda nos

Luc.  
21.28.

nos remio Christo a todos, dando o seu fangue por nós. Pois se o mundo já está remido, & a Redempção he já passada ha tantos centos de annos; como diz Christo, que quando virmos os fin es do dia do Juizo, então entendamos, que he chegada a nossa Redempção? A duvida he boa, mas a resposta será tam boa, como ella, porque he a literal, & verdadeira. Ora vede. O genero humano pela desobediencia de Adam ficou fogueito a dous cativeiros: o cativeiro do peccado, & o cativeiro da morte: o cativeiro do peccado pertence á Alma, & o cativeiro da morte pertence ao corpo. Daqui se segue, que assi como os nossos cativeiros são dous, tambem devem ser duas as nossas redempções: huma redempção, que nos livre as Almas do cativeiro do peccado; & outra redempção, que nos livre os corpos do cativeiro da morte. A primeira redempção já está feita, & esta he a redempção passada, que obrou Christo, quando com o seu fangue remio nossas Almas: a segunda

redempção ainda está por fazer; & esta he a redempção futura, que ha de obrar o mesmo Christo, quando com sua Omnipotencia refuscitar nossos corpos: *Ipsa intra nos gemimus, adoptionem filiorum Dei expectantes, redemptionem corporis nostri*: diz o Apóstolo S. Paulo. E como esta segunda parte da nossa redempção está ainda por obrar, & não estão ainda remidos do seu cativeiro os corpos, posto que já o estejaõ as Almas, por isso diz absolutamente Christo, que no dia do Juizo ha de vir a redempção, porque a redempção inteira, & perfeita, & a redempção, que dá a Christo o nome de perfeito, & consumado Redemptor, não he só redempção de Almas, nem he só redempção de corpos, senão redempção de corpos, & de Almas juntamente.

E senão vede no primeiro effeyto, ou no primeyro acto de Christo Redemptor. O ponto, em que Christo ficou Redemptor do mundo, foy o momento, em que espirou na Cruz: & que succedeo então? Desceo o Senhor no mes-

mesmo momento aos carcere-  
res do Limbo, a libertar as  
Almas, que nelle estavam de-  
tidas: & no tempo que lá em  
bayxo se abrião os carcere-  
res das Almas, cá em cima se abri-  
raõ tambem os carcere-  
res dos corpos: *Monumenta aperta*  
*Matt. sunt, & multa corpora san-*  
*27-52* *ctorum, qui dormierant, surre-*  
*xerunt:* diz S. Mattheus: abri-  
raõse as sepulturas, & sahirão  
dellas muytos corpos de San-  
tos resuscitados. Notay, que  
naõ diz muytos homens, nem  
muytos Santos, senão muy-  
tos corpos, em correspondê-  
cia das Almas do Limbo.  
Dos carcere-  
res do Limbo sahi-  
raõ as Almas, & dos carcere-  
res das sepulturas sahirão os cor-  
pos: porque quiz Christo  
naquelle ponto, em que esta-  
va libertando as Almas do  
cativeiro do peccado, liber-  
tar tambem os corpos do ca-  
tiveiro da morte, para tomar  
inteira posse, & não de me-  
yas, do inteiro, & perfeyto  
nome de Redemptor: não  
só Redemptor de Almas, nem  
só Redemptor de corpos:  
mas Redemptor juntamen-  
te de corpos, & mais de Al-  
mas.

218 Tal foy, & tal ha de  
ser a consumada redempção  
de Christo; & tal he, & tal  
foy sempre a redempção,  
que professou seu grãde imi-  
tador S. Pedro Noiaço, &  
todos os que vestem o mes-  
mo Habito. Perfeitos, & con-  
sumados Redemptores, por-  
que são Redemptores de  
corpos; & Redemptores de  
Almas. Cuida o vulgo erra-  
damente, que o instituto de-  
sta sagrada Religião he só-  
mente aquella obra de mise-  
ricordia corporal, que consi-  
ste em remir cativos; & não  
he só obra de misericordia  
corporal, senão corporal, &  
espiritual juntamente: cor-  
poral, porque livra os corpos  
do cativeiro dos Inficis: ef-  
piritual, porque livra as Al-  
mas do cativeiro da infideli-  
dade. Comprehende esta  
obra suprema de misericor-  
dia os dous mayores males,  
& os dous mayores bens de-  
sta vida, & da outra. O ma-  
yor mal desta vida he o ca-  
tiveiro, & o mayor mal da  
outra he a condemnação; &  
destes dous males livraõ os  
Redemptores aos cativos, ti-  
rando-os da terra de Inficis.

O mayor

o maior bem desta vida, he a liberdade, & o maior bem da outra, he a salvação. E estes dous bens conseguem os mesmos Redemptores aos cativos, passando-os a terras de Christãos. Pelo bem, & mal desta vida, são Redemptores do corpo: pelo bem, & mal da outra vida, são Redemptores da Alma: & por hũa, & outra redempção, são Redemptores do homem todo, que se compoem de Alma, & corpo, como o foy Christo.

219 He verdade, que o q̃ se vende, & se paga em Berberia, o que se desenterra das masmorras, o que se alivia dos ferros, o que se liberta das cadeas, são os corpos: mas o que principalmente se compra, o que principalmente se resgata, o que principalmente se pretende descativar, são as Almas. Almas, & corpos se rimem, Almas, & corpos se resgataõ, mas as Almas resgataõ-se por amor de si mesmas; & os corpos por amor das Almas. São os contratos destes mercadores do Ceo, como o daquelle Mercador venturoso, & prudente

do Evangelho. Achou este homem hum thesouro escondido em hum campo alheyo: *Matt. & que fez? Vadit, & vendit 13.44 uniuersa, quæ habet, & emit agum illum.* Foy vender tudo, quanto tinha, & comprou o campo. Não reparo no tudo do preço, porque já ficado, que dão estes liberaes compradores mais que tudo. Este comprador do Evangelho deu, o que tinha: *Omnia, quæ habet*; mas não pedio. Os nossos dão o que tem, & mais o que pedem. O em que reparo he, no que se vendeo, & se comprou, porque foy com diferentes pensamentos. O que vendeo, vendeo o campo, o que comprou, comprou tambem o campo; mas não comprou o campo por amor do campo, senão o campo por amor do thesouro. Assim passa cá. O Barbaro vende o corpo, que alli tem preço, & cativo, & o Redemptor tambem compra o corpo: mas não compra principalmente o corpo, por amor do corpo, senão o corpo por amor da Alma. Sabe, que a Alma he thesouro, & o corpo terra, compra a terra por

amor do thesouro : compra a terra , porque o Infiel não se-mee nella zizania , com que venha a arder o thesouro , & mais a terra. Assi o fez este homem do Evangelho. Mas quem era , ou quem significava este homem ? *Quem qui Matt. invenit homo.* Era , & significava aquelle , q̄ sendo Deos, se fez homem para resgatar, & ser Redemptor dos homens. A este soberano Redemptor imitão os nossos Redemptores , & o acompanhão tam par a par ( posto que reverencialmente ) que bem se vé , q̄ os leva seu generoso intento mais a emparelhar, que a seguir : *Et secuti sumus te.*

220. E para que este glorioso emparelhar se veja, não só nos objectos da intenção, senão tambem no modo , & modos de remir , he muyto de considerar a differença , que estes Redemptores fazem no resgate dos corpos, & no das Almas. Os corpos, resgataõ-os depois de cativos, & as Almas , antes que o estejaõ : os corpos depois de perderem a liberdade , as Almas, antes que percão a Fé,

& para que a não percão. De sorte , que a redempção dos corpos , he redempção , que remedeia ; a redempção das Almas , he redempção , que preserva , que he outro modo de remir mais perfeyto , & mais subido , de que tambem ( posto que hũa só vez ) usou Christo. Fazem questão os Theologos , se foy Christo Redemptor de sua Máy ? E a razão de duvidar he , porque remir he resgatar de cativo : a Virgem , como foy concebida sem peccado original , nunca foy cativa de peccado : logo , se não foy cativa , não podia ser resgatada , nem remida ; & por consequencia , nem Christo podia ser seu Redemptor. Com tudo he de Fé , que Christo foy Redemptor de sua Máy. E não só foy Redemptor seu de qualquer modo , senão mais perfeyto Redemptor , que de todas as outras criaturas. Porque aos outros remio-os depois , a sua Máy remio-a antes : aos outros remio-os depois de estarem cativos do peccado : a sua Máy remio-a antes , preservando-a para que nunca o estivesse. E este

este segundo modo de redempção, he o mais subido, & mais perfeyto. Assi foy Christo Redemptor de sua Mãy: & assi são estes filhos da mesma Mãy Redemptores das Almas, que livraõ cõ os corpos. Redemptores são dos corpos, & mais das Almas; mas com grande differença: aos corpos resgatão; ás Almas preservão: aos corpos livraõ do cativeyro; ás Almas livraõ do perigo: aos corpos livraõ de huma grande desgraça; ás Almas livraõ da occasião de outra mayor: aos corpos livraõ do poder dos Infiéis, depois que estão já em seu poder; ás Almas livraõ do poder da infidelidade, não porque estejam em poder della, mas por que não venhão a estar. E he esta hũa ventagem não piquena, que faz esta illustrissima Religião ás outras, que se occupão em salvar Almas. As outras fazem, que os Infiéis sejam Christãos, & ella faz, que os Christãos não sejam Infiéis: as outras tiraõ as Almas do peccado; esta tira as Almas da tentação: as outras conseguem, que Christo seja

crido; esta consegue, q̃ Christo não seja negado: as outras guiaõ a Zacheo; para que seja discipulo; esta tem mão em Judas, para que não seja apostata: em fim, as outras trataõ as Almas como Christo remio universalmente a todas; esta trata universalmente a todas, como Christo remio singularmente a de sua Mãy. Vede, se seguem, ou se emparelhão?

221 Mas falta por dizer neste cazo a mayor fineza. Alem dos tres votos essenciaes, & commus a todas as Religioens, fez S. Pedro Nolasco, & fazem todos seus filhos hum quarto voto, de se deyxar ficar como cativos em poder dos Turcos, todas as vezes que là estiver algũa Alma em perigo de perder a Fê, & não ouver outro meyo de a resgatar, entregandose a si mesmos em penhor, & fiança dos resgates. Que eloquencia haverá humana, que possa bastantemente explicar a alteza deste voto verdadeiramente divino, nem que exemplo se pòde achar entre os homens, de fineza, & charidade, que o iguale?

vid, aquelle homem feito pelos moldes do coração de Deos, he nesta materia o mayor exemplo, que eu acho nas Escrituras Sagradas; mas ainda ficou atraz muytos passos. Estava David com muytos, que o acompanhavão, nas terras de Moab, onde se recolhéra, fugido de Saul, que com grandes ancias o buscava, para lhe tirar a vida. Eis-que hum dia subitamente fahe-se com todos os seus daquellas terras, & vem-se meter nas de Judea, que eraõ as mesmas d'ElRey Saul. Se David se não aconselhára neste caso, como se aconselhou, com o Profeta Gad, ninguem julgára esta acção senão pella mais arrojada, & mais cega de quantas podia fazer hum homem de juizo, & sem juizo. Está David retirado, & seguro em terras livres, & vem-se meter dentro em caza de seu proprio inimigo, & de hum inimigo tão cruel, & inexoravel como Saul, que por sua propria mão o quiz pregar duas vezes com a lança a hũa parede? Si, diz Nicolao de Lyra. E dá a razão? *Ne viri,*

*querant cum David, declinent ad idolatriam, si diu manerent in terra idolatriæ subdita.* A terra dos Moabitas era terra dos idolátras: os que acompanhavão a David, era gente pouco segura, que dava indicios, & desconfianças de poder inclinar á idolatria: pois, alto, diz David, não ha de ser assi: layaõ-se elles da terra; onde corre perigo a sua Fé: & esteja eu embora na terra do meu mayor inimigo a todo risco. Assi o fez aquelle grande Espirito de David; mas ainda que se arriscou, uão se entregou. Os Religiosos deste Instituto, não só se arriscão, mas entregaõ-se. Quando não tem prata, nem ouro, com que resgatar os cativos, resgatão-os com os seus propios ferros, passando as algemas às suas mãos, & os grilhoens aos seus pés, & fazendo-se escravos dos Turcos, porque hũa alma o nam seja do Demonio. Sõ de S. Paulino Bispo de Nola, celebra a Igreja hũa acção semelhante a esta, porque não tendo com que resgatar o filho de hũa viuva, se vendeo, & cativou por elle a si mesmo.

Esta

Esta façanha fez S. Paulino, mas vede onde a fez. Em Nola. Já isto eraõ raizes da charidade de Nolasco: em S. Paulino de Nola se semeou, em S. Pedro Nolasco nasceo, em seus gloriosos filhos cresce, & florece. Muytos a executão em Berberia hoje, & todos em qualquer parte do mundo estão aparelhados para a executar, porque todos o tem por voto.

222 Si. Mas onde temos em Christo a parelha desta fineza, que he a obrigação deste discurso? Christo, como prefeito Redemptor, remionos; mas nunca se prendeo, nunca se cativou, nunca se encarcerou por nossa Redempção. Que feria, Senhor, se não estivereis presente nessa Custodia? Digo, que si se prendeo si se cativou, si se encarcerou Christo por nós. Aquella Custodia he o carcere, aquelles accidentes são as cadeas, aquelle Sacramento he o estreitissimo cativeyro, em que o piedosissimo Redemptor se deyxou prezo, encarcerado, & cativo por libertar nossas Almas. No dia do Juizo chamará

Christo aos seus para o Reyno do Ceo, & hum dos particulares servigos, que ha de relatar por merecimento de taõ grande premio, será este: *In carcere eram, & venistis ad me*; estava encarcerado, & visitastesme na minha prisão. Não he necessario, que nós ponhamos a duvida, que trazem consigo as palavras, porque os mesmos premiados a haõ de pôr naquelle dia. (*Domine*) quando te vimos *in carcere, & venimus ad te*? Senhor, quando estivestes vós no carcere, & quando vos visitamos nós nelle? Leaõ-se todos os quatro Evãgelistas, & não se achará, que Christo já mais fosse encarcerado. E se he certo, que esteve o Senhor em algũ carcere (pois elle o diz) diga-me alguem, onde? S. Boaventura o disse; & affirma, que no Santissimo Sacramento: *Ecce quem totus mundus capere non potest, captivus noster est*. Eis alli aquelle immenso Senhor, que não cabe no mundo todo, está feito nosso prisioneiro, & nosso cativo. Vós não vedes, como o fechaõ, como o encerraõ, como

Matt. 25.36

Matt. 25.39

mo o leuão de huma para outra parte prezo sempre ao elo dos accidentes? E senão, dizei-me, aquella Pyramide Sagrada, em que está o Divino Sacramento, porque lhe chamou a Igreja, Custodia? Porque Custodia, quer dizer carcere: assi lhe chamão não só os Authores da lingua Latina, & Grega, senão os mesmos Evangelistas. São Lucas referindo como prendéram aos Apostolos; & os metéram no carcere publico, chama ao carcere, Custodia: *Injecerunt manus in Apostolos, & posuerunt eos in Custodia publica.* Assi está aquelle Senhor: se exposto, em carcere publico: se encerrado, em carcere secreto; mas sempre encarcerado, sempre prisioneyro, sempre cativo nosso: *Captivus noster est.* E como Christo chegou a se prender, & cativar pello remedio de nossas Almas; obrigação era destes gloriosos emuladores dos passos de seu amor, que tambem se prendessem, & se cativassem por ellas. Christo cativo por vontade, elle cativos por vontade: Christo por remedio das Almas, elles

por remedio das Almas: Christo como Redemptor, elles como Redemptores: elles acompanhando a Nolasco, & Nolasco emparelhando com Christo: que chegou ao emparelhar este grande Pedro, quando o outro, mais que grande, fez muyto em o seguir: *Et secuti sumus te.*

## §. V.

223 Desta segunda ventagem de S. Pedro Nolasco, cõ S. Pedro Apostolo, se segue tambem outra grande ventagem á Sagrada Religião das Mercês, não já comparada comsigo mesma, senão com as outras Religioens. E que ventagem he esta? Que pela perfeição, & excellencia deste quarto voto (& mais não he atrevimento) excede esta Religiosissima Religião a todas as outras Religioens da Igreja. Bem mostra a confiança da proposição, que não he minha, nem de nenhum Author particular, senão daquelle Oraculo supremo, que só tem jurdição na terra, para calificar a verdade de todas. Assi o disse o Papa Calixto

*Act.*  
*Apost.*  
5. 18.

lixto III. por palavras, que nam podem ser mais claras, nem mais expressas: *Ratione quarti voti omitti pro redimendis captivis, quo se pignus esse captivorum Fratres hujus Instituti promittunt, merito potest Ordo iste aliis Ordinibus teltior, & perfectior judicari.* Tenham paciencia as outras Religioens, que assi o disse o Summo Pontifice. Querem dizer as palavras. Que em respeyto do quarto voto, com que os Religiosos deste instituto prometem de se entregar aos Infiels, em penhor dos cativos, que resgatarem, se pòde com muyta razão esta Ordem julgar por mais sublime, & mais perfeita, que todas as outras Ordens. Quando isto escreveo Calixto III. que foy no anno de 1456. ainda a Companhia de Jesus, & outras Religioens de menos antiguidade, ficavão de fóra; mas no anno de 1628. Urbano VIII. por suas Bullas confirmou, & repetio este mesmo elogio da Sagrada Religião das Mercês, com que todas as Religioens, sem exceptuar nenhũa, ficão entrando nesta

conta. E o Papa Martinho V. pela altissima perfeçãõ do mesmo voto, declara, que os Religiosos das outras Religioens se podião passar para a das Mercês, como mais estreita: & que os Religiosos della se não podião passar para as outras, como Religioens menos apertadas. Tanto pezo fez sempre no juizo dos supremos Pontifices esta notavel obrigaçãõ: & tanto he atarfe hum homem, para desfatar a outros, & cativar-se, para os libertar. Mas nesta ventagem, que reconheceraõ, & approváraõ, nenhũ aggravo fizeram os Pontifices ás outras Religiões. Porque, que muyto que esta Religião neste voto nos exceda a nós, se nelle se emparelhou com Christo? Assi o diz a mesma Constituiçãõ sua, posto que com palavras de gloriola humildade: *Exemplo Domini nostri Jesu, qui semetipsum dedit pro nobis, ut nos à potestate Demonis redimeret.* Ao exemplo de Nosso Senhor, & Redemptor Jesus Christo, que para nos remir do poder do Demonio, se entregou a si mesmo por nós.

E como

224 E como as palavras dos Summos Pontifices, são vozes da boca de S. Pedro, as mesmas soberanias, que todos concedem, & confissão deste sagrado Instituto, S. Pedro as concede, & as confessa. Concede, & confessa S. Pedro, que este soberano Instituto tem eminencia sobre todos os Institutos: concede, & confessa S. Pedro, q̄ seu illustrissimo Fundador foy o primeyro, & o mayor exemplar d'elle: concede, & confessa S. Pedro, que vê as glorias do seu nome, não só multiplicadas, mas crescidas: concede, & confessa emfim, que em materia de seguir, como de deyxar, se vê vencido de outro Pedro: de outro Pedro, que tendo Pedro deyxado tudo, fez elle mais que deyxar: de outro Pedro, que tendo Pedro seguido a Christo, fez elle mais que seguir: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.*

### §. VI.

225 Tenho acabado o Sermão, breve para o que pudèra dizer, posto que mais

largo para o tempo, do que eu determinava. E se a vossa devoção, & paciencia ainda não está cançada, & me pergunta pela consequencia, ou consequencias de todo elle, concluindo cõ a de S. Pedro: *Quid ergo erit nobis?* Seja a consequencia de tudo, darmos todos o parabem à Senhora das Mercês, & darmos lo a nós mesmos pela gloria, que á Senhora, & pelo proveyto, que a todos nós nos cabe na Dedicacão desta obra, & deste dia.

226 Sendo este sagrado Instituto tão excellente entre todos, & de tanta gloria de Deos, & bem universal do mundo, & hũa como segunda Redempção d'elle; não me espanto, que a mesma Rainha dos Anjos ( com privilegio singular desta Religião ) se quizesse fazer Fundadora della, & que descesse do Ceo a revelar seu Instituto, & a sollicitar em pessoa os animos dos que queria fazer primeyros instrumentos de tão grande obra. Foy cousa notavel, que na mesma noite appareceo a Senhora, primeyro a S. Pedro Nolasco, logo

logo a ElRey D. Jayme de Aragão , logo a S. Raymundo de Penhaforte, declarando a cada hum em particular a nova Ordem , que queria fundar no mundo , debayxo de seu nome , & patrocínio: porque cõunicando todos tres a apparição , não duvidassem da verdade della , & puzessem logo em execução, como puzerão , o que a Senhora lhes mandava , sendo o primeiro, que tomou o Habito, & professou nelle, o nosso S. Pedro Nolasco. Christo Senhor nosso no dia da Resurreição appareceo , se bem notarmos , a tres generos de pessoas diferentes. Appareceo às Marias , appareceo aos Apostolos , appareceo aos Discipulos , que hiaõ para Emmaüs. Pois tanta pressa, tantas diligencias, tantas appariçoens , & todas no mesmo dia, & em tal dia? Si , que o pedia assi a importancia do negocio. O fundamento de toda a nossa Fé; & de toda a nossa esperança , he o mysterio da Resurreição: *Si Christus non resurrexit , vana est Fides vestra* , diz São Paulo. E como a Christo , & ao mun-

1. Cor.

15. 17

*Stus non resurrexit , vana est Fides vestra* , diz São Paulo. E como a Christo , & ao mun-

do lhe não importava menos a Fé deste mysterio , que o fundamento total , & estabelecimento de sua Igreja, por isso anda tão folicito, por isso faz tantas diligências , por isso apparece huma , duas , & tres vezes, no mesmo dia, em diversos lugares , & a diferentes pessoas. Assi o Filho, assi a Mãe. O que Christo fez para fundar a sua Igreja, fez a Senhora, para fundar a sua Religião. Na mesma noyte vay ao Paço , & falla com El-Rey Dom Jayme , na mesma noyte vay ao Convento de S. Domingos, & falla com São Raymundo, na mesma noyte vay a hũa casa particular, & falla com São Pedro Nolasco. Pois a Rainha dos Anjos, a Mãe de Deos , a Senhora do mundo, pelos Paços dos Reys, pelos Conventos dos Religiosos, pelas casas dos particulares , & no mesmo dia , & na mesma noyte, que he mais? Si, que tão grande he o negocio , q̃ a traz á terra: quer fundar a sua Religião das Mercês , & anda feita requerente, não das mercês, que espera , se não das mercês, que dezeja fazer. E

como esta soberana Rainha se empenhou tanto em fundar esta sua Religião no mundo; ò que grande gloria terá hoje no Ceo, em que se vê com nova Casa neste Estado, & com o seu Instituto introduzido em Portugal depois de quatrocentos annos. Note o Maranhão de caminho, & preze muyto, & preze-se muyto desta prerogativa; que tem entre todas as Conquistas do nosso Reyno. Todos os Estados de nossas Conquistas, na Africa, na Asia; & na America, recbêraõ de Portugal as Religioens, com que se honraõ, & se sustentão. Sò o estado do Maranhão pòde dar nova Religião a Portugal, porque lhe deu a das Mercês. Cá começou, & de cá foy, & já lá começa a ter Casa, & quererá a mesma Senhora, que cedo tenha Casa, & Provincia.

227 Mas tornando a esta, que hoje consagramos á Virgem das Mercês, não quero dar o parabem aos filhos desta Senhora, de ter tal Mãy (pois he privilegio este muy antigo) á mesma Senhora quero dar o parabem de ter

taes filhos: filhos, que com taõ poucas mãos trabalhãrão tanto: filhos, que com taõ pouco cabedal, despendêrão tanto: filhos, que com tam pouco tempo acabãrão tanto: filhos, em fim, que não tendo casa para si, fizeraõ Casa a sua Mãy. Não ley, se notais o mayor primor de architectura desta Igreja. O mayor primor desta Igreja, he ter por correspondencia aquellas choupanas de palha, em que vivem os Religiosos. Estarem elles vivendo em hũas choupanas palhiças, & fabricarem para Deos, & para sua Mãy hum Templo taõ fermoso, & sumptuoso como este; este he o mayor primor, & a mais ayrosa correspondencia de toda esta obra: acção, em fim, de filhos de tal Mãy, & que parece lhe vem á Senhora por linha de seus mayores. Salamaõ Vigesimo quarto Avô da Mãy de Deos, edificou o Templo de Jerusalem, & nota a Escritura sagrada, no modo; duas coufas muyto dignas de advertir: a primeira, que em quanto o Templo se edificou; não tratou Salamaõ de edificar casa

caſa , para ſi , nem poz mão na obra ; a ſegunda , que ſendo a obra dos Paços de Salamão , que depois edificou , de muyto menos fabrica que o Templo , o Templo acabou ſe em ſete annos , & os Paços fizeram ſe em treze. Grande cizo he , que ſe achaffe o juiz de Salamão nos edificadores deſte Templo , ſendo entre os filhos deſta Senhora , não os de mayores annos. Bem aſſi como Salamão , fizeram primeyro a Caſa de Deos , ſem porem mão na ſua : & bem aſſi como Salamão , acabaraõ eſta obra com tanta preſſa , deyxando a do Convento , para ſe hir fazendo com mais vagar. Digno verdadeiramente por eſta razão , & por todas , de que todos os Fieis queyirão ter parte em tão religioſa obra , & tão agradavel a Deos , & a ſua Mãe.

228 Mas que parabês darey eu ao noſſo Eſtado , & a eſta Cidade cabeça delle , vêdoſe de novo defendida com eſta nova torre do Ceo , & honrada com eſta nova Caſa da Senhora das Mercês ? A Senhora , que tantas raizes

deita neſta terra , grande pronosfico he , de que a tem eſcolhida por ſua : *In electis Eccleſ. meis mitte radices.* Noſſa Senhora da Vitoria , Noſſa Senhora do Carmo , Noſſa Senhora do Deſterro , Noſſa Senhora da Luz , Noſſa Senhora das Mercês ; vede que fermosa Coroa ſobre a cabeça do noſſo Eſtado. Que influencias tão benignas choverão ſobre todos nõs eſtas ſinco fermosas Eſtrelas. Todas ſão muy reſplandecentes ; mas com licença das quatro , a de Noſſa Senhora das Mercês promete influencias mayores , porque ſão mais univerſaes. Noſſa Senhora da Vitoria , he dos conquiſtadores , Noſſa Senhora do Deſterro , he dos peregrinos , Noſſa Senhora do Carmo , he dos contemplativos , Noſſa Senhora da Luz , he dos deſencaminhados ; mas Noſſa Senhora das Mercês , he de todos ; porque a todos indiferentemente eſtá prometendo , & offerecendo todas as mercês , que lhe pedirem. Nos theſouros das mercês deſta Senhora , não fó há para o ſoldado , vitoria , para o de-

sterrado; patria, para o defencaminhado, luz, para o contemplativo, favores do Ceo, que são os titulos, com que veneramos a Senhora nesta Cidade; mas nenhum titulo ha no mundo, com que a Virgem Maria seja invocada, que debayxo do amplissimo nome de Nossa Senhora das Mercês não esteja encerrado, & que a esta Senhora senão deva pedir cõ igual confiança. Estais triste, & desconfolado; não he necessario chamar pela Senhora da Consolação; valeivos da Senhora das Mercês, & ella vos fará mercede de vos consolar. Estais afflicto, & angustiado; não he necessario chamar pela Senhora das Angustias; valeivos da Senhora das Mercês, que ella vos fará mercede de vos acodir nas vossas. Estais pobre, & desemparedado; não he necessario chamar pela Senhora do Amparo; valeivos da Senhora das Mercês, & ella vos fará mercede de vos amparar, Estais embaraçado, & temeroso em vossas pretenções, nam he necessario chamar pela Senhora do Bom Successo; va-

leivos da Virgem das Mercês, & ella vos fará mercede de vos dar o successo, que mais vos convem. Estais enfermo, & desconfiado dos remedios; não he necessario chamar pela Senhora da Saude; acodi á Senhora das Mercês, & ella vos fará mercede de voadar, se for para seu ferverço. Estais finalmente para vos embarcar, ou para embarcar o que tendes; não he necessario chamar pela Senhora da Boa Viagem; acodi á Senhora das Mercês, & ella vos fará mercede de vos levar em paz, & a salvamento. De forte, que todos os despachos, que a Senhora costuma dar em tão differentes Tribunaes, como os que tem pelo mundo, & no nosso Reyno, todos estão advocados a esta Casa das Mercês, porque nella se fazem todas.

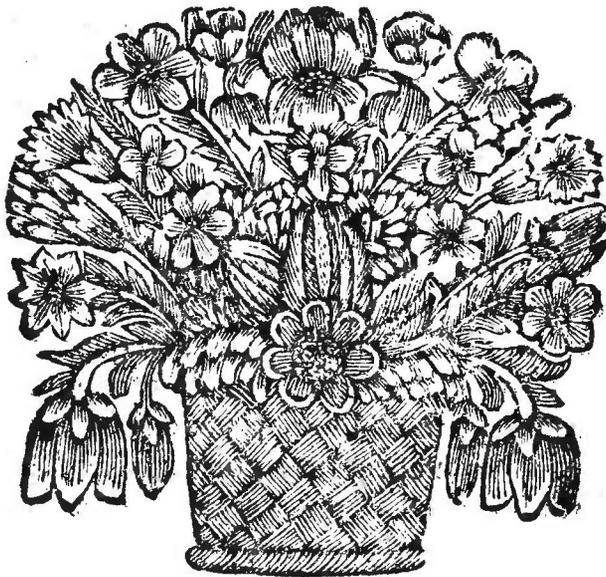
229 E porque vos nam admireis desta prerogativa da Senhora da Casa, sabey, que a Casa da Senhora tem a mesma prerogativa. Que Casa, & que Igreja cuidais, que he esta, em que estamos? Padre, he a Igreja nova de Nossa Senhora das Mercês do

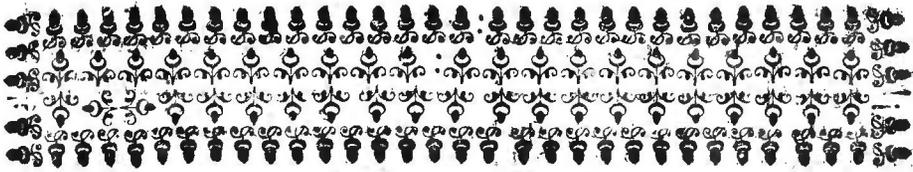
do Maranhão. E he mais alguma couza? Vòs dizeis, que não, & eu digo, que si. Digo, que esta Igreja he todas as Igrejas, & todos os Santuarios grandes, que ha, & se veneraõ na Christandade, & ainda fóra da Christandade tambem. Esta Igreja, he a Igreja de Santiago em Galiza, & a Igreja de Guadalupe em Castella, & a Igreja de Monferrate em Catalunha, & a Igreja do Loreto em Italia, & a Igreja de S. Pedro, & de S. Paulo, & de S. João de Laterano, & de Santa Maria Mayor em Roma. E para que passemos além da Christandade, este he o Templo de Jerusalem, não arruinado, este he o Monte Olivete, este o Thabor, este o Calvario, esta a Cova de Belem, este o Cenaculo, este o Horto, este o Sepulchro de Christo. Assi o torno a afirmar, & assi he. Sabeis porque modo? Porque todas as graças, & Indulgencias, que estão concedidas a estes Têplos, a todos estes Santuarios, a todos esses Lugares sagrados de Jerusalem, & do mundo todo, todas estão

concedidas por diversos Sumos Pontifices a esta Igreja, por ser da Senhora das Mercês, & da sua Religiaõ. De modo que passeando de vossa casa a fazer oraçãõ nesta Igreja, he como se fosseis a Compostella, a Loreto, a Roma a Jerusalem. Pòde haver mayor thesouro, pòde haver mayor felicidade, & facilidade, que esta? O que importa, he, que nos saybamos aproveitar, & nos aproveytemos destas riquezas do Ceo. Não nos descobrio Deos as minas da terra, que este anno com tanta ancia se buscãraõ, & descobrenos as minas do Ceo, sem as buscarmos, para que façamos só cazo dellas. Façamolo assi, Christãos; frequentemos de hoje em diante muyto esta Igreja; & de tantas casas de ruim conversaçãõ, que ha em terra tão pequena, esta, que he de conversar com Deos, & com sua Mãy, não esteja desferta, seja esta de hoje em diante a melhor sabida da nossa Cidade, sabida que vos fará sair, onde não vos convem entrar, nem estar. Aqui venhamos, aqui continue-

mos, aqui acudamos, nos trabalhos, para o remedio, nas tristezas, para o alivio, nos gostos, para a perseverança; & em todos nossos desejos, & pertencões, aqui tragamos nossos memoriaes; aqui peçamos, aqui instemos, & da-

qui esperemos todas as merces do Ceo, & ainda as da terra, que sendo merces da Senhora das Merces, sempre feraõ acompanhadas de Graça, & encaminhadas à Gloria.  
*Quam mihi, &c.*





S E R M A M  
 DA SEXTA SEXTA FEYRA  
 DE QUARESMA,  
 P R E G A D O

Na Capella Real anno 1662.

*Collegerunt Pontifices, & Pharisæi Concilium.*

Joan. 11.

§. I.



Melhor, & a peor  
 cousa, que ha no  
 mundo, qual se-  
 rá? A melhor, &  
 a peor cousa, que ha no mun-  
 do, he o conselho. Se he bom,  
 he o mayor bem: se he má,  
 he o peor mal. A mayor mal-  
 dade, que cometeo neste mū-  
 do a cegueira, & obstinação  
 dos homens, foy a morte de  
 Christo: a mayor misericor-  
 dia, que obrou neste mundo  
 a bondade, & piedade de

Deos, foy a redempção dos  
 homens. E ambas estas cou-  
 sas tão grandes, & tão oppo-  
 sitas, sahirão hoje resolutas de  
 hum conselho: *Expediit vo-  
 bis, ut unus moriatur homo,  
 ne tota gens pereat.* Supposta  
 esta primeira verdade de ser  
 o conselho o mayor bem, & o  
 mayor mal do mundo, ou  
 quando menos a fonte dos  
 mayores bens, & dos mayo-  
 res males, quizera eu hoje,  
 que fosse materia do nosso  
 discurso a consideração dos  
 bens, & males, que concor-  
 rerão

rêrão neste conselho. Este conselho, ou se pôde considerar pela parte, que teve de politico, ou pela parte, que devia ter de Christão. Pela parte, que teve de politico, mostrou alguns dictames acertados: pela parte, que devia ter de Christão, cometeo o mais enorme de todos os erros. E porque dos erros, & dos acertos, como do aço, & do cristal se compoem, & formão os espelhos; dos acertos, & dos erros deste conselho, determino formar hoje hum espelho à nossa Corte. Será este espelho de tal maneyra politico para os Christãos, & de tal modo Christão para os politicos, que se possa ver, & compor a elle hum Conselho, & hum Conselheiro, & tambem hum Aconselhado. Se for muyto lizo, & muyto claro, isso he fer espelho.

*Collegerunt Pontifices, &  
Pharisæi Concilium.*

§. II.

231 Quatro partes considero neste conselho do Evan-

gelho, sem as quaes nenhum conselho pôde ser acertado, nem ainda ser conselho. A eleyção dos Conselheyros, a formalidade da proposta, a conveniencia dos pareceres, & a efficacia da execução. A primeira contém os principios do conselho, a segunda o modo, a terceira os meyoys, a quarta o fim. Sem a primeira, será o conselho imprudente, sem a segunda, confuso, sem a terceira, danoso, sem a ultima, ocioso, & inutil. Comecemos pela primeira.

§. III.

232 A primeira boa propriedade, que teve este conselho do Evangelho, foy, que a materia, sobre que se avia de votar, era da profissão dos Conselheiros. A materia era de Religião; & elles eraõ Sacerdotes: a materia era de Fé, & elles eraõ Theologos: a materia era do Messias prometido pelos Profetas; & elles eraõ doutos nas Escrituras: Em fim, a materia era de letras, & elles eraõ Letrados. A causa de se governar tão mal o mundo, & de andar tão mal

mal aconselhado, avendo tantos conselhos, he porque de ordinario os Principes baralhão os metaes, & trazem desencontrados os conselhos, & os Conselheiros. Se o Soldado votar nas letras, & o Letrado na navegação, & o Piloto nas armas, que conselho ha de aver, nem que successo? Averá Letrados, & não se verá justiça: averá Pilotos, & não se fará viagem: averá Soldados, & exercitos, & levarão a vitoria os inimigos. Vote cada hum no que professa, & logo nos conselhos averá conselho. Nos cazos da Religião vote Samuel, & Heli: nos negocios da guerra vote Joab, & Abner: nas importancias do Estado vote Chuzay, & Achitofel; & nas occurrencias da navegação, & do mar) ainda que não tenham nomes tão pomposos) vote Pedro, & André. Indigna cousa parece, & ainda escandalosa, que os Farizeos entrem no mesmo conselho com os Pontifices: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium.* Tambem o Farizeo ha de ter lugar no conselho? Tam-

bem o Farizeo ha de dizer seu parecer? Tambem o Farizeo ha de dar seu voto? Tambem: Se a materia for da sua profissão. Ainda que o nome de Farizeo naquelle tempo fora tão vil, & tão mal soante, como he hoje; nem por isso se avia de excluir do conselho nas materias da sua profissão; porque o bom conselho, & o bom Conselheiro não o faz o nome, nem a calidade da pessoa, senão a do voto. E porque vos não pareça esta doutrina de tão má escola, como a do nosso Evangelho: Vede tudo o que tenho dito no Conselho de hũ Principe melhor que os melhores Pontifices, & no voto de hum Conselheiro peor que os peores Farizeos.

233 Vio o Profeta Micheas a Deos em conselho, assentado em hum trono de grande Magestade. ( Conta o cazo o mesmo Profeta no 3. Livro dos Reys cap. 22.) <sup>3. Reg.</sup> Assistião a Deos de huma, & <sup>22. 20</sup> outra parte do Conselho todas as grandes personagens das tres Gerarchias: os Tronos, as Potestades, as Dominaçoens, Cherubins, Serafins,

Ee

fins, &c. E diz o Profeta, que também veyo o Diabo a acharse no conselho. Se num Conselho do Ceo, onde o Presidente he Deos, & os Conselheyros Anjos, entra hum Diabo: nos conselhos da terra, onde os que presidem, & os que aconselhaõ, são homens, & talvez homens de muyta carne, & sangue, quantos Diabos entrarã? Fez Deos a proposta ao conselho em voz, & disse Affi. Pelas injustiças de Acab, Rey de Israel, & pelas da Rainha Jezabel sua mulher, assi as que elles cometem, como as que consentem no Reyno, tenho resolutu de lhes tirar a vida, & a Coroa. E porque o estylo de minha justiça, & providencia, he castigar os Reys, permitindo que sejam enganados, para que sigão os caminhos de sua ruina, cuidando, que são os meyo de sua conservaço: quizera ouvir do meu conselho, que modo averá, para que seja enganado El Rey Acab, & para que emprenda a guerra de Ramoth, & acabe nella? E também me diga o conselho, a que pessoa, ou pessoas será

bem encarregar esta empreza? *Quis decipiet Acab Regem Israel, ut ascendat, & cadat in Ramoth?*

234 Ouvida a proposta de Deos, foraõ respondendo os Anjos, como lhe cabia, & diz o Texto, que hums diziaõ de hum modo, & outros de outro: *Unus verba hujusmodi, & alius aliter*: porque até entre os Anjos pôde aver variedade de opinioens sem menos cabo de sua sabedoria, nem de sua santidade: & para que acabe de entender o mundo, que ainda que algũas opinioens sejaõ Angelicas, nem por isso são menos Angelicas as contrarias.

No ultimo lugar fallou o Demonio, & fallou breve, rezumido, sustancial, & resolutu. *Ego decipiam illum: egrediar, & ero spiritus mendax in ore omnium Prophetarum ejus.* Supposto, Senhor, que V. Magestade Divina tem resolutu, ou permitido, que seja enganado Acab, para ser destruido, o meyo mais a proposito para se enganar, he, que lhe mintão todos seus Conselheiros, que são os Profetas, a quem elle con-

confulta: & a pessão, que tem duvida os fará mentir a todos (dizo Demonio) ferey cu; porque me transformarey em espirito de mentira, & me meterey nas suas linguas. Atéqui o Diabo. Ouvi agora, & pasmay. Não tinha bem acabado de dizer o Demonio, quando Deos se conformou inteiramente com o seu voto, & não só lhe cometeo a empreza, mas segurou a todos o successo della: *Decipies, & praevaleris: egredere, & fac ita.* Ainda me estou benzendo, depois que isto li. Quem tal cousa crêra, se a não affirmára Micheas, como testimunha de vitta? He possível, que no seu Conselho sacratissimo, & secretissimo ha Deos de admitir o Demonio? E he possível, que não só o ha de admitir, & ouvir, senão que ha de approvar o seu voto, & se ha de confirmar só com elle, deyxando o parecer de tantos Anjos, & de tantos Principes do Ceo? Si. Porque a prudencia, & obrigação do Senbor supremo, não he tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não he seguir as

razoens dos grandes; senão as grandes razoens: não he fomar os votos, senão pezallos. E porque o Demonio neste caso votou melhor que os Anjos, por isso senão conforma Deos com o parecer dos Anjos, senão com o voto do Demonio.

235 Os Anjos, com serem Anjos, votárao hús assim, outros assi, como diz o Texto: mas o Demonio, vede, que gentilmente votou. A gentileza de hum voto consiste em duas proporçoens: em proporcionar o meyo com o fim, & em proporcionar o instrumento com o meyo: E tudo fez o Demonio escolhidamente. Proporcionou o meyo com o fim; porque o fim do conselho era, que Acab fosse enganado; & para ser enganado Acab, não havia meyo mais a proposito, que mentirem-lhe todos os seus Conselheyros. Proporcionou tambem o instrumento com o meyo; porque para os Conselheyros todos mentirem, não avia instrumento mais sutil, & acomodado, que o mesmo espirito da mentira, metido nas linguas de to-

dos.  
Ee ij

dos. E sendo o voto do Demonio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meyo, porque o não avia de aprovar Deos, & porque o nam havia de antepor ao de todas as Gerarchias? Olhar para a Gerarchia de quem votou, he querer venerar os votos, mas não acertalos. Na eleição do voto, nem se ha de respeytar a dignidade da pessoa ( que por isso Deos se não conformou com os Thronos ) nem se ha de respeitar a nobreza ( que por isso se não conformou com os Principados ) nem se haõ de respeytar os titulos ( que por isso se não conformou com as Dominaçoens ) nem se ha de respeytar o poder ( que por isso se não conformou com as Potestades ) nem se ha de respeitar o amor ( que por isso se não conformou com os Serafins ) nem se ha de respeitar a sciencia ( que por isso se não conformou com os Cherubins ) nem se ha de respeytar a santidade ( que por isso se não conformou com as Virtudes. ) Finalmen-

te não se ha de respeitar ca- lidade alguma, por Angelica, & mais Angelica que seja ( que por isso se não conformou com Anjos, nem com Arcanjos. ) Pois que se ha de respeitar no voto, & por onde se ha de avaliar? Hafe de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, & nada mais. Ainda que a pessoa, que votou, seja o fogeyto mais vil do mundo, qual era o Demonio: & ainda que seja a que está mais fóra da graça do Principe, como o Demonio estava; se o seu voto for o melhor, ha de preferir o seu voto.

236 O principal nos falta por advertir. Conformou se Deos com o voto do Demonio, & não com os dos Anjos, porque o Demonio votou melhor. Bem está. Mas porque votou melhor o Demonio que os Anjos? Porque tem mais sabedoria, que elles? Não. Porque tem mais delgado entendimento? Não. Porque ama mais a Deos, & zela mais seu serviço? Não. Porque deseja mais darlhe gosto, & fazer, & adivinharlhe a vontade? Não. Pois por-

porque vota melhor hum Demonio neste conselho, que todos os Anjos juntos? Porque a proposta, & a materia do conselho, era da profissão do Demonio, & não era da profissão dos Anjos. A proposta, & a materia do conselho, era enganar a Acab, & fazelo cahir: *Quis decipiet Acab, ut cadat?* E como a profissão propria do Demonio he enganar, & fazer cair aos homens, por isso votou melhor, & mais acertadamente q̄ todos. Se a proposta fora como se avia de guardar Acab, & como se avia de guiar, & encaminhar, para q̄ se defendesse, & se livrasse dos perigos daquella guerra; então venceria infalivelmēte o votodos Anjos, porque essa he a sua profissão: guardar, guiar, encaminhar, livrar, & defender aos homens. Mas como o negocio era tão alheo da profissão, & officio dos Anjos, & tão proprio da profissão, & exercicio do Demonio, por isso o Demonio votou melhor, que todos os Anjos. Tanto importa, que vote cada hum no que exercita, & que aconselhe no que profes-

sa. E feria grande desgraça, que se não observasse esta maxima em conselhos Christãos, & Catholicos, quando vemos, que se fez hoje assi em hum conselho de inimigos de Christo: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium adversus Jesum.*

Joan.  
11.47

## §. IV.

237 A segunda boa propriedade, & excellentemente boa, que teve este conselho, foy o modo da proposta: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit:* Que fazemos, que este homem faz muytos milagres, Não sey, se reparais no que dizem, & no que não dizem. Não dizem, que havemos de fazer, senão que fazemos? Ah que grande conselho, & que grandes Conselheyros! Conselheyros de que havemos de fazer, não são Conselheyros. Os Conselheyros hão de fer homens de *quid facimus:* Que fazemos? E vede, que discretamente infirraõ, & contrapezaráõ a proposta. Elles erão inimigos de Christo, & tinham a Christo por inimigo,  
Ee iij go,

go, & diziaõ: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?* Notay o *facit*, & o *quid facimus*. Basta que nosso inimigo faz, & nós não fizemos? Nosso inimigo faz, & nós havemos de fazer? Nosso inimigo faz milagres, & nós não fazemos o que se pôde fazer sem milagre? Já que elle faz, façamos nós: *Quid facimus?* Que fazemos? A razão porq̃ se perdeu tanta parte daquella tão honrada Monarchia da Asia, ganhada com tão illustre fangue, qual foy? Porque o inimigo fazia, & nós aviamos de fazer. Não vamos tão longe. Em quanto Portugal teve homens de avemos de fazer (que sempre os teve) não tivemos liberdade, não tivemos Reyno, não tivemos Coroa. Mas tanto que tivemos homens de *quid facimus*, logo tivemos tudo.

238 Quando Christo fez aquelle famoso milagre dos cinco pães no deserto, quizeirão-no acclamar por Rey; mas não o consentio o Senhor. Quando entrou por Hierusalem, acclamaraõ-no por Rey: *Benedictus qui ve-*

*ni in nomine Domini, Rex Israel:* E não só o consentio, <sup>Joan.</sup> & approvou, mas louvou, & <sup>12.13</sup> defendeo os que o acclamaraõ. Pois se Christo admitio o titulo de Rey na Corte, onde era mais arriscado, porque o não admitio no deserto, onde não avia risco? Sabeis porque? Porque quiz aceitar o titulo de Rey da mão de homens, que o fizeraõ, & não da mão de homens, que o aviaõ de fazer. Notay <sup>Joan.</sup> o que diz o Texto: *Jesus autem cum cognovisset, quia venturi erant, ut raperent eum, & facerent eum Regem, fugit.* <sup>6.15.</sup> Vendo o Senhor, que aquelles homens haviãõ de vir, & o haviãõ de arrebatat, & o haviãõ de fazer Rey, fugio. E vós soisme homens de que haviãõ, & mais que haviãõ, & outra vez, q̃ haviãõ? Exaqui porque Christo não quiz ser acclamado Rey por taes homens. Aceytou o titulo dos homens, que o fizeraõ, & não dos homens, que o aviaõ de fazer; porque homens de avemos de fazer, não são homens, quanto mais homens, que ouvessem de fazer hum Rey, & sustentalo. O Texto diz,

diz, que fugio para o monte; mas não diz, de que fugio. E isso he o que eu pergunto: De que fugio Christo nesta occasião? Dizem cõummẽte, que fugio da Coroa: mas eu digo, que se fugio da Coroa, fugio muyto mais dos homens. Porque não ha cousa, de que hum Rey mais haja de fugir; que de homens de avemos de fazer. Se elles furaõ de *quid facimus*, bem me rio eu, que lhe fugira Christo. E se lhe fugisse, avião-no de prender; porque se depois o prendêraõ, para lhe pòr hũa Coroa de espinhos, porque o não prenderiaõ, para lhe porem huma Coroa de ouro? Mas como crão homens de que avemos de fazer, nenhuma cousa fizeraõ: parou o seu conselho em nada.

239 O primeiro cõselho, que ouve no mundo, foy o da Torre de Babel. Resolvêraõ os homens em hũa Junta de todos quantos entãõ avia, que para eterna memoria de seu nome, fabricassem huma Torre, cujas ameyas subissem até entestar com as Estrellas: *Cujus culmen pertur-*

*gat ad Calum.* Não se pôde crer o grande aballo, que fez no Ceo este consellio. Mandou Deos tocar a rebate, & assistido logo de todos os exercitos dos Anjos, a falla, que lhe fez, foy esta: *Ceperunt hoc facere, nec desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant.* Estes homẽs resolvêraõ em consellio de fazer hũa Torre, que chegue até o Ceo, & não haõ de desistir do seu pensamento, até o levarem ao cabo: *Descendamus igitur, & confundamus linguas eorum.* O que importa he, que desçamos logo logo á terra, & que lhe confundamos as linguas, para que não vão por diante com seu intento. Com o seu intento, Senhor? E que importaõ, ou que podem importar os intentos dos homens contra o Ceo? Pois se o Ceo, & os Anjos, & muyto mais Deos estãõ tão seguros de todo o poder dos homens: se todas as machinas de seus pensamentos, & de suas mãos cõtra o Ceo, mais são desvanecimentos, que conselhos; de que se attera o Empireo, de que se receãõ os Anjos, de q̃ se acavella

tella Deos com tanto cuydado, com tanta prevenção, cõ tanto estrondo? Mais. Se a fabrica immensa daquella intentada Torre, quando menos pela distancia infinita, que vay da terra ao Ceo, não só era temeraria, senão impossivel; como affirma constantemente o mesmo Deos, que não haõ de desistir os homens da obra, até a levarem ao cabo? Eu o direy: & o mesmo Texto o diz.

240 Aquelles homẽs para tudo o que intentárão, & resolvêrão, não fizerão mais que dous conselhos: hum dos meyos, outro do fim. No primeiro conselho disserão: *Venite, faciamus lateres*: Eya, façamos tijolos: no segundo conselho disserão: *Venite faciamus turrim*; eya, façamos a Torre. E homens, que em todos os seus conselhos nam dizem, faremos, nem avemos de fazer, senão façamos, façamos: *Faciamus lateres; faciamus turrim*: Estes homens, ainda que intentem o mayor impossivel, haõ de levallõ ao cabo. Homens, que fazem os conselhos, fazendo: homens, que as suas resoluções são de

pedra, & cal, & que quando aviaõ de parecer conselhos, aparecem muralhas; guarde-se o mundo, guarde-se o Ceo, guardem-se os Anjos, & (se he licito dizelo assi) guarde-se o mesmo Deos de taes homens. Não he o encarecimento meu? senão do mesmo Deos: o qual por isso senão dilatou hum momento em acudir ao cazo; nem se contentou com mandar, senão que desceo em Pessoa, & não só, senão acompanhado de todos os seus exercitos: *Descendamus*. Tal foy o conselho, que hoje fizerão estes Conselheiros, & taes foraõ tambem os effeytos delle. Tanto que Christo vio o que se tinha proposto, & resolutõ neste conselho, que fez? Diz o Evangelista, que o Senhor se retirou logo de Hierusalem, & se passou escondidamente para a Cidade de Efrem, & se meteo num dezerto: *Jesus* <sup>Joan.</sup> *ergo jam non palam ambulabat apud Judæos, sed abuit in regionem juxta desertum in Civitatem, quæ dicitur Ephrem.* E retirese Christo? Escondese Christo? Desapparece Christo? Si. Porque homens,

mens, que nas suas propostas, & nos seus conselhos não dizem; que avemos de fazer, senão *quid facimus*, até a Deos metem em cuidado, até a Deos põem em receyos, até Deos não está seguro de taes homẽs, & de taes conselhos *Non palam ambulabat, abijt in Regionem juxta desertum.*

## §. V.

241 Pedia agora a ordem do conselho, que depois da proposta se seguissem os pareceres, & a resolução. Mas para mayor clareza do discurso, fique esta terceira parte para o fim, & passemos á ultima. A ultima propriedade boa, & melhor que todas deste conselho, foy a efficacia, & presteza da execução: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* O Texto Grego diz: *Ab illa autem hora.* No mesmo dia, & na mesma hora do conselho se começou a pôr o conselho em execução com todo o cuydado. A proposta do conselho, foy: *Quid facimus?* Que fazemos? E o fim do conselho na mesma hora foy fazer o q̃

se resolveo, que se fizesse. Cuidão os Ministros, que feitos os conselhos, feytas as consultas, feitos os decretos, está feyto tudo, & ainda se não começou a fazer nada. O principio dos negoeltos he a execução: em quanto se não dão á execução, não se lhe tem dado principio: *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* São as primeyras palavras da Escritura. No principio criou Deos o Ceo, & a terra. Pergunto. Antes de Deos criar o Ceo, & a terra, a criação do mesmo Ceo, & da mesma terra não estava decretada *ab æterno* no conselho de sua sabedoria? Si estava. Pois então he, que se deu principio á criação do Ceo, & da terra? De nenhum modo, diz o Texto: *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* Quando Deos criou o Ceo, & a terra, então he que lhe deu principio; porque em quanto os conselhos se não dão á execução, por mais conselhos, & por mais decretos que haja, ainda se não tem dado principio a nada. Que importa, que haja conselhos, & mais conselhos, que

importa, que haja decretos, & mais decretos, se entre os decretos, & a execução se passa hũa eternidade? Os decretos serão divinos, & diviníffimos, como eraõ os de Deos; mas todas essas divindades decretadas sem execução, que vem a ser? O que era o Ceo, & a terra antes da criação do mundo; nada. Antes da criação do mundo estava decretado o Ceo, estava decretada a terra, estavam decretados os elementos, & tudo quanto Deos criou, tudo estava decretado, & assentado em conselho; mas todas estas cousas decretadas, que eraõ? O Ceo era nada, a terra outro nada, os quatro elementos quatro nada, & toda essa infinidade de cousas, hũa infinidade de nada. Que importa a sentença no Conselho da Justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbitrio no Conselho da Fazenda, se se não executa o arbitrio? Que importa a prevenção no Conselho da Guerra, se se não executa a prevenção? Que importaõ os mysterios no Conselho do Estado, se se não executão os mys-

terios? O mysterio altíssimo, & diviníffimo da Encarnação, estava decretado havia huma eternidade, & estava revelado, havia quatro mil annos; & que era este mysterio antes da execução? Nada.

242. Pois que remedio para que estes nada se jáõ algũa cousa, & se jáõ tudo? O remedio he criar hum conselho de novo. Ainda mais conselhos? Bem aviados estamos. E que conselho ha de ser este? E como se ha de chamar? Salamaõ, cujo he o arbitrio, lhe deu tambem o nome: *Consilium manuum*: hum conselho Prov. 31.13 de mãos. Este he o conselho dos conselhos. Todos os outros conselhos sem este são conselhos sem conselho. Os conselhos do entendimento, discorrem, altercam, disputaõ, consultaõ, resolvem, decretão, & atèqui nada. O conselho das mãos, he o que faz as cousas. O mesmo Texto o diz: *Operata est consilio manuum suarum*. Os outros conselhos especulaõ, este conselho obra. Mas com licença de Salamaõ, se este chamado conselho he de mãos, parece, que se não havia de chamar

conselho, porque o conselho he acto de entendimento, & as mãos não tem entendimento. Antes só as mãos tem o entendimento, que he necessario. A cabeça tem entendimento especulativo: as mãos tem entendimento pratico: & este he só o entendimento, que faz as cousas. Assim disse hum Rey, que tinha muyto bom entendimento, & muyto boas mãos, David:

*Psal. In intellectibus manuum suarum deduxit eos.* Falla David das felicidades daquella mesma Republica, em cujo conselho estamos, & conclue, que em todas as occasioens, em que tiverão felices successos, os governou Deos, & elles se governáraõ com os entendimentos de suas mãos: *In intellectibus manuum suarum.* E notay, que não diz, com o entendimento de suas mãos, senão com os entendimentos: *In intellectibus manuum suarum.* A cabeça, que he huma tem entendimento: as mãos, que são duas, tem entendimentos: *In intellectibus.* Aqui está hum entendimento, & aqui outro, hum na mão direita, outro na esquerda: &

se elles dãos entendimentos se dão as mãos, tudo se consegue. Os mais felices Reynos não são aquelles, que tem as mais bem entendidas cabeças, se não aquelles, que tem as mais bem entendidas mãos. Dos entendimentos das mãos he que se fazem os prudentes conselhos, ou quando menos nos entendimentos das mãos he, que se calificaõ de prudentes: porque os conselhos prudentes, que não passaõ do entendimento às mãos, fazem-se de prudentes nescios.

243 Rebellouse Absalam contra El Rey David. Seguiu a voz de Absalam todo o Reyno, cujas vontades elle tinha ganhado: *Toto cor- 2. Reg. de universus Israel sequitur 15.13* Absalam. Chegou a nova ao Rey nestes mesmos termos: & como nos grandes cazos se vem os grandes coraçoes, accomodouse David á fortuna do tempo, & retirouse cõ os Capitaens de sua guarda, que só o acompanhavaõ. Tinha já caminhado hum bom espaço do monte Olivete, quando recebeo segundo aviso, que tambem Acitofel,

seu grande Conselheyro, seguia as partes de Absalaõ: & aqui foy, que o coração do Rey sentio os primeyros aballos. Poz-se de joelhos, levantou as mãos ao Ceo, & disse a Deos: *Infatua, quæso, Domine, consilium Achitofel.* Peçovos, Senhor, que infatueis o conselho de Achitofel. Nunca a nossa lingua me pareceo pobre de palavras, senão neste Texto. Infatuar significa fazer imprudente, fazer ignorante, fazer nescio, & ainda significa mais: & tudo isto pedia David, que fizesse Deos ao conselho de Achitofel. Vede o que pezava no juizo daquelle gram Rey; & o que deve pezar no de todos hum grande Conselheyro? Quando disseraõ a David, que todo o Reyno unido seguia a Absalaõ, não fez oração a Deos, para que o livrasse de suas armas: quando lhe disseraõ, que tambem Achitofel o seguia, fez oração apertada, para que o livrasse de seus conselhos. Mais temeo David a testa de hum só homem, que os braços de infinitos homês. Bem tinha já experimentado

o mesmo David na pedrada do Gigante, que importa pouco, que o corpo, & os braços estejaõ armados, se a testa está fraca. Ouve-se David neste cazo contra Absalaõ, como já se ouvera contra Golias. O tiro da sua oração não o apontou contra o Reyno, que era o corpo armado, senão contra Achitofel, que era a testa. Hum grande Conselheyro no Conselho do Rey, ha de ser a sua mayor estimação; & no conselho do inimigo ha de ser o seu mayor temor.

244 Vamos agora ao successo, em que a Escritura diz duas cousas notaveis, & que parecem totalmente encontradas. A primeira, que Deos ouvio a oração de David contra o conselho de Achitofel: a segunda, que Achitofel aconselhou a Absalam prudentemente, o que lhe convinha: *Domini autem nutu dis-* <sup>2. Reg.</sup>  
*sipatum est consilium Achitofel utile.* <sup>17:14</sup> Pois se Achitofel aconselhou util, & prudentemente a Absalam, como ouvio Deos a oração de David? A oração de David pediu a Deos, que enfatuasse o

conselho de Achitofel; mas se o conselho de Achitofel foy prudente, & util, como enfatuou Deos o seu conselho? Quereis saber, como o enfatuou, lede por diante o Texto. Ainda que a Escritura diz, que o conselho de Achitofel foy prudente, diz tambem, que Absalaõ o não executou: E este foy o modo, com que Deos enfatuou aquelle conselho: porque conselhos prudẽtes sem execução, não são prudentes, são fatuos. De dous modos podia Deos enfaturar o conselho de Achitofel: ou no entendimento do mesmo Achitofel, fazendo que Achitofel votasse mal, ou nas mãos de Absalaõ, fazendo que ainda que o conselho fosse bom, Absalaõ o não executasse: & Deos para totalmente enfaturar o conselho de Achitofel, como David lhe tinha pedido, escolheo este segundo modo; porque o conselho, que fenaõ acerta com o entendimento, he conselho errado; mas o conselho, que depois de acertado não se executa, não só he errado, he fatuo. Errar hum conselho he

cousa, que cabe em homens prudentes; mas acertalo, & perdelo por falta de execução, só em homens fatuos se pòde achar. Oh quantos Reynos se perdem, por conselhos prudentes enfatuados! Vejaõ lá os Principes se são enfatuados nos entendimentos dos Achitofeis, ou nas mãos dos Absaloens. Por isso eu dezejára hum conselho de mãos, & por isso sendo tão máo, teve esta parte de bom o conselho do nosso Evangelho. Começou estranhando o que se não fazia: *Quid facimus?* E acabou começando o que se avia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogitaverunt enim interficere.*

245 Mas eu não acabo de entender como isto podia ser logo no mesmo dia, & na mesma hora, em que se fez o conselho. Quando se lançarão os votos? Quando se escreveo a consulta? Quando se assinou? Quando subio? Quando se resolveo? Quando baxou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registrarão? Quando tornarão à subir? Quando se firmarão? Quando tornaráõ a baxar?

Quando se passárao as ordẽs? Quando se distribuirão? Tudo isto não se podia fazer em huma hora, nem em hum dia, nem ainda em muytos. Se fora no nosso tempo, & na nossa terra, assi avia de ser, mas tudo se fez, & tudo se pode fazer. Porque? Porque não ouve tinta, nem papel neste conselho.

## §. VI.

246 Esta he a quarta, & ultima propriedade boa, que nelle confidero: ser hum conselho, em que não appareceo papel, nem tinta. Dias ha; que tenho para mim, q̃ a tinta, & o papel são duas peças, ou escuzadas, ou quasi escuzadas em hum conselho. E porque isto parece querer condenar o mundo, não hey de argumentar ao mundo, senão consigo mesmo. Qual he mais antigo no mundo o conselho, ou o papel? Pois assi como naquelle tempo se faziao os conselhos sem papel, porque se não poderam fazer agora? Dirmeheis, que estava ainda o mundo pouco polido, & pouco politico.

Mais politico que agora. A primeira nação, ou a primey-ra lingua, que soube ler, & escrever, foy a dos Hebreos. Primeyro se governárao por Familias, depois em Republica, depois em Monarchia, ultimamente em Reynos: & em todos estes estados nam achareis tinta, nem papel em seus conselhos. Chamava o Principe diante de si os de seu conselho: propunha a materia: ouvia os pareceres: resolvia o que se avia de fazer: nomeava a pessoa, que o avia de executar: & acabava-se o conselho. Não era bom estylo este, Senhor mundo? Agora estarcis mais empapelado, mas nem por isso mais bemaconselhado. He verdade, que jũto ás Pelloas Reaes avia naquelle tempo dous Officiaes de penna: E quaes erao? Hum Historiador, & hum Secretario. Tirase do *2. Reg. Livro dos Reis cap. 8.* Onde se *8. 17.* referẽ os Officiaes, de que se compunha a Casa Real, & se nomea entre elles Josaphat à Comentarijs, & Sarayas Scriba. E porque erao o Historiador, & o Secretario os dous officios de penna? Dif-  
cre-

cretissimamente o ordenação, assi: porque o escrever foy inventado para remedio da auzencia, & da memoria. O Secretario escrevia as cartas para os auzentes, & o Historiador escrevia as memorias para os futuros. Por isso geralmente nas Historias Sagradas só achamos Livros, & Epistolas: os Livros para os vindouros: as Epistolas para os auzentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como acontecco a Zacharias, Pay do Bautista, que sendo consultado sobre o nome do filho, & não tendo lingua para o declarar, pediu a pena. Se os Conselheiros forão mudos, & os Reys surdos, então era necessario o papel: mas se os Conselheiros fallão, & os Reys ouvem, para que são tantos papeis? Não he melhor ouvir hum Conselheiro, que falla, & responde, que ler hum papel mudo, que não sabe responder? E quantos Conselheyros ouveraõ de dizer de palavra, o que se não atrevem a dizer, & firmar por escrito? Entre a boca do consultado, & o ouvido do Rey passa a ver-

dade com segurança: E nem todos tem liberdade, & constancia para fiar o seu voto das riscas, & dos riscos de hũ papel. Não fallo em que a tinta com fer preta pòde tingir o papel de muytas cores, & a pena de qualquer ave que seja, toda nasceo de carne, & sangue.

247 Introduzir papel, & tinta (ao menos tanto papel, & tanta tinta) nos Concelhos, & nos Tribunaes, foy traça de fazer o tempo curto, & os requerimentos largos, & de se acabar primeiro a paciencia, & a vida, que os negocios. O mayor exemplo que ha desta experiencia em todas as Historias, he o da execuçõ deste mesmo conselho, em que estamos: *Ab illa autem die cogitaverunt eam interficere.* A execuçãõ deste conselho foy a morte de Christo: E he cousa, que parece excede toda a Fé (se o não differaõ os Evangelistas), considerar o muyto que se fez, & o pouco tempo que se gastou nesta execuçãõ. Foy Christo prezo às doze da noyte, & crucificado às doze do dia. E que se fez, ou que

que se não fez nestas doze horas? Foy levado o Senhor a quatro Tribunaes muy distantes, & a hũ delles duas vezes: ajuntaraõ-se, & fizeraõse dous conselhos: presentaraõ-se em duas partes as accuzaçoens: tiraraõ-se tres inquiriçoens de testemunhas: expediose a causa incidente, & perdão de Barrabás: derão-se dous libellos contra Christo: fizeraõse arrezoados por parte do Reo, & por parte dos Autores: allegaraõ-se Leys: deram-se vistas: ouve replicas, & treplicas: representaraõ-se duas Comedias, huma de Christo Profeta com os olhos tapados, outra de Christo Rey com Cetro, & Coroa: foy tres vezes despi-do, & tres vestido: cinco vezes perguntado, & examinado: duas vezes sentenciado: duas mostrado ao povo: ferido, & afrontado, tantas vezes com as mãos, tantas com a cana, cinco mil & tantas cõ os açoutes: prevenirão-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, coluna, azorragues: varas, cadeas: huma roupa branca, outra de purpura: canas, espinhos, cruz, cravos,

fel, vinagre, myrrha, esponja; titulo com letras Hebraicas, Gregas, & Latinas, não escritas, senão entalhadas, como se mostrão hoje em Roma: ladrões, que acompanhasssem ao Senhor: cruces para os meismos ladroens: Cerineo que o ajudasse a levar a sua: prégoou Christo tres vezes; huma a Cayfaz, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusalem. Finalmente caindo, & levantando foy levado ao Calvario, & crucificado nelle. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda dessas doze horas sobejasssem tres para descanso dos Ministros, que foraõ as ultimas da madrugada? Grave cazo! E como foy possível, que todas estas cousas, tantas, tão diversas; & de tantas dependencias se obrassem, & se podessem obrar na brevidade de tão poucas horas, & mais sendo ametade dellas de noyte? Tudo foy possível, & tudo se fez, porque em todos estes Conselhos, em todos estes Tribunaes, em todas estas resoluçoens, & execuçoens não entrou papel, nem tinta. Se tudo isto se ou-

vèra

vêra de fazer com as tardanças com as dilaçoens , com os vagares, com as ceremonias , que envolve qualquer papel , ainda hoje o genero humano não estava remido. Sò quatro palavras se escreverão na morte de Christo, que foraõ as do Titulo da Cruz: E logo ouve sobre ellas embargos, & requerimentos, & altercações, & teymas, & descõtentamentos: E se Pilatos não differa resolutamente, que se não avia de escrever mais: *Quod scripsi, scripsi*. *Joan. 19:23* O cazo era de appellação para Cesar, que estava em Roma; dalli a quinhentas legoas, & demanda avia na meya regra para muytos annos.

249 Atè Christo teve sua conveniencia em não aver papel, & tinta na sua execução, porque ao menos nam pagou custas. He possível, que não ha de aver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chameylhe castigo, por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha, que não seja ladraim marcado? Tiroume o escrupulo de o

cuidar assi hũa só historia de papel, ou de papeis, que se acha no Evangelho. Contra S. Lucas, que certo Senhor rico tendo entregue a sua fazenda a hum mordomo, por alguns rumores, que lhe chegaraõ, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o criado, que lhe tiravaõ o officio, toma muyto depressa os papeis, vayse ter com os que deviam ao amo: E que fez com elles? Ao que devia cem cantaros de azeyte, fazialhe escrever oitenta: *Scribe octoginta*: Ao que devia cem fanegas de paõ, dizialhe, que escrevesse sincoenta: *Scribe* *Luc. 16.6.* *quinquaginta*. Pois esta he a fé dos papeis tão acreditada? 7. Para isto servem os papeis? Para isto servem: para de cem cantaros fazer oitenta cantaros: para de cem fanegas fazer sincoenta fanegas. Vede-se merecia o criado as marcas do papel? Mas se não ouvera papeis, não tiveram taes occasioens os criados. Terrivel flagello do mundo 250 foy sempre o papel; mas hoje mais cruel que nunca. A origem, & o nome do papel,

foy tomado das cascas das arvores, que em Latim se chamaõ *Papyrus*, porque aquellas cascas foraõ o primeyro papel, em que os homens escreviaõ ao principio: depois derão em curtir as pelles, & se facilitou mais a escriptura com o uzo dos pergaminhos: Ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje uzamos. De maneyra, que se bem advertimos, foy o papel desde seus principios, materia de escrever, & invenção de esollar. Com o primeyro papel esollavam-se as arvores: com o segundo esollavam-se os animaes: com o de hoje esollam-se os homens. Oh quanto papel se poderá encadernar cõ as pelles, que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhũa parte tanto como em Portugal, porque em nenhũa se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papéis. Estes soccorros, que damos a Veneza, não seria melhor dalos antes em dinheiro contra o Turco em Candia, que dalos por papel contra nõs? O mais bem achado tributo, que inventou a necessidade, ou a cobiça, he para

mim o do papel sellado. Mas faltoulhe hũa condição: o sello não o aviaõ de pagar as partes, senão os Ministros. Se os Ministros pagãõ o sello, eu vos prometo, que avia de correr menos o papel, & que aviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariaõ mais, senão ouvesse pennas, nem papel. E por isso voãrãõ tanto as resoluçoens deste conselho: *Ab illa autem hora.*

## §. VII.

251 Sendo este conselho tão politico, & sendo tão politicos os seus Conselheiros, que se seguio de todas estas politicas? O que se seguio, foy a destruição de Jerusalem, a destruição de toda a Republica dos Hebreos, a destruição dos mesmos Pontifices, & Farizeos, que fizeraõ o conselho. E porque? Porque tendo o conselho tanto de politico, não teve o que devia ter de Christão: antes todo elle foy contra Christo: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium adversus Jesum.* Estas palayras *adversus Jesum,*

Joan.  
19. 48

sum, não são do Texto, senão da glossa da Igreja. Notay; diz a Igreja, que este conselho foy contra Christo: E de hum conselho contra Christo, que se podia esperar, senão a destruição do mesmo conselho, dos mesmos Conselheiros, & de toda a Republica, que por taes meyos pretenderão defender, & sustentar? E assi foy. O fundamento politico de toda a resolução, que tomáráo de matar a Christo, foy este: *Si demittimus eum sic, venient Romani, & tollent locum nostrum, & gentem.* Se deyxamos este homem assi, todos o hão de acclamar por Rey, & se se fouver em Roma, que nós temos Rey contra a Soberania, & Magestade do Imperio Romano, hão de vir contra nós os Romanos, & hão de tirarnos dos nossos lugares, & hão de destruir a nossa gente, & a nossa Republica: pois morra este Homem, para que nos não percamos todos. Mas vede, como lhe fahio errada esta sua politica. Matemos este Homem, porque nos não percamos todos, & perderam-se todos,

porque matáráo aquelle Homem: matemos este Homem, porque não venhão os Romanos, & tomem Jerusalems; & porque matáráo aquelle Homem, vierão os Romanos, & tomáráo Jerusalems, & não deyxáráo nella pedra sobre pedra. Que he de Jerusalems? Que he da Republica Hebraica? Quem a destruiu? Quem a decipou? Quem a acabou? Os Romanos. Exaqui em que vem a parar os conselhos, & as politicas, quando as suas razoens de Estado são contra Christo. Santo Agustinho: *In contrarium eis vertit malum consilium.* Vede (diz Agustinho) o máo conselho como se converteo contra os mesmos, que o tinhaõ tomado: *Ut possiderent, occiderunt; & quia occiderunt, perdidit:* para conservarem a Republica, matáráo a Christo; & porque matáráo a Christo, perderão a Republica. Oh quantas vezes se perdem as Republicas, porque se tomaõ por meyos de sua conservaçam offensas de Christo! Quem aconselha contra Deos, aconselha contra si. E os meyos,

que os homens tomão para se conservar, se são contra Deos, esses mesmos toma Deos contra elles, para os destruir.

252 Muytas vezes castigou Deos a Republica Hebraea em todos os estados, & em todas as idades, por diferentes Naçoens. Deyxo os cativeiros particulares no tẽpo dos Juizes pelos Madianitas, & no tempo dos Reys pelos Filisteos: Vamos aos cativeiros geraes. O primeyro cativeiro geral em tempo de Moysés, foy pelos Egypcios: o segundo cativeiro geral, em tempo de Oseas, foy pelos Assyrios: o terceiro cativeiro geral, em tempo de Jeconias, foy pelos Babilonios: o ultimo cativeyro geral depois de Christo, que he o presente, foy pelos Romanos. E porque ordenou Deos, que os executores deste ultimo cativeyro fossem os Romanos, & não por outra Nação? Não estavam ainda ahi os mesmos Egypcios, os Ethyopes, os Arabes, os Persas, os Gregos, & os Macedonios, que erão as Naçoens confinantes? Pois porque

não ordenou Deos, que os executores deste cativeyro, fossem citas, ou outra Nação, senão os Romanos? Para que visse o mundo todo, que a causa deste castigo foraõ as politicas deste conselho. Ora vede.

Tres resoluções tomãrão estes Conselheiros, para conservação da sua Republica, todas tres fundadas no temor, no respeyto, na dependencia, & na amizade dos Romanos. A primeira notou S. Gregorio: a segunda S. Basilio: a terceira Santo Ambrosio. Deyxo as palavras, por não fazer o discurso mais largo. A primeira resolução foy, q̃ se Christo continuasse com aquelle sequito, & applauso, & com as aclamações de Rey, que lhe dava o Povo; viriam os Romanos sobre Jerusalem: *Si dimittimus eum sic, venient Romani.* A segunda resolução foy, entregarem a Christo aos Soldados Romanos, porque elles forão os que o prendêrão no Horto, & o crucificãrão: *Judas vero cum accepisset cohortem: Que era humas cohortes Romanas.* A terceira

D.  
Greg.  
D  
Basil.  
D.  
Am-  
bros.

253

ra resolução foy, persuadirê a Pilatos Governador de Judêa, posto pelos Romanos, que se livrava a Christo, perdia a amizade do Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cesaris*. Ah si. E vòs temeis mais a potencia dos Romanos, que a justiça de Deos; pois castigarvos-ha a justiça de Deos com a mesma potencia dos Romanos. E vòs entregais a Christo aos Soldados Romanos, para que o prendão, & crucifiquem; pois Christo vos entregará aos soldados Romanos, para que vos cativem, vos matem, & vos affolem. E vòs antepondes a amizade do Emperador dos Romanos à graça de Deos; pois Deos fará, que os Emperadores Romanos sejam os vossos mais cruéis inimigos, & que venha Tito, & Vespasiano a conquistarvos, & destruirvos. De maneira, que todas as politicas dos Pontifices; & Farizeos se convertêrão contra elles, & das resoluçoens do feu mesmo conselho se formârão os instrumentos da sua ruina. Disto lhes servio o temor, o respeyto, a depen-

dencia, & a amizade dos Romanos. E este foy o defestrado fim daquelle conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido taes meyo.

254. Senhor. A verdadeyra politica he o temor de Deos, o respeyto de Deos, a dependencia de Deos, & a amizade de Deos: & a verdadeyra arte de reynar he guardar sua Ley. Os Politicos antigos estudavão pelos preceitos de Aristoteles, & Xenofonte: os Politicos modernos estudão pelas malicias de Tacito, & de outros indignos de se pronunciarrem seus nomes neste lugar. A verdadeira Politica, & unica, he a Ley de Deos. Ouvi humas palavras de Deos no Cap. 17. do Deuteronomio, que todos os Principes devião trazer gravadas no coração: *Cum federit Rex in solio Regni sui, describet sibi Deuteronomium legis hujus, legetque illud omnibus diebus vitæ suæ, ut discat timere Deum, neque declinet in partem dexteram, vel sinistram;* *Deut. 17.18*  
*ut longo tempore regnet ipse, & filij ejus.* Tanto que o Rey (diz Deos) se affentar no

trono do seu Reyno, a primeira coula que fará, será escrever por sua propria mão esta minha Ley, & a lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer a Deos, & não se apartará della hum ponto, nem para a mão dreyta, nem para a esquerda, & deste modo conservará o seu Reyno para si, & para seus descendentes. Pois, Senhor, esta he a arte de reynar, estes são os documentos politicos, & estas são as razões de Estado, que dais ao Rey do vosso Povo, para sua conservação, & para a perpetuidade, & estabelecimento de seu Imperio? Si. Estas são, & nenhúas outras. Saber a Ley de Deos, temer a Deos, guardar a Ley de Deos, & não se apartar hum ponto della. Se Aristoteles sabe mais que Deos, sigaõ-se as politicas de Aristoteles. Se Xenofonte sabe mais que Deos, imitem-se as idéas de Xenofonte: Se Tacito falla mais certo q̃ Deos, estudem-se as agudezas, & as sentenças de Tacito. Mas se Deos sabe mais que elles, & he a verdadeira, & unica sabedoria, estudem-se, apren-

daõ-se, & sigaõ-se as razões de Estado de Deos.

255 Não digo, que se não leão os Livros, mas toda a Politica sem a Ley de Deos he ignorancia, he engano, he defacerto, he erro, he desgoverno, he ruina. Pelo contrario a Ley de Deos só sem nenhũa outra politica, he politica, he sciencia, he acerto, he governo, he conservação, he seguridade. Toda a politica de hum Rey Christão se reduz a quatro partes, & a quatro respeytos. Do Rey para com Deos: do Rey para consigo: do Rey para com os Vassallos: do Rey para com os estranhos. Tudo isto achará o Rey na Ley de Deos. De si para com Deos a Religião: de si para consigo a Temperança: de si para com os Vassallos a Justiça: de si para com os estranhos a Prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a Monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deos, & por leme a sua Ley: *Consiliorum gubernaculum Lex divina*: disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da Republica, & a Ley

Ley de Deos ha de ser o governo dos conselhos. Conselho, & Republica, que senão governa pela Ley de Deos, he não sem leme. Por isso o Reyno de Jeroboam, de Baafa, de Jehu, & de tantos outros, fizeraõ taõ miseraveis naufragios.

256 O mais politico, & o mais prudente Rey, que lemos nas Historias Sagradas, foy David: E qual era o seu conselho? Elle o disse: *Consilium meum justificationes tuae.* O meu conselho, Senhor, são os vossos Mandamentos. Oh que authorizado conselho! Oh que prudentes Conselheiros! O conselho a Ley de Deos, os Conselheiros os dez Mandamentos. De Achitofel aquelle famosissimo Conselheyro, diz o Texto, que eraõ os seus conselhos como Oraculos, & repostas de Deos: *Tanquam si quis consuleret Dominum.* Os Mandamentos de Deos, que eraõ os conselheiros de David, não são como Oraculos, senão verdadeyramente Oraculos de Deos. E quem se governar pelos Oraculos de Deos, como pôde errar?

Psal.  
118.  
24.

Quando Christo apparecco a ElRey D. Affonso Henriques, & lhe certificou, que queria fundar, & estabelecer nelle, & na sua descendencia hum novo Imperio: assi como disse a Moylés: *Ego sum qui sum*: Eu sou o que sou: assi o disse áquelle primcyro Rey: Eu sou o que edifico os Reynos, & os dissipo: *Ego edificator, & dissipator Regnorum sum.* Nestas duas maximas resumio Christo todas as razoões de Estado, por onde queria se governasse hum Rey de Portugal, Deos he o que dá os Reynos, & Deos he o que os tira. O fim de toda a Politica he a conservação, & augmento dos Reynos: como se haõ de conservar os Reynos, se tiverem contra si a Deos, que os tira; & como se haõ de augmentar os Reynos, senão tiverem por si a Deos, que os dá? Senão tivermos contra nós a Deos, segura está a conservação: se tivermos por nós a Deos, seguro está o augmento: *Pone me juxta te, & cujusvis manus pugnet contra me.* Job. 17. Dizia Job, que tambem era Rey: Ponhame Deos junto a

si, & venha todo o mundo contra mim. Se tivermos da nossa parte a Deos, ainda que tenhamos contra nós todo o mundo, todo o mundo não nos poderá offender: mas se tivermos a Deos contra nós, ainda que tenhamos todo o mundo da nossa parte, não nos poderá defender todo o mundo. Fazer liga cõ Deos offensiva, & defensiva, & estamos seguros. Exaqui o erro fatal deste mal aconselhado conselho dos Pontifices, & Fariseos,; por se ligarem com os Romanos, apartaram-se de Deos; & porque não repararão em perder a Deos, por conservar a Republica, perdêrão a Republica, & mais a Deos: *Iste homo multa signa facit.* Este Homem (diziam) faz muytos sinaes. Chamavão sinaes aos milagres de Christo, & ainda que acertáram o numero aos milagres, errarão a conta aos sinaes. Os milagres erão muytos, mas os sinaes não erão mais que dous. Se seguisssem a Christo, sinal de sua conservação: se o não seguisssem, sinal de sua ruina. Cada milagre daquelles era

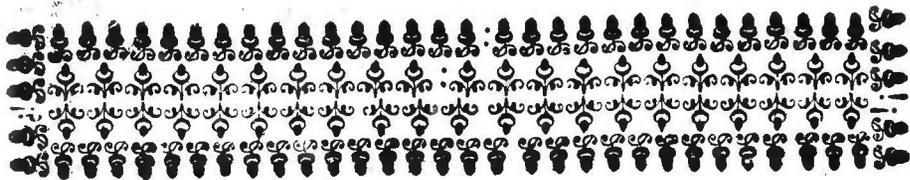
hum Cometa, que ameaçava mortalmente a Republica Hebraea, se não cresse, & offendesse a Christo. E assi foy.

257 Principes, Reys, Monarchas do mundo, se vos quereis conservar, & a vossos Estados: se não quereis perder vossos Reynos, & Monarchias, seja o vosso conselho supremo a Ley de Deos. Todos os outros conselhos se reduzam a este conselho, & estejam fogeitos, & subordinados a elle. Tudo o que vos consultarem vossos conselhos, & vossos Conselheiros, ou como necessario à conservação, ou como util ao augmento, ou como honroso ao decòro, á grandeza, & à Magestade de vossas Coroas, seja debayxo desta condição infalivel: Se for conforme à Ley de Deos, aprovefe, confirme-se, decretele, & execute-se logo: mas se contiver cousa algũa contra Deos, & sua Ley; reprovefe, detestefe, abomine-se, & de nenhum modo se admitta, nem consinta, ainda que delle dependesse a Vida, a Coroa, a Monarchia. O Rey, em cuja con-

consciencia , & em cuja estimacão não peza mais hum peccado venial , que todo o mundo , não he Rey Christo : *Quid prodest homini , si universum mundum lucretur , animæ vero suæ detrimentum patiatur.* Que lhe aproveitará a qualquer homem , & que lhe proveytou a Alexandre ser senhor do mundo , se perdeo a sua Alma ? Percase o mundo , & não se arrisque a Alma : percase a Coroa , & o Cetro , & não se manche a consciencia : percase o Reyno da terra , & não se ponha em contingencia o Reyno do Ceo. Mas o Rey , que por

não pôr em contingencia o Reyno do Ceo , não reparar nas contingencias do Reyno da terra ; he certo , & infalivel , que por esta resolução , por este valor , por esta verdade , por este zelo , por esta razão , & por esta Christianidade segurarâ o Reyno da terra , & mais o do Ceo : Porque Deos , que he o supremo Senhor do Ceo , & da terra , nesta vida o estabelecerá no Reyno da terra , pela firmeza da Graça , & na outra vida o perpetuará no Reyno do Ceo , pela eternidade da Gloria.





# S E R M A M

DA QUINTA DOMINGA

# DA QUARESMA

P R E G A D O

Na Cathedral de Lisboa, anno 1651.

*Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Joan. 8.

§. I.



Stas palavras, que hoje nos propoem a Igreja, & nos manda prégar ao Povo Christão, são as mesmas, que Christo antigamête prégoou contra os Escribas, & Farizeos. E porque são as mesmas, parece, que não he razão se nos préguem a nós. Christo nestas palavras queyxavase dos Judeos, porque

Joan.  
8.46.

não eriaõ: *Quare non credi-*

*tis mihi?* E não seria grande impropriedade, & ainda afronta da nossa Fé, se em hum Auditorio tão Catholico fizesse eu a mesma queyxaxa, & affirmasse, ou suppuzesse de nós, que sendo Christãos, não cremos a Christo? Este foy o meu primeyro reparo, & me pareceo conforme a elle, que as palavras do Evangelho, que propuz, só as mandava referir a Igreja como historia do tempo passado, & não como doutrina

trina

trina necessaria aos tempos, & costumes presentes.

259 Dey hum passo mais, avante com a consideraçãõ, & comecey a duvidar disto mesmo. Olhey para a Fè, que se uza; olhey para a vida, & obras, que correspondem á mesma Fé; olhey para os pequenos, & muyto mais para os Grandes; olhey para os leygos, & tambem para os Ecclesiasticos; & achey, & me persuadi com grande confuzãõ minha, que tão necessaria he hoje esta prégacãõ, como foy no tempo de Christo. E porque? O dia he de verdades: hey de dizer o porque muyto claramente. Porque se os Escribas, & Farizeos não criaõ a Christo, tambem os Christãos, & Catholicos não cremos a Christo. Iramonos muyto, & dizemos grandes injurias contra os Judeos daquelle tempo, & nós somos como elles. Contra elles prégou Christo: contra nós prêga o Evangelho. E se Christo fallára daquelle Sacratio; assi como entãõ disse aos Judeos: *Quare non creditis mihi*: Assi haviamos de ouvir, que nos di-

zia a nós: Christãos, porque me não credes? Se lois, & vos chamais Christãos, porque não credes a Christo?

260 Pareceme, Senhores, que vos vejo inquietos, & ainda indignados cõtra mim, por esta proposta; & que cada hum dentro de si não só me está arguindo, & condenando, mas cuida, que me tem convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deos somos Christãos; & o Christo, em que cremos, & por cuja Fé daremos a vida, he o mesmo Christo, que os Judeos hoje negaõ. Elles crucificaraõ-no, nós adoramolo: elles não crêraõ, que era o verdadeyro Messias; nós cremos, que he verdadeyro Deos, & verdadeyro Homem, que encarnou, que nasceo, que morreo, que resuscitou, que salvou, & remio o mundo. Logo grande injuria he a que faz á nossa Fé, & á nossa Christandade, quem diz, que somos como os Judeos, em não crer a Christo. E que seria, se eu dissesse, que nesta parte ainda somos peores?

261 Entendey bem o que diz o Texto de Christo, &

logo vereis como a vossa instancia, nem desfaz a minha proposta, nem he argumento contra ella. Dizeis, que sois Christãos? Assi he. Dizeis, que credes muyto verdadeyramente em Christo? Tambem o concedo. Mas Christo não se queixa de não serem nelle: queixase de o não crerem a elle. Notay as palavras. Não diz: *Quare non creditis in me?* Porque não credes em mim? O que diz, he: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Huma cousa he crer em Christo, que he o que vòs provais, & eu vos concedo: outra cousa he crer a Christo, que he o que não podeis provar & em que eu vos hey de vencer. De ambos estes termos uzou o mesmo Senhor muytas vezes. Aos Discipulos: *Creditis in Deum, & in me credite.* A Martha: *Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte, à Samaritana: *Mulier, crede mihi:* & aos mesmos Judeos: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.* De maneira, que ha crer em Christo, & crer a Christo: & hũa crença

he muyto differente da outra. Crer em Christo, he crer o que elle he: crer a Christo, he crer o que elle diz: crer em Christo, he crer nelle; crer a Christo, he crelo a elle. Os Judeos, nem criaõ em Christo, nem criaõ a Christo. Não criaõ em Christo, porque não criaõ a sua Divindade, & não criaõ a Christo, porque não criaõ a sua verdade. E nesta segunda parte he, que a nossa Fé, ou a nossa incredulidade se parece com a sua, & ainda a excede mais feamente. O Judeo não crê em Christo, nem crê a Christo: & que não crea a Christo, quem não crê em Christo, he proceder coherentemente. Pelo contrario, nós cremos em Christo, & não cremos a Christo: & não crer a Christo, quem crê em Christo: não crer a sua verdade, quem crê na sua Divindade, he huma contradição tão alhea de todo o entendimento, que só se pôde presumir de quem tenha perdido o uzo da rezaõ: & por isso o mesmo Senhor nos pergunta por ella: *Quare non creditis mihi?* Porque razão

me não credes ?

262 Isto que já tenho dito, he o que resta declarar, & provar. Mostrarey, que a queixa de Christo Senhor Nosso, feita contra os Escribas, & Farizeos, tambem pertence a este Auditorio, & que se condena a parte secular del-  
le, tambem fere a Ecclesiastica. As palavras dizem : *Non creditis mihi ?* E nós veremos debayxo de toda a sua propriedade, & com grande confuzão nossa, que por mais que nos prezemos tanto de Christãos, cremos em Christo, mas não cremos a Christo. Esta he a verdade, que trago para prègar hoje. Se vos parecer nova, ferà por ignorada, ou mal advertida: se amargosa, & de pouco go-  
sto, esse he o sabor da verdade: se finalmente difficultosa de crer, isso fica por conta do que haveis de ouvir. A materia não pòde ser, nem mais Christãa, nem mais importante, nem mais util. Assista-  
nos Deos com sua graça. *Ave Maria.*

§. II.

263 De maneyra, Senhores Catholicos, que somos Christãos de meyas: temos huma parte da Fé, & faltanos outra: cremos em Christo; mas não cremos a Christo: *Non creditis mihi?*

Quando Christo sahio ao mundo com a primeyra prova de sua Omnipotencia, & Divindade, convertendo hũa criatura em outra nas vodas de Canà de Galilea, conclue o Evangelista S. João a narração do milagre com esta notavel advertencia: *Hoc fecit initium signorum Jesus in Cana Galilea: & crediderunt in eum Discipule ejus.* Este foy o primeiro milagre, que fez o Senhor Jesu: & crêraõ nelle seus Discipulos. Já vejo, que reparais em huma, & outra consequencia. Se depois do milagre crêraõ nelle seus Discipulos, seguese que antes do milagre não criaõ nelle: & se ainda não criaõ nelle, como eraõ já seus Discipulos? Eraõ já seus Discipulos, porque criaõ a sua doutrina; mas ainda não criaõ nelle, porque

não conheciaõ a sua Divindade. Criaõ-no a elle, mas não criaõ nelle: criaõ-no a elle, cõ no Mestre, mas nam criaõ nelle, como Deos. De forte que crer em Christo, & crer a Christo, não são crenças, que andem sempre juntas. Os Discipulos naquelle tempo, & naquelle estado, criaõ a Christo, mas não criaõ em Christo; & nós agora ás avoças delles cremos em Christo, mas não cremos a Christo: cremos em Christo, porque cremos o que he: não cremos a Christo, porque não cremos o que diz.

264 Isto mesmo que a nós, succedeo aos mesmos Discipulos, quando já triumphão não menos, que tres annos da escola divina, & no dia em que acabavão o curso della. Neste dia ( que foy a vespera da Payxaõ de Christo ) disse o Senhor a todos os Discipulos, que todos naquella noyte havião de padecer escandalo, faltando à Fè, & amor, que lhe devião;

*Matt.* 26 31 *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte. Respondeo Pedro, que ainda que todos faltassem, elle não*

havia de faltar: & replicanõ do o Senhor, que antes que o Gallo cantasse, o negaria tres vezes; tornou Pedro a dizer, que se fosse necessario dar a vida, primeyro a daria, & se deixaria matar, do que negar a seu Mestre: & o mesmo disserão todos os mais *Ibid.* Discipulos: *Similiter, & omnes Discipuli dixerunt.* Se antes de Christo ter dito o que acabava de afirmar com tanta asseveração, Pedro presumisse tanto de si, & o mesmo presumissem, & dissessem os outros Discipulos, não me admirára; porque fallavão pela boca do coração, o qual de longe, & antes das occasiões, sempre nos engana. Mas depois de o Senhor ter dito a Pedro, & aos demais, que elle nomeadamente o havia de negar, & que todos os outros o havião de detemparar, & fugir: *Percutiam Pastorem, & dispergentur oves.* Como não deraõ credito a hum Oraculo tão expresso de Christo? Pedro, & os demais não criaõ, que Christo era Deos? Si criaõ: que assi o tinha confessado o mesmo Pedro, & todos com elle:

Math.  
16.16

*Vos autem quem me esse dicitis? Tu es Christus Filius Dei vivi.* Pois se criaõ a Divindade de Christo: se criaõ que Christo era Deos, como não crêraõ o que lhes dizia? Porque a sua fé naquelle tẽpo era como a nossa, & todos criaõ entãõ, como nõs cremos hoje. Criaõ em Christo, mas não criãõ a Christo. Os Apostolos, & Discipulos antes de descer sobre elles o Espirito Santo, erãõ fogueitos como homens a defeitos, & talvez padeciaõ os mesmos, em que nos encorremos. No principio, & no fim criãõ de meyas, & em hum, & outro caso só chegou a sua fé a ser meya fé diversamente reparada. No principio por rudeza, & imperfeyção criaõ a Christo, & não criãõ em Christo: no fim por fraqueza, & tẽtaçãõ criaõ em Christo, mas não crêraõ a Christo. E porque este modo de crer era muyto mais arriscado, & perigoso; por isso acrescentou o Senhor, que o Demonio naquella occasiãõ os havia de crivar: *Ecce Satanas*

*expetivit vos, ut cribaret sicut triticum.*

265

Tenta, & engana o Demonio aos filhos de Eva com a mesma traça, & com a mesma astucia, com que a enganou a ella. Como a Fé he o fundamento da graça, contra a Fè vomitou a Serpente o primeyro veneno, & na Fé armou o laço á primeyra mulher. Mas como? Por ventura intentou persuadir-lhe, que não creesse em Deos, ou duvidasse da sua Divindade? Tãõ fóra esteve disto o Demonio, que antes elle ratificou a Eva essa mesma crença de Deos hũa, & outra vez, suppondo sempre que o que lhe puzera o precẽito, era Deos: *Cur præcepit vobis Deus?* E o que lhe ameaçara a morte <sup>Genef.</sup> também era Deos: *Sicut enim* 3 1.5. *Deus, quod in quocumque die comederitis ex eo.* Pois em que esteve logo a tẽtaçãõ contra a Fè? Não esteve, em que Eva não creesse, o que Deos era; esteve, em que não creesse, o que Deos dizia. Deos disse a Eva, & a Adã, que no ponto em que comessem da arvore vedada haviaõ de morrer: E isto que Deos lhes tinha dito, he o que o Demonio procurou, que nam creessem;

cressem: *Nequaquam morie  
 moriemini.* Deos dissevos; que  
 Genef. 3.4. haveis de morrer, se comer-  
 des da arvore: não creais tal  
 cousa. Elle he o Deos, que  
 vos criou, elle he o Deos, que  
 vos deu o Paraizo, elle he o  
 Deos, que vos poz o precei-  
 to, isso crede vós: mas crer,  
 que depois de vos criar, &  
 criar tanta diversidade de  
 frutos, para que sustenteis a  
 vida, vos haja de tirar a mes-  
 ma vida: *Nequaquam*: de ne-  
 nhum modo: não creais tal,  
 ainda que elle volo tenha di-  
 to. Crede nelle si, mas não o  
 creais a elle. Isto he o que  
 pretendeo o Demonio, isto  
 he o que confeguiu: E como  
 enganou a nossos Pays, assi  
 nos engana a nós. Danos de  
 barato ametade da Fé, para  
 nos ganhar a outra ametade.  
 Crer em Deos, quanto nós  
 quizermos; mas crer a Deos,  
 isso não quer o Demonio.  
 Por isso cremos em Christo,  
 & não cremos a Christo: *Non  
 creditis mihi?*

266 E para que vejais,  
 quam importante he o co-  
 nhecimento deste engano, &  
 quam digna de se nos prégar  
 esta doutrina: Ouvi huma ac-

ção de Christo, que pôde ser  
 nunca ouvistes. Diz o Apo-  
 stolo São Pedro no terceyro  
 Capitulo da sua primeyra E-  
 pistola, que quando Christo  
 desceo ao Inferno, prégoú ás  
 Almas, dos que se tinhaõ afo-  
 gado no Diluvio, & os repre-  
 hendeo da sua incredulida-  
 de, porque não créraõ a Noé,  
 quando fabricava a Arca: es-  
 perando vaámente na paci-  
 encia de Deos: *His, qui in  
 carcere erant, spiritibus ve-  
 niens prædicavit: qui increduli  
 fuerant aliquando, quando  
 expectabant Dei patientiam  
 in diebus Noe, cum fabrica-  
 retur Arca.* Este passo, que  
 he hum dos mais difficulto-  
 sos da Escritura, encerra tres  
 grandes duvidas. Primeyra,  
 como prégoú Christo aos  
 condenados do Inferno, se  
 no Inferno ninguem se pôde  
 converter, nem emendar?  
 Segunda, porque havendo no  
 Inferno tantos outros pec-  
 cadores impenitentes, & ob-  
 stinados, entre todos esco-  
 lheu Christo para prégar, &  
 reprehender, os que se afogá-  
 raõ no Diluvio? Terceyra,  
 porque tendo estes mesmos  
 homens tantos outros pec-  
 cados

Ita Da  
 mast.  
 epist.  
 ad E-  
 pist.  
 1. Pe-  
 tri 3.  
 10.20  
 Descen-  
 disse  
 Chri-  
 stus ad  
 infer-  
 num  
 dā-  
 natorū  
 senten-  
 tia est  
 Aug.  
 Amb.  
 Fulgēt  
 Greg.  
 Nif.  
 Cyril.  
 Hie-  
 rosol.  
 Euseb.  
 Emis.  
 & a-  
 lior.  
 quos  
 citat,  
 & se-  
 quitur  
 Bellar-  
 minus  
 de Chri-  
 sti ani-  
 ma l. 4.  
 c. 16.

cados gravísimos, pelos quaes merecêraõ aquelle taõ extraordinario castigo, só os argue, & reprehende Christo da sua incredulidade: *His, qui increduli fuerant.*

D. 7. b.  
9. 52.  
art. 4.  
ad 2.

267 Não se podêra melhor, nem mais temerosamente declarar o que imos dizendo. Primeyramente prêgou Christo no Inferno, não para converter os condenados, se não para mais os confundir; porque hũa das mayores confuzoens do Inferno, he o conhecimento triste, com que aquelles miseraveis estaõ vendendo as causas, porque se perdêraõ, & quam facilmente se poderãõ salvar, se quizerãõ: & quiz Christo confundir particularmente aos condenados do Diluvio, porque todos erãõ homens, que criaõ em Deos. A idolatria, & os Deoses falsos todos começãraõ depois do Diluvio, sendo Menrød o inventor desta cegueyra, como consta da

Sap.  
14. 13

Clemēs  
Rom.  
lib. 1.  
Recog.  
Epiph.  
pref.  
lib.

Chronologia sagrada, & se colhe do Livro da Sabedoria no Capitulo 14. E como até aquelle tempo todos conservavaõ a fé recebida de Adão, & criaõ no verdadeyro

Deos, por isso Christo deyxando todos os outros homens, & todos os outros pecados, argue sómente aos que perecêraõ no Diluvio, & os confunde com a sua incredulidade, porque a mayor femrazão, que se comete na terra, & a mayor confuzão, que se ha de padecer no Inferno, he não crerem a Deos homens, que crem em Deos. Avizou Deos por Noè a aquellos homens, que os havia de afogar a todos elles, & aos montes, & ao mundo, se se não emendavaõ: continuãraõ estes avizos dez annos, vinte annos, & cem annos inteyros: cada martellada, que se dava na Arca, era hum pregaõ desta justiça, que Deos determinava fazer: & elles crendo em Deos, para esperarem na sua paciencia, não criaõ a Deos, para temerem a sua ira. Pois homens, que crem em Deos, & não crem a Deos, desça o mesmo Deos ao Inferno a confundilos. Para confundir os da Torre de Babel, desceo á terra: para confundir os do Diluvio, desceo ao Inferno. Isto he o que Christo lá prê-

*Harol.  
Cyril.  
1. 1. &  
3. con-  
tra Jus-  
lian.  
Da-  
masc.  
init. L.  
de He-  
resib.  
Hier.  
Osee  
2. Eu-  
seb. in  
Chron.  
& pas-  
sim a-  
lij.*

gou entãõ, & isto he o que aqui prêza hoje: *Quare non creditis mihi?*

268 Mas vejo, que ainda ha quem repugne, ou quando menos duvide, & pergunte como pôde fer, & se pôde dizer com verdade, que nõs os Christãos, & Catholicos não cremos a Deos? Para nõs não ha outra fé, nem outra authoridade, nem outro oraculo infalivel, senãõ o da palavra Divina: Logo como não cremos a Deos? O mesmo Deos respondeo já a esta duvida, & nos deu huma regra certa, por onde conheçamos sem engano, se o cremos a elle, ou não. Cuydamos que cremos a Deos, & enganamos. Mas qual he a regra?

*Eccles. Qui credit Deo, attendit mandatis.* Sabeis quem cre a Deos, diz o Espirito Santo, quem faz o que Deos lhe manda: se fazeis o que Deos manda, credes a Deos: senãõ fazeis o que elle manda, não o credes a elle: credesvos a vòs, credes ao vosso appetite, credes ao Diabo, como creo Eva. Por isso dizia David: *Quia mandatus tuus credidi.* Eu, Senhor, cri aos vòs

*Psal. 118. 66.*

fos Mandamentos. Isto he só o que he crer a Deos. A nossa Fé para no Credo, não passa aos Mandamentos. Se Deos nos diz, que he hum, creyo: se nos diz, que são tres Pessoas, creyo: se nos diz, que he Criador do Ceo, & da terra, creyo: se nos diz, que se fez Homem, que nos remio, & que ha de vir a julgar vivos, & mortos, creyo. Mas se diz, que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furtéis, não cremos. Esta he a nossa Fé, esta a vossa Christandade. Somos Catholicos do Creão, & Heresges dos Mandamentos. Vede se se deve contentar Christo com tal invenção de crer: & se tenho eu razão de prêgar, que cremos em Christo; mas não cremos a Christo: *Non creditis mihi.*

### §. III.

269 E para que esta verdade, que só está provada em cõmum, se veja com os olhos, & se apalpe com as mãos, desçamos a exemplos particulares, & ponhamos para mayor clareza nas materias mais

mais

mais familiares, & uzuaes, ainda da conveniencia, do interesse, & do gosto.

Que homem ha, Senhores, que não huique o descanso? Este he o fim, que se busca, & se pretende por todos os trabalhos da vida. O soldado pelos perigos da guerra busca o descanso da paz. O marcante por meyo das ondas, & das tempestades, busca o descanso do porto. O lavrador pelo fuor do arado, o estudante queymando as pestanas, o mercador arriscando a fazenda, todos como diversos Rios ao mar correm a buscar o descanso, que he o centro do desejo, & do cuidado. E ouve algum homem tão mimozo da Fortuna neste mundo, que em alguma, ou em todas as cousas delle achasse o descanso, que buscava? Nenhum. Sahio a Pôba da Arca, & diz o Texto Sagrado, que já hia, já tornava, já tomava para huma parte, já para outra, & que não achava onde descansar: *Cum non invenisset, ubi requiesceret pes ejus*. Primeiro lhe cansaraõ as azas, do que achasse onde descansar os pés. E por-

que não achava a Pomba onde descansar? Porque buscava o descanso, onde o nam havia. As Cidades, os Campos, os Valles, os Montes, tudo era mar. Este he o mundo, em que vivemos. Antes, & depois de Noè, sempre foy Diluvio. Huns para hũa parte, outros para outra: todos cançando-se em buscar o descanso, & todos cançados de o não achar. A razão deu S. Agustinho no Livro quarto dos seus defenganos, a que elle chamou Confissoens: *Non est requies ubi queritis eam: quærite quod queritis: sed ibi non est ubi queritis*. A razão porque não achamos o descanso, he porque o buscamos onde não está. Não vos digo ( diz Agustinho ) que o não busqueis: buscayo: só vos digo, que não está ahi onde o buscais. Pois se he bem, que busquemos o descanso, & elle não está onde o buscamos, onde o havemos de buscar? Onde Christo disse, que o buscassemos, porque só ahi está, & só ahi o acharemos; *Venite ad me omnes, qui laboratis, & onerati estis, & Ego reficiam vos: tollite jugum meum*. <sup>11.28.</sup> <sup>29.</sup>

Aug. Conf. lib. 4. cap. 12

Genes. 8.9.

*meum super vos, & invenietis requiem animabus vestris.* Todos os que andais cançados (que fois todos) vinde a mim (diz Christo) & eu vos aliviarey: tomay sobre vòs o jugo de minha Ley, & achareis o descanso. Credeis, que são estas palavras de Christo? Sim. Agora respondeime. He certo, que todos dezejais o descanso: he certo, que todos o buscais com grande trabalho; por diversos caminhos, & que o não achais: Pois porque o não buscais na observancia da Ley de Christo? Christo diz, que na sua Ley está o alivio de todo o trabalho: *Venite ad me omnes, qui laboratis, & ego reficiam vos.* Christo diz, que na sua Ley, & só na sua Ley, se acha o descanso: *Et invenietis requiem animabus vestris.* Logo senão buscais o descanso na Ley de Christo, he, certo, que não credeis a Christo: porque se vòs buscais o descanso, onde o não ha, com trabalho, claro está, que antes o haveis de buscar onde o ha sem trabalho. Mas a verdade he (& vòs o sabeis muyto bem) que a razão

porque não buscais o descanso na Ley de Christo, he porque a não tendes por descansada, senão por muyto trabalhosa: Vòs tendela por trabalhosa, dizendo Christo, que só ella vos pòde aliviar do trabalho? Vòs tendela por cansada, dizendo Christo, que só nella está o descanso? Logo credeis o que vòs imaginais, & não o que Christo diz: credeis em Christo; mas não credeis a Christo: *Non creditis mihi.*

270 Do descanso desta vida, passemos ao da outra. Todos dizemos, que queremos ir ao Ceo, & não ha duvida, que todos queremos. Mas noto eu, que parece, queremos chegar lá com acabeça. Os Castelllos, que formamos nas nossas, são como o zimbório da Torre de Babel: *Cujus culmen pertingat ad Cælum.* Subir, & mais subir, crescer, & mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser mayores, os mayores não sey, nem elles sabem o que querem ser: *Superbia eorum ascendit semper.* Ninguem se contenta com a estatura, q̄ Deos lhe

Genef. 11.4.

Psal. 73.2.

lhe deu : & não ha homem tão pigmèõ, ou tão formiga, que não aspire a fer Gigante. Para conquistar o Ceo, assi o dizem as Fabulas, mão não são esses os Textos do Evangelho, olhay o que diz Christo : *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum Cælorum.* Se vos não fizerdes pequeninos, não haveis de entrar no Reyno do Ceo. Notay muyto a palavra : *Non intrabitis*: Que he muyto para notar, & para tremer. Se a duvida estivera em ser pequeno, ou grande no Ceo, bem creyo eu da nossa devação, que não fizemos muyto escrupulo de ser pequenos no Ceo, com tanto que fomos grandes na terra. Grandes digo, porque fallo pela vossa linguagem. Hum Gentio, que sabia melhor que nós medir as grandezas, dizia, que indignamente se dera a Alexandre Magno o nome de Grande; posto que tivesse dominado a terra : porque ninguem pôde ser grande em hum elemento tão pequeno. Grandes, só no Ceo os pôde haver. Mas a duvida ( como dizia ) não está em ser gran-

de, ou pequeno no Ceo, eittã em entrar lá, ou não entrar: *Non intrabitis.* A occasião 271 que deraõ a esta doutrina os Discipulos; foy a ambição, com que todos, & cada hum esquecidos de haverem sido peccadores, pertendiaõ ser o mayor : *Quis eorum videtur esse maior.* Então lhes descobrio o Mestre celestial este segredo, & lhes ensinou, que a architectura do Ceo não he como a da terra. Hũa Cidade tão grande como o Ceo, parece, que havia de ter humas portas muyto altas, & muyto largas; & não he assi. S. Joaõ no feu Apocalypse vio esta mesma Cidade, & vio tambem, que hum Anjo com hũa vara de ouro a veyo medir toda, & os seus muros, & as suas portas : *Ut metiretur Civitatem, & portas ejus, & murum.* Declarando porèm o Evangelista o comprimento, & largura da Cidade, & a altura dos muros, das portas não diz, que altura, nem que largura tinhaõ. Pois se o Anjo veyo tambem medir as portas, & as medio : Porque não declara São Joaõ, de que medida eraõ? Porque he taõ

Mat. 18.3.

Luc. 22.24.

Senec.

Apoc. 21.2.

pequena a capacidade das portas do Ceo, que não ha espaço, ou nome nas medidas, com que se possa declarar. O que só diz o Evangelista, quando se feguiá dizer a medida das ditas portas, he que cada huma dellas (couza digna de grande admiração) estava aberta em hũa perola:

*Marc.*  
10.25 *Singula portae erant ex singulis margaritis.* Vede vós em huma perola, que porta se pôde abrir. Por isso Christo noutro lugar lhe chamou: *Foramen*, furo, & não porta. Eu bem vejo, que as perolas do Ceo podem ser muyto mayores que as do mar Eritrêo, mas as portas, q̄ nellas abriu o supremo artifice, como saõ fabricadas à proporção dos que haõ de entrar por ellas, traçou que fossem não só pequenas, mas pequeninas, porque tambem tinha decretado, que não entrassem no Ceo, senão os pequeninos: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum Caelorum.* Isto he o que diz Christo: isto he o que repete hũa, & muytas vezes. Vejaõ agora os, que todo o seu cuydado, & toda a sua industria, &

todas as suas artes emprégão em subir, em crescer, em se fazer grandes (e ainda que seja desfazendo grandes, & pequenos: ) vejaõ que fé, ou que esperança podem ter de entrar no Ceo? Ou crem estas palavras de Christo, ou não as crem. Se as crem, não querem ir ao Ceo: & se querem ir ao Ceo, como cuydaõ, que podem entrar lá por onde Christo diz, que não podem entrar? O certo he, que todos estes grandes Christãos, ou todos estes Christãos, que querem ser grandes, crem em Christo, mas não crem a Christo: *Non creditis mihi.*

#### §. IV.

272 Mas porque esta atributeza de ser grandes; he ambição, de que a Natureza, ou a Fortuna tem excluido a muytos, ponhamos o caso em materia universal, & que toque a todos. Diz Christo universalmente sem excluir a ninguem, que ninguem pôde servir a dous Senhores: *Nemo potest duobus dominis servire.* Isto se entende juntamente

mente, & no mesmo tempo, porque em diversos tempos bem pôde ser. E querendo o mesmo Christo pôr hum exemplo muyto claro de dous Senhores, a quem se não pôde servir juntamente, que dous Senhores vos parece, que serão estes? Deos, & o Mundo? Deos, & o Diabo? Deos, & a Carne? Não: Deos, & o dinheyro: *Non potestis Deo servire, & mamone.* Se ha cousa no mundo, que poderá competir no senhorio com Deos, he o idolo universal do ouro, & prata. Muytas naçoens ha no mundo, que não conhecem a Deos, nenhuma, que não adore, & obedeça a este idolo. E ainda dos que professão servir a Deos, quem ha, que o não sirva? Pois assi como ninguém pôde servir a dous Senhores, assi, diz Christo, que não pôde servir a Deos, & mais ao dinheiro. Servir a Deos com o dinheyro, bem pôde ser, & he bem que seja mas servir a Deos, & ao dinheyro juntamente, he impossível. Quando Zaqueo se resolveo a servir a Christo, logo renunciou o dinheyro:

& quando Judas se resolveo a servir ao dinheyro, logo renunciou a Christo. Arrepellido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheyros no Templo: *Projecit eos in Templum.* Matt. 27. 6. E os Ministros do Templo resolverão, que não se podia meter na bolça: *Non licet eos mittere in corbonam.* Mofo dinheyro, que nem roubado, nem restituído, nem no Templo, nem na bolça teve lugar com Deos: & assi he todo. Se o roubais, perdeis a Deos: se o restituís, perdeis o dinheyro: se quereis servir a Deos, Deos, & o dinheyro não cabem no mesmo Templo: se quereis servir ao dinheyro, o dinheyro, & Deos não cabem na mesma bolça: *Aut unum odio habebit, & alterum diliget: aut unum servit, & alterum contemnet.* Matt. 6.25. Ou haveis de renunciar o dinheyro, se amais, & prezais a Christo, como fez Zaqueo; ou haveis de renunciar a Christo, se amais, & prezais o dinheyro, como fez Judas. Oh quantos Judas, & quam poucos Zaqueos ha no mundo! Se Deos tivera tantos servos, & taõ

& tão diligentes, como tem o dinheiro, que bem servido fora? Mas quantos deserviços se fazem a Deos, em serviço deste máo idolo? O maior sacrilegio de todos, he, que em vez de os homens se servirem do dinheyro, para servir a Deos; chegão a se servir de Deos, para servir ao dinheyro: *Servire me fecisti in peccatis tuis.* Quantas vezes os bens Ecclesiasticos, que são de Deos, os vemos applicados, & consumidos em usos profanos: & os vazos do Templo de Jerusaleem, ou levados aos thesouros de Nabuco, ou servindo nas mezas de Baltazar. Quando já mais se encontrou Deos com o interesse, que o desprezado não fosse Deos? Ou quem seguiu os idolos de ouro de Jeroboam. que nam virasse as costas á Arca do Testamento? O ouro, que os Hebreos roubáráo no Egypto: adoraõ-no no dezerto. E quantos ha, que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa, que não adoreis a forma, se adorais a materia? Que importa, que não adoreis o Bezerro de ouro, se

adorais o ouro do Bezerro? E no mesmo tempo ( como os de Azoto ) pondes a Deos, & o Idolo sobre o mesmo altar, & credes com affectada hypocresia, que podeis servir juntamente a hum, & a outro? Se Christo diz, sem exceição, que isto he impossivel, como cuydais vós, que pôde ser? Mas he, que credes em Christo, & não credes a Christo: *Non creditis mihi.*

274 E já que fallamos em materia de interesse, que he o peccado original deste seculo, com o mesmo interesse vos quero convencer, & fazervos confessar sem replica, que nem como desinteressados; que devereis fer, nem como interesseiros, que sois, credes a Christo. A fineza, & ventura do interesse, consiste em grangear muyto cõ pouco: & quanto o muyto, que adqueris, he mais, & o pouco que despenceis, menos; tanto he mayor a ganancia, & a ventura. Agora vamos ao ponto. Todos sabeis, que diz, & promete Christo no Evangelho, que quem deyxar, ou der por elle algũa cousa, receberá cento por hum, & a vida eter-

eterna : *Centuplum accipiet, & vitam eternam possidebit.*  
*Matt.*  
 19.29

A circumstancia de dar a ganancia, & mais a vida, ainda que não fora eterna, he condição, que nenhum assegurado, senão Deos, pôde meter nos seus contratos. E para que ninguem se defenda com as esperas, ou tardanças do outro mundo, posto que tão breves; declara o mesmo Christo por São Lucas, & São Marcos, que a vida eterna ha de ser no outro mundo; mas a ganancia, & o cento por hum, neste: *Centies tantum*

*Marc.*  
 10.30 *nunc in tempore hoc, & in saeculo futuro vitam eternam.*

*Luc.*  
 18 30 Estas são as palavras, esta a promessa, este o seguro real de Christo, & mais que real, porque he divino. Se o credes, ou não, digaõ-no agora os vossos contratos, & os vossos interesses.

275 Aquelles dous criados do Rey, a quem elle entregou os talentos, para que negociassem : *Negotiamini, dum venio*: fizeraõ-no com tanta limpeza, com tanta diligencia, & com tanta ventura, que ambos ( diz o Texto) dobráraõ o cabedal. O que

*Luc.*  
 19.13

negociou com dous talentos, grangeou outros dous; & o que negociou com cinco, grangeou outros cinco. Ditozo Rey! Honrados criados! Se a semelhantes criados entregáraõ os Reys a sua fazenda, ella se vira mais acrescetada. Mas não fallo agora com os criados, nem com os Reys, fallo com todos. Grangear com dous talentos outros dous, & com cinco talentos outros cinco, he ganhar cento por cento. E que negociante haverá tão avaro, tão interessero, & tão cobiçoso, que se não contente, & dê muytas graças a Deos, por tão aventejada ganancia, & mais sem risco? Pois se Christo nos promete não cento por cento, senão cento por hum, que são dez mil por cento, em que se perdem os algarismos, porque não negociamos com elle, nem aceitamos este contrato? E se não aceitamos hũ tal contrato com Deos, porque fazemos outros com os homens de tanto menores conveniencias, & tão diferentes em tudo?

Dais o vosso dinheyro ( fallemos claro, & familiarmente)

mente ) dais o vosso dinheiro a juro, & por quanto? A cinco por cento, & por menos; & se achais a seis & quarto, he dispensação da Ley, & por grande favor. Pois se a hum mercante, que pôde quebrar, dais o vosso dinheiro a cinco por cento; a Deos que tem por fiador a sua palavra, & por seguro a sua Omnipotencia, porque o nam dais a cento por hum? Se fiais de hum homem o vosso dinheiro, por huma escritura feyta no Paço dos Taballiães, porque o não fiais de Deos por tres escrituras debayxo do final razo de S. Mattheos, de S. Marcos, de São Lucas? Que bem aperta este argumento S. Pedro Chryfologo:

*Petr. Chryf. Homo homini exigua cartullæ obligatione constringitur: Deus tot, ac tantis voluminibus caret, & tamen debitor non tenetur? Estais seguro, que hũ homem vos não ha de faltar com o lucro prometido, porque se obrigou por hũa folha de papel, & temeis, que vos falte Deos, tendose obrigado em tantos Livros sagrados, & cõ tantas Escrituras? O certo he, que se crereis o cento*

por hum, que promete Christo, haviéis de dar o vosso dinheiro a Deos de muyto boa vontade, por ametade menos; mas porque quereis, & accitais antes os cinco por cento, que vos promete hum homem? Porque não dais credito ás palavras de Deos, porque não vos fiais das promessas dos seus Evangelhos, em fim, porque cremos em Christo, mas não cremos a Christo: *Non creditis mibi.*

276. Infinita materia era esta, se a ouveramos de proseguir com ponderaçõens tão largas. Mas não he bem, que sendo tão importante, não convençamos ainda mais a nossa pouca fé. Seja em termos brevissimos. Que mais diz Christo? Diz Christo ( & esta foy a primeyra couza, que disse ) que são bemaventurados os pobres, & que delles he o Reyno do Ceo. Todos queremos ser bemaventurados, todos queremos ir ao Ceo: & sendo tão facil o ser pobre, & tão difficultoso o ser rico, ninguém quer ser pobre: porque? Porque não cremos a Christo. Diz Christo, que se

nos

nos derem huma bofetada na face direita, offereçamos a esquerda: & sendo mais nobre a paciencia que a vingança, nós temos a vingança por honra, & a paciencia por afronta: porque? Porque não cremos a Christo. Diz Christo, que quem se humilha, será exaltado, & quem se exalta, será humilhado; & nós cuidamos, que sendo humildes nos abatemos; & sendo altivos, & soberbos nos levantamos: porque? Porque não cremos a Christo.

277 Diz Christo, que deixemos aos mortos sepultar os seus mortos; & nós desenterramos os mortos, para sepultar os vivos. Diz Christo, que amemos, & façamos bem a nossos inimigos, & quem ha, que ame verdadeiramente, & guarde inteira fé aos amigos? Diz Christo, que se amarmos os inimigos, fere-mos filhos de Deos; & nós dizemos: não ferey eu filho de meu pay, se mo não pagar o meu inimigo. Diz Christo, que se por demanda nos quizerem tirar a capa, larguemos tambem a roupeta; & nós não fazemos já as deman-

das, para defender o vestido proprio, senão para despir o alheyo. Diz Christo, que vigiemos, & estejamos sempre aparelhados; porque não sabemos o dia, nem a hora, em que virá a morte; & cada hū vive, & dorme tão sem cuidado, como se foramós immortaes. Diz Christo, que quem ouve os Prelados, o ouve a elle, & quemos despreza, o despreza; & nós ainda que o Prelado seja o supremo, desprezamos de o ouvir, & ouvimos, & ajudamos os que o desprezão. Diz Christo, que he mais facil entrar hum calabre pelo fundo de hūa agulha, que entrar hum avarento no Reyno do Ceo: & nós em vez de desfiar o calabre, todo o nosso cuidado he, como o faremos mais grosso. Diz Christo, que se dermos esmola, não sayba a nossa mão esquerda o que faz a direyta: & nós queremos se apregoe com trombetas, que damos com ambas as mãos, o que recebemos cō ambas. Diz Christo, que se o olho direyto nos escandaliza, o arranquemos, & que se a mão, ou o pé direito nos for

tambem de escandalo, o cor-temos, & lancemos fóra: E quem ha, que queyra cortar, ou apartar de si, nem a coufa, que ama como os olhos, nem aquella de que se serve como dos pés, & mãos? Finalmente diz Christo, q̄ elle he o caminho, a verdade, & a vida; & nós vivemos taes vidas, & andamos por taes caminhos, como se tudo isto fora mentira: porque? Porque não cremos a Christo. Fique pois por conclusão certa, & infalivel, ainda que seja com grande confusão nossa, & afronta do nome Christão, que todos, ou quasi todos cremos em Christo; mas não cremos a Christo: *Non creditis mihi.*

## §. V.

278 Admirado Christo, de que sendo a summa verdade, o não cremos; pedenos a razão desta incredulidade, & diz que lhe digamos o porque della: *Quare non creditis mihi?* Não ha cousa mais difficultosa, que dar a razão de huma femração. E isto he o que só resta ao nos-

so discurso. Não para responder a Christo, a quem não podemos satisfazer; mas para doutrina, & emenda nossa, & para que entendamos, & conheçamos a raiz de tamanho mal. Qual he pois; ou qual pôde ser a razão, porque crendo todos nós em Christo, haja tão poucos, que creão a Christo? A Fé, com que se erè em Christo, a Fé com que se erè, que he Deos hum homem crucificado, tem todas aquellas difficultades, que nos dous Pòvos, de que então se compunha o mundo, experimentou S. Paulo, quando disse: *Predicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum: gentibus autem stultitiam.* Pois se crer, como se deve, em Christo, he hum ponto, no qual acha tanta difficultade, & ainda horror o entendimento humano, em quanto Deos sobrenaturalmente o não alumea; nós que tão facilmente, & sem repugnancia cremos todos em Christo; porque não cremos tambem todos a Christo: *Quare non creditis mihi?*

279 A razão desta femração

razão he, porque as difficuldades de crer em Christo estão da parte do objecto, as repugnancias de crer a Christo estão da parte do foyeito: aquellas estão longe de nós, estas estão dentro em nós. A fé, que não doe, he muyto facil de crer: a fé, que se não pôde praticar sem dor, he muyto difficultosa de admitir. A Fé, com que creyo em Christo, mandame que creya a sua Payxão: a Fé, com que creyo a Christo, mandame que mortifique as minhas, & aqui está a difficultade. Para crer em Christo, basta fazer hum acto sobrenatural: para crer a Christo, he necessario fazer muytos actos contra a natureza: & he mais facil excedela hũa vez, que batalhar continuamente contra ella, & vencela muytas. O mesmo S. Paulo definindo a Fé, diz, que he: *Argumentum non*

*Hebr.* *apparentium.* E entre as cou-  
 11.1. las, que não aparecem, & as cou-  
 las, que não se apetezem, ha grande differença. Para crer as cou-  
 las, que não apa-  
 recem, pôde não ter diffi-  
 cultade o entendimento: pa-  
 ra querer as cou-  
 las, que não

se apetezem, sempre tem re-  
 pugnancia a vontade. Com a  
 vontade fallou Christo, quan-  
 do admiravelmente decla-  
 rou, ou suppoz esta mesma  
 differença: *Si quis vult venire*  
*post me, abneget semetipsum,*  
*& tollat crucem suam.* Se al-  
 guem me quer seguir, ne-  
 gue-se a si mesmo, & tome a  
 sua Cruz ás costas. Notay.  
 Não diz Christo: quem me  
 quizer seguir, confesseme a  
 mim; senão: negue-se a si-  
 nem diz: adore a minha  
 Cruz, senão: leve a sua. Con-  
 fessar a Christo, & adorar a  
 sua Cruz, he crer nelle: ne-  
 garme a mim, & levar a mi-  
 nha cruz, he crelo a elle: E  
 porque isto he o difficultoso  
 á humanidade fraca, & corru-  
 pta; esta mesma apreheção  
 de dor, este receyo de morti-  
 ficação, esta contrariedade  
 da natureza, que traz comsi-  
 go a doutrina de Christo nas  
 coulas, que nos manda, ou  
 aconselha; esta he a razão, ou  
 semrazão, que intibia, &  
 acovarda a segunda parte da  
 nessa Fé, & nos aparta de crer  
 a Christo.

*Math.*  
 16.24

280. O homem de todos  
 os seculos mais affamado, &

celebrado em crer, & por isso chamado nas Escrituras, Pay dos crentes, foy Abraham. Celebraõ esta sua fé no Testamento Velho Moyfés, no Novo S. Paulo, & Santiago, & todos pelas mesmas palavras dizem, que Abrahamõ creio a Deos: *Credidit Abraham Deo*. Abraham antes de crer a Deos, creio em Deos: & não creio em Deos como nós, que recebemos a Fé de nossos pays, senão com mayor merecimento, & por propria eleição, sendo filho de pays idolatras, & elle tambem idolatra. Pois se Abraham creio no verdadeyro Deos, abjurando os idolos, porque se não louva, & encarece nelle a Fé, com que creio em Deos, senão a Fé, cõ que creio a Deos: *Credidit Abraham Deo?* Porque crer em hum Deos, & não crer em muytos: crer no Deos verdadeiro, & não crer nos Deos falsos: crer no Criador do Ceo, & da terra, & não crer em páos, & pedras, he crença, que não tem difficuldade. O lume natural o mostra, a razão o dita, o entendimento o alcança. Porém

Genes.  
15. 6.  
Epist.  
Jacob  
2. 33.  
Rom.  
4. 3.

crer a Deos (que não he crer especulativamente o que elle he, senão praticamente o que elle manda, ou aconselha.) mandando muytas coufas repugnantes á natureza, & contrarias á vontade: & aconselhando outras ainda mais contrarias, & repugnantes; isto he o que se louva, porque isto he o que doe: isto he o que se encarece, porque isto he o que custa: isto he o grande, & heroico, porque isto he o arduo, & difficultoso. E senão vedeo no mesmo Abraham, & no que Deos lhe mandou obrar.

281 Depois que Abraham creio em Deos, disse-lhe Deos já crido, que sahisse da sua patria, & da casa de seu pay, & de entre seus parentes, & amigos, & se fosse peregrino a outra terra, a qual elle lhe mostraria: *Egredere de terra tua, & de cognatione tua, & de domo patris tui, & veni in terram, quam monstravero tibi*. E crer eu a Deos, quando me manda trocar a patria pelo desterro, o descanço pela peregrinação, a casa propria, & grande por hũa choupana, a companhia dos que são meu fan-

Genes.  
12. 1.

lanque pela de gente estra-  
nha, de costumes, & lingua  
desconhecida, & sobre tudo  
sem saber para onde vou, ou  
me levoõ, vede se foy gran-  
de prova esta de fé, & se ti-  
nha neste acto muyto que  
reclamar a natureza? Mas  
naõ parou aqui. Promete  
Deos a Abraham hum filho,  
& dalhe Isaac: prometelhe  
neste filho grande descendẽ-  
cia, & grandes felicidades:  
eis que no meyo destas espe-  
ranças, como se Deos virára a  
folha, & se esquecêra, ou ar-  
rependera do que tinha pro-  
metido, manda a Abraham,  
que prepare espada, fogo, &  
lenha, & que vá tirar a vida  
ao mesmo Isaac, & lho sacri-  
fique em hum monte, que  
elle tambem lhe mostraria:

*Genes. Tolle filium tuum primogeni-  
tum, quem diligis Isaac, & of-  
feres illum in holocaustum su-  
per unum montium, quem mon-  
straverõ tibi.* E crer hum pay  
a Deos, quando lhe manda  
sacrificar o filho unico, &  
unicamente amado, com to-  
dos os motivos de horror, &  
lastima, que o mesmo Deos  
naõ calou: & que seja o mes-  
mo Abraham com suas pro-

prias mãos o executor do sa-  
crificio; & que o sacrificio  
naõ seja outro, senão holo-  
causto, de que lhe não ficaf-  
se parte, ou prenda, mais que  
a dor, a saudade, & as cinzas?  
Aqui pasmou a natureza,  
aqui triunfou o valor, aqui  
batalhou a Fé contra a Fé, &  
se venceu a si mesma. Por  
isso não se celebra em Abra-  
ham o crer em Deos, senão o  
crer a Deos: *Credidit Abra-  
ham Deo.*

282 Mas antes que feche  
o Discurso, quero satisfazer  
a hũa grandẽ objecção, com  
que podem replicar ao que  
tenho dito os versados na  
Escritura. Quando a Escritu-  
ra disse de Abraham: *Credi-  
dit Abraham Deo*: ainda  
Isaac não era nascido, quan-  
to mais sacrificado; porque  
o caso do sacrificio succedeu  
dahi a vinte & seis annos,  
tendo Isaac vinte & cinco de  
idade. Como logo podia  
cair, & referirse a esta acção  
o testemunho, & elogio da sua  
Fé? Que o mesmo testimu-  
nho se refira ao desterro da  
patria, posto que passado, co-  
mo dizem os Comentado-  
res, seja: porém ao sacrificio  
futu-

futuro, & tão distante, que nem era, nem fora, nem havia de ser, senão dahi a tantos annos, como pôde ser? Agradecey a solução desta nova, & fortissima instancia a hum notavel texto do Apostolo Santiago no Cap. 2. da sua Catholica: *Abraham Pater noster nonne ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium suum super altare? Et suppleta est scriptura, dicens: Creditit Abraham Deo.* Notay muyto esta ultima clausula, que he milagrosa. Diz pois Santiago, que naquella occasião famosa, em que Abraham sacrificou a seu filho, então suprio a Escritura o illustre testemunho, que tinha dado de sua Fé, quando disse: Abraham creio a Deos: *Et suppleta est scriptura, dicens: Creditit Abraham Deo.* De maneyra, que o testemunho da Escritura tinha sido antes, o sacrificio de Isaac foy tantos annos depois: & com tudo o testemunho passado, refere-se ao sacrificio futuro; porque em quanto não chegava o acto do sacrificio, esteve a Escritura como suspensa, & embargada, esperando

aquella mayor prova da Fé de Abraham, para suplemento do que tinha dito. Em quanto Abraham não sacrificou, nem o seu valor estava bastantemente calificado, né o testemunho da Escritura cabalmente completo: mas quando elle se arrojou ao sacrificio, então acahãraõ ambos de suprir, & desempenhar, Abraham a sua Fé, a Escritura a sua verdade: *Et suppleta est scriptura, dicens: Creditit Abraham Deo.* Para que se veja, quam certa he a razão, que affinamos de differença entre o crer em Deos, & o crer a Deos: entre o crer em Christo, & o crer a Christo: & que só creê a Deos, & a Christo, como deve, quem contra as repugnancias da natureza, & sobre todas as Leys do proprio amor, própria, & constantemente o obedece. Mas porque a nós nos falta esta resolução, & valor, & nas cousas, que Christo nos manda, ou aconselha, nos deyxamos enfraquecer do receyo, & vencer da difficuldade; por isso crendo em Christo, não cremos a Christo. Esta he a verdadeyra re-

posta

Epist.  
Iacob.  
2.23.

posta daquella pergunta : cite o verdadeiro porque daquelle *quare* : *Quare non creditis mihi ?*

§. VI.

283 Agora que tenho satisfeyto ao Thema, acabado o discurso, & se me não engano, provado o que prometi, quizera perguntar por fim a todo o Christão, ou que cada hum se perguntasse a si mesmo. Supposto que não cremos a Christo, a quem cremos? Se não cremos a Christo, no que nos manda como verdadeyro Senhor, no que nos ensina, como verdadeyro Mestre, & no que nos aconselha, como verdadeiro amigo: a quem cremos, ou a quem podemos crer, se não a hum tyrano, que nos violente, a hum traydor, que nos engane, a hum lisongeiro, que nos perca? *Non credas inimico tuo in æternum*; diz o Espirito Santo: a teu inimigo não o creyas já mais. E quem são estes, a quem cremos, senão os tres inimigos de nossa Alma? O tyrano, que nos violenta, & cativa, he o Mundo;

*Eccles.*  
12.10

o traydor, que nos mente, & engana, he o Demonio: o lisongeyro, que fallando sempre ao favor dos sentidos, nos precipita, & perde, he a carne. Oh carne, ô natureza corrupta, ô appetite depravado, ô fraqueza, & miseria humana, que facilmente te rendes ao aparente bem deleytavel, & que cega, & poderosamente resistes ao honesto, & util! Não crês, a quem te promete, & abre o Ceo, & crês a quem to fecha? Não crês a quem com amor te ameaça o Inferno, & crês a quem com falsa doçura te arrebatava, & leva a elle? Tal he a nossa cegueira, tal a nossa locura, tal a nossa puzilanimidade, & covardia.

Creo Abraham a Deos antes de ser homem, creo a Deos antes de encarnar, & morrer por elle; & nós rebeldes aos exemplos de sua vida, & ingratos ás finezas de sua morte, não cremos a Christo? Não nos manda Christo depois de deyxar o Ceo, que deixemos a patria, como a Abraham: não nos manda Christo, que depois de se pôr em huma Cruz por

nòs, lhe sacrificuemos os filhos: & não nos envergonhamos, que hũ homem, que não tinha mais ley, que a da Natureza, contra as mayores repugnancias da mesma Natureza, tivesse fé, & valor para crer a Deos, quando lhe punha tão duras leys? Então vivemos muyto confiados, que nos havemos de salvar, não crendo a Christo, só porque cremos em Christo. Olhay o que acrescenta o Texto á fé de Abraham: *Credidit Abraham Deo, & reputatum est illi ad justitiam.* Creio Abraham a Deos, & então foy reputado, & canonizado por justo. Porque creio a Deos (diz) & não porque creio em Deos. A Fé, com que se cre em Deos, & em Christo, he Fé de justos, & peccadores: a Fé, com que se cré a Deos, & a Christo, essa só he a Fé dos justos; porque só essa sobre a outra he a que justifica, & salva. Muytos que créão em Deos, & em Christo, estão no Inferno, & dos que chegão a uzo de rezão, só os que creem a Deos, & a Christo se salvão.

284. E porque nos não li-

longeemos cõ a Fé de Christãos, & Catholicos, que nos distingue dos Gentios, & dos Hereges, quero acabar estas verdades com huma verdade, em que não cuydamos os Portuguezes, & nos devèr dar a todos grande cuydado. Fiamo-nos muyto em que cremos firmemente em Christo, como Fieis Catholicos. Pois eu vos digo da parte do mesmo Christo, & vos defengano, que se faltarmos à segunda parte da Fé, tambem nos faltará a primeyra: & que se não cremos a Christo, estamos muyto arriscados a não crer em Christo. Inglaterra, Holáda, Dinamarca, Suecia, & tantas outras Provincias, & Nações da Europa, ou totalmente perdidas, ou inficionadas da Heresia, tambem foraõ Catholicas como nós, tambem florecêraõ na Fé, tambem derão muytos, & grandes Santos á Igreja. E porque cuydais, que apostatarão da mesma Igreja, & da verdadeyra Fé, que só ella ensina? Digão a sua doutrina, & os seus Meftres. Lutèro, & Calvino, & os outros, que elles levárão

apoz

apoz seus erros, também crião em Christo; mas porque não crêrao a Christo, já não crem nelle. Impugnao, & negaõ o Evangelho, porque não cre-rao ao Evangelho. Deraõ-se soltamente aos vicios, & peccados: & porque os não quizerão confessar, negá-rao o Sacramento da Cõfissão: largá-rao a redea á torpeza, & sensualidade; & porque não quizerão guardar continencia, negá-rao a castidade, entregaraõ-se ás demasias, & intemperanças da gula; & porque não quizerão ser sobrios, negá-rao o jejum, & a penitência: seguirão em tudo a largueza, & liberdade da vida; & porque não quizerão obrar bem, negá-rao o valor, & necessidade das boas obras. Emfim deyxada a Ley de Deos como fies, & a da razão como homens, fizeram outra, que elles chamão Religião, na qual só se cre o interesse, & se obedece o apeteite. Vede que Fé se podia conservar entre costumes de brutos? Conservaõ o Bautifmo, & nome de Christãos, mas verdadeyramente são Atheos: & porque não crêrao

a Christo, passá-rao a não crer em Christo. Estas são as disposicoens por onde se introduzio, & se ateou em tantos Reynos a peste da Heresia: E praza a Deos, que do Setentriaõ não passe tambem ao Occidente! Ainda cá nam chegou, mas já está em caminho. E segundo os vicios lhe tem aberto as estradas, não será difficultosa a passagem.

## §. VII.

285 Não lhe será (torno a dizer) difficultosa a passagem, porque assi como os que crem a Deos, passaõ facilmente a crer em Deos: assi de não crer a Christo, he facil passar a não crer em Christo. Ninive era a mayor Cidade, que ouve no mundo, a gente infinita, os moradores todos Gentios, sem Fé, nem conhecimento de Deos: os costumes corruptissimos, & abominaveis, & em tudo semelhantes aos do Rey, que então era o infame Sardanapálo. E com tudo diz a Escritura, que todos os Nivitas em hum dia cre-rao em Deos: *Cepit Jonas predi-*

*Jona*  
3.5.

*care itinere unius diei, & cre-*  
*diderunt viri Ninivite in*  
*Deum.* Pois se estes homens  
eraõ Gentios, & tantos mi-  
lhares, & tão habituados nos  
vícios, que saõ os que mais  
escurecem os entendimen-  
tos, & mais endurecem as  
vontades, como crêraõ em  
Deos tão facilmente? Creraõ  
em Deos, porque crêraõ a  
Deos. Mandou-lhes Deos an-  
nunciar pelo Profeta Jonas,  
que dentro em quarenta dias  
se havia de abrir a terra, &  
soverter a Cidade: & affom-  
brados do pregaõ, & atemo-  
rizados do castigo, creio o  
Rey, & creio o Povo, o que  
Deos pelo Profeta lhes dizia:  
286 E como crêraõ a Deos, logo  
tambem crêraõ em Deos:  
*Crediderunt viri Ninivite in*  
*Deũ.* Desenganemonos pois,  
que se de crer a Deos se passa  
tão facilmente a crer em  
Deos; tambem de não crer a  
Christo, se passará com faci-  
lidade a não crer em Christo.  
Não sou eu o que o digo, he  
S. Paulo. E fallava São Paulo  
cõ Timotheo, melhor Chri-  
staõ que nõs, & de cuja Fé se  
podia temer menos seme-  
lhante ruina. Era Timotheo

Discipulo do Apostolo, era  
tão provecto na Fé de Chri-  
sto, que no sobrescito desta  
mesma Epistola lhe chama  
dilecto filho na Fé: era tam-  
fanto, & favorecido do Ceo,  
que tinha muy altas illustra-  
çoens, & revelações divinas:  
& com tudo o grande Me-  
stre das gentes: logo no pri-  
meiro Capitulo o amoeita, &  
compunge assi: *Comendo*<sup>Timo</sup>  
*tibi fili Timothee secundum*<sup>th 1.</sup>  
*præcedentes in te prophetias,*  
*ut milites in illis bonam mi-*  
*littiam, habens fidem, & bonam*  
*conscientiam, quam quidam*  
*repellentes circa fidem naufra-*  
*gaverunt.* Encomendote fi-  
lho meu Timotheo, que te  
não fies nas tuas revelações,  
para te descuydar da vida.  
Traze sempre unidas no co-  
ração, & nas obras, a boa conf-  
ciencia com a Fé, & a Fé com  
a boa consciencia; porque  
muytos, já neste principio da  
Igreja, porque não fizeraõ  
cazo da consciencia, fizeraõ  
naufragio na Fé. O quanto se  
põde temer á vista destes  
naufragios, que tambem o  
faça esta não, em que himos  
embarcados? Ella leva nas  
bandeiras a Cruz, & Chagas  
de

de Christo; mas quando as costuras da consciencia se vê tão rotas, & tão abertas: quando cremos tão pouco a Christo, & sua doutrina, que se pôde esperar, senão o que aconteceo a tantos? Os nossos peccados não são mais privilegiados que os seus, nem menos pezados: & se os seus os leváram ao fundo, & chegáram a naufragar na Fé, porque não temeremos nós semelhante desgraça, & que tambem se diga algum dia dos Portuguezes) o que a divina Misericordia não permita) *Circa fidem naufragaverunt.*

287 S. Paulo poem por exemplo a Timotheo dous Christãos muy nomeados da primitiva Igreja, Hymineo, & Alexandre, que por nam se acomodarem ás Leys, & conselhos do Evangelho, depois de receber a Fé, apostatarão della. Eu em lugar de peroração quero deyxarvos na memoria outro exemplo tambem vizinho áquelles tempos; mas muyto mais temeroso, & verdadeiramente horrendo. No anno de Christo duzentos & sessenta na

Cidade de Antiochia (onde primeiro esteve a Cadeyra da Fé, & de São Pedro, que em Roma) foy prezo pela confissão de Christo hum Prefbytero, chamado Saprício. *Baren. Spont. anno Christi 260.* Padeceo constantemente o carcere, & outros tormentos, foy levado finalmente com a mesma constancia ao lugar do martyrio: & quando estava já como Isaac sobre a lenha, & o tyrano com o golpe armado para lhe cortar a cabeça; chega Niceforo, que tinha sido seu inimigo, & lançado a seus pés lhe pede, que ao menos naquella hora o receba em sua graça, & lhe deyte a sua benção. Que vos parece, Senhores, que responderia Saprício, & que faria em tal acto? Claro está, que se lhe não pudesse lançar os braços, por ter as mãos atadas, com todo o affecto do coração, & com a mayor doçura de palavras o meteria dentro na Alma, que tão gloriosamente partia para o Ceo, & dava por Christo. Cazo porém inaudito, & sobre toda a imaginação estupendo! Respondeo Saprício irado, que se tirasse de

sua presença: que se não havia de reconciliar com tal homem: que ainda era tão inimigo seu como sempre fora: & que na occasião, em que estava, mostraria ao mundo, que o havia de ser até a morte. Parece, que excede toda a fé humana hũa tal resposta, de tal pessoa, & em tal hora. Mas quiz a Providencia Divina, que as actas, & testemunhos autenticos de todo o successo extem ainda hoje, como refere Baronio, para que não vacilasse o credito de tamanho cazo, que ainda he mayor.

Mas antes que vá por diante, ouçame Saprício, já que não quer ouvir a Niceforo. Homem; Sacerdote, monstro, vés onde estás? Lembra-te do que es? Conheces o que queres ser? Estás de-bayxo do alfange do tyrano, queres ser Martyr de Christo, & não te lembras, que es Christão? Não te lembras, que diz Christo (& com advertencia de que elle o diz.)

*Matt. 5.44. Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros.* Pois como não amas este, que se foy teu inimigo, já o não he,

& mais quando elle rendido aos teus pès, te pede perdaõ? Não te lembras, que diz o mesmo Christo, que se fores offerecer sacrificio sobre o Altar, deixes ahi o sacrificio, & te vás primeyro reconciliar com teu proximo, se tiver de ti algũa offensa: *Si offers munus tuum ad Altare, & vade prius reconciliari fratri tuo?* Pois se Niceforo se vem reconciliar contigo, estando nũ offerecendo o sacrificio de tua vida, & sangue por Christo, como não aceytas sua amizade, & queres morrer como viveste em odio? Aqui vereis, Christãos, como he certo o que vos prèguey: que nem todos os que crem em Christo, crem a Christo. Saprício cria tão firmemente em Christo, que por confessar a sua Fé, estava dando a vida; & no mesmo tempo cria tão pouco a Christo, que contra dous preceytos expressos de sua doutrina, nem amava a seu inimigo, nem se quiz reconciliar com elle.

289 E para que vejais tambem no mesmo cazo, quam certo he o que eu acabava

*Matt. 5.23.*

bava de vos dizer ; que quem não cre a Christo , facilmente passa a não crer em Christo; ouvi com mayor affombro o que se seguiu áquella reposta. Tanto que Saprício respondeo a Niceforo , que ainda era seu inimigo , & não se queria reconciliar com elle; volta-se ao tyrano, que hia para descarregar o golpe, mandalhe que suspenda a espada. E para que , ou porque ? Porque eu ( diz Saprício ) já não sou Christão , renego de Christo , & quero offerecer incenso aos Idolos. Assi o disse , & assi o fez o verdadeyro , & falso Catholico , passando em hum momento , de Sacerdote a sacrilego , de Martyr a renegado , & de Christão a idolatra. *Sapricius* ( conclue o mesmo Baronio ) *vita jam oppignerrata martyrio, quod veteri odio flagret in Nicephorum, ipsum prope ictum vibrante carnifice, Christum negans idola sacrificavit.* Pòde haver mais temeroso exemplo , & mais para fazer temer a todo o Christão ? Mas assi vem a não crer em Christo , os que não crem a doutrina de Chri-

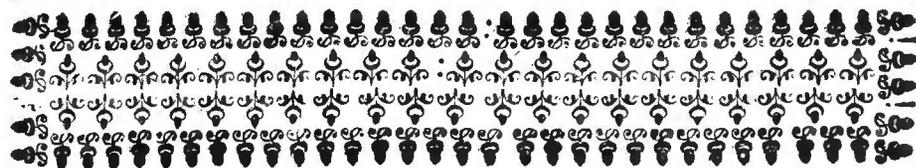
sto. E ainda mal porque nam he só Saprício o Christão , & a Sacerdote, em que se representão os actos de semelhante tragedia : *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant.* Não renegão de Christo com a boca , mas renegão-no com as obras : não offerecem incenso aos Idolos , mas tem Idolos, a quem sacrificão os coraçoes : não professão publicamente o Gentilismo, mas publica , ou secretamente vivem como Atheos. Creamos , creamos a Christo , & teremos segura a Fè , cõ que cremos em Christo. E se for necessario dar por elle a vida , tambem a daremos constantemente , & sem mudança. Tal foy ( ainda continuo a historia ) tal foy o maravilhoso Catastrofe, com que a Fortuna não merecida de Saprício no mesmo theatro, no mesmo momento , & na continuação do mesmo acto se passou a Niceforo. Já o tyrano hia embainhando sem sangue a mal temida espada, contentando-se com a fraqueza , & retractação do Apostata , quando Niceforo levantandose de seus pès, onde

Baron.

de lhe pedira, & não alcançara o perdão, & fustituindo-se animosamente no seu lugar: aqui estou ( disse em alta voz ) sou Christão, este posto he meu. Nem à Fé de Christo lhe podem faltar defensores, nem a seus Altares victima. Aqui está o peyto aberto, & a garganta nua. O sacrificio, q̄ começaste nou- tro, acabou, como quizeres, em mim. Não soffreo a rayva do tyrano mais palavras, nem teve paciencia para mais dilatados tormentos, come-

çou pelo ultimo. Esperou o novo, & melhor Martyr com a mesma constancia, & alegria a ferida mortal: levaraõ. lhe a cabeça, & recebeu a coroa. Tal foy o fim de Niceforo, tal o de Saprício; digno hum, & outro da Fè de ambos. Saprício creio em Christo, mas não creio a Christo, & perdeu a Christo para sempre: Niceforo creio em Christo, & creio a Christo, & goza, & gozará de Christo nas eternidades.





# S E R M A M

DE

## NOSSA SENHORA

### DA GRAÇA.

P R E G A D O

Em Lisboa, na Igreja de N. Senhora dos  
Martyres, anno 1651.

*Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus. Joan. 19.*

§. I.



Ste he o Evangelho, que hoje nos propoem a Igreja; mas se eu ouvera de fazer a cleyção, não havia de ser este o Evangelho. Se a festa he da Graça, porque não seria o Evangelho tambem da Graça? Que no dia da Conceição, no do Nascimento, no da Assumpção da

Senhora nos não dê a Igreja Evangelho proprio, & que tenhamos os Prègadores o trabalho de accommodar o Texto, à festa, ou de desacommodar a festa por amor do Texto; terrivel pensão he, mas forçosa; porque passarão os Evangelistas em silencio aquelles mysterios. Mas na festa da Graça, que tão expressa, & tão encarecida está no Evangelho? Verdadeyramente,

Mm

mente,

mente, que se a acomodação não fora tão antiga, poderamos cuidar, que também aos Evangelhos abrangia a fortuna dos tempos: os que mais fervião, deyxados: os que menos fervem, acomodados. Não estava ahi graça, & mais graça no Cap. 2. de S. Lucas? Não ouviriámos da boca de

*Luc. 1* Gabriel em termos claros: *30. Ave gratia plena?* Não ouviriámos da mesma boca Angelica: *Invenisti gratiam apud Deum?* Que melhores duas bazas, & mais capazes para levantar sobre ellas o non plus ultra da Graça de Maria, que estes dous grandes testemunhos do Anjo, hum de chea, outro de inventora da graça? E com tudo que nos negue, ou nos dissimule a Igreja neste dia tão claras, & tão duplicadas luzes da graça da Senhora; & quando vimos a ouvir, & admirar as excellencias della, nos meta entre as sombras, & eclipfes do Calvario, & nos ponha diante dos olhos a Cruz arvorada: *Stabat juxta Crucem?*

291 Ora eu buscando a causa desta mysteriosa im-

propriedade ( que não pôde ser sem mysterio) & reparando com atenção na Cruz levantada, & na Senhora em pé junto a ella; representoufeme a Cruz naquellas duas figuras, em que tantas vezes a vemos significada no Testamento Velho: em figura de vara, & em figura de balança. *Genef. 47. 31*  
 Figura da Cruz foy a Vara de Joseph adorada de Jacob; porque já então o sagrado, & consagrado madeyro começava a ser venerado com adoração de Latria. *LXX. Hebr. 11. 21*  
 Figura da Cruz foy a Vara de Aram florecente; porque havia de ter a Cruz por remate o titulo de Nazareno, que quer dizer Florido. *Num. 17. 8.*  
 Figura da Cruz foy a Vara, que tocou, & acedeo o sacrificio de Gedeão; porque com seu contacto santificou o Redemptor a Cruz, & nella consumou o mayor sacrificio. *Judic. 6. 21.*  
 Figura da Cruz foy a Vara de Assuero, que estendida sobre Esther a livrou a ella, & a todo seu Povo da tyrania de Aman, como a Cruz a nós todos da sentença geral da morte. *Esther 5. 2.*  
 Figura da Cruz foy a Vara, que sahio de Sion, para dominar *Pfal. 109. 8.*  
 todas

*Exod.*  
4.2.  
*1. Reg.*  
14.27  
*Isai.*  
11.1.  
todas as gentes, & as pòr (como as tem posto a Cruz) fogueitas, & rendidas aos pès de Christo. Figura foy, em fim, da Cruz a Vara de Moysés prodigiosa, a Vara de Jonatas, que vertia mel, & sobre todas a Vara de Jessé, de cujas raizes nasceo o fruto coado, & bendito do ventre sacratissimo de Maria.

E se a Cruz erguida no Calvario foy figurada na Vara; estendida, & com os braços abertos, não com menor propriedade, he figurada tambem na Balança. Figura foy da Cruz a Balança de Job, em que elle simbolizando o Redemptor, de hũa parte quiz se puzessem os nossos peccados, & da outra os seus tormentos. Figura foy da Cruz a Balança de Jeremias, na qual o Profeta pezou autenticamente o preço da terra, em fé de que Deos a havia de restaurar do cativoiro dos Assyrios. Figura foy da Cruz a Balança de Babilonia, em que Balthazar perdeu em huma hora a Monarchia, & se passou toda a Cyro, chamado por antonomazia o Christo do Senhor. Fi-

gura foy da Cruz a Balança de Isaias ( como libra do firmamento ) na qual suspensida por tres dedos de Deos toda a redondeza da terra, peza hum só attomo. Figura foy, em fim, da Cruz a Balança de Ezechiel, em que elle pezou os seus cabellos, nam juntos, mas divididos; porque a Cruz ha de fer no dia do juizo aquella fiel Balança, em que se haõ de pezar os merecimentos, bõs, ou máos, de todos os homens, sem que fique sem fer pezado, nem hum só cabelo. E para que tudo nos estabeleça, & confirme a mesma authoridade, que nos deu o Texto: a da Igreja, que he a mais calificada de todas, assi o canta: *Adsumt prodigia divina in virga Moysis primitus figurata.* Eisahi a Cruz figurada na vara: *Statèra facta corporis, tulitque prædam Tartari.* Eisahi a mesma Cruz figurada na Balança.

292 Sendo pois a Cruz Vara, & sendo Balança, já se descobre o grande mysterio, que ao principio nos parecia impropriedade: & já se vê com quanta elegância, & energia

gia se nos mostra a Virgem Santíssima junto á Cruz, quando buscamos motivos sobre que celebrar sua graça. Como se a mesma Igreja, que applicou o Evangelho, o explicára, & nos dissera: Quereis conhecer a grandêza, quereis comprehender a immensidade da graça de Maria: eis-ahi a vara por onde a haveis de medir, eis-ahi a balança, com que a haveis de pesar: *Stabat juxta Crucem*. Medir, & pesar a graça de Maria; ferà hoje o meu assumpto. Mas quem poderá medir o immenso, quem poderá pesar o incomprehensível? Sò na haste da Cruz, onde Deos esteve estendido se pôde medir: só nos braços da Cruz, onde Deos esteve pendente, se pôde pesar. Ao medir sey de certo, que haveis de ficar admirados; ao pesar dezejàra eu muyto, que ficamos confundidos. Para tudo nos he necessària a mesma Graça *Ave Maria*.

§. II.

*Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus.*

293.

**E** Stava junto da Cruz de JESU

sua Mãy. Não temos dito nada. Eis-aqui por onde se havia de medir a graça da Senhora. Havia-se de medir pela Maternidade, & não pela Cruz: pelo *Mater ejus*, & não pelo *juxta Crucem*: porque o ser Mãy de Deos he a medida mais cabal da graça de Maria. S. João Damasceno, S. Epifanio, S. Agostinho, S. Bernardo, São Boaventura: mas para que he nomealos? Todos os Padres, todos os Doutores, quanto mais ponderão, quanto mais encarecem, & quanto mais querem dar a conhecer a graça da Senhora; medem-na pela Maternidade de Deos. Teve tanta graça Maria, quanta era bem que tivesse, a que era digna Mãy de Deos. Isto dizem todos os Doutores, & aqui párao todos os encarecimentos. Mas com licença de todos, ajudado com o favor da mesma Senhora, para mayor gloria de sua graça, determino dizer della hoje, o que atêgora se não disse. Digo que o ser Maria Mãy de Deos, não he bastante medida para nos dar a conhecer a grandeza da sua graça; porque

que

que a graça de Maria foy mayor graça que graça de Mãy de Deos. Torno a dizer, & explicome mais. Poderá a Senhora fer Mãy de Deos com toda a graça necessaria, & proporcionada àquella dignidade, & não ter tanta graça, quanta teve: Logo a graça de Maria he mayor graça que graça de Mãy de Deos: Logo a Maternidade de Deos, absolutamente considerada, não he bastante medida da graça de Maria. Como este modo de dizer he tão novo, & hoje a primeira vez, que sae a publico, para que vá assentado sobre os fundamentos mais solidos, haveis-me de dar licença, que discorra hum pouco ao escolastico. Huma vez na vida bem se sofre.

294. Argumêto assi. Quando a Virgem Maria concebeo em suas entranhas o Verbo Eterno, encheo Deos a Senhora de tanta abundancia de graça, quanta era bem que tivesse, a q̄ desde aquelle ponto era digna, & verdadeira Mãy sua. Isso quiz significar o Anjo, quando disse: *Ave gratia plena*: & assi o

declara Santo Thomàs: *Dicitur gratia plena, quia, scilicet, Div. habuit sufficientem gratiam ad Thom. statum illum, ad quem electa est à Deo, scilicet, ut esset Mater Unigeniti ejus.* Sed sic est, que a Senhora depois do mysterio da Encarnação, & principalmente ao pê da Cruz, mereceo, & cresceo incomparavelmente na graça: Logo a graça da Senhora foy mayor graça, que graça de Mãy de Deos, absolutamente considerada. He tão evidente a força deste argumento, que movidos sem duvida delle o sutilissimo Escoto, S. Joã Damasceno, Guerrico Abbade, & alguns *Scot. outros Padres, & Theolo-Da- gos, vierão a ter opiniaõ, que majc. a Senhora desde o ponto, em Guerr. que concebeo o Verbo Divino, não crescera mais em graça. A sua consequencia era boa, se a supposiçãõ fora verdadeira. Suppunhão, que a Senhora não tivera mais graça, que a graça proporcionada á de Mãy de Deos: Logo se a Senhora no instante da Encarnação teve toda a graça, que era proporcionada àquella dignidade, bem se*

seguiu, que não podia crescer mais na graça. Sendo porém certo (como he sentença cômum dos Theólogos, & o prova larga, & doutamente o Padre Soares ( que a Senhora cresceu sempre na graça: Segue-se logo, que teve mayor graça, que graça de Mãy de Deos.

295 Mais. Em cazo que Adão não peccára, como podia não peccar, perguntão os Theólogos, se havia Deos de fazer-se homem? E resolvem mais ebummmente, que sim. Neste cazo a Virgem Senhora nossa havia de ter graça proporcionada à dignidade de Mãy de Deos, & com tudo não havia de ter muyta parte da graça, que hoje tem. Provo. Porque naquelle estado não havia de haver os desemparos do Prezepio, nem as perseguiçoens de Herodes, nem os desterrros do'Egypto, nem a espada de Simeão, nem as peregrinaçoens de Judêa: não havia de haver Pretorio de Pilatos, nem Calvario, nem Cruz, nem espinhos, nem lança, nem Sotidades, nem outras tantas occasioens de padecer, & me-

recer, que foraõ consequençias do peccado de Adam. He verdade, que em lugar destes actos sempre a Virgem havia de fazer outros muyto dignos de graça; mas não haviaõ de ser tão meritorios como estes, como tambem o não fôraõ outros, que a mesma Senhora fez em sua vida. Bem se infere logo, que a Senhora teve mayor graça do que ouvera de ter, se Adam não peccara. E com tudo se Adam não peccára, havia a Senhora de ser verdadeyra Mãy de Deos com a graça proporcionada áquelle dignidade. Teve logo mayor graça, que graça de Mãy de Deos. Toda esta doutrina he mais conforme à de São Paulo; o qual diz, que o peccado de Adam foy occasiam de mayor graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit gratia.* Se Adam não peccára fora a Senhora Mãy de Deos com graça abundante, & porque peccou, foy Mãy de Deos com graça superabundante: *Superabundavit gratia.*

296 Mais. Assi como encarnou a segunda Pessoa da

San-

*Ad Rom. 5.20.*

Santissima Trindade, assi pudera tambem encarnar a Terceira. Supponhamos pois, que o Espirito Santo se fez homem: Neste cazo havia de haver duas Mâys de Deos, huma a Virgem Maria, & outra a Mãy do Espirito Santo; & com tudo a Mãy do Espirito Santo não havia de ter tanta graça, como reve a Virgem Maria: Logo a Virgem Maria tem mais graça, que a de Mãy de Deos absolutamente. E que a Mãy do Espirito Santo não ouvesse de ter tanta graça, prova-se: porq̃ (como ensina a Theologia, os Santos Padres, & a rezão da Providencia divina) Deos dá a graça conforme os officios para que elege: & a Mãy do Espirito Santo, ainda que havia de ser Rainha dos homens, & dos Anjos, soberana Senhora de todo o criado, não havia porém de ter outros officios de grande dignidade, & merecimento, que teve a Virgem Maria; porque como o mundo estava já remido, não havia de ser Reparadora dos erros de Eva, não havia de ser Redemptora, ou quando menos

Coadjutora da Redempção, não havia de ser successora de Christo na propagação da Fé, Meira dos Apóstolos, & primeira, & suprema Luz da Igreja, & outros titulos semelhantes, de cujos exercicios resultavão grandes augmentos de graça. Nem he inconveniente considerar, que haveria huma Mãy de Deos, que tivesse menos graça que outra; porque tambem a Humanidade do Verbo tem hoje algũa prerogativa de gloria, que não havia de ter no tal cazo a Humanidade do Espirito Santo; porque quando menos havia Christo de ser singular naquella gloria incomparavel de Redemptor, de que falla S. Paulo: *Fa-ctus obediens usque ad mortem: mortem autem Crucis. Propter quod & Deus exaltavit illum: & donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* Pois se havendo dous Homens Deos, hum delles havia de ter mayores prerogativas de gloria; que muyto he, que havendo duas Mâys de Deos, huma dellas tivesse mayores prerogativas de graça.

297 Mais. Dizem graves Authores, que quando Christo hia subindo o Monte Calvario com a Cruz às costas, vio-o a Senhora, & no mesmo ponto cahio desfmayada, & amortecida: & dizem, que ainda hoje se vem vestigios de hum Templo edificado naquelle lugar com o nome do Espasmo. Não me meto a averiguar verdades desta historia. Mas supponhamos, que foy assim, & que a Senhora, ou neste passo, ou no de ver pregar, ou levantar, ou espirar na Cruz ao Filho, que amava intimamente mais que a si mesma, não só ficou amortecida, senão totalmente morta de dor. Pergunto: Morrendo a Senhora naquelle estado, havia de ter graça, & gloria de Máy de Deos? Claro está que sim: & com tudo não tinha ainda a graça, que havia de merecer ao pé da Cruz, nem a que mereceo depois por todo o espaço de sua vida, enriquecida de admiraveis actos de intensissimo amor de Deos, & de todas as virtudes: Logo na Cruz, & nas consequências da Cruz (que tudo foraõ con-

sequencias suas, como logo veremos) creſceo a Senhora a mayor graça, que graça de Máy de Deos.

298 Parece, que temos provado com razoens; mas que he dos Authores? E que culpa lhe tenho eu, se elles não tratarão este ponto? Mas já que não temos Authores homens, teremos Authores Anjos: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* Quem he esta, dizem os Anjos nos Canticos, fallando com a Senhora, que se vem levantando como Aurora, fermosa como a Lua, & escolhida como o Sol? A tres luzes comparaõ aqui os Anjos a Senhora; á luz da Aurora, á luz da Lua, à luz do Sol. Destas tres luzes, hũa entendo; duas não entendo. Que se compare a Senhora á luz da Aurora, grande propriedade tem, porque assi como da Aurora nasce o Sol, assi da Virgem Maria nasceo o Sol de justiça Christo. Mas que depois de comparada á Aurora a Senhora, a comparem tambem à Lua, & ao Sol? Isto não entendo. O Sol tem  
mayor

mayor luz, que a Aurora, a Lua tem menor luz, que a Aurora: pois se a Virgem está comparada á Aurora, que he luz propria da Mãy do Sol, porque a comparaõ também ao Sol, que tem mais luz, & á Lua, que tem menos luz? Por isso mesmo. Porque a Senhora comparada em diferentes estados de sua vida, em hum teve graça igual á graça de Mãy de Deos; em outro teve menor graça, que graça de Mãy de Deos; em outro teve mayor graça, que graça de Mãy de Deos. Na Encarnação teve graça igual á de Mãy de Deos, por isso Aurora: antes da Encarnação teve graça menor, que graça de Mãy de Deos, por isso Lua: depois da Encarnação teve graça mayor, que graça de Mãy de Deos, por isso Sol. *Quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol.*

299 E porque totalmente entre as vozes Angelicas não falte algũa humana, porey aqui as palavras de hum dos mayores Mestres da Escola de S. Thomas (posto que tambem he Angelica) o dou-

tissimo Sotto: *Fuit quidem D. 7. h. gratia plena ante conceptionem Dom. Filij; quantum par erat, ut fieret Christi Mater: attamen gratia illa non fuit eo modo summa, ut non posset deinceps meritis augeri.* Tinha dito S. Thomás, que a graça da Senhora na Conceição, & Encarnação do Verbo fora consumada. E explica este grande Theologo o modo, com que foy consumada, ou summa. Foy consummada, & summa, porque recebo na Conceição do Verbo toda aquella enchente de graça, que era necessaria para ser digna Mãy de Deos; mas não foy de tal maneira summa, & consummada, que dahi por diante não podesse crescer em mayor merecimento, & graça, como verdadeiramente cresceo. Poz as premissas Sotto, & só lhe faltou tirar a consequencia: Logo a graça de Maria foy mayor, que graça de Mãy de Deos, precisa, & absolutamente considerada. Mas respondendo a hũa só objecção, que tem esta Theologia (& á primeira vista não facil de desatar) ficará mais conhecida a verdade gloriosa della.

## §. III.

300 A Senhora não teve mais graça, que a graça para que foy predestinada: foy predestinada para Mãy de Deos, com a graça competente áquella soberana dignidade: Logo não teve mais graça, que graça de Mãy de Deos. Que a Senhora não tenha mais graça, que a graça para que foy predestinada, he certo; mas por isso mesmo teve mais graça, que a de Mãy de Deos precisamente. Porque? Porque foy predestinada para mais que Mãy, & para mais que de Deos. Ora vede. Foy predestinada para mais que Mãy; porque foy predestinada para Mãy atormentada, para Mãy affligida, para Mãy angustiada, para Mãy mortificada, & para Mãy crucificada, como o foy com seu Filho: *Juxta Crucem*: E tormentos, afflicções, angustias, martyrios, cruces não entrão no conceito preciso de Mãy; são de mais a mais: Foy logo a Virgem predestinada para mais que Mãy. E foy tambem pre-

destinada para Mãy mais que de Deos; porque Deos, de que foy Mãy a Virgem Maria, foy Deos Redemptor, Deos passivel, Deos crucificado, Deos morto, Deos sepultado. E Redempção, passibilidade, Cruz, morte, sepultura, não entrão no conceito preciso de Deos Homem; são outros excessos muyto maiores: Logo foy a Senhora predestinada para Mãy mais que de Deos. E como a Senhora foy predestinada para mais que Mãy, & para Mãy mais que de Deos; por isso a graça, para que foy predestinada, foy tambem mayor graça, que graça de Mãy de Deos.

301 Declaremos bem este ponto em todo o rigor da Theologia. O mysterio da Encarnação do Verbo foy determinado ab æterno por dous decretos, hum antes, outro depois da previzão do peccado de Adam. Antes da previzão do peccado, foy decretado, que o Filho de Deos se fizesse Homem, sem outro fim por então mais que o da gloria divina, & para que fosse suprema cabeça do genero hu-

humano, & cauza final, & exemplar de todos os predestinados, como diz São Paulo:

Rom. *Quos præscivit, & prædestina-*  
8.29. *vit conformes fieri imaginis*  
Colof. *filij sui: ut sit ipse primogeni-*  
1.18. *tus in multis fratribus: ut sit*

*in omnibus ipse primatum tenens.* Depois da previzão do peccado estendeo-se o decreto divino, a que o Filho de Deos se fizesse não só Homem absolutamente, senão Homem em carne passível, para que pudesse padecer, & morrer, & para que por meyo da morte de Cruz, & do preço de seu sangue, fosse glorioso Redemptor do mesmo genero humano, de que já era Senhor, como diz também S. Paulo: *Decebat enim*

*eum, propter quem omnia, &*  
Ad *per quem omnia, qui multos fi-*  
Hebr. *lios in gloriam adduxerat, Au-*  
2. 10. *thorem salutis eorum per Pas-*  
*sionem consummare.*

302 Estes dous decretos com propriedade, atègora não advertida, declarou admiravelmente o Profeta Micheas. Tinha profetizado Micheas, que o Messias havia de nascer em Belem, & acrescenta logo, que assi como ha-

via de sair em tempo ao mundo, assim tinha sahido ab æterno da mente divina: *Egressus Michæ*  
*sus ejus ab initio à diebus 5. 2.*  
*æternitatis.* Mas o que atègora fazia a difficuldade, era, que a palavra *egressus* não he do singular, senão do plural, & não quer dizer faida, senão faidas: *Egressus, idest, egressiones.* Assi se lê no texto Hebreo, & no Grego. Pois se o Verbo em tempo sahio huma só vez ao mundo; ao sair da eternidade, em que foy decretada, & predestinada esta mesma faida, porque lhe não chama o Profeta faida, senão faidas: *Egressiones ejus?* Porque propriamente assi foy, & assi o havia de dizer o Profeta. Christo sahio da mente de Deos ab æterno, não só hũa, senão duas vezes predestinado: a primeyra vez antes do peccado de Adam, predestinado para Homem; a segunda vez depois do peccado, predestinado para Homem mortal, & passível. E como os decretos da predestinação forão dous, hum posterior ao outro; por isso as faidas forão também duas; & por conseguinte faidas; &

naõ fãida : *Egressiones ejus ab initio.*

As palavras, que se seguem, acrescentão, & declarão maravilhosamente o mysterio: *Ab initio, à diebus æternitatis.* Estas duas fãidas, diz o Profeta, que forão lá no principio desde os dias da eternidade. Pois lá nesse principio sem principio da eternidade ouve dias? Ha-se de entender, & suppor, que si, pois o Profeta o diz. E se ouve dias, que dias forão estes? Forão as duas luzes da sciencia, ou presciência divina, que segundo a ordem dos decretos se distinguem em Deos, as quaes necessariamente haviaõ de preceder aos mesmos decretos. Notay agora, ainda os que não fois Theologos. Para haver dias, ao menos haõ de ser dous: & para haver dous dias, regularmente ha de haver hũa noite entre elles. E tudo isto ouve no caso, em que estamos; porque entre o dia do primeyro decreto da Encarnação, & o dia do segundo decreto, ouve a noyte do peccado de Adam em meyo. No primeyro dia antes da previzão do

peccado, em que só tinha amanhecido a luz da sciencia condicionata, foy predestinado Christo para Homem; no segundo dia depois da previzão do peccado, em que já havia a luz da sciencia de vizaõ, foy predestinado para Homem passivel. E estes forão os dous dias, & as duas predestinações, com que não huma, senão duas vezes sahio Christo ab æterno da mente de Deos: *Egressiones ejus ab initio à diebus æternitatis.*

303 Ao nosso intento agora. No primeiro decreto, em que Christo foy predestinado sómente para Homem, foy tambem predestinado para a graça, & gloria competente a hum Homem, que juntamente era Filho Unigenito de Deos: *Gloriam quasi* <sup>Joan.</sup> *Unigeniti à Patre plenum gra-* <sup>I. 14.</sup> *tiae.* No segundo decreto, em que foy predestinado para Homem mortal, & passivel, não foy predestinado para mayor graça, nem para mayor gloria effencial; porque era comprehensor; mas para mayor gloria, & mayor coroa accidental, merecida pela morte: *Videmus Jesum propter*  
*Passio-*

*Passionem, mortis gloria, & honore coronatum.* E isto que *Ad Heb. 2.* passou ab eterno na predestinação do Filho, he o que *9.* havemos de filosofar pelos mesmos passos na predestinação da Mãy. No primeyro decreto antes da previzaõ do peccado, foy a Virgem Maria predestinada absolutamente para Mãy de Deos Homem, & para toda aquella eminencia de graça, & gloria, não igual; mas proporcionada; que a tão alta, & altissima dignidade era divida, a qual na execução lhe havia de ser dada pelos merecimentos do seu mesmo Filho. No segundo decreto depois da previzaõ do peccado, foy predestinada, não para Mãy de Deos Homem ( que essa dignidade já a tinha pelo primeyro decretõ ) senão para Mãy, & companheyra desse Deos Homem mortal, & passivel: & aqui lhe foram acrescentados todos aquelles excessos de graça, & gloria, que a Senhora mereceo por todos os actos de sua vida, que se seguirão á passibilidade, & mortalidade de Christo, & à Redempção custodissima do

genero humano por meyo da morte de Cruz. Tornem os Anjos, que são hoje os nossos Doutores.

304 Viaõ os Anjos admirados subir a sua Rainha, & Mãy de Deos para o Ceo, & diziaõ assi: *Quæ est ista, quæ Cant. ascendit per desertum, sicut 3.6. ungula fumû ex aromatibus mirrhæ, & thuris?* Quem he esta, que vay subindo da terra, como sobe direyto o fumo aromatico, composto de Incenso, & Mirra? Angelica comparação! O Incenso significa em Christo o divino, & a Mirra o mortal: & esse foy o mysterio, com que os Magos, quando entrou neste mundo, lhe offerecêrão Incenso, & Mirra: o Incenso como a Deos, a Mirra como a mortal, & passivel: *Quia Deum, & passibilem credebant:* diz *D. Anselm.* S. Anselmo. Sobey pois a Alma da Virgem, como composição abrazada de Incenso, & Mirra, que deyxando as cinzas na terra, sobey em fumo direyta ao Ceo; porque a graça com que a Senhora subio a ser exaltada na gloria, parte lhe foy concedida por Christo, em quanto Deos

humanado, como a Mãe, & parte em quanto mortal, & passível, como a companheira de todos seus trabalhos. A primeira foy a graça da Maternidade, & essa merecida por obsequios, ou sacrificios de Incenso: a segunda foy a graça da Cruz; & essa merecida por tormentos, ou sacrificios de Mirra. Mas em qual destas duas graças esteve a Senhora mais crecida em graça? Na da Maternidade, ou na da Cruz? Na do Incenso, ou na da Mirra? No mesmo texto dos Cantares o temos: *Vadam ad montem Mirra, & ad collem thuris*: Irey ao monte da Mirra, & ao outeiro do Incenso. A graça da Mirra, & da Cruz, chama-se monte, a graça do Incenso, & da Maternidade, chama-se outeyro: porque ainda que a Senhora por Mãe de Deos precisamente alcançou toda a graça, que era proporcionada àquella altissima dignidade; com tudo pela assistencia, & companhia, que fez a este mesmo Deos passível na Cruz, & pelos immensos trabalhos, que padeceo com elle, & depois d'elle na obra da

Can.  
4.6.

Redempção, foy tanta a graça, que lhe acrefceu a Maria sobre essa graça, que a primeira por si só parecia hum outeiro, & a segunda sobre a primeira hum monte: *Vadam ad montem Mirrae, & ad collem thuris*. Não quero dizer, que consideradas separadamente estas duas graças, fosse mayor a da Cruz, que a da Maternidade; mas quero dizer, que posta a da Cruz sobre a da Maternidade, ficou grandemente mayor a graça da Senhora do que dantes era; & que esta ha de ser a medida de sua graça: não medida pelo *Mater ejus* precisamente, senão sobre o *Mater ejus* pelo *juxta Crucem, Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus*.

#### §. IV.

305 Já vejo, que me concedem todos, que a graça da Senhora se não mede pelo *Mater ejus* bastantemente; mas pelas mesmas razoes me podem dizer tambem, que se não mede cabalmente pelo *juxta Crucem*; porque a graça da Senhora não só cref-

ceo

ceo no dia da Payxão, em que a Virgem esteve ao pé da Cruz, mas por todo o tempo de sua vida. Assim he verdade, que cresceu a graça da Senhora em todo o tempo de sua vida; mas os augmentos da graça, que a fizeram mayor, que de Mãe de Deos, só foraõ os da Cruz. A graça, que a Senhora mereceu pelos outros actos de toda sua vida, pertencem à graça da Maternidade, porque o conceito de Mãe de Deos precisamente incluye vida perfeita, & santissima: mas a graça, que a Senhora mereceu pelo mysterio da Cruz, & pelos actos pertencentes à Redempção, são excessos, que acrescêrão sobre a graça da Maternidade; porque no conceyto de Mãe de Deos precisamente não se incluye Redempção, nem Cruz: Logo só pela Cruz, & não pela Maternidade se ha de tomar a medida à graça da Senhora, ou só pela Cruz, & não pela Maternidade se pôde comprehender o immenso de sua graça.

306 A graça da Senhora he comparada ao elemento

da agua, por sua immensidade. Este foy o mysterio do nome, que Deos deu ao elemento da agua no principio do mundo: *Congregationes aquarum vocavit Deus maria. Locus autem omnium gratiarum vocatur Maria*: diz S. Alberto Magno: á congregação das aguas chamoulhe Deos mária, & ao lugar, onde se ajuntarão todas as graças, chamoulhe Maria. Em seguimento desta mesma metaphora he muyto de reparar os dous termos, com que no Testamento Velho se figuram a Maternidade da Senhora, & a Cruz de Christo. A Maternidade da Senhora, chama-se Não, a Cruz de Christo, chama-se Arca de Noé. A Maternidade da Senhora, chama-se Não, porque nella se embarcou desde o outro mundo o paõ, que nos trouxe a vida á terra: *Facta est quasi Proventus panem suum*: A Cruz, chama-se Arca de Noé, porque nella como em outra Arca de Noé se salvou o genero humano do naufragio universal do mundo: *Sola digna tu fuisti ferre mundi*  
visti.

Alberte  
Magni

31. 24

*victimam, atque portum præparare Arca mundo naufrago.*

De maneira, que a graça da Senhora he o elemento da agua, a Maternidade he a Não, a Cruz he a Arca de Noè. E que differença tem sobre o elemento da agua a Não, & a Arca? A differença he, que a Não navega pelo mar, & a Arca navegou pelo Diluvio. Tal foy a graça da Senhora comparada com a Maternidade, & com a Cruz: debayxo da Maternidade foy mar, debayxo da Cruz foy Diluvio. Debayxo da Maternidade foy mar, que tem por limite as prayas, debayxo da Cruz foy Diluvio, que tem por balizas os horizontes.

307 Affi foy, & affi havia de fer necessariamente, porque a graça, que a Senhora mereceo ao pê da Cruz, foy igual à sua dor: a dor foy tão grande como o mar: *Magna*

*Thren. est velut mare contritio tua.* E

2.13. hum mar sobre outro mar, já não he mar, he Diluvio. Ao mar só o pôde fazer crescer outro mar: os rios estão continuamente correndo ao mar, & elle não cresce: *Om-*

*nia flumina intrant in mare, Eccles. & mare non redundat.* Tal <sup>1.7.</sup>

foy a graça da Maternidade da Senhora, diz São Boaventura: *Maria dicitur mare propter fluentiam, & copiam gratiarum; unde dictum est, omnia flumina intrant in mare, dum omnia charismata Sanctorum intrant in Mariam.* A graça da Senhora na Maternidade foy hum mar, a que correraõ, & concorreraõ todas as graças, que Deos repartio por todos os Santos; mas como todas estas graças não eraõ mais que rios, ainda o mar ficou mar; & não passou a graça da Senhora os limites da graça de Mãy de Deos: porèm ao pê da Cruz como se abrirão as fontes dos abismos, como se rasgáraõ as cataratas do Ceo, como cho-veo hum mar sobre outro mar; cresceo tanto a graça da Senhora sobre si mesmo, que sahio o mar da madre, & sobrepuxando a graça os limites da Maternidade, foy mayor que graça de Mãy de Deos.

308 Verdadeyramente, que todos estes excessos de graça os mereceo bem a Senhora

Jo. m.  
19.27

nhora ao pé da Cruz; porque justo era, que fosse ao pé da Cruz mais que Mãy na graça, a que foy ao pé da Cruz mais que Mãy na fortaleza. O mais ordinario reparo deste Evangelho, & ainda o mayor escrupulo, ou a mayor lastima delle, são aquellas palavras de Christo mais secas do que parece, as ditava a occasião: *Mulier ecce filius tuus*, Mulher eis-ahi teu filho. Duro caso, que hum tal Filho a tal Mãy, em tal occasião lhe negue o nome de Mãy! Noto eu, que nas poucas palavras deste Evangelho chamou S. João quatro vezes á Senhora Mãy de Christo: *Stabat juxta Crucem JESU Mater ejus*, huma: & *soror Matris ejus*; duas: *cum vidisset Matrem*: tres: *dixit Matri suæ*; quatro. Pois se o Discipulo chama á Senhora quatro vezes Mãy de Christo em quatro palavras, o mesmo Christo em hũa só, que lhe fallou, porque lhe não chamou Mãy? Antes que respondamos a esta duvida da Mãy, temos a mesma demanda no Pay. Pouco havia, que tinha aca-

bado Christo de dizer: *Mulier ecce filius tuus*; Levanta os olhos ao Ceo, & diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Deos meu, Deos meu, porque me desamparastes? No desamparastes reparo a todos: eu não reparo senão no Deos meu. Não fora mais razão, que dissera Christo, Pay meu, Pay meu? Parece, que si, ao menos affi o fez o Senhor nos outros actos da Payxão quando orou no Horto, Pay: *Pater, si possibile est*: quando rogou pelos inimigos: Pay, *Pater; ignosce illis*: quando encomendou o Espirito, Pay; *Pater, in manus tuas*. Pois se em todas as outras occasiões chama Christo Pay a feu Padre, agora porque lhe nega o nome de Pay? Seria por ventura por dar satisfaçoens a Mãy? Não eraõ necessarias satisfaçoens, onde não havia queyxas; mas foy porque no Pay, & na Mãy havia as mesmas causas. Day attenção a este paralelo.

309 Pregado Christo na Cruz, olhava para o Ceo, & via que o Pay o entregára á morte tão despegadamente,

Rsp.

como se não fora Pay : vira. va os olhos para a terra via a Máy, que o offerencia a Deos tão generosamente, como se não fora Máy : tanto assi ( diz Ruperto ) que se fora vontade de Deos, a mesma Senhora por suas proprias mãos crucificára a seu Filho. E como estas finezas de constancia, assi de Pay, como de Máy, erão occultas aos homens, para as manifestar o Filho, que só as via, que fez? Callou os nomes do affecto, & publicou os nomes da natureza : & para mostrar, que o Pay se portava como se não fora Pay ; chamoulhe Deos ; & para mostrar, que a Máy se portava como se não fora Máy, chamou-lhe Mulher. O que disse ao Pay, parecia queixa, & foy elogio : o que disse à Máy, parecia se- quidaõ, & foy panegyrico. Como se dissesse o Filho de Deos, & da Virgem : sayba o mundo, que he tanta a inteireza de meu Pay, que sendo Pay, & Deos, me deyxou, como se não fora Pay : sayba o mundo, que he tanta a fortaleza de minha Máy ; que sendo Máy, & mulher, me sa-

crifica, como se não fosse Máy. Ambos foraõ louvores grandes ; mas com licença do Padre, o da Senhora foy mayor. O Pay portou se, como se não fora Pay, mas era Deos : *Deus meus* : a Máy portou se, como se não fora Máy, & era mulher : *Mulier*. O Pay tinha contra si o affecto, mas tinha por si a natureza : a Máy tinha contra si a natureza, & mais o affecto ; porque sobre a ternura de mulher, tinha a piedade de Máy. Oh que armas tão desiguaes ! Mas que vitoria ? Estava a humanidade da Senhora ao pè da Cruz, feita hum espelho da Divindade do Padre, retratando em si tudo o que lá passava : o Padre como quem não tinha nada de humano ; a Máy como se fora toda divina : o Pay immovel, a Máy immovel : o Pay firme, a Máy constante : o Pay insensivel, a Máy como se não sentira : o Pay impassivel, a Máy como se o fora : & elle porque o era, ella porque o parecia. Oh Deos ! Oh mulher ! que chegasse huma mulher pela paciencia a onde chegou Deos pela impassivel-

Bona-  
ven..

passibilidade! *Per patientiam impassibilis*, diz S. Boaventura. Chame-se pois mulher, & não se chame Mãy, a que se portou, como se não fosse Mãy; & já que he mais que Mãy na constancia, seja mais que Mãy na graça.

Genes.  
28.14

310 A Abraham porque sacrificou seu filho, como se não fosse Pay, deuselhe por premio, que fosse Pay de Deos: *In semine tuo benedicentur omnes gentes*: á Senhora, que sacrificou seu Filho, como se não fosse Mãy, que premio se lhe havia de dar? Se não fora Mãy de Deos, derase-lhe de premio, que o fosse. Mas como já era Mãy de Deos, não lhe ficou a Deos outro premio, que lhe dar, senão que tivesse mais graça, que graça de Mãy de Deos. A Maternidade lhe deu graça de Mãy de Deos; a Cruz lhe deu mayor graça, que de Mãy de Deos: não se mede logo bem a sua graça pela Maternidade, senão pela Cruz; não pelo *Mater ejus*, senão pelo *Juxta Crucem*.

§. V.

311 Parece-me, que temos medido: segue-se agora, que pezemos. Ha cousas, que avultão muyto, & pezão pouco. Já temos visto, quam grande he a graça da Senhora; importa agora ver, quanto peza. Somos entrados na mais grave, & importáte materia, que se pôde tratar neste lugar: pezar a graça de Deos. Todas as vezes que considero a facilidade, com que os homens perdem a graça de Deos, o esquecimento della, com que vivem, & ainda o descuydo, com que morrem, não acho outra cauza a esta egueyra senam a falta do verdadeyro conhecimento, & não chegarem os homens a pezar, que cousa he graça de Deos. A graça de Deos he espirital, nós somos carne: a graça he sobrenatural, nós em tudo seguimos a natureza: a graça não se vê, não se ouve, não se apalpa, nós não sabemos perceber senão o que entra pelos sentidos. Daqui vem, que não pezamos a graça, nem a

Oo ij co-

conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos, nem sabemos pezar como convem. Isto quizera eu, que fizemos hoje. Mas que cousa ha no mundo de tanto pezo, que se possa pôr em balança com a graça de Deos? Se discorreramos por todos os estados do mundo, fora materia muyto proveytosa, mas infinita. Para a comprehendemos toda em termos breves, reduzilahey aos quatro estados, que hoje se achão ao pé da Cruz com Christo; a Virgem Maria: *Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus*: Maria Cleofé, & soror *Matrius ejus Maria Cleophæ*: Maria Magdalena; & *Maria Magdalene*; & o Discipulo amado; & *Discipulum stantem, quem diligebat*. Nestas quatro notaveis PESSOAS se achão as quatro cousas, que na opiniaõ dos homens costumão ser de mais pezo. Cada hum irá pondo em balança o que lhe couber. Comecemos por S. João.

312 O titulo porque se nos dá a conhecer S. João neste Evangelho, he, pelo seu valimento: *Quem diligebat*

*Jesus*. Valido do mayor Principe do mundo, valido do Rey dos Reys. Posto pois em balança o valimento do mayor Principe, posta em balança de hũa parte a graça dos Reys, & da outra a graça de Deos, qual peza mais? Se ouvermos de estar pelo juizo commum dos homẽs, mais peza a graça dos Reys. Digão-no aquelles, que tantas vezes por cõtentar aos Principes, atropelão a graça de Deos? Moyfês deyxou a graça del Rey Faraõ, por servir a Deos: mas vede o que diz São Paulo desta acção: *Magis Hebr. eligens affligi cum populo Dei, 11.25 quam temporalis peccati habere jucunditatem*: que Moyfês por amor de Deos desprezou o contentamento do peccado temporal. Notavel dizer! Chama o Apostolo á graça del Rey Faraõ peccado temporal. E he curiosidade digna de se averiguar a razão porque hum espirito tão bem entendido, como o de S. Paulo, deu á graça dos Reys este nome, & este sobrenome. Peccado, & temporal a graça dos Reys? Si: Chamase temporal, porque a gra-

a graça dos Reys nunca dura muyto tempo; & chamase peccado, porque assi como o peccado lança fóra da Alma a graça de Deos, assi a graça dos Reys, & a de Deos difficultosamente podem andar juntas. Quaes são as artes cõmummente dos que andão junto dos Reys? A lizonja, a ambição, a calumnia, a enveja, o chegar hum, & desviar outro, o levantar estes, & derrubar aquelles, o tratar da conservação propria, sem reparar na vida, na honra, no estado, na successão, na ruina alhea. E com isto pôde-se conservar a graça de Deos? Claro está, que não. Pois por isso a graça de Deos, & a dos Reys, ou não andão; ou difficultosamente podem andar juntas. Esta he, a meu juizo, a mayor desgraça dos Reys: que os que andão na sua graça, andão ordinariamente fóra da graça de Deos. O que se trata por mãos de quem anda fóra da graça de Deos, como o pôde ajudar Deos? Dirmeheis que si, que a graça dos Reys he peccado, & temporal, pois lho chama S. Paulo: mas que esse tempo, que

dura, não se pôde negar, que he peccado doce, & da casta d. quelles, que trazem grande gosto comfigo. O mesmo S. Paulo o disse: *Temporalis peccati habere jucunditatem*: não quiz ter o gosto do peccado temporal. Ora com todo esse gosto, olhemos bem para o fiel da balança, & veremos qual das duas graças peza mais.

313 A graça dos Principes não vos prégarey eu, que não he muyto pezada, & muyto contrapezada, mas he de muyto pouco pezo. Seja esta a primeira differença entre a graça de Deos, & a graça dos Reys. A graça de Deos he a cousa de mayor pezo, & não he pezada: a graça dos Reys he huma cousa, que peza muyto pouco, & he pezaadissima. A graça dos Reys para se conservar, quãtos cuydados custa? A graça de Deos he hum descuydo de tudo o mais, & só a podem offender outros cuydados. A graça dos Reys he hum alvo, a que se tirão todas as settas: a graça de Deos he hum escudo, que nos repara de todas. A graça dos Reys

muytas vezes he conveniencia, outras necessidades, algumas gosto, & sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deos, como Deos, não depende, nem ha mister, toda he amor. A graça dos Reys por muyto que levante ao valido, sempre o deyxna na esfera de vassallo: a graça de Deos sóbe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho, & á semelhança de si mesmo. A graça dos Reys não vos dá parte da coroa: a graça de Deos he participação de sua divindade. A graça dos Reys, ainda que deis o sangue por elles, não basta para a alcançardes: a graça de Deos, deu Deos o sangue por vós, só para vola dar. A graça dos Reys, se he grande, he de hum só; se he de mais que de hum, he pouca, & de poucos: a graça de Deos he de todos os q̃a querem; poem-lhe a medida o amor, & não a diminue a companhia. A graça dos Reys nem he para perto, nem para longe, porque de perto enfastiaes, de longe esqueceis: a graça de Deos nunca tem longes, & quanto estais mais

perto de Deos, tanto estais mais seguro na sua graça. A graça dos Reys he data da fortuna: a graça de Deos he <sup>314</sup> premio do merecimento; & esta só propriedade, quando não ouvera outra, bastava para a fazer de summa estima. A graça dos Reys, ainda que façais pela merecer, nem por isso a conseguis; antes muytas vezes a lograõ mais, os que a merecem menos: a graça de Deos, se fizerdes pela merecer, não vola pôde Deos negar. A graça dos Reys para ser mudavel, bastava fundarse em vontade humana; mas funda-se em vôtades coroadas, que como são as mais livres, são tambem as mais indifferentes, por não dizer as mais inconstantes: a graça de Deos fundase em vontade divina, que como não pôde errar a eleyção, não pôde mudar o affecto. A graça dos Reys poucas vezes dura tanto como a vida do valido, & quando dura quanto pode, acaba com a vida do Rey: a graça de Deos cresce na vida, & confirma-se na morte; da parte do homem he immortal, porque

que se funda na Alma; da parte de Deos he eterna, porque he graça de Deos. A graça dos Reys, dizem que he huma grande altura: a graça de Deos he certo, q̄ he posto muyto mais alto, & ainda que ambas estão juntas aos precipicios, da graça de Deos podeis cair, da graça dos Reys podenvos derrubar. A 315 graça dos Reys pôdevola tirar a calumnia; a graça de Deos só vola pôde tirar a culpa. Da graça, & da privança do Rey pôdevos tirar o Rey todas as vezes que quizer: a graça, & a privança de Deos, nem o mesmo Deos vola pôde tirar, sem vòs quererdes; & se quizerdes, ferà muyto a seu desprazer. A graça dos Reys depois de perdida não se recupera com rogos: a graça de Deos, se a perdeis, o mesmo Deos vos roga, que torneis a ella. Depois de perdida a graça dos Reys, fica o pezar sem remedio: depois de perdida a graça de Deos não he necessario outro remedio mais que o pezar; pezovos, estais outra vez na graça. A graça dos Reys dà-se aos ditozos, de

que depois se haõ de fazer os arrependidos: a graça de Deos dà-se aos arrependidos, que desde logo começaõ a ser ditozos; a ambas as graças anda junto o arrependimento, mas a dos Reys temno depois, a de Deos, antes. A graça dos Reys, he graça sem Sacramentos: a graça de Deos tem sete: tem Bautifmo para o innocente, & tem Penitencia para o culpado; tem Confirmação para a vida, & tem Extrema-Unção para a morte; tem Ordem para o Ecclesiastico, & tem Matrimonio para o leigo; & finalmente tem Communhão para todos. Sete portas nos deyxou abertas Deos para entrarmos á sua graça, & nenhum dos que entraõ por ellas as pôde fechar ao outro. Sõ em hũa cousa se parece a graça de Deos cõ a dos Reys, & he, que ambas mudão os homens: huns, & outros não são os que dantes erão; mas com esta differença: os que se vem na graça dos Reys, esquecem-se do que foraõ, & tambem se esquecem do que podem vir a ser: & os que andão na graça de Deos, de

nenhũa cousa se lembraõ, senão do que haõ de vir a ser, & nenhuma cousa lhes dá pena, senão a lembrança do que foraõ. Finalmente a graça dos Reys não pôde dar Paraizo; tiralo si: a graça de Deos he a que só dá o Paraizo, & só a falta della o Inferno.

316 Basta isto para provar, que a graça de Deos peza mais q̃ a graça dos Reys? Se ainda não basta, ajuntemos o fim com o principio. Se nos não basta como Christãos saber, que a graça dos Reys he o mayor risco da graça de Deos, bastenos como politicos saber, que a graça de Deos he a mayor segurança da graça dos Reys. Não ha graça dos Reys segura, senão fundada na graça de Deos. Joseph foy valido del Rey Faraõ, Daniel foy valido del Rey Dario, Aman foy valido del Rey Assuero: & que lhe aconteceu a estes validos? Joseph, & Daniel conserváraõ-se na graça; Aman não se conservou: porque? Porque a graça de Aman, fundava-se na vontade do Rey: a graça de Joseph, & Daniel,

fundaraõ-se na graça de Deos. Quando a graça dos Reys se funda na graça de Deos, nem ella pôde cair, nem outrem a pôde derrubar. Tanto peza a graça de Deos, que até a dos Reys leva apoz si.

## §. VI.

317 Tem pezado S. Joaõ: segue-se a Magdalena; mas que ha ella de pezar, que lhe não dá nada o Evangelho? S. Joaõ pezeu o *quem diligebat*, Maria Cleofé ha de pezar o *soror Matris*, a Senhora ha de pezar o *Mater ejus*, que he o que lhes dá o Evangelho: O Evangelho não dà nada á Magdalena, que ha de pezar? Isto mesmo ha de pezar, os seus nada. Aquelles nada, que tantas vezes pezáraõ mais para com ella, que a graça de Deos, effes haõ de vir à balança. Vòs os que tão seguidores sois da primeira vida da Magdalena, & tão pouco imitadores da segunda, pezay, pezay aqui os vossos nada, pezay bem os nada de vossas vaidades, os nada de vossos gostos, os nada de vossos appetes,

tes, os nadas desse amor, & engano cego, pelo qual tão facilmente desprezais a graça de Deos. Pôrme eu agora a provar, que a graça de Deos he cousa de mayor pezo que os gostos do appetite corrupto, & depravado, seria aggravo de nossa Fé, & de vosso entendimento: só vos hey de provar o que vós não credes, & he, que o gosto que causa a graça de Deos, ainda naturalmente he mayor sem comparação, que o gosto desses mesmos appetites; & não comparando graça com appetite, senão gosto com gosto.

O cazo parece difficuloso. Tomemos Juizes. Eu tomo por minha parte a S. Agostinho bem experimentado em huns, & outros gostos. Pela vossa parte concedovos, que tomeis a Epicuro, que he o mais apayxonado, & o mais subornado Juiz, que podeis ter. E que he o que diz, ou que sentença cada hum destes dous Juizes? S. Agostinho logo no principio da sua conversão, quando começou a experimentar a differença dos gostos da graça aos dos seus antigos divertimentos,

dizia assi: *Et quod admittere Antiquum gaudium fuerat, jam dimittere gustare gaudium erat.* Sabeis como me vay de gostos, depois que me vejo nesta nova vida? Comparando os gostos da passada com os da presente, vayme tão bem, que experimento hoje muyto mayor gosto, em deyxar, & carecer dos mesmos gostos, do que experimentava antigamente em os gozar. Grande ditto! O carecer não he nada, & com tudo Agostinho só no carecer dos gostos tinha mayor gosto, do que nunca experimentára, quando mais os gozava: porque os nadas dos gostos da graça, são mayores gostos que o tudo dos gostos do mundo.

318 Tem que dizer contra isto a Seyta de Epicuro? Ouvi a Lucrecio seu Discipulo: *Persuasio infernum esse, & vindicem Deum, nullam voluptatem puram, liquidamque relinquit.* Para que os gostos sejam puros, & sem mistura de pena, & de desgosto, he necessario, que os homens se persuadão primeyro, que Deos não tem justiça, nem castigo, nem ha Inferno. Estay

no cazó. Os Filofos Epicùros punhaõ a bemaventurança nos gostos desta vida: Este era o primeyro principio de sua Seyta: E o segundo qual era? Que havia Deos, mas que não tinha Providencia: & como não tinha Providencia, que não tinha justiça: como não tinha justiça, que não havia de haver Inferno. Oh que discurso tam discreto! O fundamento era errado; si, mas o discurso discretissimo. Fizeraõ conselho, ou concilio os Filofos Epicùros sobre os fundamentos, & principios, em que haviaõ de estabelecer a sua Seyta, & differaõ assi. Nòs podemos a bemaventurança nos gostos desta vida: gostos gozados com temor do Inferno, não podem ser gostos, nem podem dar gosto: Logo importanos, que na nossa Seyta neguemos o Inferno, & assi o fizerão. Ah si! E gostos gozados com fé, & temor do Inferno, não são gostos, nem dão gosto: Logo só na graça de Deos ha os verdadeyros gostos, porque só a graça de Deos nos pòde figurar o tenor do Inferno.

319 Senão credes, que ha Inferno, bem podeis chamar gostos aos vossos gostos, mas se tãdes fê, que ha Deos, que tem justiça, & que ha de haver Inferno, & tendes com tudo gosto nos vossos gostos; sois peores que Epicuro. Por honra de Deos, que mediteis hum pouco nesta doutrina, & considereis, se he bem, que hum Christo seja peor nas obras do que foy Epicuro nos dictames. A Magdalena tambem seguia esta Seyta: galas, vaidades, delicias, appetites, passatempos, gostos: E porque cuydais que deu tão grande volta á vida? Porque pezou, & poz em balança os gostos do mundo, & a graça de Deos, que dava por elles: & conheceo quam pouco pezavaõ os gostos, & de quanto pezo he a graça. Não vos peço, que não vendais a graça de Deos, como cada hora fazeis pelos nadas de vossos appetites; só vos peço, que a não vendais senão a pezo. Pezay primeyro o que dais: & o que recebeis. Esau vendeo o <sup>320</sup> morgado por huma escudella de lentilhas: & vede o que condena em Esau a Escritura:

Genes. ra: *Abijt parvi pendens, quod*  
 25-44 *primogenita vendidisset.* Ven-  
 deo hum morgado tão gran-  
 de por hum appetite tão vil, &  
 tão breve, & foyse sem pezar  
 o que fizera. Não lhe conde-  
 nou o vender, senão o não  
 pezar, porque se elle pezára,  
 elle não vendéra. Pezay, pe-  
 zay, & se não quereis pezar  
 vossos gostos com a graça de  
 Deos, ao menos pezay os  
 vossos gostos com os seus pe-  
 zares. Assi o fez a Magdale-  
 na, & por isso se achou hoje  
 ao pé da Cruz: *Et Maria*  
*Magdalene.*

## §. VII.

321 Maria Cleofè já sa-  
 beis, que ha de pezar o *Soror*  
*Matris ejus.* Nenhuma cou-  
 sa ha no mundo, que tanto  
 peze com os homens, & de  
 que elles tanto se prezem, &  
 desvaneção, como da nobre-  
 za do sangue. Se a nobreza,  
 & a graça, se as manchas do  
 sangue, & as manchas da  
 consciencia andáráo na mes-  
 ma reputação, estivera refor-  
 mado o mundo. Chama o  
 Evangelho a Maria Cleofè  
 irmã da Virgem Maria: *So-*

*ror Matris ejus*: não porque  
 fosse filha dos mesmos Pays  
 da Senhora, mas porque os  
 Hebreos chamavão irmãos  
 aos primos. Este parentesco,  
 que Maria Cleofè tinha com  
 Maria Máy de Deos, era a  
 mais calificada nobreza, que  
 nunca ouve no mundo; nam  
 por ser sangue legitimo de  
 David, & Reys de Israel, de  
 quem a Senhora descendia  
 por linha direita, mas por ser  
 sangue de Deos. E he de no-  
 tar, que a nobreza deste pa-  
 rentesco com Deos era do-  
 brada: porque como Chri-  
 sto não teve Pay na terra,  
 não tinha outra baronia, se-  
 não a de sua Máy. Por isso  
 graves Theologos quizeraõ  
 chamar á Virgem Maria não  
 simplesmente *Mater* como  
 as outras Máys, mas *Matri-*  
*pater*, que quer dizer Máy  
 Pay; para significar com a  
 singularidade; & novidade  
 deste nome a uniaõ sobera-  
 na deste dobrado parentes-  
 co de Pay, & Máy, que na  
 quelle novo, & inaudito my-  
 sterio contrahira com seu Fi-  
 lho a Máy de Deos Homem.  
 Tal era a nobreza de Cleofè.  
 Mas posta em balança de húa

parte toda esta nobreza, & da outra a graça de Deos, qual pezarà mais? Foy ventura, que ouvesse no Evangelho outro Príncipe de sangue, para que nos fizesse exemplo nesta duvida, porque a faltar elle, ainda que na balança se puzessem todos os quatro metais da Estatua de Nabuco, que era de sangue Imperial de todos os quatro costados: dos Emperadores Assyrios, dos Emperadores Persas, dos Emperadores Gregos, dos Emperadores Romanos: comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cleofé, não pezaria hum atomo.

322 O Príncipe de sangue, que digo, era S. João, que tinha o mesmo parentesco com Christo, que Cleofé com a Senhora. Notay agora a differença, com que S. João fallou de Cleofé, & de si. A Cleofé chama-lhe prima da Senhora: *Soror Matris ejus*: a si chama-se Discipulo amado de Christo: *Discipulus quem diligebat Jesus*. Pois se S. João era primo do Filho, assi como Cleofé era prima da Mãe; porque lhe chama

a ella prima, & a si nam se chama primo, senão amado? Porque estimou, & se prezou mais São João do titulo de amado, que do titulo de primo. O titulo de primo diz parentesco, o titulo de amado, diz graça: & em hum juizo tão claro, & tão alumiado como o de São João, peza muyto mais o estar em graça de Deos, que o ser parente de Deos. Ainda tomando a graça em razão de parentesco (oução isto os que por hum ponto de vaidade, a que chamaõ nobreza, não duvidão arriscar tantas vezes, & perder a graça de Deos) ainda tomando a graça em razão de parentesco, teve muyta razão S. João para estimar mais o parentesco da graça, que o parentesco do sangue. Porque? Porque pelo parentesco do sangue, era primo de Deos, em quanto Homem & pelo parentesco da graça, era filho de Deos, em quanto Deos. Assi o disse o mesmo S. João em dous lugares: *Dedit Joann. eis potestatem filios Dei fieri. 1. 12. Ut filij Dei nominemur, & s. Joann. mus.* He a graça essencialmen- 3. 1. te hũa participação tão alta, tão

tão sublime, & tão intima da mesma natureza divina, que não só se nos comunica por ella o nome, senão o verdadeyro ser de filhos de Deos: *Ut filij Dei nominemur, & simus.* E que nobreza de sangue ha no mundo, que se possa comparar com esta?

323 Profundamente o ponderou o mesmo Discipulo amado, não só por alluzão, senão por irrizão aos vossos sangues, de que tanto vos prezais: *Qui non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt.* Os regenerados pela graça, que receberão de Christo, de quem cuidais que descêdem? *Non ex sanguinibus:* não descendem lá dos vossos sangues, em que o que se desvanece de mais vermelho, se não sabe já de que cor he: não dos vossos sangues, em que se hum fio foy pintado de purpura, os quatro são tingidos em almagra: não dos vossos sangues, que quando se são tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado tem mistura de lodo, & dous quartos de Caim. Pois de quem descendem os que estão em graça? *Non ex sanguinibus, sed*

*ex Deo.* Descendem por antiguidade do Eterno, por grandeza do Omnipotente, por alteza do Incomprehenfivel, & por toda a nobreza, & ser daquelle, que só tem o ser de si mesmo, & dá o ser a todas as cousas: *Sed ex Deo nati sunt.* Peza bem esta balança? Oh quanto nella se pôde subir, & quanto se pôde descer! Vós os que tanto vos prezais dos altos nascimentos, se não estais em graça de Deos, descey, descey, & abatei os fumos, que o vosso escravo, se está em graça, he mais honrado que vós. E vós, a quem por ventura Deos, por vos fazer mayor favor quiz que nasceis humilde, nam vos desconsoleis, levantay o animo; que se estais em graça de Deos, fois da mais illustre nobreza, & da mais alta geração de quantas ha no mundo, & fóra do mundo; porque só o Filho de Deos se pôde gabar de ter tão bom Pay como vós. Sangue Real era Cleofé, porque era sangue de David, & de Salamão: sangue era com esmaltes de Divino, porque era sangue do sangue da Mãe de Deos:

mas todo esse fangue, & sua nobreza, posto em balança com a graça: *Inventus est minus habens*: peza menos, & tanto menos, que quasi nam tem pezo.

### §. VIII.

324 Ha mais que pezar com a graça? Tudo o que ha no Ceo, & na terra: *Mater ejus*: a dignidade de Mãe de Deos. A graça de Mãe de Deos já a medimos: agora havemos de pezar não a graça, senão a dignidade. Os que tantas vezes pizais a graça de Deos, os que tantas vezes fazeis degraço da graça de Deos, para subir ás dignidades do mundo, estay attentos, & ouvi agora. A dignidade mais soberana, mais sobrenatural, & mais divina, que cabe em pura criatura, he a dignidade de Mãe de Deos. Os Theologos lhe chamão dignidade em seu genero infinita, porque todo o outro nome he menor que sua grandeza. Posta pois em balança esta dignidade assi infinita, qual pezarã mais, a dignidade de Mãe de Deos; ou a gra-

ça? A dignidade de Mãe de Deos sempre anda junta com a graça, & muyta graça: mas separada a graça da dignidade, & a dignidade da graça; digo, que muyto mais peza a graça, que a dignidade. Ainda disse pouco. Muyto mais peza hum só grao de graça em qualquer homem, que toda a dignidade de Mãe de Deos. Não me atrevêra a dizer tanto, se não tivera por fiador desta portentosa verdade o mesmo Filho de Deos, que fez a Virgem Mãe sua. Exclamou a mulher das Turbas: *Beatus venter, qui Luc. te portavit*. Bemaventurada a Mãe, que trouxe nas entranhas tal Filho, Respondeo o Senhor: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*. Antes te digo, que mais bemaventurados são os que ouvem a palavra de Deos, & a guardaõ. S. Agostinho comparou a Maternidade da Virgem com a graça da mesma Virgem: & diz, que foy mais bemaventurada pela graça, que pela Maternidade: *Beatior fuit Maria concipendo mente, quam venter; felicius gestavis corde,*

Aug.

corde, quam carne. Mas Christo não faz a comparação entre a dignidade da Mãy, & a graça da Mãy, senão entre a dignidade da Mãy, & a graça de qualquer homem, que guarda seus Mandamentos: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.* Pois Filho de Deos, & da Virgem Maria, a graça de qualquer homem, he mayor felicidade, he mayor dita, he mayor bem, que a felicidade, & a dignidade infinita de fer Mãy vossa? Separada essa dignidade da graça (como a mulher das Turbas a considerava) si. E senão, vedeo nos effeitos da mesma dignidade, & da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fella Mãy, mas a graça fella Rainha; mas a graça fella santa: a dignidade levantou-a sobre todas as criaturas; mas a graça unio-a ao mesmo Criador: a dignidade fez, que ella cõmunicasse a Deos o que Deos tem de Homem; a graça fez, que Deos lhe cõmunicasse a ella o que Deos tem de Deos: *Communicasti mihi, quod homo sum; commu-*

*nicabo tibi, quod Deus sum: Cur-*  
diz Guerrico Abbade. 116.

326 Quereis agora ver esta mesma soberania na graça de cada hum de vòs? Ouvi com affombro ao grande Agostinho, não já comparando a dignidade de Mãy de Deos com a sua graça senão a graça de qualquer homem com a dignidade de Mãy de Deos: *Maternum nomen etiam Aug. in Virgine est terrenum in comparatione celestis propinquitatis, quam illi contrahunt, qui voluntatem Dei faciunt.* O nome, & dignidade de Mãy de Deos, ainda posto na Virgem Maria, he hum nome, & titulo terreno, em comparação da alteza celestial, & divina, a que se levantão por meyo da graça, & uniaõ com Deos, os que fazem sua vòtade. Notay muyto esta universal: *Qui voluntatem Dei faciunt.* De maneira, que a graça de qualquer criatura humana, que faz a vontade de Deos, por vilissima que seja em tudo o mais, he mayor bem, & mayor felicidade, & de mayor pezo, & preço, que a mesma dignidade de Mãy de Deos, & não

em outrem, senão na mesma Virgem Maria : *Etiam in Virgine*. Pòde haver cousa de mayor admiração, & de mayor consolação, para os que estão em graça de Deos, & de mayor confuzaõ, para os que a perdem, & de mayor desesperaçaõ, para os que estão no Inferno, & já a não pòdem recobrar ? Entendamos bem este ponto, Christãos. Estay comigo. A dignidade de Mãy de Deos he hum poder tão soberano, & supremo, que domina a todos os homens, a todos os Reys, & Monarchas do mundo, que domina a todos os Anjos, & a todas as Jerarquias, & que até ao mesmo Deos, em quanto Filho, tem obediente, & sogeyto : *Et erat subditus illis*. A dignidade de Mãy de Deos, he huma alteza tão sublime, tão remontada, & tão incomprehensível, que nem a pòdem conceber os entendimentos humanos, nem a pòdem alcançar os entendimentos Angelicos, & Seraficos, nem o entendimento da mesma Virgem Maria a pòde comprehender, porque só Deos, que se comprehende

Luc. 2  
51.

a si mesmo, pòde comprehender, & conhecer cabalmente o que he ser Mãy de Deos. Finalmente a dignidade de Mãy de Deos, he de tal maneira a ultima raya da Omnipotencia Divina, que não havendo cousa no mundo, que não possa Deos fazer outras sempre mayores, & melhores em infinito, mayor, & melhor Mãy não a pòde Deos fazer. E sendo tão infinitamente grande, & tão impossivelmente mayor, & melhor que todas esta dignidade de Mãy de Deos, posto em balança da outra parte hum só grao de graça de Deos, peza mais esta pequena graça, que toda aquella immensa dignidade.

327 Quem me dera agora húa voz, que se ouvira em todas as Cortes do mundo, com que confundira não já a ambição, senão a pouca fé dos que tão louca, & cegamente traz fóra de si a pertençaõ daquelles nomes vazios, a que o mundo bruto, & vil chama dignidades ! Tantos trabalhos, tantos cuydados, tantos desvellos, tantas diligências, tãtas negociações, tantos

tantos sobornos, tantas lisonjas, tantas adorações, tantas indignidades, tanto atropellar a razão, a justiça, a verdade, a consciência, a honra, & a vida. E porque? Por alcançar a vaidade de hum posto, de hum lugar, de hum titulo, de hum nome, de hũa apparencia: & no mesmo tempo entra a velhinha por aquella Igreja, toma Agoa benta com piedade Christãã, & por aquelle acto de Religião tão leve aquire hum grao de graça, que peza mais que todos os lugares, que todas as honras, que todos os titulos, que todas as dignidades do mundo, ainda que seja a dignidade de Mãy de Deos: *Mater ejus*. Credes isto, Christãos, ou não o credes? O certo he, que, ou não temos fé, ou muyto fraca.

## §. IX.

328 Mas que hemos de fazer para acabar de pezar, como convem, a graça de Deos? S. João pezou o valimento, a Magdalena as delicias, Maria Cleofê a nobreza, a Mãy de Deos as dignidades; & nada disto faz pendor á balança: que hemos de

fazer? Ainda temos no Evangelho hũa quinta pessoa, que só lhe seube, & lhe pôde dar à graça o pezo, que ella tem: *Stabat juxta Crucem JESU*: Jesu he o que soube, & pode pezar a graça de Deos. Sabeis quãto peza a graça de Deos? Peza a Deos posto em huma Cruz. Deos posto em huma Cruz, he o preço, & o pezo justo da graça de Deos, & não ha outro. O fim para que Deos se poz em huma Cruz, não ha duvida, que foy para nos merecer a graça. Assi o ensina a Fé, & a Theologia, a qual tambem ensina, que podia Deos darnos a graça por outros modos. Pois se Deos nos podia dar graça por outros modos, porque nola quiz dar, pondo-se em hũa Cruz? Ouvi a razão a Eusebio Emisseno: *In trutina Crucis se ipsum Author salutis passus est appendi, ut homini, qui ab statu gratie degeneraverat, dignitatem suam ostenderet pretij magnitudo*. Sabeis, diz Emisseno, para que se quiz pôr Deos na balança da Cruz: *In trutina Crucis*? Para que posta de hũa parte a graça, que o ho-

Euseb.  
Emiss.

mem perdèra , & doutra todo Deos , que com o preço da sua vida , & do seu sangue lha comprava , entendesse o homem de quanto pezo he a sua graça. He de tanto pezo , que só com Deos se pôde cõtrapezar. Ponde naquella balança Reynos , ponde Corroas , ponde Cetros , ponde Imperios , ponde Monarchias , ponde tudo , o que pôde dar a Natureza , & tudo o que pôde dar a Fortuna , ponde o mundo , ponde mil mundos , ponde o mesmo Ceo com sua gloria ; nada disto faz pendor em comparação da graça , que tão facilmente perdemos. Posta em balança a graça , só Deos pôde igualar as balanças. E se não vejase em tudo o mais pela differença do que lhe custa.

329 Os bês deste mundo , ou são bens da Natureza , ou bens da Fortuna , ou bens da Gloria , ou bens da Graça. Os bens da Natureza , custarãõ-lhe a Deos hũa palavra de sua Omnipotencia , com que os criou : os bens da Fortuna custarãõ-lhe hum aceno de sua Providencia , com que os reparte : os bens da Gloria

custarãõ-lhe huma vista de sua Effencia , com que se communica : & os bens da Graça , que lhe cultarãõ ? Diga-o a Cruz ; custarãõ a vida de Deos , custarãõ o sangue de Deos , custarãõ a Alma de Deos , custarãõ a Divindade de Deos , custarãõ a honra de Deos. Peza muyto a graça de Deos ? Pois ainda ha outra couza no mundo , que peza mais que ella. E qual he ? Qualquer dos vossos appetites. Nas balanças da Cruz peza tanto a graça como Deos : nas balanças do juizo humano , qualquer appetite peza mais que Deos ; & que a sua graça. Dizey-o vòs , quantas vezes dais a Deos , & a graça por hum appetite : *O' mendaces filij hominum in stateris ?* Oh homens , diz o Profeta , como sois falsos nas vossas balanças ? As balanças não são as falsas , porque a fé , & o entendimento bem sabe conhecer quanto peza mais que tudo a graça de Deos : mas os homens são os falsos ás balanças , mentindose , & enganandose a si mesmos com a verdade á vista : *Mendaces filij hominum in stateris.* He possível

*Psalm.*  
61.10

sivel, que Deos te ha de dar a si mesmo pela graça, para nos levar ao Ceo, & que nós havemos de dar a Deos, & a graça pelo peccado, que nos leva ao Inferno? Já que não amamos a graça pela graça, já que não tememos o peccado pelo peccado, nam amaremos a graça pela gloria, não temeremos o peccado pelo Inferno?

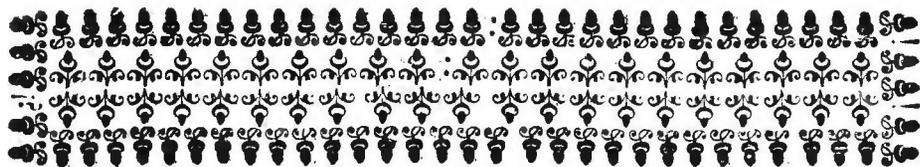
330 Bem sey, que estais dizendo dentro em vós mesmos, que ainda que agora estais em peccado, nem por isso ireis ao Inferno, porque depois vos haveis de pôr em graça. Ah cegueira, ah miseria, ah tentação infernal! Todos os Christãos, que estão no Inferno, fizeram essa mesma consideração, todos tiverão essa mesma esperança, & com ella se condenarão. E quem vos disse a vós, que vos não succederá o mesmo? Muytos estão no Inferno, que fizeram menos peccados que vós, & com tudo não se restituíram á graça. Pois se os vossos peccados são maiores, como esperais, que haveis de alcançar tão facil-

mente, o que elles não alcançaram? Christãos da minha Alma, Almas remidas, com o sangue de Christo, não persistamos nesta cegueira hum momento, que vejo, que nos imos ao Inferno sem remedio. Se a Senhora da Graça como Mãe de graça; & de misericordia vos dá nesta hora hũa boa inspiração, lançay mão della, não a dilateis. Se estais escravo do Demonio pelo peccado, fazeyvos filho da Mãe de Deos pela graça, & seja nesta mesma hora, como fez o Evangelista: *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in suam.* Nesta mesma hora fazey huma resolução muyto animosa, nesta mesma hora detestay vossos peccados, nesta mesma hora deliberey de deyxar, & deyxay com effeyto todas as occasioens delles. E torno a dizer, que seja nesta hora; porque a graça de Deos tem horas, & a morte tambem tem hora, & nam sabemos quando ferá. Movanos a fermosura da mesma graça, movanos a Bemaventurança da Gloria, que se nos

promete por ella, movanos a eternidade do Inferno, onde havemos de ir arder, se a desprezamos, & movanos enfim o preço, que

Christo Jesu deu por ella; o sangue de Jesu, a vida de Jesu, a Alma de Jesu, a morte, & a Cruz de Jesu: *Stabat juxta Crucem JESU.*





# S E R M A M DE S. ANTONIO.

P R E G A D O

Na Cidade de S. Luis do Maranhão, anno de 1654.

*Este Sermaõ ( que todo he allegorico ) prègou o Autor tres dias antes de se embarcar occultamente para o Reyno, a procurar o remedio da salvação dos Indios, pelas causas que se appontão no 1. Sermaõ do 1. Tomo. E nelle tocou todos os pontos de doutrina ( posto que perseguida ) que mais necessarios erãõ ao bem espiritual, & temporal daquella terra, como facilmente se pòde entender das mesmas allegorias.*

*Vos estis sal terra. Metth. 5.*

§. I.



331

Os, diz Christo Senhor nosso, falando com os Prègadores, sois o sal da terra : & chama-lhe sal da terra, porque quer (que fação na terra, o que faz o sal. O effeito do sal he impedir a cor-

rupção, mas quando a terra se vê taõ corrupta como está a nossa, havendo tantos nella, que tem officio de sal, qual ferá, ou qual pòde fer a causa desta corrupção ? Ou he porque o sal não salga, ou porque a terra se não deyxá salgar. Ou he porque o sal não salga, & os Prègadores não

Qq iij prè

prêgação a verdadeyra doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, & os ouvintes, sendo verdadeyra a doutrina, que lhe dão, a não querem receber: ou he porque o sal não salga, & os Prêgadores dizem hũa cousa, & fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, & os ouvintes querem antes imitar o que elles fazem, que fazer o que dizem: ou he porque o sal não salga, & os Prêgadores se prêgão a si, & nam a Christo; ou porque a terra se não deixa salgar, & os ouvintes em vez de servir a Christo, servem a seus appetites. Não he tudo isto verdade? Ainda mal.

Supposto pois, que, ou o sal não salgue, ou a terra se não deyxer salgar; que se ha de fazer a este sal, & que se ha de fazer a esta terra? O que se ha de fazer ao sal, que não salga, Christo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur! Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, & conculcetur ab hominibus.* Se o sal perder a substancia, & a virtude, & o Prêgador faltar á doutrina, & ao

exemplo; o que se lhe ha de fazer, he lançalo fóra como inutil, para que seja pizado de todos. Quem se atrevéra a dizer tal cousa, se o mesmo Christo a não pronunciára? Assi como não ha quem seja mais digno de reverencia, & de ser posto sobre a cabeça, que o Prêgador, que ensina, & faz o que deve; assi he merecedor de todo o desprezo, & de ser metido debayxos dos pés, o que com a palavra, ou com a vida prêga o contrario.

332 Isto he o que se deve fazer ao sal, que não salga. E á terra, que senão deixa salgar, que se lhe ha de fazer? Este ponto não resolveo Christo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre elle a resolução do nosso grande Portuguez S. Antonio, que hoje celebramos; & a mais galharda, & gloriosa resolução, que nenhum Santo tomou. Prêgava S. Antonio em Italia na Cidade de Arimino contra os Hereges, que nella eram muytos; & como erros de entendimento são difficilios de arrancar, não só não fazia fruto o Santo, mas chegou

*Matt.*  
6.13.

gou o Povo a se levantar contra elle, & faltou pouco, para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste cazo o animo generoso do grande Antonio? Sacudiria o pò dos çapatos, como Christo aconselha em outro lugar? Mas Antonio com os pès descalços não podia fazer esta pro-  
 testação, & huns pès, a que se não pegou nada da terra, não tinhaõ que sacudir. Que faria logo? Retirarsehia? Calarsehia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria por ventura a prudencia, ou a covardia humana; mas o zelo da gloria divina, que ardia naquelle peyto, não se rendeo a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou sómente o pulpito, & o auditorio, mas não desistio da doutrina. Deyxa as praças, vayse às prayas, deyx-a a terra, vayse ao mar, & começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçaõ-me os peyxes. Oh maravilhas do Altissimo! Oh poderes do que criou o mar, & a terra! Començaõ a ferver as ondas, começaõ a concorrer os peyxes,

os grandes, os mayores, os pequenos, & postos todos por sua ordem com as cabeças de fóra da agua, Antonio prégava, & elles ouviaõ.

333 Sea Igreja quer que prèguemos de Santo Antonio sobre o Evangelho, denos outro. *Vos estis sal terra.* He muyto bom Texto para os outros Santos Doutores: mas para Santo Antonio vem-lhe muyto curto. Os outros Santos Doutores da Igreja foraõ sal da terra, S. Antonio foy sal da terra, & foy sal do mar. Este he o assumpto, que eu tinha para tomar hoje. Mas ha muytos dias, que tenho metido no pensamento, que nas festas dos Santos he melhor prègar como elles, que prègar delles. Quanto mais, que o saõ da minha doutrina, qualquer que elle seja, tem tido nesta terra hũa fortuna raõ parecida à de Santo Antonio em Arimino, que he força seguilha em tudo. Muytas vezes vos tenho prègado nesta Igreja, & noutras de manhaã, & de tarde, de dia, & de noite, sempre com doutrina muyto clara, muyto solida, muyto verdadeyra,

&

& a que mais necessaria, & importante he a esta terra, para emenda, & reforma dos vicios, que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, & se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado delle, vòs o sabeis, & eu por vòs o sinto.

Isto supposto, quero hoje á imitação de S. Antonio voltar-me da terra ao mar, & já q̃ os homẽs se não aproveytaõ, prègar aos peyxes. O mar está tão perto, q̃ bem me ouviráõ. Os de mais pòdem deixar o Sermão, pois não he para elles. Maria, quer dizer *Domina maris*: Senhora do mar: & posto que o assumpto seja tão defuzado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria.*

## §. II.

334 Emfim, que havemos de prègar hoje aos peyxes? Nunca peor auditorio. Ao menos tem os peyxes duas boas calidades de ouvintes: ouvem, & não fallaõ. Hũa só couza podéra desconfolar ao Prègador, que he serem gente os peyxes, que se não ha de

converter. Mas esta dor he tão ordinaria, que já pelo costume quasi se não sente. Por esta causa não fallarey hoje em Ceo, nem Inferno: & assi será menos triste este Sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre á lembrança destes dous fins.

335 *Vos estis sal terræ.* Haveis de saber, irmãos peyxes, que o sal filho do mar como vòs, tem duas propriedades, as quaes em vòs mesmos se experimentaõ: conservar o saõ, & preservalo, para que senão corrompa. Estas mesmas propriedades tinhaõ as prègações do vosso Prègador S. Antonio, como tambem as devem ter as de todos os Prègadores. Hũa he louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conservar, & reprehender o mal, para preservar delle. Nem cuydeis, que isto pertence só aos homens, por que tambem nos peyxes tem seu lugar. Assi o diz o grande Doutor da Igreja Saõ Basilio: *Non carpere solum, reprehendere que possimus pisces; sed sunt in illis, & que prosequenda sunt.*

S. BA-  
fil.

*sunt imitatione.* Não só ha que notar, diz o Santo, & que reprehender nos peyxes, senão tambem que imitar, & louvar. Quando Christo comparou a sua Igreja á rede de pescar, *Sagenæ missæ in mare*, diz que os pescadores recolherão os peyxes bons, & lançarão fóra os mãos: *Collegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt.* E onde ha bons, & mãos, ha que louvar, & que reprehender. Supposto isto, para que procedamos com clareza, dividirey, peyxes, o vosso Sermão em dous pontos: no primeyro louvarvos-hey as vossas virtudes, no segundo reprehendervos-hey os vossos vicios. E desta maneyra fatisfaremos às obrigaçoens do fal, que melhor vos está ouvilas vivos, que experimentalas depois de mortos.

336 Começando pois pelos vossos louvores, irmãos peyxes; bem vos podèra eu dizer, que entre todas as criaturas viventes, & sensitivas, vòs fostes as primeiras, que Deos criou. A vòs criou primeyro que as aves do ar, a vòs primeyro que aos ani-

maes da terra, & a vòs primeyro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deos a monarchia, & dominio de todos os animaes dos tres elementos, & nas provizões, em que o honrou com estes poderes os primeyros nomeados forão os peyxes: *Ut præsit piscibus mari, & volatibus Cæli, & bestijs, universæque terræ.* Entre todos os animaes do mundo, os peyxes são os mais, & os peyxes os mayores. Que comparação tem em numero as especies das aves, & as dos animaes terrestes com as dos peyxes? Que comparação na grandeza o Elefante com a Balea? Por isso Moysés Chronista da criação, callando os nomes de todos os animaes, só a ella nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia.* E os tres musicos da fornalha de Babilonia o cantaraõ tambem como singular entre todos: *Benedicite cete, & omnia quæ moventur in aquis Domino.* Estes, & outros louvores, estas, & outras excellencias de vossa geração, & grandeza vos podèra dizer, o peyxes; mas isto he lá para os homẽs,

que se deyxão levar destas vaidades, & he tambem para os lugares, em que tem lugar a adulação, & não para o pulpito.

337. Vindo pois, irmãos, ás vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor; a primeira, que se me offerrece aos olhos hoje, he aquella obediencia, com que chamados acudistes todos pela honra de voffo Criador, & Senhor, & aquella ordem, quietação, & attenção, com que ouvistes a palavra de Deos da boca de feu servo Antonio. Oh grande louvor verdadeyramente para os peyxes, & grande afronta, & confusão para os homens! Os homens perseguindo a Antonio, querendo-o lançar da terra, & ainda do mundo, se podessem, porque lhe reprehendia feus vicios, porque lhe não queria fallar à vontade, & condescender com feus erros; & no mesmo tempo os peyxes em innumeravel concurso acudindo á sua voz, atentos, & suspensos ás suas palavras, escutando com silencio, & com sinaes de admiração, & assen-

so ( como se tiverão entendimento ) o que não entendiaõ. Quem olhasse neste passo para o mar, & para a terra, & visse na terra os homens tão furiosos, & obstinados, & no mar os peyxes tão quietos, & tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuydar, que os peyxes irrationaes se tinham convertido em homens, & os homens não em peyxes, mas em feras. Aos homens deu Deos uzo de razão, & não aos peyxes: mas neste cazo os homens tinham a razão sem o uzo, & os peyxes o uzo sem a razão. Muito louvor mereceis, peyxes, por este respeito; & devação, que tivesseis aos Prêgadores da palavra de Deos, & tanto mais quanto não foy só esta a vez, em que assi o fizestes. Hia Jonas Prêgador do mesmo Deos embarcado em hum navio; quando se levantou aquella grande tempestade; & como o tratáraõ os homẽs, como o tratârão os peyxes? Os homens lançaraõ-no ao mar a ser comido dos peyxes, & o peyxe, que o comeo, levou-o às prayas de Ninive, para que lá prêgasse, & sal-

vasse

vaffe aquelles homens. He possível, que os peyxes ajudão á salvação dos homens, & os homens lanção ao mar os ministros da salvação? Vede peyxes, & não vos venha vangloria, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiverão entranhas para deytar Jonas ao mar, & o peyxe recolheo nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

338 Mas porque nestas duas acções teve mayor parte a Omnipotencia, que a natureza ( como tambem em todas as milagrosas, q̄ obraõ os homens ) passo ás virtudes naturaes, & proprias vofas. Fallando dos peyxes Aristoteles, diz, que só elles entre todos os animaes se nam domão, nem domesticão. Dos animaes terrestes o cão he tão domestico, o cavallo tão fogueito, o boy tão feryçal, o bogio tão amigo, ou tão lisongeiro, & até os leoens, & os tygres com arte, & beneficios se amañão. Dos animaes do ar afora aquellas aves, que se criaõ, & vivem comnosco, o papagayo nos falla, o rouxinol nos canta, o

açor nos ajuda, & nos recrea; & até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peyxes pelo contrario lá se vivem nos seus mares, & rios, lá se mergulhão nos seus pègos, là se escondem nas suas grutas, & não ha nenhum tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que nam fuja delle. Os Authores communmente condenaõ esta condição dos peyxes, & a deytaõ à pouca docilidade, ou demaziada bruteza; mas eu sou de muy diferente opinião. Não condeno, antes louvo muyto aos peyxes este seu retiro, & me parece, que se não fora natureza, era grãde prudencia. Peyxes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor: trato, & familiaridade com elles, Deos vos livre. Se os animaes da terra, & do ar querem fer seus familiares, façaõ-no muyto embora, que com suas pensoens o fazem. Cante-lhe aos homens o roixinol, mas na sua gayola: diga-lhe ditos o papagayo, mas na sua cadea: vã com elles à caça o açor, mas

nas suas piozes: faça-lhe bufonarias o bogio, mas no feu cepo: contente-se o cão de lhe roer hum osso, mas levado onde não quer pela trella: prezese o boy de lhe chamarrem fermoso, ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado, & pelo carro: glorie-se o cavallo de mastigar freyos dourados, mas debayxo da vara, & da espòra: & se os tygres; & os leoens lhe comem a reção da carne, que não caçaráo no bosque, sejão prezos, & encerrados com grades de ferro. E entretanto, vòs peyxes, longe dos homens, & fóra dessas cortezanías vivireis só com vosco, si, mas como peyxe na agua. De caza, & das portas a dentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque ha Filosofos, que dizem, que não tendes memoria.

339 No tempo de Noè succedeo o Diluvio, que cobrio, & alagou o mundo: & de todos os animaes; quaes livraráo melhor? Dos leoens escaparáo dous, leão, & leoa, & assi dos outros animaes da

terra: das aguias escaparáo duas, femea, & macho, & assi das outras aves. E dos peyxes? Todos escaparáo: antes não só escaparáo todos, mas ficárao muyto mais largos que dantes, porque a terra, & o mar, tudo era mar. Pois se morrêrao naquelle universal castigo todos os animaes da terra, & todas as aves; porque não morrêrao tambem os peyxes? Sabeis porque? Diz Santo Ambrosio; porque os outros animaes como mais domesticos, ou mais vizinhos, tinhao mais communicação com os homens; os peyxes viviao longe, & retirados delles. Facilmente podêra Deos fazer, que as aguas fossẽm venenosas, & matasem todos os peyxes, assi como afogaráo todos os outros animaes. Bem o experimentais na força daquellas ervas, com que inficionados os poços, & lagos, a mesma agua vos mata; mas como o Diluvio era hum castigo universal, que Deos dava aos homens por seus peccados, & ao mûdo pelos peccados dos homens; foy altíssima providencia da divina

Justiça, que nelle ouvesse esta diversidade, ou distincão; para que o mesmo mundo visse, que da companhia dos homẽs lhe viera todo o mal: & que por isso os animaes, que viviaõ mais perto delles, forão tambem castigados, & os que andavão longe, ficãrão livres. Vede, peyxes, quam grande bem he estar longe dos homens. Perguntado hum grande Filosofo, qual era a melhor terra do mundo, respondeo, que a mais deserta; porque tinha os homens mais longe. Se isto vos prègou tambem S. Antonio, & foy este hum dos beneficios, de que vos exortou a dar graças ao Criador, bem vos podera allegar comfigo, que quanto mais buscava a Deos, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deyxou a caza de seus Pays, & se recolheo, ou acolheo a huma Religiaõ, onde professasse perpetua claufura. E porque nem aqui o deyxavão, os que elle tinha deyxado, primeyro deyxou Lisboa, depois Coimbra, & finalmente Portugal. Para fugir, & se esconder dos homẽs,

mudou o Habito, mudou o nome, & atè a si mesmo se mudou; occultando sua grande sabedoria debaixo da opiniaõ de idiota, com que não fosse conhecido, nem buscado, antes deyxado de todos, como lhe succedeo com seus proprios irmãos no Capitulo Gèral de Assis. Dalli se retirou a fazer vida solitaria em hum ermo, do qual nunca sahira, se Deos como por força o não manifestára, & por fim acabou a vida em outro deserto tanto mais unido com Deos, quanto mais apartado dos homẽs.

### §. III.

340 Este he, peyxes, em commum o natural, que em todos vòs louvo, & a felicidade, de que vos dou o parabem não sem enveja. Descendo ao particular, infinita materia fora, & se ouvera de diffcorrer pelas virtudes, de que o Autor da Natureza a dotou, & fez admiravel em cada hum de vòs. De alguns sómente farey menção. E o que tem o primeyro lugar entre todos, como tão celebrado

brado na Escriitura, he aquelle Santo Peyxe de Tobias, a quem o Texto Sagrado nam dá outro nome, que de grande, como verdadeiramente o foy nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Hia Tobias caminhando com o Anjo S. Rafael, que o acompanhava, & descendo a lavar os pès do põ do caminho nas margens de hum rio: eisqui o enveste hum grande Peyxe com a boca aberta, em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o Anjo lhe disse, que pegasse no Peyxe pela barbatana, & o arrastasse para terra, que o abrisse, & lhe tirasse as entranhas, & as guardasse, porque lhe haviaõ de servir muyto. Fel-lo assi Tobias, & perguntando que virtude tinhaõ as entranhas daquelle Peyxe, que lhe mandára guardar, respondeo o Anjo, que o fel era bom para farar da cegueira, & o coração para lançar fóra os Demonios: *Cordis*

*Tob. 6 ejus particulam, si super carbones ponas, fumus ejus extricat omnigenus Daemoniorum: & fel valet ad unguendos ocu-*

*los, in quibus fuerit albugo, & sanabuntur.* Assi o disse o Anjo, & assi o mostrou logo a experiencia, porque sendo o Pay de Tobias cego, applicando-lhe o filho aos olhos hum pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista: & tendo hum Demonio chamado Asmodeo morto sete maridos a Sara, cazou com ella o mesmo Tobias; & queimando na caza parte do coração, fugio dalli o Demonio, & nunca mais tornou. De sorte, que o fel daquelle Peyxe tirou a cegueira a Tobias o velho, & lançou os Demonios de caza a Tobias o moço. Hum Peyxe de tão bom coração, & de tão proveitoso fel, quem o não louvará muyto? Certo que se a este Peyxe o vestiraõ de burel, & o atáraõ com hũa corda, pareceria hum retrato marítimo de S. Antonio. Abria S. Antonio a boca contra os Hereges, & enviava-se a elles, levado do fervor, & zelo da Fè, & gloria divina. E elles que faziaõ? Gritavaõ como Tobias, & assombravaõ-se com aquelle homem, & cuydavaõ, que os queria comer. Ah homens, se ouvesse

vesse hum Anjo, que vos revelasse, qual he o coração desse homem, & esse fel, que tanto vos amarga, quam proveitoso, & quam necessario vos he! Se vòs lhe abrisseis esse peyto, & lhe visseis as entranhas; como he certo, que havieis de achar, & conhecer claramête nellas, que só duas couzas pretende de vòs, & com vosco: huma he alumiar & curar vossas cegueyras, & outra lançarvos os demonios fóra de caza. Pois a quem vos quer tirar as cegueyras, a quem vos quer livrar dos demonios, perseguis vòs? Sò hũa differença havia entre S. Antonio, & aquelle Peyxe: que o Peyxe abriu a boca contra quem se lavava, & S. Antonio abria a sua contra os que se não querião lavar. Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos podèra agora dizer neste cazo! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah si, que me não lembrava! Eu não vos prègo a vòs, prègo aos peyxes.

341 Passando dos da Escriptura aos da Historia natural, quem haverá, que não

louve, & admire muyto a virtude tão celebrada da Remora? No dia de hum Santo Menor, os peyxes menores devem preferir aos outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquelle peyxezinho tão pequeno no corpo, & tão grande na força, & no poder, que não sendo mayor de hum palmo, se se pega ao leme de hũa Náo da India, apezar das velas, & dos ventos, & de seu proprio pezo, & grandeza, aprende, & amarra mais, que as mesmas ancoras, sem se poder mover, nem ir por diante. Oh se ouvera huma Remora na terra, que tivesse tãta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida, & que menos naufragios no mundo! Se alguma Remora ouve na terra, foy a lingua de S. Antonio, na qual como na Remora se verifica o verso de S. Gregorio Nazianzeno: *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit.* O Apóstolo Santiago naquella sua eloquentissima Epistola compara a lingua ao leme da Náo, & ao freyo do cavallo. Huma, & outra comparação

juntas declaraõ maravilhosamente a virtude da Remora, a qual pegada ao leme da Nào he freyo da Nào, & leme do leme. E tal foy a virtude, & força da lingua de Santo Antonio. O leme da natureza humana he o alvedrio, o Piloto he a razão: mas quam poucas vezes obedecem à razão os impetos precipitados do alvedrio? Neste leme porém tão desobediente, & rebelde mostrou a lingua de Antonio quanta força tinha, como Remora, para domar, & parar a furia das payxoens humanas. Quantos correndo Fortuna na Nào Soberba cõ as velas inchadas do vento, & da mesma soberba ( que tambem he vento ) se hiaõ desfazer nos bayxos, que já reben-tavão por proa, se a lingua de Antonio como Remora não tivesse mão no leme, até que as velas se amaynassem, como mandava a razão, & cessasse a tempestade de fóra, & a de dentro? Quantos embarcados na Nào Vingança com a artelheria abocada, & os botafogos acezos, corriaõ infunados a dar-se batalha, onde se queimariaõ, ou deytariam

apique, se a Remora da lingua de Antonio lhe não detivesse a furia, até que composta a ira, & odio, com bandeyras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos navegando na Nào Cobiça sobre carregada até as gaveas, & aberta com o pezo por todas as costuras, incapaz de fugir, nem se defender, dariaõ nas mãos dos Cossarios com perda do que levavaõ, & do que hiaõ buscar, se a lingua de Antonio os não fizesse parar, como Remora, até que aliviados da carga injusta, escapassem do perigo, & tomassem porto? Quantos na Nào Sensualidade, que sempre navega com sarracão, sem Sol de dia, nem Estrella de noyte, enganados do canto das Sereas, & deyxandose levar da corrente, se iriaõ perder cegamente, ou em Scilla, ou em Caribdes, onde não apparecesse Navio, nem navegante, se a Remora da lingua de Antonio os não contivesse, até que esclarecesse a luz, & se puzessem em via. Esta he a lingua, peyxes, do vosso grande Prègador, que tambem foy Remora

mora vossa, em quanto o ouvistes; & porque agora está muda ( posto que ainda se conserva inteira ) se vem, & choraõ na terra tantos naufragios.

342 Mas para que da admiração de huma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor, ou enveja de outra não menor; admiravel he igualmente a qualidade daquelloutro peixezinho, a q̃ os Latinos chamãrão Torpèdo. Ambos estes peyxes conhecemos cá mais de fama; que de vista; mas isto tem as virtudes grandes, que quanto são mayores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo, & a boya sobre a agua, & em lhe picando na isca a Torpèdo, começa a lhe tremer o braço. Pòde haver mayor, mais breve, & mais admiravel effeito? De maneira que num momento passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha á cana, & da cana ao braço do pescador. Com muyta razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com enveja, Quem de-

ra aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe puzera esta calidade tremente, em tudo o que peiscão na terra! Muyto peiscão; mas não me espanto do muyto: o que me espanta he, que peisquem tanto, & que tremaõ tão pouco. Tanto pescar, & tão pouco tremer? Podera-se fazer problema, onde ha mais pescadores, & mais modos, & traças de pescar, se no mar; ou na terra? E he certo, que na terra. Naõ quero discorrer por elles, ainda que fora grande consolação para os peyxes: baste fazer a comparação com a cana, pois he o instrumento do nosso cazo. No mar peiscão as canas, na terra peiscão as varas (& tanta sorte de varas) peiscão as ginetas, peiscão as bengalas, peiscão os bastoens, & atè os cetros peiscão, & peiscão mais que todos; porque peiscão Cidades, & Reynos inteyros. Pois he possivel, que pescando os homens coufas de tanto pezo, lhe não trema a mão, & o braço? Se eu prègara aos homens, & tivera a lingua de S. Antonio, eu os fizeira tremer. Vinte & dous pes-

cadores destes se acharão acazo a hum Sermão de S. Antonio, & as palavras do Santo os fizeram tremer a todos de forte, que todos tremendo se lançarão a seus pès, todos tremendo confessarão seus furtos, todos tremendo restituirão o que podião ( que isto he o que faz tremer mais neste peccado, que nos outros ) todos em fim mudarão de vida, & de officio, & se emendarão.

343 Quero acabar este discurso dos louvores, & virtudes dos peyxes com hum, que não sey se foy ouvinte de S. Antonio, & aprendeo delle a prègar. A verdade he, que me prègou a mim, & se eu fora outro, tambem me convertèra. Navegando daqui para o Pará ( que he bem não fiquem de fóra os peyxes da nossa costa ) vi correr pela tona da agua de quando em quando a saltos hum cardume de peyxinhos, que não conhecia: & como me dissesem, que os Portuguezes lhe chamavão **Quatro Olhos**, quiz averiguar ocularmente a razão deste nome, & achei, que verdadeiramente tem

quatro olhos, em tudo cabais, & perfeytos. Dá graças a Deos, lhe disse, & louva a liberalidade de sua divina Providencia para comtigo; pois às Aguias, que são os lincees do ar, deu sómente dous olhos; & aos Lincees, que são as aguias da terra, tambem dous; & a ti, peyxinho, quatro. Mais me admirey ainda considerando nesta maravilha a circumstancia do lugar. Tantos instrumentos de vista a hum bichinho do mar nas prayas daquellas mesmas terras vastissimas, onde permite Deos, que estejão vivendo em cegueyra tantos milhares de gentes ha tantos seculos? Oh quam altas, & incomprehensiveis são as razões de Deos, & quam profundo o abismo de seus juizos!

344 Filosofando pois sobre a causa natural desta Providencia, notey, que aquelles quatro olhos estão lançados hum pouco fóra do lugar ordinario, & cada par delles unidos como os dous vidros de hum relógio de area, em tal fórma, que os da parte superior olhão direyta-  
mente

mente para cima , & os da parte inferior direytamente para bayxo. E a razão desta nova architectura he, porque estes peyxesinhos , que sempre andão na superficie da agua, não só são perseguidos dos outros peyxes mayores do mar, senão tambem de grande quantidade de aves maritimas , que vivem naquellas prayas: & como tem inimigos no mar , & inimigos no ar , dobrou-lhe a Natureza as sentinellas , & deu-lhe dous olhos, que direitamête olhassem para cima , para se vigiarem das aves, & outros dous, que direytamente olhassem para bayxo, para se vigiarem dos peyxes. Oh que bem informára estes quatro olhos huma Alma racional , & que bem empregada fora nelles, melhor que em muytos homens! Esta he a prégação, que me fez aquelle peyxesinho, ensinandome, que se tenho Fé, & uzo de razão , só devo olhar direytamente para cima , & só direytamente para bayxo: para cima, considerando, que ha Ceo , & para bayxo , lembrandome, que ha Inferno. Não me alle-

gou para isso passo da Escri-tura; mas entãõ me ensinou o que quiz dizer David em hum , que eu não entendia: *Averte oculos meos, ne videant* <sup>*Psalm.*</sup> *vanitatem.* Voltayme , <sup>11.37.</sup> Senhor , os olhos , para que não vejam a vaidade. Pois David não podia voltar os seus olhos para onde quizesse? Do modo que elle queria, não. Elle queria voltados os seus olhos de modo, que não vissem a vaidade , & isto não o podia fazer neste mundo, para qualquer parte que voltasse os olhos , porque neste mundo tudo he vaidade: *Va-* <sup>*Eccles.*</sup> *vanitas vanitatum , & omnia* <sup>1.2.</sup> *vanitas.* Logo para não verem os olhos de David a vaidade, havialhos de voltar Deos de modo, que só vissem, & olhassem para o outro mundo em ambos seus emisferios: ou para o de cima, olhando direytamente só para o Ceo , ou para o debayxo, olhando direytamente só para o Inferno. E esta he a merce, que pedia a Deos aquelle grande Profeta , & esta a doutrina , que me prégou aquelle peyxesinho tão pequeno.

345 Mas ainda que o Ceo, & o Inferno se não fez para vòs, irmãos peyxes, acabo, & dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muyto que ajudais a ir ao Ceo, & não ao Inferno, os que se sustentão de vòs. Vòs sois os que sustentais as Cartuxas, & os Buçacos, & todas as fantás familias, que professão mais rigorosa austeridade: vòs os que a todos os verdadeyros Christãos ajudais a levar a penitencia das Quaresmas: vòs aquelles com que o mesmo Christo festejou a sua Paschoa, as duas vezes que comeo com seus Discipulos depois de resuscitado. Prezem-se as aves, & os animaes terrestes de fazer espendidos, & custosos os bāquetes dos ricos, & vòs gloriayvos de ser companheiros do jejum; & da abstinencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco, & simpatia com a virtude, que prohibindo Deos no jejum a peor, & mais grosseyra carne, concede o melhor, & mais delicado peyxe. E posto que na semana só dous se chamão vossos, nenhum

dia vos he verdade. Hum só lugar vos derão os Astrologos entre os Signos celestes; mas os que só de vòs se mantem na terra, são os que tem mais seguros os lugares do Ceo. Emfim sois criaturas daquelle elemento, cuja fecundidade entre todos he propria do Espírito Santo: *Spiritus Domini facundabat aquas.*

Genes.  
1. 5.  
Sept.

346 Deytouvos Deos a bēção, que cresceis, & multiplicasseis: & para que o Senhor vos confirme essa benção, lembrayvos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Entendey, que no sustento dos pobres, tendes seguros os vossos augmentos. Tomay o exemplo nas irmãas fardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Criador em numero tão innumeravel? Porque são sustento de pobres. Os Solhos, & os Salmões são muyto contados, porque servem á mesa dos Reys, & dos poderosos: mas o peyxe, que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica, & augmenta. Aquelles dous peyxes companheyros dos

dos cinco pães do Deserto, multiplicáraõ tanto, que de-  
raõ de comer a cinco mil ho-  
mens. Pois se peyxes mor-  
tos, que fultentaõ a pobres,  
multiplicãõ tanto, quanto  
mais, & melhor o farãõ os vi-  
vos. Crescey peyxes, crescey,  
& multiplicay, & Deos vos  
confirme a sua bençaõ.

## §. IV.

347 Antes porèm que  
vos vades, assi como ouvistes  
os vossos louvores, ouvi tam-  
bem agora as vossas repre-  
hençoens. Servirvos-haõ de  
confuzãõ, já que não seja de  
emenda. A primeyra coufa,  
que me desedifica, peyxes, de  
vòs, he que vos comeis huns  
aos outros. Grande escanda-  
lo he este, mas a circumstan-  
cia o faz ainda mayor. Não  
fó vos comeis huns aos ou-  
tros, senãõ que os grandes  
comem os pequenos. Se fora  
pelo contrario, era menos  
mal. Se os pequenos come-  
raõ os grandes, bastára hum  
grande para muytos peque-  
nos: mas como os grandes  
comem os pequenos, não  
bastãõ cem pequenos, nem

mil, para hum só grande. O-  
lhay como estranha isto San-  
to Agostinho: *Homines pra-* S. Au-  
gust.  
*vis, perversisque cupiditatibus*  
*facti sunt veluti pisces invicem*  
*se devorantes.* Os homens com  
suas más, & preverfas cobi-  
ças, vem a ser como os pey-  
xes, que se comem huns aos  
outros. Tãõ alhea coufa he,  
nãõ só da razão, mas da mes-  
ma natureza, que sendo to-  
dos criados no mesmo ele-  
mento, todos cidadãos da  
mesma patria, & todos final-  
mente irmãos, vivais de vos  
comer. Santo Agostinho, que  
prêgava aos homens, para  
encarecer a fealdade deste  
escandalo, mostroulho nos  
peyxes; & eu que prêgo aos  
peyxes para que vejais quam  
feyo, & abominavel he, quero  
que o vejais nos homens.  
Olhay, peyxes, là do mar pa-  
ra a terra. Naõ, naõ: não he  
isso o que vos digo. Vòs vi-  
rais os olhos para os matos,  
& para o Sertão? Para cá, pa-  
ra cá: para a Cidade he, que  
haveis de olhar. Cuydais que  
só os Tapuyas se comem hús  
aos outros, muyto mayor  
açougue he o de cá, muyto  
mais se comem os brancos.

Vedes vòs todo aquelle bo-  
 lir, vedes todo aquelle an-  
 dar, vedes aquelle concorrer  
 às praças, & cruzar as ruas:  
 vedes aquelle fubir, & descer  
 as calçadas, vedes aquelle  
 entrar, & sair sem quietação,  
 nem socego? Pois tudo, aquil-  
 lo he andarem buscando os  
 homês como hão de comer, &  
 como se hão de comer.

348 Morreo algum del-  
 les, vereis logo tantos sobre  
 o miseravel a despedaçalo, &  
 comelo. Comem-no os her-  
 deyros, comem-no os testa-  
 menteyros, comem-no os le-  
 gatarios, comem-no os acre-  
 dores: comem-no os officiaes  
 dos orfãos, & os dos defun-  
 tos, & auzentes: comeo o  
 Medico, que o curou, ou aju-  
 dou a morrer, comeo o fan-  
 grador, que lhe tirou o fan-  
 gue, comeo a mesma mulher,  
 que de mã vontade lhe dà  
 para mortalha o lançol mais  
 velho da casa, comeo o que  
 lhe abre a cova, o que lhe tã-  
 ge os sinos, & os que cantan-  
 do o levão a enterrar: em fim,  
 ainda ao pobre defunto o  
 não comeo a terra, & já o  
 têm comido toda a terra. Já  
 se os homens se comerão só-

mente depois de mortos, pa-  
 rece, que era menos horror,  
 & menos materia de senti-  
 mento. Mas para que conhe-  
 çais a que chega a vossa cru-  
 eldade, consideray, peyxes,  
 que tambem os homens se  
 comem vivos assi como vòs.  
 Vivo estava Job, quando di-  
 zia: *Quare persequimini me, Job*  
*& caribus meis saturamini?* 19.22  
 Porque me perseguis tão  
 deshumanamente, vòs, que  
 me estais comendo vivo, &  
 fartando-vos da minha car-  
 ne? Quereis ver hum Job de-  
 stes? Vede hum homem des-  
 tes, que andão perseguidos  
 de pleytos, ou acuzados de  
 crimes, & olhay quantos o  
 estão comendo. Comeo o  
 Meirinho, comeo o Carcé-  
 reiro, comeo o Escrivão, co-  
 meo o Solicitador, comeo o  
 Avogado, comeo o Enque-  
 redor, comeo a Testemu-  
 nha, comeo o Julgador, &  
 ainda não está sentenciado,  
 & já está comido. São peyo-  
 res os homens que os corvos.  
 O triste que foy à forca, não  
 o comem os corvos se não  
 depois de executado, & mor-  
 to; & o que anda em juizo,  
 ainda não está executado,  
 nem

nem sentenciado , & já está comido.

349 E para que vejais como estes comidos na terra, são os pequenos , & pelos mesmos modos , com que vós vos comeis no mar ; ouvi a Deos queixandose deste peccado : *Nonne cognoscient omnes , qui operantur iniquitatem , qui devorant plebem meam , ut cibum panis ?* Cuydais , diz Deos , que não ha de vir tempo , em que conheção , & paguem o seu merecido aquelles , que cometem a maldade ? E que maldade he esta , à qual Deos singularmente chama a maldade , como se não ouvera outra no mundo ? E que são aquelles que a cometem ? A maldade he comerem-se os homens huns aos outros , & os que a cometem , são os maiores , que comem os pequenos : *Qui devorant plebem meam , ut cibum panis.* Nestas palavras , pelo que vos toca , importa , peyxes , que advirtaes muyto outras tantas coufas , quantas são as mesmas palavras , Diz Deos , que comem os homens não só o seu povo , senão declaradamente a sua plebe : *Plebem meam :*

porque a plebe , & os plebeos , que são os mais pequenos , os que menos podem , & os que menos avultaão na Republica , estes são os comidos . E não só diz , que os comem de qualquer modo , senão que os engolem , & os devoraão : *Qui devorant.* Porque os grandes , que tem o mando das Cidades , & das Provincias , não se contenta a sua fome de comer os pequenos hum por hum , ou poucos a poucos , senão que devoraão , & engolem os povos inteyros : *Qui devorant plebem meam.* E de que modo os devoraão , & comem ? *Ut cibum panis :* não como os outros comerem , senão como pão . A differença que ha entre o pão , & os outros comerem , he que para a carne , ha dias de carne , & para o peyxes , dias de peyxes , & para as frutas , diferentes mezes no anno , porém o pão he comer de todos os dias , que sempre , & continuadamente se come . E isto he o que padecem os pequenos . São o pão cotidiano dos grandes ; & assi como o pão se come com tudo , assi com tudo , & em tudo

tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo nem fazendo officio, em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comão, traguem, & devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Parecevos bem isto, peyxes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo, que não; & com olhardes huns para os outros, vos estais admirando, & pasmando de que entre os homens haja tal injustiça, & maldade! Pois isto mesmo he o que vòs fazeis. Os mayores comeis os pequenos: & os muyto grandes não só os comem hum por hum, senão os cardumes inteeyros: & isto continuamente sem differença de tempos, não só de dia, senão tambem de noite, ás claras, & ás escuras, como tambem fazem os homens.

350 Se cuidais por ventura, que estas injustiças, entre vòs, se toleraõ, & passaõ sem castigos; enganai-vos.

Assi como Deos as castiga nos homens, assi tambem por seu modo as castiga em vòs. Os mais velhos, que me ouvís, & estais presentes, bem vistes neste Estado, & quando menos ouvirieis murmurar aos passageyros nas canoas, & muyto mais lamentar aos miseráveis remeiros dellas, que os mayores, que cá foraõ mandados, em vez de governar, & augmentar o mesmo Estado, o destruiãõ, porque toda a fome, que de lá traziaõ, a fartavão em comer, & devorar os pequenos. Assi foy. Mas se entre vòs se achãõ acazo alguns dos que seguindo a esteyra dos navios, vão com elles a Portugal, & tornaõ para os mares patrios; bem ouviriãõ estes lá no Tejo, que esses mesmos mayores, que cá comiaõ os pequenos, quando lá chegaõ, achãõ outros mayores, que os comão tambem a elles. Este he o estylo da Divina Justiça tão antigo, & manifesto, que até os Genticos o conheceraõ, & celebrãõ.

*Vos quibus rector maris, atque terra  
 Jus dedit magnam necis, atque vitæ;  
 Ponite inflatos, tumidosque vultus;  
 Quidquid à vobis minor extimescit,  
 Maior hoc vobis Dominus minatur.*

Notay, peyxes, aquella dif-  
 finição de Deos: *Rector ma-  
 ris, atque terra.* Governador  
 do mar, & da terra: para que  
 não duvideis, que o mesmo  
 estillo, que Deos guarda com  
 os homens na terra, observa  
 tambem com vosco no mar.  
 Necessario he logo, q̄ olheis  
 por vòs, & que não façais  
 pouco caso da doutrina, que  
 vos deu o grande Doutor da  
 Igreja S. Ambrosio, quando  
 fallando com vosco, disse: *Ca-  
 ve nedum alium insequeris,  
 incidas in validiorem.* Guar-  
 dese o peyxes, que persegue o  
 mais fraco para o comer, não  
 se ache na boca do mais for-  
 te, que o ingula a elle? Nòs o  
 vemos aqui cada dia. Vay o  
 Xarêo correndo atraz do  
 Bagre, como o cão apoz a le-  
 bre, & não vê o cego, que lhe  
 vem nas costas o Tubarão  
 com quatro ordens de den-  
 tes, que o ha de engolir de  
 hum bocado. He o que com

mayor elegancia vos disse  
 tambem S. Agustinho: *Præ s. Au-  
 do minoris fit præda maioris. gust.*  
 Mas não bastaõ, peyxes, estes  
 exemplos, para que acabe de  
 se persuadir a vossa gula, que  
 a mesma crueldade, que uzais  
 com os pequenos, tem já apa-  
 relhado o castigo na voraci-  
 dade dos grandes.

351 Já que assi o experi-  
 mentais com tanto dano vos-  
 so, importa que daqui por  
 diante sejais mais Republi-  
 cos, & zelosos do bem com-  
 mum, & que este prevaleça  
 contra o appetite particular  
 de cada hum; para que não  
 succeda, que assi como hoje  
 vemos a muytos de vòs tão  
 diminuidos, vos venhais a  
 consumir de todo. Não vos  
 bastão tantos inimigos de fó-  
 ra, & tantos perseguidores  
 tão astutos, & pertinazes,  
 quantos são os pescadores,  
 que nem de dia, nem de noy-  
 te deixaõ de vos pôr em cer-

co & fazer guerra por tantos modos? Não vedes, que contra vòs se emalhaõ, & entralhaõ as redes; contra vòs se tecem as naissas, contra vòs se trocem as linhas, contra vòs se dobraõ, & farpaõ os anzoes, contra vòs as filgas, & os arpoens? Não vedes que contra vòs atè as canas tão lanças, & as cortiças armas offensivas? Não vos basta pois, que tendes tantos, & tão armados inimigos de fóra, senão que também vòs de vossas portas a dentro o haveis de ser mais crueis, perseguindovos com hũa guerra mais que civil, & comendovos huns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peyxes, & tenha fim algum dia esta tão perniciosa discordia: & pois vos chamey, & sois irmãos, lembraivos das obrigaçoens deste nome. Não estaveis vòs muyto quietos, muyto pacificos, & muyto amigos todos, grandes, & pequenos, quando vos prégava S. Antonio? Pois continuay assi, & sereis felices.

352 Dirmeheis ( como também dizem os homens ) que não tendes outro modo

de vos sustentar. E de que se sustentaõ entre vòs muytos, que não comem os outros? O mar he muyto largo, muyto fertil, muyto abundante, & tó com o que bota às prayas, pòde sustentar grande parte dos que vivem dentro nelle. Comerem-se huns animaes aos outros he voracidade, & sevicia, & não estatuto da Natureza. Os da terra, & do ar, que hoje se comem, no principio do mundo não se comiaõ, sendo assi conveniente, & necessario, para que as especies de todos se multiplicassem. O mesmo foy ( ainda mais claramente ) depois do Diluvio, porque tendo escapado sómente dous de cada especie, mal se podiaõ conservar, se se comessem. E finalmente no tempo do mesmo Diluvio, em que todos viveraõ juntos dentro na Arca, o lobo estava vèdo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, & cada hum aquelles, em que se costuma cevar; & se acazo là tiveraõ essa tentação, todos lhe resistiraõ, & se acomodaraõ com a razão do payol commum, que Noê lhe repartia. Pois se

os animaes dos outros elementos mais calidos foraõ capazes desta temperança, porque o não feraõ os da agua? Emfim se elles em tantas occasioens pelo defejo natural da propria conservaçã, & augmento, fizerão da necessidade virtude, fazeyo vòs tambem: ou fazey a virtude sem necessidade, & ferá mayor virtude.

353 Outra coufa muyto geral, que não tanto me defedifica, quanto me lastima em muytos de vòs, he aquella tão notavel ignorancia, & cegueyra, que em todas as viagês experimentaõ, os que navegaõ para estas partes. Toma hum homem do mar hum anzol, atalhe hum pedaço de panno cortado, & aberto em duas, ou tres pontas; lançaõ por hum cabo delgado até tocar na agua, & em o vendo o peyxe, arremete cego a elle, & fica prezo, & boqueando até que assi suspenso no ar, ou lançado no convèz, acaba de morrer. Pòde haver mayor ignorancia, & mais rematada cegueyra que esta? Enganados por hum retalho de pãno, perder

a vida? Dirme-heis, que o mesmo fazem os homês. Não volo nego. Dá hum exercito batalha contra outro exercito, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços, & das espadas: & porque? Porque ouve quem os engodou, & lhe fez isca com dous retalhos de pãno. A vaidade entre os vicios he o peccador mais astuto, & que mais facilmente engana os homens: E que faz a vaidade? Poem por isca nas pontas desses piques, desses chuços, & dessas espadas dous retalhos de panno, ou branco, que se chama Habito de Malta, ou verde, que se chama de Aviz, ou vermelho, que se chama de Christo, & de Santiago; & os homens por chegarem a passar esse retalho de pãno ao peyto, não repaõ em tragar, & engolir o ferro. E depois disso que succede? O mesmo que a vòs. O que engulio o ferro, ou alli, ou noutra occasiã ficou morto: & os mesmos retalhos de pãno tornãrão outra vez ao anzol para pescar outros. Por este exemplo vos concedo, peyxes, que os ho-

mês fazem o mesmo que vòs, posto que me parece, que não foy este o fundamento da vossa reposta, ou escusa; porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não ha exercitos, nem esta ambição de Habitos.

354 Mas nem por isso vos negarey, que tambem cá se deyxão pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada, & mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, & com que? Hum homem do mar com huns retalhos de panno. Vem hum Mestre de Navio de Portugal com quatro varreduras das logeas, com quatro pannos, & quatro sedas, que já se lhe passou a era, & não tem gasto: & que faz? Isca com aquelles trapos aos moradores da nossa terra: dalhe hu na facadêla, & dalhe outra, com que cada vez lhe sobe mais o preço, & os Bonitos, ou os que o querem parecer, todos esfaymados aos trapos, & alli ficaõ engasgados, & prezos com dividas de hum anno para outro anno, & de huma çafra para outra çafra, & lá

vay a vida. Isto não he encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na cana, ou no engenho, ou no tabacal: E este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levão os coches, nem as liteiras, nem os cavallos, nem os escudeyros, nem os pagens, nem os lacayos, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as boxellas, nem as joyas; pois em que se vay, & despende toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, & para isso se matão todo o anno.

355 Não he isto, meus peyxes, grande locura dos homens, com que vos escuzais? Claro está que si: nem vòs o podeis negar. Pois se he grande locura desperdiçar a vida por dous retalhos de panno, quem tem obrigação de se vestir; vòs a quem Deos vestio do pé até a cabeça, ou de pelles de tão vistosas, & apropriadas cores, ou de escamas prateadas, & douradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastão com o tempo, nem se variaõ, ou podem variar com as môdas; não he mayor ignorancia, & mayor

mayor cegueyra deyxareivos enganar, ou deyxareivos tomar pelo beyço cõ duas tirinhas de panno? Vede o voffo Santo Antonio, que pouco o pode enganar o Mundo com effas vaidades. Sendo moço, & nobre, deixou as galas, de que aquella idade tanto se preza, trocou-as por hũa loba de farja, & hũa correa de Conego Regrante: & depois que se vio assi vestido, parecendo-lhe que ainda era muyto custosa aquella mortaiha, trocou a farja pelo burel, & a correa pela corda. Com aquella corda, & com aquelle pãno pescou elle muytos; & só estes se não enganarão, & forão fizudos.

## § V.

356 Descendo ao particular, direy agora, peyxes, o que tenho contra alguns de vòs. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia, em que cheguey a ella, ouvindo os Roncadores, & vendo o seu tamanho, tanto me moverão a rizo, como a ira. He possivel, que sendo vòs huns pexinhos tam pequenos, ha-

veis de ser as roncadas do mar? Se com hũa linha de cozer, & hum alfenete torcido vos pôde pelcar hum alejado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizeime, o Espadarte porque não ronca? Porque ordinariamente quem tem muyta espada, tem pouca lingua. Isto não he regra geral; mas he regra geral, que Deos não quer Roncadores, & que tem particular cuydado de abater, & humilhar aos que muyto roncão. S. Pedro, a quem muyto bem conhecêião vossos antepassados, tinha tão boa espada, que elle só avançou contra hum exercito inteiro de Soldados Romanos; & fe Christo lha não mandara meter na bainha, eu vos prometo, que havia cortar mais orelhas, que a de Malco. Com tudo que lhe succedeo naquella mesma noite? Tinha roncado, & barbateado Pedro, que se todos fraqueassem, só elle havia de ser conttante até morrer, se fosse necessario: & foy tanto pelo contrario, que só elle fraqueou mais que todos, & bastou a voz de huma

mulherzinha para o fazer tremer, & negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora, em que prometeo tanto de si. Disse-lhe Christo no Horto, que vigiasse, & vindo dahi a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, se não tambem do que tinha brazonado: *Sic*

*Marc. non potuisti una hora vigilare*  
 14.37 *mecum?* Vòs, Pedro, sois o valente, que haviéis de morrer por mim, & não podestes huma hora vigiar comigo? Pouco ha tanto roncar, & agora tanto dormir? Mas assi succedeo. O muyto roncar antes da occasiã, he final de dormir nella. Pois que vos parece, irmãos Roncadores? Se isto succedeo ao mayor pescador, que pôde acontecer ao menor peyxe? Medievos, & logo vereis quam pouco fundamento têdes de brazonar, nem roncar.

357 Se as Baleas ronca-  
 raõ, tinha mais desculpa a sua arrogancia na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas Baleas não seria essa arrogancia segura. O que he a Balea entre os peyxes, era o Gigante

Golias entre os homens. Se o Rio Jordão, & o mar de Tiberiades tem communicaçã com o Oceano, como devem ter, pois delle manão todos; bein deveis de saber, que este Gigante era a ronca dos Filisteus. Quarenta dias continuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arrayaes de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse: E no cabo q̄ fim teve toda aquella arrogancia? Bastou hum pastorinho com hum cajado, & huma funda, para dar com elle em terra. Os arrogantes, & soberbos tomaõ-se com Deos; & quem se toma com Deos, sempre fica debayxo. Assi que, amigos Roncadores, o verdadeiro conselho he calar, & imitar a S. Antonio. Duas cousas hã nos homens, que os costumã fazer roncadores, porque ambas inchãõ: o saber, & o poder. Cayfaz roncava de saber. *Vos nescitis quidquam.* Pilatos roncava de poder: *Nescis Joann. quia potestatem habeo?* E am- 11.46  
 bos contra Christo. Mas o *Joann.*  
 fiel servo de Christo Antonio, tendo tanto saber, como já vos disse, & tanto poder como

como vós mesmos experimentastes, ninguem ouve já mais que o ouvisse fallar em saber, ou poder, quanto mais brazonar d'isso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

358 Nesta viagem, de que fiz menção, & em todas as que passy a Linha Equino-cial, vi debayxo della, o que muytas vezes tinha visto, & notado nos homens, & me admirou, que se ouvesse effi-cido esta ronha, & pegado tambem aos peyxes. Pegadores se chamão estes, de que agora fallo, & com grande propriedade; porque sendo pequenos, não só se chegão a outros mayores; mas de tal forte se lhe pegão aos costados: que já mais os desafferra-ão. De alguns animaes de menos força, & industria se conta, que vão seguindo de longe aos Leocns na caça; para se sustentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes Pegadores, tão seguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peyx grande não pôde dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, & assi lhe

inventa o pezo, & mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acazo se passou, & pegou de hum elemento a outro, sem duvida, que o aprenderao os peyxes do alto depois que os nossos Portuguezes o navegá-ão; porque não parte Vi-lo-Rey, ou Governador para as Conquistas, que não vá rodeado de Pegadores, os quaes se arrinão a elles, para que cá lhe matem a fome, de que lá não tinham remedio. Os menos ignorantes defenganados da experiencia, despega-se, & bulcaõ a vida por outra via; mas os que se deyxão estar pegados à merce, & fortuna dos mayores, vem-lhe a succeder no fim o que aos Pegadores do mar.

359 Rodea a Nào o Tubaraõ nas calmarias da Linha com os seus Pegadores às costas, tão cirzidos com a pelle, que mais parecem remendos, ou manchas naturaes, que os hóspedes, ou companheyros. Lançaõ-lhe hum anzol de cadeia com a reção de quatro Soldados, arremeça-se furiosamente à preza, engole tudo de hum bocado, & fica prezo.

Corre

Corre meya companha a al-  
lalo a si na, bate fortemente o  
convêz com os ultimos arrá-  
cos, emfim, morre o Tuba-  
rão, & morrem com elle os  
Pegadores. Parece-me, que  
estou ouvindo a S. Mattheos,  
fem fer Apollolo pescador,  
descrevendo isto mesmo na  
terra. Morto Herodes, diz o  
Evangelista, appareceo o An-  
jo a Joseph no Egypto, &  
disselhe, que já se podia tor-  
nar para a patria; porque  
eraõ mortos todos aquelles,  
que queriaõ tirar a vida ao  
Minino: *Defuncti sunt enim*  
*qui querebant animam Pueri.*  
Os que queriaõ tirar a vida  
a Christo Minino, erão He-  
rodes, & todos os seus, toda  
a sua familia, todos os seus  
adherentes, todos os que se-  
guiaõ, & pendiaõ da sua for-  
tuna. Pois he possivel, que  
todos estes morressem junta-  
mente com Herodes? Si:  
porque em morrendo o Tu-  
baraõ, morrem tambem com  
elle os Pegadores: *Defuncto*  
*Herode, defuncti sunt qui*  
*querebant animam Pueri.*  
Eis aqui, peyxesinhos igno-  
rantes, & miseraveis, quam  
errado, & enganoso he este

Matt.  
2. 20.

modo de vida, que escolhe-  
stes. Tomay exemplo nos  
homens, pois elles o não to-  
mão em vòs, nem seguem, co-  
mo deverão, o de Santo An-  
tonio.

360 Deos tambem tem  
os seus Pegadores. Hum de-  
stes era David, que dizia: *Mi-<sup>Psalm.</sup>*  
*hi autem adhærere Deo bo-<sup>72. 2.</sup>*  
*num est.* Peguem-se outros aos  
grandes da terra, que eu só  
me quero pegar a Deos. Assi  
o fez tambem S. Antonio, &  
senão, olhay para o mesmo  
Santo, & vede como está pe-  
gado com Christo, & Chri-  
sto com elle. Verdadeiramen-  
te se pòde duvidar, qual dos  
dous he alli o Pegador: & pa-  
rece, que he Christo; por-  
que o menor he sempre o  
que se pega ao mayor, & o  
Senhor fez-se taõ pequenino,  
para se pegar a Antonio. Mas  
Antonio tambem se fez Me-  
nor, para se pegar mais a  
Deos. Daqui se segue, que  
todos os que se pegaõ a Deos,  
que he immortal, seguros  
estão de morrer como os ou-  
tros Pegadores. E taõ segu-  
ros, que ainda no cazo, em  
que Deos se fez Homem, &  
morreo, só morreo, para que  
não

Joann.  
18, 8.

naõ morrefsem todos os que se pegassem a elle. Bem se vio nos que estavão já pegados, quando disse: *Si ergo me queritis, sinite hos abire*: Se me buscais a mim, deixay ir a estes. E posto que deste modo só se pòdem pegar os homens, & vòs meus peyxeinhos não; ao menos deveis imitar aos outros animaes do ar, & da terra, que quando se chegaõ aos grandes, & se emparaõ do seu poder, não se pegaõ de tal forte, que morraõ juntamente com elles. Lá diz a Escritura daquella famosa arvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do Ceo descansavão sobre seus ramos, & todos os animaes da terra se recolhiao á sua sombra, & huns, & outros se sustentavão de seus frutos: mas tambem diz, que tanto que foy cortada esta arvore, as aves voárão, & os outros animaes fugirão. Chegayvos embora aos grandes; mas não de tal maneyra pegados, que vos mateis por elles, nem morrais com elles.

361 Consideray, Pegadores vivos, como morreraõ os

outros, que se pegaraõ áquelle peyxe grande, & porque. O Tubaraõ morreo porque comeo, & elles morrêrão pelo que não comêrão. Pòde haver mayor ignorancia, que morrer pela fome, & boca alhea? Que morra o Tubaraõ, porque comeo, matou a sua gula; mas que morra o Pegador pelo que não comeo: he a mayor desgraça, que se pòde imaginar! Não cuidey, que tambem nos peyxes havia peccado original? Nòs os homens fomos tão desgraçados, que outrem comeo, & nòs o pagamos. Toda a nossa morte teve principio na golodice de Adam, & Eva; & que hajamos de morrer pelo que outrem comeo, grande desgraça! Mas nòs lavamosos desta desgraça com hũa pouca de agua, & vòs não vos podeis lavar da vossa ignorancia cõ quanta agua tem o mar.

362 Com os Voadores tenho tambem hũa palavra, & não he pequena a queyxa. Dizeyme, Voadores, não vos fez Deos para peyxes; pois porque vos meteis a ser aves? O mar fello Deos para vòs, &

o ar para ellas. Contentay vos como mar, & com nadar, & não queyrais voar, pois sois peyxe. Se acaso vos não conheceis, olhay para as vossas espinhas, & para as vossas escamas, & conhecereis, que não sois ave, senão peyxe, & ainda entre os peyxe, não dos melhores. Dizeis, Voador, que vos deu Deos mayores barbatanas, que aos outros do vosso tamanho. Pois porque tivestes mayores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal porque tantas vezes vos defengana o vosso castigo. Quizestes ser melhor que os outros peyxe, & por isso sois mais mofo fino que todos. Aos outros peyxe do alto, mataos o anzol, ou a fisga, e a vós sem fisga, nem anzol, mata vos a vossa presumpção, & o vosso capricho. Vay o navio navegando, & o Marinheiro dormindo, & o Voador toca na vela, ou na corda, & cahe patipitando. Aos outros peyxe mataos a fonda, & enganaos a isca, ao Voador mata-o a vaidade de voar, & a sua isca he o vento. Quanto melhor ilho

fora margulhar por bayxo da quilha, & viver, que voar por cima das entenas, & cair morto. Grande ambição he, que sendo o mar tão immenso, lhe não basta a hum peyxe tão pequeno todo o mar, & queira outro elemento mais largo. Mas vede, peyxe, o castigo da ambição. O Voador fello Deos peyxe, & elle quiz ser ave, & permite o mesmo Deos, que tenha os perigos de ave, & mais os do peyxe. Todas as velas para elle são redes como peyxe, & todas as cordas, laços como ave. Vê Voador como correto pela posta o teu castigo. Pouco ha padavas vivo no mar com as barbatanas, & agora jazes em hum convéz amortalhado nas azas. Não contente com ser peyxe, quizeste ser ave, & já não es ave, nem peyxe, hem voar poderás já, nem nadar. A Natureza deute a agua, tu não quizeste senão o ar, & tu já te vejo posto ao fogo. Peyxe, contentese cada hũ com o seu elemento. Se o Voador não quizeza passar do segundo ao terceyro, não viera a parar no quarto. Bem se estava

estava elle do fogo, quando nadava na agua, mas por que quiz ser borboleta das ondas, virão-lhe a queimar as azas.

363 A vista desse exemplo, Peyxes, tomay todos na memoria esta sentença. Quem quer mais do que lhe cōvem, perde o que quer, & o que tem. Quem pôde nadar, & quer voar, tempo virá, em que não voe, nem nade. Ouvi o caso de hum Voador da terra. Simão Mago, a quem a Arte Magica, na qual era famosissimo, deu o sobrenome, fingindo-se, que elle era o verdadeiro Filho de Deos, sinalou o dia, em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao Ceo, & com effeito começou a voar muyto alto; porém a oração de São Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que elle, & caindo lá de cima o Mago, não quiz Deos, que morresse logo, senão que nos olhos tambem de todos, quebrasse, como quebrou, os pés. Não quero que reparéis no castigo, senão no genero d'elle. Que caya Simão, e não muyto bem cahido, que morra, tam

bem estaria muyto bem morto, que o seu atrevimento, & a sua arte diabolica o merecia. Mas que de huma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça, ou os braços, senão os pés? Si, diz São Maximo: porque quem tem pés para andar, & quer azas para voar, justo he, que perca as azas, & mais os pés. Elegantemente o Santo Padre *Ut. qui paulo ante volare tuta taverat, subito ambulare non posset: Et quis pennas assumpsit, volat, plantas amitteret.* E Simão tem pés, & quer azas, pôde andar, & quer voar, pois quebrem-lhe as azas, para que não voe, & tambem os pés, para que não ande. Eis-aqui Voadores do mar, o que succede aos da terra, para que cada hum se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Icaro se atougou no Danubio, não haveria tantos Icaros no Oceano.

364. Oh Alma de Antonio, que só vós tivestes azas, & voastes sem perigo, por que soubestes voar para baixo, & não para cima. Já S. João viu

Apoc.  
2.14.

vio no Apocalypse aquella mulher, cujo ornato gastou todas as suas luzes ao Firmamento, & diz, que lhe foram dadas duas grandes azas de Aguia: *Data sunt mulieri ale duæ Aquilæ magnæ.* E para que? *Ut volaret in desertum.* Para voar ao deserto. Notavel cousa, que não de balde lhe chamou o mesmo Profeta, grande maravilha. Esta mulher estava no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cælo, mulier amicta Sole.* Pois se a mulher estava no Ceo, & o deserto na terra, como lhe dão azas para voar ao deserto? Porque hi azas para subir, & azas para descer. As azas para subir são muito perigosas, as azas para descer, muyto seguras: & taes foram as de S. Antonio. Deraõ-se á Alma de Santo Antonio duas azas de Aguia, q̄ foy aquella duplicada sabedoria natural, & sobrenatural tão sublime, como sabemos. E elle que fez? Não estendeo as azas para subir, encolheu-as para descer: & tão encolhidas, que sendo Arca do Testamento, era reputado, como já vos disse, por Leigo, & sem

sciencia. Voadores do mar ( não fallo com os da terra ) imitay o vosso Santo Prêgador. Se vos parece, que as vossas barbatanas vos podem servir de azas, não as estendais para subir, porque vos não succeda encontrar com alguma vela, ou algum costado: encolheyas para descer, idevos meter no fundo em algũa cova: & se ahí estiveres mais escondidos, estareis mais seguros.

365 Mas já que estamos nas covas do mar, antes que sayamos de ellas, temos-lá o irmão Polvo, contra o qual tem suas queixas, & grandes, não menos que S. Basilio, & S. Ambrosio. O Polvo com aquelle seu capello na cabeça, parece hum Monge, com aquelles seus rayos estendidos, parece hũa Estrella, com aquelle não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debayxo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão fanta, testemnhão contestamente os dous grandes Doutores da Igreja Latina, & Grega, que o dito Polvo he o mayor traydor

do mar: Consiste esta trayção do Polvo primeyramente em se vestir, ou pintar das mesmas cores de todas aquellas cores, a que está pegado. As cores, que no Cama-leão são gala, no Polvo são malicia: as figuras, que em Proteo são fabula, no Polvo são verdade, & artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areya, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; & se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que succede? Succede, que o outro peyxe innocente da trayção, vay passando defacautelado, & o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lançahe os braços de repente, & fallo prizioneyro. Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tão. Judas abraçou a Christo, mas outros o prendêrao: o Polvo he o que abraça, & mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, & o Polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas he verdade, que foy traydor, mas com lanternas diante:

traydor a trayção às escuras, mas executou-a muyto às claras. O Polvo escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, & a primeira trayção, & roubo, que faz, he á luz, para que não distinga as cores. Vê, Peixe aleyvoso, & vil, qual he a tua maldade, pois Judas em tua comparação já he menos traydor.

367 Oh que excessão tão afrontoso, & tão indigno de hum elemento tão puro, tão claro, & tão cristallino como da Agua, espelho natural não só da terra, senão do mesmo Ceo. Lá disse o Profeta por encarecimento, que nas nuvens do ar até a agua he *Psal.* escura: *Tenebrosa aqua in nu-* 17.12 *bibus aeris.* E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para attribuir a escuridade ao outro elemento, & não á agua, a qual em seu proprio, elemento sempre he clara, diafana, & transparente, em que nada se pôde occultar, encobrir, nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve, & se exercite com tanto dano do bem publico hum monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso,

polo, & tão cônhcedamente traydon? Vejo, Peyxes, que pelo conhecimento, que tendes das ternas, em que batem os vossos mares, me achais respondendo, & copyido, que tambem nellas ha falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciltadas, & muyto mayores, & mais perniciosas trayçoens. E sobre o mesmo foygo, que defendeis, tambem podereis applicar aos semelhantes outra propriedade muyto propria, mas pois vós a callais, eu tambem a callô. Com grande confuzão porêm vos confesso tudo, & muyto mais do que dizéis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em Antonio vosso Prêgador, & vereis nelle o mais puro exemplar na candura, da sinceridade, & da verdade, onde nunca ouve dolo, fingimento, ou engano. E sabeys tambem, que para haver tudo isto em cada hum de nós, bastava antigamente ser Portuguez, não era necessario ser Santo.

368 Tenho acabado, Irmãos Peyxes, os vossos louvores, & reprehencoens, &

satisfeyto, como vos prometty as duas obrigações de sal, posto que do mar, & não da terra: *Non estis sal terra.* Sô resta fazervos huma advertencia muyto necessaria, para os que viveis nestes mares. Como elles, são tão esparcelados, & cheyos de baixos, bem sabeis, que se perdem, & dão á costa muytos navios, com que se enriquece o mar, & a terra se empobrece. Importa pois, que advertais, que nesta mesma riqueza tendes hum grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, são escumungados, & malditos. Esta pena de elcomunhão, que he gravissima, não se poz a vós, senão aos homens, mas tem mostrado Deos, por muytas vezes, que quando os animaes comem materialmente o que he prohibido por esta Ley, tambem elles encorrem, por seu modo, nas penas della, & no mesmo ponto começão a desfinhar, até que acabão miseravelmente. Mandou Christo a S. Pedro, que fosse pescar, & que na bocca do primeyro peyxete, que tomasse acharia huma moeda,

com que pagar certo tributo. S. Pedro, tras-lhe de tomar mais peyxes que esto, supposto que elle era o primeyro do prego delle; & dos outros podia fazer o dinheyro, com que pagar aquelle tributo, que era de hũa só moeda de prata, & de pouco pezo. Com que mysterio manda logo o Senhor, que se tire da boca deste peyxes, & que seja elle o que morza primeiro, que os demais. Ora estay atentos! Os peyxes não batem moeda no fundo do mar, nem tem contratos com os homens, donde lhes possa vir dinheyro; logo a moeda, que este peyxes tinha engolido, era de algum navio, que fizera naufragio naquelles mares. E quiz mostrar o Senhor, que as penas, que S. Pedro, ou seus successores fulminab contra os homens, o que tomab os bens dos naufragantes, tambem os peyxes por seu modo as encorrem, morrendo primeiro que os outros; & com o mesmo dinheyro, que engehirão, atravessado na garganta. Oh, que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar. Para os

homens não ha mais misera velmorte, que morrer com o atheyo atravessado na garganta; porque he peccado de que o mesmo S. Pedro, & o mesmo Summo Pontifice não pôde absolver. E posto que os homens encorrem a morte eterna, de que não são capazes os peyxes, elles com tudo apressão a sua temporal, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não abstem dos bens dos naufragantes.

## §. VI.

369. Com esta ultima advertencia vos despido, ou me despido de vós, meus Peyxes. E para que vades confortados do sermão, que não seys quando ouvireis outro, que re vos aliviar de hũa desconfortação muy antiga, com que todos fieis de todo tempo em que se publicou o Levitico. Na Ley Ecclesiastica, ou Ritual do Levitico, establieo Deos certos animaes, que lhe haviaõ de ser sacrificados, mas todos elles, ou animaes terrestres, ou aves, ficando os peyxes totalmente excluidos dos

dos sacrificios. E quem duvida, que esta excluzão tão universal era digna de grande desconfortação, & sentimento para todos os habitadores de hum elemento tão nobre, que mereceo dar a materia ao primeiro Sacramento? O motivo principal de serem excluidos os peyxes, foy porque os outros animaes podião ir vivos ao sacrificio, & os peyxes geralmente não, senão mortos; & coula morta não quer Deos, que se lhe offereça, nem chegue aos seus Altares. Tambem este ponto era muy importante, & necessario aos homens, se eu lhes prègara a elles. Oh quantas Almas chegão áquelle Altar mortas, porque chegão, & não tem horror de chegar, estando em peccado mortal! Peyxes, day muytas graças a Deos de vos livrar deste perigo, porque melhor he não chegar ao Sacrificio, que chegar morto. Os outros animaes offereção a Deos o ser sacrificados; vòs offereceylhe o não chegar ao sacrificio: os outros sacrificuem a Deos o sangue, & a vida; vòs sacrificaylne o respeyto, &

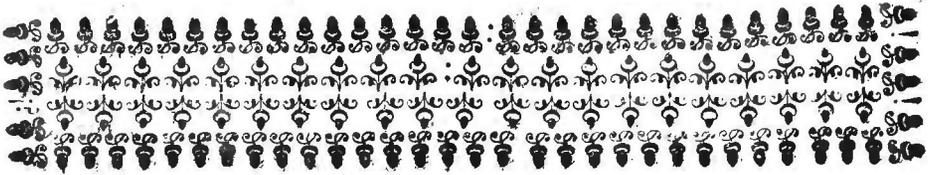
a reverencia.

370 Ah Peyxes, quantas envejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deos nas mãos, que tomalo tão indignamente! Em tudo o que vos excedo, peyxes, vos reconheço muytas ventagões. A vossa bruta he melhor que a minha razão, & o vosso instinto melhor que o meu alvedrio. Eu fallo, mas vòs não offendeis a Deos com as palavras: eu lembrome, mas vòs não offendeis a Deos cõ a memoria eu discorro, mas vòs não offendeis a Deos com o entendimento: eu quero, mas vòs não offendeis a Deos com a vontade. Vòs fostes criados por Deos, para servir ao homem, & conseguis o fim para que fostes criados: a mim crioume para o servir a elle, & eu não configo o fim para que me criou. Vòs não haveis de ver a Deos, & podereis aparecer diante d'elle muyto confiadamente, porque o não offendestes: eu espero que o hey de ver, mas com que rosto hey de aparecer diante de seu divino acatamen-

to, se não cesso de o offender? Ah que quasi estou por dizer, que me fora melhor ser como vòs, pois de hum homem, que tinha as minhas mesmas obrigaçoens, disse a summa Verdade, que melhor lhe fora não nalcer, ou nam nalcer homem: *Si natus non fuisset homo ille.* E pois os que nascemos homẽs, respondemos tão mal ás obrigaçoens de nosso nascimento, contentayvos, Peyxes, & day muytas graças a Deos pelo voffo.

371 *Benedicite cete; & omnia, quæ moventer in aquis Domino.* Louvay, Peyxes, a Deos, os grandes, & os pequenos, & repartidos em dous coros tão innumeraveis, louvayo todos uniformemente. Louvay a Deos, porque vos criou em tanto numero. Louvay a Deos, que vos distinguio em tantas es-

pecies: louvay a Deos, que vos voffio de tanta variedade, & fermosura: louvay a Deos, que vos habilitou de todos os instrumentos necessarios para a vida: louvay a Deos, que vos deu hum elemento tão largo, & tão puro: louvay a Deos, que vindo a este mundo, viveo entre vòs, & chamou para si aquelles, que comvosco, & de vòs viviaõ: louvay a Deos, que vos sustenta, louvay a Deos, que vos conserva, louvay a Deos, que vos multiplica: louvay a Deos, em fim, servindo, & sustentando ao homem, que he o fim para que vos criou: & assi como no principio vos deu sua bençaõ, vo la dè tambem agora. Amen. Como não fois capazes de Gloria, nem Graça, não acaba o voffo Sermaõ em Graça, & Gloria.



# S E R M A M

PARADIA

## DE S. BERTHOLAMEO.

EM ROMA

Na occasião de promoçãõ de Cardeaes.

*Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit.*  
Luc. 6. 13.

§. I.

372



Emos hoje desvelado a Christo : *Erat. pernoctans :* & com ração desvelado. Havia de eleger os Pastores de sua Igreja : havia de eleger os maiores Ministros de sua Monarchia : justa, & exemplarmente se desvela. Nenhum negocio mais deve tirar o sono a hum Principe, nenhum o deve desvelar mais, que a

eleyçãõ dos grandes Ministros; porque desta eleyçãõ dependem todas as eleyçõens, todas as resoluçoens, & todo o bom governo; & felicidade da Republica. Aqui se faz, ou se desfaz tudo. Justamente logo se desvela o supremo Rey, justa, & exemplarmente o supremo Pastor : *Fugiet somnus ab ocalis meis :* dizia Jacob, quando pastor de Labam. Se o cuydado das ovelhas tanto desvelava ao Pastor,

*Genes.*  
31.40

tor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleyção dos Pastores? Lembrame ( vamos do monte ao mar ) Lembrame, que no Mar de Tiberiades corria fortuna a Barca do Apostolado, & no mayor rigor da tempestade se diz de Christo, que dormia: *Ipsè verò dormiebat.* No mar, Senhor meu, dormindo, & no monte desvelado? Não vos tira o sono a tempestade, & a eleyção dos que vão na Barca vos desvela tanto? Si: que quem se desvela nas eleyções, não periga nas tempestades. Pedro estava ao leme: Andre, João, & Diogo, & os de mais aos remos: & quando està a Barca taõ bem provida, bem pôde dormir o Patraõ. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleyção, alli se venceo o perigo: & onde estava o perigo, alli ouve de ser o desvelo: *Erat pernoctans.*

Este he o ponto, sobre que havemos de fallar hoje: materia não só grande, mas entre as mayores a mayor. Como se devem eleger os grandes Ministros. Christo nos

ensinará, & sua Mãe Santissima nos alcançará a Graça. *Ave Maria.*

§ II.

*Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit.*

373 **E** Legeo Christo hoje os mayores Ministros de sua Igreja: & no modo, & circumstancias admiraveis desta eleyção, deyxou canonicamente prescripto a seus successores, como elles tambem os haviaõ de eleger. Todo o exemplar se reduz a tres regras. Primeira: com quem se ha de fazer a eleyção? Segunda: quaes devem ser os eleytos? Tercceira: quantos se haõ de eleger? Em tres palavras. Com quem? Quaes? E quantos? Começemos.

374 A primeira pergunta destas he: Com quem se haõ de fazer as eleyções? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não, & Si. Não com os parentes, mas com o mais parente: não com os amigos, mas com o mais amigo: não com os in-

Matth.  
8. 24.

tereffados, mas com o mais interessado: com Deos: *In oratione Dei*. No sagrado Collegio tinha Christo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes, porque tinha a João, & os dous Jacobos primos seus; porè n. não consultou estes parentes, senão a Deos, que he o mais parente, porque he Pay. Tinha amigos, & muyto do seu seyo, Pedro, João, & Diogo, dos quaes fiava tudo; porèm não consultou estes amigos, senão a Deos, que he o mais amigo, porque só seu amor he fiel, & sua vontade recta. Tinha interessados, & estes (como costuma ser) crão todos: *Quis eorum videretur esse maior.*

Luc.

22.24

E não consultou estes interessados, senão a Deos, que nesta eleyção era o mais interessado; porque nos Ministros idoneos de sua Igreja vay empenhado seu serviço, sua honra, sua gloria; & o bem, & salvação do mundo. Por isto o humanissimo Senhor, que em outras occasioens chamou a conselho a seus Discipulos, nesta nem lhes quiz perguntar, nem os

quiz ouvir: antes, como bem advertio o grande Arcebispo de Bulgaria Theofilacto, para exemplo, & doutrina dos que agora havião de ser eleitos, & depois eleytores, tratou tudo com Deos só por só, em larga oração: *Post orationem* (diz <sup>7be-</sup> elle) *elegit Discipulos, ut doceat etiam nos, quando quempiam in spirituale ministerium sumus ordinaturi, cum precibus hoc faciamus, ut doctus à Deo, & ab illo petentibus revelet, quis idoneus sit.*

375. Todas as circunstancias do caso prègaõ, & confirmão esta verdade. Primeiramente: *Exiit in montem*: Subio-se Christo a hum monte. Os Politicos dirão aqui, que para fazer eleyçoens semelhantes, importa subir a hum monte, & muyto alto, donde se descubra, & veja todo o mundo, os Reynos, os Estados, os Principes, as dependencias, o poder de hums, a declinação de outros, o de perto, o de longe, o que he, o que pôde ser. Mas este modo de subir ao monte mais tem de tentação, que de eleyção: *Assumpsit eum Diabolus in montem excelsum, & ostendit*

Math  
4.8.

*ei omnia Regna mundi, & gloriam eorum: E a que fim? Si cadens adoraveris me..* Subir ao monte para descobrir desde o alto os Reynos do mundo, & ver sua grandeza, & onde se achão menos, ou mais gloriosas as suas Coroas, he mais a proposito para adorar ao Diabo, que para eleger instrumentos, que o destruaõ. Christo subio ao monte nesta occasiã, não para ver o mundo, mas para se apartar mais delle, & para pôr os olhos mais de perto no Ceo. Por isso subio de noyte, & não de dia: *Erat pernoctans.* Notou Filo Hebreo discretamente, que o dia descobre a terra, & encobre o Ceo; a noyte descobre o Ceo, & encobre a terra. Esta he a melhor hora de eleger, quando a terra se fecha aos olhos, & o Ceo se abre. Por isso vay o Senhor de noyte, & ao monte. Do noite para não ver a terra, senão o Ceo, ao monte, para o ver mais livremente, & mais deperto: *Exiit in montem, & erat pernoctans.*

376. Este tempo, & este lugar escolheo Christo para fazer a eleyção em seu lugar,

& a seu tempo. E para que fosse acertada, aconsultou só por só com Deos: *In oratione Dei.* Com Deos propunha os fins, sendo o unico fim o mesmo Deos: com Deos consultava os meyo, não havendo coufa em meyo entre elle, & Deos: com Deos media os talentos, com Deos pezava os merecimentos, & onde estes eraõ mayores, elle era o q̄ intercedia, elle era o Orador: *In montem orare.* Orava como homem, para eleger como Deos: Orador, & não orado. Vede a differença mayor desta eleyção. Nas Cortes do mundo os interessados orão, o Principe elege. No Consistorio de Christo os interessados calão, o Principe ora. Os Eleytos não se haõ de pedir ao Principe, ha de pedir o Principe a Deos. Estavão duas Cadeyras vagas no Apostolado, pediu-as ambas a Viuva do Zebedeo: E que respondeo Christo? Que pelo menos lhe daria hũa para satisfazer com outra a outros respeytos iguaes? Não. O que respondeo foy: *Non est meum dare vobis, sed qui-* 20.23  
*bus paratum est à Patre meo.*

Divino modo de negar sem offender. Eleja Deos, & não se offenderão os homens: se-ja Deos o que eleja, & Deos o que nomeye. A nomeação, e a eleição tudo ha de ser de Deos: *Elegit duodecim, quos & Apostolos nominavit.* Depois que Christo orou ao Eterno Padre, então sahio a nomeação, & a eleyção: & primeiro a eleição, que a nomeavao: *Elegit, & nominavit.* Se hum nomea, quando outro elege, não elege, quem elege, elege quem nomea.

377 Bastava só esta razão para ser Deos, & só Deos, o consultado nas eleições; mas ha outra mais interior, & mais forçosa: o acerto. Não ha cousa mais difficil, que eger hum homem a outro homem; porque, ou o conhece, ou não. Se o não conhece, eloge ás cegas, & se o conhece, tambem: porque se o conhece, ou o ama, ou o aborrece; & tão cego he o amor, como o odio. Mas he certo, que com a payxão, ou ainda sem ella, nenhum homem conhece a outro. O conhecimento do homem he reservado sómente a Deos, & ainda nelle

admiravel: *Mirabilis facta Psal. est scientia tua ex me.* Neces-<sup>138.6</sup>fario he logo, que se peça a Deos, orando, o que o homem nem por si, nem por outrem pode alcançar conhecendo. Assi o fizeram os mesmos, que hoje foraõ eleytos, quando quizeraõ substituir o lugar, que vagou de Judas.

378 Propoz S. Pedro; & elle, & os demais Apostolos escolhêraõ de todos os Discipulos os mais eminentes em santidade, & os mais experimentados nos exercicios, & ministerios do Apostolado, que foraõ Mathias; & Joseph, chamado o Justo. Isto feyto se poz todo o Collegio em oração. E que pediram a Deos? *Orantes dixerunt: Tu*<sup>Ab. 1.</sup><sub>24.</sub> *Domine, qui corda nosti omnium, ostende quem elegeris ex his duobus.* Vós Senhor, vós que só conheceis os coraçãoes, & o interior dos homens, vede qual destes dous elegeis: & assi se fez a eleição. Elles propuzeraõ, & oraraõ, Deos elegeo. E para ensinar Deos quam errados ( ainda sem payxão ) são os juizos humanos, não elegeo para Apóstolo

lo aquelle, a quem os homens tinhaõ dado o nome, ou a antonomasia de Justo. Assim succedeo Mathias no lugar, em que hoje foy eleyto Judas. Torno a dizer: em que hoje foy eleyto Judas. Se em doze eleytos por Christo, & com Deos, se achou hum Judas, em doze eleytos sem Deos, & sem Christo, quantos se acharão? Queyra o mesmo Deos, que não sejaõ mais de onze. Por isso só se deverã fazer as eleyçoens com Deos. Corra por conta de Deos o acerto. Como faça o eleytor sua obrigação, não importa, que o eleyto não faça a sua. Judas não fez o que devera; mas Christo fez o que devia, porque orou antes de eleger, & o consultou primeyro, & muy devagar com Deos: *Exat pernoctans in oratione Dei.*

379. Em hũa noite se fizeram, & acabáram de fazer as eleyçoens, & ao amanhecer do outro dia se nomeáram os Apóstolos: *Et cum dies factus esset.* Que brevemente se conclue, o que se consulta só com Deos? Onde não entraõ razoens temporaes, não se gasta tempo. Toda a noyte

parece, que gastou Christo, como significa o termo: *Exat pernoctans.* Mas he affaz, que doze eleyçoens se fação em doze horas. Quantos dias, quantos mezes, quantos annos se gastão muytas vezes em eleger hum homem? He porque não se fazem as eleyçoens com Deos. Direis, que he necessario fazelas cõ grande consideração. Tambem assi o digo. Com consideração, si: com consideraçõens, não: & as consideraçõens são as que levaõ, & as que gastão o tempo. Não quero para isto outro Autor, que o grande Pontifice S. Gregorio, muy costumado a fazer grandes eleyçoens. Elegeo Samuel a Saul, & fezse a eleyção com toda esta cerimonia. No primeiro escrutinio sahio a Tribu de Benjamin: no segundo a Familia de Metri: no terceiro a Casa de Cis: no quarto a Pessoa de Saul: *Quid in hoc significatur* (diz S. Gregorio)  *nisi quia Sanctæ Ec. Div. clesie Principes multa consi. Greg. doratione eligendi sunt?* Quiz com isto significar Deos; que os Principes de sua Igreja se haõ de eleger com muyta, & muy

muy larga consideração. Affi-  
 foy: mas tudo se fez em qua-  
 tro eſcrutinios, & tudo em  
 hum dia; porque se fez ſó-  
 mente com Deos ſem outras  
 conſiderações, nem depen-  
 dencias. Sobre a eleyçam do  
 Sacerdocio concorrêrão as  
 doze Tribus com outras tan-  
 tas varas, que foraõ levadas  
 ao Tabernaculo, & ſe puzê-  
 rão na preſença de Deos, &  
 em hũa noite a Vara de Araõ  
 ſe cobrio de folhas, ſe eſmal-  
 tou de flores, & ſe encheo de  
 frutos, cõ que elle foy o elei-  
 to, & declarado Summo Sa-  
 cerdote. Para fazer outro tã-  
 to a natureza com as raizes  
 na terra, fora neceſſario hum  
 anno; mas como as varas de-  
 farreygadas da terra ſe puzê-  
 rão na preſença de Deos, baſ-  
 tou huma noite. Neſta noyte,  
 em que orou Chriſto, doze  
 vezes ſe multiplicou eſte mi-  
 lagre. Florecêrão doze Va-  
 ras, & amanhecêrão ao mun-  
 do, para a reforma d'elle, elei-  
 tos doze Apoſtolos: *Erat  
 pernoctans in oratione Dei, &  
 cum dies factus eſſet, elegit duo-  
 decim ex ipſis.*

## §. III.

380 Paſſemos à ſegunda  
 queſtão. Quaes hão de ſer os  
 eleitos? Os máos? Claro eſtã  
 que não. Logo os bons? Não  
 digo iſſo. Nem os máos, nem  
 os bons, ſenão os melhores.  
 Ainda diſſe mal, & ainda  
 pouco. Os melhores dos me-  
 lhores digo; quaes eraõ os  
 que hoje elegeo Chriſto. Os  
 melhores do Povo de Iſrael  
 eraõ os que criã em Chriſto:  
 os melhores, que criã nel-  
 le, erãõ ſeus Diſcipulos; & os  
 melhores de ſeus Diſcipulos  
 forãõ os doze, q̃ hoje elegeo,  
 & nomeou por Apoſtolos:  
*Elegit duodecim ex ipſis, quos  
 & Apoſtolos nominavit.* No-  
 teſe muyto, não ſó a quem, &  
 a quaes; mas de quem, & de  
 quaes eſcolheo: *Ex ipſis.* En-  
 tre os Diſcipulos eſtava Lu-  
 cas, eſtava Marcos, eſtava  
 Eſtevão, & tantos outros  
 eminentemente bons, & me-  
 lhores que bons. Mas o Se-  
 nhor como elegia os Apoſto-  
 los para eminentiſſimos, não  
 elegeo os melhores dos bons,  
 ſenão os melhores dos me-  
 lhores. Eſta foy a razão porq̃  
 Chriſ-

Christo chamou diante de si a todos os Discipulos, quando escolheu aos Apostolos: *Vocavit Discipulos suos, & elegit duodecim ex ipsis.* Para que á vista dos que deyxava, se conhecesse melhor os que escolhia. Quiz que se lhe conhecesse o jogo pelo descarte. Quando Samuel ouve de ungir a David, ordenou Deos, que viessem primeyro diante delle todos os filhos de Jessê. Veyo o morgado Eliab: não he este, diz Deos; veyo Aminadad; nem este; veyo Sama, & outros sete irmãos, & nenhum escolheu Deos, até que veyo do campo David. Pois se David era o escolhido: para que vem primeyro á presença de Samuel todos os filhos de Jessê? Para que vendo Samuel, & o Pay, quaes eraõ os que Deos deyxava, conhecessem melhor, qual era o que escolhia: *Vocavit Discipulos suos.* Venhaõ todos os Discipulos diante de Christo: excluase hũ Marcos, excluase hum Lucas, excluase hum Estevão, para que á vista da grandeza dos excluidos, se conheça melhor a eminencia dos do-

ze eleitos: *Et c'egit duodecim ex ipsis.* Nas promoçoens humanas os excluidos condemnão as eleçoens: nas Divinas os excluidos calificação os eleitos.

381 *Duodecim ex ipsis.* Não se fez aquí a eleição entre escolhidos, & reprovados, senão entre escolhidos, & escolhidos; porque quando se elegem Principes da Igreja, não se ha de eleger o escolhido do reprovado, senão o escolhido do escolhido. Ouvi hũ grande lugar do Evangelho, que ainda entre grandes Expositores anda mal entendido. Chamou o Pay de familias os operarios, que havião de trabalhar na sua vinha, l'us mais cedo, cutros mais tarde, a diferentes horas do dia; & no fim do mesmo dia receberãõ todos o seu jornal, começando não dos primeiros, senão dos ultimos. Daqui tirou, & infirio o Senhor aquella tão celebrada conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci Mat. verò electi.* Porque muytos <sup>20.16</sup> são chamados, & poucos os escolhidos. A exposição commum destas palavras he, que sendo os chamados todos, os

escolhidos são poucos, & os reprovados muytos. Mas neste lugar he certo, que esta mesma sentença repetida em outros, não quer dizer tal cousa, nem esse era o intento de Christo. Prova-se evidentemente, porque todos os que foram à vinha, & entrarão nesta comparação, foram escolhidos; porque todos receberão o jornal, ou denario, que he o premio dos que guardão os dez Mandamentos. Pois se todos erão escolhidos, como infere, & conclue Christo, que os chamados são muytos, & os escolhidos poucos? Porque a eleyção, de que o Senhor fallava nesta parabola, he a eleyção da preferencia aos primeiros lugares: *Erunt novissimi primi*. E esta eleyção não se faz entre escolhidos, & reprovados, senão entre escolhidos, & escolhidos, quaes erão todos os que receberão o denario. E daqui se infere, & conclue com toda a propriedade, que os chamados são muytos, & os escolhidos poucos; porque os chamados para esta eleyção, são todos os escolhidos entre os demais,

& os escolhidos para ella, são só os escolhidos entre os escolhidos. Assi se vio na eleyção de hoje; os chamados foram muytos, porque foram todos os Discipulos: *Vocavit Discipulos suos*. Os quaes Discipulos erão todos escolhidos; porém os escolhidos destes escolhidos foram só os doze Apostolos: *Elegit duodecim ex ipsis. Ex ipsis*; que erão os escolhidos: *Ex ipsis*, que erão os melhores; porque os Principes da Igreja hão de ser o escolhido do escolhido, & o melhor do melhor.

382 Duas eleyções temos de Deos no Testamento Velho, em que não se requeria, nem se professava tanta perfeição: & sendo não Ecclesiasticas, senão seculares (se bem significativas da nossa Igreja, como notou S. Agostinho) vede quaes foram os escolhidos. O primeyro foy Saul, o segundo David. E porque foy Saul o primeiro? Porque era o melhor, diz o Texto sagrado: *Non erat vir de filiis Israel melior illo*. Nenhum <sup>1. Reg.</sup> em todo Israel era melhor <sup>9.2.</sup> que elle. E porque ninguem cuide,

1. Reg.  
10.24

cuide, que havia algum tam-  
bom, acrescenta a mesma Es-  
critura, que ninguem lhe era  
igual: *Quoniam non sit simi-*  
*lis illi in omni populo.* Ne-  
nhum era melhor, porque  
dos melhores elle era hum; &  
nenhum era tão bom, porque  
dos melhores, elle era o me-  
lhor. David tambem vivia  
em tempo de Saul: donde se  
inhere ( cousa muyto digna  
de se notar) que quando Saul  
foy eleyto; era melhor que  
David. Assi o affirma o Bispo  
Abulense. ( E acrescento a  
Abulense a prefação de Bis-  
po, porque nenhũa authori-  
dade citey, nem citarey ne-  
ste Sermão, que não seja de  
Autor constituido na pri-  
meyra dignidade Ecclesiasti-  
ca.) *Respondendum* ( diz el-  
te) *quod David erat melior*  
*Saule, postquam peccavit: Saul*  
*tamen, antequam peccaret, erat*  
*melior quam David.* Elego  
pois Deos a Saul, porque ain-  
da que David era tão singu-  
lar entre os melhores, cõ tu-  
do Saul naquelle tempo era  
melhor que David. Não res-  
peitou Deos em David, a que  
haveria de ser seu Pay; ante-  
pozlhe o melhor. E quando

Abu-  
lens.

elego Deos a David: Quan-  
do foy melhor que Saul. Ex-  
pressamente o Texto: *Scidit*  
*Dominus Regnum Israel à te*  
*hodie, & tradidit illud proxi-*  
*mo tuo meliori te.* Tiroute  
Deos hoje a coroa ( d.z Sa-  
muel a Saul ) perque a tem  
dado a outro homem melhor  
do que tu es. Não ha outro  
porque nas eleyções de Deos,  
se não o ser, ou o não ser me-  
lhor. Quando Saul era me-  
lhor que David, elego a  
Saul: quando David foy me-  
lhor q̄ Saul, elego a David;  
sempre o melhor do melhor.

1. Reg.  
15.28

383 Oh quam bem rece-  
bidas ferião as eleyções, &  
quam aplaudidos os eleytos,  
& os eleitores, se observassem  
os homẽs esta regra de Deos!  
Eleito que foy Saul, & acha-  
do ( porque se escondẽra )  
trouxeo o Profeta Samuel a  
publico, & mostrou-o ao Po-  
vo: & que tal era? *Stetit in*  
*medio populi, & altior fuit u-*  
*niverso populo ab humero, &*  
*sursum.* Appareceo Saul em  
meyo do povo, grandes, &  
pequenos, & virão todos, que  
dos hombros para cima era  
mais alto que todos. Não  
grande entre os pequenos,

1. Reg.  
10.23

naõ mayor entre os grandes, mas sobre todos os mayores mayor: *Ab humero, & sursum*. Com toda a cabeça excedia aos demais. Não era mayor na idade, nem mayor na riqueza, nem mayor na potencia, nem mayor nos amigos, & parentes, senão mayor na cabeça, & por isso o fez Deos cabeça de todos. Então levantou o Profeta a voz, & disse:

**1. Reg.** *Certe videtis, quem elegit Deus: 10.24 minus: quoniam non sit similis illi.* Vossos olhos são testemunhas, que este, a quem elego Deus, he o mayor, & mais digno, & nenhum a elle igual. E a esta voz; & a esta vista, que se seguiu? Seguirão-se os vivas, & acclamaçoens de todos: *Vivat Rex.* Eleja-se o mayor, & o melhor, & os mesmos excluidos dirão: Viva.

384 Portou-se Christo taõ exacto na observancia, ou no exemplar desta regra; que não só a observou com os Apostolos eleitos, a respeyto dos excluidos, senão tambem a respeyto dos mesmos eleytos huns com outros, elegendo, & nomeando primeyro os mayores, & melhores. Não sey se tendes reparado, que

tendo os eleitos doze, as eleiçoens foraõ seis. Assi se cohe dos Evangelistas, que com modo particular, & nũca outra vez ufado, os vaõ contando a pares, & nomeando de dous em dous: *Eligit duodecim, quos & Apostolos nominavit: Petrum, & Andream: Jacobum, & Joannem: Philippum, & Bartholomæum, &c.* Elego Christo os doze Apostolos não juntos, senão por partes, & a pares: primeyro dous, Pedro, & Andre: depois outros dous, Diogo, & Joaõ; & assi os demais preferindo sempre os melhores, & mais dignos, começando por Pedro, & acabando em Judas. Porque não só devem elegerse os melhores, mas ainda entre os melhores. que se elegem, os melhores dos melhores devem sair primeyro. De forte, que as eleiçoens, que se fazem cõ Deos, & por Deos, olhão sempre tanto para o melhor, que se ha muytos melhores, os melhores dos melhores hão de ser os primeyros eleytos, & depois successivamente os outros. De doze Pedro & Andrè: de dez Joaõ, &

Diogo;

Diogo; De oyto Filippe, & Bartholomeo: & assi dos demais: dandote sempre o primeiro lugar, & a primeyra nomeação aos primeyros, isto he, aos que mais o merecem, não por outro respeito, que por melhores.

385 Mas porque esta doutrina parece miuda, & apertada, he necessario darmos a razão della. Que razão ha, para se elegerem não só os bons, senão os melhores; & ainda dos melhores, os que forem, ou o que for melhor? A razão he; porque o que elege, não só he obrigado a procurar o bem publico, senão o mayor bem. Por isso não deve eleger nem o máo, nem o bom, senão o melhor. O máo não; porque este fará mal: o bom tambem não; porque este fará menos bem: o melhor, & só o melhor si; porque este fará melhor. Entre o bom, & melhor ha a mesma differença, que entre o menos, & o mais; & deste mais de bem, que acrece sobre o menos de bem, não deve privar a Republica, ou a Igreja áquelle, q̄ he obrigado a lhe procurar o seu ma-

yor bem. Hase de pôr em balança o menos, & o mais, & assi se haõ de fazer as eleyçoens. O melhor, que pôde servir mais á Igreja, eleito: o que a pôde servir menos, ainda que bom, excluido. Que escreveo a mão de Deos, quando foy excluido do governo, & da Coroa ElRey Balthasar? *Appensus es in statera, & inventus es minus habens.* Foste pezado na balança, & achouse, que tinhas menos. Menos he correlativo de mais: & quem foy achado com mais em comparação de Balthasar, que foy achado com menos? Era o Rey Cyro, que lhe succedeo. Põe Deos em balança de hũa parte a Cyro, & da outra a Balthasar: & porque Cyro havia de ser mais util á Igreja, & ao seu Povo, que entãõ estava desterrado, & cativo em Babylonia, como verdadeyramente foy, mandandolhe restituir a liberdade, a patria, & o templo: porque Cyro, digo, havia de ser mais util, & Balthasar menos; este menos lhe tirou a Purpura, & a Coroa a Balthasar, & este mais a deu a Cyro.

386 Ha de fazer a balança da justiça neste caso o que a balança da cobiça nos seus. Digamolo mais claro. Ha de fazer a cobiça do bem publico, o que faz a cobiça do bem particular. A quem dá a cobiça as dignidades, & a quem as tira? Dá-as a quem vê, que tem mais; porque recebe, ou espera mais: tira-as a quem vê, que tem menos; porque, ou não recebe, ou espera menos. Sabeis Sacerdote virtuoso, sabeis Religioso exemplar, sabeis Ministro zeloso, & incorrupto, sabeis Doutor gram Letrado, porque fostes excluido? Porque *Inventus es minus habens*. O eleito não tinha mais virtude, nem mais letras, nem mais zelo, nem mais talento que vós, mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos! Assim ha de attender ao mais, & ao menos a cobiça do eleytor, só nente ambicioso do bem publico. Exclua aquelles de quem se espera menos, ainda que bons; & eleja os que prometem de si mais, que são os melhores. Este he o unico respeyto, que faz as

eleiçoens justas, & não respektivas. Todos os outros respektos, & attençoens, que respektão ao bem, & util, particular, são peste da Republica, & tanto mais venenosa, quanto mais chegada ás veyas.

387 Dous respektos, ou duas attençoens podião occorrer na eleyção de hoje: hũa do sangue, outra do temor: a do sangue em João, a do temor em Judas. João era parente, & parente muy querido; mas nem por isso João foy anteposto a Pedro, senão Pedro a João. Judas não havia de seguir as partes de Christo; antes se havia de unir com a parcialidade de seus inimigos; mas nem por esse temor foy excluido Judas. E porque? Porque Christo tratava de eleger Apostolos, & não de multiplicar *Luc.6* creaturas: *Et Judam Scario-16.* ten, qui fuit proditor. Até Judas foy eleyto, porque era ao presente dos melhores, ainda que depois fosse, ou havia de ser inimigo. Seja Judas traydor, a quem o elege; mas quem elege, não seja traydor á eleyção. Tão fiel, tão generoso,

roso, & taõ magnanimo se  
mostrou Christo no eleger;  
ainda ao duodecimo dos do-  
ze: *Elegit duodecim ex ipsis.*

## §. IV.

388 A terceira, & ultima  
questão he: Quantos hão de  
fer os eleytos? Hão de fer  
poucos, ou muytos? Numero  
certo, ou incerto? Arbitrario,  
ou estabelecido? Cheyo, ou  
não cheyo? A tudo respon-  
de Christo em hũa palavra:  
*Duodecim*: doze. Vamos por  
partes. Se hão de fer poucos,  
ou muytos? Responde Chri-  
sto, que poucos. E porque?  
Porque havendo de fer os  
eleytos, como dissemos, os  
melhores, quando não são  
muytos os bons, não podem  
fer os melhores muytos. Em  
poucos ha ordem, ha uniaõ,  
ha conselho: na multidão,  
nem ordem; porque será per-  
turbacão: nem uniaõ; porque  
será discordia: nem conse-  
lho; porque será tumulto. Os  
Ministros hão de fer como as  
Leys: as Leys hão de fer  
poucas, & bem guardadas, &  
os Ministros poucos, & esco-  
lhidos: *Elegit duodecim.*

389 Governa Deos a uni-  
versidade deste mundo: &  
quantos lhe assistem? Sete *Apoc.*  
Espiritos: *Gratia vobis, &* <sup>1.4</sup>  
*pax ab eo, qui est, & querat,*  
*& qui venturus est, & à Sep-*  
*tem Spiritibus, qui in conspe-*  
*ctu throno eius sunt.* Sete com  
os olhos no que era, no que  
he, & no que ha de vir, bastão  
para manter o mundo em  
graça, & em paz: *Gratia vo-*  
*bis, & pax.* Mas perde-se a  
graça, & a paz não se acha;  
porque se poem os olhos, não  
no que he, & ha de vir, senão  
no que não he, & querem que  
seja; & no que não devêra  
vir, & querem que venha.  
Por isso não fazem setenta, o  
que podêrão fazer sete. He  
verdade que os homens não  
são Anjos, ainda que o de-  
vião fer. Assi o diz logo o  
mesmo S. Joaõ, nomeando os  
Bispos de Asia: *Angelo Ec-*  
*clesiae Ephesu: Angelo Eccle-*  
*sia Smyrna: Angelo Pergami* <sup>*Apoc.*</sup>  
*&* <sup>2.1.8.</sup>  
*Ecclesiae.* Mas ainda que os  
homens não sejam Anjos, o  
que fazem sete Anjos, bem o  
podem fazer doze homens,  
se forem eleitos com Deos, &  
por Christo. Tudo tinha di-  
to David: *Pro patribus tuis*  
*na-*

*nati sunt tibi filii.* Pelos doze pays vos nascêraõ doze filhos: quer dizer: pelos doze Patriarchas tareis doze Apóstolos: *Constitues eos Principes super omnem terram:* A 44. 16. estes doze fareis Principes de toda a terra. E que se seguirá? *Memores erunt nominis tui: propterea populi confitebuntur tibi.* Elles se lembrãraõ de Deos, & Deos porá a seus pês todos os povos do mundo. Doze homens, que se lembrem de Deos, bastaõ para fõgeytar o mundo a Deos. Mas se estes, ou seus successores se esquecerem de Deos, não só não hão de trazer os povos a Deos, mas Deos perderá os que já tinha. Tanto pòdem desfazer muytos homens, & tanto pòdem fazer poucos: *Multipicasti gentem, non magnificasti laetitiam.* O muyto não o faz a multidão. A multidão fiz muytos: os poucos fazem muyto: *Non in numeri multitudinem, sed in virtutis probitate multitudo consistit:* comenta o que sendo hum, fez o que muytos não fazem, o grande Arcebispo de Constantinopla, Chrysofostomo.

390 Mas este numero será bem, que seja certo, ou incerto? Arbitrario, ou estabelecido? *Duodecim;* doze. Enfina Christo, que hã de ser certo, & estabelecido, & não incerto, nem arbitrario. O numero dos doze Apóstolos não só estava estabelecido, mas predestinado. Estabelecido nos doze Patriarchas, filhos de Jacob: nos doze Exploradores da Terra de Promissão: nas doze Fontes do Dezerto: nas doze Pedras do Racional. Predestinado nos doze Fundamentos, & nas doze Portas da Cidade de Deos: nas doze Estrellas da mulher vestida do Sol; & nas doze Cadeyras do Juizo Universal. E como era numero canonicamente decretado, & consagradamente mysterioso, sendo Christo superior a todas as Leys, & Senhor dellas, observou exactamente a religião do mysterio, & não quiz mudar, nem alterar o numero. Ponderou o caso profundamente S. Pafchasio, & diz assi: *Adeo autem Christus secum voluit esse duodecim, ut ne Judas possit effigere, ut tantum essent undecim*

Isai.  
9.3.

D. Paf.  
chaf.

decim

*decim.* Foy tão observante, & tão observador Christo do numero decretado, que teve por melhor meter no numero a Judas que não observar pontualmente o numero. Seção doze, como está decretado, ainda que Judas seja o duodecimo. E se foy muyto não diminuir o numero por Judas, não foy menos não acrescentar o numero, nem por Marcos, nem por Estevão. Não se altere o numero estabelecido, ainda que fiquem fóra delle o terceyro Evangelista, & o primeyro Martyr.

*Matth* 391 Mayor ponderação.  
 19.27 Pergunta S. Pedro a Christo:  
 & 28. *Ecce nos reliquimus omnia,*  
*& secuti sumus te, quid ergo*  
*erit nobis?* Responde Christo:  
*Sedebitis super sedes duodecim.* Vós os que deyxastes por mim tudo, & me seguístes, sentarvosheis no dia do meu juizo sobre doze cadeyras. Senhor meu? E se ouver também outros, que vos sigão, & deyxem tudo por vós, como os Apostolos, & mais ainda que elles, não haverá cadeyras para elles? Não. *Sedes duodecim.* O numero das

cadeyras he de doze: doze são, & não mais, os que se hão de assentar. Não se ha de multiplicar o numero dos lugares, ainda que cresça o numero dos benemeritos. Pague-se o merecimento, si, mas com outros premios: não devem ser as cadeyras mais q̄ doze. Não se hão de multiplicar dignidades, não se hão de multiplicar lugares, não se hão de fazer Ministros supernumerarios. Se são doze os Patriarcas, seção doze os Apostolos, & não mais de doze. Se são setenta os Anciãos do Povo, seção setenta os Discipulos, & não mais de setenta. E porque? Porque cerrado o numero, cerra-se a porta a inconvenientes sem numero. Vós o discourrey, que o sabeis melhor. Porém direis, que Christo, postoque tão observador do numero, fez algum Ministro supernumerario, que foy S. Paulo, S. Mathias não; porque *annumeratus est cum undecim*: Porém S. Paulo foy verdadeyramente supernumerario; porque nem foy do numero da primeira eleyção, nem do numero da segunda:

gunda: & foy o Apóstolo de-  
 ceimotercio. Grande pri-  
 vilegio verdadeiramente de  
 S. Paulo! E todas as vezes,  
 que ouvesse hum S. Paulo, eu  
 admittira facilmente, que se  
 alargassem as Leys, para a-  
 crescer tal companheyro ao  
 sagrado Collegio. Mas ad-  
 verti, que não foy acrescen-  
 tado o numero por medo  
 das Provizoens, que levava  
 de Jerusalem contra Damas-  
 co, senão pela eminencia do  
 talento, & por fins altissimos  
 da mayor gloria de Deos, &  
 de seu nome, & por eleyção  
 muy livre, muy soberana,  
 muy de Christo, & para  
 Christo: *Vas electionis est mi-*  
*hi iste, ut portet nomen meum*  
*coram Gentibus, & Regibus:*  
 Não por respeyto dos Reys,  
 senão para os fogueitar.

Act. 9  
15.

392. Mas ainda assi digo,  
 que não foy supernumerario  
 Paulo, nem por elle, ou com  
 elle se excedeo o numero.  
 Assi o diz a Igreja: *Qui me-*  
*runt thronum duodecimum pos-*  
*sidere.* A cadeyra, que occu-  
 pou, & se deu a S. Paulo, não  
 foy supernumeraria, senão  
 do numero das doze, a du-  
 decima. Pois a duodecima

não se deu a S. Mathias? Si:  
 a Mathias, & mais a Paulo:  
 ambos foraõ providos, & no-  
 meados na mesma cadeyra:  
 para que se veja, quam justi-  
 ficada havia sido a eleyção  
 de Judas, & qual foy o seu  
 precipicio. Prudencio cha-  
 mou a Judas: *Magnum Dis-*  
*cipulum:* o grande dos Disci-  
 pulos. Não fora tão mau, se  
 não ouvera sido tão grande.  
 A corrupção do melhor he o  
 peor. Escolheo Christo em  
 Judas hum homem tão gran-  
 de, que a vacancia, ou o va-  
 sio do seu lugar não o encheo  
 só Mathias, senão Mathias, &  
 Paulo. Onde tambem se de-  
 ve notar, que esta multipli-  
 cação de dous fogeitos, em  
 lugar de hum, não foy contra  
 o numero estabelecido, senão  
 muy confórme a elle. O nu-  
 mero dos doze Apóstolos foy  
 decretado, & estabelecido no  
 numero dos doze Patriar-  
 chas. Estes saõ os vinte &  
 quatro Anciãos, que vio São  
 João assistir ao Trono do  
 Cordeyro, como observaõ  
 cõmummente os Padres: do-  
 ze Patriarchas, & doze Apo-  
 stolos. Porém nos doze Pa-  
 triarchas ouve hum lugar,  
 que

que se substituiu com dous, que foy o lugar de Joseph substituido em Manassés, & Efraim. E assi como o lugar de Joseph, o vendido, se substituiu com dous, Efraim, & Manassés; assi o lugar de Judas, o vendedor, se substituiu com outros dous, Mathias, & Paulo. Taõ obervador foy Christo do numero canonicamente decretado, que nem para dar, & abrir lugar a S. Paulo, quiz exceder o numero: *Elegit duodecim.*

393 Esta he a razão porque não elegeo Christo mais de doze. Resta saber porque não elegeo menos; & porque encheo o numero? Porque não convem, que haja lugares vagos. A natureza não admitta vacuo; nem o deve admitir politica, ou seja sagrada, ou profana. Hum lugar vago na Republica tem os mesmos inconvenientes, que teria no mundo o vacuo. Se ouvera vacuo no mundo, havia-se de inquietar toda a natureza, havia de correr toda impetuosamente a occupar aquelle lugar. O mesmo succede nos lugares vagos. In-

quietações, perturbações, tumultos, & tanto mais precipitosos, & desordenados, quanto correm todos, não ao commum, senão cada hum ao feu: nam a encher o lugar, mas a encherse com elle. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o numero. Melhor he cerrar o numero, que a porta. Na parábola das Virgens cerrouse a porta: *Clausæ est janua*: mas não se cerrou o numero, porque eraõ dez os lugares: *Decem virginibus*. E como o numero não estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta, que haviaõ de fazer as nescias, senão clamar, & dar vozes, & inquietar as vodas? Davão vozes ás Virgens; davão vozes as alampadas accizas; & o dinheyro despendido tambem dava vozes. Para evitar clamores cerrar o numero.

394 Que bem entendeo esta importancia o primeyro Vigario de Christo! A primeira cousa, que fez em feu governo, foy encher o numero dos doze. Fallando de Judas, reparou no numero; *Qui connumeratus erat in nobis*. E 17. logo

*Matt.*  
25.11

*Act. 1*

logo encheo o mesmo numero com Mathias : *Et annumeratus est cum undecim*. E porque tão de pressa, & sem mais dilatação? Porque entendeo, que assi importava, & assi o

*Act. 1. 26.* disse : *Oportet ergo*. Os Apostolos não haviaõ de repartir entre si o mundo ( como o não repartiraõ ) senão dalli a doze annos. E com tudo entendeo Pedro, alumiado pelo Espirito Santo ( antes de sua vinda ) que logo logo importava encher o lugar, & o numero : *Oportet*. Não aguardou memoriaes, não aguardou intercessõens, não aguardou obsequios, nem pretençoens, nem dependencias; antes por fechar a porta a todos esses embarços, fechou o numero. Para vacar ao que mais importa, importa que não haja lugares vagos. Por isso elegeo Christo doze, & nomeou, & declarou doze: *Elegit duodecim, quos & Apostolos nominavit*.

395 Não basta só eleger o numero, senão elegelo, & declaralo. Elegeo Christo a doze, & declarou a doze. Soubese, que eraõ doze os eleitos, & no mesmo ponto

se soube tambem, que os eleitos eraõ Pedro, & André, João, & Diogo, & os de mais. Podera Christo eleger as pessoas, & encher o numero, & calar os nomes, ao menos os de alguns, & deyxalos *in pectore*. E certo, que se de algũa vez tinha lugar esta suspensão, & este segredo, era na presente. Ficavão excluidos do Apostolado setenta Discipulos, todos dignos, & muytos dignissimos. Bem podiaõ logo ficar eleytos *in pectore* alguns, pelo menos para que não se sabendo quaes eraõ, entretivesse esta suspensão a esperança de todos, & não podesse queyxar se nenhum dos excluidos, podendo ser dos que eram secretamente eleitos. Pois porque não fez Christo esta reservaçãõ? Por muytas razoens. Primeyra, porque tinha peyto para isso. Reservar *in pectore*, não sey se algũa vez he falta de peito. Em segundo lugar, porque semelhantes reservações não se fazem sem justos respeitos, & he melhor nam haver respeytos, ainda que justos. Finalmente elegeo Christo, & nam occultou algum, mas de-

déclarou logo todos os eleytos; porque era tão justificada a eleyção, que não temia a queyxa. Não quiz Christo afrontar a eleyção, nem os eleytos, nem os excluidos. Não quiz afrontar a eleyção; porque fora grande afronta fer ella tal, que temesse fair a publico. Não quiz afrontar os eleitos; porque occultalos seria confessar, que não eram os mais dignos. Não quiz afrontar os excluidos; porque suppolos descontentes, era declaralos ambiciosos. Declarar tudo, foy honrar a todos: á eleyção com a justiça, aos eleytos com o merecimento, aos excluidos com o desinteresse. Sobre tudo ficou honrada toda a escola de Christo, porque a honra, & credito mayor de hũa comunidade he, que faltem lugares, & sobejem benemeritos. A mayor grandeza do convite de Christo no deserto, foraõ as sóbras. Elegeo Christo doze Apostolos, mas sobejáraõ setenta, que o mereciaõ fer: & provárão todos, que o mereciaõ; porque nenhum se mostrou queyxozo. Setenta excludoens, & ne-

nhũa queixa: Oh seculo bemaventurado! Quasi que ellei para dizer, que foraõ os excluidos mayores que os eleytos. Os eleitos eraõ grandes, porque todos merecêraõ fer Apostolos; os excluidos, parecem mayores, porque nenhum envejou o Apostolado. Com esta dignidade ficaraõ todos, quando as dignidades se deraõ só a doze: *Elegit duodecim.*

## §. V.

396 Tenho acabado as tres partes do meu discurso. Mas vejo, que me perguntaõ os ouvintes por S. Bartholomeo; como se em quanto disse atêgora, não fallára delle. Tudo o que disse do melhor dos melhores se entende de ste gloriosissimo Apostolo. E se por ser no seu dia he licito darlhe algũa preferencia aos demais, o mesmo lugar, que lhe dá o Evangelho entre os eleytos, não favorece pouco este pensamento. O lugar, que dá o Evangelho a S. Bartholomeo, he o sexto: & se tirardes daquelle sagrado número (como se deve tirar) a Judas

Zz iij      das

das reprovado : o sexto entre os onze he o lugar do meyo, sempre, & em todas as naçoens estimado pelo de mayor honra. Do sabio humilde disse o Espirito Santo, que se assentaria no meyo

*Ecclef. 11.1. dos Magnates : Sapientia humilitati exaltabit caput illius, & in medio Magnatorum confedere illum faciet.* E quem foy entre os Apostolos o sabio humilde, senão Bartholomeo? S. Bartholomeo segundo a opiniaõ mais recebida, foy aquelle grande Doutor da Ley, Natanael, de quem disse o mesmo Christo: *Ecce Venus Israelita in quo dolus non est.* E deste grande sabio metido entre pescadores humildes, & idiotas (mas esses os Magnates do Reyno de Christo) se verifica pelo lugar, que tem no meyo de todos, a promessa do divino Oraculo: *In medio Magnatorum confedere eum faciet.*

397 Daqui se ficará entendendo a soluçãõ, ou concordia de dous textos ao parecer muyto encontrados, hum do Testamento Velho, outro do Novo. No Testamento Velho forão significados

os doze Apostolos nas doze Pedras do Racional, que o Summo Sacerdote trazia sobre o peito: & no Testamento Novo saõ significados outra vez nas mesmas doze Pedras dos Fundamentos da Cidade nova de Jerusalem, que Saõ Joã vio descer do Ceo. A duvida agora, & o encontro está na disposiçãõ, & ordem nas mesmas Pedras; porque no Racional a primeira Pedra era Sardio, & nos Fundamentos da Jerusalem celeste, a mesma Pedra Sardio era a sexta. Pois se esta Pedra em hũa parte tem o primeiro lugar, como se lhe dá o sexto na outra? O sexto lugar, como diz S. Lucas, he o de S. Bartholomeo; a Pedra Sardio, como diz S. Joã, he o sexto Apostolo: pois se o Sardio, & Bartholomeo em hũa parte tem o sexto lugar, como tem na outra o primeiro? Porque o lugar do meyo he o primeiro lugar: & quando o sexto lugar he o do meyo (como he o de S. Bartholomeo) he sexto, & primeyro juntamente. Por isso nas doze Pedras dos Fundamentos da Jerusalem nova, tem

*Apo. 21.20*

*Joan. 1.48.*

*Exod. 28.17*

tem o Sardinio o sexto lugar, & nas doze Pedras do Racional, o primeyro. Este he pois o lugar, que em hum, & outro Testamento se deu a São Bartholomeo; porque os primeiros lugares, como atègora mostrámos, se devem dar ao melhor do melhor.

398 Plinio, tratando da *Plin. lib. 37 cap. 6.* Pedra Sardinio, diz, que he tão semelhante á carne viva, que parece carne convertida em pedra preciosa. Por esta semelhiça se chama vulgarmẽte Pedra Carnerina. E quem não vê retratado nella ao natural o nosso São Bartholomeo, todo em carne viva, & sem pelle: da qual se deyxou esfollar, ou ir esfollando por partes cruelissimamente, com tal valor, fortaleza, & constância, como se não fora de carne, mas verdadeiramente de pedra. Os doze Artigos da Fè, que se contêm no Symbolo, tambem forão repartidos pelos doze Apostolos, pronunciando cada hum o seu. E o sexto, que coube a S. Bartholomeo, foy o da resurreyção, cõ a mesma propriedade; porque a carne resuscitada he viva, & impassivel.

Assi o provou a do fortissimo Apostolo com assombro dos tyranos, quando o esfollavaõ vivo, sendo tal a dureza da sua paciencia naquelle estranho tormento, que mais parecia impassibilidade, que paciencia. E desta forte ficou Bartholomeo entre as doze Estatuas dos Apostolos, singular na figura, & no exèplo. No exemplo, digo, das virtudes heroicas, de que devem ser dotados, os que haõ de ser eleitos aos primeiros lugares da Igreja, & na figura, cõ que devem pòr nelles os olhos, & formar delles juizo os Eleytores.

399 Não ha cousa, que mais engane o juizo dos que elegem, & que mais embarce, & perturbe o acerto das eleiçoens, que apelle. O merecimento, ou capacidade dos homens não se ha de considerar pelo que apparece, & se vê de fóra, senão pelo que tem, & pelo que são de dentro. Dispaõ-se primeyro da pelle, & de tudo o que nelles he exterior, & então se fará verdadeiro juizo do que merecem. No principio do mundo assi como Deos hia dando  
fer

fer, & fórma ás criaturas, affi-  
as hia logo aprovando com  
aquelle testemunho geral :

*Genes. Vidit Deus, quod esset bonum.*  
1.10.

Criou finalmente o homem,  
& he cousa muy notada, &  
digna de se notar, que só ao  
homem não désse approva-  
ção, nem diga delle a Escri-  
tura, que vio Deos que era  
bom. Pois se todas as outras  
criaturas, sendo menos per-  
feytas, tiverão esta approva-  
ção dos olhos de Deos, o ho-  
mem, que era mais perfeyto  
que todas, & formado por  
suas proprias mãos, porque a  
não teve? Excellentemente

*Dlv. S. Ambrosio: Ideo homo non  
Ambr. ante laudatur, quia non in fo-  
rensi pelle, sed in interiori ho-  
mine ante probandus.* Não te-  
ve o homem a approvaçam  
dos olhos de Deos, como a ti-  
verão as outras criaturas, tan-  
to que as via, porque os ho-  
mens não se haõ de julgar  
pela pelle, & pelo que se vê  
de fóra, senão pelo que tem,  
& pelo que saõ de dentro:  
*Non in forensi pelle, sed in in-  
teriori homine.* As outras  
cousas saõ aquillo, que nellas  
se vê, no homem, o que se vê,  
he o menos, o que se não vê,

he o tudo: *Alia in specie sunt,  
homo in occulto.*

400 Não nego, que a  
pelle, se o interior do ho-  
mem, ou o homem interior,  
feyta exacta anotomia, he  
qual deve ser, acrescenta de-  
cencia á pessoa, & authori-  
dade ao lugar, & que no tal  
cazo assentará muyto bem a  
purpura sobre a pelle. Por  
isso no primeyro Templo,  
que foy o Tabernaculo, man-  
dou Deos, que estivesse cu-  
berto com pelles tintas de *Exod.*  
purpura: *Pelles rubricatas.* 25.5.  
Mas estas mesmas pelles, que  
he o que cobriaõ, & que he  
o que havia debayxo dellas?  
Arca do Testamento, Ta-  
boas da Ley, Querubins, Pro-  
piciatorio, Deos. Quando  
isto he o que cobrem as pel-  
les, bem he, que ellas tambem  
se cubraõ de purpura. Mas  
se ha muytas pelles ( como  
verdadeiramente ha ) que  
cobrindo semelhantes the-  
zouros do Ceo, nem por isso  
se vem rubricadas, consoló-  
se com os Discipulos, que na  
eleyçam de hoje ficárão ex-  
cluidos. Digão, ou cantem  
com aquella Alma escolhi-  
da de Deos: *Nigra sum, sed  
for-*

*Cant. formosa: sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* As riquezas de Cedar, & as joyas de Salamão, & o que he mais, o mesmo Salamão bem pôde andar debayxo de pelles pouco agradaveis à vista. O de dentro, & o que se encobre aos olhos he o que faz o homem: o exterior, he o que se vê, assi como he natureza, & não merecimento, nem culpa, assi se não deve

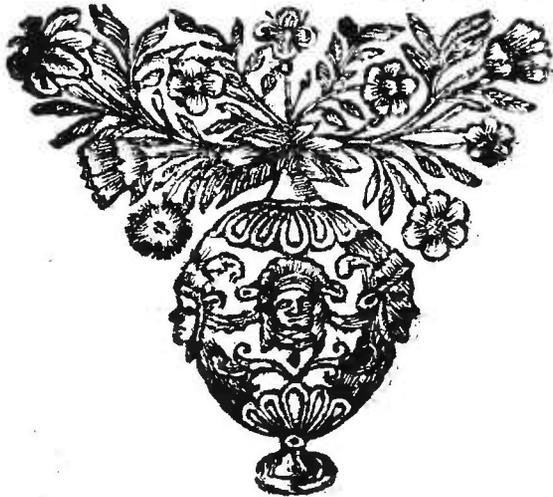
*Eccles. louvar, nem desprezar nelle: 11.2. Non laudes virum in specie sua, neque spernas hominem in visu suo:* diz o Espirito Santo, fallando nomeadamente dos que devem fer exaltados aos lugares mayores.

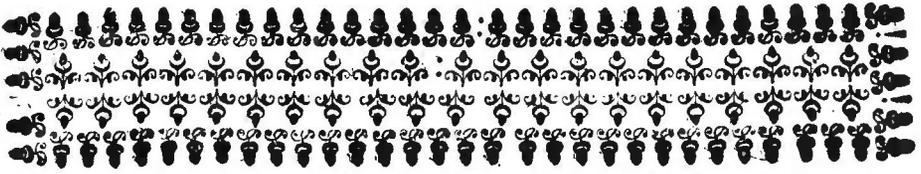
401 Quando Samuel foy ungir por Rey hum dos filhos de Jessé, o primeyro que o Pay lhe prezentou, foy (como diffemos) Eliab seu Primogenito, mancebo de gentil presença, & de galharda estatura. E tanto que o Profeta o vio, lhe pareceo a pessoa verdadeiramente digna de Imperio. Porém Deos o advertio logo, que se não deyxasse levar daquelles exteriores, porque nam era elle o escolhido, antes o tinha re-

provado, & ainda desprezado: *Ne respicias vultum ejus, neque altitudinem stature 1. Reg. ejus, quoniam abjeci eum. E. 16.6.* acrescentou o Senhor (sentença que os Principes devião trazer sempre diante dos olhos: ) *Nec juxta intuitum hominis ego judico: homo enim videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* Eu, diz Deos, nam julgo pela vista como os homens; porque elles vem só o que apparece defóra, eu vejo o coração, & o que está dentro. Assi hão de ver, & julgar os que elegem, para que sejaõ acertadas as eleyçoens. Não com os olhos de homens, que paraõ nas apparencias exteriores, mas com olhos de Deos, que penetraõ o interior, & o coração, em que consiste o ser, o valor, & a differença de homem a homem. Haõ-se de julgar, & avaliar os homens não só despídos das galas, que tambem subornão, & enganão, senão despídos tambem da pelle, que muitas vezes com hũa valente pintura se cobre hũ coração muyto fraco, qual era o de

Eliab. Eliab na estatura era muyto mayor que David, mas David no coração era muyto mayor que o Gigante: & este coração, que nam viaõ os homens, he o que via, & escolheo Deos: *Dominus autem intuetur cor.* Sendo pois os interiores os que fa-

zem, & distinguem os homens, & só Deos o que vê, & conhece os interiores; por isso se devem consultar as eleiçoens dos homens muyto devagar com Deos: como Christo fez neste dia, ou nesta noyte: *Erat pernoctans in oratione Dei.*





# S E R M A M

D O

## M A N D A T O

P R E G A D O

Na Capella Real, anno de 1645.

---

*Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo in finem dilexit eos. Joann. 13.*

§. I.

402



Onsiderando eu cõ  
algũa attençaõ os  
termos taõ singu-  
lares deste amoro-  
so Evangelho, & ponderan-  
do a harmonia, & correspon-  
dencia de todo seu discurso,  
tantas vezes, & portão enge-  
nholos modos deduzido;  
vim a reparar finalmête (naõ  
sey se com tanta razão, como  
novidade) que o principal

intento do Evangelista foy  
mostrar a sciencia de Chri-  
sto, & o principal intento de  
Christo, mostrar a ignoran-  
cia dos homens.

Sabia Christo (diz S. Joaõ)  
que era chegada a sua hora de  
passar deste mundo ao Pa-  
dre: *Sciens quia venit hora Joann.  
ejus, ut transeat ex hoc mun- 13.1.  
do ad Patrem.* Sabia; que ti-  
nha depositados em sua mão  
os thezouros da Omnipoten-  
cia, & que de Deos viera, &

Aaa ij para

para Deos tornava : *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus , quia à Deo exiit*

**Joann.** **13.3.** *& ad Deum vadit.* Sabia, que entre os doze, que tinha assentados á sua Mesa, estava hum, que lhe era infiel, & que o avia de entregar a seus inimigos : *Sciebat enim quis-*

*Joann.* *nam esset, qui traderet eum.*

**13.11** Atéqui mostrou o Evangelista a sabedoria de Christo. Daqui adiante continúa Christo a mostrar a ignorancia dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir, que o Senhor lhe lavasse os pés, declaroulhe o Divino Mestre a sua ignorancia, di-

*Joann.* **13.7.** *Quod ego facio, tu nescis:* O que eu faço, Pedro, tu não o sabes. Depois de acabado aquelle tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, & voltando-se para os Discipu-

*Joann.* **13.12** *los disselhes : Scitis quid fecerim vobis?* Sabeis por ventura o que acabei agora de vos fazer? Aquella interrogação enfatica tinha força de affirmacão : & perguntar sabeis? Foy dizer, que nam sabião. De maneira, que na primeira parte do Evangelho o

Evangelista attendeo a mostrar a sabedoria de Christo, & Christo na segunda a mostrar a ignorancia dos homens.

**403** Mas se o fim, & intento de ambos era o mesmo : se o fim, & o intento de Christo, & do Evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as finezas do seu amor ; porque razão o Evangelista se emprega todo em pôderar a sabedoria de Christo, & Christo em advertir a ignorancia dos homens ? A razão, que a mim me occorre, & eu tenho por verdadeyra, & bem fundada, he ; porque as duas supposiçoens, em que mais apuradamente se afinou o amor de Christo hoje, foram da parte de Christo, a sua sciencia, & da parte dos homens, a nossa ignorancia. Se da parte de Christo, amando, pudera aver ignorancia, & da parte dos homẽs, sendo amados, ouvera sciencia ; ainda que o Senhor obrára por nõs os mesmos excessos, ficariaõ elles, & o seu amor ( não no preço, mas na estimacão ) de muyto inferiores quilates. Pois paraque o mundo levan-

te o pensamento de considerações vulgares, & comece a sentir tam altamente das finezas do amor de Christo, como ellas merecem; advirtase ( diz o Evangelista ) que Christo amou, sabendo: *Sciēs* *Jesus*. & advirtase ( diz Christo ) que os homens forão amados, ignorando: *Tu nescis*.

Joann.  
13.1.

Joann.  
13.7.

404. Está proposto o pensamento, mas bem vejo, que não está declarado. Em conformidade, & confirmaçam delle pretendo mostrar hoje, que só Christo amou finalmente; porque amou sabendo: *Sciens*; & só os homens forão finamēte amados, porque forão amados ignorando: *Nescis*: Unindose porém, & trocando-se de tal sorte o *sciens* com o *nescis*, & o *nescis* com o *sciens*; que estando a ignorancia da parte dos homens, & a sciencia da parte de Christo; Christo amou sabendo, como se amára ignorando: & os homens forão amados ignorando, como se forão amados sabendo. Vá agora o Amor destorcendo estes fios. E espero, que todos vejão a fineza delles.

## §. II.

405 Primeiramente só Christo amou, porque amou sabendo: *Sciens*. Para intelligencia desta amorosa verdade, havenos de suppor outra não menos certa, & he que no mundo, & entre os homens, isto, que vulgarmēte se chama amor, não he amor, he ignorancia. Pintarão os antigos ao Amor minino, & a razão, dizia eu o anno passado, que era, porque nenhum amor dura tanto, que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Raquel, o de Jonatas com David, & outros grãdes, inda que poucos. Pois se ha tambem amor, que dure muytos annos, porque no lo pintão os Sabios, sempre minino? Desta vez cuidado, que hey de acertar a causa. Pintase o Amor sempre minino; porque ainda que passe dos sete annos, como o de Jacob, nunca chega á idade de uzo de razão. Uzar de razão, & amar, são duas cousas, que não se ajuntão. A alma de hum menino, que vem

Aaa iij      a ler?

a ler? Hũa vontade com affectos, & hum entendimento sem uzo. Tal he o amor vulgar. Tudo conquistou o amor, quando conquista hũa alma, porém o primeiro rendido he o entendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenetico. O amor deixará de variar, se for firme, mas não deyxará de tresvariar, se he amor. Nunca o fogo abrazou a vontade, que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca ouve enfermidade no coração, que não ouvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos Pintores do Amor lhe vendáram os olhos. E como o primeyro effeyto, ou a ultima disposição do amor, he cegar o entendimento; daqui vem, que isto, que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia: & quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltam de amor. Quem ama, porque conhece, he amante, quem ama, porque ignora, he nescio. Assi como a ignorancia na offensa diminue o delicto, assi no amor diminue o merecimento.

Quem ignorando offendeo, em rigor não he delinquente. Quem ignorando amou, em rigor não he amante.

406 He tal a dependencia, que tem o amor, destas duas supposições, que o que parece fineza, fundado em ignorância, não he amor: & o q̃ não parece amor, fundado em sciencia, he grande fineza. As duas primeiras pessoas deste Evangelho nos darão a prova, Christo, & S. Pedro. Transfigurouse Christo no Monte Tabor, & vendo S. Pedro, que o Senhor tratava com Moysés, & Elias de ir morrer a Jerufalem; para o desviar da morte, deu-lhe de conselho, que ficasse alli: *Domine, bonum est nos hic esse.* Esta resolução de São Pedro considerada, como a considerou Origenes, foy o mayor acto de amor, que se fez, nem pôde fazer no mundo; porque se Christo nam hia morrer a Jerufalem, não se remia o genero humano, se nam se remia o genero humano, S. Pedro não podia ir ao Ceo: & que quizesse o grande Apostolo privarse da gloria do Ceo, porque

Matt.  
17.4

Chri-

Christo não morresse na terra: que antepuzesse a vida temporal de seu Senhor á vida eterna sua; foy a mayor fineza de amor, a que podia aspirar o coração mais alentado. Deyxemos a S. Pedro assi, & vamos a Christo.

487 Em todas as cousas, que Christo obrou neste mundo, manifestou sempre o muyto que amava aos homens: Com tudo huma palavra disse na Cruz em que parece, se não mostrou muyto amante: *Sitio*: tenho sede. Padecer Christo aquella rigorosa sede, amor foy grande; mas dizer, que a padecia, & significar que lhe dessem remedio, parece, que não foy amor. Affecção natural si, affecto amoroso não. Quem diz a vozes o que padece, ou busca o alivio na comunicação, ou espera o remedio no soccorro: & he certo, que não ama muyto a sua dor, quem a dezeja diminuida, ou aliviada. Quem pede remedio ao q̄ padece, não quer padecer; nam querer padecer não he amar: Logo não foy acto de amor em Christo dizer: *Sitio*: tenho sede. *Contrapo-*

nhamos agora esta acção de Christo na Cruz, & a de São Pedro no Tabor. A de S. Pedro, parece, que tem muyto de fineza, a de Christo, parece, que não tem nada de amor: Se serà isto assi?

408 Dous Evangelistas o resolverão com duas palavras. O Evangelista S. Joam com hum, *Sciens*; & o Evangelista São Lucas com hum, *Nesciens*. O que em S. Pedro parecia fineza, não era amor: porque estava fundado em ignorancia: *Nesciens quid diceret*. O que em Christo não parecia amor, era fineza: porque estava fundado em sciencia: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit, Sitio*. *Joann* 19.28  
 Appliquemos por cada parte. Quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse*: nam sabia o que dizia: *Nesciens quid diceret*; porque estava transportado, & fóra de si. E assi todas aquellas finezas; que consideravamos, pareciao amor, & eram ignorancias: pareciao affectos da vótade, & crão erros do entendimento. Se aquella resolução de São Pedro se fundára no

*Joan.*  
19.28

*Luc.*  
9.33

*Joann*  
19.28

*Luc.*  
9.33

*Ibid.*

no conhecimento das consequências, que dissemos; não ha duvida, que fora o mais excellente acto de amor, a que podia chegar a bizzarria de hum coração amoroso; mas como a resolução se fundava na ignorancia do mesmo, que dizia em vez de sair com titulo de amante, sahio com nome de nescio; porque amar ignorando, não he amar, he não saber.

409 Não assi Christo.

Porque quando disse, *Sitio*, sabia muy bem, que acabados já todos os outros tormentos, faltava só por cumprir a profecia do fel: *Sciens*

7oann.  
19.28

*Ibid.*

*quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit, Sitio.* E assi aquellas tibiezas, que consideravamos, parecia, que não eraõ amor, & eram as mayores finezas: parecia, que eraõ hum desejo natural, & eraõ o mais amoroso, & requintado affecto. Se Christo dissera, tenho sede, cuydando que lhe haviaõ de dar agoa, era pedir alivio; mas dizer tenho sede, sabendo, que lhe haviam de dar fel, era pedir novo tormento. E nam pôde chegar

a mais hum amor ambicioso de padecer, que pedir os tormentos por alivios, & para remediar huma pena, dizer, que lhe acudião com outra. Dizer Christo, que tinha sede nam foy sollicitar remedio á necessidade propria; foy fazer lembrança á crueldade alhea. Como se disse: Lembrayvos homens do fel, que vos esquece: *Sitio. Ibid.* Taõ differente era a sede de Christo do que parecia: *Pa-* *Ita S.* *Aug.* recia desejo de alivios, & era hydropezia de tormentos. Desorte, que a sciencia, com que obrava Christo, & a ignorancia, com que obrava Pedro, trocãrão estes dous affectos de maneira, que o que em Pedro parecia fineza, por ser fundado em ignorancia, nam era amor; & o que em Christo não parecia amor, por ser fundado em sciencia, era fineza. E como a sciencia, ou ignorancia he a que dá, ou tira o ser, & a que diminue, ou acresceta a perfeição do amor; por isso o Evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Christo sabia, para provar o q̄ amava: *Sciens joann. quia venit hora ejus, in finem dicitur. 13.1. Iexit eos.*

Qua-

## §. III.

410 Quatro ignorancias pódem concorrer em hum amante, que diminuaó muyto a perfeição, & merecimento, de feu amor. Ou porque não se conhecesse a si: ou porque não conhecesse a quem amava: ou porque não conhecesse o amor: ou porque não conhecesse o fim, onde ha de parar amando. Se não se conhecesse a si, tal vez empregaria o feu pensamento, onde o não havia de pôr, se se conheçera. Se não conhecesse a quem amava, tal vez querería com grandes finezas, a quem havia de aborrecer, se o nam ignorára. Se nam conhecesse o amor, tal vez se empenharia cegamente no que não havia de emprender, se o foubra. Se não conhecesse o fim, em que havia de parar amando, tal vez chegaria a padecer os danos, a que nam havia de chegar, se os previra. Todas estas ignorancias, que se achão nos homens, em Christo foram sciencias, & em todas, & cada huma crescem os quilates

de feu estremado amor. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor, & conhecia o fim, onde havia de parar amando. Tudo notou o Evangelista. Conhecia-se a si; porque sabia, que nam era menos, que Deos, Filho do Eterno Padre: *Sciens quia a Deo exi-* Ioan. 13. 3.  
*vit.* Conhecia a quem amava, porque sabia quam ingratos eraõ os homens, & quam crueis haviaõ de ser para com elle: *Sciebat enim Ioann: quisnam esset, qui traderet* 13. 11  
*eum.* Conhecia o amor, & bem á custa do feu coração, pela larga experiencia do que tinha amado: *Cum dixisset suos.* Conhecia finalmente o fim, em que havia de parar amando; que era a morte, & tal morte: *Sciens* ibid.  
*quia venit hora ejus.* E que conhecendo-se Christo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor, & conhecendo o fim cruel, em que havia de parar amando; amasse comtudo? Grande excesso de amor: *In finem dixit!* ibid. Para que conheçamos quam grande, & quam excessivo foy, vamos ponderando

por partes em cada huma destas circunſtancias de ſciencia.

411 Primeiramente foy grande o amor de Chriſto, porque nos amou conhecendo-ſe: *Sciens quia à Deo exi-*  
*Joann. 13.3. vit.* Que conhecendo-ſe Chriſto a ſi, nos amaffe a nòs; grande, & defuzado amor! Em quanto Paris ignorante de ſi, & da fortuna de ſeu nascimento guardava as ovelhas do ſeu rebanho nos campos do Monte Ida, dizem as historias humanas, que era objecto dos ſeus cuydados Enone, huma fermofura ruſtica daquelles valles. Mas quando o encuberto Principe ſe conheceo, & ſoube, que era filho de Priamo Rey de Troya, como deyxou o cajado, & o furraõ, trocou tambem de penſamento. Amava humildemente, em quanto ſe teve por humilde: tanto que conheceo, quem era, logo desconheceo, a quem amava. Como o amor ſe fundava na ignorancia de ſi, o mesmo conhecimento, que deſfez a ignorancia, acabou tambem o amor. Deſamou Prin-

cipe, o que tinha amado paſſor: porque como he falta de conhecimento proprio nos pequenòs levantar o pẽfamento, aſſi he afronta da Fortuna nos grandes abater o cuydado. Ah Principe da Gloria, que aſſi, parece, vos havia de ſucceder com vofco, mas não foy aſſi! Quem ouviſſe dizer, que nos amava o Filho de Deos com tanto extremo, parece, que poderia pòr em duvida, ſe o Senhor ſe conhecia, ou vivia ignorante de quem era? Pois para que a verdade de noſſa Fè não perigue nos extremos de ſeu amor, & para que o mundo não caya em tal engano; ſaybam todos ( diz o Evangeliſta ) que Chriſto amou, & amou tanto: *In ſi-*  
*Joann. 13.1.* *nem dilexit*; mas ſaybão tambem, que juntamente conhecia quem era: *Sciens quia à*  
*Joann. 13.3.* *Deo exiuit.*

512 Se Chriſto nam ſe conhecera, não fora muyto, que nos amaffe; mas amarnos conhecendo-ſe, foy tal exceſſo, que parece, que o mesmo amarnos foy desconhecerſe. Diſſe huma vez a Eſpoſa dos Cantares a ſeu Eſ-

Esposo, que o amava muyto: *Cant.* Quem diligit anima mea. E  
 1. 6. elle que lhe responderia? *Si*  
*ignoras te d' pulcherrima inter*  
*Cant.* mulieres. Fermoſiſſima de to-  
 1. 7. das as mulheres, desconheceiſvos? Notavel reposta! De  
 maneira, que quando a Esposa afirma, ao Esposo, que o  
 ama, o Esposo pergunta á Esposa, se se desconhece: *Si*  
*ignoras te?* Esposo discreto, & amado, que modo de responder he esse: & que consequência tem esta vossa reposta? Quando a Esposa vos assegura o seu amor, vós duvidaſ-lhe o seu conhecimento: & quando afirma que vos ama, perguntaiſ-lhe, se se desconhece: *Si ignoras te?* Si. Porque conforme a alta estimação, que o Esposo fazia dos merecimentos da Esposa; afirmar ella, que o amava tanto, era grande razão para duvidar, se se não conhecia. Como se dissera o Esposo: Vós dizeis, que me amais: *Quem diligit anima mea?* Pois eu digo, que vos nam conheceis: *Si ignoras te d' pulcherrima.* Porque se vos conheceis a vós, como he possível, que me ameis a mim? Foy

necessario, que a vós vos faltasse o conhecimento, para q̄ a mim me lobejasse a ventura. O amor de minha indignidade, vem a parecer ignorancia de vossa grandeza: *Si ignoras te;* porque se não deyxareis de vos conhecer, como vos abaterieis a me amar. 413 Isto que antigamente disse Salamão á Princesa do Egypto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salamão Christo, á vista dos extremos de seu amor. *Si ignoras te.* He isto *Cant.* amor, Deos meu, ou ignorancia? Amais-nos, ou desconheceiſvos? Verdadeiramente, parece, que vos esqueceis de quem sois, & que vos tirais da memoria, para nos meter na vontade. Oh que alta, & que profundamente considerou hoje São Pedro estes dous extremos, quando com affombro do Ceo, vos vio diante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi?* <sup>Joann.</sup> 13.6. Vós a mim? Vós a Pedro! Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo he, que a vós vos conheceis, & a mim amais. E he tão grande

vossa labedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amor em ajuntar estas distancias. Mas em amor infinito bem podem caber distancias infinitas. Assi o prouão as mãos de Deos juntas com os pés dos homens: *Sciens quia omnia dedu ei Pater in manus.* Ex-ahi as mãos de Deos. *Capit lavare pedes Discipulorum.* Ex-ahi os pés dos homês.

414. Apareceo Deos na Çarça a Moysês, & mandou-lhe descalçar os çapatos: *Salve calcamenta de pedibus tuis.* Quando eu lia este passo admiravame certo muyto, de que a Magestade, & Grandeza de Deos entendesse com os pés de Moysês. Mas quem puzer os olhos na Çarça, deixará logo de se admirar. A Çarça, em q̄ Deos appareceo, estava ardendo toda em chamas vivas: & hum Deos abrazado em fogo, que muyto, que se abalanse aos pés dos homens! Fallando a nosso modo, nunca Deos se conheceo melhor, que quando estava na Çarça, porque alli definio sua essencia: *Ego sum qui sum.* E que de-

finindose Deos, o fogo não se ápagasse? Que conhecendose Deos essencialmente, as labaredas, em que ardia, não se diminuisssem? Grande amor! Definirse, & esfriarse, fora tibieza: definirse, & arder, isso he amar. Não fora Deos quem he, senão amara como amou. O definirse foy declarar a sua essencia: o arder foy provar a definição. O mesmo aconteceu a Christo hoje: *Sciens quia à Deo exivit, ponit vestimenta sua.* Sabendo, que era Filho de Deos, começou a despir as roupas. Quê sabia, q̄ era Filho de Deos, conhecia-se: quem lançava de si as roupas, abraçava-se: E conhecerse, & abraçar-se, isso he amor: *In finem dilexit.*

#### §. IV.

415. A segunda ignorancia, que tira o merecimento ao amor, he não conhecer quem ama, a quem ama. Quantas cousas ha no mundo muyto amadas, que, se as conhecêra quem as ama, haviaõ de ser muyto aborrecidas. Graças logo ao engano, & não ao amor. Servio Jacob os primeiros sete annos a

Joann.  
13.3.

Exod.  
3.5.

Exod.  
3.14.

Joann.  
13.3.  
& 4.

Labão, & ao cabo delles em vez de lhe darem a Raquel, deraõ-lhe a Lia. Ah enganado pastor, & mais enganado amante! Se perguntarmos á imaginação de Jacob por quem servia? responderá, que por Raquel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que he, & o que ha de ser, dirá com toda a certeza, que serve por Lia: & assi foy. Servis por quem fervis, não servis por quem cuydais. Cuydais que os vossos trabalhos, & os vossos desvelos são por Raquel a amada, & trabalhais, & desvelaisvos por Lia a aborrecida. Se Jacob soubera, que servia por Lia, nam servira sete annos, nem sete dias. Servio logo ao engano, & não ao amor, porque servio por quem nam amava. Oh quantas vezes se representa esta historia no theatro do coração humano, & não com divertas figuras, se nam na mesma! A mesma, que na imaginação he Raquel, na realidade he Lia: & não he Labam o que engana a Jacob, se não Jacob o que se engana a si mesmo. Não assi

o Divino Amante Christo. Não servio por Lia debayxo da imaginação de Raquel; mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorancia lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou, & padeceo por todos, & por cada hum, não como era bem, que elles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo, sabendo, que era inimigo, pelo ingrato, sabendo, que era ingrato, & pelo traydor, sabendo, que era traydor: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.* 13.11

416 Deste discurto se segue hũa conclusão tão certa, como ignorada, & he, que os homens não amão aquillo, que cuidão, que amão. Porque? Ou porque o que amão, não he o que cuydão: ou porque amão, o que verdadeiramente não ha. Quem estima vidros, cuidando, que são diamantes, diamantes estima, & não vidros: quem ama defeitos, cuidando, que são perfeições, perfeições ama, & não defeitos. Cuydais, que amais diamantes de firmeza,

& amais vidros de fragilidade: cuidais, que amais perfeições Angelicas, & amais imperfeições humanas. Logo os homens não amam o que cuidão, que amaõ. Donde também se segue, que amam o que verdadeiramente não ha; porque amam as cousas, não como são, senão como as imaginão, & o que se imagina, & não he, não o ha no mundo. Não affi o amor de Christo sabio sem engano: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo.* Notay o Texto, & a ultima clausula delle, que parece superflua, & ociosa. Como amasse aos seus, que havia no mundo. Pois onde os havia de haver? Fóra do mundo? Claro está, que não. Logo se bastava dizer: como amasse aos seus; porque accrescenta o Evangelista; os seus, que havia no mundo? *Suos, qui erant in mundo.* Foy para que entendessemos o conhecimento, com que Christo amava aos homens, muy differente do com que os homens amam. Os homens amam muytas cousas, que as não ha no mundo: Amam as cousas como

as imaginão: & as cousas como elles as imaginão, havelasha na imaginação, mas no mundo não as ha. Pelo contrario Christo amou os homens como verdadeiramente erão no mundo, & não como enganosamente podião ser na imaginação: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo.* Não amou Christo os seus, como vòs amais os vossos. Vòs amaylos, como sam na vossa imaginação, & não como são no mundo. No mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos: no mundo são traydores, na vossa imaginação são leaes: no mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo, cuidando que he amigo, & ao traydor, cuidando que he leal, & ao ingrato, cuidando que he agradecido, não he fineza, he ignorancia. Por isso o vosso amor não tem merecimento, nem he senão engano. Se o de Christo foy verdadeyro amor, & verdadeyra fineza; porque amou os seus como erão, & com inteira sciencia do que crão: ao inimigo. sabendo o seu odio,

Joan.  
13.1.

Ibid.

Ibid.

7oam.  
13.1.

odio, ao ingrato; sabendo a sua ingratidão, & ao traydor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.*

417 Mas se esta sciencia de Christo era universal, em respeyto de todos os Discipulos ( que eraõ os seus, que havia no mundo ) porque nota mais particularmente o Evangelista o conhecimento desta mesma sciencia, em respeyto de Judas, advertindo, que sabia o Senhor, qual era o que o havia de entregar: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum?* Taõ inteiramente conhecia Christo a Judas, como a Pedro, & aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a sciencia do Senhor, em respeyto de Judas; porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Ora vede. Definindo São Bernardo o amor fino, diz assi: *Amor non querit causam, nec fructum.* O amor fino não busca causa, nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para q̃ me amem, tem fruto: & o amor fino não

ha de ter porque, nem para que. Se amo, porque me amam, he obrigação; faço o que devo: se amo, para que me amem, he negociação, busco o que dezejo. Pois como ha de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo; amo, ut amem:* amo, porque amo, & amo para amar. Quem ama porque o amam, he agradecido, quem ama, para que o amem, he interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só he fino. E tal foy a fineza de Christo, em respeyto de Judas, fundada na sciencia, que tinha d'elle, & dos demais Discipulos.

418 Na pratica desta ultima Cea, disse Christo aos Discipulos: *Fam non dicam vos servos, sed amicos.* Discipulos meus, daqui em diante não vos hey de chamar servos, senão amigos. Sendo isto assi, lede todos os Evangelistas, & achareis, que só a Judas chamou amigo, quando disse: *Amice, ad quid venisti.* Pois Senhor, não está ahi Pedro, não está ahi João, que merecem mais que todos o nome de amigos. Porque

7oam.  
15.15Mat.  
26.50

que lhe não dais a elles este nome, senão a Judas? A Judas o inimigo? A Judas o falsario? A Judas o traydor o nome de amigo: *Amice?* Hoje fim. Porque Christo neste dia não buscava motivos ao amor, buscava circunstancias á fineza. Os outros Discipulos sabia Christo, que o amavão, & sabia, que o haviaõ de amar até dar a vida por elle. Porque o amavão, tinha o seu amor causa, & porque o haviaõ de amar, tinha fruto. Pelo contrario Judas, nem amava a Christo, porque o vendia, nẽ o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até a morte: & amar o Senhor á quem o não amava, nem o havia de amar, era amar sem causa, & sem fruto, & por isso a mayor fineza. Amar ingraticadoens conhecidas, cousa he, que algũas vezes se acha no amor. Mas ninguem amou hũa ingraticadão sabida, que ahi mesmo não amasse a hũa agradecimẽto esperado. Sõ Christo foy tão fino, & tão amante, que amou sem correspondencia, porque amou a quem sabia, que o não amava: &

sem esperança, porque amou a quem sabia, que o não havia de amar. Por isso dá o titulo de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amor, mas porque lhe ácreditava a fineza. Amar por razões de amar, isso fazem todos; mas amar com razoes de aborrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigaçoens, & dos agravos motivos, porque era obrigação do seu amor chegar à mayor fineza *In finem dilexit.*

## §. V.

419 A terceyra circumstancia de sciencia, que grandemente subio de ponto o amor de Christo, foy o conhecimento, que tinha do mesmo amor. Christo conhecia todas as cousas com tres sciencias altissimas, com a sciência Divina, como Deos; com a sciencia Beata, como Bemaventurado, com a sciencia Infusa, como Cabeça do genero humano, & Redemptor do mundo. O amor ainda o conheceo com outra quarta sciencia, que foy a experimental, & adquirida: por-

porque assi como diz S. Paulo, que aprendeo a obedecer padecendo, assi aprendeo a amar amando. E isto he o que ponderou muyto S. João, advertindo, que amou tendo amado : *Cum dilexisset, dilexit.*

420 Questão he curiosa nêta Filosofia, qual seja mais precioso, & de mayores qualitates : se o primeyro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguem pôde negar, que he o primogenito do coração, o morgado dos affectos, a flor do dezejo, & as primicias da vontade. Com tudo eu reconheço grandes ventagens no amor segundo. O primeyro he bizonho, o segundo he experimentado : o primeyro he aprendiz, o segundo he mestre : o primeyro pôde ser impeto, o segundo não pôde ser senão amor. Emfim o segundo amor porque he segundo, he confirmação, & ratificação do primeyro, & por isso não simples amor, senão duplicado, & amor sobre amor. He verdade, que o primeyro amor he o primogenito do coração, porém a vontade sempre livre não tem os seus

bens vinculados. Seja o primeyro, mas não por isso o mayor.

421 A primeyra vez que Jonatas se affeçoou a David, diz a Escritura Sagrada, que lhe fez juramento de perpetuo amor : *Intervunt autem David, & Jonatas fœdus, diligebat enim eum, quasi animam suam.* Passárao depois disso alguns tempos de firme vontade, posto que de varia fortuna; torna a dizer o Texto, que Jonatas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor : *Et addidit Jonatas dejerare David, eo quod diligeret illum.* Pois se Jonatas tinha já feyto hum juramento de amar a David, porque faz agora outro? Por ventura quebrou o primeiro, para que fosse necessario o segundo? He certo, que o não quebrou; porque não fora Jonatas o exemplo mayor da amizade, se o não fora tambem da firmeza. Pois se o amor estava jurado ao principio, porque o jura outra vez agora? Porque foy muy diferente materia jurar o amor antes de conhecido, ou jurallo depois de experimentado.

Quando Jonatas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentára: quando jurou a segunda vez já tinha larga experiencia do que era, & do que custava, pelo muyto que padeceo por David: & era tão differente o conceito, que Jonatas fazia agora de hum amor a outro, que julgou, que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorancia passada não diminuisse o merecimento presente; por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deyxasse de amar alguma hora; mas porque era pouco, o que dantes promettera, em comparação do muyto, que hoje amava. Então prometeo como conhecida, agora prometia como experimentára. Que Jonatas se resolvesse a amar a David, quando não conhecia as paycoens deste tyrano affecto; não foy muyta fineza; mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas femrazões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padeecer suas tiranias,

depois de sentir auzencias, depois de chorar laudades, depois de resistir contradicções, depois de atropellar difficuldades, depois de vencer impossiveis: arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a authoridade, revelando secretos, encobriendo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sogettando a vontade, cativando o alvedrio, morrendo dentro em si, por tormento, & vivendo em seu amigo, por cuydado: sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante: a pezar de seu Pay, & da fortuna de ambos ( que todas estas finezas, diz a Escritura fez Jonatas por David ) q̄ depois, digo, de tão calificadas experiencias de seu coração, & de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto si, isto he amor.

422 O mesmo digo do nosso fino Amante, com a ventagem, que vay de Filho de Deos, a filho de Saul. Se Christo podera não conhecer o amor, ou o não conhecera por experiencia, menos fora que nos amasse; porém conhe-

nhecendo experimentalmente o amor, & o amor seu, & sabendo que este fora tão rigoroso, que o arrancou do peito de seu Pay: que foy tão deshumano, q̄ o lançou na terra em hum Presépio: q̄ foy tão cruel, que a oito dias de nascido lhe tirou o sangue das veas: que foy tão desamorofo, que antes de dous mezes de idade, o defferrou sete annos para Egypto: & que era tão tirano, que se lhe não tirou a vida a mãos de Herodes, foy porque se não contentava com tão pouco sangue: que conhecendo Christo, que este era o seu amor, não desistisse, nem se arrependesse, antes continuasse a amar; grande amor! Grande, porque amou; mas muyto mayor, por q̄ amou sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

423 Bem vejo, que me replicão os Theologos, que o amor de Christo desde o primeiro instante até o ultimo, sempre foy igual, & nunca crefceo. Assi o pedia a razão. Se o diminuir no amor he descredito, tambem he descredito o crescer. Quem diz, que ama mais, desacredita o

seu amor; porque ainda que o crescer seja augmento, he augmento, que suppoem imperfeição. Amor, que pôde crescer, não he amor perfeito. Pois se o amor perfectissimo de Christo, sempre foy igual, & nunca crefceo, como dizemos, que hoje foy mayor? Todos respondem, & bem, que foy mayor nos effeytos. Mas eu como mais grosseyro, ainda na mesma sustancia do amor, não posso deyxar de reconhecer alguma consideração de mayoria. Confesso, que não crefceo, mas bem sey pôde ser mayor sem crescer. Hũa columna sobre a basi, hũa estatua sobre a peanha, crecce sem crescer. Assi o amor de Christo hoje, porque foy amor sobre amor. E como a basi, & a peanha, não só era da mesma sustancia, senão a mesma sustancia do amor de Christo, não só fica hoje mais subido, senão em certo modo, mayor. He tanto isto assi, que a meu ver, não podem ter outro sentido as palavras do Evangelista: *Cum dilexisset dilexit.* Como amasse, amou. Estas palavras dizem mais do

que foam. Amasse, & amou não tem mais differença, que no tempo: na significação, não tem diversidade. Que nos diz logo de novo o Evangelista? Se differa como amasse muyto, agora amou mais, bem estava: isso he o que queria provar. Mas se queria dizer, que amou mais: como diz sómente, que amou? Porque o diz com taes termos, que dizendo só, que amou, fica provado, que amou mais: *Cum dilexisset, dilexit*. Como amasse, amou: & isto de amor sobre haver amado, não he só amar depois, senão amar mais. Não diz só relação de tempo, senão excessso de amor. E como o Evangelista queria subir de ponto o muyto, que o Senhor amou hoje, entendo, que para encarecer o amor presente, bastava suppor o passado.

424 Quando Deos mandou a Abraham, que lhe sacrificasse seu filho, em todo o rigor da propriedade Hebréa, diz o Texto assi: *Tolle filium tuum, quem dilexisti Isaac*. Sacrificame teu filho Isaac, a quem amaste. A quem amas, parece, que havia de dizer;

Gensf.  
22.2.

porque todo o intento de Deos, foy encarecer o amor, para dificultar o sacrificio. Pois porque não diz, sacrificame o filho, que amas, senão o filho, que amaste? Por isso mefmo. Queria Deos encarecer o amor, para dificultar o sacrificio, & em nenhũa coufa podia encarecer mais o amor presente, que na supposição do passado. Sacrificame o filho não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, he o mayor amor. Por isso o Evangelista hoje comparando amor com amor, não fez comparação de grande a excessivo, senão de primeyro a segundo: *Cum dilexisset, dilexit*. Esta foy a primeira, & següda ferida do coração, de que o nosso Divino Amante, muyto antes de o amor lhe tirar as settas, já se gloriava: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*. A primeyra ferida, foy a do amor passado, a segunda, a do amor presente: & para prova de qual foy mayor, & mais penetrante; se não basta ser ferida sobre ferida, baste saber, que com a primeyra vi-

Cant.  
4.9.

Vco,

veo, & que a segunda lhe tirou a vida: *Cum dilexisset, in finem dilexit.* E fomos entrados sem o pretender na quarta consideração.

## §. VI.

425 A quarta, & ultima circumstancia, em que a sciencia de Christo afinou muyto os extremos de seu amor, foy saber, & conhecer o fim onde havia parar amando: *Sciens quia venit hora ejus.* De muytos contão as historias, que morrerão, porque amarão; mas porque o amor foy só a occasião, & a ignorancia a causa, falsamente lhe deu a morte o epitafio de amantes. Não he amante, quem morre porque amou, se não quem amou para morrer. Bem notavel he neste genero o exemplo do Principe Sichem. Amou Sichem a Dina, filha de Jacob, & rendeo-se tanto aos imperios de seu affecto, que sendo Principe soberano, se sogeytou a tacs condigoens, & partidos; que a poucos dias de despojado lhe poderão tirar a vida, Simeam, & Levi, irmãos de

Dina. Amou Sichem, & morreu; mas a morte não foy trofeo de seu amor, foy castigo de sua ignorancia. Foy caso, & não merecimento; porque não amou para morrer, ainda que morreu, porque amou. Deveohe Dina o amor, mas não lhe deveo a morte: antes por isso nem o amor lhe deveo. Que quem amou porque não sabia, que havia de morrer, se o soubera, não amara. Não está o merecimento do amor na morte, senão no conhecimẽto della.

426 Vedeo em Abrahaõ, & Isaac claramente. Naquelles tres dias, em que Abrahão foy caminhando para o monte do sacrificio, com seu filho Isaac, ambos hiaõ igualmente, perigosos, mas não hiaõ igualmente finos. Hiaõ igualmente perigosos; porque hum hia a morrer, outro a matar, ou a matarse: mas não hiaõ igualmente finos, porque hũ sabia aonde caminhavão, o outro não o sabia. O caminho era o mesmo, os passos eraõ iguaes, mas o conhecimento era muyto diverso, & por isso tambem o mereci-

mento. Abraham merecia muyto, Isaac não merecia nada; porque Abraham caminhava com sciencia, Isaac cō ignorancia; Abraham ao sacrificio sabido, Isaac ao sacrificio ignorado. Esta he a differença, que faz o sacrificio de Christo a todos os que sacrificou a morte, por culpas do amor. Sõ Christo caminhou voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada. A Sicheu, a Samsam, a Amon, & aos demais, que morrerão, porque amirão, levou-os o amor á morte, com os olhos cubertos, como condenados: só a Christo, como triunfador, com os olhos abertos. (Tomára ter mais honradas anthiteses, mas estas são as que lemos na Escritura.) Nem Sicheu amára a Dina, nem Samsam a Dalila, nem Amon a Thamar, se antevirão a morte, que os aguardava. Sõ a sciencia de Christo conheceo, que o seu amor o levava á morte, & só Christo conhecendo-a, & vendo-a vir para si, caminhou animosamente a ella: *Sciens quia venit hora ejus.*

Genes.  
Indic.  
Reg.

427 Que bem, & que poeticamente o cantou David: *Sol cognovit occasum suum.* O Sol conheceo o seu occaso. Poucas palavras, mas difficultosas. O Sol he hum criatura irracional, & insensivel, (Porque ainda que alguns Filozofos crêrão o contrario, he erro condenado.) Pois se o Sol não rem entendimento, nem sentidos, como diz o Profeta, que o Sol conheceo o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum?* O certo he (diz Agostinho) que debayxo da metaphora do Sol material, fallou David do Sol Divino Christo, que só he Sol com entendimento. E porque ambos forão muy parecidos em correr ao seu occaso, por isso retratou as finças de hum nas insensibilidades do outro. Se a luz do Sol fora verdadeira luz de conhecimento: & o Occidente, onde se vay pòr o Sol, fora verdadeira morte; não nos causarã grande admiracão ver, que o Sol conhecendo o lugar de sua morte, com a mesma velocidade, com que sobe ao Zenit, se precipitasse ao Occidente? Pois isto foy o que

que fez aquella Sol Divino: *Sol cognovit occasum suum.* Conheceo verdadeiramente o Sol Divino o seu occato: porque sabia determinada-mente a hora, em que chegando aos ultimos horizontes da vida, havia de passar deste ao outro emisferio: *Sciens quia veniet hora ejus, ut transeat ex hoc mundo.* E que sobre este conhecimento, certo do fim cruel, a que o levava seu amor, caminhasse sem fazer pé atraz, tão animoso e verdadeiro, & conhecido occato, como o mesmo Sol material, que não morre, nem conhece; grande resolução, & valentia de amor! Não só conhecer a morte, & hir a morrer; mas hir a morrer, conhecendo-a como se a ignorára.

428. S. João, que nos deu o pensamento, poderá dar a prova. Quando vieraõ a prender a Christo seus inimigos, diz assi o Evangelista: *Joann. Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit, & dixit: quem queritis?* Sabendo o Senhor tudo o que havia de vir sobre elle, sabia encontrar-se com os que o xi-

não prender, & dizesse: A quem buscais? Parece, que se implica nos termos esta narração. Quem sabe, não pergunta. Pois se Christo sabia tudo, & sabia, que o buscavão a elle, & o Evangelista nota, que o sabia; porque pergunta, como se o não foubes? A razão, & o mysterio he; porque desde este ponto começava Christo a caminhar para a morte, & esse foy o modo, com que seu amor o levava. Levava-o á morte sabendo, como se o levára ignorando. Quem ler o que diz o Evangelista, dirá, que Christo sabia: quem ouvir o que Christo pergunta, cuidará, que Christo ignorava: & ou na verdade, ou na apparencia, tudo era. Na verdade sabia, & na apparencia ignorava; porque de tal maneira amou, & foy a morrer sabendo, como se amára, & morrerá ignorando.

429. Este he o segredo, que encobria aquella veõ, ou aquella mysterioso eclipse, com que o amor hoje cobrio os olhos a Christo, por mãos de seus inimigos: *Vilaverunt enim, & percussibant faciem suam.*

Luc. 4. 22.6

Que

Que soffresse o Senhor outros muytos tormentos, não me espanto, que a tudo se offerece, quem sobre tudo ama. Mas de permittir, que lhe cobrissem os olhos, parece, que não só se podia offender a sua paciencia, senão muyto mais seu amor. S. João hoje naquelle repetido *sciens*, não tirou as vendas ao amor de Christo para que foubesse o mundo, que amava com os olhos abertos? Pois porque permite no mesmo dia, que lhe cubraõ, & vendem os olhos? Porque esta foy a destreza, com que o amor de Christo foubे equivocar a sciencia com a ignorancia. Fez, que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amára com os olhos fechados. Que amasse de tal maneyra sabendo, como se amára ignorando. Desafrontou se o amor com aquelle vèu, que parecia afrontoso, & vingou se para mayor honra sua, do que lhe tinha feyto S. João. S. João tirou as vendas ao amor de Christo, & o mesmo amor tornou-as a pôr em Christo; para que advertissemos, que de tal maneyra

amou sabendo, & com os olhos abertos, como se amára ignorando, & com os olhos fechados: *Vela verunt eum.* <sup>Luc. 22.64</sup> Conhecia-se Christo a si, & amou, como se não se conhecera: sabia o que amava, & amou como se o não foubera: tinha experimentado o amor, & amou, como se o não experimentara: previo o fim, a que havia de chegar amando, & amou como se o não previra. E porque amou sabendo, como se amára ignorando; por isso só elle amou, & foubे amar finalmente: *Sciens, sciens, sciens, sciens in finem dilexit eos.*

### §. VII.

430 Temos considerado o amor de Christo, pelas advertencias de S. João. Consideremolo agora, pelas advertencias do mesmo Christo, que como quem o conhecia melhor, seraõ as mais bem ponderadas, & mais profundas. Apostaraõ hoje o mayor Amante, & o mayor Amado, Christo, & S. João, apostaraõ, digo, a encarecer os extremos do mesmo amor, & depois

depois que S. João disse quanto soube, advertindo, que Christo amára sabendo: Tá ( diz Christo ) que não he essa a mayor circumstancia, que sobe de ponto o meu amor. Se os homens querem saber a fineza, com que os amey, não a ponderem pela minha sabedoria, ponderem-na pela sua ignorancia. Amey muyto aos homens, porque os amey sabendo eu tudo, mas muyto mayor foy meu amor; porque os amey ignorando elles quãto eu os amava: *Quod ego facio, tu nescis.* Por mais que os homens fação discursos, & levantem pensamento, nunca poderão chegar a conhecer o amor, com que os amou Christo, nem em quanto Deos; nem em quanto Homem: & que se resolva Christo a amar, a quem não só lhe não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor, não só a fatisfação de pago, mas nem ainda o alivio de conhecido! Esta foy a mayor valentia do coração amoroso de Christo, & esta a mayor difficuldade, porque

rompeo a força do seu amor.  
 431 E icnaõ façamos esta questão. Que he o que mais dezeja, & mais estima o amor: verse conhecido, ou verse pago? He certo, que o amor não pôde ser pago, sem ser primeiro conhecido: mas pôde ser conhecido, sem ser pago: E considerando divididos estes dous termos, não ha duvida, que mais estima o amor, & melhor lhe está ver-se conhecido que pago. Porque o que o amor mais pretende, he obrigar: o conhecimento obriga, a paga desempenha: logo muyto melhor lhe está ao amor, ver-se conhecido, que pago; porque o conhecimento aperta as obrigaçoens, a paga, & o desempenho defatas. O conhecimento he fatisfação do amor proprio: a paga he fatisfação do amor alheyo: na fatisfação do que o amor recebe, pôde ser o affecto interessado: na fatisfação do que communica, não pôde ser senão liberal: Logo mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a fatisfação da sua liberalidade, que ver duvidosa na paga a fidalguia do

Ddd      feu

seu desinteresse. O mais seguro crédito de quem ama, he a confissão da divida no amor: mas como ha de confessar a divida, quem a não conhece? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento, que apaga: porque a sua mayor riqueza, he ter sempre individado a quem ama. Quando o amor deyxá de ser accrédor, só então he pobre. Finalmente ser tão grande o amor, que se não possa pagar, he a mayor gloria de quem ama: se esta grandeza se conhece, he gloria manifesta: se não se conhece, fica escurecida, & não he gloria: Logo muyto mais estima o amor, & muyto mais dezeja, & muyto mais lhe convem a gloria de conhecido, que a satisfação de paga. Baste de razões, vamos á Escritura.

432. A mayor façanha do amor humano, foy aquella animosa resolução, com que o Patriarcha Abraham, antepõdo o Amor Divino ao natural, & paterno, determinou tirar a vida a seu proprio filho. Teve Deos mão a espada ao desamorado, & amorosissimo servo seu; &

o que lhe disse immediatamente, foy: *Nunc cognovi quod timeas Deum.* Ag ra <sup>22.12</sup> <sup>16. &</sup> <sup>17.</sup> conheço, Abraham, que me amas. Isto quer dizer aquelle *Timeas*, em frazi da Escritura: & assi o trasládão muytos, & interpretão todos: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* Depois disto appareceo alli hum Cordeiro grande embaraçado entre humas garças, que deu alegre fim ao não imaginado sacrificio: O qual acabado, tornou Deos a fallar a Abraham, & disse: *Quia fecisti hanc rem, benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum si ut stellas cæli.* Em premio desta acção, que fizeste, será tua geração, bendita, multiplicarey teus descendentes como as Estrellas, nascerá de ti o Messias. Este foy historialmente o caso, reparemos agora nelle. Duas vezes fallou Deos aqui com Abraham, & duas cousas lhe disse, húa logo, quando lhe deveve a espada, & outra depois. A que lhe disse logo, foy, que conhecia, que o amava: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* A que lhe disse depois, foy, que lhe premiaria libe-

liberalmente aquella acção: *Quia fecisti rem. hanc*, &c. Pois pergunto: porque diz Deos a Abraham em primeyro lugar; que conhecia seu amor; & no segundo, que o premiaria? E já que dilatou para depois as promessas do premio, porque não dilatou tambem as certificaçoens do conhecimento: *Nunc cognovisti*? Fallou Deos como quem conhece os coraçõens, & sabe o que mais estima, quem verdadeyramente ama. Primeiro certificou a Abraham, de que conhecia seu amor; & reservou para depois o assegurarlhe, que o havia de premiar; porque como Abraham era tão verdadeyro, & fino amante, mais estimava ver o seu amor conhecido, que pago. As promessas do premio, dilatam-se embora; mas as certificaçoens do conhecimento, dem-se logo, & no mesmo instante. Porque mais facilmente soffrerá hum grande amor as dilaçõens, ou esperanças de pago, que as duvidas de conhecido. Antes digo, que foy necessário a consequencia de dizer Deos a Abraham, que conhecia seu

amor, quando lhe mandava suspender a espada, porque se Abraham não ficára certo, de que seu amor estava já conhecido: sem duvida executára o golpe, para que o sangue da melhor parte de seu coração, dissesse a gritos, quam verdadeyramente amava. E que estimando o amor sobre tudo, verle conhecido: & não conhecendo os homẽs o amor de Christo (antes sendo impossivel conhecello como elle he) venceffe seu amor esta difficuldade, & atropellasse este impossivel, & a pesar d'elle. & de si mesmo amasse; estupenda resolução de amor!

## §. VIII.

433 Muyto custou a Christo amarnos, muyto padeceo amandonos; porẽm a mais rigurosa pena, a que o condenou seu amor, foy, que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto he o que mais sente, isto he o que mais lastima a quem ama. Dous desmayos, ou dous accidentes grandes padeceo a Esposa dos Cátarses, causados ambos

do feu amor. Hum foy logo no principio delle, que se escreve no Capitulo segundo: outro foy depois de haver já amado muyto, & se refere no Capitulo quinto. Ouve-se porèm a Esposa nestes dous accidentes com differença muy digna de confideração, & reparo. No primeyro accidente disse: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo.* Acudíme com confortativos, trouxe-me rosas, & flores, porque estou enferma de amor. No segundo, diz: *Adjuro vos filiae Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei, quia amore langueo.* Pelo que vos mereço, filhas de Jerusalem, que busqueis a meu amado, & lhe façais a saber, que estou enferma de amor. Notavel differença! Se a Esposa em ambos os casos estava igualmente enferma de amor: *Quia amore langueo*: porque razão no primeiro accidente pediu remedios, & confortativos, & no segundo não? E se no segundo não teve cuidado de pedir remedios, porque encomenda com tanto encarecimento às amigas,

& lhe pede juramento de que o façaõ a saber a feu Esposa: *Adjuro vos, ut nuntietis dilecto?* Não se podia melhor pintar a verdade do que dizemos. No primeyro accidente, em que a Esposa era ainda principiante no amor, pediu sómente remedios para a enfermidade; porque os effeitos penosos, que experimentava feu coração, eraõ os que mais lhe doaõ. Porèm no segundo accidente, em que o amor era já perfeyto, & consumado, em vez de dizer, que acudão com remedios a feu mal, diz, que acudão com noticias a feu amado; porque não lhe doya tanto a sua dor, porque ella a padecia, quanto porque elle a ignorava. Acudio a Esposa primeyro ao que lhe doya mais, & mais lhe doyaõ os affectos do feu amor, porque os ignorava a causa, que porque os padecia o logeito. Por isso em vez de dizer, trouxe-me remedios, dizia, levay-lhe noticias. Tanto a affligiaõ as penas do feu amor, muyto mais por ignoradas, que por padecidas. O mesmo foy em Christo.

434 No Psalmo 34. con-  
*Pfal.* forme o Texto Grego ; diz  
 34.15 affi o Filho de Deos : *Congregata sunt super me flagella, & ignoraverunt.* Cahiraõ sobre mim tantos açoutes, & ignoráraõ. Para intelligencia deste affecto, havemos de suppòr, que de todos os tormentos de sua Payxão, nenhum sentio Christo tanto, como o dos açoutes. Bastava a razão por prova; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descubrio aos Discipulos o que havia de padecer : *Tradetur gentibus, & illudetur, & flagellabitur, & conspuetur; & postquam flagellaverint, occident eum.* Em todos os outros tormentos, & na mesma morte fallou só hũa vez, porèm o tormento dos açoutes, repetio-o duas vezes : *Flagellabitur, & postquam flagellaverint;* porque  
*Ibid:* o que mais sente o coração, naturalmente sahe mais vezes à boca. Diz pois o Senhor ; *Congregata sunt super*  
*Pfal.* 34.15 *me flagella, & ignoraverunt.* Cahiraõ sobre mim tantos açoutes, & ignoráraõ. Affligido J E S U, que termos de fallar saõ estes ? Se foram os

açoutes o tormento de vòs mais sentido, parece, que haveis dizer: Cahiraõ sobre mim os açoutes. Oh como os senti ! Oh como me atormentáraõ ! Mas em vez de dizer, que os sentio, & que o atormentáraõ, queyxa se fõmente o Senhor, de que os ignoráraõ ; porque no meyo dos maiores excessos do feu amor, o que mais atormentava o coração de Christo, naõ era, o que elle padecia, senão o que os homens ignoravão : *Et ignoraverunt.* Não se queyxa dos açoutes, & queyxa se da ignorancia ; porque os açoutes afrontavaõ a pessoa, a ignorancia defacreditava o amor. E quem amava com tanto extremo, que quiz comprar os creditos de feu amor à custa das afrontas de sua pessoa ; que visse emfim a pessoa afrontada, & o amor naõ conhecido ; oh que infõrivel dor ! E porque esta falta de conhecimento, he o que mais sente, & mais deve sentir, quem ama : por isso ponderou Christo à fineza de feu amor, não pela circunstantia da sua sciencia, senão pela de nossa ignorancia :

*Quod ego facio , tu nescis.*  
 Muyto mais realça o amor de Christo este *nescis*, que o *sciens* de S. João, tantas vezes repetido. Porque se foraõ grandes circumstancias de amor, amar conhecendo-se a si, & conhecendo a quem amava, & conhecendo o amor, & conhecendo o fim, em que havia de parar amando; sobre todas estas considerações se levanta, & remonta incomparavelmente empregar todos esses conhecimentos, & todo esse amor, por quem o não havia de conhecer: *Tu nescis.*

Joan.  
13.7.

§. IX.

435 Mas sendo assi que as ignorancias dos homens eraõ por hũa parte o mayor sentimento, & por outra o mayor credito do amor de Christo; uzou o mesmo amor taõ finalmente dellas, que tomou estas mesmas ignorancias por instrumento de nos acreditar a nõs, sem reparar nas consequencias, com que se podia desacreditar a si. Subindo Christo á Cruz, isto he ao trono do seu amor, nq

mais publico theatro delle, que foy o Calvario, a primeira palavra, que fallou, foy esta: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Eterno Pay, perdoay aos homens, porque não sabem o que fazem. Porque não sabem o que fazem, perdoador amoroso? E sabe vosso amor o que vos obriga a fazer nesta razão, que allegais? Se a nossa ignorancia nos faz menos ingratos, tambem vos faz a vòs menos amante; porque na pedra da ingratitude a fia o amor as suas settas, & quanto a dureza he mayor, tanto mais as afina. Como formais logo desculpas a nossas ingraticoes, donde podieis crescer motivos a vossas finezas? Cuidey, que tinha dito a mayor de todas; mas esta foy a mayor. Chegou Christo a diminuir o credito de seu amor, para dissimular, & encobrir os defeitos do nosso, & quiz parecer menos amante, só para que nõs parecemos menos ingratos. Assi uzou da ignorancia dos homens, sendo a consideração da nossa ignorancia o mais apurado motivo da sua fineza.

Mas

436 Mas por isso me-  
mo veyo a não ser assi, & on-  
de arriscou o amor de Chri-  
sto a sua opiniaõ, dalli fahio  
com ella mais acreditada.  
Porque não pôde chegar a  
mayor fineza hum amante,  
que a estimar mais o credito  
do feu amado, que o credito  
do feu amor. Exemplo deste  
primor, só no mesmo Chri-  
sto se pôde achar. Nasceo  
Christo em hum Presépio, &  
diz por boca do Evangeli-  
sta, que nasceo allí, porque  
não havia lugar na Cidade:

*Luc.* *Quia non erat ei locus in di-*  
*2. 7.* *versorio.* Evangelista Sagra-  
do, não digais tal cousa: seria  
essa a oçassião, mas não foy  
essa a causa. Nasceo Christo  
em hum Presépio; porque  
foy taõ amante dos homens,  
que logo quiz padecer por  
elles aquelle desemparo: &  
nasceo fóra da Cidade, por-  
que foraõ os homens tão du-  
ros, & tão ingratos, que lhé  
não quizerão dar abrigo den-  
tro em Belem. Pois se o amor  
de Christo, & a ingratitude  
dos homens, foram a causa;  
porque se calla o merecimẽ-  
to de Christo, & a culpa, que  
era dos homens, se attribue à

oçassião, & ao tempo: *Quid*  
*non erat ei locus in diversorio? Ibid.*  
O certo he, que mais aman-  
te se mostrou Christo na cau-  
sa, que apontou, que no de-  
semparo, que padecio. O que  
era eleyção sua quiz, que pa-  
recesse necessidade: & o que  
era ingratitude nossa, quiz  
que parecesse contingenciã;  
para que na contingencia fi-  
casse dissimulada a ingrati-  
daõ, & na necessidade o  
amor. A ingratitude crescẽ-  
tava a fineza, a necessidade  
diminuia o amor, & quiz  
Christo parecer menos amã-  
te, para que os homens pare-  
cessem menos ingratos. Assi  
amou no principio da vida,  
& assi acabou no fim della.  
Por isso desculpa a ingra-  
titude dos homens com a sua  
ignorancia: *Non enim sciunt*  
*quid faciunt*: sendo a mesma  
ignorancia dos homẽs, o ma-  
yor credito de feu amor: *Quod*  
*ego facio, tu nescis.*

## §. X.

437 Este foy, Christãos,  
o amor de Christo, esta a sci-  
encia, & as sciencias, com que  
nos amou, & esta a ignoran-  
cia,

Joan.  
13.1.  
Joan.  
13.7.

cia, & ignorancias, sobre que fomos amados. Tragamos sempre diante dos olhos este *sciens*, & este *nescis*: tenhamos sempre na memoria (que o mesmo Senhor tanto nos recomendou neste dia) a sua sciencia, & a nossa ignorancia. Sirvanos a sua sciencia de espartador, para nunca deyxar de amar: sirvanos a nossa ignorancia de estímulo, para sempre amar mais, & mais, a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre, a quem sempre está vendo, & conhecendo, se o amamos? Como não havemos de amar muito, a quem nos amou tanto, que já mais o poderemos alcançar, nem conhecer? Oh que confusão tão grande será a nossa, se bem considerarmos a força, & correspondência deste *sciens*, & deste *nescis*? Quando Christo perguntou tantas vezes a S. Pedro, se o amava, respondeo elle attonito da pergunta: *Tu Domine scis; quia amo te*. Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo. Comparay agora este, *Tu scis* de Pedro, dito a Christo, com o *Tu nescis* de Chris-

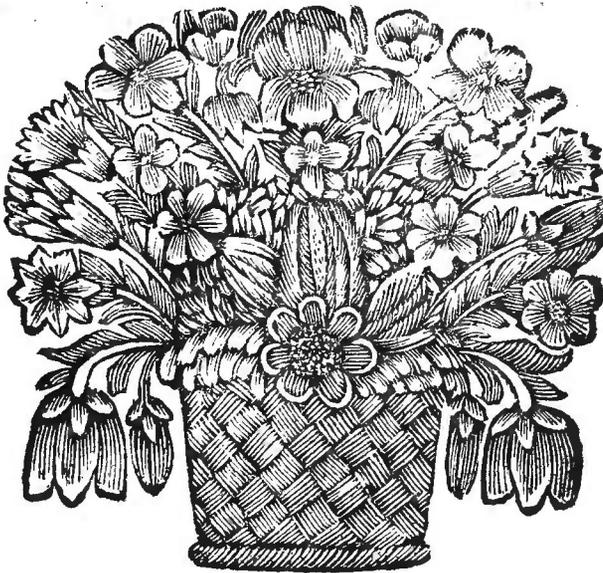
Joann.  
21.15

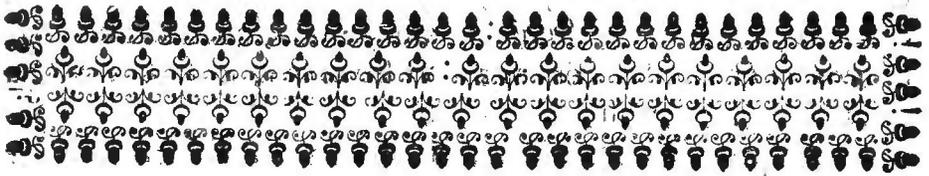
to dito a Pedro. Quando Christo ama a Pedro, nam sabe Pedro, quanto o ama Christo: *Tu nescis*. Mas quando Pedro ama a Christo, sabe Christo, quanto o ama Pedro: *Tu scis*. Oh que desproporção tão notavel de amor, & de sciencia! O amor de Pedro sabido: o amor de Christo ignorado. O amor de Christo padece a nossa ignorancia: o nosso padece a sua sciencia: & ambos podem estar igualmente queyxofo. O de Christo queyxofo, porque o não conhecem os homens: *Tu nescis*: O dos homens queyxofo; porque o conhece Christo, *Tu scis*. Se Christo nam conhecera o amor dos homens, tivera o nosso amor essa consolação nas suas tibiezas: & se os homens conhecerao o amor de Christo, tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amor de Christo tão excessivo, nam o conheçaõ os homens! E que sendo o amor dos homens tam imperfeito, o conheça Christo! Muy igual, & muy desigual forte he a de ambos. Os remedios que

que

que isto tinha, Senhor, era, que vós, e nós trocássemos os coraçoes. Se vós nos amásseis com o nosso coração, proporcionado feria o amor, & o merecimento, & bastaria a nossa ignorancia, para o conhecer. E se nós vos amássemos cõ o vosso amavoshiamos quanto merecis, & só a vossa sciencia conheceria o nosso amor. Mas já que isto não pôde fer; vós,

que só vos conheceis, vos amay: vós, que só conheceis vosso amor, o pagay. E seja unica gloria vossa, & tua, fazerse, que só de vós pôde fer pago, & só de vós conhecido. Assi o cremos, assi o confessamos, & prostrados aos pés de vosso amor lhe offerecemos hũa eterna coroa, tecida deste *nescis*, & deste *sciens*: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*





# S E R M A M

AO ENTERRO DOS OSSOS

## DOS ENFORCADOS

P R E G A D O

Na Igreja da Misericórdia da Bahia, anno de 1637.  
Em que ardia aquelle Estado em guerra.

---

*Misericordia, & veritas obvierunt sibi, justitia, & pax  
osculata sunt. Psalm. 84.*

§. I.

438



Sta dobrada uniaõ de virtudes, que David prometteo ao mundo, quando nelle se vissem tambem unidas a Natureza Divina com a humana, saõ as duas partes, de que religiosamente se compoem todo este aparato funebre, que entre horror, & piedade, temos presente. Despojos da justia

ça, trofeos da misericordia. Vede com que diferentes Procissoens, & com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens vivos, foraõ levados pela justiça ao lugar infame do supplicio, & mortos saõ trazidos pela misericordia, com tanta honra ao da Ecclesiastica sepultura. Alli pagaraõ o que mercciaõ os delictos, aqui recebem o que se deve à humanidade. Diz pois David, que naquelles

*Pfal.*  
84.11. *Et veritas obviaverunt sibi, iustitia, & pax osculatae sunt.*

439. Abraçaraõse a justiça, & a paz, & foy a justiça a primeira, que concorreo para este abraço: *Iustitia, & pax.* Porque a justiça não he a que depende da paz ( como alguns tomaõ por cõfusa ) senão a paz da justiça. Faça a justiça aquella justa guerra, de que estes ossos são os despojos, & delles, & della nacerà a suspirada paz, cuja falta padecemos ha tantos annos. No nascimento de Christo annunciaraõ os Anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus.* E donde lhe havia de vir essa paz aos homẽs, & à terra? Não precisamente do Rey pacifico, que nascia, senão da justiça, que em seus dias havia de nascer: *Orietur in diebus ejus iustitia, & abundantia pacis.* Nacerà em seus dias a justiça ( diz o Profeta ) & entãõ haverà grande colheita de paz: porque a paz são os fructos

*Luc.*  
2.14.

*Pfal.*  
71.7.

da justiça. Toda a Republica em todo o tempo ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro: paz exterior contra os de fóra, & hũa, & outra teremos, se a justiça a cultivar, como deve. Vedes aquelles ossos desenterrados? Pois aquella he a femente, de que nasce a paz. A justiça semeaos no ar, & a paz colhe-se na terra, Absalaõ, quer dizer: *Pax 2. Reg. Patris:* Paz de seu Pay; mas 19.1. não foy paz de seu Pay estãõ vivo, senão depois de morto, & enforcado. Vivo fez-lhe cruel guerra, enforcado deulhe a paz de todo o Reyno. Se ouvera justiça, q̃ enforcara Absalões, eu vos prometto, q̃ dentro, & fóra não ouvera tantas guerras. O mayor exemplo de justiça, que vio o mundo, foy o do Diluvio: & que se seguiu depois deller. A paz, que trouxe a Pomba a Noè no ramo da Oliveira. As agoas do Diluvio não arrancaraõ, nem secaraõ a Oliveira, antes a regaraõ. Debaixo dellas se conservou inteira, & verde, porque debaixo

castigos, cresce, e reverdece a paz.

440 Para mim o primeiro final della, não foy o da Pomba, senão o do Corvo. Sahido o Corvo da Arca, pozse a comer, & cevar nos corpos afogados do Diluvio, & quando se dà carne de justificados aos Corvos, segura está a paz do mundo: Se o Corvo trouxera à Arca huma daquellas cãveiras, tanto, & mais se pudèra assegurar della Noè, que da Oliveira da Pomba. Nunca Jerusaleem gozou mayor paz, que no tẽpo del Rey Salamaõ, mas essa não estava só no Olivete, senão no Calvario. Assi o profetizou ao mesmo Salamaõ seu Pay, fallando da felicidade do seu Reynado: *Suscipiant montes pacem populo, & colles justitiam.* Os montes traraõ a paz ao povo, & os outeiros a justiça. E porque os outeiros a justiça, & os montes a paz? Porque em Jerusaleem havia hum monte mais alto, cuberto de Oliveiras, que era o Olivete, & outro outeiro, ou monte mais bayxo, cuberto de cãveiras, que era o Calvario, onde se

*Psal.*

71.3.

*Suscipiant montes pacem populo, & colles justitiam.* Os montes traraõ a paz ao povo, & os outeiros a justiça. E porque os outeiros a justiça, & os montes a paz? Porque em Jerusaleem havia hum monte mais alto, cuberto de Oliveiras, que era o Olivete, & outro outeiro, ou monte mais bayxo, cuberto de cãveiras, que era o Calvario, onde se

justificavaõ os delinquentes. E quando os outeiros, como o Calvario, com as suas cãveiras, mostraõ a justiça; os montes, como o Olivete, com as suas Oliveiras, annunciaõ a paz: *Suscipiant montes pacem, & colles justitiam.* Oh como veriamos esses montes coroados de paz, se se vissem estes outeiros semeados de justiça! Mas nós esquecidos desta regra (que tambem he militar) todos nos occupamos em fortificar, & presidar outeiros, & montes. Que importa, que estejaõ presidadas as Fortalezas, se estaõ desguarnecidas as forcas? Aquellas são as que nos haõ de defender da Justiça Divina, que só vem do Ceo, quando falta na terra. O Emperador Maximiliano, quando via huma forza tiravalhe o chapéo; porque estas (dizia) são as que me sustentão em paz o meu Imperio. Por isso diz David, como Profeta, & tambem o pudèra dizer como Rey, que a justiça, & a paz se abraçaraõ: *Justitia, & pax osculatae sunt.*

Tenho declarado hũa das partes do Thema, que sendo

taõ

taõ propria do tempo , tam-  
bem naõ foy alhea do lugar,  
& do acto presente , pois he  
de misericordia, que suppoem  
justiça ; para discorrer mais  
largamente sobre a segunda,  
& principal, he nos necessaria  
mayor Graça. *Ave Maria.*

§. II.

*Misericordia, & veritas ob-  
viaverunt sibi.*

441 **H**Um dos mais pro-  
digiosos casos, cõ  
que o Ceo assombrou a ter-  
ra, & as nossas terras , foy o  
memoravel terremoto da  
Ilha Terceira , naõ muitos  
annos antes deste. Arruinou,  
soverteo , & arrazou total-  
mente a Villa , chamada da  
Praya ; mas foy muito mais  
notavel , pelo que deixou em  
pè , que pelo que derrubou.  
Unicamente ficàraõ inteiras,  
& sem lezão estas tres partes,  
ou peças daquelle Povo : a  
Cadea publica, a Casa da Mi-  
sericordia , & o Pulpito da  
Igreja mayor. Oh providen-  
cia Divin, sempre vigilante,  
ainda nos casos, q̃ parecem ,  
& podem ser da Natureza !

Aquellas tres exceçoens taõ  
notaveis, naõ foraõ sem gran-  
de mysterio : E todos os que  
as viraõ , o notàraõ , & reco-  
nheceraõ logo. No Carcere o  
reconhecèraõ a justiça , no  
Hòspital a misericordia, & no  
Pulpito a verdade. Como se  
nos prègara Deos aos Portu-  
gueses, & mais aos das Cida-  
des, & Praças maritimas ( co-  
mo esta he, & aquella era ) que  
por falta de Justiça, de Mife-  
ricordia , & de Verdade, se  
vem taõ destruidas, e assola-  
das as nossas Conquistas : E  
que só se pòde defender, con-  
servar, e manter em pè so-  
bre tres columnas : com verda-  
de , & com misericordia , &  
com justiça ; da justiça, basta  
o que fica dito: da misericor-  
dia , & verdade , diremos  
agora.

442 *Misericordia, & ve-  
ritas obviaverunt sibi.* Con-  
tèm estas palavras, Senhores,  
hum documento notavel, &  
muyto digno de onotarem,  
& advertirem todos, os que  
nesta illustrißima Communi-  
dade com o nome, & com as  
obras professão misericordia.  
Profetiza, & canta David, co-  
mo maravilha , & excellencia

propria da Ley da Graça, que nos tempos della ( que são estes nossos) a misericórdia, & a verdade se concordiava, se abraçava, & se unia entre si. Isto quer dizer: *Obviaverunt sibi*. E he notavel dizer. As virtudes não são como os vícios. Os vícios, ainda que se ajuntem no mesmo fôgeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revez, como as rapozas de Samsam, sempre desenhontrados, & inimigos. Não assi as virtudes. As virtudes conservaõ tal irmandade, & harmonia entre si, que sempre estão unidas, & concordes: & entre todas as virtudes, a nenhuma he mais intrinseca esta uniaõ, que à verdade, porque a virtude, que não he juntamente verdade, não he virtude. Como diz logo David, & como celebra por maravilha, propria da Ley de Christo; que a misericórdia se ajuntaria com a verdade, & a verdade com a misericórdia: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi*. Huma couza diz David, outra suppoem, & ambas certas. Diz, que a misericórdia, & a

verdade se haviaõ de encontrar, & unir; porque assi o manda Christo: & suppoem, que a misericórdia, & a verdade, podião andar desenhontradas, & desunidas; porque assi acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericórdia, he misericórdia, & verdade. Ha misericórdias, que são misericórdias, & mentiras. Parecem misericórdias, & são respeitos: Parecem misericórdias, & são interesses: Parecem misericórdias, & são outros affectos tão contrarios desta virtude, como de todas.

443 Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio Matt. hæc? Potuit enim istud venundari multo, & dari pauperibus*. Para que he espediçar assi este unguento tão precioso? Melhor fora vendelo por muito dinheiro, & matar com elle a fome a muitos pobres. Quem ouvisse isto a hum Apostolo, havia de dizer, que era vontade de fazer bem, que era espirito de charidade, que era impulso, & affecto de misericórdia. Mas o Evangelista S. João, que lhe conhecia o animo, vede que diffe-

diferentemente nolo pintou, & des pintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, & loculo, habens.* Não dizia, isto Judas, porque tratasse dos pobres, senão porque tratava de si. As palavras parecião de hum Apostolo, mas os intentos eraõ de hum ladraõ: Era cobiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia: *Quia fur erat, & loculos habens.* Eu não quero applicar, faça-o cada hum consigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, & de materia mais perigosa.

444 Sahio Abraham peregrino de sua patria, fez afento em Egypto com toda sua familia, & não se tinhaõ passado muytos dias, depois que chegãra, quando já era hum dos mais ricos, & poderosos do lugar: tinha muytos campos, muytos gados, muytos escravos, liberalidades tudo do Rey, & moradores daquella terra. Quando isto li a primeira vez, comecei a murmurar de nossos tempos, & a dizer comigo: Esta si, que he

charidade, esta si, que he misericordia? Remediar com tanta presteza hum homem peregrino, socorrer com tanta abundancia huma familia desterrada, não se faz assi entre nós com os retirados de Parnambuco: Li por diante, & tudo o que ouvistes, nada era menos, que aquillo, que apparecia. Parecia piedade, eraõ respeito: parecia misericordia, & eraõ intereffes. Digamolo mais claro. Parecia charidade, & era amor. Todas estas enchentes de bens, corriaõ à casa de Abraham, não por amor de Abraham, senão por amor de Sara; & não porque era peregrina Sara, senão porque a fermofura de Sara era peregrina: *Scio, quod pulchra sis Genes. mulier: Abram bene usi sum 12.11 & 16,*

445 Deforte (como dizia) que nem tudo o que parece misericordia, he misericordia, & verdade, senão muitas vezes misericordia, & mentira. Em Judas o zelo dos pobres, parecia misericordia, & era cobiça: em Faraõ o agazalho dos peregrinos, parecia misericordia, & era lascivia; & se estes

estes defeitos se achão em misericordias coroadas, ou com a coroa Sacerdotal, como era a de Judas, ou com a coroa Real, como a de Faraõ, menos maravilha feria, que se possaõ achar nas misericordias de outros fogeitos, onde os da menor condição, & os da mayor, todos são inferiores. Com ser porèm assi, que em muytas acçoens, & obras de misericordia, a misericordia, & a verdade andaõ defencontradas ( de que pòde ser, que nesta mesma Casa, & dentro destas fantas paredes, assi nas eleiçoens dos officios, como no exercicio delles haja menos antigos, & mais palpaveis exemplos ) deixados elles à consideração, & consciencia do tribunal, a quem toca, & vindo ao acto presente, como proprio deste dia; digo, Senhores, que entre todas as obras de misericordia, que, ou publica, ou privadamente professa o vosso Instituto, esta he singularmente aquella, em que a misericordia, & a verdade se achão juntas. Nas outras obras de misericordia pòde hir a misericordia por hum caminho, & a

verdade por outro; nesta não he assi. Por mais defencontradas; & mais longe, que andassem huma da outra, aqui se abração, aqui se unem: *Misericordia, & veritas obvia verunt sibi.*

446 v E para que conheça a Irmandade da Misericordia, quanto digo nisto, que digo, ouçamos ao mesmo David, não já fallando da misericordia humana, mas da divina. O mayor Prêgador da misericordia entre todos os Profetas, foy David. E todas as vezes em que elle ( como eu agora ) se achava em algum grande auditorio, o que prêgava da misericordia de Deos, he, que sempre andou junta com a verdade: *Non abscondi misericordiam tuam, & veritatem tuam à concilio multo.* Como Rey, que tanto devia à misericordia divina, & como Profeta, que tambem a conhecia, sempre a trazia na boca, mas sempre junta com a verdade. Se fallava com Deos, misericordia, & verdade: *Misericordia, & veritas* Psal.  
*precedent faciem tuam: Do-* 88.15  
*mine in Cælo misericordia tua,* Psal.  
*& veritas tua usque ad nu-* 35.61  
*bes,*

bes. Se fallava de Deos, misericordia, & verdade: *Miser-*  
*Psalm. 83. 12. ricordiam, & veruatem dili-*  
*Psalm. 24. 10. git Deus: Universa via Do-*  
*mini misericordia, & veritas.*  
 Se nos exhortava a louvar a Deos, misericordia, & verdade: *Laudate Dominum*  
*Psalm. 116. 1. omnes gentes, quoniam confir-*  
*Psalm. 13. 1. mata est super nos misericor-*  
*dia ejus, & veritas Domini*  
*manet in æternum. Non nobis*  
*Domine, non nobis, sed nomi-*  
*ni tuo da gloriam; super mise-*  
*ricordia tua, & veritate tua.*  
 Mas porque insistia tanto David nos louvores de Deos, em ajuntar sempre a verdade cõ misericordia? Porque he taõ grande prerogativa, taõ alta, & taõ divina a união da misericordia com verdade, que entre todos seus attributos, de nenhum se preza, nem gloria mais Deos, que desta união. O mesmo Deos o revelou assi a David, & o mesmo David a nós: *Super mise-*  
*Psalm. 137. 2. ricordia tua, & veritate tua,*  
*quoniam magnificasti super*  
*omne nomen sanctum tuum.*  
 Quiz Deos magnificar, & engrandecer o seu nome, quiz tomar para si hum nome, que fosse sobre todo o

nome; & o nome, que elegeo entre todos seus attributos, foy misericordia, & verdade. A seu Filho deu Deos hum nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super om-*  
*Philip. 2. 9. ne nomen:* & para si tomou tambem hum nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum tuum.*  
 E assi como o nome de Christo sobre todo o nome, he Jesu: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* Assi o nome, de Deos sobre todo o nome, he misericordia, & verdade: *In misericordia tua, & veritate tua.* Naõ misericordia, & justiça, naõ misericordia, & sabedoria, naõ misericordia, & omnipotencia, naõ misericordia, & immensidade, senaõ misericordia, & verdade: & se a união da verdade, com a misericordia, he taõ sobreexcellente, & taõ sobredivina na Misericordia de Deos; vede que será, & qual será na misericordia humana; pois isto he, Senhores, o que eu digo desta acção, da misericordia que temos presente: *Miseri-*  
*ordia, & veritas ob-*  
*viaverunt sibi.*

## §. III.

447 E se me perguntais o fundamento desta tão gloriosa, & quasi divina singularidade? Respondo; que por duas razões, ambas também presentes, huma geral, outra particular. A primeira; & geral; porque he obra de misericordia, feita a homens mortos: A segunda, & particular; porque he feita a mortos justificados, & tirados da força.

Começando pela primeira: Então se une a misericordia com a verdade, quando a obra de misericordia he tão verdadeira, & pura, que não tem mistura de outro affecto, que a vicie, nem liga de outro motivo, ou respeito, que a falsifique: E taes são as obras de misericordia, que se exercitaõ com os mortos. Quando Judas condenou a unção da Magdalena, acodio o Divino Mestre a emendar a censura do mão Discipulo, dizendo, & ensinando a toda a sua escolla, que aquella obra fora boa: *Opus enim bonum*

448 Em dizer o Senhor absolutamente, que a obra fora boa, calificou, & desirio, que era livre de todo, & qualquer defeito, que a pudesse viciar; porque *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu*. Agora pergunto: E porque foy absolutamente boa, & pura aquella obra, & não só livre dos defeitos, que lhe opunha a calúnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava, que nas mesmas palavras de Christo estava a verdadeira razão: não só disse o Senhor: *Opus bonum operata est*; mas acrescentou: *in me*: em mim. E como aquella obra fora feita em Christo, a Christo, & por Christo, parece, que não havia mister outra cousa, nem outra prova, para ser calificada por boa, & puramente boa: *Opus bonum*. Assim cuidava eu, & creyo, que o cuidaraõ todos; mas não foy esta a razão, com que o Senhor provou a bondade, & pureza da obra, senão outra muyto mais secreta, que ninguem podia imaginar, verdadeiramente admiravel, & profundissima: *Mittens hæc unguentum hoc*

*Matth.*  
26.10, *operata est in me.*

*in corpus meum ad sepeliendum me fecit.* Os unguentos preciosos, & aromaticos naquella tempo usavaõse, para ungir os mortos, & tambem os vivos. Os vivos por delicia, os mortos para a sepultura. Responde pois Christo a Judas: Vês este unguento, que derramou a Magdalena sobre mim, & de que tu tanto te escandelizas; pois has de saber, que ella não me ungiu por delicia, como vivo, senão para a sepultura como morto. Quando meu corpo estiver morto no sepulchro, hame de querer ungir a Magdalena, & não ha de poder: E porque a sua devação merece, q̄ eu não deixe de receber este ultimo officio de piedade, por isso com moção, & instincto divino me veyo ungir anticipadamente, para prevenir em meu corpo esta cerimonia de defunto: *Præ-*

Marc.  
14. 8.

*venit unguere corpus meum.* Deforte ( notay agora ) que para Christo haver por provado, que aquella obra era absolutamente boa, & livre de todo o respeito, & defeito humano, não bastou referir, que era feita a elle, como to-

dos citavaõ vendo; mas foy-lhe necessario revelar o mysterio, que tó o mesmo Senhor, & a Magdalena entendiaõ; & declarar, que o não ungiu como vivo, senão como morto: *Opus bonum operata est, ad sepeliendum me fecit.* Tanto vay nas obras de misericordia terem feitas a mortos, ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Christo. Se fora obsequio feito a Christo vivo, pudera arguir a especulaçaõ, & sospeitar a malicia, ou murmurar, & calumniar algum defeito apparente, que quando menos o puzesse em duvida; mas como era obra de misericordia, exercitada com hum corpo morto; & para lhe dar sepultura, irrefragavelmente ficou demonstrando, q̄ era verdadeira, & pura misericordia, ou fallado nos nossos termos, que era misericordia, & verdade: *Misericordia, & veritas.*

449 O fundamento solido, & claro desta Filosofia, he, porque os motivos, que podem viciar a pureza, & falsificar a verdade das obras da misericordia, são outros respeitos humanos, & na dos

mortos não ha respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitados, & nos mais respeitafos do mundo, q̄ faõ os Reys, & os que andaõ mais chegados a elles. Morreo El-Rey Herodes, aquelle q̄ logo em feu nascimento quiz tirar a vida a Christo, & o obrigou a fugir ao Egypto; & tanto que morreo, appareceo o Anjo a S. Joseph, & disse-lhe, que fe guramente podia tornar para as terras de Israel.

*Matt.* *Defuncti sunt enim qui*

*3. 20. quarebant animam pueri.* Porque já eraõ mortos os que perseguirão o Minino. Este porque do Anjo, parece que foy mais largo, do que havia de fer. O Euangelista diz que só morrera Herodes: *Defuncto Herode.* Pois se o que morreo, foy só Herodes, perseguidor de Christo, como diz o Anjo, que morreraõ todos os que o perseguiaõ? Porque com a morte dos Reys morrem todos os respeitos, que os acompanhaõ na vida. Herodes perseguia a Christo, por respeito da Coroa, os demais perseguiaõ-no por respeito de Herodes, & como morreo Herodes,

tambem morreraõ com elle todos effes respeitos.

450 E diz o Anjo angelicamente, não que morreraõ os respeitos, senaõ que morreraõ os respeitafos, ou respectivos; isto he, os familiares de Herodes, para que se defenganem todos os mortaes, de quam pouco se devem fiar os mortos, dos vivos. Em algumas naçoens da India, quãdo morrẽ os Reys, mataõ se juntamẽte com elles todos os feus criados, & validos. Cã não se mataõ, mas tambem morrem. Morrem para elles, & vivem ( como sempre viveraõ ) só para si. E se isto succede aos Reys, que serã dalli abayxo? Dezenegamemonos pois, que para os mortos não ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode: defuncti sunt enim.* Atay as palavras do Euangelista cõ as do Anjo, & notay muyto aquelle *enim.* Morrem os vivos com os mortos, sem outro achaque, nem porque, senaõ porque elles morreraõ. Não morreria muito tresuariado, & fóra de si, quem nomeasse por feu testamenteiro hum morto? Pois assi o fazem

os que na morte encomendaõ os dalcargos de sua alma aos vivos Até os que na vida morrião por vès, na morte morrem comvosco. Vedeo nos filhos para com os pays, & nos irmãos para com os irmãos, & o que he mais que tudo, nos amigos para com os amigos. O par mayor de amigos, que lemos na Escritura (que os outros são fabulozos) forão Jonathas, & David. Morreo Jonathas, ficou David vivo, & tudo o que fez por elle, foy tirar a fazenda a seu filho, & compòr hum Soneto, ou huma Canção à sua

2. Reg. morte: *Doleo super te, frater*  
 1 26. *mi Jonatha, decore nimis, &*  
 & 27. *amabilis super amorem mulie-*  
*rum. Sicut mater unicum amat*  
*filium suum, ita ego te dilige-*  
*bam. Reparay no diligebam:*  
 amava. Elle mesmo confessa, & diz, não que ama, senão que amava, porque com a morte de Jonathas, morreo tambem o amor de David. Fiayvos là de amigos, & mais dos mais discretos? O que podeis esperar, quando muyto, da sua memoria, ou do seu entendimento, he huma meya folha de papel, com quatorze

versos: melhor fora huma Bulla de defuntos.

451 Mas tornando a Herodes, & à declaração dos respeito, porque na sua morte morreraõ com elle todos os seus; he de saber, que este Herodes, por sobrenome Ascalonita, foy o homem, que por todas as artes, & manhas, soube melhor ganhar, fogeitar, & unir a si os animos dos homens. Como era intruzo na Coroa, & reynou quarenta & dous annos, sempre com recco de que o privassem do Reyno; a huns grangeava com favores, & merces, como Rey, a outros fogeitava com rigores, & castigos, como tirano. E por este modo dominava de tal forte a todos, que não havia no seu Reyno, mais que huma só vontade, que era a sua. Bem se vio na entrada dos Magos em Jerusalem, com voz de outro Rey: *Turbatus* *Matt.*  
*est Herodes.* Turbou se Hero- 2. 3.  
*des: Et omni Hierosolyma cum*  
*illo.* E todos por elle, & com elle. E assi como todos vivião com elle, quando vivo, assi todos morreraõ com elle, quando morto. Em quanto

vivo, huns viviaõ com elle pelo beneficio, outros pelo medo; tanto que morreo, morrerãõ tambem todos com elle, porque nem huns tinhaõ já que temer, nem outros, que esperar. Esta he a mayor miseria dos mortos, serem gente, que não pôde fazer bem, nem mal. E porque com elles morrem, & se acabaõ todos os respeitos, & dependencias, porque se governaõ os affectos humanos, por isso, assi como nelles aquella he a mayor miseria, assi para com elles esta he a mayor misericordia. Misericordia sem respeito; misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo, algum, que não seja pura misericordia, & por isso em fim misericordia, & verdade. *Misericordia, & veritas.*

452 Não sou muito amigo de authoridades, porque raramente se podem ajustar com quem differ o que não está dito. Ouça nos porèm a de Santo Ambrosio, q̄ melhor, & mais altamente que todos tocou este ponto. Naquelle seu famoso Livro, que intitoulou de *Officiis*, fallando da

sepultura dos mortos, diz; que entre todos os beneficios, que pôde fazer a piedade humana, este he o mais excellente: *Nihil hoc officio prestantius.* Outros diriaõ, que mayor beneficio, & mayor obra de misericordia he sustenttar os pobres, & remir os cattivos, porque a huns daffe vida, & a outros liberdade. Com tudo este grande Doutor da Igreja, & Mestre de Santo Agostinho, diz, que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, he o mais excellente de todos, & dà a razãõ: *Nihil hoc officio prestantius, ei conferre, qui tibi jam non potest reddere.* He (diz) o mais excellente de todos, porque he o beneficio feito a quem não pôde pagar: Eu acrescentára, nem dever. He fazer bem, a quem vos não pôde fazer bem: Eu acrescentára, nem mal. He obra, de que se não espera agradecimento: Eu acrescentára, nem queixa. He finalmente compadecer-me eu, & remediar a quem não padece a miseria, nem sente o beneficio, que isto he ser morto. O bem, que se faz

aos vivos ( como bem sabem os que o fazem , & não ignorão os que o recebem ) podem negociar o interesse , podem solicitar a dependencia , podem violentar o respeito : & nada disto se pôde esperar de huns ossos secos , nem temer de humas cinzas frias: Logo a sepultura dos mortos he o mayor officio de piedade, como diz Ambrosio : logo a sepultura dos mortos he misericordia , & verdade , como nós dizemos , porque he misericordia pura , & limpa de toda a outra attençaõ , & nua , como a verdade , de todo o respeito. Mas concluamos com a Escritura , que he só a que diz tudo.

*Psal.*  
87. 11

453. Considera David o estado dos mortos , & admirado de que tambem delles tenha providencia Deos , exclama , ou pergunta assi: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* He possivel , Senhor , que com os mortos , que já não temer , ha de ser tão cuidadosa a vossa providencia , que faça por elles maravilhas? Não se poderá exagerar mais , nem encarecer melhor , quam grande cousa he fazer bem aos

mortos , & lembrar delles ; pois hum Profeta , que sabia , & conhecia de Deos mais que todos , chegou a chamar a esta obra , milagre da Divina Bondade , & não só o venerá com tanta admiração , mas quasi , parece , que o duvida : *Nunquid mortuis facies mirabilia?* Ora saybamos , em que topava esta admiração , & difficuldade de David , & que mayor , ou menor razão achava nos mortos , que nos vivos , para ser mais maravilhosa nelles a providencia , & bondade Divina. O mesmo David se declarou respondendo a huma pergunta com outra pergunta , & amplificando hum *nunquid* com outro *nunquid* : *Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam , & veritatem tuam in perditione?* He possivel , que se haõ de contar exemplos da vossa misericordia na sepultura , & da vossa verdade na perdição? Se David fizera de encomenda este verso , não viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama à misericordia verdade , & à sepultura perdição : & logo põem a misericordia

*Ibid.*

cordia.

cordia na sepultura: *Misericordiam in sepulchro*: & a verdade na perdição: *Et veritatem in perditione*. Porque em ser a sepultura perdição, consiste o ser a misericordia verdade. Ora vede: Lá disse com alta Filosofia Seneca, que a verdade do bem fazer, não consiste em dar o beneficio, & perdello, senão em o perder, & dallo: *Beneficium est non dare, & perdere, sed perdere, & dare*. Dar o beneficio, & perdello, he caso, que succede muitas vezes, ou por imprudencia de quem o dà, ou por impossibilidade, ou por avareza; ou por ingratição de quem o recebe, & neste caso a boa obra não he beneficio, he ignorancia, ou desgraça. Pois quando he verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz, sabe que a perde, & comtudo a faz. E taes são os beneficios, que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o beneficio, que se lhes faz, & ainda que o conhecerao, não o podem agradecer, nem pagar. Tudo o que se faz aos mortos, he como se se perdera, & por isso a sepul-

tura se chama perdição: *In sepulchro, in perditione*. E comtudo, que sendo a sepultura perdição, haja comtudo misericordia tão alhea, & tão limpa de todo o interesse, que não só de sepultura aos mortos; mas sepultura tão nobre, & tão honrada; como a que temos presente, comtão longo, & tão illustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta magestade de insignias, com tanto apparato, & riqueza de tumulos, com tanto concerto, & harmonia de ceremonias sagradas, de Ministros, de Suffragios, & de Officios Ecclesiasticos; estas são as maravilhas da misericordia, da que David, parece, que duvidava, & se admira: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* E esta he aquella pura misericordia, que por não ter mistura alguma de outro affecto, ou respeito, se chama em Deos, & nos homens misericordia, & verdade: *Misericordiam tuam in sepulchro. & veritatem tuam in perditione*. *Misericordia, & veritas obvia verunt sibi*.

## §. IV.

454 Está dada a primeira, & geral razaõ, mas não basta, porque tem sua replica. Passemos à segunda, & particular, que a não tem, nem pôde ter. Basta absolutamente ser a obra de misericordia, feita a mortos, por ser misericordiã, & verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, & muitas, não bati, porque muytas vezes são servidos, & honrados os mortos, não por si, mas por respeito dos vivos. E isto não he misericordia, & verdade, senão hypocreziã, & mentira sem misericordia. Não vedes nas mortes, & funeraes, principalmente dos grandes, os concursos, & assistencias de todos os Estados, que se fazem àquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis, que cuidamos, que o fazes por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vòs, que são puras ceremonias, & lizonjas, com que incensais os vivos.

455 Hia Christo chegan-

do às portas de Naim, quando vinha sabindo a enterrar com grande pompa, & acompanhamento de toda a Cidade, hum moço, filho unico de huma mãy viuva, a qual tambem com muytas lagrimas seguia a tun ba. Descreve o Euangelista São Lucas este encontro por occasião de hum famoso milagre, que o Senhor alli obrou, & diz desta maneira: *Ecce defun-* Luc.  
*ctus efferebatur, filius unicus-7.12;*  
*matris suae: & hæc vidua erat:*  
*& multitudo copiosa plebis*  
*cum illa.* Sabia a enterrar hum moço, filho unico de sua mãy, a qual era viuva, & hia grande multidaõ do povo cõ ella. Não sey, se reparais nos termos. Não diz o Euangelista, que os que acompanhavaõ o defunto, hiaõ com elle, senão com ella: *Cum illa.* Parece, que havia de dizer, que o acompanhamento hia com o filho, & não com a mãy, porque o filho era o defunto, & a mãy viva; mas por isso mesmo disse, que hiaõ com ella, & não com elle: *Cum illa;* porque ordinariamente o que parece, que se faz aos defuntos, faz se aos vivos. Se

fôra a defunta a mãy, o acompanhamento havia de hir com o filho, mas porque o defunto era o filho, o acompanhamento hia com a mãy. Por mais que sejaõ funeraes os obsequios, aos vivos he que se fazem, & não aos mortos. Ouvis aquelles resposfos de corpo presente tão concertados, & tão sentidos? Pois não se rezaõ aos defuntos, cantaõse aos vivos. Por isso os de Naim no enterramento do filho da viuva hiaõ com ella, & não com elle. O filho era o defunto, & a mãy a acompanhada. Os da tumba levavaõ o morto, os do acompanhamento levavaos a viuva. Elle hia para a sepultura, & elles não hiaõ com quem hia, hiaõ com quem ficava.

456 Se isto he o que passa nas Cidades pequenas, como a de Naim; que serà nas grandes Cortes, onde he tamanha a lisonja dos vivos, como o esquecimento dos mortos? Ponhamonos na de Memphis. Morreo Jacob, pay de Joseph, no Egypto, & depois morreo tambem Joseph na mesma Corte. Mas he digno de admiração, &

de pasmo o modo, com que se portaraõ os Egypcios em huma, & outra morte. Na de Jacob duraraõ os prantos, & as exequias setenta dias: *Flevit eum populus septuaginta dies.* E porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharaõ-no atè lâ todos os Principes, & grandes do Paço de Faraõ, & todos os Magistrados, & Senhores de Egypto com grandes tropas de cavallaria, & apparatus de carroças: *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique maiores res natu Egypti; habuitque in comitatu currus, & equites.* Assi foraõ caminhando atè fóra das rayas do Egypto, & depois que passaraõ o Jordaõ, & chegaraõ ao lugar do sepulchro, renovaraõ outra vez as exequias, por espaço de sete dias, com tantas lagrimas, & extraordinarios prantos, que admirados os Cananeos, puzeraõ por nome àquelle sitio: *Planctus Egypti:* o Pranto do Egypto. *Ubi celebrantes exequias planctu magno, atque vehementi impleverunt septem dies;*

Genes.  
50.3.

Genes.  
50.7.

9.

dies: *Quod cum vidissent habitatores terræ Canaan, vocatum est nomen loci illius: 50.20 Planctus Egypti.* Taõ sentida, & taõ magestosamente como isto celebraraõ os Egypcios as exequias de Jacob, pay de Joseph. E quaes vos parece agora, que seriaõ as do mesmo Joseph, quando depois morreo no mesmo Egypto? De industria referi todas as palavras, com que a Escritura descreve as do pay, para que a mesma Escritura nos diga tambem as do filho. Ouvi com assombro o que diz: *Mortuus est Joseph expletis centum, & de- 50.26 cem vitæ suæ annis, & conditus aromatibus repositus est in loculo in Egypto.* Morreo Joseph de idade de cento & dez annos, & unguido como era costume dos Hebreos, o meteraõ em hum lugar do tamanho do seu corpo no Egypto. E naõ diz mais a Historia Sagrada, sendo estas as ultimas palavras de toda a que escreveo Moysés. E que he das exequias? Que he das lagrimas, & prantos? Que he da solemnidade do enterro? Que he dos apparatus func-

bres? Que he dos mausoleos, & pyramides Egypciacas? Que he do concurio da Corte? Que he do acompanhamento, & assistencia dos Tribunaes, dos Ministros, & Senhores grandes da casa de Faraõ, de que Joseph era o mayor, o mais valido, o mais respeitado, & adorado, & sobre tudo o mais benemerito! Nada disto diz Moysés, sendo sem duvida, que o havia de dizer, se o ouvera, assi como com tanta especialidade, & miudeza descreveo as honras, & exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pay de Joseph sem outro merecimento, ou serviço, com que tivesse obrigado aos Egypcios, lhe fazem na morte taõ magnificas exequias, & taõ exquesitas honras, & o que he mais, acompanhadas de tantas lagrimas, & prantos; como falta tudo isto na morte de Joseph, na morte, outra vez, daquelle mesmo Joseph, a quem os mesmos Egypcios deraõ o nome de Redemptor do mundo, porque ao Rey tinha remido, & conservado o Reyno, & aos vassallos primeiro tinha dado a vida,

depois a fazenda, & ultimamente a liberdade? Aqui vereis, quanto vay de mortos a mortos, quando concorre, ou falta o respeito dos vivos. Quando morreo Jacob era vivo Joseph, & porque era vivo o filho, & tal filho, fizeram tantas honras ao pay. Pelo contrario, quando morreo Joseph, não deixou vivo depois de si a quem os Egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; & como não havia vivos, para os obsequios, não ouve exequias para o defunto. Só se podiam desculpar os Egypcios com Joseph, dizendo, que lhe faltaraõ com as lagrimas na morte, porque já lhas tinhaõ dado em vida. E assi foy. Nas exequias de Jacob, o chorado não era o pay, era o filho, porque não choravaõ os Egypcios pelo morto, choravaõ para o vivo. Sahiaõ as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de Joseph: & não as exprimia a dor, ou a faudade, fenaõ a dependencia, & lisonja; como lagrimas de figuras pintadas, que assi como se rim sem alegria, tambem choraõ sem tristeza.

458 De todo este discursio taõ provado com a Escritura, & taõ confirmado com a experiencia, se conclue sem controversia, nem replica, que este acto de misericordia, que temos presente, he acto puramente de misericordia, & de verdade, porque he misericordia exercitada com mortos, em quem não cabe dependencia, nem lisonja de vivos. Que vivo ha, que queira ser pay, ou filho de hum enforcado? He taõ feyo, taõ infame, & taõ abominavel o supplicio da forca, que de todos estes respeitos priva, & despoja aos miseraveis, que nella acabaõ. O que hoje he a forca, era antigamente a Cruz (como foy até o tempo do Emperador Constantino) & fallando della São Paulo, diz: *Maledictus Galat. omnis, qui pendet in ligno.* 3. 13. Todo o homem, que acaba a vida, pendurado de hum pão, he maldito. Allude o Apostolo ao Capitulo vinte & hum do Deuteronomio, onde a Ley Divina pronuncia a mesma maldição com palavras ainda de mayor horror: *Ma-Dent. ledictus. à Deo est, qui pendet. 21. 23 à ligno.*

à ligno. O homem, que morre em hum pão, não só he maldito, senão maldito de Deos. Sentença verdadeiramente horrenda, & que só se pôde entender por encarecimento da infamia, & abominação de tal genero de morte. Eraõ condenados a este supplicio não todos os delictos, senão os mais graves, & atrozes, como o latrocínio, o homicidio, a rebelliaõ, a blasfemia: & não diz a Ley, que são malditos de Deos os ladroens, es homicidas, os sediciosos, os blasfemos; senão os que morrem pendurados de hum pão: *Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.* Como se fora mais abominavel a pena, que a culpa, & mais mofinos, & malditos os justicados, pela infamia do supplicio, que pela atrocidade dos crimes. E como esta infamia, & maldiçaõ corre pelas veas, & se diffunde, & estende aos parentes, qual haverà, que a queira herdar, ou ter parte nella? Esta he a razaõ, porque os vivos, destes mortos não podem ser adulados, nem lisongeados nelles, envergonhados, & afrontados,

si. Antes a mayor honra, & graça, que se pôde usar com os taes, he diffimularlhe o fangue, & encobrirlhe o parentesco. Por isso considerão alguns, que estando Christo na Cruz, nem à Mãy chamou Mãy, nem ao primo, primo, naquellas duas verbas do seu testamento, calando os nomes do parentesco, por lhe não publicar a afronta.

459 Mas quem mais altamente ponderou a verdade desta razaõ, foy o Profeta Isaias. Aquelle texto: *Gene-rationem ejus, quis enarrabit: 55.8.* a que se tem dado tantos sentidos literaes, se bem se atar (como deve) com a relação do que fica atrás; & vay adiante, quer dizer: Quem tomarà na boca sua geraçõ, ou quem se prezarà & jactará de ser da geraçõ de Christo? E porque? *Quia Ibid. abscisus est de terra viventium.* Porque foy tirado da terra dos viventes, porque foy morto violentamente. Pois por ser morto violentamente se haviaõ afrontar de sua geraçõ? Morto violentamente foy El Rey Josias, morto violentamente Abner, mor-

tos violentamente os famosos Machabeos Judas, & Eleazaro, & nem por isso se desprezava ninguem de ser de sua geração, antes se honravaõ muyto. Como diz logo Isaias, que se haviaõ de afrontar os homens de ser da geração de Christo, por ser morto violentamente. Não diz isto Isaias pela morte, nem pela violencia, senão pelo genero, & ignominia della, como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto he, porque havia de morrer violentamente em huma Cruz, que era o mesmo, que em huma forca: & parente, & da geração de hum enforcado, ninguem ha, que o queira ser. As palavras, em que o declarou o Profeta são aquellas: *Vidimus eum, & non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus*: Como aguada, & eruditamente notou aquelle grande Expositor, a quem Hespanha tem dado modernamente o titulo de Beda, o Veneravel Padre Gaspar Sanches. Assi como cá aos nossos enforcados lhe cobrem o rosto, quando os haõ de lançar da forca, assi

antigamente cobriam o rosto aos crucificados, não quando os pregavaõ na Cruz, senão quando os condenavaõ a ella. Quando ElRey Assuero mandou crucificar o seu valido Aman, diz o Texto, que logo lhe cobriraõ o rosto: *Necdum verbum de ore Regis exiera, & statim operuerunt faciem ejus*. E quando Cayfás, & os do seu Conselho condenaraõ a Christo, logo tambem lhe cobriraõ o rosto: *Condemnaverunt eum esse reum mortis, & ceperunt quidam conspuere eum, & velare faciem ejus*. E isto he o que declarou Isaias, profetizando o genero da morte de Christo, quando disse, que o viraõ com o rosto cuberto, & escondido: *Vidimus eum, & non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus*. E porque tinha já dito, que o genero da morte havia de ser tão ignominioso, & afrontoso, como era o da forca daquelle tempo; por isso acrescentou, que ninguem havia de querer ser da sua geração, & não por outra causa, senão pela morte, com que havia de ser tirado deste mundo; *Generationem*

*tionem ejus quis enarrabit ,  
quia abscessus est de terra vi-  
ventium.*

460 Assim o disse Isaias, & assi o mostrou a experiencia nos que eraõ do sangue , & geraçam do mesmo Christo, como notou Saõ Paulo:

1. Co-  
1. fixum ,  
23. *Prædicamus Christum cruci-  
fixum , Judæis quidem scanda-  
lum , gentibus autem stulti-  
tiam.*

Eu prêgo a Christo crucificado , assi aos Judeos , como aos Gentios , mas como lhe digo, que foy crucificado, os Judeos escandalizaõ-se , os Gentios zombaõ. Deixemos aos Gentios , vamos aos Judeos. Christo era da Tribu de Judá : *De Tribu Juda.* Era filho de David , & de Abraham : *Fili David , filii Abraham.* E estes mesmos pays , & avõs , saõ aquelles , de quem tanto se prezavaõ os Judeos :

*Nos semen Abraham sumus.* Sobre tudo, Christo era Filho de Deos , como elle provou aos mesmos Judeos com as palavras do Psalmo : *Di-*

Joann.  
8 33.  
& 39.  
  
Psal.  
109.  
1,

*xit Dominus Domino meo ,  
sede à dextris meis.* A que elles não tiveraõ que responder. Pois se por todos os lados lhe estava tambem aos

Judeos serem parentes de Christo , porque o não querem , porque se afrontaõ delle ? Em que reparaõ os seus brios , em que tropeça a sua honra , que isto quer dizer *scandalum* ? Todo o escandalo , em que tropeçavaõ , era a Cruz , todo o reparo , & toda a repugnancia era, haver sido Christo crucificado : *Christum crucifixum ; Judæis scandalum.* Deforte que posta de huma parte a honra da Divindade , & da outra a afronta da Cruz , afrontavaõ-se do parentesco de Deos , só por não ser parentes de hum crucificado. E como os vivos fogem , & abominaõ tanto o ser parentes dos que taõ afrontosamente morreraõ ; por isso a obra de misericordia , que se exercita com estes mortos , he livre de toda a consideração , & respeito dos vivos , & como tal sem controversia , misericordia , & verdade : *Misericordia , & veritas obviaverunt sibi.*

461 O mesmo David , que nos deu o fundamento de tudo o que temos dito , nos darà tambem a ultima clausula , & prova , pois não pôde

pòde haver melhor interprete do Texto, que o mesmo Author d'elle. Morreo El Rey Saul na fatal batalha dos Montes de Gelboè, & morrerão juntamente tres filhos seus, o Principe, & dous Infantes. Ao outro dia vierão os Filisteos a recolher os despojos, & recolhendo entre os mortos os corpos dos quatro Principes insolentes com a vitoria os enforcáraõ raramente; & os deixáraõ pendurados das ameyas nos muros da Cidade de Bethsan. Affi não valem Purpuras, nem Coroas contra os castigos, que vem sentenciados pelo Ceo; & não ha desgraça, nem miseria tão indigna, a que não estejaõ fogeitos os que nasceraõ homens; por mais que os tenha levantado a fortuna sobre toda a igualdade da Natureza. Desta maneira estiverão expostos aos olhos do mundo aquellas quatro grandes figuras desta grande tragedia, até que movidos a piedade os moradores de Jabes Galaad, ajudados do silencio da noite, os desceraõ daquelle infame lugar, & lhe deram

sepultura. O que agora faz ao nosso ponto, he, que agradecendo David aos de Jabes esta obra de misericordia, o fez com estas palavras: *Benedicti vos à Domino, quia fecistis misericordiam hanc cum Domino vestro Saul, & sepelivistis eum. Et nunc retribuet vobis quidem Dominus misericordiam, & veritatem.* <sup>2. Reg. 2.5.</sup> Muyto vos louvo, & agradeço (diz David) a obra de misericordia, que ufastes com Saul vosso antigo Senhor, com lhe dares sepultura, & tambem vos prometto, que Deos vos pagará esta misericordia, & verdade. No primeiro lugar, chamou a esta obra, misericordia, & no segundo, chamoulhe misericordia, & verdade. E porque? Porque enterrar os defuntos he absolutamente obra de misericordia; mas enterrar defuntos enforcados como estes eraõ, & sem outro respeito, nem dependencia de vivos (porque tambem estes se tinhaõ acabado com Saul) não fó he misericordia de qualquer modo, mas misericordia, & verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.* <sup>462.</sup>

*fericordiam , & veritatem.*  
 El Rey Saul, ainda que deixou alguns filhos, assi elle, como elles estavaõ já desherdados por Deos, & ungido para a Coroa David, como era publico em todo Israel: & que não havendo vivos, a quem respeitar nem adular, tivefsem aquelles mortos, & enforcados, quem tirados do lugar infame lhe dèsse honrada sepultura; não só foy acto de misericordia, mas de misericordia, & verdade; & de misericordia, & verdade canonizada pelo mesmo Espirito, & pelo mesmo Author do nosso Texto: *Retribuuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem: Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

463 E para que acabemos hum acto de misericordia tão desentereçada com o mayor interesse, que pôde esperar a misericordia, sayba toda esta santa Communiidade, que neste mesmo desentereffe seu, consiste o mayor interesse. Não o terãõ com os homens, porque estes mortos não tem vivos, mas telohaõ com aquelle Senhor, que sempre vive, & nenhuma

obras mais estima, & premia, que as que os vivos exercitaõ com os mortos. Deos sempre premia misericordia com misericordia, que he huma das mayores excellencias desta virtude: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur.* Mas assi como esta obra tem de mais ser misericordia, & verdade; assi a premia tambem Deos com misericordia, & verdade: *Ei nunc retribuuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.*

464 Muytas obras de misericordia premia Deos muytas vezes com misericordia, que não he misericordia, & verdade. A misericordia, que os Esmoleres exercitaõ com os pobres, muytas vezes a premia Deos com acrescentar a fazenda, que com elles se reparte: *Fæneratur Domino qui miseretur pauperi.* A misericordia, que os filhos exercitam com os pays, promettelhe Deos em premio a larga vida: *Ut sis longævus super terram.* A misericordia, que os Capitaens exercitaõ com os inimigos, tambem lhe remunera

*Psal.*  
7.5.

nêra Deos com victorias, & despojos: *Si reddidi retribu-entibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis manu.* Mas todas estas misericordias, com que Deos muitas vezes paga a misericordia, não são misericordia, & verdade; porque a fazenda, a vida, as victorias, & todas as felididades do Mundo, são tão falsas, & vãs como o mesmo mundo, com o qual todas acabaõ. Qual he logo a misericordia, & verdade, com que Deos paga nesta vida? A misericordia, & verdade de que falla David, quando diz: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam; & veritatem.* he só a graça de Deos. Por isso Christo se chama cheo de graça, & de verdade: *Plenum gratiae, & veritatis.* Porque nesta vida só a graça de Deos he verdade, & tudo o que não he graça de Deos, he vaidade, & mentira: Mentira, & vaidade as riquezas, mentira, & vaidade as honras, mentira, & vaidade as que tão falsamente se chamaõ delicias, em fim, tudo o que este mundo preza, ama, & busca, mentira, & vai-

*Joann.*  
1.14.

dade: *Ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium?* 4.3. Oh se bem acabassemos hoje de entender esta verdade, que grande misericordia de Deos feria? E como nesta vida só a graça de Deos he verdade, esta he tambem a verdade, & misericordia, com que Deos paga nesta vida a misericordia, que juntamente he verdade; isso quer dizer: *Et nunc, agora, & nesta vida retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.*

465. Mas porque Deos nos não fez só para vivermos neste mundo, que acaba, fenaõ tambem no outro, que ha de durar para sempre, fa- bey por ultima conclusãõ, que assi como Deos paga a misericordia, & verdade nesta vida, com a verdade desta vida, assi a ha de pagar tambem na outra vida, com a verdade da outra. E qual he a verdade da outra vida? He a gloria, que responde á graça. Neste mundo, que he a terra da mentira, a unica verdade he a graça: no outro mundo, que he a terra da verdade, toda a verdade he a gloria. E assi como Deos nesta vida paga

paga a misericordia, & verdade com a graça, que he a verdade desta vida, assi na outra vida a ha de pagar igualmente com a gloria, que he a verdade da outra. Assi o tem prometido o mesmo Deos, & não por outra boca; senão pela do mesmo David, que nos ensinou, & exhortou

a ajuntar a misericordia, & verdade: *Misericordiam, & veritatem diligit Deus, gratiam, & gloriam dabit Dominus.* Porque Deos ama a misericordia, & verdade, a todos os que ajuntarem a verdade com a misericordia, dará Deos nesta vida a Graça, & na outra a Gloria.





# S E R M A M

DA PRIMEIRA DOMINGA

## DO ADVENTO,

P R E G A D O

Na Capella Real, anno de 1652.

*Amen dico vobis, non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant. Luc. 21.*

§. I.

465.



Uitas cousas sabemos deste grande dia, todas grandes, & temerolas, & duas só ignoramos. Sabemos, que antes do dia do Juizo, o Sol, que sohia fazer o dia, se ha de escurecer, & esconder totalmente cõ o mais horrendo, & assombroso eclipse, que nunca viraõ os mortaes. Sabemos, que a Lua, não por interposição da ter-

ra, mas contra toda a ordem da natureza se ha de mostrar entre as trevas medonhamente desfigurada, & toda cuberta de sangue. Sabemos, que as Estrellas do Firmamento defencaxadas dos Orbes celestes, haõ de cahir: & como no mundo inferior não tem onde caber; là haõ de estalar a pedaços, com horrivel estrondo, & exhalar-se em vapores ardentes. Sabemos, que o mar ha de sahir furiosamente de si, & otroar os ouvidos

atto.

attonitos com pavorosos ronc-  
cos, & levantando ondas im-  
menſas até as nuvens, já nam  
ha de bater como dantes as  
prayas, mas forver inteiras as  
Ilhas, & afogar os montes.  
Sabemos, que depois deſtes  
triftiſſimos ſinaes ( a que o  
Euangelho chama principios  
das dores ) entre trovoens,  
relampagos, & rayos ha de  
chover hum Diluvio de fo-  
go, com que ſe ha de acender  
o ar, ſecar o mar, & abrazar a  
terra: & que neſta univerſal  
confuzaõ de fumo, & labared-  
das, ha de arder, & conſumir-  
ſe em todos os tres elemen-  
tos, tudo o que até entã reſ-  
pirava, & vivia nelles. Sabe-  
mos, que aſſi haõ de acabar  
todos os homens, & que aſſi  
ha de acabar com elles tudo  
o que a ſua ambiçaõ, & vai-  
dade fabricou, em tantas vi-  
das, & ſeculos, & que eſte ha  
de ſer, em fim, o fim do noſſo  
mundo, laſtimoso, mas não  
laſtimavel, porque já não ha-  
466. verá, quem ſe laſtime delle.  
Neſte vaſtiſſimo deſerto, &  
neſte profundiſſimo ſilencio  
de tudo o que foy; ſabemos,  
que ſe ouvirá em hum, & ou-  
tro emiſerio o ſom de huma

trombeta, a cuja voz proten-  
toſa ſe levantarãõ daquelle  
ſepulchro univerſal todos os  
mortos, vivos: mas não ſahi-  
rãõ na meſma, ſenaõ em mui-  
to diverſas figuras, porque  
cada hum trará no ſemblante  
o retrato de ſua propria for-  
tuna. Tornado a povoar aſſi  
o mundo, com todos os que  
hoje ſaõ, com todos os que  
forãõ, & com todos os que  
haõ de ſer; ſabemos, que de  
repente ſe ha de abrir no Ceo  
huma grande porta, & que a  
primeira couſa, que todos  
verãõ ſahir por ella, cercada  
de reſplandores baſtantes a  
eſcurecer o Sol ( ſe ainda ou-  
vera Sol ) ſerá a meſma ſagra-  
da Cruz, em que o Redem-  
ptor do mundo padeceo, re-  
ſervada ſó ella do incendio,  
& reunida de todas as partes  
da Chriſtandade, onde eſte-  
ve dividida, & adorada. Sa-  
bemos, que a eſta ceſtial  
bandeira, ſeguirãõ repartidos  
em nove numeroſiſſimos ex-  
ercitos, todas as Hyerarchias  
dos Anjos; & que finalada-  
mente ſe divizarãõ entre el-  
les os que tiverãõ por officio,  
guardar os homens, huns com  
roſto alegre, outros ſevèro, ſe-

gundo o felice, ou infelice estado daquelles, a quẽ guardaraõ. Sabemos, que por fim deste infinito, & pomposissimo acompanhamento, apparecerã em trono magestoso de luzidissimas nuvens o supremo, & universal Juiz, Christo Jesu, a cuja vista se abaterã prostrados com profundissimo acatamento toda a multidaõ immensa do genero humano resuscitado, adorando agora com bem diferentes affectos, huns a Magestade, que crearaõ, & serviraõ, outros a que não quizerã crer, outros a que não quizerã servir. Parado em proporcionada distancia o tremendo consistorio, & assentados de hum, & outro lado como Assessores os doze Apostolos, sabemos, que fahiraõ delle como Ministros inferiores de justiça muytos Anjos, em fôrma visível, os quies entrando por aquella immensidade de homens (já despidos, & defenganados todos dos falsos respeito, que se lhe guardavaõ na vida) sem confuzã, nem resistencia os apartarã huns dos outros, & os bons, & ditosos

serãõ colocados à mão direita, & os maos, & malaventurados postos à esquerda. De huma parte estarã a esperança alentando, & da outra o receo tremendo, & no meyo desta suspensã, & terror (de que atẽ os meismos Anjos se não darã por seguros) sabemos, que em hum momento se abrirã os processos, & ficarãõ manifestas, & patentes as vidas de todos, sem haver obra, palavra, omisã, nem pensamento, por mais secreto, e occulto, que alli não seja publico; vendo todos as consciencias de todos, todos a de cada hum, & cada hum a sua. Sabemos, que convencidos desta evidencia, ninguem haverã, que replique, ninguem, que embarque, ninguem, que appelle, nem para a Mãe de misericordia, nem para a Misericordia do Filho, & suas Chagas; porque havendose dado à mesma misericordia tantos annos, aquelle dia tantas vezes prẽgado, e não temido, serã todo da Justiça. Sabemos finalmente, que pronunciada a sentença por aquella mesma sacratissima boca, que tantas

tantas vezes nos exhortou à penitencia dos peccados, que tanto tempo nos esperou pela emenda, & nos esteve rogando com o perdao: Sabemos, digo, que os da mão direita com o mesmo, & maior apparatus (porque já as Almas bemaventuradas hirão revestidas de seus corpos gloriosos) marcharão em triumpho para o Ceo, dandose mil parabens, & vivas: & os miseraveis condenados, lançando sobre si infinitas maldiçoens, & vendo sem remedio o que por sua culpa perderão, abrindose de repente a terra, cahirão precipitados no Inferno: E tornandose outra vez a cerrar, ficarão sepultados, & ardendo nelle, para em quanto Deos for Deos.

468. Estas são as grandes cousas, que sabemos se haõ de ver naquelle grande, & temeroso dia, todas certas, & infalliveis, porque todas sem affectação, nem hyperbole, são tiradas das Sagradas Escrituras no sentido natural, proprio, & literal dellas. Mas entre estas cousas tam se

ha outras duas, como dizia no principio, as quaes só ignoramos, & não sabemos. E que duas cousas ignoradas são estas? São tambem grandes? São tambem temerosas? São tambem importantes, & de q dependa a felicidade, ou infelicidade eterna: a salvação, ou condenação dos que vivemos? Agora o vereis. A primeira cousa, que ignoramos, he quando ha de ser o dia do Juizo: a segunda, quaes de nós são os q se haõ de ver à mão direita, & quaes à esquerda. Estas duas cousas são ignoradas, quero que leveis hoje sabidas: E ellas serão os dous pontos do meu discurso. No primeiro vos direy de certo, quando ha de ser o dia do Juizo: no segundo tambem de certo, quaes se haõ de ver à mão direita, & quaes à esquerda naquelle dia. A materia he tão grande, & tão importante, que por si mesma se recomenda, & nam he necessario pedir attenção: Graça si a Deos, & muyta graça, para que nossas Almas se ~~div. u. de~~ arranjar destes ~~se. de~~ de luz, & tirem quaes hum ultimo dezengano,

no, de que tanto necessita a  
nossa cegueira.

## §. II.

*Amen dico vobis, non præter-  
ibit generatio hæc, donec  
omnia fiant.*

469 **A** Questão do dia  
do Juizo, & fim  
do mundo, pôde se excitar de  
dous modos, & em dous sen-  
tidos: ou mais largamente  
quanto aos annos, ou mais  
estreita, & determinadamen-  
te quanto ao dia. Quanto aos  
annos, ha varias, & muy di-  
versas opinioens. Algunstem  
para si, que se ha de acabar o  
mundo no anno da conjun-  
ção mayor, ou perfeitamente  
maxima, isto he, quando os  
Orbes celestes depois de aca-  
barem inteiramente seu cur-  
so, tornarem outra vez a ficar  
no mesmo posto, composi-  
ção, & assento, em que forão  
criados. O fundamento he;  
porque nam parece conveni-  
ente, nem confôrme á pro-  
videncia do Author da Na-  
tureza, que fabricasse esta  
grande machina com tantos,  
tão diversos, & tão concerta-

dos movimentos, para ficar  
parada no meyo da carreyra,  
& não dar, se quer, huma vol-  
ta, ou passeio inteiro, em que  
se visse, & lograsse a conso-  
nancia; & simetria de sua ad-  
miravel architectura; sendo  
certo, que toda foy criada  
para louvor, & gloria de su-  
premo Artifice. E segundo  
esta sentença, & seus Autho-  
res, ainda restaõ de vida, ou  
duração ao mundo, mais de  
nove mil annos.

470 A segunda opiniaõ  
prova, ou quer provar, que o  
curso do mundo desde o dia  
de sua criação, até o do Juizo,  
ha de ser de oyto mil annos  
completos. Fundase naquel-  
le lugar do Profeta Habacuc,  
em que diz, que Deos se ha-  
via de manifestar aos homens  
no meyo dos annos: *In me- Habac  
dio annorum notum facies.* E 3 2.  
constando segundo a mais  
verdadeira, & exacta Chro-  
nologia, que o mysterio da  
Encarnação do Verbo, em  
que Deos se manifestou aos  
homens, foy quatro mil an-  
nos depois da criação; se-  
guesse, que do anno do nasci-  
mento de Christo a outros  
quatro mil, ha de ser o fim do  
mundo,

mundo. E segundo esta opiniaõ, ainda o mundo ha de durar dous mil & trezentos & cincoenta annos, tempo, em que serà já taõ outro, que de tudo quanto hoje ha nelle, apenas se conserve algum vestigio, gastados, como vemos, em menor antiguidade os marmores, & consumidos os bronzes.

471. A terceira, & communissima sentença he, que assi como o mundo foy criado em seis dias, ha de durar sómente seis mil annos, conforme aquella regra, de que mil annos para com Deos, são hum dia: *Mille anni ante* Psal. 89.4. *oculos tuos tanquam dies.* E assi como ao sexto dia da criaçaõ se seguiu o septimo, em que diz a Escritura, que descansou Deos de tudo o que tinha obrado, & depois deste dia não se conta outro; assi ao sexto millenario da duraçaõ do mundo, se ha de seguir o septimo, sem fim, no descanso da eternidade. Este modo de dizer se tem communmente por tradiçaõ antiquissima, continuada desde principio do mesmo mundo. E verdadeyramente

assi o demonstra a conspiraçãõ, com que vemos concordes no mesmo parecer os mais doutos homens, dos Gentios, dos Hebreos, dos Gregos, dos Latinos. Dos Gentios, Hydaspes, Mercurio, Trimegisto, & as Sibyllas, dos Hebreos, Rabbi Isaac, Rabbi Elias, & Rabbi Moysès Gerundense: dos Gregos, S. Hypolito, S. Justino, S. Erinèõ, S. Cyrillo, S. Chrysofostomo, dos Latinos, Tertulliano, Lactancio, S. Hieronymo, S. Agostinho, S. Hylario. Acrescentase ao pezo de tanta authoridade ser conforme este numero à distribuiçãõ natural da Providencia Divina; pois sabemos, que a Ley da Natureza durou dous mil annos, a Escrita outros dous mil, & parece, que segundo a proporçãõ, & correspondencia das mesmas Leys, deve durar a da Graça, outro tanto tempo. Por estes & outros fundamentos, & muytos, & graves Authores modernos, como Bellarmino, Genebrardo, Fevardencio, Pico Mirandulano, Bongio, Cornelio, & outros tem esta sentença por muy pro-

vavel: & como tal a seguem. Na supposiçãõ della, & de que o mundo não ha de durar mais que seis mil annos: desde o anno presente, em que estamos, até o ultimo, não lhe restaõ de duraçãõ, mais que trezentos & cincoenta. E daqui pòdem inferir os que hoje edificaõ taõ magnificamente em todas as Cortes, Roma, Pariz, & na nossa Lisboa, que tudo isto, que fazem, & em que tanto se cançãõ, he em hir ajuntando lenha para o fogo do dia do Juizo.

*Card. Cuzano tract. de divinat. mundi.* 472 O Cardeal Cuzano, grande Filosofo, & Theologo, em hum Tratado particular, que compoz desta materia, ainda estreita muyto mais este prazo. Toma por fundamento aquella profecia de S. Paulo, em que diz, que a Igreja ha de crescer, segundo a medida da idade de Christo:

*Ephes. 4.13.*

*In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* E dando a cada anno da vida de Christo hum anno da remissaõ, ou redempçaõ ( que na Ley Velha se chamava Anno Jubileo, & vinha de cincoenta em cincoenta annos ) vem a con-

cluir por boa Aritmetica, que o fim do mundo ha de ser no anno de mil & setecentos: daqui a quarenta & nove. Segundo esta conta muytos dos que hoje são vovos, se pòdem achar presentes a toda a tragedia do dia do Juizo, & ver os horrendos finaes, que o haõ de preceder. Oh se houvesse alguns, que se persuadissem a isto! Que pouco cuidado lhe dariam outros futuros, que taõ pouco importaõ; & que pouco se cançariaõ a si, & aos Principes, em requerer Comendas, & rendas para muytas vidas.

473 Mas passando do anno ao dia, ainda o dezengano he mais breve, & mais certo, & mais para persuadir o desprezo de tudo. Christo Senhor nosso, disse a seus Discipulos, que o segredo daquelle dia he reservado só ao Padre, & que nem os Anjos no Ceo o sabem, nem elle o sabia em foro, que o pudeffe revelar: *De die autem illo, & hora nemo scit, neque Angeli in Cælo, neque Filius, nisi Pater.* Com tudo eu me não arrependo, nem me desdigo

do que prometti. Prometti de vos dizer com certeza , quando ha de ser o dia do juizo. E quando cuidais , que ha de ser ? Não vos quero ter suspensos. He hoje, foy hontem , ha de ser à manhãa , & não amanhece , nem anoitece dia, que não seja certamente o dia do Juizo. Que cousa he o dia do Juizo ? He hum dia, em que se ha de acabar o mundo ; he hum dia , em que Christo nos ha de vir julgar : he hum dia , em que havemos de dar conta de toda nossa vida : & em que os bons hão de hir para o Ceo , & os maos para o Inferno. Não he esta a essencia , & sustancia do dia do Juizo ? Si. Pois isto he o que se faz hoje , o que se fez hontem , o que se ha de fazer à manhãa , & todos os dias. Acabate o mundo todos os dias ; porque para quem morre , acabouse o mundo. Vem Christo a julgar todos os dias ; porque no ponto , em que cada hum espira , logo o vem julgar , & julga , não outrem , senão o mesmo Christo. Tomate conta , & estreitissima conta de toda a vida , todos os dias ; porque no dia

da morte , & no mesmo instante della se toma , & dà esta conta. Finalmente vão os bons para o Ceo , & os maos para o Inferno, todos os dias, porq̃ todos os dias , os q̃ morrem, ou são absoltos , & vão para o Ceo , ou condenados , & vão para o Inferno. Vamos agora ao Euangelho , & vejamos como este mesmo Juizo, e na mesma fórma, em que o tenho declarado , he o que hoje nos prêga Christo.

## §. III.

474. Tinha Christo Senhor nosso prêgado o mesmo Euangelho , que ouvistes, tinha anunciado a seus Discipulos os sinaes tremendos , que hão de preceder ao Juizo , & o poder , & Magestade , com que o mesmo Senhor ha de vir em Pessoa a julgar o mundo , & conclue com as palavras , que tomey por Thema: *Amen dico vobis , quia non præteribit generatio hæc , donec omnia fiant.* De verdade vos prometto , & afirmo , que não ha de passar a presente geração , sem que tudo, o que vos tenho dito, se

cumpra. Este he hum dos difficultosos lugares de toda a Historia Euangelica? Huma geração em frazi da Escritura, quer dizer huma idade, ou hum seculo; porque o mais que chega a durar a vida humana, são cem annos. Neste sentido diz o Ecclesiastico pelas mesmas palavras do nosso Texto: *Generatio præterit, generatio advenit: &* David em muytos lugares: *A generatione in generatione.* E o mesmo Deos com mayor distincão, & declaração, revelando o tempo do cativeiro do Egypto: *Affligent eos quadringentis annis, generatione autem quarta revertentur hic.* Donde consta com evidencia, que huma geração he hum seculo, ou cem annos, pois quatrocentos annos, são quatro gerações. Isto supposto vem a dizer Christo por conclusão do que acabava de ensinar, & revelar acerca do dia do Juizo, que tudo se havia de cumprir naquelle mesmo seculo, & dentro daquelles cem annos. Aqui está a difficultade. Daquelle tempo para cá, tem passado mais de mil & seis-

centos annos. & já temos contado dezaseis seculos, & citamos no seculo dezasete, & o dia do Juizo ainda não chegou. Atên desta demonstração, segundo as opiniões, que assim referimos, o mundo provavelmente ainda ha de durar, ou muytos, ou alguns seculos, antes do dia do Juizo; pois como diz o Senhor, & com tão particular asseveração, que tudo se havia de cumprir dentro do mesmo seculo, que então corria, & que se não havia de acabar aquelle seculo, sem que viesse o dia do Juizo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant?* Assim disse, & affirmou a Verdade eterna, & assim se cumprio naquelle seculo, & cumprirá nos seguintes: porque nenhum homem ouve naquelle seculo, que dentro do mesmo seculo não tivesse o seu dia do Juizo. Como as vidas, & idades, geralmente não passam de cem annos; nenhum homem ha, que não acabe a vida dentro do mesmo seculo, a que pertence, & nenhum ha, que não seja julgado no Tribunal de Christo, & tenha

*Ecclesi.*  
2. 4.

*Genes.*  
11.5

na o seu dia do Juizo no mesmo seculo. Os que morrem hoje, tem o seu dia do Juizo hoje; os que morrerão hontem, tiverão o seu dia do Juizo hontem: os que morrerem à manhã, & daqui a vinte annos, à manhã, & daqui a vinte annos, terão o seu dia do Juizo; mas sempre dentro do mesmo seculo, & da mesma idade, ou geração *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

476 Bem sey, que os Doutos terão esta exposiçãõ por nova, & bem sabem elles tambem, quam duras, & difficulcolas sãõ as que atègora se tem dado. Eu o tenho por adequadõ, genuina, & literal; mas não por minha, senam do mesmo Christo. Porque, como conta do Euangelista

*Matt*  
24.44

*Matt.*  
24.33

S. Matheus, neste mesmo discurso applicou o Senhor ao dia da morte tudo o que tinha dito do Juizo, exhortando aos mesmos, com quem fallava, que se aparelhassem para ella. Aquelles, com quem o Divino Mestre fallava, quando disse: *Amen dico vobis;* eraõ os Apostolos, os quaes todos haviaõ de morrer, &

morreraõ naquelle seculo; & por isso muito accomodadamente a elles, lhes disse o Senhor, que dentro do mesmo seculo se havia de cumprir tudo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

477 Não faltará porẽm quem replique, & parece, que com bom fundamento. Christo Senhor nosso tinha dito, que antes do Juizo havia de haver sinaes no Sol, na Lua, & nas Estrellas: *Erunt signa in Sole, & Luna, & Stellis.* Tinha dito, que havia de vir a julgar em Trono de Magestade, & que assi o haviaõ de ver: *Tunc videbunt Filium hominis venientem cum potestate magna, & maiestate.* E naquelle seculo, nem nos seguintes, não se vio coufa alguma disto: logo não se verifica, que naquelle seculo se havia de cumprir tudo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant?* Aqui vereis, qual he o tudo do dia do Juizo, & que he o que Christo chama tudo. O tudo do dia do Juizo, he a conta da vida, que o mesmo Christo ha de tomar: he a sentença, que ha de dar, se-

segundo os merecimentos della: he o Ceo, ou Inferno para sempre, a q̄ cada hũ ha de ser julgado: o demais são accidentes, & apparatus do Juizo Universal, & não a sustancia do mesmo Juizo, a qual se não distingue dos juizos particulares. Desta sustancia, & deste tudo do Juizo Universal, he, que fallou o Senhor na sua conclusãõ: & porque esta sustancia, & este tudo se não distingue dos juizos particulares, que se fazem na morte; por isso disse, que tudo se havia de cumprir dentro daquelle seculo, como verdadeiramente se cumprio. E se quizermos reparar na propriedade das palavras: *Donec omnia fiant*: ainda acharemos nellas mais particular energia. Porque no dia do Juizo final, não se ha de fazer cousa alguma de novo, senão declarar-se sõmente o que já está feito. Os juizos particulares, que se fizeraõ na morte, elles mesmos são os que se hão de publicar no Juizo Universal: & o juizo não se faz, quando se publica a sentença, senão quando se dà: logo no dia da morte he, que

propriamente se faz o juizo, & tudo isto, que faz agora, & não depois, he o que o Senhor disse, que se havia de fazer dentro daquelle seculo: *Non præteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

478 Para tirar toda a duvida, ouçamos ao mesmo Christo em cazo muito mais apertado, & que a podia fazer mayor. No Capitulo quinto de S. João, falla o Senhor do dia do Juizo final, com mayores, & mais intrinsecas circumstancias; porque faz menção da resurreiçam universal dos mortos, & da sentença tambem universal dos bons, & dos maos, segundo o merecimento de suas obras: *Omnes qui in monumentis sunt, audient vocem Filii Dei: & procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem vitæ: Qui verò mala egerunt, in resurrectionem iudicii.* E declarando o mesmo Senhor, quando ha de ser este tempo, diz, que ha de vir, & que agora he: *Venit hora, & nunc est.* Pòde haver proposiçãõ mais encontrada? Ha de vir o dia do Juizo, & já agora he? Se o dia do Juizo estava

7oann.  
5.25.

7oann.  
5.29.  
& 30.

estava tão longe : se ha mil & seiscentos annos , que ainda não veyo , & se ainda não sabemos , quando ha de ser aquelle dia , ou aquella hora ; como diz o Oraculo de Christo ; que já he : *Venit hora, &*

*Hiero-nunc est?* Ad miravel , & literalmente S. Hieronymo : & Joel.

cap 2. se eu lhe pedira o comento ; não opudera escrever com mais ajustadas palavras : *Quia quod in die judicii futurum est*

479. *omnibus, singulis in die mortis completur.* Diz o Senhor, que

o dia do Juizo ha de vir , & que já he ; porque ainda que o dia do Juizo ha de ser depois , & muyto depois ; o dia da morte he já agora : & o que se ha de cumprir em todos no dia do Juizo , cumpre-se em cada hum no dia da morte : *Singulis in die mortis completur.* Notay o *completur.*

As outras profecias cū premisse a seu tempo , esta do dia do Juizo tem o seu cumprimento antes de tempo ; porque aquillo mesmo , que se faz agora , he o que se diz , que ha de ser entaõ. Entaõ haõse de examinar as obras , entaõ haõse de pronunciar a sentença , entaõ haõ de sahir huns ab-

solto, & outros condenados : & tudo isto , que entaõ se ha de fazer no dia do Juizo , he o que se faz , ou está já feito agora no dia da morte. Por isso diz o Senhor , que aquelle dia está por vir , & já he : *Venit hora, & nunc est. Nunc,* agora. Estes dous adverbios de tempo , entaõ , & agora , sempre saõ oppostos : mas no dia do Juizo comparado com o da morte , ainda que a morte seja dous mil annos antes que o Juizo , não tem opposição. O agora he entaõ , & o entaõ he agora. No nosso Evangelho diz o mesmo Senhor : *Tunc videbunt :* entaõ veráõ : E aquelle entaõ he agora : aquelle *tunc* he *nunc :* *Tunc videbunt, & nunc est.*

480 E não obsta , que no dia do Juizo Universal haja de haver outras circunstancias muyto notaveis , que não ha no Juizo particular do dia da morte. Por isso havendo referido Christo neste mesmo Texto , essas mesmas circunstancias , affirma com tudo absolutamente , que já agora he , o que ha de ser entaõ , porque falla o Senhor ( como eu dizia ) da substancia do Juizo ,

zo, que no final, & no particular he a mesma, & nam dos accidentes, apparatus, & circumstancias, em que o final será muito diverso. Mas acrescentemos à authoridade de S. Hieronymo a de S. Agostinho, que na interpretação das Escrituras, são as duas mayores. Movido destas mesmas circumstancias Ephychio Bispo de Jerusalem, & da difficuldade de outros Textos do Evangelho, em que parece se encontraõ, ou equivocação as cousas do Juizo futuro, com as do tempo presente, & não se satisfazendo da solução, que elle lhes dava, consultou a S. Agostinho. E que responderia aquelle grande Doutor, & Oraculo da Igreja? A verdade entre todos os que a alcanção, he a mesma. Respondeo S. Agostinho o mesmo, que tinha dito S. Hieronymo, mas com palavras, & termos muyto proprios de Agostinho. Allega aquelle Texto de Christo, por S. Marcos: *Quod autem vobis dico, omnibus dico*: E pergunta, porque diz, & prèga Christo a todos, o que só pertence aos que forem vi-

vos no dia do Juizo? *Cur itaque omnibus dico, quod ad eos solos pertineat; qui tunc erunt?* E responde com estas divinas palavras: *Tunc enim unicuique veniet dies ille, cum venerit ei dies, ut talis hinc exeat, qualis judicandus est illo die.* Aviza ( diz Agostinho ) & acatella Christo a todos para o dia do Juizo; porque a todos ha de vir o dia do Juizo, quando a cada hum vier aquelle dia, no qual sahirà deste mundo tal, qual ha de ser julgado no ultimo dia. No ultimo dia, que he o do Juizo, cada hum ha de ser julgado tal, qual for julgado no dia da morte; logo no dia da morte vem a cada hum o dia do Juizo. Ainda se explica no mesmo lugar o mesmo S. Agostinho, por outros termos mais claros, & iguالمême seus: *In quo quemque statu invenerit suus novissimus dies, in hoc eum comprehendet mundi novissimus dies: Quoniam qualis in die isto quisque moritur, talis in die illo judicabitur.* Affirma Christo, diz outra vez Agostinho, que o que ha de ser no dia do Juizo, tambem ha de ser agora, &

Ephy-  
chius  
epist.

79.  
Aug.  
epist.

78. &  
80.

já agora he; porque haveis de advertir, que o novissimo do Juizo se divide em dous novissimos, o novissimo do mundo, que he o ultimo dia do mundo, & o novissimo da vida, que he o ultimo dia da vida: E qual for este primeiro novissimo, tal ha de ser o segundo: logo já he o que ha de ser; porque não ha de ser outra couza, senão o que he. Se o Juizo do ultimo dia do mundo ouvera de ser diverso do Juizo do ultimo dia da vida, então eraõ propriamente dous Juizos; hum futuro, outro presente; mas como são verdadeiramente hum só juizo dividido, ou multiplicado em dous dias, feito em hum, & repetido no outro; mais propriamente he já agora no dia, em que se faz, do que ha de ser depois no dia, em que se repete. Por isso diz a summa verdade, que ha de vir, & que já he: *Venit hora. & nunc est.*

481 De maneira, Senhores, que o conceito, que ordinariamente fazemos do dia do Juizo, he muyto enganado, & muyto errado. Consideramos o dia do Juizo, co-

mo huma couza medonha, & espantosa; mas que está lá muyto longe, como as Serpes nas areyas da Libia, ou os Corcodilos no Nilo, & por isso nos não faz medo. Nam he assi: o dia do Juizo nam está longe: está taõ perto como o dia de à manhãa, & como o dia de hoje, & como esta mesma hora, em que estamos: *Venit hora, & nunc est.* O valle de Josaphat nam está só em Jerusalem, nem entre o Monte Sion, & o Olivete; está em Lisboa, está neste mesmo lugar, & em todos os do mundo. Se vos tomar a morte no mar, ou na campanha, ou na vossa cama; o mar, a campanha, a vossa cama he o Valle de Josaphat: & esse dia, qualquer que for, he o vosso dia do Juizo, ou mais cedo, ou mais tarde, mas dentro deste mesmo seculo, em que nascemos: *Non preteribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

## §. IV.

482 Temos visto quando ha de ser certamente o dia do Juizo, & como he hoje, à

manhã, & todos os dias ; porque o juizo, que se faz no dia da morte, he o mesmo, & não outro que o Juizo final. Agora descendo às circunstancias de hum, & outro Juizo: se acaso vos parece, que as do Juizo final são mais espantosas, & horriveis, digo, que tambem neste concito vos enganais. Muyto mais rigorosas, muyto mais terriveis, & muyto mais para temer são as circunstancias do dia do Juizo de agora, do que haõ de ser as do que vulgarmente se chama dia do juizo.

483 Primeiramente o que faz grande horror na consideração do Juizo final, he, que naquella dia se ha de acabar este mundo, a que estamos taõ pegados. E nam euidamos, nem advertimos, que tambem no dia da morte se acaba o mundo. Que importa, que o mundo se acabe para mim, ou para todos? Que importa, que o mundo se acabe para mim, ou eu para elle? S. Paulo descrevendo este mundo, para nos desfaçoar de suas vaidades, diz, que he como hum thea-

tro, em que as figuras cada hũn entra a representar o seu papel, & passa : *Præterit enim figura hujus mundi.* Não diz o Apollolo, que passa o mundo, senão as figuras : porque as figuras vão se, & o theatro fica. Allude à sentença do Espirito Santo : *Generatio præterit, generatio advenit, terra autem in æternum stat.* Huns nascem, outros morrem : huns vem a este mundo, outros saem d'elle, & o mundo como theatro destas representações, sempre está no mesmo lugar, & não se move. Com tudo São João na sua primeira Epistola diz, que não só nós, os amadores do mundo, somos os que passamos, senão que tambem o mesmo mundo passa : *Et mundus transit, & concupiscentia ejus.* Pois se o mundo sempre está, & permanece firme, & ainda que nós passamos, elle não se move, como diz S. João, que tambem o mundo passa : *Et mundus transit?* Por ventura encontra se a doutrina dos dous Salamoens da Igreja, Paulo, & João? Não. Ambos por differentes termos dizem a mesma verdade

dade. Como nós, os que vivemos neste mundo, passamos, & não permanecemos, ainda que o mundo permaneça, também elle passa: *Et mundus transit*. Não passa o mundo para si, mas passa para nós. Tanto que nós passamos desta vida, também elle passou: tanto que nós acabamos, também elle acaba. Para os que cá ficaõ, dura, & permanece, para nós acabou juntamente conosco. E senão perguntay aos que morreão, se ha para elles mundo, ou alguma cousa do mundo? Se navegavaõ, acabouse para elles o mar: se lavravaõ, acabouse a terra: se negoceavaõ, acabaraõse os tratos: se militavaõ, acabaraõse as guerras: se estudavaõ, acabaraõse os livros: se governavaõ o secular, ou Ecclesiastico, acabaraõse as Varas, os Tribunaes, as Corôas, as Mitras, as Purpuras, as Teáras, tudo se acabou naquelle momento. Nem para os Reys, nem para os Papas, que foraõ senhores do mundo, ha já mundo; porque como elles acabaraõ, & passaraõ, também o mundo passou, & acabou para elles.

484 Copernico insigne Mathematico do proximo seculo, inventou hum novo sistema do mundo, em que demonstrou, ou quiz demonstrar (posto que erradamente) que não era o Sol o que se movia, & rodeava o mundo, senão que esta mesma terra, em que vivemos, sem nós o sentirmos, he a que se move, & anda sempre à roda. De sorte, que quando a terra dá meya volta, então descobre o Sol, & dizemos, que nasce, & quando acaba de dar a outra meya volta, então lhe desaparece o Sol, & dizemos, que se poem. E a maravilha deste novo invento, he, que na supposiçãõ delle corre todo o governo do universo, & as proporçoens dos astros, & medidas dos tempos com a mesma pontualidade, & certeza, com que atégora se tinhaõ observado, & estabelecido na supposiçãõ contraria. O mesmo passa sem erro, & com verdade nesta passagem nossa, & do mundo. Escolhey das duas opinioens qual quizeres. Ou seja o Sol, o que se move, ou nós os que nos mo-

vemos ; ou o Sol se ponha para nós, ou nós para elle ; os effeitos são os mesmos. Ou no dia do Juizo o Occazo seja do mundo, ou no dia da morte seja meu ; ou o mundo então acabe para todos, ou eu agora acabe para o mundo ; tudo vem a ser o mesmo, porque tudo acaba. Assim como o mundo hoje ainda não he para os que hão de nascer, porque elles ainda não são ; assim o mesmo mundo já não he para nós, quando morremos, porque já não somos.

485. Daqui se segue com evidencia, que tambem hoje, á manhã, & cada dia he o fim do mundo. Agora vede com a mesma evidencia, quanto mais para temer, & quanto mais para desconfortar he este primeiro fim do mundo, no dia da morte, do que ha de ser o ultimo no dia do Juizo. Seneca disse, que he grande consolação acabar juntamente com o mundo :

*Senec.*

*Solatum est grande cum universo una rapi.* Disse mais Seneca do que entendo, porque não teve conhecimento do dia do Juizo. Mas em

que consiste esta consolação. Consiste em que no dia do Juizo, se o mundo acaba para mim, acaba tambem para todos. No mal, que he de todos, perde-se a comparação ; & onde não ha comparação, não ha miseria : *Nemo miser, nisi comparatus.* Na morte daçora não he assim. Acabasse o mundo para mim, mas para os outros não acaba. Aquelles morrem, quando já ninguem pôde viver : eu morro, & deixo os outros vivendo. Isto he padecer a morte propria, & mais a vida alhea. No dia do Juizo não ha de haver esta dor, porque ninguem se poderá queixar de se lhe acabar o mundo, & a vida, quando igualmente se ha de acabar para todos, ainda para os que nascerem no mesmo dia. Então, diz S. João no Apocalypse, que se ha de ouvir a voz de hũ Anjo, o qual diga, & apregoe, que se acabou o tempo para sempre : *Quia tempus non erit amplius.* O tempo não he outra coisa, senão a duração do mundo. Assim como o tempo começou com o mundo, assim ha de acabar com elle. E

acabar hum homem, o seu mundo, quando se acaba o mundo: acabar os seus dias, quando se acaba o tempo; como pôde ser materia de sentimento, quando era o mais a que podia aspirar o dezejo? E isto he o que succederà aos que acabarem a vida no dia do Juizo. Mas que se acabe o mundo, & o tempo, & os dias para mim, quando ha mundo, & tempo, & annos para os outros? Esta he hũa grande differença de dor, com que agora acaba o mundo para nós, ou nós para elle. Vamos a outra.

486 Huma das grandes penas com que Deos ameaçava pelo Profeta Amos os ricos, & poderosos daquelle tempo (como podera tambem ameaçar os do nosso) era que edificavao Palacios magnificos, & cazas de prazer para delicia; mas que não as haviaõ de lograr: *Domos quadrólapide edificabitis, & non habitabitis in eis: vineas plantabitis amantissimas, & non bibetis vinum earum.* Esta razão de magoa corre igualmente em hum, & outro

Amos  
g. 11.

fin do mundo. Assim os que morrerem entãõ, como os que morrem agora, nenhuma cousa haõ de lograr do que com tanto gosto, & gasto, & com tanto esquecimento do fim da vida trabalhaõ, ajuntãõ, & edificaõ para ella. Mas esta mesma magoa ha de ser muyto menor para os do dia do Juizo. Aquelle Rico do Evangelho, que fazia conta de viver muytos annos, & morreo na mesma noyte, perguntoulhe a voz do Ceo: *Et quæ parasti, cujus erunt?* <sup>Luc. 12.20</sup> E tudo isto, que ajuntaste, de quem ha de ser? Os que acabarem com o mundo no dia do Juizo, estaõ livres desta pena; porque não haõ de ter a dor, de que outros logrem o que elles trabalharaõ: *Non Isai. edificabunt, & alius habitabit: non plantabunt, & alius metet:* diz o Profeta Isaias, & o conta por hũa grande felicidade. Mas esta não a podem ter os que morrem em quanto dura o mundo, & tanto menos, quanto mais tiverem delle. Perguntay a essas cazas, a essas quintas, a essas herdades prezadas; perguntay a essas falas, & glarias douradas,

das, a effes jardins, a effas esta-  
tuas, a effas fontes, a effas ale-  
medas, & bosques artificiaes,  
cujos frutos são sómente a  
sombra: perguntaylhe de quẽ  
foraõ, & de quem são, & de  
quem haõ de ser? Isto he o  
que succede aos que acabaõ  
o seu mundo, antes que o  
mundo se acabe. Sabem o que  
deixaõ, mas não sabem para  
quem: *Et ignorat cui congre-*  
*gabunt ea.* Ou para o prodigo,  
que o ha de dissipar, ou para  
o estranho, que o não ha de  
agradecer, ou para o podero-  
so, que com violencia o ha de  
occupar, ou para o inimigo,  
que com o vosso ha de triun-  
far, & crescer, ou para hum  
pleito eterno, em que tudo se  
ha de consumir. Quanto mais  
estimariaõ os que assi acabaõ,  
que se sepultasse, com elles  
tudo o que possuiaõ, como  
se ha de sepultar com os do  
dia do Juizo?

487 Mais. Hum dos ma-  
yores rigores, que tem a mor-  
te, he ser apartamento: apar-  
tamento, & despedida geral  
de todos os que amaveis, &  
vos amavaõ. Assi o ponderou  
El Rey Agag, vendose con-  
denado à morte pelo Profeta

Samuel: *Siccine separat, ama-*  
*ra mors?* He possivel, morte <sup>1. Reg.</sup> 15 32  
amarga, que assim me apartas?  
Assi. Apartava-o da mulher,  
dos filhos, dos vassallos, dos  
amigos, & de tudo o que ama-  
va, ou de que era amado na  
vida. E a este apartamento  
chamou com razeõ a mayora  
amargura da morte: *Amara*  
*mors.* A morte do dia do Ju-  
izo não tem esta amargura,  
nem esta dor; porque ainda  
que seja morte, não he apar-  
tamento. Todos entaõ haõ  
de hir juntos sem ter de quem  
levar faudades, nem a quem  
as deixar. O dia do Juizo, diz  
Christo, que ha de ser como  
o Diluvio de Noé: *Sicut fuit* <sup>Aug.</sup>  
*in diebus Noe.* E considerou  
discretamente S. Agostinho,  
que naquella desgraça geral  
do Diluvio, morriaõ os ho-  
mens com hũa grande conso-  
lação, que era não deixar ne-  
ste mundo, quem os choras-  
se. Esta mesma consolaçam  
haõ de ter no dia do Juizo to-  
dos os que entaõ morrerem.  
Porèm os que morrem ago-  
ra, não só tem a desconsolaçam  
contraria, mas muytas vezes  
dobrada. Apartaõse dos ami-  
gos, & dos inimigos, & nam  
só

fò deizaõ depois de si quem chore sua morte, senão tambem quem se alegre com ella, que não he menor sentimento : *Delectasti inimicos meos super me.*

488. Finalmente no dia do Juizo háse de acabar a vida com o mundo; mas com o mesmo mundo se haõ de acabar tambem os encargos da vida; porén no dia da morte acabase o mundo para a vida, mas não se acaba para os encargos. Os encargos da vida, que mais inquietaõ, & affligem na morte, haõse de acabar com o mundo, porque entãõ não ha de haver requerimentos de acredores, nem satisfação de criados, nem accommodamento de filhos, nem disposição da casa, nem dividas, nem restituçoens, nem nomeaçãõ de herdeiros, & testamenteiros, nem testamentos, nem codicillos, nem mandas, ou demandas (tantas quantas saõ as clausulas); nem sepultura, nem funeraes, nem tantas outras perturbaçoens, & embaraços, que primeiramente afogaõ a Alma, do que ella faya do corpo. Tudo isto, & infinitas outras cousas

de afflicçaõ, de molestia, de escrúpulo, & de risco da satisfação concorrem, & se atravessaõ na hora da morte. Mas nenhũ dellas ha de haver no dia do Juizo; porque todas acabaõ com o mundo, que totalmente acaba: & não como agora, que acaba para a vida, & não para os encargos della. Vede se he mais trabalhoso, & mais estreito este dia. Por isso dizia David: *Omnis consummationis vidi finem, latum mandatum tuum nimis.* Psal. 118. Olhey, Senhor, para o 96. dia, em que se ha de acabar o mundo; & entãõ me pareceo a vossa Ley muyto larga, porque todas as estreitezas, apertos, & angustias, em que agora nos poem a Ley de Deos na hora da morte; no dia do Juizo, em que tudo acaba com o mundo, tambem ellas cessãõ, & se acabaõ.

§. V.

489. E se he mais para desconsolear, & temer o modo, com que o mundo se acaba agora para cada hum, do que o fim, com que no dia do Juizo se ha de acabar para todos;

dos; tambem da parte do modo, & circumstancias, com que Christo agora nos vem julgar, he muyto mais temeroso, & tremendo o dia da morte, do que ha de ser o dia do Juizo.

Para entendimento desta grande verdade, que por mal considerada o não parece; havemos de saber, & supôr, que os Advêtos de Christo não são só dous, como ordinariamente se cuida, senão tres. O primeiro Advento, he o que hoje começa a celebrar a Igreja, no qual veyo o Filho de Deos a remir o mundo, & começou no dia da Encarnação. O segundo Advento, he o que tambem hoje prêga no Euangelho, no qual ha de vir a julgar o mesmo mundo, & ha de ser no dia do Juizo. E estes sam os dous Adventos, dos quaes sómente faz menção o Symbolo, quando diz: *Et iterum venturus est*: porque são geraes, & viziveis. O terceiro Advento, he particular, & invizivel, no qual vem o mesmo Christo julgar na hora da morte a cada hum de nós, & este Juizo se faz no in-

stante em que a Alma se aparta do corpo. E porque esta doutrina, ou nome de terceiro Advento vos não faça novidade (como já fez) ouçamos a Escriitura.

490 O Apostolo Santiago no Cap. 5. da sua Epistola, exhortando os Christãos daquelle tempo a se absterem de pleitos, em que sempre se offende a charidade, diz assi: *Quoniam Adventus Domini appropinquavit*, <sup>Jacob.</sup> *nolite ingemiscere, fratres, in* <sup>5.9.</sup> *alterutrum, ut judicemini, ecce Judex ante januam assistit.* Não vos queixeis, irmãos, hum dos outros, & se em alguma cousa vos sentis agravados, não vos demandeis em juizo; porque o Advento do Senhor he chegado, & o Juiz está à porta. Não pôde haver palavras, nem mais parecidas, nem mais encontradas com o Texto de S. Mattheos na mesma Historia do nosso Euangelho. Humas, & outras fallaõ no Advento do Senhor. Santiago: *Quoniam Adventus Domini appropinquavit*. S. Mattheos: *Et videbunt Filium hominis venientem*. Humas, & outras dizem,

zem, que está à porta. Santiago: *Ecce iudex ante januam assistit.* S. Mattheos: *Scitote quia prope est in januis.* Mas S. Mattheos refere, que tudo isto se ha de verificar depois dos sinaes, & prodigios, que haõ de preceder ao dia do Juizo: *Cum videritis hæc omnia.* E Santiago não falla do dia do Juizo, senão do mesmo tempo seu, em que escrevia: *Ecce.* Que Advento he logo este não futuro, senão presente de que falla Santiago: *Quoniam Adventus Domini appropinquavit?* He o terceiro Advento, que eu dizia. O Advento, de que falla S. Mattheos, he o Advento geral, em que Christo no dia do Juizo ha de vir julgar a todos. O Advento, de que falla Santiago, he o Advento particular, em que o mesmo Christo no dia da morte, vem julgar a cada hum. Naquelle Advento ha de estar o juizo à porta depois que os homens virem os sinaes, que os haõ de preceder: *Cum videritis hæc omnia, scitote quia prope est in januis.* Porém nestoutro Advento (porque

todos os dias, & todas as horas morrem, & podem morrer os homens) todos os dias, & todas as horas está o Juizo à porta: *Ecce iudex ante januam assistit.* Do mesmo Juizo, & do mesmo Advento falla S. Paulo, quando diz: *Tempus resolutionis mee instat.* Vemte chegando o tempo da minha morte: *Reposita est mihi corona justitiae.* Já me está aparelhada a coroa merecida: *Quam reddet mihi Dominus in illa die justus iudex.* A qual me ha de dar naquelle mesmo dia o Senhor, como justo Juiz. E só a vòs, Paulo ha de dar esta coroa o justo Juiz no dia da morte: Não: *Non solum autem mihi, sed & vobis, qui diligunt Adventum ejus.* Não só a mim, senão a todos os que amaõ o seu Advento. De sorte, que além dos dous Adventos geraes, num em que veyr remir, outro em que ha de vir julgar a todos, tem Christo Senhor nosso outro terceiro Advento, em que no dia da morte vem julgar a cada hum.

491 Sobre o modo deste Advento, ou desta vinda

*Suar.*  
*tom 2.*  
*in 3. p.*  
*disp.*  
*52. sect.*  
*2.*

*Innoc.*  
*lib. 2.*  
*de con-*  
*temp.*  
*mundi.*

tem para si graves Autho-  
res, & entre elles o Padre  
Soares, que vem Christo  
julgarnos na hora da morte,  
naõ por presença, & assisten-  
cia real de sua propria Pes-  
soa, como ha de ser no Juizo  
Universal; mas só por mo-  
do intellectual, em fôrma,  
que entenda claramente o  
que morre, que està julga-  
do, & julgado por Christo.  
Outros com o Papa Inno-  
cencio Terceiro, seguem o  
contrario: & dizem, que na  
morte de cada hum o vem  
Christo julgar real, & pre-  
sencionalmente no mesmo lu-  
gar, onde morre. Este segun-  
do modo de dizer, he muy-  
to mais verisimil, por ser  
mais confôrme às Escrituras  
Sagradas, as quaes se devem  
entender no sentido, & pro-  
priedade natural, que signi-  
ficaõ as palavras, & o vir  
propriamente, he vir em  
Pessoa. Logo neste sentido  
se haõ de entender as Escri-  
turas tantas, & tão expressas,  
as quaes todas dizem, que  
vem Christo ao Juizo parti-  
cular. Sõ no Cap. doze de S.  
Lucas, diz o mesmo Senhor  
sincro vezes, que ha de vir, &

falla da hora da morte: *Ut Luc.*  
*cum venerit, & pulsaverit: 12.36*  
*Beati servi, quos cum vene-*  
*rit Dominus: Quod si vene-*  
*rit in secunda vigilia: Quod*  
*si in tertia vigilia venerit:*  
*Et vos estote parati, quia qua*  
*hora non putatis, Filius homi-*  
*ni veniet. E se queremos,*  
que o diga o mesmo Christo  
mais vezes; aos criados dos  
talentos, a quem tomou conta:  
*Negotiamini, dum venio: Luc.*  
às Virgens, a quem abriu, & *19.13.*  
fechou as portas do Ceo:  
*Ecce sponsus venit: ao Bis-*  
*po de Sardiz, a quem amea-*  
*çava com a morte: Veniam*  
*ad te tanquam fur, & nes-*  
*cies qua hora veniam. E final-*  
*mente aos Discipulos, quan-*  
*do se despedio delles: Si*  
*abiero, & preparavero vobis*  
*locum, iterum venio, & acci-*  
*piam vos ad me ipsum. Onde*  
se deve notar, que se o hir  
neste eazo foy em realidade,  
como havia de ser o vir por  
entendimento? O iterum de-  
monstra, que o hir, & o vir,  
era pelo mesmo modo. Quan-  
to mais, que se naõ havia de  
vir, bastava dizer: *Accipiam*  
*vos ad me, & o venio era su-*  
*perfluo, & improprio. Se-*  
*guefe*

guese logo, que no dia da morte ; da qual o Senhor fallava, nam só vem de qual-quer modo, senam propria, & realmente, assi como propria, & realmente tinha hido para o Ceo.

492 Nem as razoes do Author allegado, posto que tão eximio, provaõ o contrario. A primeira he, que para Christo dar esta sentença, não he necessario que venha em Pessoa. Mas tambem não he necessario o Juizo Universal, porque já todos estão julgados : & com tudo he certo, que ha de haver este Juizo, & que ha de vir Christo a elle em Pessoa, só porque elle o diz. A segunda razão he, porque se assi fosse, andaria Christo como em perpetuo movimento, & estaria no mesmo tempo em diversos lugares. Mas assi como o mesmo Christo sem esse inconveniente, ou incomodo, se faz presente no Santissimo Sacramento tão repetidamente; & em lugares tão diversos, & assi como vem à caça, & à cama dos que estão para morrer, para os confortar

como Viatico ; porque nam virá ao mesmo lugar, ou lugares, para os julgar como Juiz ? Em fim he certo, & de Fè, que Christo vem fazer este Juizo, posto que o modo não esteja definido.

493 Mas de qualquer forte, que o Senhor venha, as circumstancias com que vem julgar na hora da morte, he sem duvida ( como dizia ) que são muito mais temerosas, & tremendas, que as do dia do Juizo. As circumstancias, que fazem horrendo o dia do Juizo, são a escuridade total, que então ha de succeder do Sol, o sanguinolento da Lua, a ruina das Estrellas, os bramidos do mar, & toda aquella discordia, & estrago da natureza com que se ha de confundir o Universo. Porém todas estas cousas verdadeiramente grandes, & espantosas, & nunca vistas, ainda que na primeira apprehensão parecem muyto para temer, bem consideradas em si mesmas, & em seus effectos, & fins, antes são muyto para socegar, & aquietar os animos, que para os intimidar,

494

ou perturbar. O Profeta Rey fallando dos effeitos do Juizo final, não como futuro, mas como já passados, a modo profetico, diz: hum cousa admiravel: *Terra tremuit, & quievit, cum exurgeret in iudicium Deus.* Quando Deos veyo a juizo, a terra tremeo, & aquietouse. Que a terra trema, quando Deos vem a juizo: & quando todos os outros elementos confuzos, & perturbados, & o mesmo Ceo, & seus Planetas padecem hum fracazo tão geral, que ella faça hum grande abalo, & que não só tema, & trema, mas se esconda debayxo dos abismos, como quando foy criada, & se fuma dentro em si mesma; faz a terra o que deve, que o cazo he para isso: *Cum exurgeret in iudicium Deus.* Mas se a terra neste mesmo cazo tremeo: *Terra tremuit:* como logo se socego, & aquietou: *Et quievit?* Tremeo à primeira vista dos horrores do Juizo, & aquietouse logo; porque todos aquelles prodigios, & estrondo do Juizo Universal, tomados de repente, &

na primeira apprehensão; são temerosos, são horriveis, são tremendos: *Terra tremuit.* Mas bem considerados os fins, & effeitos delles, antes são para socegar esse mesmo temor, & para aquietar os animos, que para os inquietar, & perturbar: *Tremuit, & quievit.*

495 E qual he a razão deste segundo effeito, tão diverso do primeiro? O Evangelho o diz: *Erunt signa in Sole, & Luna, & Stellis.* Todas essas mudanças do Ceo, toda essa escuridade dos Astros, toda essa perturbação dos Elementos, são sinaes: *Erunt signa* Sinaes de que se chega o fim do mundo, sinaes de que está perto o dia do Juizo, sinaes para que todos estejão notificados, & advertidos ( que por isso se poem os mesmos sinaes no Ceo, onde possaõ ser vistos de todos. ) E hum Juizo, em que Deos antes de vir nos manda diante notificar, & nos aviza primeiro; não he tanto para temer. Muyto mais temeroso he o Juizo particular sem esses assombros, do que o Universal com elles.

elles. Porque os affombros, & terrores do Juizo Universal, são sinaes, & avizos para os homens, & o Juizo particular, a que nada disso precede, he Juizo sem avizo, Juizo sem sinal. Pinta o Profeta David a Deos armado de arco, & settas, & as settas não são embebidas já no arco, se não hervadas de ventos mortaes, & abrazadas em fogo:

*Pfal.*  
7. 14. *Arcum suum tetendit, & paravit illum, & in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.* E que he o que faz, ou intenta Deos alli armado, & com as settas já postas no arco? Humas vezes quer livrar a seus amigos, outras quer derrubar, & destruir a seus inimigos. Se quer livrar os amigos, bate primeiro com as settas no arco, & dá sinal: se quer destruir os inimigos, despára sem dar sinal, & executa o golpe; & antes de elles o sentirem, se vem cahidos a seus pés. Hũa, & outra cousa disse o mesmo David admiravelmente: *Dedisti metuentibus te significationem, ut fugiant à facie arcus, & liberentur dilecti tui.* Sagitta

*tuae acutae populi sub te cadent Psal. in corda inimicorum Regis. 44. 6.*

De maneira, que a demonstração certa de Deos estar propicio, ou irado, de querer salvar, ou não querer salvar, he dar sinal primeiro, ou não dar sinal. Se quer salvar, dá sinal; & isto he o que será no dia do Juizo: *Erunt signa.* Senão quer salvar, não dá sinal; & isto he o que acontece no Juizo de agora.

496 Os do Juizo Universal não podem deixar de estar muyto prevenidos, & com grandes disposições para a salvação; porque hão de morrer avizados de todos aquelles sinaes do Sol, da Lua, do Mar, & de todos os Elementos. Porém nós como morremos? O Sol está muyto claro, o Ceo sem nuvem, a Lua como huma prata, o mar como leite, & no meyo desta serenidade do mundo, & nossa, dá a morte sobre nós, & poemos a juizo: *Cum dixerint. The pax, & securitas, repenti. sal. 5. nus eis superveniet interitus. 3.*

Quando estiverem mais descuidados, & se derem por mais seguros (diz S. Paulo)

então virá sobre elles a morte repentinamente. Todos os homens, ou quasi todos ( ainda que nós o não imaginemos affi ) morrem de repente. Cuidamos, que só morrem de repente aquelles, que subitamente caem mortos, aquelles, que matou o rayo, a bala, a estocada, o defastre, a peste, que rebentou, o bocado, que se atravessou na garganta, a apoplexia, a peste, o terremoto, o naufragio, & tantos outros accidentes, ou naturaes, ou violentos, ou cazuaes, a que anda exposta a vida, & nos deverão trazer em perpetuo temor. Estes só cuidamos, que morrem de repente, & he engano. Todos os que morrem quando o nam cuidavaõ, morrem de repente. Os que morrem por via natural, huns morrem de velhice, outros de enfermidade: & que velho ha tão decrepito, que não cuide, que ainda ha de viver alguns annos? E que enfermo tão desconfiado, que não cuide, que ha de escapar da doença, como outros escapáraõ, por mais aguda que seja? Os ma-

yores, & mais poderosos, são os mais infelices, & os mais enganados nesta parte, porque não se lhe dà o decengano, senão a tempo, em que já não ha tempo, & quando as que deverão ser prevençoens para o Juizo, por falta de juizo já não são prevençoens. Oh quanto mais ditosos são os que haõ de morrer, & acabar com o mundo no dia do Juizo! *Erunt signa.* Aquelles ham de ver os sinaes no Ceo muyto antes da morte: cá tambem se ouvem os Sinaes na Parochia, mas depois que morrestes.

497 Bem podera Deos ordenar, que no mesmo dia, & na mesma hora, em que haõ de apparecer aquelles sinaes tremendos, se executasse tambem o Juizo. Mas tem decretado sua misericordiosa Providencia, que entre os sinaes, & o dia do Juizo haja mais dias, & mais tempo, no qual os homens, que então viverem, se preparem para a conta, que se lhes ha de tomar. E esta he outra segunda, & muy consideravel circumstancia, em que o Juizo par-

*Pfal.*  
74.3.

particular agora he mais horrendo, & formidavel para cada hum, do que será entãõ para todos o Juizo Universal. No Juizo Universal tomará Deos conta, mas darã tempo: no Juizo particular toma conta, & não dà tempo; porque primeiro toma o tempo, & depois a conta. Hum dos Textos mais notaveis da Escritura Sagrada, he dizer Deos, que como tomar tempo, entãõ ha de julgar os homens, & ver se são justos, ou injustos: *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo.* Deos para julgar não ha mister tempo; porque todas as nossas obras, palavras, & pensamentos de sua eternidade lhe são, & foraõ sempre presentes. Pois que tempo he este, que Deos toma, quando ha de julgar os homens, & como o toma? O tempo, que Deos toma, he o que muytos haviaõ mister na morte, para ajustar suas contas. E o modo, com que Deos toma este tempo, he não lho dando, ou privando-os delle por seus justos juizos, quando lhes vem tomar conta na hora, em que

menos o cuidaõ: *Qua hora non putatis.* Assi comenta o Texto Lorino, & podera citar a São Boaventura, cuja he esta interpretação tão futil, como verdadeira. Quando Deos pede conta, & dà tempo, ainda os que tem mãs contas, as podem dar boas, como aconteceu àquelle Reddeiro do Euangelho; a quem o Pay de Familias disse: *Redde rationem villicationis.* *Luc.* E como teve tempo de cuidar o que faria, achou traça de as ajustar. Porém quando Deos toma conta, & toma juntamente o tempo: *Cum accepero tempus.* Entãõ he muyto difficultoso dar boa conta, entãõ nenhum que viveo mal, a pòde dar boa. E isto he o que succede geralmente aos que morrem agora.

498. Aos que haõ de morrer no dia do Juizo aviza Christo no nosso Euangelho com esta comparaçam: *Videtur ficulneam, & omnes arbores, cum jam producunt ex se fructus, scitis quia prope est aestas.* Quando vedes, *Matt.* que nas arvores começaõ a arrebentar, & brotar os frutos,

tos, conheceis que o Veraõ está perto: pois da mesma maneira, quando vires os sinaes, que vos tenho dito, sabey, que está perto o dia do Juizo: *Sic & vos cum videritis hæc omnia, sciote quia prope est Regnum Dei.* De forte, que entre os sinaes do dia do Juizo, & o mesmo dia, ha de dar Christo de espaço; quanto vay da Primavera ao Veram, ou do Varam ao Estiõ, & dos frutos verdes aos maduros. E a nõs, quando na morte nos vem julgar, quanto espaço nos dà, ou promette o mesmo Christo? O que deu aos fervos da Parabolã, quando lhes mandou, que esperassem por sua vinda: *Lucernæ ardentes in manibus vestris: & vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* Haveis de estar sempre esperando por mim, com as tochas azezas nas mãos. E não bastará, Senhor, que as tochas estejão prevenidas, & o lume aparelhado; senão já azezas: *Ardentes?* Não bastará, que estejão arrimadas, & promptas, senão já nas mãos: *In manibus?* Não, diz Christo:

Haõ de estar azezas; porque vos não prometto o espaço, que he necessario para as acender: & haõ de estar nas mãos; porque vos não seleguro o momento, que he necessario para as tomar. Tanto vay daquelle vir a este vir, & daquelle Juizo a este Juizo, Lã ha se de esperar o tempo, que basta para os frutos verdes amadurecerem: cá não se espera por frutos maduros, nem ainda verdes, porque se cortãõ as flores ainda antes de estarem abertas: *Flores apparuerunt: tempus putationis advenit.*

Cont.  
2.12.

499 Esta differença dos sinaes, que entãõ ha de haver; & agora não ha, he a que faz a differença dos effeitos muito mais para temer no Juizo de cada dia, que no do fim do mundo. Que effeitos ha de causar nos homens a vista daquelles sinaes? O Evangelista o refere por bem extraordinarios termos: *Arrescentibus hominibus præ timore, & expectatione, que supervenient universo orbi.* Andarãõ os homens atonitos, & mirrados com o temor, & expectaçãõ do que ha de ser

Luc.  
21.26

no dia do Juizo. Atonitos; porque ninguem ha de ter advertencia, nem coração para cuidar noutra cousa: mirrados; pela extrema abstinencia, ou inedia com que haõ de passar aquelles dias, mais rigorosa que a dos Ninivitas. Tudo ha de ser orar, chorar, bater nos peytos, fazer penitencia, pedir misericordia, & aparelhar para a conta: não havendo homem capaz deste nome; que se haja de lembrar entaõ do que foy, nem do que he, se não do que ha de ser, & do que está para vir: *Quæ superventura sunt universo orbi.* Parecevos, Christãos, que farão bem estes homens naquelle caso, & que terão justa causa de o fazer? Ninguem haverá, que o negue, se he que tem Fê. E nós que a temos, porque não fazemos o mesmo, ou alguma parte disto? Direis, que aquelles homens pelos sinaes do Ceo saberão certamente, que está perto o dia do Juizo. E sabe algum de nós, que o seu dia do Juizo está mais longe? Não sabemos todos com a mesma certeza, que o nosso

dia do Juizo pôde estar ainda mais perto: & que pôde ser á manhã, ou hoje, & nesta mesma hora, em que Christo está julgando muytos milhares de homens? Aos Ninivitas, que eraõ Gentios, & ao seu Rey, que era Sardanapalo, o mais mau Rey, & o mais mau homem, que ouve no mundo, deu Deos de prazo quarenta dias: *Ad hoc quadraginta dies.* E assi o Rey, como toda a Corte, no mesmo ponto; sem esperar mais, se converterão com taõ extraordinaria penitencia. Que seria, se Deos lhe não fegurasse, nem hum só dia? Pois este he o nosso cazo, & este estado, & contingencia, em que nos achamos todos, & cada hum.

500 Ouvi o dezengano de huma caveyra, que era, ou tinha sido de hum vivo, que morreo quando não cuidava.

*Flores, si scires unum tua tempora menssem:*

*Rides, cum non sit forsitan una dies.*

Se soubesseis, que vos não restava de vida mais que hum mez, havieis de chorar: & ri-

Mmm des,

des, & andais alegre, & contente, podendo fer, que vos não reste hum dia inteiro. Quem dissera a ElRey Balthasar, quando com tanta festa, & alegria estava brindando aos seus Idolos nos proprios vasos sagrados de ouro, & prata, que Nabucodonozor seu Pay tinha roubado ao Templo de Jerusaleem: quem lhe dissera, que a mesma noyte daquella cea fatal, era a ultima da sua vida, & da sua Coroa? Neste banquete, em que eraõ mil os convidados, diz o Texto, que cada hum bebia, conforme a sua idade; porẽm a morte, que não guarda esta ordem, nem conta os annos, sendo poucos os de Balthasar, & o primeiro de seu Reynado, lhe appareceo de repente com a balança do Juizo na mão: *Appensus es in scatera.* E na mesma noyte executou a sentença, & lhe tirou a vida: *Dan. 5.27. Eadem nocte interfectus est Balthasar.* Isto he o que succede aquella noyte, & isto o que succede cada dia, sem haver quem se dezengane. Somos como aquelles incredulos, dos quaes refere Chri-

sto Senhor nosso, que á vista dos sinaes do dia do Juizo, todos seus cuidados haõ de fer banquetes, festas, vodas, fabricas, & edificios, como se os alicesses da terra estivessem muyto seguros, quando já as abobodas do Ceo estaraõ cahindo a pedaços: *Stella de Cælo cadent.* S. Agostinho diz, que tudo isto causarà naquelles loucos a falta de Fè: & eu não sey o que diga da nossa, nem do nosso entendimento. Muyto mais loucos somos, & muyto mais incredulos, do que elles haõ de fer. Elles não crerã o que ha de succeder hũa só vez no mundo, sem outro exemplo, nem experiencia: & nós não acabamos de crer o que vemos, & experimentamos cada hora, em tantos, & taõ formidaveis exemplos. Mas por isso saõ tambem mais tremendas as circunstancias do Juizo presente, sabendo de certo, que he hoje para huns, à manhãa para outros, & que para os que nascemos, & vivemos neste seculo, não ha de passar delle: *Non prateribit generatio hæc, donec omnia fiant.*

## §. VI.

501 Deste primeiro, & largo discurso, & da resolução delle se pôde colher facilmente a do segundo, em que vos prometti mostrar, quaes haõ de ser no dia do Juizo os que haõ de ficar à mão direita, & quaes á esquerda. E para que este ponto tão importante se entenda com mayor clareza, vejamos primeiro, quantos haõ de ser, & depois veremos, quaes.

502 Os Theologos disputaõ, quanto he o numero dos que se salvaõ, & fazem duas distincões: huma considerando, & comprehendendo todos os homens do mundo, Fieis, & infieis, outra separando sómente os Fieis, & Catholicos. Na primeira consideração he certo, que o numero dos que se condenaõ he incomparavelmente mayor. Todos sabeis, que no dia, em que morreo São Bernardo, morreraõ sessenta mil, & só quatro se salvaraõ. Dos Catholicos, segundo muytos Textos da Escritura, parece,

que commummente se salvaõ ametade: De dous, hum: *Unus assumetur, & unus relin-* Matt. 24.40.  
*quetur*: de dez, cinco: *Quin-* Matt. 25.2.  
*que ex eis erant fatuae, &*  
*quinque prudentes.* Esta he a mais provavel, & mais bem fundada sentença, & se confirma efficaamente do Texto proxivamente allegado. Na Parabola de dez Virgens fallava Christo Senhor nosso, propria, & literalmente, do dia do Juizo: & naõ do Juizo de todos, senão particularmente dos Catholicos. Por isso sahiraõ todas com alampadas acezas, em que he significado o lume da Fê. E porque Fé sem obras, naõ basta para a salvaçãõ; por isso tambem aquellas, a que faltou o oleo, ficaraõ fóra do Ceo, & só entraraõ as que o levavaõ prevenido. Mas se o intento de Christo era acautellarnos aos Catholicos, & meternos hum grande temor do dia do Juizo, como consta de toda a Parabola; porque naõ introduzio nella o Senhor, que de dez se salvaraõ se só huma, ou duas, & se condenassem oyto; ou nove; senão, que se salvaraõ cinco, &

se condenarão outras cinco? A razão verdadeira he, porque só Christo Senhor nosso conhece o numero dos que se haõ de salvar: *Cui soli cognitus est numerus electorum in superna felicitate locandus.* E postoque para o seu intento, & para o nosso temor servia mais diminuir o numero dos que se salvaõ; segundo porèm a sua presciencia, & a verdade da sua doutrina, naõ o podia alterar, nem diminuir. Diz pois, que de dez se salvaraõ cinco, & se perderaõ cinco; porque das Almas Catholicas, de quem fallava, ametade communmente saõ as que se salvaõ, & ametade as que se perdem.

503 Conforme esta doutrina, que he de muytos Santos ( & naõ a mais estreita, senaõ larga, & favoravel) se eu prègara hoje em outro auditorio, dissera, que ametade dos ouvintes pertenciaõ á maõ direita, & ametade á esquerda. Consideração verdadeiramente tristissima, & tremenda, que de homens Christãos, & Catholicos, alumiados com a Fè, criados

com o leyte da Igreja, & affitados com tantos Sacramentos, & auxilios; se salve só ametade? Que de dez homens, que creim em Christo, & por quem morreo Christo, se percaõ cinco? Que de cento se condenem cincoenta? Que de mil vaõ arder eternamente no Inferno quinhentos? A quem naõ fará tremer esta consideração? Mas se olharmos para a pouca Christandade, & pouco temor de Deos, com que se vive, antes devemos dar graças à Divina Misericordia, que admirarnos desta justiça.

504 Isto era o que eu havia de dizer, se prègara, como digo, em outro auditorio; mas porque o dia he de dezenganos, & o auditorio presente taõ diverso; naõ cuidem, nem se persuadaõ os que me ouvem, que esta regra he geral para todos, postoque sejaõ, ou se chamem Catholicos. Assi como nesta vida ha grande differença dos grandes, & poderosos aos que o naõ saõ, assi a ha de haver no dia do Juizo. Elles tem hoje a maõ direita;

reita; mas como o Mundo entãõ ha de dar huma taõ grande volta, muyto he de temer, que fiquem muytos à esquerda. Dos outros salvarseha ametade, & dos grandes, & poderosos, quantos? Salvarseha a terça parte? Salvarseha a decima? Praza à Divina Misericordia, que assi seja! O que só digo ( & naõ me atrevera ao dizer, senãõ fora Oraculo expresso, & sentença infallivel da suprema Verdade ) o que só digo, he que seraõ muyto pouco; & muyto raros, & por grande maravilha. Ouçaõ os grandes, & poderosos naõ a outrem, senãõ ao mesmo Deos no Capitulo sexto da Sabidoria: *Præbete aurem vos qui continetis multitudinem, quoniam data est à Domino potestas vobis.* Vòs Principes, vòs Ministros, que tendes debayxo de vosso mando os Povos, vòs, a quem o Senhor deu esse poder, para mandar, & governar a Republica: *Præbete aurem*: dayme ouvidos. E que haõ de ouvir a Deos, os que taõ mal ouvem aos homens? Huns pre-

Sap.6.  
5.6.

gaõ do dia do Juizo muyto mais portentoso, & temeroso, que o que ha de chamar a elle os mortos: *Judicium durissimum his, qui præsumunt, fiet: exiguo enim conceditur misericordia: potentes autem potenter tormenta patientur.* O juizo, com que Deos ha de julgar aos que mandaõ; & governaõ, ha de ser hum juizo durissimo; porque aos pequenos concederseha misericordia; porẽm os grandes, & poderosos seraõ poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.* Eisaqui em que haõ de vir a parar os poderes, que tanto se dezejaõ, que tanto se anelaõ, que tanto se estimaõ; que tanto se envejaõ. Os poderosos agora naõ temem outro poder, porque elles pòdem tudo; porẽm quando vier o Juizo durissimo, entãõ veraõ se ha quem pòde mais que elles: *Potentes potenter patientur.*

505 Mas se esse poder he dado por Deos aos poderosos: *Quoniam data est à Domino potestas vobis.* Como he cauza esse mesmo poder,

der, de que os poderosos se condenem, & sejaõ poderosamente atormentados? Não he o poder a causa; mas he a occasião. Ordinariamente tantos são os peccados, como as occasiões: quanto mais, & maiores occasiões, tanto mais, & maiores peccados: & não ha mayor, nem mais terrivel occasião que o poder. Tentação, & poder? Tentado, & poderoso? Tudo quanto tenta, & intenta o Diabo em hum poderoso, tudo leva ao cabo, ou seja nos peccados de homem, ou nos de Ministro. Nos peccados de homem; se se ajunta o poder com o appetite, não ha honra, não ha honestidade, não ha estado, nem ainda profissão, por sagrada que seja, que se não emprenda, que se não conquiste, que se não soquite, que se não descomponha. E nos peccados de Ministro; se o poder se ajunta com a ambição, com a soberba, com o odio, com a vingança, com a enveja, com o respeito, com a adulação, não ha Ley humana, nem Divina, que se não atrole, nam ha me-

recimento, que se não aniquile, não ha incapacidade, que se não levante, não ha pobreza, nem miseria, nem lagrimas, que se não acrescentem, não ha injustiça, que se não aprove, não ha violencia, não ha crueldade, não ha tirania, que se não execute. E como estes são os abuzos, os excessos, & as durezas do poder, justissimo he, que o Juizo do Omnipotente seja durissimo, & que os poderosos (pois assi são poderosos) sejaõ poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.*

506 Eu não nego, que esta regra possa ter suas exceções. Nem a mesma Sabedoria Divina o nega, antes concede, aponta, & louva muyto a exceção; mas ella he tal, que confirma mais a mesma regra. Ouvi outra vez, não a outrem, senão a mesma sabedoria Divina, fallando neste mesmo cazo no Cap. 11. do Ecclesiastês: *Qui potuit transgredi, & non est transgressus, facere mala, & non fecit: quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mira-*

*Eccles.*  
31. 9.

*mira-*

*mirabilia in vita sua.* Poderoso, que pode quebrar as Leys sem ninguem lhe hir à mão, nem pedir conta, & não as quebrou: poderoso, que pode viver mal, & fazer com liberdade o que lhe pede o seu appetite, & nam o fez: *Quis est hic, & laudabimus eum?* Que homem he este, para que o canonizemos: *Fecit enim mirabilia in vita sua:* porque fez milagres na sua vida. Não fallo nos milagres destes poderosos; porque destes estão cheas as Certidoens juradas, & o que peor he, as Historias impressas. Se os ouvirmos, & lhe tomarmos o depoimento, todos são rectísimos, & santísimos: não ha nelles payxaõ, nem interesse, nem vingança, nem má vontade; senão zelo, justiça, piedade, amor do bem commum, & todas as virtudes de hum Ministro Christoão, & perfeito. Mas o Tribunal divino, que se não governa pelo que elles dizem, senão pelo que fazem, & estes são os autos, por onde os ha de julgar; vede, & ponderay bem o que diz: *Quis est hic?* Quem

he este? Não diz: *Qui sunt hi?* Quem são estes? Não falla de muytos, ou de alguns, senam de hum só, & unicamente. E porque? Porque poderoso, que possa quebrar as Leys, & não as quebra: *Qui potuit transgredi, & non est transgressus.* Poderoso, que pode viver mal, & fazer mal, & o não faça: *Facere mala, & non fecit.* Este tal, se acazo no mundo se acha algum, he hum: *Quis est hic?* E esse hum, não ordinariamente, nem sempre, senão por milagre: *Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim o diz, & pondera Deos, que sabe tudo, & bastava saber o que todos sabem. E como são tão poucos, & tão raros os grandes; & poderosos, que fação o que devem, deven-do não só dar conta das suas Almas, & das suas vidas, senão tambem, & muyto estreita de todas aquellas, que tem debayxo do seu governo, ou do seu dominio: Vede se serão muytos, os que no dia do Juizo se achem à mão direita?

## §. VII.

507 Mas porque esta regra não he para todos os estados, nem para todas as pessoas; concluamos com huma universal, que comprehenda a todos, & pela qual possa conhecer cada hum o lugar, que ha de ter no dia do Juizo Christo Senhor nosso deo hoje sinaes para se conhecer ao longe o dia do Juizo: bem será, que saybamos nós tambem algum signal, por onde possamos conhecer o lugar, que nelle havemos de ter; & que seja hoje, pois o nosso juizo está mais perto. Para esta demonstração temos hum famoso Texto da mesma Sabidoria Divina, tantas vezes allegada neste ponto; porque em materia tão grave, & tão solida, não convem, nem se require menor authoridade.

*Eccles.*  
11.3. No Cap. 11. do Ecclesiastés, diz assi: *Si ceciderit lignum ad Austrum, aut Aquilonem, in quocumque loco ceciderit, ibi erit.* Se a arvore cahir para a parte Austral, ou para a parte Aquilonar, no lugar

onde cahir, ahi ficará para sempre. Esta arvore he cada hum de nós; cae, ou ha de cahir na hora da morte, & para onde cahir naquelle momento, ahi ha de ficar para sempre, porque daquelle momento depende a eternidade. Sendo porém quatro as partes universaes do mundo, para onde pôde cahir hũa arvore, o Norte, que he o Aquilo, o Sul, que he o Austro, o Leste, que he o Levante, o Oeste, que he o Ponente: faz menção o Texto sómente da parte Austral, que he a direyta do mundo, & da parte Aquilonar, que he a esquerda; porque o homem só pôde cahir para huma destas duas partes, ou para a mão direita, com os que se salvaõ, ou para a esquerda, com os que se condenaõ.

508 Mas como poderá esse homem adivinhar este grande segredo? Como poderá conhecer desde agora o lugar, que ha de ter no dia do Juizo: & se ha de ficar á mão direita, ou á esquerda? Tambem disto quiz a Providencia Divina, que tivessemos hũ final muyto claro, & muyto

to certo: & esse he o myte-  
rio, com que o Espirito San-  
to o reduzio todo à seme-  
lhança da arvore, quando  
cabe: *In quocumque loco ceci-*  
*derit lignum.* Huma arvore an-  
tes de se cortar não se co-  
nhece muyto facil, & muyto  
naturalmente, para que par-  
te ha de cahir? Pois assi o pô-  
de conhecer cada hum de si  
dentro em si mesmo. E se  
não entendeis ainda, & me  
perguntais o modo; ouvio  
da boca de São Bernardo, o  
qual com grande proprieda-  
de, & clareza o ensina por es-  
tas palavras: *Quo vero casura*  
*Bern. Sermon. sit arbor, si scire volueris, ra-*  
*49. in. anos ejus attende: unde maior*  
*ter par- est copia ramorum, & ponde-*  
*vos. rosior, unde casuram ne dubi-*  
*tes.* Se quereis saber para on-  
de ha de cahir a arvore, quan-  
do for cortada, olhay para el-  
la, & vede para onde inclina  
com o pezo dos ramos. Se  
inclina para a parte direita,  
para a parte direita ha de ca-  
hir: & pelo contrario, se o  
pezo a tem dobrado para a  
parte esquerda, da mesma  
maneira ha de cahir para a  
parte esquerda, & hũa, & ou-  
tra cousa he sem duvida: *Ne*

*dubites.* Olhe agora cada hum,  
& olhe bem para a sua Alma,  
para a sua vida, & para as suas  
obras, que estas são os ramos  
da arvore. Se vir, que são de  
Fé, de Piedade, de Temor de  
Deos, de Obediencia a seus  
preceitos, de Religiaõ, de  
Oraçaõ, de Mortificaçaõ das  
propias paixoens, de Ver-  
dade, de Justiça, de Charida-  
de, em fim de pureza de confi-  
ciencia, de frequencia dos  
Sacramentos, & das outras  
virtudes, & obrigaçoens de  
Christaõ, entenda, que per-  
severando, ha de cahir sem  
duvida para a mão direita.  
Mas se as obras pelo contra-  
rio são de liberdade, & sol-  
tura de vida, de ambiçaõ, de  
cobiça, de soberba, de enveja,  
de odio, de vingança, de  
sensualidade, de esquecimen-  
to de Deos, & da salvaçam,  
sem huma muyto resoluta, &  
verdadeira emenda, & per-  
severança nella; entenda da  
mesma maneira, que a ar-  
vore ha de cahir para a mão  
esquerda, & que tem certa a  
condenaçaõ.

509 Dirmeheis, ou dir-  
vosha o Diabo, que entre a  
arvore, & o homem ha huma

grande differença. Porque a arvore depois que está robusta, & crescida, não se pôde dobrar; mas o homem, que he arvore com alvedrio, & uzo de razão, ainda que agora esteja tão inclinada com o peso dos vicios para a mão esquerda, em qualquer hora que se quizer voltar para a direita com o arrependimento dos peccados, & emenda delles, o pôde fazer. Assim he, ou assi poderá ser alguma vez, & assi o insinuou o mesmo S. Bernardo, acrescentando às palavras referidas: *Si tamen fuerit tunc excisa*. Mas no dia do Juizo veremos, que todos os Catholicos, que estão no Inferno, os levou lá esta mesma confiança, ou esta mesma tentação.

5.10 S. Pedro fallando da certeza, ou incerteza da salvação, & do modo com q̄ não só a poderemos conhecer, mas fazer certa, diz estas notaveis sentenças no primeiro Capitulo da sua se-

2. Pe- gunda Epistola: *Quapropter*  
 tr. 1. *fratres magis satagite, ut*  
 10.11 *per bona opera certam vestram*  
*vocationem, & electionem fa-*

*ciatis. Hæc enim facientes; non peccabitis aliquando. Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum Regnum Domini nostri, & Salvatoris Jesu Christi. Se duvidais, Christãos ( diz São Pedro ) & estais incertos de vossa salvação, applicayvos com todo cuidado a fazer boas obras, & logo a fareis certa. A palavra, *certam*, no Original Grego, em que escreveo São Pedro: ainda tem mais apertada significação; porque quer dizer: *firmam, stabilem, immutabilem*: isto he, tão certa, firme, & segura, que se não possa mudar. E porque seguram tanto as boas obras a certeza da salvação, que a fazem infallivel, & immutavel? O mesmo Principe dos Apostolos dà immediatamente a razão: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando*. Porque fazendo boas obras com o cuidado, & diligencia, que digo, já mais cahireis em peccado grave. Donde se seguirá, que certamente se vos abrirão com largueza as Portas do Ceo, & entrareis a gozar o Reyno eterno de nosso Senhor,*

Senhor,

Senhor, & Salvador Jelu Christo: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in eternum Regnum Domini nostri, & Salvatoris Jesu Christi.* Comentando este Texto o Padre Cornelio à Lápide (Author doutissimo, & eruditissimo, & que nas Sagradas Escrituras busca sempre o sentido genuino, & solido) depois de disputar Theologicamente a materia, reduz a fórma syllogistica toda a sentença do Apostolo, & diz assi: *Hic est syllogismus Sancti Petri. Quicumque non peccat, sequetur purum à peccato conservat? hic certam facit suam vocationem, & electionem, tum ad gratiam, tum consequenter ad gloriam: atqui qui satagit, studetque bonis operibus, hic non peccat: Ergo qui satagit, studetque bonis operibus, certam facit suam vocationem, & electionem.* Quer dizer: aquelle, que se conserva sem peccado, sem dúvida faz certa a sua salvação: aquelle, que se emprega com diligencia em boas obras, conservar-se-ha sem peccado: logo aquelle, que se empregar assi em

boas obras, faz certa a sua salvação.

511 A menor, ou segunda proposição deste syllogismo, como verdadeiramente he notavel, assi parece tambem difficultosa, se não fora revelação canonica, & definição expressa de São Pedro, com a clausula mais universal que pôde ser: *Hæc enim facientes: non peccabitis aliquando.* Eu bem sey, que as boas obras só podem merecer de congruo a perseverança, & graça final. Mas essa mesma congruencia, a qual tem o effeito dependente da acção, & vontade divina, depois de S. Pedro declarar, que o dito effeito he certo, fica fóra de toda a duvida, & contingencia. Sendo pois assi (como parece que nam pôde deixar de ser) toda a consequencia das tres proposições do Apostolo corre formalmente; porque a terceira segue-se com certeza da segunda, & a segunda da primeira. A primeira assenta o fundamento das boas obras: *Ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis.* A segunda mo-

Non ij      lra

fra o effeito das mesmas boas obras, que he a perfeverança: *Hæc enim facientes, non peccabitis aliquando.* E a terceira conclue com o fim, & premio da mesma perfeverança, que he a salvação, & Reyno do Ceo: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in æternum Regnum Domini nostri.*

512 Com tudo vindo ao rigoroso exame desta certeza, & da calidade, ou calificação della; a sentença commum dos Theologos he, que deste Texto de S. Pedro só se convence certeza moral, quãta podemos ter naturalmente sem revelação. Comparada porém qualquer revelação, não canonica, com as boas obras; eu antes quizera a certeza das obras, que a da revelação: porque a revelação não me pôde salvar sem boas obras, & as boas obras podem me salvar sem revelação. Outros querem, que a certeza, de que falla o Apostolo, seja mayor que moral; porque com certeza sómente moral, pôde ser a salvação incerta. Mas a incerteza da salvação com boas obras, em

opinia que eu muyto venero, tambem he certeza. Perguntou huma vez meu Padre S. Ignacio ao Padre Diogo Laines (aquelle taõ celebrado Theologo do Papa no Concilio Tridentino) qual de duas escolheria, se Deos as puzesse na sua eleição. Ou hir logo para o Ceo com certeza, ou ficar servindo a Deos neste mundo com incerteza da salvação? Laines respondeo, que escolheria hir logo para o Ceo: S. Ignacio porém lhe disse, que elle antes elegeria ficar servindo a Deos, postoque com incerteza de se salvar: *Malle se beatitudinis incertum vivere, & interim Deo inservire, quam certum ejusdem gloriæ statim mori.* Assim o refere a Igreja na Lenda do mesmo Santo; approvando, & canonizando esta sua resolução. Mas se esta resolução, ao que parece, era taõ arriscada, como a louva, & poem por exemplo a Igreja? E como elegeo tambem esta parte hum Espirito taõ allumiado como o de S. Ignacio, trocando a certeza da salvação pela incerteza? Porque a incerteza da salvação

*Apud Lorianũ, & Corme bñ ibi.*

fobre servir a Deos, & fazer boas obras ( como era neste caso) he huma incerteza tal, que vem a ser a mayor certeza. Affio julgou, & declarou logo o mesmo S. Ignacio, cujo juizo, & espirito foy hum dos mayores Oraculos da sua idade, & o serà de todas.

513 Mas porque a doutrina geral, em materia de tão to pezo, não deve ser Heroica, senão vulgar, & alhea de toda a duvida, ou controversa; concludo o que prometti com duas sentenças dos dous Principes da Theologia, & Filofia, S. Thomás, & Aristoteles. S. Thomás no Articulo oytavo da Questão 23. diz assi: *Unde Prædestinatus conandum est ad bene operandum, & orandum, quia per hujusmodi prædestinationis effectus certitudinaliter impletur.* Tinha dito, que na ordem da predestinação divina se contém tambem as nossas boas obras, por meyo das quaes se alcança a salvação, & sem as quaes se não pôde alcançar, & conclue, que todos se devem applicar com toda a efficacia ao exercicio das ditas boas obras, porque por

ellas conseguirão o effeito, & fim da predestinação, & isto não em duvida, senão *certitudinaliter* com toda a certeza. Digo com toda; porque o Doutor Angelico não limita, nem distingue grao, ou qualidade della. Mas porque alguns de seus Interpretes querem, que falle sómente de certeza moral, que he o que commumente, & quasi sempre succede; esta, quando menos, he a certeza, com que cada hum pôde conhecer hoje, o lugar da mão direita, ou esquerda, que ha de ter no dia do Juizo. E porque em negocio de salvar, ou não salvar, não he necessaria mayor certeza para o justo receo, & cuidado de cada hum; tambem esta deve parecer bastante a todos, para o desempenho da minha promessa. Porque, como diz Aristoteles no Livro primeiro das Ethicas, nenhum Sabio deve procurar, nem dezejar mayor certeza, que a que pôde ter a materia, de que se trata: *Disciplinatus est enim in tantum, E certitudinem inquirere secundum unumquodque genus, in quantum natura rei recipit.* O que

D.Th.  
p.1.g.  
23.  
art.8.

Vas.  
quez.  
disput.  
92.

Arist.  
1. E  
hic.

514 O que resta he , que cada hum olhe atentamente , & com a devida consideração , para a Arvore da sua vida : & que examine , & veja sem engano do amor proprio , se os ramos das suas obras pezaõ para a maõ direita , ou para a esquerda : *Ad Austrum , aut ad Aquilonem.* E para que esta vista seja tão clara , & certa , como quem vê de muyto perto ; & não de longe ; só lembro por fim a todos , o que a todos prégava S. Joã Bautista : *Jam securis ad radicem arboris posita est.* Para qualquer parte , que a Arvore penda , & qualquer que ella feji , já o machado está posto às raizes. Cada dia , & cada hora he hum golpe , que a morte está dando à vida. E reparem os que a fazem tão delicada , que para derrubar as arvores grossas , são necessarios muytos gol-

Luc. 3.  
9.

pes , para as delgadas basta hum. Christo Senhor , & Redemptor nõsso , que tanto deseja , & tanto fez , & padeceo por nossa salvação , nos dezeneganojou hoje , que o nõsso Juizo não ha de passar dos cem annos : *Non prateribit generatio hæc , donec omnia fiant.* Mas advirtamos , que não nos promete , que havemos de chegar a esses cem annos , nem aos noventa , nem aos oytenta , nem a dez , nem a hum , nem a meyo ; antes nos aviza , que o dia põe le ser este dia , & a hora esta hora. O mesmo Senhor por sua misericordia nola conceda a todos tão feliz , que todos naquelle dia nos achemos à sua maõ direita , & nos leve consigo a gozar daquella Gloria , que se não alcança , senão por boas obras , ajudadas da sua Graça. Amen.

LAUS DEO.





# I N D I C E

## Dos lugares da Sagrada Escritura.

Os numeros não significão folha, nem pagina, nem columna, senão, o numero marginal.

### Ex Libro Genesis.

- Cap. 1. 1. **I**n principio creavit Deus Calum, & terram, 241.
23. Tenebra erant super faciem abyssi, dixitque Deus fiat lux, & facta est lux, 154.
3. Spiritus Domini fecundabat aquas, 345.
4. Vidit Deus quod esset bonum, 399.
16. Fecit duo luminaria magna, luminare masus, ut praesset diei, luminare minus, ut praesset nocti, 120.
21. Creavit Deus cete grandia, 336.
26. Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram, & praeit piscibus maris, & volatilibus Cali, & bestiis, uniuersaque terra, 120.
26. Ut praeit piscibus maris, & volatilibus Cali, & bestiis, uniuersaque terra, 336.
- Cap. 2. 19. Omne quod vocavit Adam anima viventis, ipsum est nomen eius, 27.
19. Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea, 27.
- Cap. 3. 5. Scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis, 265.
5. Cur praecipit vobis Deus? 265.
4. Nequaquam morte moriemini, 265.
22. Ne forte sumat de ligno vitae, & comedat, & vivat in aeternum, 110.
24. Collocavit ante Paradisum Cherubim, & flammicum gladium ad custodiendam viam ligni vitae, 110.
- Cap. 8. 9. Cum non inuenisset ubi requiesceret pes eius, 269.

## Index locorum

- Cap. 11. 4. Cujus culmen pertingat ad Calum, 239.
6. Cœperunt hoc facere, nec desissent à cogitationibus suis, donec eas opera compleant. 239.
7. Descendamus igitur, & confundamus linguas eorum. 239.
4. Cujus culmen pertingat ad Calum. 270.
- Cap. 12. 1. Egredere de terra tua, & faciam te in gentem magnam. 146.
1. Egredere de terra tua, & de cognatione tua, & de domo patris tui, & veni in terram, quam monstraverero tibi. 285.
11. Scio quòd pulchra sis mulier: Abraham bene usi sunt propter illam. 444.
- Cap. 15. 16. Affligent eos quadrigenis annis, generatione autem quarta revertentur huc. 474.
- Cap. 17. 1. Quia fecisti hanc rem, benedicentur in semine tuo omnes gentes, In Isaac vocabitur tibi semen. 45.
- Cap. 18. 33. Abiitque Dominus. 91.
- Cap. 22. 1. Tentavit Deus Abraham. 159.
2. Tolle filium tuum, quem dilexisti Isaac. 424.
2. Tolle filium tuum unigenitum quem diligis Isaac & offeres illum in holocaustum super unum montium, quem monstraverero tibi. 281.
12. Nunc cognovi quòd times Deum. 432.
16. 17. Quia fecisti rem hanc, benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum sicut stellæ Cali. 432.
18. In semine tuo benedicentur omnes gentes terra. 310.
- Cap. 25. 34. Abiit parvi pendens, quod primogenita vendidisset. 62.
34. Abiit parvi pendens quod primogenita vendidisset. 320.
- Cap. 27. 34. Irrugit clamore magno, & consternatus est. 62.
- Cap. 29. 25. Nanne pro Rachel servivi tibi? 123.
26. Non est in loco nostro consuetudinis, ut minores ante iradamus ad nuptias. 13.
- Cap. 31. 4. Fugiebat somnus ab oculis meis. 372.
- Cap. 39. 9. Ecce Dominus meus omnibus mihi traditis ignorat quid habeat in domo sua: quomodo ergo possum hoc malum facere? 178.
- Cap. 42. 8. Cognovi eos, & non est cognitius ab eis. 165.
11. Merito hac patimur, quia peccavimus in fratrem nostrum. 180.
- Cap. 48. 19. Scio, fili mi, scio. 130.
- Cap. 50. 3. Flevit eum populus septuaginta dies. 456.
7. 9. Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, eundemque maiores natu Egypti: habuitque in comitatu currus & equites. 456.
10. 11. Ubi celebrantes exequias planctu magna, atque vehementi impleverunt septem dies. Quòd cum vidissent habitatores terra Chanaan, vocatum est nomen loci illius, Planctus Egypti. 456.
26. Mortuus est Joseph, & expletis centum & decem vitæ suæ annis: & conditus aromatis: repositus est in loculo in Egypto. 456.

## Sacra Scriptura.

### Ex Libro Exodi.

- Cap. 3. 5. **S**olve calceamentum de pedibus tuis, 414.  
6. Ego sum Deus Patris tui, 129.  
13. Deus Patrum vestrorum misit me ad vos, 129.  
14. Ego sum qui sum, 414.  
Cap. 7. 1. Constitui te Deum Pharaonis. 25.  
Cap. 13. 18. Armati ascenderunt filii Israel de terra Aegypti. 144.  
Cap. 20. 12. Ut sis longevus super terram. 464.  
Cap. 25. 5. Pelle rubricatas, 400.  
11. Faciesque supra coronam auream per circumitum. 23.

### Ex Libro Numeri.

- Cap. 16. 48. **S**tans inter mortuos, & viventes deprecatus est pro populo, & plaga cessavit.

### Ex Libro Deuteronomii.

- Cap. 17. 18. **P**ostquam sederit in folio Regni sui, describet sibi Deuteronomium legis hujus, legetque illud omnibus diebus vite suae, ut discat timere Deum, neque declinet in partem dexteram, vel sinistram, ut longo tempore regnet ipse, & filii eius. 234.  
Cap. 21. 23. Maledictus a Deo est qui pendet a ligno. 457.

### Ex Libro Judicum.

- Cap. 5. 20. **S**Tella manentes in ordine; & cursu suo. 161.

### Ex Libro Regum 1.

- Cap. 9. 2. **N**on erat vir de filiis Israel melior illo, 382.  
Cap. 10. 23. Steti in medio populi, & altior fuit universo populo ab humero, & sursum. 382.  
24. Certè videtis quem elegit Dominus, quoniam non sit similis illi. 382  
24. Quoniam non sit similis illi in omni populo. 382.  
Cap. 15. 28. Scidit Dominus Regnum Israel a te hodie, & tradidit illud proximo tuo meliori te. 382.  
32. Siccine separat amara mors? 487.  
Cap. 16. 6. Ne respicias vultum eius, neque altitudinem stature ejus, quoniam abjeci eum. 401.  
7. Nec juxta intuitum hominis ego judico: homo enim videt ea, que parent, Dominus autem intuetur cor. 401.  
Cap. 17. 40. Elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente. 145.  
Cap. 18. 3. Inerant autem David, & Jonathan fœdus; diligebat enim omnia quasi animam suam. 421.  
Cap. 20. 17. Et addidit Jonathan dezerare David eo quod diligeret illum. 421.  
Cap. 29. 6. Veni Dominus, quia rectus es tu, & bonus in conspectu meo, sed non places Sarrapis: Scio quia bonus es tu in oculis meis sicut Angelus Domini. 125.

Index locorum

Ex Libro Regum 2.

- Cap. 1. 26. **D** Oleo super te, frater mi-  
jonatha, decore nimis,  
& amabilis super amorem mulie-  
rum: sicut mater unicum amat fi-  
lium suum, ita ego te diligebam.  
450.
- Cap. 2. 5. Benedixisti vos a Domino, qui  
fecistis misericordiam hanc cum Do-  
mino vestro Saul, & sepelivisti eum:  
& nunc retribuere vobis Domi-  
nus misericordiam, & veritatem.  
461.
- Cap. 8. 17. Josaphat a commentariis, &  
Saraias scriba. 246.
- Cap. 15. 13. Toto corde universus Israel  
sequitur Absalom. 243.
32. Infatua quasi. Domine, consi-  
lium Achitophel. 243.
- Cap. 16. 23. Quasi quis consuleret Domi-  
num. 256.
- Cap. 17. 14. Domini autem nutu dissipatum  
est consilium Achitophel utile.  
244.
- Cap. 19. 38. Est servus tuus Chamaa, ip-  
se vadat tecum, & fac ei quidquid  
tibi bonum visetur. 44.
38. Quidquid tibi placuerit, quod  
petieris a me, impetrabis. 44.

Ex Libro Regum. 3.

- Cap. 1. 37. **Q**uomodo fuit Dominus cum  
Domino meo Rege, sic sit  
cum Salomone, & subli-  
mus faciat solum ejus a solo Do-  
mino mei Regis David. 45.
47. Amplificet Deus nomen Salo-

monis super nomen tuum, & magni-  
ficet thronum ejus super thronum  
tuum. 36.

- Cap. 2. 16. Petitionem unam precor a te, ne  
confundas faciem meam. 90.
20. Petitionem parvulam. 106.
- Cap. 11. 3. Eueruntque ei uxores quasi ve-  
gina septingenta. 8.
- Cap. 12. 8. Reliqui consilium senium; qui  
assitebant coram Salomone pater  
ejus, cum adhuc viveret, & ad-  
hibuit adolescentes, qui nutriti fu-  
erant cum eo, & assitebant illi.  
128.
14. Pater meus cecidit vos flagellis,  
ego autem cadam vos scorpionibus.  
127.
- Cap. 22. 20. Quis decipiet Acab Regem  
Israel, ut ascendat, & cadat in Ra-  
moth? 223.
21. Et dixit unus verba hujusmo-  
di, & alius aliter. 234.
22. Ego decipiam illum: egredier,  
& ero spiritus mendax in ore omnium  
Prophetarum eius. 234.

Ex Libro Tobia.

- Cap. 6. 8. **C**ordis ejus particulam. si  
super carbones ponas, fu-  
mus ejus extricat omne genus de-  
moniorum, & fel valet ad ungen-  
dos oculos, in quibus fuerit albugo,  
& sanabuntur. 340.

Ex Libro Esther.

- Cap. 7. 8. **N**ecdum verbum de ore  
Regis exierat, & statim  
operuerunt faciem ejus. 459.

Sacra Scriptura.

Ex Lib. o Job.

- Cap. 17. 3. **P**one me juxta te, & cujusvis manus pugnet contra me. 250.
- Cap. 19. 22. Quare persequimini me, & carnibus meis saturamini. 348.
- Cap. 38. 10. Circumdedit illua, terminis suis te dixi, huc venies, & non procedes amplius. 202.
- Cap. 4. 18. Et siuanciam habet quod influat Jordanis in os ejus. 23.
- Cap. 42. 11. Venerunt ad eum omnes amici, & cognati ejus, cognoverant eum prius. 167.

Ex Libro Psalmoium.

- Pfal. 2. 6. **E**go autem constitutus sum Rex ab eo super Sion Montem sanctum ejus: Dominus dixit ad me, filius meus es tu. 50.
10. Et nunc Reges intelligite, erudimini qui iudicatis terram. 30.
- Pfal. 4. 3. Ut quia diligitis vanitatem, & quaritis mendacium. 464.
3. Filii hominum usque quo gravi corde, ut quid diligitis vanitatem. 67.
- Pfal. 7. 5. Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis inanis. 464.
14. Arcum suum tetendit, & paravit illum, & in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit. 495.
- Pfal. 10. 6. Pluet super peccatores laqueos. 191.
- Pfal. 11. 37. Averte oculos meos, ne vide-

ant vanitatem. 344.

- Pfal. 13. 4. Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui adorant plebem meam, ut citius panis? 349.
- Pfal. 15. 14. Quoniam non dabis Sanctum tuum videre corrumpionem. 28.
- Pfal. 17. 12. Tenebroza aqua in nubibus a-eris. 365.
- Pfal. 22. 5. Fiat mensa eorum in laqueum. 191.
- Pfal. 24. 10. Univerza via Domini misericordia, & veritas. 446.
- Pfal. 32. 9. Ipse dixit, & facta sunt. 26.
- Pfal. 34. 15. Congregata sunt super me flagella, & ignoravi. 434.
- Pfal. 35. 6. Domine in Calo misericordia tua, & veritas tua usque ad nubes. 446.
11. Non abscondi misericordiam tuam, & veritatem tuam a consilio multo. 446.
- Pfal. 38. 7. Et ignorat cui congregabis ea. 486.
- Pfal. 39. 18. Ego autem mendicus sum, & pauper. 211.
- Pfal. 44. 6. Sagitta tua acuta, populi subire cadent in corda inimicorum Regis. 495.
10. Assuit Regina a dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate. 18.
14. Omnis decor ejus ab intus in simbriis aureis circumamicta vanitate. 18.
14. Omnis gloria ejus filia Regis ab intus. 19.
16. Memores erunt nominis tui: propterea populi confitebuntur tibi. 389.

## Index locorum

17. Pro patribus tuis nati sum tibi filii. 389.
- Pfal.** 59. 6. Dediti motuentibus te significationem, ut fugiant a facie arcus, & liberentur dilecti tui. 495.
- Pfal.** 61. 10. Mendaces filii hominum in stateris, ut decipiant de vanitate in id ipsum. 66.
19. Mendaces filii hominum in stateris 330.
- Pfal.** 71. 3. Suscipiant montes pacem populo, & colles iustitiam. 440.
7. Orietur in diebus ejus iustitia, & abundantia pacis. 440.
8. Dominabitur a mari usque ad mare, & a flumine usque ad terminos orbis terrarum. 153.
- Pfal.** 72. 28. Mihi autem adhaerere Deo bonum est. 360.
- Pfal.** 73. 23 Superbia eorum ascendit semper. 270.
- Pfal.** 74. 3. Cum accepero tempus, ego iustitias judicabo. 497.
- Pfal.** 75. 9. Terra tremuit, & quiescit, dum exurgeret in iudicium Deus. 493.
- Pfal.** 77. 72. In intellectibus manuum suarum deduxit eos. 212.
- Pfal.** 83. 12. Misericordiam, & veritatem diligit Deus. 446.
- Pfal.** 87. 11. Nunquid mortuis facies mirabilia? 453.
12. Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, & veritatem tuam in perditione? 453.
- Pfal.** 88. 15. Misericordia, & veritas praecedent faciem tuam. 446.
49. Quis est homo, qui vivit, & non videbit mortem? 111.
- Pfal.** 89. 4. Mille anni ante oculos tuos tanquam dies. 471.
- Psal.** 103. 19. Sol cognovit occasum suum. 427.
- Psal.** 109. 1. Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis. 49.
- Psal.** 113. 1. Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam: super misericordia tua, & veritate tua. 446.
5. Quid est tibi mare, quod fugisti, & in Jordanis quia conversus es retrorsum? 23.
7. A facie Domini mota est terra, a facie Dei Jacob. 23.
- Psal.** 116. 1. Laudate Dominum omnes gentes, quoniam confirmata est super nos misericordia ejus, & veritas Domini manet in aeternum. 446.
- Psal.** 118. 24. Consilium meum justificationes tuae. 256
66. Quia mandatis tuis credidi. 268
96. Omnis consummationis vidi finem, latum mandatum tuum nimis. 488.
170. Intret postulatio mea in conspectu tuo. 106.
- Psal.** 137. 2. Super misericordia tua, & veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen tuum Sathanum. 446.
- Psal.** 138. 6. Mirabilis facta est scientia tua ex me. 377.
- Psal.** 145. 3. Nolite considerare in principibus, in quibus non est salus. 22.

Ex Libro Proverbiorum.

Cap. 19. 17 **F**œneratur Domino qui miseretur pauperi. 464.

Cap.

## Sacra Scripturae.

Cap. 27. 10. *Amicum tuum, & amicum patris u. a. d. e. miseris.* 129.

Cap. 31. 10. *Mulierem fortem quis inueniet?* 5.

13. *Operata est consilio manuum suarum.* 242.

14. *Facta est quasi navis institoris de longe portans panem suum.* 306.

### Ex Libro Ecclesiastes.

Cap. I. 1. **V** *Erba Ecclesiasta, filii David Regis Hierusalem: vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* 65.

2. *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* 344.

4. *Generatio praeierit, generatio aduenit.* 474.

4. *Generatio praeierit, generatio aduenit, terra autem in aeternum stat.* 483.

Cap. II. 3. *Si ceciderit lignum ad Austrum, aut Aquilonem, in quocumque loco ceciderit, ibi erit.* 507.

### Ex Libro Canticorum.

Cap. I. 4. **N** *Igra sum, sed formosa, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* 400.

7. *Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres.* 412.

6. *Quem diligis anima mea.* 412.

9. *Equitatus meo in curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea.* 192.

Cap. 2. 5. *Quia amore langueo.* 192.

5. *Fulcite me floribus, stipate me*

*malis; quae amore langueo.* 433.

12. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aauenit.* 498.

Cap. 3. 6. *Qua est ista, qua ascendit per desertum sicut virgula sumi ex aromantibus myrrha, & thuris.* 304.

Cap. 4. 4. *Mille clypei pendent ex ea omnis armatura fortium.* 58.

6. *Vadam ad montem myrrha, & ad collem thuris.* 304.

Cap. 5. 5. *Surrexi ut aperirem dilecto, at ipse declinauerat, atque tranfierat.* 192.

7. *Percusserunt me, & tulerunt pallium meum custodes murorum.* 192.

8. *Adjuro vos filia Hierusalem si inueneritis dilectum, ut nuntiatis ei, quia amore langueo.* 433.

Cap. 6. 9. *Qua est ista, qua ascendit electa ut Sol.* 31.

9. *Qua est ista, qua progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol.* 298.

Cap. 8. 14. *Fuge dilecte mi.* 192.

### Ex Libro Sapientiae.

Cap. 6. 6. **P** *Rebete aurem vos qui continetis multitudinem, quoniam data est a Domino potestas vobis iudicium durissimum his, qui praesunt, fiet, exiguo enim conceditur misericordia, potens autem Potentior tormenta patientur.* 504. 505.

Cap. 19. 7. *Campus germinans de profundo maris.* 23.

Ex

## Index locorum

### Ex Libro Ecclesiastici.

- Cap. 3. 2. **J**udicium Patris audite filii,  
& sic facite, ut salvi sint. 122.
- Cap. 11. 1. Sapiencia humiliati exaltabit  
caput illius, & in medio magnatorum  
confedere illum faciet. 396.
2. Non laudes virum in specie sua,  
neque spernas hominem in visu suo.  
400.
- Cap. 12. 10. Non credas inimico tuo in  
aeternum. 283.
- Cap. 24. 13. In electis meis mitte radices.  
228.
- Cap. 31. 9. Qui potuit transgredi, & non  
est transgressus, facere mala, & non  
fecit, quis est hic, & laudabimus  
eum, fecit enim mirabilia in vita sua.  
506.
- Cap. 32. 28. Qui credit Deo, attendit man-  
datis. 268.

### Ex Prophetia Isaia.

- Cap. 1. 3. **C**ognovit bas possessorem  
suum, & asinus praesepe  
Domini sui, Israel autem me non  
cognovit. 171.
- Cap. 7. 11. Pete tibi signum à Domino in  
profundum inferni, sive in excelsum  
supra. 105.
11. Non petam. 209.
- Cap. 9. 3. Multiplicasti gentem, & non  
magnificasti lautitiam. 389.
- Cap. 18. 2. Ite Angeli veloces ad gentem  
expectantem. 151.
- Cap. 43. 24. Servire me fecisti in peccatis  
tuis. 273.

- Cap. 45. 1. Christo meo Cyro. 7.
- Cap. 53. 2. Vidimus eum, & non erat as-  
pectus, quasi absconditus vultus ejus.  
489.
8. Quia abscisus est de terra viven-  
tium. 439.
8. Generationem ejus quis enarrabit?  
459.
- Cap. 65. 22. Non aedificabunt, & alius ha-  
bitabit, non plantabunt, & alius  
metet. 486.

### Ex Libro Jeremiae.

- Cap. 1. 6. **E**T dixi A, A, A, Domine  
Deus, quia puer ego sum.  
148.
- Cap. 2. 13. Magna est velut mare contritio  
tua. 307.

### Ex Prophetia Danielis.

- Cap. 3. 79. **B**enedicite cete, & omnia  
qua moventur in aquis  
Domino. 336.
- Cap. 4. 24. Peccata tua elemosynis redime.  
214.
- Cap. 5. 27. Appensus es in statera. 500.
27. Appensus es in statera, & in-  
ventus es minus habens. 385.
30. In eadem nocte interfectus est  
Balthasar. 500.
- Cap. 12. 3. Quali stella in perpetuas aeter-  
nitates. 161.

### Ex Prophetia Osee.

- Cap. 13. 14. **E**ro mors tua, o mors.  
28. 195.

## Sacræ Scripturæ.

Ex Prophetia Amòs.

Cap. 5. 11. **D**omus quadro lapide  
adificabitur, & non  
habitabit in eis: vineas plantabi-  
tis amantissimas, & non bibetis  
vinum earum. 486.

Ex Prophetia Jonæ.

Cap. 2. 4. **A**dhuc quadraginta dies.  
499.

Cap. 3. 5. **C**æpit Jonas predicare itinere  
unius diei, & crediderunt viri  
Ninivæ in Deum. 285.

Ex Prophetia Michææ.

Cap. 5. 2. **E**gressus ejus ab initio à di-  
ebus æternitatis. 302.

Ex Prophetia Habacuc.

Cap. 1. 1. **I**n medio annorum notum  
facies. 470.

Cap. 3. 8. **V**iam fecisti in mari equis tuis,  
& quadriga tua salvatio. 150.

Ex Prophetia Malachiæ.

Cap. 4. 2. **S**anctitas in pennis ejus. 149.

Ex Divo Matthæo,

Cap. 1. 1. **F**ilii David, filii Abraham  
14.

Cap. 2. 2. **V**idimus stellam ejus, & veni-  
mus. 160.

3. **T**urbatus est Herodes, & om-

nis Hierosolyma cum illo. 451.

19. **D**efuncti sunt enim qui quere-  
bant animam pueri. 359. 449.

20. **D**efuncto Herode. 449.

Cap. 4. 1. **D**uctus est **J**ESUS in desertum.  
55.

3. **S**i filius Dei es, dic ut lapidee  
isti panes fiant. 55. 25.

8. **A**ssumpsit eum diabolus in mon-  
tem excelsum, & ostendit ei om-  
nia regna mundi, & gloriam eor-  
um. 375.

10. **D**ominum Deum tuum ado-  
rabis, & illi soli servies. 58.

22. **R**elictis rebus, & patre,  
208.

Cap. 5. 13. **Q**uod si sal evanuerit, in quo  
salietur? Ad nihilum valet ultra,  
nisi ut mittatur foras, & concul-  
cetur ab hominibus. 331.

23. **S**i offers munus tuum ad al-  
tare, relinque ibi munus tuum, &  
vade prius reconciliari fratri tuo.  
288.

42. **Q**ui petit à te, da ei. 209.

44. **E**go autem dico vobis: dili-  
gite inimicos vestros. 288.

Cap. 6. 24. **N**on potestis Deo servire, &  
mammonæ. 272.

24. **N**emo potest duobus dominis ser-  
vire. 272.

25. **A**ut unum odio habebit, &  
alterum diliget, aut unum susti-  
nebit, & alterum contemnet. 273.

Cap. 8. 24. **I**pse verò dormiebat. 372.

Cap. 10. 28. **N**olite timere eos, qui occidunt  
corpus. 22.

Cap. 11. 27. **O**mnia mihi tradita sunt à  
Patre meo. 75.

28. 29. **V**enite ad me omnes, qui  
labo-

## Index locorum

- laboratis , & onerati estis , & ego reficiam vos : tollite iugum meum super vos ; & inuenietis requiem animabus vestris. 269.
- Cap. 13. 28. Vis , inus , & colligimus ea? 122.
29. Ait illis. Non 122.
29. Ne colligentes zizania , eradicetis simul & triticum. 122.
30. In tempore messis dicam messoribus. 122.
44. Quem qui inuenit homo. 219.
44. Vadit , & vendit uniuersa , que habet , & emit agrum illum. 219.
45. Simile est Regnum Calorum homini negotiatori , querenti bonas margaritas , inuenta una pretiosa margarita , dedit omnia sua , & comparauit eam. 76.
47. Sagena missa in mare. 335.
48. Collegerunt bonos in uasa , malos autem foras miserunt. 335.
- Cap. 16. 16. Vos autem quem me esse dicitis? Tu es Christus Filius Dei uiui. 264.
18. Tu es Petrus , & super banc petram adificabo Ecclesiam meam. 139.
24. Si quis uult venire post me , abneget semetipsum , & tollat crucem suam. 279.
26. Quid prodest homini , si uniuersum mundum lucretur , anima uero sua detrimentum patiatur. 61. 257.
- Cap. 17. 4. Domine bonum est nos hic esse. 406.
- Cap. 18. 1. Quis putas maior est in Regno Calorum? 98.
3. Nisi efficiamini sicut paruuli , non intrabitis in Regnum Calorum. 271.
- Cap. 19. 21. Si uis perfectus esse , uende que habes , & da pauperibus. 209.
27. Ecce nos reliquimus omnia , & secuti sumus te : quid ergo erit nobis? 391.
28. Sedebitis super sedes duodecim. 391.
29. Centuplum accipiet , & uitam aeternam possidebit. 274.
- Cap. 20. 16. Multi enim sunt uocati , pauci uero electi. 381.
21. Ad dextram , & sinistram in Regno tuo. 107.
22. Nescitis quid petatis. 111.
23. Non est meum dare uobis , sed quibus paratum est a Patre meo. 376.
- Cap. 22. 2. Regi , qui fecit nuptias filio suo 8.
11. Intravit Rex ut uideret discumbentes. 8.
- Cap. 24. 32. Videtis ficulneam , & omnes arbores , cum iam producant ex se fructus , scitis quia prope est aestas. 498.
35. Amen dico uobis. 476.
33. Scitote , quia prope est (in januis) 490.
37. Sicut fuit in diebus Noe. 487.
40. Unus assumetur , & unus relinquetur. 501.
- Cap. 25. 2. Quinque autem ex eis erant sancta , & quinque prudentes. 501.
6. Ecce sponsus uenit 491.
9. Ne forte non sufficiat nobis , & uobis. 84.

## Sacra Scriptura.

11. Clausa est janua. 393.  
 36. In carcere oram, & venistis ad me. 222.  
 39. Domine, quando te vidimus in carcere, & venimus ad te? 222.  
 Cap. 26. 9. *U*t quid perditio hac? Potuit enim unguentum istud venundari multo, & dari pauperibus. 443.  
 10. Opus enim bonum operata est in me. 447.  
 12. Mittens hac unguentum hoc in corpus meum ad sepeliendum me fecit. 448.  
 31. Percutiam pastorem, & dispergentur oves. 264.  
 31. Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte. 264.  
 35. Similiter omnes discipuli dixerunt. 264.  
 50. Amice ad quid venisti? 418.  
 51. Injecerunt manus in Jesum, & tenuerunt eum. 181.  
 Cap. 27. 5. *P*rojectis argenteis in templo. 272.  
 5. Laqueo se suspendit. 191.  
 6. Non licet eos mittere in core bonam. 272.  
 7. Emerunt ex illis agrum figuli in sepulturam peregrinorum.  
 35. Diviserunt sibi vestimenta mea, & super vestem meam miserunt sortem. 84.  
 40. Salva te metipsum, & nos. 187.  
 42. Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere. 187.  
 42. Si filius Dei est descendat de cruce & credimus ei? 77.  
 52. Monumenta aperta sunt, & multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt. 277.

### Ex Divo Marco.

- Cap. 5. 7. **B**Eati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur. 463.  
 Cap. 10. 14. *S*inite parvulos ad me venire talium est enim Regnum Calorum. 8.  
 25. Foramen. 271.  
 30. Centies tantum nunc in tempore hoc, & in saeculo futuro vitam eternam. 273.  
 Cap. 13. 31. *D*e die autem illo, & hora nemo scit, neque in Calo, neque filius, nisi Pater. 473.  
 Cap. 14. 8. *V*oluit praevenire sepulturam meam. 448.  
 37. Sic non potuisti una hora vigilare mecum? 356.  
 64. *C*ondemnaverunt eum esse reum mortis, & coeperunt quidam conspuere eum, & velare faciem ejus. 459.

### Ex Divo Luca.

- Cap. 1. 30. **A**Ve gratia plena. 290.  
 31. *E*cce concipies, & paries filium, & vocabis nomen ejus **JESUM**; hic erit magnus, & filius Altissimi vocabitur: dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob, & regni ejus non erit finis. 53.  
 31. *I*nvenisti gratiam apud Deum. 290.  
 Cap. 2. 7. *Q*uia non erat eis locus in diversorio. 436.

## Index locorum

14. Et in terra pax hominibus. 440.
- Cap. 3.9. Jam securis ad radicem arboris posita est. 514.
- Cap. 4.5. Ostendit ei omnia regna orbis terre in momento. 68.
6. Tibi dabopotestatem hanc universam, & gloriam eorum, quia mihi tradita sunt, & cui volo, do illa. 80.
13. Et consummata omni tentatione diabolus recessit ab illo usque ad tempus. 77.
- Cap. 6.13. Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit 372.
13. Et cum dies factus esset. 379.
16. Et Judam Iscarioten, qui fuit proditor. 387.
- Cap. 7.12. Ecce defunctus efferebatur filius unicus matris suae, & haec vidua erat, & multitudo copiosa plebit cum illa. 455.
- Cap. 9.33. Nesciens quid diceret. 408.
46. Quis eorum esset maior. 271.
- Cap. 11.27. Beatus venter qui te portavit. 324.
28. Imò beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. 324.
- Cap. 12.20. Quo autem parasti, cujus erum? 486.
35. Lucerna ardentem in manibus vestris, & vos similes hominibus expectantibus dominum suum. 498.
36. 37. 38. 39. Ut cum venerit, & pulsaverit: Beati servi, quos cum venerit dominus: quòd si venerit in secunda vigilia; quòd si in tertia vigilia venerit: & vos estote parati, quia qua hora non putatis, filius hominis veniet. 491.
- Cap. 14.31. Quis Rex iturus committere bellum adversus alium Regem. 8.
35. Videte regiones, quia alba sunt ad messem. 140.
- Cap. 15.12. Pater da mihi portionem substantiae, qua me coningit. 112.
12. Divisit illi substantiam. 112.
19. Pater non sum dignus vocari filius tuus. 158.
- Cap. 16.2. Redde rationem villicationis tuae. 497.
6. Scribe octoginta 249.
7. Scribe quinquaginta 249.
- Cap. 17.37. Ubi cumque fuerit corpus illic congregabuntur & Aquila. 118.
- Cap. 18.32. Tradetur gentibus, & illudetur, & flagellabitur, & conspuetur, & postquam flagellaverint, occident eum. 434.
- Cap. 19.8. Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus, & si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum. 108.
12. Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum. 8.
13. Negotiamini dum venio. 498.
275. 3.
- Cap. 21.26. Arescentibus hominibus praetimore, & expectatione, qua superventura sunt universo Orbi. 499.
28. Respicite, & levate capita vestra, quoniam appropinquat redemptio vestra. 217.
32. Amen dico vobis, non praeteribit generatio haec, donec haec omnia fiant. 474. 475.
48. Osculo tradis filium hominis? 191.
- Cap. 22.3. Intravit Satan in Judam; & quarebat opportunitatem, ut tra-

## Sacra Scripturae.

traderet illum : venit autem dies  
Azymorum, in qua oportebat occidi  
Pascha. 78.

19. Hoc est corpus meum. 26.

24. Quis eorum esset maior. 374.

31. Ecce Satanas expetivit vos, ut  
cribraret sicut triticum. 264.

64. Velaverunt eum, & percutiebant  
faciem ejus. 429.

Cap. 23. 34. Pater, imitte illis, non enim  
sciunt quid faciunt. 435.

43. Hodie mecum eris. 99.

### Ex Divo Joanne.

Cap. 1. 10. **I**n mundo erat, & mandus  
per ipsum factus est, & mun-  
dus eum non cognovit ; in propria  
venit, & sui eum non receperunt.  
171.

12. Dedit eis potestatem filios Dei fie-  
ri. 323.

14. Plenum gratia, & veritatis.  
464.

14. Gloriam quasi Unigeniti a Patre  
plenum gratia. 303.

42. Tu vocaberis Cephas. 140.

48. Ecce verus Israelita, in quo do-  
lus non est. 396.

Cap. 2. 11. Hoc fecit initium signorum Je-  
sus in Cana Galilee, & crediderunt  
in eum Discipuli ejus. 263.

Cap. 3. 16. Sic Deus dilexit mundum, ut  
Filium suum unigenitum daret.  
50.

Cap. 4. 21. Mulier, crede mihi. 261.

Cap. 5. 22. Pater non judicat quemquam,  
sed omne iudicium dedit filio. 49.

25. Venit hora, & nunc est. 478.

479.

29. 30. Omnes, qui in monumentis  
sunt, audient vocem filii Dei ; &  
procedent, qui bona fecerunt, in re-  
surrectionem vite, qui vero mala  
egerunt, in resurrectionem iudicii.  
478.

Cap. 6. 15. Jesus autem cum cognovisset,  
quia venturi erant ut raperent eum,  
& facerent eum Regem, fugit.  
238.

Cap. 8. 33. 39. Nos semen Abrahae sumus.  
460.

46. Si veritatem dico vobis, quare  
non creditis mihi? 258.

Cap. 10. 38. Si mihi non vultis credere ;  
operibus credite. 261.

Cap. 11. 25. Qui credit in me, etiam si  
mortuus fuerit, vivet. 261.

46. Vos nescitis quidquam. 357.

47. Quid facimus, quia hic homo  
multa signata facit? 237.

47. Collegeram Pontifices, & Pha-  
risaei concilium. 230. 232.

48. Si dimittimus eum sic, venient  
Romani, & tollent locum nostrum ;  
& gentem. 251.

53. Ab illo ergo die cogitaverunt ut  
interficerent eum. 241.

54. Jesus ergo jam non in palam  
ambulabat apud Iudaeos, sed abiit  
in regionem juxta desertam, in ci-  
vitatem, quae dicitur Ephrem ;  
240.

Cap. 12. 6. Dixit autem hoc, non quia de-  
egenis pertinebat ad eum ; sed quia  
fur erat, & oculos habens.  
443.

23. Benedictus qui venit in nomine  
Domini, Rex Israel. 238.

26. Ubi ego sum, illic & minister  
meus

## Index locorum

- meus erit. 99.
32. Ego cum exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum. 75.
- Cap. 13. 1. Sciens Iesus quia venit hora eius, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. 402.
1. Cum dilexisset suos, qui erant in mundo. 416.
2. Cum jam diabolus misisset in cor, ut traderet eum Iudas, cepit lavare pedes Discipulorum. 78.
3. Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, & quia a Deo exiit, & ad Deum vadit. 402. 75. 413.
4. Sciens quia a Deo exiit, ponit vestimenta sua. 414.
6. Tu mihi? 413.
7. Quod ego facio, tu nescis. 402.
11. Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum. 415. 402.
13. Scitis quid fecerim vobis? 402.
18. Qui manducat hunc panem, vivet. 191.
- Cap. 14. 1. Creditis in Deum, & in me credite. 261.
3. Si abiero, & paravero vobis locum, iterum venio, & recipiam vos ad me ipsum. 491.
- Cap. 15. 1. Pater meus Agricola est. 147.
15. Jam non dicam vos servos, sed amicos. 418.
- Cap. 15. 16. Tu scis Domine, quia amo te. 437.
24. Usque modo non petistis quidquam. 207.
- Cap. 18. 3. Iudas ergo cum accepisset cohortem. 251.
4. Sciens omnia, quae ventura erant super eum, processit, & dixit: quem queritis? 418.
5. Ego sum. 181.
8. Si ergo me queritis, finite hos abire. 360.
- Cap. 19. 10. Nescis quia potestatem habeo? 357.
11. Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris. 253.
12. Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris, omnis enim, qui se Regem facit, contradicit Caesari. 21.
23. Quod scripsi, scripsi. 248.
23. Stabat juxta crucem Iesu Mater eius. 290.
28. Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit, sitio. 408.
34. Exiit sanguis, & aqua. 156.
- Cap. 20. 25. Nisi videro fixuram clavorum, & mittam manum meam in latus eius non credam. 143.
27. Dominus meus, & Deus meus. 143.
- Cap. 21. 16. Diligis me? 175.
17. Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio, amas me?

### Ex Libro Actorum.

- Cap. 1. 15. **E**rat autem turba hominum simul fere centum viginti. 116.
17. Qui connumeratus erat in nobis. 394.
21. Oportet ergo. 394.
24. Orantes dixerunt: tu Domine qui corda nosti omnium, ostende quem elegeris ex his duobus. 378.
25. Oportet accipere locum ministerii huius, & Apostolatus, de quo prevaricatus est Iudas, ut abiret in

## Sacra Scriptura.

in locum suum. 116.

26. Et annumeratus est cum undecim. 394.

Cap. 2. 31. Et apposita sunt in die illa anima circiter tria millia. 116.

Cap. 4. 42. Cor unum, & anima una. 116.

Cap. 5. 15. Quemquam illorum. 198.

15. Ita ut in plantas ejicerent infirmos, & ponerent in lectulis, ac grabatis, ut veniente Petro, &c. 199.

16. Concurrerat multitudo vicinarum Civitatum Hierusalem affequentes agros. 199.

18. Injecerunt manus in Apostolos, & posuerunt eos in custodia publica. 222.

Cap. 9. 15. Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, & Regibus. 391.

### Ex Epistola Divi Pauli ad Romanos.

Cap. 4. 17. **Q**ui vocat ea, qua non sunt, tanquam ea, qua sunt. 26.

Cap. 4. 20. Ubi abundavit delictum, superabundavit, & gratia. 295.

Cap. 8. 29. Quos praecevit, & praecevit conformes fieri imaginis filii sui, ut sit ipse Primogenitus in multis fratribus. 301.

23. Ipsi intra nos gemimus, adoptionem filiorum Dei expectantes, redemptionem corporis nostri. 217.

### Ex Epistola ad Corinthios 1.

Cap. 1. 23. **P**radicamus Christum crucifixum, Judais

quidem scandalum, gentibus autem stultitiam. 278.

Cap. 7. 31. Praeterit enim figura hujus mundi. 483.

Cap. 9. 27. Castigo corpus meum, & in servitutem redigo, ne cum aliis predicaverim, ipse reprobus efficiar. 184.

Cap. 15. 17. Si Christus non surrexit, vana est fides nostra. 226.

### Ex Epistola ad Corinthios 2.

Cap. 4. 18. **N**on contemplantibus nobis qua videntur, sed qua non videntur: qua enim videntur, temporalia sunt, qua non videntur, aeterna. 72.

Cap. 8. 9. Scitis enim gratiam Domini nostri IESU Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis. 210.

Cap. 11. 25. Die, ac nocte in profundo maris fui. 100.

Cap. 12. 9. En dixit mihi, sufficit tibi gratia mea. 100.

8. Propter quod ter Dominum rogavi. 100.

Cap. 15. 10. Gratia ejus in me vacua non fuit, sed abundantius omnibus laboravi. 101.

### Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 3. 13. **M**aledictus omnis, qui pendet in ligno. 457.

## Index locorum

Ex Epistola ad Ephesios.

perveniet interitus. 496.

Cap. 2. 2. **P** Rincipem potestatis aeris  
hujus. 193.

Cap. 4. 13. *In mensuram etatis plenitudi-  
nis Christi.* 472.

Ex Epistola ad Philipenses.

Cap. 2. 6. **N** On rapinam arbitratus  
est esse se aequalem Deo.  
48.

79. *Sed semetipsum exinanivit, for-  
mam servi accipiens, in similitudi-  
nem hominum factus, & habitu  
inventus ut homo: propter quod &  
Deus exaltavit illum, & donavit  
illi nomen, quod est super omne no-  
men.* 49.

7. *Qui cum in forma Dei esset, exina-  
nivit semetipsum, formam servi accipi-  
ens.* 13.

9. *Factus obediens usque ad mortem,  
mortem autem crucis: propter quod  
& Deus exaltavit illum, & dona-  
vit illi nomen, quod est super omne  
nomen.* 296.

9. *Et dedit illi nomen super omne  
nomen, ut in nomine IESU om-  
ne genu flectatur.* 446.

Ex Epistola ad Colossenses.

Cap. 1. 18. **U** T sit in omnibus prima-  
tum tenens. 301.

Ex Epistola ad Thessalonenses.

Cap. 5. 3. **C** Um dixerint pax, & se-  
curitas repentinus eis su-

Ex Epistola ad Timotheum 1.

Cap. 1. 19. **C** Ommendo tibi, fili Ti-  
mothee, secundum pro-  
cedentes in te prophetias, ut milites  
in illis bonam militiam, habens fi-  
dem, & bonam conscientiam,  
quam quidam repellentes circa fi-  
dem naufragaverunt. 286.

Cap. 2. 6. *Qui dedit semetipsum redemp-  
tionem pro omnibus.* 71.

Ex Epistola ad Timotheum 2.

Cap. 4. 8. **R** Eposita est mihi corona  
justitiae, quam reddet mi-  
hi Dominus justus iudex. 107.

Ex Epistola ad Hebraeos.

Cap. 1. 2. **Q** Uem constituit heredem  
universorum. 75.

Cap. 2. 9. *Videmus IESUM pro-  
pter passionem mortis gloria, & ho-  
nore coronatum.* 303.

10. *Decebat enim eum propter quem  
omnia, & per quem omnia, qui  
multos filios in gloriam adduxerat,  
authorem salutis eorum per passionem  
consummare.* 301.

Cap. 11. 1. *Argumentum non apparentium.*  
279.

25. *Magis eligens affligi cum popu-  
lo Dei, quam temporatis peccati ha-  
bere iucunditatem.* 312.

Ex

## Sacra Scriptura.

### Ex Epistola ad Titum.

Cap. 1. 16. **C**onfiteantur se nosse Deum, factis autem negant. 289.

### Ex Epistola Divi Jacobi.

Cap. 2. 23. **A**braham Pater noster non ne ex operibus iustificatus est, offerens Isaac filium suum super altare? & suppleta est Scriptura dicens. Credidit Abraham Deo. 282.

Cap. 5. 9. Quoniam adventus Domini appropinquavit, nolite ingemiscere fratres in alterutrum, ut iudicemini, ecce iudex ante januam assistit. 490.

### Ex Epistola Divi Petri. 1.

Cap. 3. 19. 20. **H**is qui in carcere herant spiritibus veniens predicavit, qui increduli fuerant aliquando, quando expectabant Dei patientiam in diebus Noe, cum fabricaretur Arca. 266.

### Ex Epistola Divi Petri. 2.

Cap. 1. 10. **Q**uapropter fratres, magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis. Haec

enim facientes non peccabitis aliquando. Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in aeternum, Regnum Domini Nostri, & Salvatoris IESU Christi. 519.

### Ex Epistola Divi Joannis. 1.

Cap. 2. 17. **M**undus transit, & concupiscencia eius.

Cap. 3. 1. Ut filii Dei nominemur, & simus. 324.

### Ex libro Apocalypsis.

Cap. 1. 4. **G**ratia vobis, & pax ab eo, qui est, & qui erat, & qui venturus est, & a septem spiritibus, qui in conspectu Throni eius sunt. 389.

Cap. 2. 18. 12. Angelo Ecclesiae Ephesi: Angelo Ecclesiae Smirna: Angelo Pergami Ecclesiae. 389.

3. Veniam ad te tamquam fur, & nescies qua hora veniam. 491.

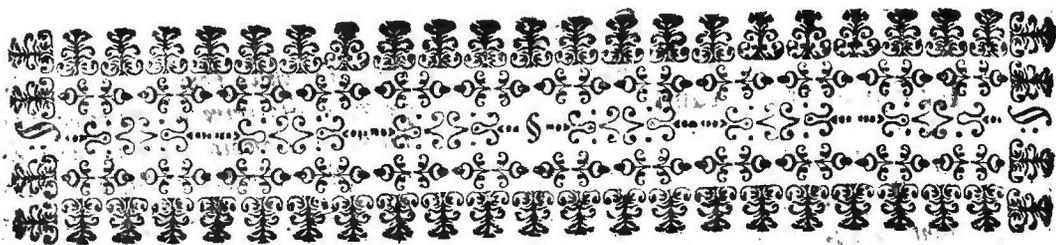
Cap. 8. 1. Factum est silentium in Caelo quasi media hora. 87.

Cap. 12. 1. Signum magnum apparuit in Caelo. 16.

14. Et data sunt mulieri duae alae Aquilae magnae ut volaret. 17.

Cap. 21. 15. Ut metiretur civitatem, & portas eius & murum. 271.

21. Singulae portae erant ex singulis margaritis. 271.



# INDICE

## Das couzas mais notaveis.

*Os numeros , não significão folha , nem pagina , nem columna , senão o numero marginal.*

### A

**A.A.A.** **A** Os três A.A.A. com que Jeremias se elcuzava de ser Profeta das gentes, respôdeo Deos com Africa, Asia, America. 148.

**Abraham.** Não se louva em Abraham o crer em Deos, senão o crer a Deos: E porque. 280.282. Detrevemse às difficuldades, que venceu Abraham para se haver por provado, que cria a Deos. 281.282. Porque se diz que foy tentado Abraham, & não Isaac, sendo este o que havia de ser sacrificado? 159. Quando ambos caminham vão para o sacrificio, Abraham merecia muyto, & Isaac não; porque Abraham sabio onde hia, & Isaac ignorava-o. 426. O sacrificio foy louvado no Pay, & premiado no Filho: E porque? 43.

**Abfalam.** Quer dizer paz de seu Pay, & quando morreo enforcado, então se

cumprio nelle a Profecia do nome 439. O conselho de Achitofel não se enfatuou no entendimento de Achitofel, senão nas mãos de Abfalaõ. 244.

**Abuzo.** Dar-se por razão: não he costume na nossa terra, quam grande abuzo seja. 123.

**Acabar.** Tanto monta que o mundo se acabe para mim, como eu para elle. 484.

**Acab.** Porque chamou ao pedir tentação. 105.

**Acerto.** Dos erros, & dos acertos, como do aço, & do cristal se compoem o espelho Christaõ, cu politico? 230. A eleição que se faz com Deos, faz-le com acerto, & brevidade. 379.

**Accuzação.** Christo accuzado de se fazer Rey, & provada a accuzação por modo admiravel. 21.

*das couzas mais notaveis.*

**Adam.** O Genero Humanô pela desobediência de Adam ficou togeito a dous cativeiros, o do peccado, & o da morte: do primeiro cativeiro já está remido, do segundo ainda não, 217. Se Adam não peccára, sendo Maria Mãy de Deos, não havia de ter tanta graça como hoje tem. 295.

**Adonias.** Por huma petiçãozinha que fez, perdeu a cabeça. 106.

**Advento.** Os Adventos de Christo são tres, & quaes? 489. 490.

**Agora.** É então em respeito do dia da morte, & do dia do juizo, não tem opposição: o agora he então, & o então he agora. 479.

**Agostinho.** Os Portuguezes deraõ fundo com as ancoras, onde S. Agostinho não achou fundo com o entendimento. 152.

**Aguia.** A grande Aguia do mundo he Hespanha, as duas azas desta Aguia Portugal, & Aragão. 17. Os Pretendentes são como Aguias vulturinas, que em cheirando corpo morto, logo voão a cevarse. 115. 116.

**Ajoelhar.** Não conseguio o Demonio, que Christo se lhe ajoelhasse, quando lhe offerceo o mundo; mas quando lhe quiz tirar huma Alma, se não conseguio, que se ajoelhasse a elle (o que não podia ser) conseguio que se ajoelhasse diante d'elle. 78.

**Alexandre.** Felipe de Macedonia gostava que em sua vida lhe tirassem os vassallos o nome de Rey, & o dessem a seu filho Alexandre. 270.

**Alma.** A Alma por confissão do Demonio val mais que todo o mundo. 60. Não ha cousa, porque se possa

vender, ou trocar a Alma, ainda que seja por todo o mundo. 61. Vendemos a Alma ao Demonio, porque não pezamos o que elle nos promete, & o que lhe damos. 62. 63. Podemos em balança de hũa parte o mundo, & da outra a Alma, & julgase qual peza mais. 68. &c. Considerado o preço que Deos deu pela Alma, parece que val tanto a Alma como o mesmo Deos. 71. A Cruz de Christo he só a balança, em que se pôde pezar hũa Alma. 71. Para se pezar bem o que he hũa Alma, hade de pôr de hũa parte da balança a Alma, & da outra parte a Deos. 71. O Demonio offerceo hor huma Alma o mundo, Deos deu por hũa Alma a si mesmo; se achardes quem vos dê mais por ella, daya embora. 71. A Alma he avaliada em pouco, porque se não pôde mostrar como o Demonio mostrou o mundo. 72. Se vissemos o que he hũa Alma, quanto dariamos por ella, ainda que não fosse propria, senão a alhea. 72. Porque a Alma he invisivel, por isto val mais que todas as cousas visiveis. 72. Tudo o grande, & precioso que ha no homê he a Alma. 73. 74. Até fermosura do corpo he Alma. 74. A Alma he o tudo, & não o que o Demonio chamou omnia. 75. Porque trouxe Christo a si na Cruz huma só Alma, que foy a do Bom Ladrão. 76. Não só todas as Almas, senão huma, & cada hũa he tudo. 76. Não só huma vez, senão muytas, nem só por hum, senão por muytos modos se deu Deos por hũa Alma. 76. Vendo o Demonio que

## Indice

Christo senão rendia à tentação de todo o mundo, tentou-o com Almas. 77. Não conseguiu o Demonio, que Christo se lhe ajoelhasse quando lhe offereceo o mundo, mas quando lhe quiz tirar hũa Alma, senão conseguiu que se ajoelhasse a elle. (o que não podia ser) conseguiu que se ajoelhasse diante delle. 78. O Demonio offerece hum mundo só por pôr a salvação de huma Alma em duvida. 83. Estimaõ os homens mais as cousas temporaes que a Alma. 84. Christo não só morreo pelas Almas, que se haõ de salvar, senão tambem pelas que se haõ de condenar, só porque saõ Almas. 85. 86. Christo na Cruz despido, atormentado, affrontado, morto por nossa salvação, he exemplo de que nem pela fazenda, nem pela honra, nem pelo gosto, nem pela vida se ha de pôr a Alma em risco. 87. Mayor devação, & acto de caridade he livrar Almas do Inferno, que tirar Almas do Purgatorio. 88. Não só se ha de procurar a salvação das Almas proprias, senão tambem a das alheas. 88. Quando Christo deceo ao Limbo a resgatar as Almas, també sahiraõ das sepulturas muytos corpos resuscitados para se mostrar perfeyto, & inteiro Redemptor de corpos, & Almas. 217.

*Alvitre.* Alvitreiros que propoem industrias, de que elles haõ de ser os executores, merecem hum não muyto defenganado, & seco. 122.

*Amizade.* Os amigos herdados saõ os melhores. 129. Os amigos que já o forãõ dos pays saõ seguros, os que os

filhos elegem de novo, quando meõ nos saõ duvidosos. 129. O mais que pôde esperar hum amigo de outro na morte, he meya folha de papel, cõ quatorze versos, quando fora melhor hũa Bulla de defuntos. 350. David pagou a Jonathas a amizade, que lhe devia, com fazer huma canção à sua morte. 450.

*Amor.* A primeira cousa de que priva o amor a quem ama, he do entendimento. 504. Os que entre os homens se chama amor, ordinariamente he ignorancia. 405. Amaõ o que imaginãõ, & não o que he. 415. 416. Quatro ignorancias que grandemente diminuem o amor. 410. Primeira não se conhecer quem ama a si mesmo. 411. Segunda não conhecer a quem ama. 415. Terceira não conhecer o amor. 419. Quarta não conhecer o fim donde ha de chegar amando. 425. O que parece fineza fundado em ignorancia, não he amor; o que não parece amor fundado em sciencia, he fineza. 406. O amor segundo he mais calificado que o primeyro, porque he amor sobre amor já conhecido. 420. Porque renovou Jonathas o juramento que tinha feyto de amor de David, ou porque fez segundo juramêto tendo sempre guardado o primeiro? 421. Porque disse Deos a Abraham, que lhe sacrificasse o filho, que tinha amado, & não o que amava. 424. Os que morrerãõ, porque amãõ; se soberãõ que haviãõ de morrer, não haviãõ de amar. 425. O amor muyto mais estima ver-se conhecido, que pago. 431. 432.

Muito

*das cousas mais notaveis.*

Muyto mais sente'o desconhecimen-  
to, ou ignorancias de suas finezas,  
que as penas que nellas padece. 443.  
Paris em quanto não conhecia a tor-  
tuna de seu alto nascimento, amava  
huma pastora do Monte Ida, tanto  
que soube que era filho do Rey Pria-  
mo, logo mudou de amor. 411. O  
pezo das cousas do mundo não está  
nellas, porque todas s.õ vans, está  
no coração com que as amamos. 66.  
67. Castigou Christo as tres nega-  
ções de S. Pedro com lhe duvidar tres  
vezes o amor, porque tres vezes lhe  
tinha faltado à fé. 175.

*Amor de Christo.* S. Joaõ para encare-  
cer o amor de Christo, ponderou a  
sua sciencia, & Christo ponderou a  
nossa ignorancia. 402. 403. Só Chri-  
sto amou finamente, porque amou sa-  
bendo, & só os homens foraõ ama-  
dos finamente, porque foraõ amados  
ignorando. 404. Quatro sciencias  
que grandemente encarecem o amor  
de Christo. Primeira conhecer-se a si  
mesmo, & a alteza de seu nascimen-  
to. 405. Segunda conhecer a quem  
amava, seus defeitos, & más corres-  
pondencias. 410. Terceira conhe-  
cer o amor, não só especulativamen-  
te senão portantas, & tão rigurosas  
experiencias. 415. Quarta conhecer  
que o mesmo amor o levava à mor-  
te, & o havia de pôr em huma Cruz.  
420. Christo amou conhecendo o  
que era, como se o ignorára. 412.  
Definiuse na Carga em guarda, por-  
que conhecerse, & arder, isso he a-  
mar: o defini se foy declarar a sua es-  
sencia, o arden foy provar a defini-

ção. 414. Christo amou conhecendo  
quaes eraõ áquelles a quem amava,  
& quaes havi.õ de ser amando a to-  
dos sem causa, & alguns sem espe-  
rança. 417. 418. Só a Judas, a quem  
conhecia por traidor, chamou ami-  
go, porque buscava não motivos ao  
amor, senão circumstancias à fineza.  
418. O amor de Christo, porque a-  
morou sobre a experiencia de ter ama-  
do, foy amor sobre amor. 423. E  
porque foy amor sobre amor, foy  
mayor crescendo sem crescer: E co-  
mo. 423. 424. Christo conheceo que  
seu amor o levava à morte, & cor-  
reo a ella, como se a não conhecera.  
427. Por isso affectou ignorancia,  
quando o foraõ prender seus inimi-  
gos. 428. E por isso quiz que lhe  
cobrissem os olhos. 429. O amor  
de Christo ponderase mais finamen-  
te pela ignorancia dos homens,  
a quem amou, & não podi.õ co-  
nhecer quanto os amára. 430. São  
Joaõ tirou as vendas ao amor de  
Christo, & Christo para desfron-  
tar seu amor, tornou-lhas a pôr. 429.  
Chegou a desacreditar seu amor pa-  
ra diminuir a nossa ingratitude. 435.  
Quem desigual he a sorte do amor  
de Christo para com os homens; &  
do amor dos homens para com  
Christo; porque Christo conhece o  
nosso amor, tendo tão tibio; & nós  
não conhecemos o seu, tendo tão  
excessivo. 437. O remedio que isto  
tinha era que Christo nos amasse  
com o nosso coração, & nós o amás-  
semos com o seu. 437.

*Animal.* Grande circumstancia de dor,

## Indice

& ingratição que os homens desco-  
nheção a hum homem, quando o re-  
conhecem os animaes. 172. No di-  
lúvio perecerão todos os outros ani-  
maes com os homens, porque vivem  
mais perto delles, & os peixes não,  
porque vivem mais longe. 339. No  
principio do mundo, & na Arca, &  
nos primeiros tempos depois do di-  
lúvio não se comião os animaes hús  
aos outros, podendo mais com elles  
o instituto da conservaço, que o a-  
petite. 311.

*Anjo.* Entre os Anjos pôde haver va-  
riedade de opinioens, ou votos sem  
menoscabo de sua sabedoria, nem  
de sua santidade. 234. 235. O Diabo  
pôde votar melhor que o Anjo, se-  
gundo for a materia. E porque? 234.  
235. 236.

*Anel.* O Tejo com o ouro das suas  
areyas prefez ao anel do Pescador as  
tres partes do circulo que lhe falta-  
vaõ. 153.

*Anno.* Huma geraço em frasi da E-  
critura são com annos. 474.

*Antipoda* A gente que Italias chama  
concilcara, isto he, pizada são os  
Antipodas, 151.

*Antonio.* S. Antonio foy verdadeiro  
Portugues, porque foy luz do mun-  
do. 132. Naceo em Lisboa, & se-  
pultouse em Padua, porque he obri-  
gaço do Sol ter o nacimiento em  
húa parte, & a sepultura noutra. 133.  
Descriço do sepulchro de S. Anto-  
nio em Padua. 134. Passou da Reli-  
gião de S. Agostinho para a de São  
Francisco, para se alistar debaxo das  
sagradas Quinas. 142. S. Antonio

como David, Menor, & vestido de  
fayal, venceu ao Gigante com as cin-  
co Chagas de Christo. 145. O Se-  
nado de Lisboa está fundado cõ re-  
ligiosa razaõ de estado sobre as a bo-  
bedas do Templo de Santo Antonio.  
135. Santo Antonio em Lisboa tem  
as mãos carregadas de memoriaes,  
como valido de Deos, & como bom  
valido despacha-os logo. 135. Co-  
mo Sol prodigioso fez o teu curso do  
Poente para Levante, porque levava  
a faude nas azas. 149. Entrou no  
Ceo no dia de sua morte, & os fins  
de Lisboa não se repicáraõ senão no  
dia de sua Canonizaço; porque não  
tem Portugal as suas glorias por glo-  
rias, senão quando as vê canoniza-  
das por Roma. 161. Santo Antonio  
não só foy sal da terra, senão tambem  
sal do mar. 333. Prêgaço de Santo  
Antonio aos peixes. 332. Foy Re-  
mora das paixoens humanas. 341.  
Quanto mais se chegava a Deos, tan-  
to mais fugia dos homens. 339. O  
fel, & o coraçõ de Santo Antonio,  
era como o do peixe de Tobias, que  
se o vestiraõ de burel, & o atáraõ com  
húa corda, seria hum retrato mariti-  
mo do mesmo Santo. 340. Deostem  
tambem seus Prêgadores, hum dos  
quaes foy Santo Antonio. 369. San-  
to Antonio tendo azas de Aguia,  
não as estendeo para subir, escolheu-  
as para decer. 364. Tendo tanto po-  
der, & tanto saber, nunca brazonou,  
antes callou sempre, & porque cal-  
lou, por isso deu tamanho brado.  
357.

*Apparencia.* Todos os Reynos do mun-  
do

das couzas mais notaveis.

do não são mais que huma apparencia. 64.

*Apartamento.* Hum dos mayores rigores que tem a morte, he ser apartamento. 487. A morte dos que acabarem a vida no fim do mundo, será morte, mas não será apartamento. 487.

*Apostolo.* Christo elegendo de setenta & dous Discipulos doze para Apostolos, honrou a eleição, honrou aos eleitos, & honrou tambem os excluidos & como? 395.

*Aragão.* Santa Isabel descrita por Sallamao como Rainha Hespanhola, & Aragoneza. 5. A grande Aguia do mundo he Hespanha, as duas azas desta Aguia, Portugal, & Aragoã. 17. Os escudos de Portugal, & Aragoã são a bordadura da gala, que veste S. Isabel no Ceo.

*Arca.* Os fabricadores da Arca de Noè foraõ desgraçados, porque fizeram o remedio para os outros, & não para si. 185.

*Armas.* A Sagrada Escritura he armazem de todas as armas, & botica de todos os remedios da Alma. 58. As Quinas de Portugal não só são Brazão, mas verdadeiramente Armas. 144. A infidelidade dos Gentios foy conquistada não pelas armas dos Portuguezes, senão pelas Armas de Portugal. 144.

*Arrogancia.* Os arrogantes tomaõte com Deos, & quem se toma com Deos, sempre fica debaixo. 357.

*Arte.* A verdadeira arte de reinar he a Ley de Deos. 354. 355.

*Ave.* Os peixes como frios, & sem a-

zas, deixáraõse ficar na agua; as aves como generosas mudáraõ elemento. 146.

*Authoridade.* Authoridades raramente se podem ajustar com quem disser o que não está ditto. 452.

*Augusto Cesar.* Foy a mayor obra de Julio Cesar seu Pay. 36. E a mayor gloria do mesmo Julio (considerado fallamente no Ceo) foy ver de lá que seu filho Augusto o vencia. 36.

*Aza.* Ha azas para subir, & azas para decer. 364. Simão Mago, porque quiz azas para voar, perdeu os pés, para que não podesse andar. 363.

B

*Bala.* C Azo notavel em que a mesma bala entrando, & tornando a sair pela boca de huma peça contraria, voltou pelos mesmos pontos, & matou o artilheiro, que tinha tirado. 59.

*Balança.* He figura da Cruz. 291. A Cruz de Christo he só a balança em que se pode pezar a Alma, & a graça de Deos. 71. & 324. Os homens pezaõ falso com balanças verdadeiras 66.

*Bartholomeu.* O lugar que São Bartholomeu tem no Evangelho (que he o do meyo entre os Apostolos) o qualifica pelo melhor dos melhores. 396. S. Bartholomeu he a pedra Sardo, que em hum lugar da Escritura tem o primeiro lugar, & neutro o sexto. 397. Sudio semelhante a carne viva, & por isto figura de S. Bartholomeu esfolado. 398.

- Beneficio.** Perder o beneficio, & fazello, he a mayor fineza de bem fazer. 453.  
 Os beneficios feitos aos mortos são os mais calificados, porque são fazer bem a quem me não pôde fazer bem, nem mal. 452. Os filhos não só podem igualar a seus pays nos beneficios, senão também vencelos. 35.  
**Bispado.** Se São Tiago pretendêra em Portugal hũ Bispado, haviaõlhe de nomear o de Malapor. E porq̃. 124.  
**Bom Ladrão,** Porque trouxe Christo a si na Cruz huma só Alma, que foy a do Bom Ladrão. 76.  
**Brazonar.** Saber, & poder são duas cousas que fazem brazonar os homês, porque ambas inchaõ. 357.  
**Brevidade.** A eleição q̃ se faz com Deos, fazse com acerto, & brevidade. 379.

C

- Cabeça.** S O'quem excede na cabeça, he mayor. 483. Vide testa.  
**Cabedal.** As tres partes do bom negociante são, cabedal, diligencia, & ventura. 2. A mulher forte negociou com cabedal, diligencia, & ventura. 3. Deos a todos dá o cabedal, a todos promete a ventura, & só pede a diligencia. 3.  
**Cabo.** Jonas foi o primeiro que passou o Cabo de Boa Esperança por bayxodagua, os Portuguezes por cima. 152. 153. Os pretenles começã pelo Cabo de Boa Esperança, & acabã pelo Cabo de Não. 89.  
**Calidade.** Os lugares não se haõ de dar por calidade, senão por talento, & merecimento. 123.  
**Cara.** Titulos com duas caras, como Jano; huma com muytas cans, outrã sem barba. 44.  
**Carroça.** As primeiras naõs da India, chamadas dos Estrangeiros Carroças, eraõ carroças da salvaçõ. 151.  
**Castigo.** Do diluvio, que foy o mais exemplar castigo, se seguiu a paz, que a pomba trouxe no ramo. 439.  
**Catholico.** Somos Catholicos do Credo, & hereges dos Mandamentos. 268. Dos Catholicos commummente ametade se perdem, & ametade se salvaõ. 501.  
**Cativeiro: Cativo.** Vede Resgate, ReJepçãõ, S. Pedro Nolalco, Mercês.  
**Caveira.** Desenganõ da caveira de hum morto, quando não cuidava. 500.  
**Ceo.** Contra os golpes do Ceo valem pouco os reparos da terra. 194. O mundo he hũ praça universal tranqueada por Deos a todos para negociarem o Ceo. 3. Na negociaçõ do Ceo só falta a ventura a quem falta a diligencia. 3. Christo diz que ninguem pôde entrar no Ceo, senão se fizer pequenino, & todos trabalhã por se fazer grandes, & esperaõ ir ao Ceo, porque não crem a Christo. 270. As portas do Ceo são abertas cada huma em huma perola. 271.  
**Certeza.** Santo Ignacio escolheo antes servir a Deos nesta vida cõ incerteza da salvaçõ, que ir logo para o Ceo com certeza della. 512. Nenhum Sibio deve desejar mayor certeza em qualquer materia, que a de que ella he capaz. 513.  
**Chagas.** Converter infieis he virtude propria das cinco Chagas de Christo. 143. Santo Antonio como David, Menor,

*das cousas mais notaveis.*

**Menor,** & vestido de layal, venceo o Gigante com as cinco Chagas de Christo. 145.

**Caridade.** Mayor devaçãõ, & acto de caridade he livrar Almas do Inferno, que tirar Almas do Purgatorio 88.

**Chave.** Deyxarse estar prezo, tendo as chaves da cadeia na propria maõ, he o mais forte sacrificio. 183.

**Christão.** Os Christãos ordinariamente cremosem Christo, mas não cremos a Christo. 262. Dãte a razãõ desta semrazãõ. 278. Vide *crer*.

**Christo.** Christo sabio duas vezes ab eterno da mente de Deos, a primeira predestinado para homem, a segunda para homem passivel. 302. Foy tão pobre, que chegou a mendigar. 211. Em quanto Redemptor mendigou de si mesmo, em quanto Criador a materia dos Sacramentos. 213. Remionos com resgate mendigado, & como. 210. 211. 212. Christo he Redemptor das Almas, & dos corpos, porque o foy do peccado, & o ha de ser da morte. 217. Para purificar o ar, morreo no ar. 195. Não só morreo pelas Almas, que se haõ de salvar, senãõ tambem pelas que se haõ de condenar, só porque tão Almas. 85. 86. No tormento, & afronta dos açoutes, mais sentio a ignorancia dos homens, que o mesmo tormento, & afronta. 434. Dizerem os Escribas, & Fariseos, que salvãra aos outros, & não se salvava a si, foy grande louvor de sua misericordia, & caridade. 187. 188. Porque chamou na Cruz a sua Mãy mulher, &

a seu Pay Deos? 308. 309. Christo na Cruz despido, atormentado, afrontado, morto por nossa salvaçãõ, he exemplo de quem pela fazenda, nem pela honra, nem pelo gozto, nem pela vida se ha de pôr a Alma em risco. 87. Quando deceo ao Limbo a resgatar as Almas, tambem sabiraõ das sepulturas muytos corpos resuscitados, para se mostrar perfeito, & inteiro Redemptor de corpos, & Almas. 217. Prêgou aos do Inferno, & que prêgaçãõ lhes fez? 266. No Santissimo Sacramento está prezo, & encarcerado. Quaes forãõ as finezas de seu amor para com os homens? Vide amor de Christo. Foy acuzado de se fazer Rey, & provãse a verdade desta acuzaçãõ por modo notavel. 21. Elegendo de setenta & dous Discipulos doze para Apostolos, honrou a eleiçãõ, honrou os eleitos, & honrou tambem os excluidos: & como? 395. Os Adventos de Christo sãõ tres: E quaes? 490. Christo vem julgar a cada hum na hora da morte, & no mesmo lugar onde morreo. 491. 492. E muyto mais tremendo he o modo com que vem na hora da morte, do q se rá o do dia do Juizo. 494. Vide S. Roque semelhãte a Christo nascido, a Christo prezo, a Christo crucificado, a Christo morto.

**Sciencia** O que parece fineza fundado em ignorancia, não he amor: o que não parece amor fundado em ciencia, he fineza. 406. Quatro ciencias que grandemente encarcem o amor de Christo. Vide Amor de Christo.

**Comer.** Mortos que ainda os não comeo a terra, & já os tem comido toda a terra. 348.

**Comparação.** No mal que he de todos, perde-se a comparação, & onde não ha comparação, não ha miseria. 485.

**Comprimento.** Comprimento notavel com que os vassallos de David lhe derao o parabem na coroação de seu filho Salamao. 46.

**Comunidade.** O mayor credito de hũa Commuidade, he que faltem lugares, & sobejem benemeritos. 395.

**Confessar.** He facil confessar a Christo, & difficultoso negar-lhe a si. 278. 279.

**Conhecimento.** Toda a fortuna tira o conhecimento: se he prospera, desconhecemosvos: se he adversa, desconhecemvos. 168. Mayor desgraça não ser conhecido, que ser condenado. 169. O amor muyto mais estima verse conhecido, que pago. 431. 432. Grande motivo de dor que os homens desconhecão a hum homem, quando o reconhecem os animaes. 172.

**Conselheiro.** Castiga Deos os Reys, permitindo que sejam enganados de seus Conselheiros. 235. O bom Conselheiro não o faz a qualidade da pessoa, senão a do voto. 232. 233. 234. &c. Hum bom Conselheiro peza mais q. hum Reyno inteiro. 240. Melhor he ouvir hum Conselheiro, que fallar, & responde, & não hum papel mudo. 246. Os Mandamentos da Ley de Deos são os melhores Conselheiros. 456.

**Conselho.** A melhor, & peyor couza que ha no mundo, he o conselho. 230. A

morté de Christo, & a salvação do mundo, que foy a mayor maldade dos homens, & a mayor misericordia de Deos, tudo sahio de hum conselho. 230. Não se deve tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor, seja de quem for. 334. Conselho de mãos he o melhor conselho. 243. Conselhos prudentes sem execução, são fatuos. 244. O leme dos conselhos, he a Ley de Deos. 256. Conselhos contra Christo são a destruição das Republicas, & Monarquias. 251. El Rey Re boam perdeo-se, porque não quiz seguir os Conselheiros velhos de seu Pay, senão outros, que se tinham criado com elle. 127. 128. 129. Conselho. Vide voto, notar.

**Consciencia.** Perdida a consciencia, facilmente se perde a Fè. 285. 286.

**Conservação.** No principio do mundo, & na Arca, & nos primeyros tempos depois do diluvio não se comião os animaes huns aos outros, podendo mais com elles o instincto da conservação, que o appetite. 351. Exhortaõse os peixes a que tenão comião, para que se conservem. 351.

**Conta.** Quando Deos toma conta, & dá tempo, podem-se ajustar as contas; mas quando toma a conta, & mais o tempo, não se podem ajustar. 497. No juizo universal darã Deos tempo antes de tomar a conta; no particular toma a conta, & mais o tempo. 497. Aos do dia do juizo promette Christo muyto tempo antes de lhe tomar conta; aos do juizo particular nem hum momento lhes assegura. 498.

Conta-

*das cousas mais notaveis.*

- Contagia.** A faude que dava S. Roque era faude contagiosa. 200.
- Contrario.** A virtude junta com o seu contrario he dobrada virtude. 15.
- Contrato.** Antes queremos contratar o nosso dinheiro com os homens, a cinco por cento, que com Deos a cento por hum, porque não cremos a Christo. 274. 275.
- Conversão.** A confiança de que o homé se pode converter depois, posto que esteja carregado de vicios, he a tentação, com que o Demonio levou ao Inferno todos os Christãos, que lá estão. 509.
- Coração.** O pezo das cousas do mundo não está nellas, porque todas são vans; está no coração com que as amamos. 66. 67. Os homens não se hão de julgar pela pelle que se vê, senão pelo coração que se não vê. 401. O Peixe de Tobias com o coração lançava fóra os Demonios. 350. Se Christo nos amasse com o nosso coração, & nós a elle com o seu, só este remedio podiaõ ter os excessos do seu amor, & as tibiezas do nosso. 437.
- Coroa.** O mayor cabedal deste mundo são as coroas; mas não são mercaderia de ley. 7. Não são boas coroas da terra para grangear a do Ceo. 7. A santidade coroada, ainda em grão igual, he mayor santidade. 14. S. Isabel renunciou a Coroa sem a renunciar, & deixou-a sem a deixar. 12. E como? 13. Fora menos Santa, se sua santidade não assétára sobre mulher, & Coroa. 11.
- Corte.** Nas Cortes da terra dezejaõ os pretendentes que sayão as suas petições, na Corte do Ceo dezejaõ que entrem. 106.
- Corrupção.** A morte viva mata os corpos, & corrompeos, a morte morta não os pôde corromper. 28.
- Corvo.** Quando se dá carne de justiça aos Corvos, segura está a paz do mundo. 440. Os Corvos comem os delinquentes depois de justigados, os homens comemos antes de sentenciados, & tal vez sendo innocentes. 348.
- Costume.** Escuzarse hum não com outro não, dizendo que não he costume na nossa terra: quam grande abuzo seja. 123.
- Creatura.** Hão de fazer as eleiçãoes com tenção de escolher Ministros, & não de multiplicar creaturas. 387.
- Crer.** Húa cousa he crer em Christo; outra crer a Christo. 251. Os Discipulos no principio criaõ a Christo, & não criaõ em Christo: depois criaõ em Christo; mas não criaõ a Christo. 263. 264. Quam grave psecado seja não crer a Deos quem cre em Deos. 267. Não se louva em Abraham o crer em Deos, senão o crer a Deos: E porque? 282. Os Christãos ordinariamente cremos em Christo, mas não cremos a Christo. 262. Pio-vase esta verdade com muytos, & manifestos exemplos. 269. ate 277. Dáse a razão desta sem razão, porque crendo os Christãos em Christo, não crem a Christo. 278. 279. A fé que não doe he muyto facil de crer, a que doe he muyto difficilissima. 279.
- Difficuldades que venceo Abraham**

para se haver por provado que cria a Deos. 281. 282. Senão cremos a Christo, a quem cremos? 285. Assim como de crer a Deos he facil passar a crer em Deos, assim de não crer a Christo, he facil passar a não crer em Christo. 284. Se faltamos à segunda parte da fé, tambem faltaremos à primeira: E se não cremos a Christo, viremos a não crer em Christo. 284. Exemplo raro em que hum Christão, & Sacerdote, o qual porque não quiz crer a Christo, estando para receber o martyrio, apostatou da Fé, & negou a Christo. 287. 288. 289.

*Crescer.* Crescer sem crescer, como pôde ser. 423.

*Cruz.* Foy figurada no Testamento Velho em Vara, & Balança. 291. Só pela Cruz como vara se pôde medir a graça de Maria, & só na Cruz como em Balança se pôde pesar. 292. Pela Maternidade não se mede cabalmente, pela Cruz si. 293. Pela Maternidade foy como outeyro, pela Cruz foy como monte. 304. Porque chamou Christo na Cruz a sua Mãy mulher, & a seu Pay Deos? 308. 309. Paralelo de Maria ao pê da Cruz como Padre Eterno. 309. Junto à Cruz, foy mais que Mãy na graça, porque foy mais que Mãy na fortaleza 308. Poz-se Deos em huma Cruz para que os homêes pezassem naquella balança a grandeza, & excellencia da graça, que perdêrão pelo peccado. 328. A Cruz de Christo tinha direito & aveço, porque para fóra dava vida, & para dentro deixava morrer. 189. Nenhum final da Cruz foy mais

semelhante, nem mais final, que o final da Cruz com que S. Roque farrava os apettados. 189. He facil adorar a Cruz, difficulto levála. 279. *Cubiça.* Na eleição dos que tem mais prestimo, & na exclusão dos que tem menos, ha de haver o zelo publico, como a cubiça particular. 385.

## D

*Dar.* Christo não mandou, mas aconselhou que dêssemos o que temos, porém que pedíssemos o que não temos para o dar, nem mandou, nem aconselhou tão grande fineza. 209. Muyto mais faz quem pede para dar, do que quem dá o que té. 209. Porque tão os Reys mais inclinados a dar, que a pagar, & a fazer merces, que a satisfazer dividas? 108. Tomar a huns violentamente o necessario, para dar a outros prodigamente o superfluo, quam grave injustiça seja. 108.

*David.* Quando Saul era melhor que David, foy eleito Saul: quando David foy melhor que Saul, foy eleito David. 382 383. Mais temco David a testa de hum só homem, que os braços de infinitos homens. 243.

*Decreto.* O mysterio da Encarnação do Verbo foy predestinado ab eterno por dous decretos, hum antes, outro depois da previação do peccado. 301. O principio dos negocios he a excusação, & não o decreto. 241.

*Deixar.* Quem toma o contrario do que he, deixa de ser o que he, ainda que o conserve. 13. Quatro differenças de homens, em que o deixar tudo, & seguir

seguir a Christo se acha variamente complicado. 204. Pedir he mais que deixar. Provale com Escrituras, & muytas razoes. 207. 208.

*Demetrio.* Famosa repulsa de Demetrio a Cayor Cesar. 61.

*Demonio.* O Demonio de nossos remedios faz tentagoens. 55. 56. Nõs das tentagoens do Demonio podemos fazer remedios. 57. 58. A mesma cousa offerecida pelo Demonio he tentação bem considerada por nõs, he remedio. 58. A Alma por confissão do Demonio val mais que todo o mundo. 60. Quando tentou a Christo andou muyto necio em mostrar o mundo, & suas glorias: havia de encobrir a mercadoria, se queria que lha comprassem. 70. Vendo o Demonio que Christo se não rendia à tentação de todo o mundo, tentou-o com Almas. 77. O que não conseguiu com o mundo inteiro, consegue com pedaços do mundo. 79. Dá-nos ametade da fé de barato, para nos roubar a outra ametade: concedenos, que creamos em Deos, mas tentanos, para que não creamos a Deos. 265. Concedido ao Demonio que fosse verdadeiro Senhor do mundo, & o possesse verdadeiramente dar, & com todos os partidos possiveis, & imaginaveis, ainda seria grãde loucura dar-lhe a Alma por este preço. 80. 81. 82. Judas não só tinha o Demonio dentro no corpo, mas era Demonio. 78.

*Deor.* Recompentou Deos à Virgem Maria o excessõ infinito de gloria que tem mais que ella com a fazer

Mã y tua. 43. Só Deos dando nomes dá juntamente fer. 26. Não só hũa vez, senão muytas, nem só por hum senão por muytos modos se deu Deos por huma Alma. 76. Nem se contentou com dar o que tinha, mas mencionou o que não tinha para o dar, tambem em preço do homem. 212. He Excellencia grande da misericordia de Deos ser misericordia, & verdade. 446. Quando premia as obras de misericordia com bens temporaes, não as premia com misericordia, & verdade; quando as premia com bens eternos, si. 464. Deos quando cria officios novos, primeiro cria os officiaes que os officios. 120. A eleição dos Ministros haõse de fazer com Deos. 374. Eleja Deos, & não se offenderão os homens. 376. Todas as vezes que se encontra Deos, & o interesse, delprezado he Deos. 272.

*Descanço.* Todos buscão descanso, & não o achão, porque o não buscão onde elle está. 269. Christo ensinou que está na obervancia da sua Ley, mas nõs não cremos em Christo. 269.

*Descarte.* Na boa eleição dos Ministros conhece o jogo pelo descarte, isto he, a melhoria dos elitos pela capacidade dos excluidos. 380.

*Desgraça.* Às vezes está a ventura em se dobrarem as desgraças. 163. Vide S. Roque. A mayor desgraça dos Reys he que os que estão em sua graça andão communmente fóra da graça de Deos. 312.

*Devação.* Mayor devação, & acto de candade he livrar Almas do Inferno, q̃ tirar Almas do Purgatorio. 382.

## Indice

**Dia.** O dia encobre o Ceo, & descobre a terra, a noite encobre a terra, & descobre o Ceo. 375. O dia do Juizo ha de ser, & já he. 478. 479. He hoje, foy hontem, & ha de ter a manhã, &c. 473.

**Dignidade.** Quam immensa dignidade he a de Mãy de Deos. 326. Comparada a dignidade de Mãy de Deos, separada da graça, com a graça não só da mesma Senhora, mas de qualquer Justo, peza mais esta graça, que aquella dignidade. 324. 325. 326. Quam grande loucura, & falta de fé seja perder a graça de Deos por alcançar dignidades do mundo. 327. Se a pelle, que cobre o homem digno, he vistosa, acrescenta decencia á dignidade. 400.

**Diligencia.** Na negociação do Ceo só falta a ventura, se falta a diligencia. 3.

**Dinheiro.** Cuidamos que podemos servir a Deos, & juntamente ao dinheiro, porque não cremos a Christo. 273. Antes queremos contratar o nosso dinheiro com os homens a cinco por cento, que com Deos a cento por hum, porque não cremos a Christo. 274. 275. Porque se empregárao os trinta dinheiros, porque foy vendido Christo, em sepultura de peregrinos, & esmalte das Armas de Portugal? 146.

**Dispensação.** Não houve já mais quem pedisse dispensação da morte. E porque? 111.

**Divisão.** Ninguem divide melhor as partes entre si contrarias, que quem tem entrada com ambas. 174.

**Dormir.** O Principe que se desvela na eleição dos Ministros, bem pôde dormir no tempo da tempestade. 372.

**Duvida.** Porque he herege tanto o que tem duvida no Fé, como o que a nega? 177. Quem duvida se sou leal, suppoem que posso ser desleal, & tanto offende a minha lealdade quem ma duvida, como quem ma nega. 176. 177. Castigou Christo as tres negações de S. Pedro com lhe duvidar tres vezes o amor. 175.

## E

**Eleição.** **T**udo o que o Eterno Padre podia dar por eleição livre, deu ao Filho, & não o tomou para si. 50. Nenhuma cousa deve desvelar tanto ao Principe, como a eleição dos grandes Ministros. 372. O Principe que se desvela na eleição dos Ministros, bem pôde dormir no tempo da tempestade. 372. Não ha cousa mais difficil, que eleger hum homem a outro homem. 377. Por isso as eleições dos Ministros se haõ de fazer com Deos. 374.

**Eleito.** Os eleitos para Ministros não só haõ de ser os bons, nem só os melhores, senão os melhores dos melhores. 380. E não só a respeito dos excluidos haõ de preferir os melhores; senão tambem a respeito dos mesmos eleitos. 384.

**Eleitor.** Não ha cousa que mais engane o juizo dos eleitores que a pelle. 399. Como faça o eleitor a tua obrigação, não importa que o eleito não faça a tua.

*das couzas mais notaveis.*

- fua.** 378. Seja Judas traidor a quem elege, mas o eleeitor não seja traidor a eleição. 387.
- Encarnação.** Quiz Deos que a Virgem Maria na Encarnação do Verbo desfe seu consentimento, para que fosse Filho da sua eleição. 52.
- Então.** Então, & agora em respeito do dia da morte, & do dia do Juizo, não tem opposição. O agora he então, & o então he agora. 479.
- Entendimento.** As mãos tem entendimento. 242.
- Epicuro.** Fundamento da seyta de Epicuro errado, mas discreto. 318.
- Excommunhão.** Até os peixes, que tomão os bens dos naufragantes, encorrem por seu modo, a pena de excommunhão. 368.
- Escrever.** Escrever foy inventado para remedio da auzencia, & da memoria, & tambem para remedio dos mudos. 246.
- Escudo.** Os Portuguezes para os infieis tem a espada, para os Catholicos o escudo. 155.
- Esfolar.** Vide S. Bartholomeu, papel.
- Esmola.** A esmola não só he redempção da culpa, senão tambem da pena: & como. 214.
- Espada.** Ordinariamente quem tem muyta espada, tem pouca lingua. 356.
- Esperança.** Christo amou conhecendo quaes crão aquelles a quem amava, & quaes haviaõ de ser: amando a todos sem cauza, & alguns sem esperança. 417. 418.
- Execução.** Decretos sem execução são nada. 241. O principio dos negocios he a execução, & não o decreto. 241. Conselhos prudentes, sem execução, são fatuos. 244.
- Exemplo.** Exemplo notavel, com que Deos mostrou que por falta da justiça, da misericordia, & verdade castiga as Cidades. 441. Exemplo raro em que hum Christão, porque não quiz crer a Christo, estando para receber o martyrio, apostatou da Fé, & negou a Christo. 287. 288. 289.
- Exequias.** As exequias dos mortos são ordinariamente obsequios aos vivos. 456. 457.

**F**

**Fazer.** **V** Ide homem.

**Fé.** A noita Fé para no Credo, não passa aos Mandamentos. 268. Se saltamos a segunda parte da Fé, tambem saltaremos a primeira: E se não cremos a Christo, viremos a não crer em Christo. 284. O Demonio dá nos ametade da Fé de barato, para nos roubar a outra ametade: concedenos que creamos em Deos, mas tentanos para que não creamos a Deos. 263. Com fé de que ha Inferno, não pôde haver gosto. 318. Perdida a consciencia, facilmente se perde a fé. 285. 286. A fé que não doe he muyto facil de crer, a que doe, he muyto difficultosa. 279. Porque he herege: tanto o que tem duvida na Fé, como o que a nega. 177. A Fé he virtude: (se se pôde dizer) desgraçada, porque mete os homens no Céo, & fica de fóra. 186.

*Fel.* O peixe de Tobias, com o fel sa-  
rava as cegueiras, & com o coração  
lançava fora os Demonios. 340.  
*Fermofura.* Até a fermofura do corpo  
he Alma. 74.  
*Ferro.* O ferro Portuguez he como o da  
lança, que abriu o Lado de Christo:  
E porque? 156.  
*Figura* No theatro do mundo não só  
passão as figuras, senão tambem o  
mesmo mundo. 483. 484.  
*Filho.* Os filhos devem procurar ser tão  
bõs como seus pays, & os pays q̃ seus  
filhos sejaõ melhores que elles. 39.  
Nas contendas entre pay, & filho, a  
palma do pay he ser vencido do fi-  
lho. 41. A gloria do filho he mais  
do pay que do filho. 40. A mayor  
gloria de Maria no Ceo he ver que a  
de seu Filho he infinitamente mayor.  
36. Barclay quiz as merces del Rey  
para seu filho, & não para si. 44. O  
sacrificio de Isaac foy louvado no  
Pay, & premiado no Filho. E por-  
que? 45. Na eleição dos sogeitos ma-  
is vem os pays cõ os olhos fechados,  
que os filhos com os olhos abertos.  
130. O filho por sabio que seja de-  
ve suppor que seu pay sabia mais, &  
prezar-se d'isso. 131. No filho obedi-  
entissimo nem pô le ser a obediencia  
venci-la, nem ainda tentada. 159.  
*Fome.* Morrer pela fome alhea, grande  
ignorancia. 361.  
*Forca.* Quam infame supplicio seja a for-  
ca. 458. As forcas são as que defen-  
dem os Reynos. 440. Por isso o Em-  
perador Maximiliano lhe tirava o  
chapeo. 440. Que importa que este-  
jaõ presidiadas as fortalezas, se estão

delguarnecidas as forcas? 440. Os  
ossos dos enforcados são a semente  
de que nasce a paz. 439. Absalaõ quer  
dizer Paz de seu Pay, & quando mor-  
reo enforcado, se cumprio nelle a  
profecia do nome. 439. O enterro  
de homens enforcados he propria-  
mente misericordia, & verdade. 461.  
462. A misericordia que se exercita  
com os enforcados he limpa de todo  
o respeito dos vivos. 485. O enfor-  
cado não tem parentes. 458. 459.  
460.  
*Fortuna.* Toda a fortuna tira o conhe-  
cimento: se he prospera, desconhe-  
ceivos; se he adversa, desconhecem-  
vos. 168. A fortuna muda as fei-  
çoens aos homens. 165. 166. Muy-  
tos são parentes da fortuna, & não  
da pessoa. 167.  
*Francisco.* O habito de São Francisco,  
porque assentou sobre purpura de  
Rainha, foy a gala que faz a S. Isabel  
mais gloriosa no Ceo. 18.

## G

*Gloria.* **S**E a eleição para a gloria  
he de Deos, como se diz  
que Maria escolheo a tua? 33. A elei-  
ção de Maria em respeito da sua glo-  
ria foy como a do Padre Eterno em  
respeito da gloria de seu Filho? 51.  
Considerada a gloria de Deos, & a  
de Maria em duas partes, a de Ma-  
ria he a melhor parte; & em que sen-  
tido. 31. &c. Sendo a gloria de Deos  
a maxima, como pô le ser a parte de  
Maria a optima. Ibi lem. O excesso  
de gloria que Deos tem sobre Maria,  
tambem he de Maria. 42. 43. Re-  
com-

compensou Deos a Maria o excessão infinito de gloria, que tem mais que ella, com a fazer sua Mãy. 45. A palma de Maria na gloria he verfe vencida nella de feu Filho. 41. A mayor gloria de Maria no Ceo he, que o throno de feu Filho se ja infinitamente mais alto que o seu. 47. Neste mundo, que he a terra da mentira, a unica verdade he a graça: no outro, que he a terra da verdade, toda a verdade he a gloria. 465.

*Gosto.* Com fé de que ha Inferno, não pôde haver gosto. 318. O carcer dos gostos do mundo, & o nada delles, he mayor gosto que os mesmos gostos. 317.

*Graça de Deos.* Não se estima a graça de Deos, porque não se conhece, nem se peza. 311. Pezase Deos em huma Cruz, para que os homens pezassem naquella balança a grandeza, & excellencia da graça, que perdérao pelo peccado. 338. Poemse a graça de Deos em balança com as couzas, que na estimação dos homens são de mayor pezo. 311. Pezase com a privança, & graça dos Reys. 312. Pezase com a nobreza do sangue. 321. Pezate com os gostos do mundo. 317. Pezase com as dignidades, & com a mayor de todas, que he a de Mãy de Deos. 324. Pezate com o mesmo Deos feito Homem. 328. Porque se chamou S. Joáo amado, & não Primo de Christo? 322. Melhor he ser parente de Deos por graça, que parente por sangue. 322. Comparada a dignidade de Mãy de Deos, separada da graça, com a graça não só da

mesma Senhora, mas de qualquer Justo, peza mais esta graça que aquella dignidade. 324. 325. 326. Quam grãde loucura, & falta de ré seja perder a graça de Deos por alcançar dignidade do mundo. 327. Ponderate a cogueira humana na consideração das vilezas, porque perdem a graça de Deos. 329. 330.

*Graça de Maria.* A graça de Maria Santissima teve duas predistinações, hũa como graça de Mãy de Deos Homem, outra como de Deos Homem passivel. 330. A graça de Maria foy Mayor graça, que graça de Mãy de Deos precisamente. 293. 294. &c. No ponto da Encarnação do Verbo teve toda aquella graça, que era competente à dignidade de Mãy de Deos. 294. Depois de estar chea de graça na Encarnação, creceo na graça. 294. Em hum estado teve graça competente a Mãy de Deos, em outro menor graça, em outro mayor. 298. 299. Porque foy predistinaada para mais que Mãy, & para mais que de Deos; por isso a sua graça foy mayor que de Mãy de Deos. 300. Se Adam não peccára, sendo Maria Mãy de Deos, não havia de ter tanta graça, como hoje tem. 295. Se o Espirito Santo encarnára, & houvesse duas Mãys de Deos, Maria tem mayor graça, do que havia de ter a Mãy do Espirito Santo. 296. Junto à Cruz foy mais que Mãy na graça, porque foy mais que Mãy na fortaleza. 308. A graça de Maria pela maternidade foy mar, pela Cruz diluvio. 405. 406. Pela maternidade  
e foy

foy como outeiro, pela Cruz foy como monte. 304.

**Graça dos Reys.** Vinte & quatro differenças entre a graça de Deos, & graça dos Reys. 313. 314. 315. Porque chamou S. Paulo a graça dos Reys peccado temporal. 312. A graça de Deos, & dos Reys difficulosamente podem andar juntas. 312. A mayor desgraça dos Reys he, que os que estão em sua graça, andaõ commummente fóra da graça de Deos. 312. Não ha graça dos Reys segura, tenão fundada na graça de Deos. 316. Os validos devem estimar mais a graça do Principe, que todas as merces, que lhes pode fazer, porque esta he a mayor. 99. 100. Haõ de encher a graça que tem dos Principes com serviços, & não se haõ de encher com ella de merces. 101. Nenhuma cousa anda mais mal praticada nas Cortes, que a distincão entre a justiça, & a graça. 107.

**Grandezas.** Tudo o grande, & precioso que ha no homem, he a Alma. 73. 74. Dos grandes, & poderotos salvaõse muyto poucos, & por grande maravilha. 504. 505. 506. Sem sair ninguém pode ser grande. 246. Se os peixes pequenos comeraõ os grãdes, menos mal era; mas o mal he, que os grandes comem os pequenos. 349. E porque os grandes comem os pequenos, encontraõ depois com outros mayores, que os comem tambem a elles: E o mesmo succede aos homens. 350.

H

**Herdar.** OS amigos tambem se herdaõ, & elles são os melhores. 129.

**Herefia.** Disposição por onde se introduzio em tantos Reynos Catholicos a peste da herefi. 3. Porque se chamou Santo Antonio martello das herefias, & não dos vicios? 155. Somos Catholicos do Credo, & hereges dos Mandamentos. 268.

**Hespanha.** A grande Aguia do Mundo he Hespanha, as duas azas desta Aguia Portugal, & Aragaõ. 17.

**Homem.** Como pode hum homem, se quizer, fazer certa sua salvação. 510. 511. No homem o que se vê, he o menos; o que não vê, he o tudo. 401. He de avaliar não só despido das galas, tenão tambem da pelle. 401. Homem de dous emisferios he duas vezes inimigo. 174. Os homẽs pezaõ falio com balanças verdadeiras. 66. Enganaõse, porque elles mesmos se quetem enganar. 66. Todos, ou quasi todos morrem de repente. 496. Quanto mais longedos homens, tanto melhor. 338. No diluvio pereceraõ todos os outros animaes com os homens, porque vivem mais perto delles; & os peixes não, porque vivem mais longe. 339. Os corvos comem os delinquentes depois de justicados, os homens comenos antes de sentenciados, & tal vez sendo innocentes. 348. Os meyoos que os homens tomaõ para se conservar se são contra Deos, Deos os toma para os destruir. 251. 252. Ho-

mens

mens de havemos de fazer, nunca farão nada. 238. Homens de façamos, farão quanto imprendderem. 239. Homens de façamos, até a Deos merecem em cuidado. 340.

**I**  
*Idolatria.* Começou depois do diluvio no tempo de Menrod. 267.  
*Ignorancia.* Quatro ignorancias, que grandemente diminuem o amor 410. Primeira não se conhecer quem ama a si mesmo. 411. Segunda não conhecer a quem ama. 415. Terceira não conhecer o amor. 419. Quarta não conhecer o fim onde ha de chegar amando. 425. O que parece fineza tundado em ignorancia, não he amor: o que não parece amor fundado em sciencia, he fineza. 406. São João para encarecer o amor de Christo, ponderou a sua sciencia, & Christo ponderou a nossa ignorancia. 402. 403. A mayor pena do amor he ver ignoradas suas finezas. 431. O que entre os homens se chama amor, ordinariamente he ignorância. 405. Pãris em quanto não conhecia a fortuna de seu alto nascimento, amava hũa pastora do Monté Ida; tanto que soube que era filho del Rey Priamo, logo mudou de amor. 411. Os que morreraõ, porque amáraõ, se souberaõ que haviaõ de morrer, não haviaõ de amar. 425. Abraham quando caminhava para o sacrificio, merecia muyto, & Isaac não; porque Abraham sabia onde hia, & Isaac ignorava-o. 426. Christo conheceo

que seu amor o levava à morte, & correo a ella como se a não conheceria. 427. Por isso affectou ignorancia quando o foraõ prender seus inimigos. 428. E por isto quiz que lhe cobrissem os olhos. 429.

*Igreja.* A instituição do Reyno de Portugal muy semelhante à da Igreja. 139. Nenhum golpe deu a espada dos Portuguezes, que não acrecentasse mais huma pedra à fabrica da Igreja. 156.

*Imagem.* A de S. Roque mais prodigiosa em dar faude, que a sombra de S. Pedro. 199.

*Impeccavel.* Na materia de lealdade teve Joseph para si, que era impeccavel. 179.

*Incredulidade.* Quam grave peccado seja não crer a Deos, quem crê em Deos. 267.

*Inferno.* Com fé de que ha Inferno, não pôde haver gosto. 318. Mayor devaçãõ, & acto de caridade he livrar Almas do Inferno, que tirar Almas do Purgatorio. 88. A confiança de que o homem se pôde converter, posto que esteja carregado de vicios, he a tentaçãõ dos Christãos, com que o Demonio levou ao Inferno todos os que lá estaõ. 509.

*Ingratidaõ.* Christo chegou a desacreditar seu amor para diminuir a nossa ingraticãõ. 435.

*Instante.* Mostrou o Demonio o mundo em hum instante, porq em instãte não pôde haver movimêto, nem conhecerse por elle o pouco q peza. 68.

*Instrumento.* A gentileza de hum voto he proporcionar os meynos com os

- kins, & os instrumentos com os me-  
yos. 235.
- Joseph.** Joseph estimou mais huma sepul-  
tura raza em sete pès de terra pro-  
pria, que os Mauzóleos da estranha.  
133. Respondeo à Egeyptia, que  
nao era possivel faltar à lealdade, que  
devia a seu Senhor, como se em ma-  
teria de deslealdade fora impecea-  
vel. 179.
- Jonatas.** Porque renovou Jonatas o ju-  
ramento, que tinha feito de amar a  
David, ou porque fez segundo jura-  
mento, tendo sempre guardado o pri-  
meiro? 421.
- Judas.** Era tão grande homem Judas,  
que suprião o seu lugar S. Mathi-  
as, & S. Paulo. 392. Seja Judas trai-  
dor a quem o elege, mas o eleitor não  
seja traidor à eleição. 387. Não só  
tinha o Demonio dentro no corpo,  
mas era Demonio. 78. Porque foy  
traidor, morreo tambem com morte  
traidora. 191.
- Justiça.** Quando o Calvario annuncia  
justiça, o Olivete annuncia a paz. 440.  
A paz são os frutos da justiça. 339.  
Exemplo raro com que Deos mos-  
trou, que por falta de justiça, miseri-  
cordia, & verdade castiga as Cida-  
des. 441. Nenhuma cousa anda mais  
mal praticada nas Cortes, que a di-  
stinação entre a justiça, & a graça. 108.
- Juizo.** Descripção de tudo o que sabe-  
mos do Juizo final. 465. 466. 467.  
Duas cousas só se ignoraão do dia do  
Juizo: a primeira quando ha de ser, a  
segunda quaes haõ de ficar à mão di-  
reita, & quaes à esquerda. Mostrese  
como se podem saber huma, & outra.  
468. &c. Como se virificão as pala-  
vras de Christo fallando do juizo  
universal: *Non prateribit generatio  
hec, donec omnia fiant.* 474. 475. &c.  
O Juizo universal, & o particular são  
a mesma cousa. 477. 478. No dia  
do Juizo não se ha de fazer nada de  
novo, só se ha de declarar o que já es-  
tá feito no Juizo particular. 477. O  
dia do Juizo ha de ser, & já he  
478. 479. He hoje, foy hontem, & ha  
de ser à manhã, &c. 473. O Juizo  
particular he muyto mais temeroso  
que o universal, porque este seria jui-  
zo com sinaes, aquelle he juizo sem  
final. 495. Aos do dia do Juizo pro-  
mette Christo muyto tempo antes de  
lhes tomar conta; aos do juizo parti-  
cular, nem hum momento lhes asse-  
gura. 498. No dia da morte tam-  
bem se acaba o mundo, & com mais  
rigorosas circumstancias de dor, que  
no dia do Juizo. 482. &c. He mayor  
dor morrer agora, que no dia do Ju-  
izo: & porque? 485. Os que entaõ  
morrerem, não teraõ de quem levar  
saudades: nem quem chore sua mor-  
te, ou se alegre com ella: nem a dor  
de lograrem outros, o que elles tra-  
balharaõ: nem os encargos de resti-  
tuiçãoens, herdeiros, testamentos,  
&c. 486. 487. &c. Notaveis effeitos  
que cauzará a expectação do juizo  
universal, & quam pouco, ou nenhum  
he o que cauzaa do juizo particular.  
499. Como pôde conhecer cada hum  
de de agora, se no dia do Juizo ha de  
estar à mão direita, ou à esquerda.  
507. 588.
- Isabel.** S. Isabel descrita por Salamaõ  
como

como Rainha, Hespanhola, & Aragoneza. 5. Filha de Rey, mulher de Rey, Máy de Rey. 3. Foy a melhor negociante do Reyno, do Ceo. 6. Com a Coroa da terra negociou a do Ceo. 6. Mayor Santa, porque Rainha, & mayor Rainha porque Santa. 6. Fora menos Santa, se a sua fantidade não assétára sobre mulher, & Coroa. 11. Porque não renunciou Santa Isabel a Coroa? Renunciou a Coroa sem a renunciar, & deixou-a sem a deixar. 12. E como? 13. Ninguem entrou na praça deste mundo com mayor cabedal. 4. As suas virtudes foraõ virtudes dobradas. 15. Está retratada na mulher do Apocalypse. 16. 17. 18. O habito de São Francisco, porque assentou sobre a purpura de Rainha, foy a gala que a faz mais gloriosa no Ceo. 18. Os escudos de Portugal, & Aragaõ são a bordadura da gala que veste no Ceo. 19. Era senhora da vida, & da faude, & por isso mayor Rainha. 22. Comparese com as outras Rainhas de Portugal, & mostra-se como foy mayor Rainha. 24. O Tejo aberto lhe deu passagem com mais ostentoso milagre o que do Jordão à vista da Arca do Testamento. 23. 24. Quam grande maravilha foy de S. Isabel dizer que as moedas eraõ rosas, & ficarem rosas. 26. Matou a morte: E como? 28. Paralelo da Rainha Santa Isabel com a Emperatriz D. Isabel, húa, & outra morta, & ambas Portuguezas. 29. Os Reys sem deixar de ser Reys, podem ser Santos, se aprenderem de S. Isabel. 30.

**L**

*Laço.* **H**A laços que se bebem, & laços que se comem. 191.

*Lagrimas.* Lagrimas lizongeyras como de figuras pintadas, que assim como se rim sem alegria, assim choraõ sem tristeza. 457.

*Ley.* A Ley de Deos he a verdadeira politica, & arte de reynar. 354. He o leme dos conselhos Christãos. 354. Os ministros haõ de ter como as Leys, estas poucas, & bem guardadas, aq[u]elles poucos, & escolhidos. 388. 389. O Não melhor he que o digaõ as Leys, que os Reys. 109.

*Lingua.* Ordinariamente quem tem muyta espada, tem pouca lingua. 456.

*Lisboa.* Lisboa conquistou à Igreja Romana aquelles vattissimos membro[s] do mundo, de que Roma já se chamava cabeça, mas ainda o não era. 135. O Senado de Lisboa está fundado com religiosa razão de Estado sobre as abobadas do Templo de Santo Antonio. 135.

*Louvor.* Nos peixes ha que louvar, & que reprehender. 335. Motivos que os peixes tem de louvar a Deos. 371.

*Lugar.* He ley natural, & lume da razão, que os mais sabios tenhaõ os melhores lugares. 123. Os lugares não se haõ de dar por qualidade, senão por talento, & merccimento. 123. Com o Sol, que se poem, se escurecem huns lugares, & com o que nasce, se alumiaõ outros, & isto succede no occazo, & oriente dos Reys. 126. Não haõ de estar os lugares

e iij                      vagos

## Indice

vagos nem hum momento. 115. 116.  
117. Sempre haõ de estar vivos, & anticipadaméte providos, ainda que morraõ os que os occupavaõ. 118.  
119. Os lugares vagos tem os inconvenientes do vacuo, se a natureza o permittira. 115. 116. O mayor credito de huma Communidade he que faltem lugares, & tobejem benemeritos. 395. O lugar que S. Bartholomeu tem no Evangelho ( que he o do meyo entre os Apostolos ) he o melhor lugar. 396.  
*Luz.* Fez Deos em Portugal hum seminario de luz da Fé, para a transplantar em todo o mundo. 147. Vi de Portugal. S. Antonio.

## M

*Mây.* **Q**Uam immensa dignidade he a de Máy de Deos. 326. Maria foy predistnada para mais que Máy, & para mais que Deos. 300. A sua graça foy mayor graça que graça de Máy de Deos precisamente. 293. 294. Por ser Máy de Deos, toda a gloria de Deos he sua, & mais que sua. 42. 43.

*Mal.* No mal que he de todos, perde-se a comparação, & on se não ha comparação, não ha miseria. 485.

*Mandamento.* Os Mandamentos da Ley de Deos são os melhores conselheiros. 456. A nossa Fé pára no Credo, não passa aos Mandamentos. 268.

*Mão.* Como póde conhecer cada hum desde agora, se no dia do Juizo ha de estar à mão direita, ou à esquerda. 507. 508. As mãos tem entendimen-

to. 242. Conselho de mãos he o melhor conselho. 243.

*Mar.* A graça de Maria ao pé da Cruz foy mar sobre mar. 307. Pela Maternidade foy máy, pela Cruz dilúvio. 405. 406.

*Marco.* A Marco Porcio ninguem se atrevco a pedir senão o justo. 104.

*Maria.* A virgindade da Virgem Maria, porque foy dobrada virgindade? 15. Excede Maria na gloria não só a cada hum dos Bemaventurados, senão a todos collectivamente. 31. Considerada a gloria de Deos, & a de Maria em duas partes, a de Maria he a melhor parte: E como? 31. A gloria de Deos he a maxima, & a de Maria a optima no mesmo sentido. 33. 34. &c. Se a eleição para a gloria he de Deos, como se diz que Maria escolheo à sua? 33. Maria na sua Assumpção chamase Senhora da Palma: E porque? 41. A palma de Maria na gloria he verse vencida nella de seu Filho. 41. O excessõ de gloria, que Deos tem sobre Maria, tambem he de Maria. 42. 43. Recompensou Deos a Maria o excessõ infinito de gloria, que tem mais que ella com a fazer sua Máy. 43. A mayor gloria de Maria no Ceo he, que o trono de seu Filho seja infinitamente mais alto que o seu. 47. Parabem que daõ todos os Bemaventurados a Maria no dia de sua gloriosa Assumpção. 47. A eleyção de Maria em respeito de sua gloria foy como a do Padre Eterno em respeito da gloria de seu Filho. 51. Quiz Deos que a Virgem Maria na Encarnação do Verbo dèsse seu

seu consentimento, para que fosse Filho da sua eleição. 52. porque razão S. Gabriel para persuadir a Virgem que accitasse ser Mãy do Verbo Encarnado, lhe representou somente as grandezas, que havia de ter este seu Filho, & não as da mesma Senhora. 52. Só pela Cruz como vara se pôde medir a graça de Maria, & só na Cruz como em balança se pôde pezar. 292. Foy mayor graça que graça de Mãy de Deos precitamente. 293. 294. No ponto da Encarnação teve toda aquella graça, que era competente à dignidade de Mãy de Deos. 294. Depois de estar cheia de graça na Encarnação, creceo sempre na graça. 294. Se Adam não peccára, sendo Maria Mãy de Deos, não havia de ter tanta graça como hoje tem. 295. Se o Espírito Santo encarnára, & houvesse duas Mãys de Deos, Maria tem mayor graça do que havia de ter a Mãy do Espírito Santo. 296. Em hum estado teve graça competente a Mãy de Deos, em outro menor graça, em outro mayor. 298. 299. Porque foy predestinada para mais que Mãy, & para mais que de Deos, por isso a sua graça foy mayor que de Mãy de Deos. 300. A graça de Maria teve duas predistinaçoens, huma como graça de Mãy de Deos Homê, outra como de Deos Homem passivel. 303. Pela Maternidade foy a sua graça como outeiro, pela Cruz foy como monte. 305. Pela Maternidade foy como mar, pela Cruz como diluvio. 307. Junto à Cruz foy mais que Mãy na graça, porque foy

mais que Mãy na fortaleza. 308. Se não fora já Mãy de Deos, mereceria fello pela fortaleza, com que o sacrificou na Cruz. 310. Foy impassivel por paciencia. 309. Paralelo de Maria com o Padre Eterno sobre os tormentos do Filho de ambos na Cruz. 309. Maria Senhora Nossa fundadora da Religião das Mercês para redempção de cativos. 226. Fundou esta sua Religião como Christo a sua Igreja; apparecendo tres vezes no dia de sua fundação a diferentes pesspas, & em differetes lugares, como Christo no dia de sua Resurreyção. 226. Debaxo do Titulo de Senhora das Mercês se contem todas as graças, & misericordias, que se dividem nos outros titulos, com que he nomeada, & invocada. 228.

*Maria Cleofé.* A nobreza de Maria Clefé foy mayor que a de todos os Emperadores das quatro Monarchias. 321.

*Martello.* Porque se chamou Santo Antonio martello das heresias, & não dos vicios? 155.

*Maternidade.* Comparada a dignidade de Mãy de Deos separada da graça, com a graça não só da mesma Senhora, mas de qualquer Justo; peza mais esta graça, que aquella dignidade. 324. 325. 326.

*Maximiliano.* O Emperador Maximiliano tirava o chapéo às forcas. E porque? 440.

*Mejo.* A gentileza de hum voto he proporcional os mejos com os fins, & os instrumentos com os mejos. 235. Quatro mejos para o Principe não chegar

chegar a dizer Naõ. 93. 103. 109. 115. Os meyoſ que os homens tomão para ſe conſervar, ſe faõ contra Deos, Deos os toma para os deſtruir.

251 252.

**Melhor.** Os eleitos para Miniſtros naõ ſõ haõ de ſer os bons, nem ſõ os melho- res, ſenaõ os melho- res dos melho- res. 380. Naõ ſõ a reſpeito dos excluidos haõ de preferir os melho- res, ſenaõ tambem a reſpeito dos meſ- mos eleitos. 384. Quando Saul era melhor que David, foy eleito Saul: quando David foy melhor que Saul, foy eleyto David. 382. 383.

**Mendigiar.** Chriſto foy taõ pobre, que chegou a mendigiar. 211. Naõ ſe contentou Deos com dar o que tinha, mas mendigou o que naõ tinha, para o dar em reſgate do homem. 212. Grande excellencia da noſſa Redep- çãõ ponderada por Saõ Paulo, que foſſe feita com preço mendigado. 212. Chriſto em quanto Redemptor, mē- digou de ſi meſmo, em quanto Criador, a materia dos Sacramentos. 213. O Santiffimo Sacramento foy inſti- tuido em materia mendigada. 213.

**Merce.** Os validos haõ de encher a gra- çã, que tem dos Principes, com ſervi- ços, & naõ ſe haõ de encher com ella de merces. 101. Barçelay quiz as merces del Rey para ſeu filho, & naõ para ſi. 44. Maria Senhora das Merces contē debaxo deſte Titulo todas as graçãis, & miſericordias, q̄ ſe divi- dem nos outros Titulos, com que he nomeada, & invocada. 228. Os Re- ligioſos das Merces ſãõ muyto ma- yores redemptores do que pretendē.

raõ ſer, & do que ſe cuida que ſãõ. 214. Naõ ſõ ſãõ redemptores dos corpos dos cativos, ſenaõ tambem das Almas, & deſtas principalmente. 218. Sãõ como o M reador do Evã- gelho, que comprou o campo por a- mor do thezouro. 219. Naõ ſõ ſãõ redemptores daquell s, a quem li- vraõ do cativeiro dos infieis, ſenaõ tambem daquelles, a quem pedem as eſmolas para os livrar. 214 215. Cu- ſtaõ he mais os reſgates, que os reſ- gatados. 209. Diferença notavel en- tre os Religioſos das Merces, & os outros que tem por inſtituto a ſal- vaçãõ das Almas. 220. Fazem voto de ſe deixar cativos dos Turcos, quã- do naõ tem o preço neceſſario para reſgatar os que eſtãõ em perigo de re- troceder. E quam ſublime actõ eſte ſeja. 221. Os Religioſos das Merces na Cidade do Maranhãõ fundarãõ nobre Templo à Senhora, vivendo elles em choupanas de palha, que he a mais airoſa correſpondencia da- quella architectura. 228. O Tem- plo de Noſſa Senhora das Merces do Maranhãõ como he na meſma Ci- dade todos os Templos, & Santua- rios da Chriſtandade, & fóra della. 228. 229.

**Miniſtros.** Nenhũa couſa deve deſvelar tanto ao Principe como a eleiçãõ dos grandes Miniſtros. 372. Os elei- tos para Miniſtros naõ ſõ haõ de ſer os bons, nem ſõ os melho- res, ſenaõ os melho- res dos melho- res. 380. Haõ ſe de fazer as eleiçõens deſtes com tençãõ de eſcolher Miniſtros, & naõ de multiplicar criaturas. 387. Naõ convem

*das couzas mais notaveis.*

convem Ministros supernumerarios.

391. Haõ de ser como as Leys, estas poucas, & bem guardadas; aquelles poucos, & bem escollidos. 388. 389.

*Misericordia.* Nem tudo o que parece misericordia, he misericordia, & verdade. 442. 443. &c. He excellencia grande da misericordia de Deos ser misericordia, & verdade. 446. A misericordia he juntamente verdade, quando naõ tem mistura de outro affecto, que a vicie. 447. Feita a mortos, he misericordia, & verdade. 447. Obra maravilhosa em Deos lembrar-se dos mortos, & uzar de sua misericordia com elles. 453. O enterro de homens enforcados he propriamente misericordia, & verdade. 461 462. Deos premia a misericordia, & verdade, como misericordia, & verdade, porque a premia com bens eterno. 464.

*Moeda.* Quam grande maravilha foy de S. Isabel dizer, que as moedas eraõ rofas, & ficarem rofas. 26.

*Moyfés.* Deu Deos a Moyfés o titulo de Deos de Faraõ, porque havia de converter humas substancias em outras. 25.

*Mulher.* A mulher forte negociou com cabedal, diligencia, & ventura. 3. Fora menos Santa S. Isabel, se a sua santidade naõ assétara sobre mulher, & Coroa. 11.

*Morrer.* Morrer com o alheio atravessado na garganta, miseravel morte. 368. Morrer pela fome, & pela boca alhea, grande ignorancia. 361. Deu Deos aos Portuguezes para nacer, pouca terra; para morrer, toda

a terra. 146. Nacer Portuguez he obrigaçãõ de morrer peregrino. 146.

*Morte.* Santa Isabel matou a morte: E como. 28. A morte viva mata os corpos, & corrompeos; a morte morta naõ os pède corromper. 28. Porque naõ houve já mais quem pedisse dispensaçãõ da morte? 111. Judas porque foy traidor, morreo tambem cõ morte traidora. 191. Christo he Redemptor das Almas, & dos corpos porque o foy do peccado, & o ha de ser da morte. 217. Os que morreraõ, porque amaraõ, te souberaõ, que haviaõ de morrer, naõ haviaõ de amar. 425. O mais que pède esperar hum amigo do outro na morte, he meya folha de papel com quatorze versos. 450. Entaõ, & agora em respeito do dia da morte, & do dia do Juizo, naõ tem opposiçãõ: o agora he entaõ, & o entaõ he agora. 479. No dia da morte tambem se acaba o mundo, & com mais rigurofas circumstancias de dor, que no dia do Juizo. 482. &c. He mayor dor morrer agora, que no dia do Juizo. E porque? 485. Vide Juizo. Morrer no tempo presente he padecer a morte propria, & mais a vida alhea. 485. Hum dos mayores rigores, que tem a morte, he ser apartamento. 487. Os que morrerem no dia do Juizo, naõ teraõ de quem levar faudades, nem a quem as deixar. 487. Os que morrerem no dia do Juizo, naõ teraõ quem chore sua morte, nem quem se alegre com ella. 487. Para os que morrem no tempo presente acabase a vida, mas

não os encargos della. 488. Entre todas as enfermidades a mais rigurofa he a peste, porque dà a morte com o instrumento da vida. 190. 191. Christo vem a julgar a cada hum na hora da morte, & no mesmo lugar onde morre. 491. 492. Muyto mais tremendo he o modo, com q̄ Christo vem julgar na hora da morte, do que será o dia do Juizo. 494. Todos os homens, ou quasi todos morrem de repente. 496.

*Morto.* Mortos, que ainda os não comeo a terra, & já os tem comido toda a terra. 348. Forão os peyxes excluidos dos sacrificios, porque geralmente não podião chegar lá senão mortos. 369. Melhor he não chegar ao sacrificio, q̄ chegar morto 369. Misericordia feita a mortos he misericordia, & verdade. 447. Provou Christo ser boa obra a unção da Magdalena, não por ser feita a elle, senão a hũ morto. 448. Até os q̄ na vida morrião por vós, na morte morrem cõ vosco. 450. Com os mortos morré todos os respeitos. 449. 450. 451. 457. David pagou a Jonathas o amor, que lhe devia, com fazer huma canção à sua morte. 450. Os beneficios feytos aos mortos são os mais calificados, porque são fazer bem, a quem me não pôde fazer bem, nem mal. 452. As exequias dos mortos são obsequios a vivos. 456. 457. Obra maravilhosa em Deos lembrar-se dos mortos, & usar de sua misericordia com elles 453.

*Mudança.* A fortuna muda as feiçoens aos homens. 165. 166.

*Mundo.* O mundo he hũa praça universal franqueada por Deos a todos para negociarem o Ceo. 3. A Alma por confissão do Demonio val mais que todo o mundo. 60. Não ha cousa, porque se possa vender, ou trocar a Alma, ainda que seja por todo o mundo. 61. Todos os Reynos do mundo não são mais, que hũa apparencia. 64. O mundo composto de muytos Reynos he hũa vaidade composta de muytas vaidades. 65. Mostrou o Demonio todo o mundo em hum momento, porque toda a sua duração he hum momento. 68. Mostrou-o em hum instante, porque em instante não pôde haver movimento, nem conhecer-se por elle o pouco, que peza. 68. Todas as cousas do mundo fazendo discurso por ellas, se mostra, que não tem pezo algum. 69. Poem-se em balança de huma parte o mundo, & da outra a Alma, & julga-se qual peza mais. 63. &c. Andou o Demonio muyto necio em mostrar o mundo, & suas glorias: havia de encobrir a mercadoria, se queria, que lha comprassem. 70. O que não conseguiu o Demonio com o mundo inteiro, consegue-o com pedaços do mundo. 79. Concedido ao Demonio, que fosse verdadeiramente Senhor do mundo, & o podesse verdadeiramente dar, & cõ todos os partidos possiveis, & imaginaveis, ainda seria grande loucura dar-lhe a Alma por este preço. 80. 81. 82. Quanto ha de durar o mundo: varias opinioens. 469. 470. 471. 472. No dia da morte tambem se acaba o mundo,

do, & com mais rigurofas circumftancias de dor, que no dia do Juizo. 482. Tanto monta que o mundo fe acabe para mim, ou eu para elle. 484. No theatro do mundo não só paffaõ as figuras, senão tambem o mesmo mundo. 483. 484.

**N**

*Nada* **O** Carecer dos gostos do mundo, & o nada dell'es, he mayor gosto q̃ os mesmos gostos. 317. Decretos sem execuçaõ são nada. 241. Homens de faremos, não fazem, nem faraõ nada. 237. 238.

*Não.* Nós começamos as nossas naõs pela quilha, Deos começou a sua pelo Piloto. 120.

*Não.* Os descobridores da India começaraõ pelo Cabo de Naõ, & acabaõ pelo Cabo de boa Esperança: Os pretendentes começaõ pelo Cabo de Boa Esperança, & acabaõ pelo Cabo de Naõ. 89. *Non*: não tem aveço nem direyto; por qualquer parte que o tomeis, sempre he o mesmo. 90. O não nem se pôde enfeitar, nem adoçar, nem dourar, em qualquer folta que se ponha, sempre he mal foante. 90. He muyto duro para quem o ouve, & não deve ser menos duro para quem o pronuncia. 91. Sem ser couza alguma, he como as outras couzas deste mundo, que tem seus bens, & seus males. 96. Se he decente ao Principe dizer Naõ? Razoens por hũa, & outra parte. 93. 94. Quatro meynos para evitar o Naõ. 1. que os que estaõ na graça do

Principe sejaõ os pri meyros, a que se não conceda, o que pretendem 93. 2. que o Princep: em todos seus despachos, & resoluçoens, seja justo, & inteiro; & conhecido por tal. 103. 3. que se obseruem as Leys em todo seu vigor sem dispensaçãõ. 109. 4. que os lugares, & officios não estejaõ vagos, & se provejaõ logo. 115. Christo com dizer hum Naõ aos validos, se livrou de dez, & de setenta Naõs, 98. Adoçou este Naõ com dizer, que aquelles lugares estavão decretados a outros por seu Pay. 126. O Naõ melhor he que o digaõ as Leys, que os Reys. 109. 110. Alvitreiros, que propoem industrias, de que elles hãõ de ser os executores, merecem hũ Naõ muyto defenganado, & seco. 122. Escuzarse hum não com outro não, dizendo, Naõ, porque não he costume na nossa terra; quam grande abuzo seja. 123. O modo mais decente de os Reys dizerẽ Naõ, he refirindose aos seus conselhos. 125. Quando os Reys dizem não, escuzando-o com seus contelhos, deve ser com tal cautella, que nem se afeye a authoridade do Rey, nem o credito dos Conselheiros, nem a mesma razaõ da escuza. 125.

*Negar.* O que se concede a hum, porque o pede, não se pôde negar a outro, ainda que o não peça. 112. Concedestes a outro: logo não me haveis de negar a mim; he argumento, que se não solta com mayor razaõ. 113. Onde ha vinte & quatro modos de negar, haverã vinte & cinco de pedir. 121. Diferença entre negaçãõ,

& privação. 102. A privação honra o fogueito, a negação afronta. 102. He facil confessar a Christo, & difficulto negarte a si. 279.

**Negociar.** O mundo he hua praça universal franqueada por Deos a todos para negociarem o Ceo. 1. As tres partes do bom negociante são cabedal, diligencia, & ventura. 2. Para a negociação do Ceo a todos dá Deos o cabedal, a todos offerece a ventura, & só pede a diligencia. 3. A mulher forte negociou com cabedal, diligencia, & ventura. 3.

**Nobreza.** Pezase a graça de Deos com a nobreza do sangue. 321. Melhor he ser parente de Deos por graça, que parente por sangue: E porque? 322.

**Noite.** O dia encobre o Ceo, & descobre a terra: a noite encobre a terra, & descobre o Ceo. 375.

**Nome.** Os Reys podem dar nomes, mas não podem dar ser. 27.

**Nomina.** A nomina, & a eleição tudo ha de ser de Deos, & primeiro a eleição que a nomina, porque não elege quem elege, senão quem nomea. 376.

**Numero.** O numero dos Ministros ha de ser certo, & não arbitrario. 390. 391. 392. Não convem Ministros supernumerarios. 391. Sendo os Apostolos doze, & S. Paulo o decimo-tercio, como não foy supernumerario? 392. Não basta só eleger o numero, senão elegelo, & declaralo: E porque? 395.

**Obediencia.**

**O** Filhos obedientissimos da Sé Apostolica he

o Titulo de que se prezaõ os Reys de Portugal. 137. No filho obedientissimo nem pôde ser a obediencia vencida, nem ainda tentada. 159.

**Oceano.** O Tejo tirou o Tridente das mãos ao Oceano para o pôr aos pés do Tibre. 153.

**Officios.** Vide Lugares.

**Olhos.** Na eleição dos fogueitos mais vê os pays com os olhos fechados, que os filhos com os olhos abertos. 130. Peixe, que tem quatro olhos, dous para cima, porque o perseguem as aves, & dous para baixo, porque o perseguem os peixes. 344.

**Omnia.** Ao *omnia tibi dabo* do Demônio hã de responder com o *omnia vanitas* de Salamaõ. 65.

**Opiniã.** Entre os Anjos pôde haver variedade de opiniões, ou votos, tem menoscabo de sua sabedoria, nem de sua santidade. 234. 235.

**Paciencia.**

**M**aria Sãtissima impassivel por paciencia 309.

**Padre Eterno.** A Divindade do Verbo helhe cõmunicada pelo Padre necessariamente, & não por vontade, ou eleição livre. 48. Tudo o que o Eterno Padre podia dar por eleição livre, deu-o ao Filho, & não o tomou para si. 50. Porque diz São Paulo, que a igualdade, que tem o Verbo cõ o Padre, não foy reubada. 48. Parallelo de Maria com o Padre Eterno. 106.

**Sobre os tormentos do Filho de ambos na Cruz.** 309.

**Pagar.** Tomar aos pobres, & não pagar aos acredores, grande desordem 108. Porque são mais inclinados os Reys a dar, que a pagar; & a fazer merces, que a satisfazer dividas? 108.

**Pay.** Os pays antes que é as glorias para seus filhos, que para si. 34. 35. & c. Mayor gloria he do pay ser vencido de seu filho, que vencelo. 35. Os filhos não só podem igualar a seus pays nos beneficios, se não, também vencellos. 35. Os filhos devem procurar ser tão bons como seus pays, & os pays que seus filhos sejam melhores que elles. 39. A gloria do filho he mais do pay, que do filho. 40. Nas contendas entre pay, & filho, a palma do pay he ser vencido. 41. O sacrificio de Isaac foy louvado no Pay, & premiado no filho. E porque? 45 Na eleição dos sogritos mais vem os pays com os olhos fechados, que os filhos com os olhos abertos. 130. Os Principes herdeiros devem seguir, & não mudar as eleições de seus pays. 126. O filho por sabio que seja, deve suppor, que seu pay sabia mais, & prezar-se d'isso. 131. Os Amigos, que já o foram dos pays, são seguros, os que os filhos elegem de novo, quando menos são duvidosos. 129. Porque chamou Christo na Cruz a sua Mãe mulher, & a teu Pay Deos? 308. 309.

**Palacio.** Tropeçando nas escadas de Palacio ha velhos, que não se podem apartar daquellas paredes. 44.

**Palma.** Maria Santissima na sua Af-

umpção chama-se Senhora da Palma: E porque? 41. A sua palma na gloria he verse vencida nella de seu Filho. 41.

**Pano.** Grande ignorancia dos peixes deixarem-se enganar com dous retalhos de pano, & este mesmo engano mata os homens. 352.

**Papel.** Papel, & tinta são duas peças quasi escuzadas em hum Conselho. 146. Melhor he ouvir hum Confe-lheiro, que fallar, & responde, & não hum papel mudo. 246. Foy possível que no Conselho, & morte de Christo se executassem tantas cousas em tão poucas horas, porque não entrou nelle papel, & tinta. 248. 249. Se entrara papel, & tinta no Conselho, & processo da morte de Christo, ainda hoje estivera o mundo por remir. 281. O papel sempre foy invenção de esolar, ao principio esollavaõ-se as arvores, depois os animaes, agora os homens. 250. He o papel ladraõ marcado. 249. Papel sellado foy boa invenção, se pagaraõ o si llo os Ministros, & não as partes. 250.

**Parabem.** Comprimento notavel, com que os vassallos de David lhe derão o parabem na Coroação de seu filho Salamaõ. 46. Parabem, que dão todos os Bemaventurados a Maria no dia de sua gloriosa Assumpção. 47.

**Parentesco.** Porque se chamou S. João amado, & não primo de Christo. 322. Melhor he ser parente de Deos por graça, que parente por sangue. 322.

**Paris.** Paris em quanto não conhecia a fortuna de seu alto nascimêto, ama-va húa pastora do môte Ida, tanto

que sobe, q̄ era filho del Rey Priamo, logo mudou de amor. 411.

*Parcialidade.* Ninguem divide melhor as partes entre si contrarias, que quem tem entrada com ambas. 174.

*Patria.* Joseph estimou mais huma sepultura raza em sete pès de terra propria, que os Miufolèos da estraña. 133. Ser pouco venturoso com a patria he fortuna de Christo, & de São Rôque. 173.

*Paulo.* Sendo os Apostolos doze, & S. Paulo o decimotercio, como não foy supernumerario? 392. Era tão grande homem Judas, que suprião o seu lugar, S. Mathias, & S. Paulo. 392.

*Paz.* Absalaõ quer dizer paz de seu Pay: E quando morreu enforcado, se compriu nelle a profecia do nome. 439. Do diluvio, q̄ foy o mais exemplar castigo, se seguiu a paz, que a pomba trouxe no ramo. 439. Primeiro annunciou a paz o corvo, que a pomba. 440. Quando se dà carne de justicados aos corvos, segura està a paz do mundo. 440. Os ossos dos enforcados tão a semente, de que nasce a paz. 439. A paz he o fruto da justica. 439. Quando o Calvario annunciava a justica, o Olivete annunciava a paz. 440.

*Peccado.* Se Adam não peccára, sendo Maria Mãe de Deos, não havia de ter tanta graça como hoje tem. 295. Christo he Redemptor das Almas, & corpos, porque o foy do peccado, & o ha de ser da morte. 217. Põe Deos em húa para que os homens pezassem naquella balança a grandeza, & excellencia da graça, que perdèraõ pelo

peccado. 1328. Porque chamou S. Paulo a graça dos Reys peccado temporal. 312.

*Pedir.* Pedir he mais que deixar. Provale com Escrituras, & muytas razoons. 207. 208. Muito mais faz quem pede para dar, do que quem dà o que tem. 209. Christo não mãdou, mas aconselhou, que dèssimos o que temos; porèm que pedissemos para dar, nem mandou, nem aconselhou tão grande fineza. 209. O mais caro preço, porque se compra qualquer couza, he o pedilla. 209. O que se concede a hum porque o pede, não se pò de negar a outro, ainda que o não peça. 212. Quem não tem merecimento, hase de benzer de pedir, como de tentação. 105. Se ha vinte quatro modos de negar: haverã vinte & cinco de pedir. 121.

*Pedro.* S. Pedro Apostolo deixou tudo, & seguiu a Christo, S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, & mais que seguir, & nestas duas açcoens ha grande differença de Pedro a Pedro. 206. S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir, & fez mais que seguir, porque professou emparelhar, & de que modo? 206. Excelencia de seu instituto superior ao de todas as outras Religioens, & declarada pelos Summos Pontifices. 223. Trouxe o sobrenome de Nolasco, do Arcebispo de Nolla S. Paulino, o qual se captivoou para remir húa Captivo. 221. S. Pedro Nolasco. Vide, deixar, pedir, mendigar, captivoeiro, redempção, merces.

*Pegador.* Ha Pegadores peixes, & Pegadores

*das couzas mais notaveis.*

gadores homens, de quem os peixes parece que aprenderão. 358. Aos Pegadores homens vem-lhe a loceder no fim, o que aos Pegadores peixes. 358. 359. Moriendo o Tubarão morrem com elle os Pegadores. 359. Deos tem tambem seus Pegadores, hũ dos quaes foy Santo Antonio. 360. Os Pegadores, que se pegão com Deos, vão com elle, elle he o que morre para que elles vivão. 360.

*Peixe.* Prêgação de S. Antonio aos peixes. 332. Nos peixes ha que louvar, & que reprehender. 335. Excellencias dos peixes entre todos os animaes. 336. Quando os homens tem entranhas para lançar Jonas ao mar, hum peixe teve entranhas para recolher, & conservar nellas. 337. No diluvio perecêrão todos os outros animaes com os homens, porque vivem mais perto delles, & os peixes não, porque vivem mais longe. 339. O peixe de Tobias com o sel farava as ceguiças, & com o coração lançava fóra os Demonicos. 340. Havendo peixe, que faz tremer o braço ao pescador, os pescadores da terra peccação, & não trinem. 342. Peixe, que tem quatro olhos, dous para cima, porque he perseguido das aves, & dous para baixo, porque he perseguido dos peixes. 343. Quam grande parentesco tem o peixe com a virtude. 345. Os peixes, que são sustento dos pobres, multiplicaõ mais. 346. Os peixes como frios, & sem azas deixaráõ-se ficar na agua, as aves como generosas mudaráõ elemento. 146. A fevicia dos peixes em se co-

merem huns a outros he como a dos homens. 347. Se os peixes pequenos comêrão os grandes, menos mal era mas o mal he, que os grandes comem os pequenos. 349. Porque os grandes comem os pequenos, encontraõ de peis com outros mayores, que os comem tambem a elles, & o mesmo succede aos homens. 350. Respondem os peixes, que se não põdem sustentar de outro modo, & são convencidos com o exemplo dos outros animaes. 351. Grande ignorancia dos peixes deixarem se enganar com dous retalhos de pano, & este mesmo engano mata aos homens. 352. Até os peixes, que tomaõ os bens dos naufragantes, encorrem por seu modo a pena de excõmunhaõ. 368. Foraõ os peixes excluidos dos sacrificios, porq̃ geralmente não podião chegar lá se não mortos. 369. Motivos que os peixes tem de louvar a Deos. 371. Envejas, que os homens, que não servem a Deos, põdem ter os peixes. 370. *Peixe.* Vide Santo Antonio, Remora, Torpedo, Pegador, Roncador, Voador, Polvo, Tobias, Jonas.

*Pelle.* Não ha couza que mais engane o juizo dos Eleitores, que a pelle. 399. Haõse de avaliar os homens não só despidos das galas, senão da pelle. 401. Os homens não se haõ de julgar pela pelle, que se vê, senão pelo coração, que se não vê. 401. *Penna.* As pennas fazem, que os negocios não voem. 250. A penna de qualquer ave toda nasceo de carne, & sangue. 246.

*Perola.* As poitas do Ceo são abertas cada

- cada hum em huma perola. 271.
- Peste.* Descripção da peste, em quanto mal universal. 183. entre todas as enfermidades a mais rigurosa he a peste, porque dá a morte com o instrumento da vida. 190. 191. O mayor rigor da peste he ser hum mal, em que haveis de dizer, aos que vos querem bêm, que fujaõ de vós. 192. Vide S. Roque.
- Pezo.* O pezo das couzas do mundo não està nellas, porque todas são vãs està no coração, com que as amamos, 66. 67. Todas as couzas do mundo fazendo discursio por ellas se mostra, que não tem pezo algum. 69. Vendemos a Alma ao Demonio, porque não pezamos, o que elle nos promete, & o que lhe damos. 62. 63. Mostrou o Demonio o mundo em hum instante, porque em instante não pôde haver movimento, nem conhecerse por elle o pouco que peza. 68. Os homens pezaõ falto com balanças verdadeiras. 66.
- Pobre.* Os peixes, que são sustento dos pobres, multiplicação mais, 345. Tomar aos pobres, & não pagar aos acredores, grande desordem. 108. Vide mendigar.
- Poder.* Dos grandes, & poderosos salvaõle muyto poucos, & por grande maravilha. 504. 505. 506. Poder, & saber são duas couzas, que fazem bronzar os homens, porque ambas inchaõ. 357.
- Politica.* A verdadeira politica he a Ley de Deos. 354
- Polvo.* O Polvo pintase da cor de todas as couzas, a que està pegado. 365.

- He mayor traidor que Judas. 365
- Portugal.* A grande Aguiã do mundo he Hespenha, as duas azas desta Aguiã Portugal, & Aragaõ. 17. Os Escudos de Portugal, & Aragaõ são a bordadura da gala, que veste Isabel no Ceo. 19. Gloria singular do Reyno de Portugal ser instituido por Deos espontaneamente. 149. O fim do Reyno de Portugal não só he politico, mas Apostolico. 140. A instituição do Reyno de Portugal muy semelhante à da Igreja. 139. As Quinas de Portugal não só são brazaõ, mas verdadeiramente Armas. 144. A infidelidade dos Gentios foy cõquistada não pelas armas dos Portuguezes, senão pelas armas de Portugal. 144. Porque se empregáraõ os trinta dinheyros, porque foy vendido Christo, em sepultura de peregrinos, & esmalte das Armas de Portugal. 146. Fcz Deos em Portugal hum seminario de luz da Fè para a transplantar em todo o mundo. 147. Nem no Reyno, nem em toda a Monarquia domina Portugal hum palmo de terra, que não fosse conquistado aos infieis. 154. Porque Portugal foy a Roma atè a sexta vez sem Estrella, por isso foy recebido com seis Estrellas. 160. Santo Antonio entrou no Ceo no dia de sua morte, & os sinos de Lisboa não se repicáraõ senão no dia de sua Canonização; porque não tem Portugal as suas glorias por glorias, senão quando as vê canonizadas por Roma. 161. S.õ Roque teve maõ na peste do Algarve, para que não passasse a Portugal. 201. 202. S.õ

*das ceuzas mais cotaveis.*

Sam. Tiago pretendera em Portugal hum Bispado, haviãolhe de nomear o de Meliapor. E porque. 124.

*Portugal.* S. Antonio foy verdadeiro Portuguez, porq̃ foy luz do mundo. 137. Ser luz do mundo nas outras naçoens Catholicas he graça particular das pessoas, dos Portuguezes he universal da nação. 138. Os Portuguezes primeyro se chamarão Mundanos, & depois Lusitanos, para trazerem no nome a luz do múdo. 140. Os outros Christãos tem obrigação de crer a Fè, & o Portuguez tem obrigação de a crer, & mais de a dilat. 138. Os Portuguezes forão instituidos por Deos como soldados de Gedão, para levarem em hũa mão a trombeta, na outra a luz. 140. Nascer Portuguez, he obrigação de morrer peregrino. 146. Deu Deos aos Portuguezes para nascer pouca terra, para morrer toda a terra. 146. S. Antonio como Sol prodigioso fez seu curso de Poente para Levante, porque levava a saude nas azas; & este foy o curso dos Argonautas Portuguezes. 149. Na navegação dos primeiros Portuguezes em seus descobrimentos Deos era, o que mandava a via. 150. Os Portuguezes derão fundo com as ancoras, onde S. Agostinho não achou fundo com o entendimento. 152. Jonas foy o primeyro, que passou o Cabo de Boa Esperança por bayxo d'agua, os Portuguezes por cima. 152. & 153. Os Portuguezes para os infieis tem a espada; para os Catholicos tem o escudo. 155. Nenhum golpe deu a espa-

da dos Portuguezes, que não accrescentasse mais hũa pedra à fabrica da Igreja. 156. O ferro Portuguez he como o da Lança, que abriu o Lado de Christo. E porque? 156.

*Praça.* O mundo he hũa praça universal franqueada por Deos a todos, para negociarem o Cco. 3.

*Preço.* O mais caro preço, porque se compra qualquer couza, he o pedilla. 209. Tudo o grande, & precioso, que ha no homem, he a Alma. 73. & 74. Considerado o preço, que Deos deu pela Alma, parece, que val tanto a Alma, como o mesmo Deos. 71.

*Prêgação.* Christo prêgou aos do Inferno, & que prêgação lhes fez. 266. Prêgação de S. Antonio aos peixes 332. Desgraciado Prêgador, o que salva aos outros, & não se salva a si. 186.

*Pretendente.* Os pretendentes são como Aguias vulturinas, que em cheirando o corpo morto, logo voão a cevarse, 115. & 119.

*Principe.* Nenhũa couza deve desvelar tanto ao Principe, como a eleyção dos grandes Ministros. 372. O Principe, que se desvella na eleyção dos Ministros, bem pôde dormir no tempo da tempestade. 372. Se he decente ao Principe dizer Não? Razoens por huma, & outra parte. 93. & 94. Vide Rey.

*Privaça.* Pezase a graça de Deos com a privaça, & graça dos Reys. 312. Porque se chamaõ os validos privados? 102. Diferença entre privaçaõ, & negação. 102. O mayor credito do valido he, que a sua privaça

ça seja privação. 102.

*Privilegio.* O privilegio he ferida da Ley, & a espada do Rey, não ha de ser para referir a Ley, senão para matar, & queymar a quem a não guardar. 110.

*Prodigalidade.* Tomar a huns violentamente o necessario para dar a outros prodigamente o superfluo,quão grande injustiça seja. 108.

*Provisamento.* Os lugares sempre haõ de estar vivos, & anticipadamente providos, ainda que morraõ os que os ocupavão. 118.& 119.

**Q**  
*Queixa.* **T**UOS os que forão excluidos do Apostolado, provárão, que merecião ser Apostolos, porque nenhum se mostrou queixoso. 395.

*Querer.* Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer, & o que tem. 363.

*Quinas.* As Quinas de Portugal não sãõ brazão, mas verdadeyramente Armas. 144. A infidelidade dos gentios foy conquistada não pelas armas dos Portuguezes, senão pelas armas de Portugal. 144. S. Antonio passou da Religião de S. Agostinho para a de S. Francisco, para se alistar debayxo das Sagradas Quinas. 142.

**R**  
*Rainha.* **S**Anta Isabel mayor Santa, porque Rainha, & mayor Rainha, porque Santa. 6. Comparese com as outras Rainhas de Portugal, & mostre-se como foy mayor Rai-

inha. 24 Rainha, & Santa só hũa se acha em todo o testamento velho. 9. Porque he mais difficultoso ser Rainha, & Santa, que Rey, & Santo. 10. Vide Isabel.

*Razão.* He ley natural, & lume da razão que os mais sabios tenhaõ os melhores lugares. 123. O Principe não deve seguir as razões dos Grandes, senão as grandes razões. 234. Dale a razão, porque crendo os Christãos em Christ, não creem a Christo. 278. & 279. E quando S. Antonio perseguido dos homens foy pregar aos peyxes, nos homens estava a razão sem uso nos peyxes, o uzo foy a razão. 337. Concedestes a outro; logo não me haveis de negar a mim; he argumento, que se não tolta com mayor razão. 113.

*Rey.* No Reyno de Israel Reys, & Santos só houve tres. 8. Castiga Deos os Reys, permitindo, que sejaõ enganados de seus Conselheyros. 233. El Rey Roboam se perdeu, porque não quiz seguir os Conselheyros velhos de seu Pay, senão outros, que se tinhaõ criado com elle. 127. 128. & 129. A verdadeyra arte de reynar he a Ley de Deos, 254. & 255. A mayor desgraça dos Reys he, que os que estão em sua graça, andão commummente fóra da graça de Deos. 312. Vinte & quatro differenças entre a Graça de Deos, & dos Reys 313. 314. & 315. Não ha graça dos Reys segura, senão fundada na graça de Deos. 316. Com o Sol, que se poem, se escurecem huns lugares, & com o que nasce, se alumiaõ outros,

*das couzas mais notaveis.*

outros, & isto succede no Occalo, & Oriente dos Reys. 126. Christo acuzado de se fazer Rey, & provada a acuzação por modo admiravel. 21. Porque taõ mais inclinados os Reys a dar, que a pagar, & fazer mercès, que a satisfazer dividas? 108. Cuidão os Reys, que o dar he seu, & Christo diz, que não he seu o dar. 107. O privilegio he ferida da Ley, & a espada do Rey, não ha de ser para ferir a Ley, senão para matar, & queimar a quem a não guardar. 110. Os Reys não se devem esquecer na fortuna prospera dos beneficios, que recebêraõ da adversa. 44. Conheça o Rey os criados para fiar menos dos que prestão para menos. 3. O Não melhor he, que o digaõ as Leys, que os Reys. 109. Quando os Reys dizem Não, escuzando-o com seus Cõselhos, deve ser com tal cautella, que nem se afce a authoridade do Rey, nem o credito dos Conselheyros, né a mesma razão da escusa. 125. Os Reys pòdem dar nomes, mas não pòdem dar ser. 27. São Senhores da vida, porque a pòdem tirar, mas não porque a possião dar. 22.

*Remedio.* O Demonio dos nossos remedios faz tentações. 55. & 56. Nós das tentações do Demonio podemos fazer remedios: E como? 57. & 58. A mesma cousa offerecida pelo Demonio he tentação, bem considerada por nós he remedio. 58.

*Remora.* Santo Antonio Remora das payxos humanas. 341.

*Renunciar.* Santa Isabel renunciou a Coroa, sem a renunciar, & deyxou-a,

sem a deixar. 12. E como? 13.

*Respeito.* Não se haõ de fazer as eleições por respeito de sangue, nem de temor. 387. Com os mortos morrem todos os respetos. 449. 450. 451. & 457. A misericordia, que se exercita com os enforcados, he limpa de todo o respeito dos vivos. 458.

*Roma.* Portugal fugeitou a Igreja os vastissimos membros do mundo, de que Roma já se chamava Cabeça, & ainda o não era. 135. Porque Portugal foy a Roma até a sexta vez sem Estrella, por isso foy recebido com seis Estrellas. 160. Santo Antonio entrou no Cco no dia de sua morte, & os sinos de Lisboa não se repicãrão senão no dia de sua Canonização; porque não tem Portugal as tuas glorias por glorias, senão quando as vê canonizadas por Roma. 161.

*Roncador.* Reprehendem-se os Roncadores. 356. Goliath era a ronca dos Filisteos, & bastou hum pastorzinho com hum cajado, & hũa funda para o derrubar. 357. O muyto roncar antes da occasião he final de dormir nella. 356.

*Roque.* S. Roque duas vezes Bemaventurado no Euangelho, & quatro vezes mal afortunado na vida. 162. Semelhãte a Christo nascido, a Christo prezo, a Christo crucificado, & a Christo morto. 163. Desgraçado cõ os parêtes. 164. Desgraçado com os naturaes, & cõ a patria. 173. Desgraçado com as enfermidades. 190. Desgraçado com os remedios. 184. Nenhum final da Cruz foy mais semelhante, nem mais final, que o final.

## Indice

da Cruz, com que S. Roque sarava os apeltados. 189. A fude, que dava S. Roque, era flu le contagioza. 200. Foy peste da peste. 195. 196. & 197. Sarou da peste a Cidade de Conitnci com hum estupendo milagre no tempo, em que alli se celebrava o Concilio. 197. Mais prodigiosa a sua imagem em dar saude, que a sombra de S. Pedro. 199. São Roque teve maõ na peste do Algarve, para que não passasse a Portugal. 201. & 202.

*Rôsa.* Quam grande maravilha foy de Santa Isabel dizer, que as moedas eraõ rotas, & ficarem rôsas. 26.

*Roubo.* Porque diz São Paulo, que a igualdade, que tem o Verbo com o Padre, não foy roubada. 48.

## S

*Saber.* **S**aber, & poder são duas couzas, que fazem braço-nar os ho-nês, porque ambas inchão. 357. Nenhum Sabio deve dezejar mayor certeza em qualquer materia, que a de que ella he capaz. 513. O filho por sabio que seja, deve suppor, que seu pay sabia mais, & prezar-se disso. 131.

*Sacramento.* Christo, em quanto Redemptor mendigou de si mesmo, em quanto Criador a materia dos Sacramentos. 213. O Sanctissimo Sacramento da Eucharistia foy instituido em materia mendigada. 213. Christo no Sacramento está prezo, & encarcerado. 222.

*Sacrificio.* Forão os peixes excluidos dos sacrificios, porque geralmente

não podião chegar lá senão mortos! 369. Melhor he não chegar ao sacrificio, que chegar a elle morto. 369.

*Sal.* Quando o Sal não salga, ou a terra tenão deixa salgar, que se ha de fazer ao Sal, & à terra? 331. Santo Antonio não só foy sal da terra, senão tambem sal do mar. 333.

*Salvação.* Dos Catholicos commumente ametade se perdem, & ametade se salvaõ. 501. Dos grandes, & poderosos salvãose muyto poucos, & por grande maravilha. 504. 505. & 506. Como pôde hum homeny se quizer, fazer certa a sua salvação. 510. & 511. O Demonio offerrece hum mundo só por pôr a salvação de huma Alma em duvida. 83. A salvação não se ha de pôr em duvida, nem por todo o mundo. 83. & 84. Christo na Cruz detpido, atormentado, affrontado, morto por nossa salvação, he exemplo, de que nem pela fazenda, nem pela honra, nem pelo gosto, nem pela vida se ha de pôr a Alma em risco. 87. Não só morreo pelas Almas, que se haõ de salvar, tenão tambem pelas que se haõ de condenar, só porque são Almas. 85. & 86. Delgraciado prégador, o que salva aos outros, & não se salva a si. 186. Não só se ha de procurar a salvação das Almas proprias, senão tambem a das alheas. 88. As primeyras Náos da India chamadas dos Estrangeyros Carracas, eraõ carroças da salvação. 151.

*Sair.* Sem sair ninguem pôde ser grande. 146. Os peyxes como filios, & sem azas deixaraõse ficar na agua, as  
aves

*das couzas mais notaveis.*

aves como generozas mudaráo elemento. 146.

*Sangue.* Não ha fangue, por illustre que seja, que se tem hum fio de purpura, não t nha muytos de alvágua. 323. As elçioens não se haõ de fazer por respyto de fangue, nem de temor. 387. Melhor e ter parente de Deos por graça, que parente por fangue. 322.

*Santidade.* Fora menos santa Santa Isabel, se a sua santidade não assentára sobre mulher, & Coroa. 11. A santidade coroada ainda em grão igual he mayor santidade. 14. Santa Isabel mayor Santa, porque Rainha, & mayor Rainha, porqu. Santa. 6. Os Reis sem deixar de ser Reys podem ser Santos, se aprenderem de S. Isabel. 30.

*Sardio.* S. Bartholomeu he a pedra Sardio, que em hum lugar da Escriptura tem o primeyro lugar, & no outro o sexto. 397. Sardio semelhante a carne viva, & por isso figura de S. Bartholomeu esfolado. 398.

*Saudades.* Os que morrem no dia do Juizo, não terãõ de quem levar saudades, nem a quem as deixar. 487.

*Saul.* Quando Saul era melhor que David, foy eleito Saul, quando David foy melhor que Saul, foy eleito David. 382. 383.

*Ser.* Quem toma o contrario do que he, deyxã de ser o que he, ainda que o conserve. 13. Os Reys podem dar nomes, mas não podem dar ser. 27. O dia do Juizo ha de ter, & já he. 478. 479.

*Seguir.* Deixar, & seguir variamente

complicado em quatro differenças de homens. 204.

*Seita.* Fundamento da Seita de Epicuro errado, mas discreto. 318.

*Senado.* Senado de Lisboa fundado em religiosa razaõ de estado sobre as abobadas do Templo de Santo Antonio. 135.

*Sepultura.* Porque se chama a sepultura perdição? 453. Nascer em huma parte, & sepultar em noutra he obrigação do Sol. Affirmo fez Santo Antonio. 133. Joseph estimou mais huma sepultura raza em sete pès da terra propria, que os Mausoléos da estranha. 133. Porque se empégáraõ os trinta dinheyros, porque foy vendido Christo, em sepultura de peregrinos, & esmalte das Armas de Portugal? 146.

*Subir.* Ha azas para subir, & azas para descer. 364.

*Superfluo.* Tomar a huns violentamente o necessario, para dar a outros prodigamente o superfluo, quam grande injustiça. 108.

**T**  
*Tejo.* Tejo domador do Oceano, & como lhe pagão tributo o Indo, & Ganges 240. Tirou o Tridente da mão ao Oceano para o pôr aos pès do Tibre. 153. Perfez o enculo do anel do Pecador com o ouro das suas areas. 153. Alberto, & dando passo enxuto a Santa Isabel. 23. Comparese este milagre com o do Joãoã à vista da Arca do Testamento. 24.

*Theodosio.* Theodosio Magno vencido de

## Indice

- de seu filho Honorio, & por isso mais felice, & glorioso. 38.
- Tempo.** Quando Deos toma conta, & dá tempo, põdem-se ajustar as contas, mas quando toma a conta, & mais o tempo, não se põdem ajustar. 497. No Juizo universal dará Deos tempo antes de tomar a conta, no particular toma a conta, & mais o tempo, 497. Aos do dia do Juizo promete Christo muyto tempo antes de lhes tomar conta, aos do Juizo particular nem hum momento lhes assegura, 498.
- Temporal.** Porque chamou S. Paulo a graça dos Reys peccado temporal? 312.
- Tentação.** O Demonio dos nossos remedios faz tentações. 55. & 56. Nòs das tetações do Demonio podemos fazer remedios: E como? 57. 58. Podemos vencer o Demonio com a sua propria tentação, como Judith a Olofernes, & David ao Gigante com a propria espada. 59. A mesma cousa offerecida pelo Demonio he tentação, bem considerada por nòs he remedio. 58. Porque se não diz, que foy tentado Isaac, & Abraham sim? 159. Vendo o Demonio, que Christo tenão rendia a tentação de todo o mundo, tentou-o com Almas. 77. No filho obedientissimo nem pôde ser a obediencia vencida, nem ainda tentada. 159. Quem não tem merecimento, hã de benzer de pedir como de tentação. 105.
- Testa.** Mais temeo David a testa de hũ só homem, que os braços de infinitos homens. 243. Importa pouco, que o corpo, & os braços estejão armados, se a testa está fraca. 243. Vide cabeça.
- Terra.** Contra os golpes do Ceo valem pouco os reparos da terra. 194. O dia encobre o Ceo, & descobre a terra, a noyte encobre a terra, & descobre o Ceo. 375.
- Tibre.** O Tejo tirou o Tridente das mãos ao Oceano, para o pôr aos pés do Tibre. 153.
- Tinta.** A tinta com ser preta, pôde tingir o papel de muytas cores. 246. Vide papel.
- Tiro.** Tiro, em q̃ a mesma bala entrado, & tornando a sair pela boca de huma peça contraria, voltou pelos mesmos pontos, & matou o artilheyro, que a tinha tirado. 59.
- Trevas.** He officio do Sol perseguir sempre as trevas, & conquistar, o que ellas possuem. 154.
- Trono.** A mayor gloria de Maria no Ceo, he, que o Trono de seu Filho seja infinitamente mais alto que o seu. 47.
- Tudo.** Não ló todas as Almas, senão hũa, & cada hũa he tudo. 76. A Alma he o tudo, & não o que o Demonio chamou *omnia*. 75.
- Turco.** S. Pedro Nolascó cortou o resgate dos catives em muyto mais subido preço, do que o cortão os Turcos. 209.

## V

**Vacuo.** Os lugares vagos tem os inconvenientes do vacuo, se a natureza o permitira. 115. 116.

*Vaidade.*

*das couzas mais notaveis.*

**Vaidade.** O mundo composto de muytos Reynos he lã vaidade composta de muytas vaidades. 65. O pezo das couzas do mundo não està nellas, por que todas são vans, està no coração, com que as amamos. 66. 67. Nas Rainha domina mais a vaidade, que nos Reys. 10.

**Valido.** Os validos não de estimar mais a graça do Princep, que todas as merces, que lhes podem fazer, porque esta he a mayor. 99. 100. Não de encher a graça, que tem dos Principes, com teiviços, & não se hão de encher com ella de merces. 101. O mayor credito do valido he, que a sua privança seja privação. 102. Christo com dizer hum não a dous validos, se livrou de dez, & de setenta nãoos. 98. Porque se chamaõ os validos privados. 102. S. Antonio em Lisboa tem as mãos carregadas de memoriaes, como primeiro valido de Deos, & como bom valido despachado dos logo. 135.

**Vencer.** Podemos vencer o Demonio cõ a sua propria tentação, como Judith a Olofernes, & David ao Gigante com a sua propria espada.

**Vendas.** S. João tirou as vendas ao amor de Christo, & Christo para desfazer seu amor, tornouilhas a por. 429.

**Ventura.** As tres partes do bom negociante são, cabedal, diligencia, & ventura. 2. Para a negociação do Ceo a todos dá Deos o cabedal, a todos oferece a ventura, & só pede a diligencia. 3.

**Ver.** A Alma he avaliada em pouco, porque se não pode mostrar, como o

Demonio mostrou o mundo. 72. Se vissemos o que he lã Alma, quanto dariamos por elle, ainda que não fosse a propria, senão a alhea. 72. Porque a Alma he invivivel, por isto val mais que todas as couzas visiveis. 72.

**Verbo Divino.** A divindade do Verbo hehe comunicada pelo Padre necessariamente, & não por vontade, ou cleyção livre. 48. Porque diz São Paulo, que a igualdade que tem o Verbo com o Padre não toy rouba da. 48.

**Verdade.** Neste mundo, que he a terra da mentira, a unica verdade he a graça, no outro, que he a terra da verdade, toda a verdade he a gloria. 465. Nem tudo o q̄ parece misericordia, he misericordia, & verdade. 442. 443. &c. A misericordia he juntamente verdade, quando não tem mistura de outro affecto, que a vicia. 447. Vi e misericordia.

**Vida.** A vida he huma alampada acesa, vidro que com hum affopro se faz, fogo que com hum affopro se apaga. 69. Morrer no tempo presente he padecer a morte propria, & mais a vida alhea. 485. Para os que morrem no tempo presente, acabase a vida, mas não os encargos della. 488. Os Reys são os Senhores da vida, porque a podem tirar, mas não porque a possaõ dar. 22. Entre todas as enfermidades a mais rigorosa he a peste, porque dà morte com o instrumento da vida. 190. 191.

**Vileza.** Ponderate a cegueyra humana na consideração das vilezas, porque perdem a graça de Deos. 329. 330. *Virgim*

## Indice

**Virgindade.** A virgindade da Virgem Maria, porque foy dobrada virgindade. 15.

**Virtude.** A virtude junta com o seu contrario, he dobrada virtude. 15. Quão grande parentesco tem o peixe com a virtude. 345.

**Vivo.** Os vivos podem pagar o beneficio, os mortos não. 452. As exequias dos mortos são ordinariamente obsequios aos vivos. 456. 457.

**Voador.** Peixe Voador reprehendido com grandes moralidades. 362. Simão Mago. porque quiz azas para voar perdeo os pés, para que não podesse andar. 363.

**Voto.** Vote cada hum nas materias de

sua profissão. 232. O Diabo pode votar melhor que o Anjo, segundo for a materia: E porque. 234. 235. 236. A gentileza de hum voto he proporcionar os meynos com os fijos, & os instrumentos com os meynos. 235. O bom Cõselheiro não o faz a qualidade da pessoa, senão a do voto. 232. 233. 234. &c.

**Z**  
**Zelo.** Na eleição dos que tem mais prestimo, & na exclusão dos que tem menos, ha de aver o zelo publico, como a cobiça particular. 385.

# FINIS LAUS DEO.













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).